

SAMIR  
MACHADO  
*de* MACHADO

HOMENS ELEGANTES

ROCCO HIRSH

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Você pode encontrar mais obras em nosso site: [Epubr.club](https://epubr.club) e baixar livros exclusivos [neste link](#).





---

SAMIR MACHADO DE MACHADO

# HOMENS ELEGANTES

---

---

Rocco

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Abertura

PRIMEIRO ATO: Acaso

1. Uma nova espécie de monstro
2. 74 South Audley Street
3. Catecismos
4. Batido & Lançado
5. Dandy Darling
6. O Baile do Trovão
7. Trimalquião no West End
8. Trunfo de paus
9. Uma comunidade de segredos

*Intermezzo I*

SEGUNDO ATO: Coincidências

10. Baskerville
11. “Iagos, tais como vós...”
12. Eu vi El-Rey andar de quatro

13. Nos braços de mil fúrias

14. 21 New Bond Street

15. Banquetes

16. Merryland

17. Fuga de Merryland

*Intermezzo II*

TERCEIRO ATO: Ação inimiga

18. Um inverno de descontento

19. Elegâncias excepcionais

20. Lady Tamora, ou Da importância de ser sincero

21. Fique calmo e siga em frente

22. Veado à moda da casa

23. O colapso da Razão

24. Confissões de uma máscara

25. O incitador de terremotos

26. O Auriga

27. Joy Stick vs. Game-Cock

28. Os acontecimentos e sucessos de Homens Elegantes

Epílogo

Nota do autor

Créditos

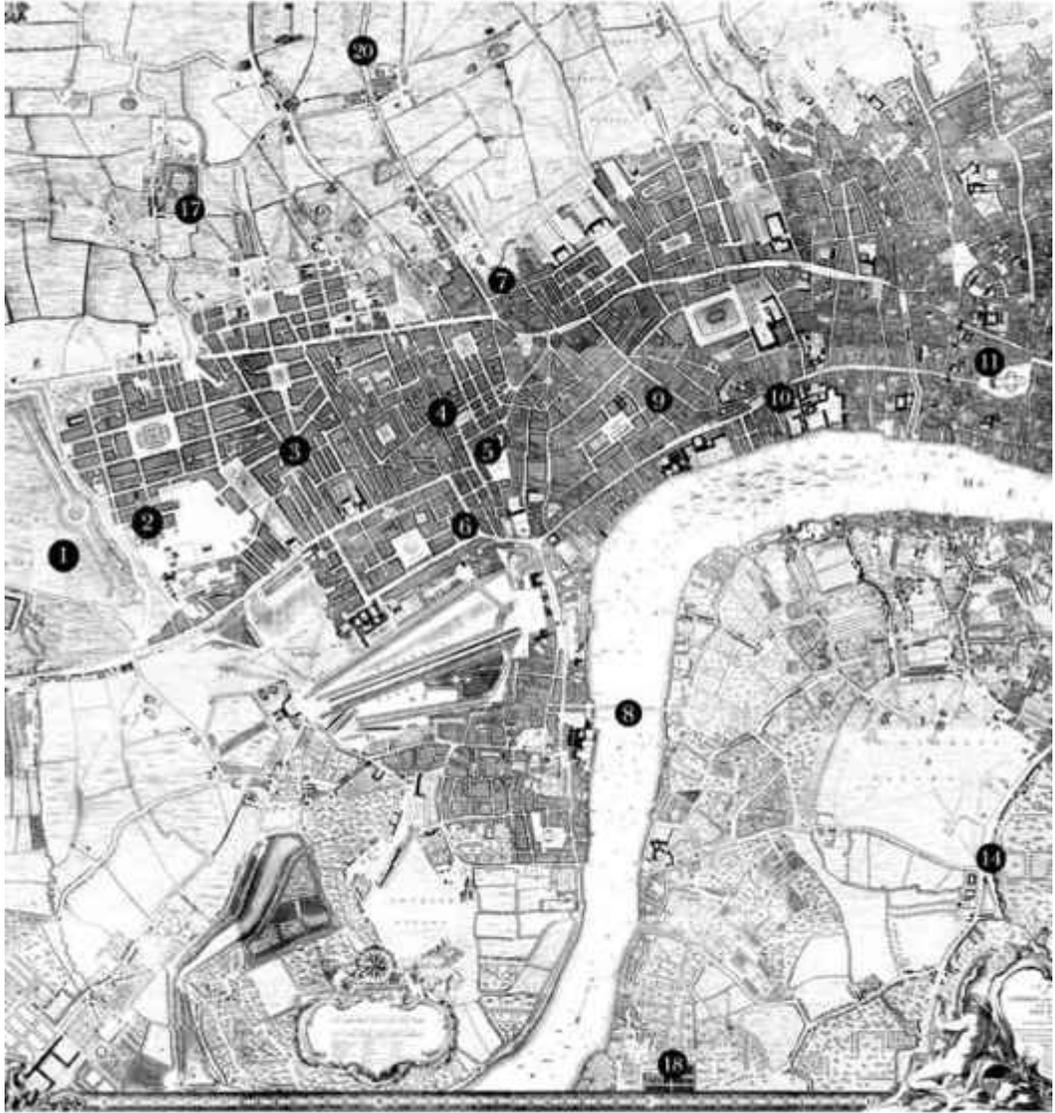
O Autor

*Comecei a pensar no mundo para o qual eu devia voltar, com sua pressa brutal e sua indiferença. Eu teria de me tornar um novo homem. Teria de andar de novo em companhia de meus captores e dos agentes de minha humilhação, teria de ser examinado por eles de forma crítica em busca de vestígios das cicatrizes que eles mesmos me haviam infligido. Eu teria de fazer algo em favor daqueles que eram como eu e por outros ainda mais indefesos. Eu teria de abandonar essa introspecção mortal e, em vez disso, me enrijecer. Eu teria até mesmo de odiar um pouco.*

ALLAN HOLLINGHURST, *A biblioteca da piscina*

*Sr. Bond, eles têm um ditado que diz: Uma vez é acaso. Duas é coincidência. A terceira é ação inimiga.*

IAN FLEMING, *Goldfinger*





*Cidades de Londres e Westminster, e a freguesia de Southwark em 1760*

1. Parque Hyde
2. Embaixada Portuguesa
3. New Bond Street, nº 21
4. Libertino da Lua
5. Humilde residência do sr. Fribble
16. Teatro de Sua Majestade
17. Museu Britânico
18. Ponte de Westminster
19. Teatro Real Drury Lane
10. Casa de Chá dos Twining's
11. Shaken & Speared
12. Mansion House
13. Monumento ao Grande Incêndio
14. Elefante & Castelo
15. Docas de Lime Kiln
16. Cacho de Uvas
17. Jardins de Marybone
18. Jardins de Vauxhall
19. Grandes Docas de Howland
20. Estrada para Highgate e Hampstead



ACONTECIMENTOS E SUCESSOS  
de  
**HOMENS  
ELEGANTES**

CONTRA

*Os Incitadores de Terramotos*

E DOS MUITOS TRABALHOS E ADVERSIDADES  
que passaraõ, sendo sempre constantes  
em donaires e galhardias.

---

*Obra de grande recreio & divertimento offercida  
a quem comprar este gallante papel*

---

Traduzida livremente, reunida &  
acomodada à linguagem portugueza por  
**SAMIR MACHADO DE MACHADO**



RIO DE JANEIRO  
ANNO MMXVI

## ABERTURA

 passado é um confeito da memória: crave nele sua colher e escorrerá o recheio do presente; prove-o, e sentirá o gosto do futuro. Sirvo-te aqui um banquete. Deu trabalho, espero que aprecie. Pois viajar ao passado é como qualquer outra viagem, e já bem me disse o bom doutor Johnson: serve para regular a imaginação pela realidade e, ao invés de ficar a cogitar-se possibilidades, conhecêmo-nas como o são. Faço minhas as palavras de Santo Agostinho: ORBIS TERRARUM LIBER EST, ET ILLI QUI NON COMMEANT MODO UNAM PAGINAM LEGUNT.

*Erguem-se cortinas de papel num teatro de papel. Seis camadas de belíssimos desenhos coloridos à mão, com hábeis recortes que vazam de um para outro em ilusão de perspectiva. Vívidos e voluptuosos violinos valsam velozes, velha música, novos arranjos. Entra o Prólogo, pigarreia, vai começar (silêncio!). Diz ele: “Meninos, eu vi. No ano da graça de 1760, o império português já evanesceia. Tendo deixado a educação de suas gentes nas mãos dos jesuítas por gerações, o espírito da nação definhou n’uma espiral de beatice, superstições e ignorância. Se para além de suas fronteiras, a Europa avança sob o Iluminismo, nós engatinhamos para trás, de volta ao medievo. Mas nem tudo está perdido. Um sopro de ar violento varre nosso claustro: quer enxotar os jesuítas e nos arrastar à força para as Luzes, e aí de quem se opuser à vontade tirânica daquele que é mais realista que o rei, e quiçá tão poderoso quanto: o conde de Oeiras, a quem o futuro lembrará como marquês de Pombal.” Sai o Prólogo.*

Ou em bom português: o mundo é um livro; e quem não viaja não sai da primeira página.

*Entra o castrato: salto alto, roupas estelares, peruca ultrajante. Canta: “Son qual nave che agitata, da più scogli in mezzo all’onde, si confonde e spaventata va solcando in alto-mar.” Sangue! Som! Fúria! Um barco de papel singra ondas em camadas de papel. Entram personagens: recortes suspensos que bailam em sombras sinuosas e sensuais. Novos cenários, cenas do porvir: um livro obsceno, pares que dançam num baile trovejante, o destino decidido num naipe de paus. Rapazes saudáveis lutam com suas espadas, e a plateia vira palco de duelos: a morte desce uma escadaria entre os bustos de reis. Os tremores gêmeos balançam o palco (o público se pergunta: será real? Será efeito especial?). A verdade é dita entre máscaras e a mentira na tinta do papel: uma boa impressão é a última que fica. “Ma in veder l’amato lido, lascia l’onde e il vento infido, e va in porto riposar.”*

A vós, leitor bem-aventurado, excitar-te-ei os olhos com os mais finos tecidos, o paladar com os mais doces confeitos; haverá sangue e violência para chocar os sensíveis, obscenidades para perturbar os castos, lascívias para atrair os iniciados e, acima de tudo, prometo indecências para excitar os terremotos. Sou homem do mundo: não julgo. Minha pena será como o pincel do paisagista que retrata apenas o que vê, e nada acrescenta. Como Heródoto, narrar-te-ei apenas o que me contaram. Se há aqui um mentiroso, portanto, não sou eu.

Aqui me despeço, e deixo-te nas mãos de minha prosa.

A.

PRIMEIRO ATO  
ACASO



# 1.

## UMA NOVA ESPÉCIE DE MONSTRO

Toda viagem é uma tradução. Aquele que desembarca não é a mesma versão que parte, e sim algo novo, adaptado, uma releitura de si mesmo para um novo público, ainda que mantendo a essência. Não raro algo se perde, algo se ganha, sobrepujado pela nova versão revista e alterada. Pois que uma viagem é tanto o resultado quanto o processo: viajar é transferir, transferir é transladar, transladar é traduzir. Ele ama viajar, ele odeia viajar. Após tanto tempo cruzando o oceano, já não sabe dizer se o arrebatamento da chegada é maior do que o alívio de se ver livre da travessia. Foram dois meses no mar indo do Brasil à corte, e mais duas semanas indo da corte ao seu destino final. Nem os livros que trouxe consigo foram suficientes para afastar a melancolia. A solidão é o veneno que lhe corrói o espírito, que o torna cada vez mais cínico e indiferente, a cada ano que se soma aos seus atuais vinte e quatro. Olha em volta: ninguém está lhe dando atenção. Aproveite a oportunidade! Lança-te ao rio logo de uma vez, que falta fará? Pule agora, ninguém notará sua ausência, jamais notaram, e nunca notarão. Vamos, pule! Não há nada para impedi-lo.

Exceto a visão daquela cidade. Santo Agostinho estava certo: quem não viaja não sai da primeira página, e por um breve instante, quase interrompeu tudo antes mesmo que começasse. Uma nova cidade é uma nova oportunidade: reinvente a si mesmo. Reconstrua. Retraduza. Anime-se, homem! Apenas os vivos podem se reinventar, e é cedo na vida para tanta melancolia!

O *Rainha de Portugal* manobra sua entrada às Grandes Docas de Howland. Há mais de cinquenta naus abrigadas ali, cujos mastros de velas recolhidas oscilam ao vento como uma floresta de troncos nus. O capitão diz que ali já vira mais de cem navios atracados, numa azáfama de embarques e desembarques, uma balbúrdia de marinheiros, pescadores, aguadeiros e vendedoras de ostras a gritar por todo lado, gente e naus do mundo inteiro confluindo. Diz que, se isso acontece, é por aquela cidade ser o nó que une linhas invisíveis que se espalham por todo o globo. Que há algo em comum entre os negros levados à força da África para viver e morrer nas plantações de açúcar da América; entre os livres e cativos que se embrenham e sufocam nas Minas Gerais a lhe arrancar as joias debaixo da terra; entre os que cruzam e afundam pelo oceano atrás do óleo de baleia que ilumina as ruas das cidades; das famílias nos vinhedos do Douro, aos batalhões que sangram sob o calor sufocante do Oriente para fazer valer o comércio dos chás e dos temperos; todos os homens da Terra estão ligados um ao outro sem o saberem, fluindo como sangue pelas veias invisíveis das rotas de comércio, bombeando e fazendo pulsar a cidade que é o monstruoso coração do mundo: Londres.

Érico Borges nunca cobiçou uma carreira diplomática. Com uma juventude dividida entre a corte e a colônia, e um trabalho como meirinho da alfândega no Rio de Janeiro, não sabia dizer bem o que ambicionava, mas sabia que era mais do que havia conseguido até então. Aquela nova oportunidade que lhe surgira, fruto do acaso, era a oportunidade de uma vida.

Nos dias em que o navio passou fundeado no porto de Gravesenda, na entrada do Tâmis, houve tempo o suficiente de despachar um mensageiro alertando a embaixada de sua chegada. À tarde, finda a revista do Fisco inglês e enfim livre para descer às docas Howland, é sem surpresa que recebe aviso de que alguém o aguarda. Olha pela amurada. Ali está um homem “no chifre da moda”, como se diz no Brasil: sobrecasaca e calção de seda rosa claro, babados

nos punhos, chapéu bicorne com plumas e um longo bastão de caminhada. Tal é sua elegância que Érico se constrange pela simplicidade de seus próprios trajes – veste casaca e calção preto de corte simples sem nenhum adorno, pois no Brasil o governo de Sua Majestade proíbe as sedas finas e os enfeites nas roupas, e sua passagem pela corte foi tão rápida que não lhe ocorreu comprar trajes novos. Mas aqui ninguém o conhece, aqui o mundo é novo e cheio de possibilidades, e decide que aqui irá se tornar, enfim, o homem que sempre quis ser, e não aquele que as circunstâncias lhe impuseram. A ideia de renovação o anima e o desperta. Assim são seus humores: num instante, cogitava atirar-se ao rio, no outro, tal pensamento já lhe parece absurdo e a custo contém a empolgação juvenil com a novidade.



É o primeiro dia do mês de outubro no ano de 1760. Doze anos atrás, a redescoberta de Pompeia e Herculano reavivou o interesse pela cultura clássica, que agora se impõe como nova moda; em Portugal, nobreza e clero se recuperam assustados da execução dos Távora e da expulsão dos jesuítas; na França, Voltaire acaba de publicar a obra pela qual será mais lembrado; no Vaticano, o papa Clemente XIII cismou com as estátuas de mármore e mandou cobrir as genitais com folhas de parreira; na Áustria, Maria Antonieta é ainda uma criança a brincar com suas bonecas – dez anos a separam ainda do dia em que provará seu primeiro *macaron*, e três décadas de quando será separada de sua cabeça. Por toda a Europa, *philosophes* divulgam ideias inconvenientes: de que não se deve aguardar a felicidade somente após a morte, mas buscá-la em vida – contanto que não seja nos campos de batalha de uma guerra ainda sem nome, mas que será lembrada por sua duração de sete anos.

A carta de apresentação que Armando recebeu na embaixada cedo naquela manhã, dando conta da chegada de um enviado de Lisboa, dizia que: a)

deveriam manter segredo de sua chegada para os ingleses até decisão em contrário; e b) deveriam atender a todas as suas necessidades, gastos inclusos, para o cumprimento de sua missão. Com o embaixador fora da cidade até o dia seguinte, restou a ele, no papel de primeiro-secretário da embaixada, receber o sujeito. Mas quem é aquele recém-chegado? Numa primeira olhada não há muito o que dizer, exceto que se veste com a simplicidade básica que se atribui na corte à falta de estilo dos brasileiros. Contudo, tal é a confiança casual de seus ares, o olhar calmo e desinteressado, o corpo compacto e firme a andar com uma elegância sinuosa e gingada de pantera, que compensa em sua atitude qualquer falha em suas vestes. O rosto triangular faz a boca parecer mais larga, especialmente marcada nos cantos dos lábios dando ao seu sorriso uma seriedade grave, o cabelo moreno é cortado curto, a franja caindo sobre a testa num floreio tipográfico e a pele com o bronzeado de quem passou as últimas semanas no mar. Esperava por alguém mais velho, mas este que vem ali parece ser mais novo do que o próprio Armando (no que, tendo chegado à fronteira dos trinta, sente com amargor e arrependimento a alcunha de “jovem” afastando-se de si). Há um único detalhe particular no rapaz: desce do navio carregando uma caixa de chá em mogno, ao estilo *bombé*, com as iniciais E.B. gravadas em letras douradas, que segura debaixo do braço num modo protetor, como uma criança o faria com seu brinquedo favorito. O olhar tranquilo acompanha um sorriso formal, um pouco irônico, reforçado pela curvatura das sobancelhas. Dele só sabendo o nome, é com isso que o interpela.

– Tenente Borges, presumo? Sou o sr. Pinto, primeiro-secretário do embaixador.

– Por favor, chama-me Érico – responde, com um aperto de mão áspero e um pouco forte demais, que faz Armando se questionar: será descuido ou exibicionismo juvenil de força?

– Neste caso, chamai-me Armando. Venha, um *hackney* nos espera – diz, referindo-se aos coches de aluguel. Olha ao redor confuso. – Sem criados?

– Viajo sozinho.

Armando ergue uma sobrancelha, surpreso. Que incomum! Suas malas? Érico aponta um único baú, que um carregador aloja no coche. Os dois entram, sentando-se de frente um para o outro. Armando puxa o relógio de bolso. São duas horas de viagem até chegarem em Westminster, e pergunta, para puxar conversa, se Érico já fizera seu câmbio.

– Ainda não. Quanto estão valendo os nossos réis frente às libras esterlinas?

– Um real, nada – ri Armando. – Mas uma libra vale três mil réis, de modo que nossa moeda de vintém se troca por um pêni, o tostão, por sete pênis, e o quartinho de ouro vale seis xelins.

– Hum, as que trago foram cunhadas no Brasil – lembra Érico. – Não faz diferença, espero? São aceitas aqui como qualquer outra?

Armando sorri: – Meu caro, vir para cá é o destino manifesto de todo ouro brasileiro.

Bota o braço para fora, dá duas batidas no coche, que parte sacolejando. Armando lhe informa que o embaixador está no interior, e deve voltar no dia seguinte pela manhã. Érico assente com um meneio e olha distraído pelas janelas e se remexe inquieto, ansioso para falar, mas temeroso de parecer afobado ou – o horror! – um caipira deslumbrado com a cidade grande. Após alguns minutos olhando a paisagem tediosa, quebra o silêncio e enfim pergunta:

– Westminster, disseste? Pensei que a embaixada ficasse em Londres.

– Sim, na rua South Audley, perto do parque Hyde. A embaixada, o rei, o parlamento, tudo fica em Westminster. Mas Westminster é Londres, assim como Southwark ou a City... “Esta coisa grande e monstruosa”, como disse Dafoe, que vai devorando as cidades menores ao redor – aponta para fora, uma

sucessão de terrenos pantanosos pontuados por casas e plantações. Também Armando está ansioso por descobrir o real motivo que trouxe aquele rapaz à embaixada e, numa mudança brusca de assunto, pergunta: – Se me permite a indiscrição, estás aqui pelo vinho?

– Vinho? Que vinho? – Érico franze a testa.

– Do vinho adulterado. Você sabe, o que os ingleses revendem de nós.

Vinho: desde sempre, o maior produto de exportação portuguesa, mas cujo comércio é dominado, de uma ponta à outra, por mãos inglesas – alguns comissários, ainda no Porto, compram vinho de qualidade e o misturam com vinho ruim, ou mesmo água, para aumentar o lucro na revenda ao Reino Unido, comprometendo os negócios e o bom nome do principal produto de Portugal. Érico está ciente disso – como poderia não estar, sendo filho de comerciantes de vinho? – mas não está ali por causa disso. O que o trouxe a Londres foi outro tipo de contrabando, de menor impacto na economia, mas de grande impacto na política reinol: livros.

– Ora essa! Mas que gênero de livros?

– Do tipo filosófico-livre, se me entende.

– Compreendo – mente Armando.

Érico dá um sorriso complacente, retribuído por Armando; expressões que se desfazem assim que a necessidade formal de existirem se extingue. Armando reconhece no recém-chegado o mesmo charme educado que cultivou em si, calculado para fazer as coisas acontecerem disfarçando a urgência. É o que chama de “sorriso diplomático”. Que mais terão em comum? Talvez as reservas de Érico, que tomara por timidez, sejam mesmo só cansaço. Ou talvez fome? Propõe uma parada para comerem algo e os cavalos descansarem. Érico olha ansioso para os lados, decepcionado com aquela paisagem ordinária. Onde está a imensa cidade que lhe prometeram? Armando lembra de si mesmo quando veio dar ali pela primeira vez: rapaz ambicioso de origem humilde, filho de

camponeses analfabetos. Fora apenas pela graça de um padrinho influente que conseguira dedicar-se aos estudos e ser nomeado primeiro-secretário naquela embaixada. Para ele, aquela cidade é o paraíso, sempre há algo para se fazer, e jamais se fica entediado.

– Tem treinado seu francês? – Armando pergunta.

– Não. Deveria? – Érico fica surpreso com a pergunta. – Estamos na Inglaterra.

– Bem, a língua da diplomacia é o francês, como imagino que saiba – explica Armando. – Nosso embaixador não fala inglês, aliás nenhum fala. Só ingleses falam inglês. O francês é a língua universal. Inclusive o rei Jorge, que é hanoveriano, só fala alemão, dizem que detesta a língua inglesa, no que o acho sensato. É uma língua muito simplória e vulgar quando comparada às latinas.

Érico explica que, sendo filho de uma inglesa do Porto com um português nativo, crescera em casa com duas línguas, uma paterna e outra materna. Embora tenha nascido no Brasil, e de lá agora viesse, de cedo na infância até os quinze anos viveu no reino, do francês sabe pouco, apenas o mais protocolar. Era ambição de sua mãe vê-lo ingressar na Universidade de Coimbra e formar-se doutor, e desde cedo estudando línguas estrangeiras, pois era pré-requisito para tal. A que mais o interessou desde sempre foi o latim – em surtos de pedantismo poderia citar de memória Juvenal, Marco Aurélio e Virgílio – mas também sabia ler grego razoavelmente bem, alimentado por sua fascinação juvenil pelos épicos de Homero, os diálogos de Platão e poesia pastoral. Érico conta tudo num modo falsamente casual, no intento de impressionar seu guia e espantar a impressão antecipada de que, por ser brasileiro é um iletrado, como os reinóis em geral supõem.

– Sempre vi nas línguas germânicas algo de duro e reto, que as faz mais dinâmicas e sutis – diz Érico, tentando impressionar num arroubo filológico. – E as latinas têm uma voluptuosidade meio circular, cheia de acentos e cedilhas,

muito específicas e, ao mesmo tempo, bastante decorativas. E digo isso pensando no português, não no francês.

– E qual idioma você prefere? – Armando o provoca. – O reto ou o circular?

– Bem, já se disse que a linha da beleza é a linha serpentina.

– Deve ser difícil ter gosto pela leitura morando no Brasil. Tenho parentes que vivem me pedindo que lhes envie livros, mas no que escapa ao Santo Ofício, é barrado na alfândega. Bem, você deve saber isso melhor que ninguém, já que trabalhava nela. – A expressão de Armando muda com uma súbita desconfiança. – Mas como você fazia para conseguir seus livros lá?

– Da mesma forma como se consegue tudo o mais por lá: contrabando – admite Érico, sem constrangimento. Estrala as juntas dos dedos, ansioso. Uma xícara de chá nas mãos é tudo de que precisa. – Mas vamos, fale-me de Londres. Fale-me mais desta nova espécie de monstro.

Anglófono convertido, Armando se empolga: vive naquela cidade há tantos anos que se sente mais inglês que português. Certa vez, conta, discutira com um irlandês o chamando de papista! Londres. O que pode lhe dizer? O dinheiro atrai gente de toda sorte; comerciantes, investidores e seguradoras são como pequenas luas girando em torno de planetas, as cafeterias da City, onde abundam as paixões europeias: cacau, café e chá. Nem tudo são negócios, há também os prazeres: casas de chocolate em St. James, jardins públicos em Vauxhall ou Ranelagh, os teatros de Covent Garden, as prostitutas de Charing Cross, os sodomitas em Moorfield... é como se todos os pecados dessem as mãos e dançassem a *allemande*. De tédio, ninguém morre.

O coche para em uma pousada à beira da estrada, Érico desce e estica os braços, fazendo estalar as juntas nos ombros. A placa em frente exibe um elefante com um castelo nas costas, e a imagem, como num autômato, lhe traz à memória de imediato:

– “Nos subúrbios ao sul, no Elefante, está a melhor pousada!”

– Perdão? – Armando, descendo logo atrás.

– Shakespeare, *Noite de reis*. Terceiro ato, se não me engano. Uma coincidência.

– És um literato, pelo que vejo. Um português lendo Shakespeare só não é mais exótico do que um inglês lendo Camões. Mas acaba de sair uma tradução por aqui, então é moda.

– O português?

– Camões – corrige Armando. – O português nunca está na moda.

Enquanto aguardam a comida, Érico explica que sua mãe, temendo que seu único filho puxasse aos hábitos provincianos e rudes do lado paterno da família, impôs-lhe a educação de um cavalheiro, a incluir não só as artes de conversação, mas as do corpo: esgrima, dança, saber como montar num cavalo, caminhar num jardim ou tomar lugar à mesa com uma espada na cinta. Nisso tudo havia muito de teatro, no que tomou gosto. Em sua casa havia um velho fólio com todas as peças daquele autor pouco conhecido fora de círculos ingleses, dentre os quais *Noite de reis* estava entre seus favoritos.

– Que peculiar. Mas deve ser apenas coincidência.

– Não creio, os antigos teatros elisabetanos ficavam mesmo “nos subúrbios ao sul” do Tâmis – explica Érico – e esta taberna aqui me parece antiga, é daquela época com certeza.

– Você já esteve em Londres antes?

– Não, é minha primeira vez aqui – confessa.

– Posso estar errado, mas ou muito me engano, ou *Noite de reis* se passava nos Bálcãs, não?

– Sim, mas propaganda não é para fazer sentido, é para pagar as contas. – Érico ergue os ombros. – Escritores são uns mortos de fome, e Shakespeare precisava comer.

– Aliás, nós também – Armando, mais interessado na comida que chega e é posta à mesa.

Érico recebe uma cumbuca insossa de guisado de cordeiro escondido debaixo de uma grossa camada de purê de batatas e suspira. É sua sina que a primeira refeição que sempre faz após desembarcar seja decepcionante. Armando lhe garante que haverá iguarias melhores em sua estadia, pelas mãos de cozinheiros estrangeiros – afinal, não se pode esperar muito dos próprios ingleses, uma gente que tolera trinta religiões, mas se contenta com só um molho. Voltam para o coche e seguem viagem, passando por uma sequência sem fim de terrenos pantanosos e pequenas plantações, até surgirem algumas casas à beira da estrada, e logo adiante mais casas, e mais e mais, até que se juntam ao tráfego de coches e carroças que vão e vêm em intensidade crescente, quanto mais perto chegam da boca do monstro urbano. Enfim, a cidade que lhe prometeram!

Érico salta do assento com tanta vivacidade que assusta Armando, abre a portinhola e põe metade do corpo para fora como se fosse saltar do coche em movimento, mas não é o caso: apenas não quer que sua primeira visão daquela cidade seja emoldurada por janelas estreitas. Transborda de empolgação, e a única coisa que consegue dizer é “uau”.

É um novo cenário que se revela, no abrir horizontal da cortina de boca de cena: tela larga de Canaletto, cores intensas, brilho solar. *A wide screen*. Barcos e balsas que fluem rio acima e rio abaixo, o Tâmis a correr volumoso e barrento entre os pilares majestáticos da ponte de Westminster, frente à qual o palácio homônimo, robusto e medieval, oculta a fachada na própria sombra do poente às costas, raios cor de cobre que tingem telhados e muros e as peles dos cavalos e as roupas dos pedestres. Tilintam ferraduras, rangem rodas, relinham animais, pessoas anônimas e indiferentes trombam ombros. O fedor de esgotos e do estrume dos animais se mistura ao aroma das padarias e das lojas

perfumadas. Tudo vai e tudo vem banhado pela mesma luz do fim da tarde a refletir nos tijolos acinzentados dos prédios, enchendo o ar de um matiz rosáceo. É a maior cidade que verá em sua vida. Pintura viva, efeito catártico: uma gaiivota que voa muito acima do mundo olha para baixo e vê um labirinto dourado onde homens e seus coches são tal e qual formigas, entrando e saindo em longas filas a carregar oferendas para alimentar as entranhas do monstro.



Vertigem de vozes, torvelinho de gentes, remoinho de ruas: Érico senta-se, tonto e inebriado em seu arrebatamento. Não quer que Armando o tome por um caipira deslumbrado, recém-chegado do fim do mundo, mas é impossível conter a euforia: aquela é Londres, a cidade por tantas vezes escrutinizada em suas leituras que apenas entrar nela é como entrar num grande cenário de palco, uma adaptação para a vida real de toda a literatura que devorou na adolescência. É a cidade descrita por Samuel Johnson, por Fielding e Defoe, por Addison e Steele. Respira fundo e solta o ar devagar. Passam a ponte, dobrando à direita em Parliament Street, à mercê das torres góticas da abadia de Westminster, seguindo por White Hall; passam por uma maré de coches, cabriolés, currículos, carroças, berlindas, landós e carruagens, damas elegantes carregadas por criados em cadeirinhas-sedãs (que em Portugal chamam de liteiras); meninos engraxates oferecem aos berros limpar sapatos por meio pêni; uma mulher com um cesto na cabeça a gritar “um pudim-pudim, um pudim quente”; um belíssimo palacete à esquerda, o edifício dos Horse Guards. Cavalos e pessoas relinham, um cão vadio late de um beco; em Charing Cross, frente à estátua equestre de Carlos I, dois homens presos ao pelourinho por punhos e cabeças xingam meninos que lhes atiram verduras podres, bolas de lama e gatos mortos. Seguem até Haymarket, onde tal é a correnteza de homens e veículos aglutinados, que são obrigados a parar. Érico se alarma: é

uma turba? Armando o tranquiliza: apenas a torrente habitual de frequentadores da ópera, e aponta o Teatro de Sua Majestade em frente ao qual um grupo de insuspeitas damas canta na esperança de ganhar alguns trocados. Érico mete as mãos no bolso e atira-lhes algumas moedas e diz: “Cantem para mim, finas damas!” Elas cantam:

*Casas, igrejas em si conjugadas,  
ruas hostis em quaisquer temporadas,  
prisões e palácios vêm lado a lado,  
pontes, portões, ao Tâmisia banhado;*

*Coisas alegres o bastante a tentar-te,  
Brilhantes nas faces, vazias no ventre,  
artes mecânicas, negócios fugazes  
berlindas, landós e coches velozes*

*Licenças, meirinhos, contas a pagar,  
Lordes por seus serviçais acuados  
bandidos na noute a matar e roubar,  
algozes, vereadores e criados;*

*Advogados, padres, médicos e autores,  
Nobres ou humildes, gente de toda laia:  
Valem bem menos do que cobram em valores,  
Vilania que por toda terra se espraia;*

*Mulheres, negras, ruivas, belas, e velhas,  
são santonas tal que nunca rezarão,  
bonitas e feias, abertas ou quietas,*

*algumas que vão, algumas que não.*

*Tantos rapazes sem um bom tostão,  
tantas viúvas com disposição,  
tantas barganhas, se o alvo acertais.  
Isso tudo é Londres! Como gostais?*

O trânsito flui e o coche segue caminho. As ruas superlotadas trazem algo de festivo à cidade, um eterno dia de feira. Érico sente aquela cacofonia como um anúncio, cheio de maldosa indiferença, de que cada esquina esconde um universo particular de transações e problemas. Anseia ele também por tomar parte naquela coletividade de anônimos, uma pincelada a mais na grande pintura, correndo apressado com seus próprios problemas e inconsciente do conjunto a que pertence. Aquele ali que passa: de quem será ele um personagem? Ó passante, diga algo, para que eu saiba se és personagem do *Tom Jones* ou do *Moll Flanders*! Aquele cão, aquele cão vadio que ali vai, já o viu descrito no *Aventuras de David Simple*, talvez não estivesse descrito, mas certamente fora imaginado; é o mesmo cão. E as ruas parecem todas tão organizadas, com tantos postes e detalhes inusitados, como este chanfro às bordas da rua, para que serve este chanfro?

– Evita que animais e carros disputem o mesmo espaço com pedestres – explica Armando. – Assim, eleva-se a passagem dos pedestres com este meio-fio de pedra.

– Que moderno! – admira-se Érico, sentindo-se muito caipira por não saber disso.

O coche entra à esquerda em Picadilly e passa por uma sucessão de casas e palacetes onde abundam colunas e balaustrada de ares clássicos. E como devem ser bem iluminadas aquelas casas, com suas janelas cheias de vidros! No Brasil não se permitem enfeites às casas, não se permite nem o fabrico do vidro, que

vem importado e é caríssimo, vivem todos fechados em lares escuros detrás de gelosias, como freiras num claustro. Vendo o encanto de Érico com a arquitetura, Armando comenta que ali gostam de dar ares de Grécia e Roma às construções e explica que aos olhos do inglês protestante, os excessos decorativos são gostos de católicos do continente; que o espírito bretão é voltado ao campo, para o qual esta nova moda de retorno aos estilos clássicos cai mais ao gosto. Acúmulos e sobreposições de detalhes são modas antigas, do começo do século; modas decadentes que se guardavam alguma beleza era como as das pérolas disformes, ditas barrocas, que por mais que sejam pérolas ainda assim são imperfeitas. E aos olhos do protestante, os católicos são uns idólatras supersticiosos apegados a santos, relíquias, bentinhos e todo penduricalho que dá vazão às suas crenças exageradas e cegas, coisas próprias do barroco e do rococó. Ainda mais que, tendo do outro lado do Canal da Mancha, exilado na França, um pretendente católico ao trono, quem ali reforma sua casa, ao escolher entre o barroco e o neoclássico faz uma escolha política. O que, para Érico, é um exagero: misturar algo tão elevado como estética com algo tão mundano como a política.

– Mas não há coisa mais política que uma escolha estética – defende Armando. – E me explique como está aqui faz duas horas e já sabe mais que eu, que moro aqui há anos?

– Já li tudo o que há para ser lido sobre essa cidade. – Érico ergue os ombros, constrangido com o desnudar de sua anglofilia. – Tínhamos em casa todos os números da *Gentleman's Magazine*. Tem quem sonhe com as modas de Paris ou as igrejas de Roma, eu sonhava com as ruas daqui.

O coche segue por Picadilly ladeando o parque Green e vira à direita na rua Clarges, onde uma cadeirinha retarda-lhes o trajeto e uma mulher aproveita para tentar vender-lhes morangos aos berros. Quando enfim saem na rua Curzon, outra multidão segue no mesmo caminho.

– Estás com sorte – garante Armando. – Hoje é feriado, é dia de enforcamento. Que me diz? Tyburn não fica muito longe da nossa embaixada.

Érico está cansado, mas não se opõe. O coche sobe Tyburn Lane, margeando o parque Hyde. Os dois chegam em cima da hora para conseguir um bom lugar, as arquibancadas já estão montadas e uma pequena multidão cerca o triângulo de madeira sustentado por um tripé a dez metros de altura. Érico e Armando sobem juntos ao banco do cocheiro para uma visão melhor: dois corpos já estrebucham pendurados nas alturas quando o terceiro e último condenado do dia faz seu discurso final em palavras que não chegam até eles. Então cessam as palavras, cessam os tambores, a multidão fica em silêncio. Os cavalos correm para um lado puxando a corda, o corpo ascende veloz, e o condenado se agita no ar. Chapéus são atirados ao alto em comemoração, damas educadas batem palmas. No Brasil, terra de escravos, Érico acostumara-se com horrores cotidianos que quase anestesiaram sua capacidade de percebê-los. Quase. Agora fica ao mesmo tempo maravilhado e horrorizado com a troca que acaba de testemunhar, onde a dignidade concedida ao condenado em seu momento final, em uma morte rápida, é extraída da plateia ao torná-la um espetáculo. Sente-se tonto, o estômago se contrai de fome e náusea, a cabeça lateja.

O coração do mundo pulsa.

## 2.

### 74 SOUTH AUDLEY STREET

**P**ara onde vais, Érico Borges, e de onde vens? Nunca quis ser soldado em específico, mais do que quis ser qualquer outra coisa, mas se havia algo que ele definitivamente não queria ser era um mercador de vinho como o pai, os avôs e bisavôs. Dizia-se na família que a ida de seus pais ao Rio de Janeiro fora um arranjo muito esperto, pois o avô materno, um inglês a trabalhar como comissário de vinho no Porto, estava impedido de conduzir negócios com o Brasil na condição de estrangeiro; já seu pai, português reinol, tinha os contatos e os meios para estabelecer uma conexão lucrativa – pois o governo proíbe o Brasil de produzir seus próprios vinhos. Assim seus pais viajaram, e Érico veio a nascer no Rio de Janeiro. Muito pouco se lembra dessa época. Quando este mesmo avô veio a falecer, seu pai teve medo de que os cunhados tomassem para si a maior parte dos negócios, e lá foram eles de volta à cidade do Porto, quando Érico tinha cinco anos. E no Porto viveria a infância burguesa de uma criança de sua época, moldado nas ambições aristocráticas da mãe. Uma década depois, seu pai decidiu retomar a antiga conexão com o Brasil – e lá foram eles de volta ao Rio de Janeiro. Sua mãe, a contragosto; ele, mais curioso e assustado do que propriamente indignado, pois, aos quinze anos, tinha já um apetite adolescente por aventuras. Nada o horrorizava mais do que aquela vida mesquinha de comerciante que seu pai levava, contando tostões feito um personagem de Defoe. Ele queria mais, embora não soubesse o quê. No Brasil havia demanda por bons oficiais, estava o governador do Rio

prestes a partir para o sul da colônia para demarcar a fronteira, e assim se tornou um oficial de dragões no forte de Rio Pardo. Ele podia ser brasileiro de nascença, mas aos olhos de seus superiores era reinol e, portanto, mais digno de confiança do que os nativos da colônia. A vida de soldado, aquele eterno movimento lhe convinha: tinha medo de que, se parasse, desabaria.

O sol bate no rosto. O quarto que lhe deram fica no terceiro e último piso de uma *townhouse* inglesa: sobrados estreitos e conjugados de três ou quatro pavimentos, solidamente construídos em pedra, para servir de morada londrina para a aristocracia rural. Aquele em específico, alugado para ser a embaixada do Reino de Portugal, perde-se numa rua tomada por prédios semelhantes – uma embaixada discreta para tempos de discricção. Revira-se na cama fugindo da claridade. Mas se o sol já está tão alto, deve estar tarde, e se levanta. Urina num penico de porcelana, tampa e deixa sobre a cômoda para a camareira levar depois. Abre o tampo duplo do gabinete de mogno, revelando uma bacia de prata onde verte a água de um gomil, lava as mãos e o rosto e seca-se num pano; busca a escova de dente de pelo de cavalo, a tigela com o sabão de barbear, o pincel e a navalha. Na noite anterior, tomara um banho excepcional, a pele ainda exala o aroma de lima e limão dos sais de banho. Termina de se barbear, seca o rosto e treina o sorriso frente ao espelho: não, não tanto assim, talvez algo mais contido... sim, isso mesmo. Poderia ter sido ator. Repete o movimento uma, duas vezes, até memorizar a posição muscular: tranquilidade, suavidade. Suas sobrancelhas são um tanto grossas, a curvatura lhe dá um ar cruel: franze o cenho uma, duas vezes, testando um ar despreocupado e confiante, *debonair*. Abre o malão de couro surrado, tira dele outra muda de roupa preta e sem graça tal a que viera usando, que foi para lavar. Assombrando o fundo do malão está aquele livro que originou sua viagem: tem o tamanho de um duodécimo, encadernado em capa de couro de tom borgonha, na capa o título CATHECHISMVS em letras douradas.

Da rua, o som de ferraduras contra o chão de pedra para em frente ao prédio. A voz de Armando, uma pergunta, algo sobre a qualidade das estradas; em resposta, um resmungo qualquer. Érico abre a janela e olha para baixo, vê a berlinda do embaixador parada, e a mão de mulher enluvada que sai do coche a pedir apoio. Armando a segura e desce dali uma jovem morena de traços delicados, tal qual uma fada saída do séquito de Titânia. Pressentindo que está sendo espiada, movida por sabe-se lá que sentido extraordinário são dotadas as mulheres, ela ergue o rosto para o alto, olhares se cruzam, Érico tem a súbita noção de que é indelicado, descuidado e vulgar da sua parte espiar assim e se recolhe muito rápido, batendo a cabeça no batente da janela.

A casa agita-se. Criados sobem e descem as escadas; enquanto as camareiras terminam de arrumar os quartos, no porão a cozinha termina os últimos detalhes de cada prato. Érico não havia notado, no dia anterior, as decorações em gesso no teto recuado acima da escadaria, a exhibir rostos clássicos emoldurados por ramos e cornucópias. Rostos antigos, gregos e romanos que, onipresentes, observam os vivos em silêncio. Entre os lanços de degraus do primeiro e do segundo pisos, seu caminho cruza com a recém-chegada, que sobe acompanhada por Armando.

– Ah, o indiscreto da janela – diz ela, estendendo a mão enluvada para ser beijada. – O senhor deve ser o hóspede de que me falaram.

– Perdoe este cavalheiro descortês – diz Érico, tomando-lhe a mão e beijando. – Mas se permite outra indiscrição a mais, a quem tenho a honra de travar contato?

– Maria, este é o tenente Érico Borges, que acaba de chegar da corte. – Armando assume-se como mestre de cerimônias. – Tenente, esta é...

– Maria Fernanda Simões de Almeida – avança ela. – É sempre um prazer ver um rosto novo falando minha língua. O senhor é o novo intérprete para o titio?

– Intérprete? Não, não creio. Mas estou inteiramente ao seu dispor.

– E o que o senhor fará para nós então, tenente?

– O que a senhorita gostaria que eu fizesse?

– Ah, esta já é uma casa de segredos. – Ela não parece ter mais que vinte anos e, contudo, fala com a leveza e segurança de uma pessoa mais vivida, acostumada às inevitabilidades. Sua voz, quase etérea, um tantinho rouca, tem aquele tom distraído e suave de quem nunca teve as próprias finanças como fonte de preocupações. – Prefiro que o senhor seja o que realmente é.

– Ai de mim, senhorita – ele sorri. – Minha especialidade é fingir ser o que não sou.

– Então rogo para que o senhor seja muito bom em seu ofício. Nessa cidade, temo que o mercado já esteja saturando. Logo começará a precipitar. – E de volta para Armando: – Eu *gostei* dele! Ele não poderia ir conosco ao teatro no sábado? – E para Érico: – Você iria?

– Será um prazer.

– Bem, preciso de um momentinho para me recompor desta viagem horrível, Armando, não fazes ideia do estado em que estão as estradas! Mas esta é uma casa portuguesa, aqui se come ao meio-dia, graças a Deus, então creio que nos veremos daqui a pouco, não? Até logo.

Érico se despede e continua a descer as escadas até o térreo, Armando agora o acompanha:

– Muito bem – Érico murmura – agora me diga quem é ela?

Maria é sobrinha e afilhada do embaixador, explica Armando, e está ali para encontrar um bom pretendente. Seu tio tem preferência por alguém com um título de nobreza, embora tal não seja obrigatório; ter dinheiro, contudo, é condição *sine qua non*.

– E o que *ela* acha disso?

– Ela só está feliz por ter saído de Portugal. E na opinião do embaixador, é mulher e não tem que achar coisa alguma. O que não a impede, claro, de recusar uma dama de companhia, de se cercar de boêmios, frequentar cafeterias e sabotar todas as propostas de casamento que lhe chegam, agindo assim feito louca. Ela bem gostaria de ser deixada em paz, mas com o dinheiro que tem, nunca lhe faltarão pretendentes – ele o toma pelo braço, de um modo afetuosamente. – Venha, já passa do meio-dia, é hora do jantar; não estamos cá tão ingleses para passar fome até a hora da ceia. Vou lhe apresentar o resto do estafe.



A equipe da embaixada é composta por mais dois subsecretários, cuja principal habilidade, segundo Armando, é a de saírem mudos, entrarem calados e não se fazerem notar, exceto quando se faz necessário elogiar e concordar com tudo o que o embaixador diz. Há também um capelão, responsável pelas missas na capela erguida nos fundos – um dos dois únicos templos católicos permitidos em Londres, o outro sendo na embaixada espanhola – além da criadagem, entre valetes, camareiras e lacaios, e da equipe da cozinha. O embaixador, cansado da viagem, tomaria apenas uma sopa em seu gabinete e receberia Érico depois. E enquanto esperam Maria descer para servir a comida, um dos subsecretários pergunta como andam as coisas no reino agora que os jesuítas foram expulsos, se ainda repercute o caso dos Távora, que fim levou Malagrida? Mas como Érico vem da colônia, não sabe muita coisa, e no mais Armando pigarreja: melhor mudar para assuntos menos políticos. Logo a conversa envereda para o tema que domina a embaixada desde o ano anterior: a eminência da guerra, e as consequências da batalha naval na costa de Lagos – um enorme desrespeito à soberania de Portugal, na opinião de todos, e fonte das dores de cabeça diplomáticas pelas quais vinham passando no último ano. Tudo começou quando a frota francesa, oito naus vindas do Mediterrâneo, foi

encurralada pelos ingleses próximo a Gibraltar. Metade dos navios foi capturada ainda nas águas de Espanha, e a outra metade fugiu para a costa portuguesa, buscando abrigo em águas neutras frente ao forte de Lagos. Mas o que os fez pensar que os ingleses respeitariam a neutralidade de Portugal? Entraram na baía, atacaram os franceses, capturaram seus navios e os levaram para a Inglaterra como butim. No conflito, uma bala de canhão chegou até a bater nos muros da nossa fortaleza, um acinte! E agora os franceses, justamente indignados, cobram de Portugal que vá exigir dos ingleses que devolvam os navios tomados de modo ilegal pelas leis da guerra. O que todos bem sabem que nunca acontecerá, mas vá explicar isso aos franceses.

– Ao que parece, estamos em meio à briga de reinos graúdos e ninguém nos leva muito em conta no meio disso tudo? – observa Érico.

– Nós somos a viúva rica da Europa – diz Armando. – Uma velha beata e lerdia de ideias, que todos fingem respeitar por estarem de olho no lindo dote de nossas filhas.

– Que dote, as colônias? De África ou Goa não sei de nada, mas no Brasil vive-se à míngua – diz Érico. – Para que não fique ouro no Brasil, a Lei Pragmática de Sua Majestade Nosso Senhor proíbe que se fabrique qualquer coisa e tudo é importado de Portugal. Mas Portugal não manufatura nada, e pelo que vi, do chapéu à farinha de pão, tudo é importado dos ingleses. O reino está falido, e não entendo como. Que se faz com o ouro que para lá enviamos?

– Ora, há que se pagar as mercês reais, não? – lembra Armando. – Nossa gente dorme, acorda e respira na esperança de receber uma pensãozinha da coroa, metade do reino vive de tenças e mercês e, mesmo assim, todas atrasam. Não deve haver um único pagamento em dia em todo o império português. – E baixando o tom de voz: – O embaixador que o diga, tem tirado do próprio bolso para fechar as nossas contas aqui. É uma situação muito constrangedora.

Começa na mesa uma discussão acalorada sobre o estado das coisas no reino, em que se discute como chegaram a esse ponto. Terá sido com o falecido João V, pai de El-Rey Nosso Senhor, que diziam, só queria saber de comer doces, ouvir histórias da carochinha e dormir com freiras? Ou terá sido ainda antes, nos tempos dos Filipes, quando Portugal foi anexado à Espanha, e do qual mesmo após a Restauração nunca mais se recuperou? Érico, nesse caso, compartilha da opinião do conde de Oeiras, seu chefe: o atraso mental do reino era o resultado direto da educação pública ter sido deixada nas mãos dos jesuítas. Educando o povo apenas para a obediência passiva e não para a livre-empresa, formou gerações de beatos supersticiosos e ignorantes, os mantendo presos ao medievo enquanto o resto do mundo andava para frente. Que maior prova queriam do que a ausência, em um século, de escritores, artistas, músicos, arquitetos ou filósofos de enlevo entre nossa gente, de tal modo que mesmo estes importavam de Itália, de França, de todo lugar?

– Ora, não exagere – diz um dos subsecretários. – No teatro, temos António da Silva. Suas peças são ótimas, pena que não escreva nada novo faz já algum tempo.

– Seria difícil – lembra Érico. – Já que foi queimado pela Inquisição.

– Oh, é mesmo. – O subsecretário se constrange. – Ele era judeu, não?

– E brasileiro.

– E nas ciências, não houve o padre Bartolomeu de Gusmão, o da passarola?

– Que nunca levantou voo – lembra Érico. – A Inquisição o ameaçou, caso não cessasse seus experimentos. Além do mais, era brasileiro.

– Do reino ou de além-mar, somos todos portugueses – lembra o pároco.

Uma pena que a corte só se lembre disso na hora de nos cobrar os impostos, retruca Érico. Até as músicas que a corte toca em seus salões, as modinhas e os lundus, são sons importados do Brasil. Expulsar os jesuítas no ano anterior foi

o primeiro passo para purgar Portugal da beatice retrógrada, e tão cedo enforcem ou queimem Malagrida, melhor será. Opiniões do conde de Oeiras, não suas, ressalta Érico, que por mais que concorde com elas tem a precaução de escudar-se na opinião do chefe antes de assumi-las como próprias, com que assim se evitam incômodos. Mas o capelão da embaixada já se remexe na cadeira, desconfortável, que se não é jesuíta já teme mesmo assim que, nesse ritmo, seus colegas de profissão terminem todos eles próprios jogados na fogueira em que tanto jogaram outros; e observa que há opiniões que não é bom que se diga em voz alta mesmo ali. Pois o embaixador, assim como ele, são homens de muita fé em Cristo.

– Estamos longe do reino, padre. E de titio, que não vai descer – diz Maria, entrando na sala de jantar de supetão, o que faz todos se levantarem por respeito. – Creio que podemos nos permitir a ousadia de ter ideias – e para os convidados, com autoridade de anfitriã: – Podem servir.

É servido gigote de cordeiro – um assado de carne picada, fervida em molho de toucinho sem torresmo, com uns golpes de vinho, que se serve acompanhada de ovos. Érico aspira devagar o perfume – noz-moscada, pimenta, gengibre – e no que degusta a primeira garfada, o faz num silêncio solene e concentrado. Uma refeição decente, enfim.

– Cá está um que sabe apreciar um bom gigote – provoca Maria.

– Desculpem-me. Foram dois meses no mar, estava com ânsias por um prato civilizado. – Érico serve-se de mais um bocado. – Os animais que se levam a bordo nunca duram muito, e o que sobra de carne vai para o vinagre, o que faz com que tudo fique duro, rançoso e de gosto azedo. A água também não dura muito e logo fica salobra, o vinho avinagra, e tudo o que há para se beber são os destilados, seja você passageiro ou tripulante, adulto ou criança. E minha viagem foi longa. Não que meus tempos no Brasil fossem muito melhores. Lembro uma noite, certa vez, em que pensei: se um desses índios me

acertar um flechaço, a última coisa que terei bebido terá sido um vinho aguado, da pior espécie, junto dum queijo horrendo. Desde então, tento extrair o máximo de prazer possível da qualidade de tudo o que bebo e como. E Deus, como reza o ditado, vive nos detalhes. Seja nas sutilezas complexas de um tempero ou nas nuances de um aroma, os detalhes... – Faz uma pausa, a conjugação alquímica dos condimentos com o toucinho provocando um êxtase lingual, e seu silêncio criando uma aura de expectativa à mesa, no que o gigote lhe provoca uma epifania, uma súbita compreensão da ordem do mundo que interrompe seu raciocínio anterior. – Se parar para se pensar, é a comida o que justifica tudo. É por isto que estamos aqui.

– Não compreendo – diz Armando.

– Eu tampouco – Maria faz-lhe coro. – Rogo para que se explique, senhor Borges.

– O que Colombo buscava quando descobriu a América por acidente? Uma nova rota para as Índias – lembra Érico. – A América só existe como tal porque cansamos de comida sem tempero, porque queríamos mais chá e açúcar. Pensem quantas civilizações foram esmagadas, guerras travadas, pessoas escravizadas... em nome de quê? De religião, de glórias nacionais, de ouro? Não. Em nome do gengibre, da noz-moscada, das favas de baunilha e do chá. E é por isso que eu aprecio um bom prato de comida, senhorita. Pois foi essa necessidade extrema de agradar ao paladar o que conjurou a terra de onde venho, o barro vital do qual fomos moldados. Quando se trata de mover o mundo, a fé das gentes e a ambição dos reis não são nada comparadas à vontade de variar o prato. A culinária é o verdadeiro eixo que equilibra o globo.

– Estou impressionado – admite Armando. – Que um gigote possa inspirar tal filosofia.

– Um modo de dizer, como já disse uma amiga minha, que eu penso demais.

– Oh, seria esta uma amiga muito próxima, senhor Borges? – provoca Maria.

– Proximíssima – Érico sorri. – Como unha e carne. Exceto, agora, pela distância. Tanto que prometi que lhe escreveria todo mês, sem falta.

– E uma moça de boas intenções deveria ficar enciumada?

Armando encara Maria irritado e pigarreia, como se dissesse: olhe o padre, olhe os outros secretários. Ela ergue o rosto e lhe faz um beicinho. Os outros não lhe interessam.

– Depende – diz Érico. – De quem seja essa moça.

– Oh, não sou eu, não se preocupe – disse Maria. – Minhas intenções nunca são boas. Mas sendo o senhor recém-chegado e solteiro, sinto que é minha obrigação apresentá-lo à sociedade, algumas amigas minhas ficarão encantadas. Aliás, seu sotaque... O tens, como direi, sinuoso, melífluo, mais aberto e menos chiado que o habitual? De que parte do reino o senhor disse que é?

– Do Rio de Janeiro, senhorita.

– Ah, pois achei mesmo que não parecia um sotaque do continente.

– Curioso, pois no Brasil acham meu sotaque muito reinol. No Rio de Janeiro é considerado muito elegante este falar chiado da corte. Sou muito influenciável, e nas minhas idas e vindas do reino à colônia meu sotaque virou uma bagunça.

– Armando me disse que sua mãe é inglesa, estou certa? – segue ela, mais interessada na sua vida pessoal: – Deve ser muito peculiar, falar uma língua com o pai, outra com a mãe.

– Oh, minha mãe fala português muito bem, quando quer.

Érico conta-lhes uma anedota pessoal: quando era pequeno, sua mãe costumava conversar com ele apenas em inglês, de tal modo que, até que regressasse ao reino, julgou que fosse uma língua exclusiva e secreta entre eles

dois. Qual não foi sua decepção – para não dizer seus ciúmes – quando, ao conhecer os parentes ingleses no Porto, descobriu que outros também falavam aquela língua. Por birra infantil, só aceitava falar com eles em português.

– Soube também que o senhor vem de uma família de comissários de vinho – segue Maria, insistente. – Deves ser um grande conhecedor da bebida, senhor Borges.

– Vejo que Armando consegue passar uma grande quantidade de informações num curtíssimo espaço de tempo. – Érico lança-lhe um olhar de soslaio. – Mas, ai de mim, senhorita, a verdade é que nunca me interessei muito pelos negócios da família. Sei uma coisa ou outra, mas não sou grande apreciador. Exceto talvez daquele excelente vinho branco frizante, que os franceses produzem em Champanhe. Pouco patriótico da minha parte, eu sei. Mas imagino que, com o bloqueio da guerra, não se encontre muito por aqui.

– Sabendo a quem pedir, se consegue de tudo – insinua Armando. – Até porque, em matéria de bom gosto e modas, tudo hoje em dia ou é italiano ou é francês.

– O que me lembra de que preciso de seu auxílio, meu caro – diz Érico.

– Eu? – Armando se assanha. – Muito me honra...

– Preciso comprar novas roupas, e reconheço que tens muito bom gosto em...

– Tenente Érico Borges! – Maria, num protesto fingido, larga o garfo sobre a porcelana com calculado estrépito dramático. – Não *ouse...* eu o proíbo, não ouse ir às compras sem mim!

Ela e Armando trocam olhares levemente enciumados.

– Temo que nossa querida Maria seja acometida por um leve, como direi?, furor frente à ideia de gastar dinheiro que não se tem com coisas de que não se precisa – cutuca Armando.

– Que culpa tenho eu se o preço da felicidade não é tabelado? – ela rebate.

– E que espécie de felicidade se compra por aqui? – instiga Érico.

– Do tipo que se usa nos pés, em brocado, com uma linda sola vermelha e salto alto.

Érico sorri. Como todo aquele que é por demais reservado, quieto e pensativo, sempre teve como melhores companhias justamente os tipos extravagantes e solares. Algo lhe diz que acabara de fazer uma nova amiga, mas antes que a conversa prosseguisse, um criado veio lhe avisar que o embaixador, enfim, estava pronto para recebê-lo.

### 3.

## CATECISMOS

 rosto alongado – impressão causada pelo nariz e testa proeminentes – corre os olhos pela papelada em silêncio, enquanto Érico e Armando, de pé frente à mesa, aguardam que termine sua leitura. Martinho de Melo e Castro tem nos gestos e no tom a autoconfiança de alguém que, aos quarenta e quatro anos, alcançou o ponto mais alto de uma carreira diplomática bem-sucedida: a representação portuguesa em Londres. Não tem ilusões, sabe que deve tudo à boa vontade do conde de Oeiras, mesmo que discorde de muitas de suas posições – a começar pela tendência de rogar toda culpa pelos males do reino aos jesuítas, antagonizando-os. Como quase toda fidalguia do reino, Martinho de Melo fora educado nas escolas jesuítas, avessas aos ares modernos que sopram da Europa como miasmas. Aristotélico e escolástico, estudante de direito canônico nas horas vagas, é o retrato do intelectual português de sua época: pensamento rígido, imposto pelo ambiente universitário, num misto de boçalidade fradesca e pedantismo acadêmico, nutrindo a crença arraigada de que a religiosidade do mais católico dos reinos europeus não é a causa de seu atraso e decadência – cada dia mais evidentes – e sim a chave para o futuro. Ou, em outras palavras, que tudo dará certo e melhorará, se as coisas não só pararem de evoluir mas, de preferência, que retrocedam um pouco. O mundo gira rápido demais.

– Pois bem, tenente – o embaixador põe de lado a carta do conde de Oeiras. – Do que entendi disto, você veio praticamente direto do Brasil para

cá, não ficou nem bem uma semana na corte, é isso? Está a par do que ocorre na Europa?

– Sei que há guerra, senhor, e nós não estamos nela.

– Sim, há guerra e nós não estamos nela. Dê graças a Deus por isso, pois se estivéssemos, Portugal estaria perdido. – Aponta as poltronas frente à sua mesa.

– Sentem-se os dois, por favor.

O que ocorre agora na Europa, explica Martinho de Melo, é uma briga de família. Contudo, quando as famílias são de reis, os atritos são mais trágicos, pois brincam com seus exércitos como se jogassem num tabuleiro: a Áustria, outrora aliada inglesa, agora se une à França e à Rússia para atacar um inimigo comum: Frederico da Prússia. De sua parte, os ingleses bem teriam ficado quietos em seu canto, mas seu eleitorado de Hanôver está no meio da disputa. Por que Hanôver é tão importante? Uma questão muito peculiar: a lei inglesa proíbe que um católico assuma o trono do Reino Unido. Quando a rainha Anne morreu sem herdeiros, no começo do século, foi preciso buscar o protestante de parentesco mais próximo na árvore genealógica da família real, e este acabou sendo Jorge, príncipe-eleitor de Hanover, que foi convidado a se tornar o primeiro rei Jorge da Inglaterra. Vivem agora já sob o reinado de Jorge II, que assim como o pai, nem sequer sabe falar inglês. Portugal e Espanha, por suas vezes, estão neutros. Há, porém, um problema: Sua Majestade Cristianíssima, Luís XV da França, é primo-irmão de Sua Majestade Católica, Carlos III da Espanha, ambos da dinastia Bourbon. Se assinarem mais um de seus “pactos de família”, isso forçará a Espanha a declarar guerra à Inglaterra. E se isso ocorrer, Sua Majestade Fidelíssima de Portugal terá que assumir um lado.

– Acontece que, como suponho que você sabe, nossa rainha Mariana é irmã do rei da Espanha – lembrou o embaixador. – Está me acompanhando?

– Sim, todo mundo é parente de todo mundo – atalhou Érico.

– Por outro lado, nossa economia inteira está nas mãos dos ingleses. De cada dez litros de vinho que saem dos nossos portos, oito se vendem a eles – Armando complementa. – Em troca de quase tudo o que há em Portugal, de tecidos e chapéus até a farinha do nosso pão. Então, em caso de guerra, será preciso decidir entre a economia do país ou os laços de sangue reais.

– Olhe os mapas, tenente, basta que se olhem os mapas. – Martinho de Melo ergue-se da poltrona e caminha para o canto da sala dominado por um grande globo terrestre sustentado em um disco de madeira por pés em forma de sereias. É uma peça de mobília exuberante e imponente, que impressiona Érico com sua beleza ostensiva. Este tipo de mobília ricamente decorada não se vê no Brasil pois, claro, lá o governo proíbe tais excessos. O embaixador volta-se para Armando: – Me alcance um pouco de clarete, por gentileza? Aceita algo para beber, tenente? Temos vinho de verdade aqui, e não aquela porcaria que os ingleses fazem passar pelo nosso.

– Não, senhor, obrigado, mas – volta-se para Armando – se houver limões na cozinha, um pouco de açúcar e uma dose de rum, poderia me fazer a gentileza de solicitar um drinque?

Armando o encara com um erguer de sobancelha: aí está um que fica à vontade rápido. Abre a porta do escritório e passa a ordem ao lacaio, enquanto Érico e o embaixador se aproximam do globo terrestre. Martinho de Melo gira a esfera e aponta a Europa.

– De um lado, Portugal é todo fronteira, aberto aos espanhóis e aos franceses; do outro, é todo litoral, que os ingleses dominam... e nossas colônias? Lisboa se preocupa tanto com a corte, que esquece de que necessitamos defender o Brasil. Olhe – ele gira o globo, mostrando a América. – Se os espanhóis nos atacam... que me diz o senhor, que esteve por lá e lutou naquelas bandas?

Érico observa o contorno do continente, medindo as distâncias com os dedos. Ali está a bacia do Prata e, logo mais, o Rio de Janeiro, ambos no Brasil; muito mais acima, a cidade de Belém, no Grão-Pará, todos lugares que conhecera e que agora, dava-se conta, era uma distância percorrida maior que a extensão de toda a Europa. Sente uma súbita melancolia pelo mundo que deixara para trás, correndo o dedo pelo relevo da costa brasileira como se pudesse encurtar a distância titânica que o separa dela. Olha Martinho de Melo e reflete sobre o quanto deve lhe falar e o quanto deve ocultar. A orientação recebida na sua passagem por Portugal deixou bem claro que está desobrigado de submeter-se à autoridade do embaixador; contudo, tudo será mais fácil se contar com sua simpatia. O que ele quer ouvir? Uma opinião de verdade, ou apenas que lhe confirmem suas crenças?

– Pela minha experiência, senhor, me parece que a situação no Brasil é o que deixa Portugal vulnerável – explica Érico. – E cada vez mais dependente dos ingleses. Sei do que falo, pois integrei a Comissão Demarcadora da Fronteira ao Sul, muito já lidei com castelhanos, jesuítas e índios. Os ingleses não querem negociar com Portugal, querem negociar com o Brasil, é lá que o ouro está. E nossa costa, sendo grande e mal vigiada, está dominada por contrabandistas, a maioria, veja só, de ingleses. Em Lisboa, acredita-se que a ambição deles seja invadir Buenos Aires...

– Minha nossa, se isso acontece, não haverá nada que os impeça de eles próprios invadirem o Sul do Brasil. – Martinho de Melo bufá, incomodado. – Eles não possuem respeito algum por nossa fronteira. Creio que soube do que ocorreu em Lagos ano passado? Os franceses nos pressionam, querem que exijamos dos ingleses os navios de volta, mas nunca serão devolvidos, e isso só serve para nos desgastar tanto com um lado como com o outro, e para me fazer ir e vir de encontros com ministros, levando protestos e recebendo negativas. – Toma um gole do clarete. – Mas, claro, uma invasão inglesa, no momento, não

passa de conjectura. Nossa realidade são os espanhóis. Como estamos, no Brasil, em relação a isso?

– O Brasil está abandonado, senhor; de lá tudo se tira, e nada se constrói. Nossa gente é deixada à míngua e se contenta com o que tem. Perdendo a colônia, será Sua Majestade Encurraladíssima. – Sorriu com a própria piada, mas Martinho de Melo se mantém sério e sisudo.

– Mas e nossas defesas? Se nos atacam, quais nossas chances contra os castelhanos?

– Se atacarem nossa costa, o Rio de Janeiro estará desprotegido – lembra Érico. – Há só quinhentos soldados na cidade, as muralhas estão em ruínas, e a artilharia está imprestável. Mas a entrada mais provável deverá ser pelo Sul. E esta porta está fechada por três trancas, nossos dois fortes em Rio Pardo e Rio Grande, e o forte de Santa Teresa, a meio caminho de Sacramento. Contudo, lá também os soldados estão com os uniformes rotos, os soldos atrasados, há poucos recursos, pouca munição, pouca comida. Aqui... – Aponta no mapa o ponto onde julga estar Vila Rica. – Se os espanhóis invadem o Sul do Brasil, podem subir até nossas Minas sem encontrar quase nenhuma resistência, e aqui unirem-se com mais tropas entrando pelo Paraguai. Para evitar isso, seria preciso povoar as Missões Jesuítas com gente nossa, mas ainda há índios por lá. Os casais de açorianos que se enviaram não puderam ocupar aquela terra, e acabaram ficando por onde desembarcaram, aqui nos entornos do lago Viamão. De modo que as missões continuam sendo uma fronteira aberta, e nada saiu como o planejado. E as ordens do conde de Oeiras são claras: enquanto não se ocupar as Missões, Sacramento fica conosco. O Tratado de Madri não serviu para nada.

– O Tratado de Madri sempre foi uma bela porcaria, se quer saber. – O embaixador volta para sua poltrona, e com um gesto, convida Érico a se sentar outra vez. – Estaríamos entregando aos espanhóis, de lambujem, a praça de

guerra na colônia de Sacramento e todos os territórios à volta, em troca de quê? Sete miseráveis aldeias de índios, que, para serem ocupadas, geraram uma guerra que nos custou vinte e seis milhões de cruzados de prata!

– Terá sido um dinheiro jogado fora, sem contar as vidas, quando os espanhóis chegarem – lamenta Érico. – E é o que acontecerá, cedo ou tarde. Se as fortalezas no Sul caírem, se o Brasil for invadido, não haverá para onde o rei fugir. Não haverá para onde português algum fugir.

– Temos visões parecidas. Não há o que fazer quanto às colônias, claro: o fato é que o governo está quebrado, o ouro que havia se usou para a reconstrução após o terramoto, não há dinheiro, e se houver, é em Portugal que se necessita dele. O que o Brasil precisa é de colonos e cultivadores, não de artistas e fabricantes. É assim que sempre funcionou, é assim que sempre será. No momento em que lhe dermos alguma autonomia, cedo irão pensar que não precisam mais de nós.

– Mas enquanto se mantiver o Brasil nestas condições, estimula-se a cobiça de nosso inimigos.

Martinho de Melo franze a testa e o encara. Não está acostumado a ser contradito.

– Ora, por isso precisamos agir com cuidado, e por isso precisamos ainda dos ingleses. Os espanhóis estão sempre à espreita, e o auxílio que os ingleses nos dão é essencial. Há que se reconhecer, tenente, que essa gente tem espírito empreendedor e cobiça insaciável, e ambos são valores que formam uma grande nação, contudo, o inglês imagina que nasceu para ser senhor dos cabedais do mundo. É por isto, meu caro, que não entendo que importância tem isto. – Bate com os dedos, desdenhoso, contra o envelope da carta sobre sua mesa. – Sinceramente, eu esperava que você estivesse aqui para nos ajudar com a situação do vinho, que é muito mais importante, e não com um livro tolo.

A ironia é que, de certa forma, fora vinho o que o trouxera ali. Quase três meses antes, um brigue mercante chegou ao Rio de Janeiro declarando uma carga de vinhos, tendo como origem a cidade do Porto. Contudo, ao descarregar sua carga, os escravos nas docas notaram que alguns barris eram muitíssimos mais pesados que o habitual. Quando Érico os abriu, a surpresa: a carga era de livros. Numa primeira olhada, pareciam livros religiosos, pois traziam gravada nas capas a palavra latina CATECHISMVS em letras douradas. Uma vez abertos, porém, o conteúdo revelava ser muito distinto: um popular romance obscuro inglês. A técnica era conhecida no meio livreiro como *casar as edições*, ocultando uma obra dentro de outra. De nada adiantou prenderem a tripulação, pois estes de nada sabiam da carga. O mercante de vinhos tampouco poderia contribuir com alguma informação: havia ali mais barris do que tinha encomendado. Quem poderia dizer algo fugiu: o capitão, de nome João Correia, e dois imediatos, que embarcaram de modo clandestino de volta à Europa.

Érico foi designado para viajar a Lisboa e comunicar o fato ao governo. Por motivos que só o conde de Oeiras saberia dizer, a situação lhe despertou um interesse particular. O proprietário do navio foi preso no mesmo dia, declarando não saber de nada. Ameaçado de envio à Inquisição, jogou toda a culpa sobre o capitão desaparecido. Isso não os levaria a lugar algum, mas Érico sabia que muitos comerciantes ingleses no Porto usam de intermediários portugueses para burlar o decreto que os proíbe de fazer comércio com o Brasil. Uma análise no livro-caixa do homem preso revelou que o capitão usava um nome falso: tratava-se, na verdade, de um escocês conhecido como John Strapp, mas que também se passava por francês sob o nome de Jean d'Estrapes.

– Não compreendo, qual o sentido de se enviar tamanha carga de obscenidades ao Brasil? – Martinho de Melo irrita-se. – Quantos...? Seiscentos!

Seiscentos exemplares! Não há comércios mais lucrativos? Estes ingleses não conhecem limites para sua ganância?

– É por isso que estou aqui, senhor. Talvez nem tenham sido os ingleses.

– O que quer dizer?

– Que os livros, senhor, eram traduções. Estavam todos em português.

O embaixador larga-se na poltrona. – Então foram impressos no reino?

– Temo que a situação seja mais complexa, senhor.

A técnica de impressão utilizada naqueles livros era coisa nova, que nunca se havia visto em Portugal – em especial, no desenho da tipografia. De onde vieram os livros, de Inglaterra, França ou Espanha? Não nutria nenhuma simpatia pela Inquisição, e queria evitar que o proprietário do navio fosse enviado a calabouços de onde talvez só saísse para uma fogueira. Nos livros-caixa, somas consideráveis foram recebidas de nomes como Pedro de Nasseti, Jean Melville e Alexandre de Martins, nomes que não diziam nada, não pertenciam a ninguém conhecido. Quando Érico foi confrontar o sujeito, o homem desapareceu de sua cela. Fugira. O conde de Oeiras ficou furioso, mandou oficiais a todos os portos e postos de fronteira, o queria capturado a todo custo, mas não foi necessário. Encontraram-no em sua própria casa afogado dentro de um barril de vinho.

– Que horror! – Armando, chocado. – Custa a crer que um punhado de livros justificasse tanto! Ainda que, vá lá, sejam livros obscenos, são apenas...

– E que sabe você sobre o perigo dos livros, seu leviano? – Martinho de Melo se enerva. – Viraste livre-pensador agora? Estás tão acostumado com o excesso de liberdades que se cultivam aqui, que não compreende, então lhe explico: se der ao povo alguns livros, irão querer mais; se lhes der muitos livros, logo começam a ter ideias e a querer escrever os seus próprios, e então escreverão peças, e peças necessitam de músicas, e logo estarão compondo baladas, canções e então... – Bate com o punho na mesa, irritado com o que

considera uma obviedade a qual os mais jovens são incapazes de compreender. – Então haverá algo em comum unindo os habitantes de Salvador aos do Rio de Janeiro, os mineiros das Gerais e os colonos do Sul. Haverá histórias. E o que acontece quando pessoas passam a compartilhar histórias? Descubrem que possuem problemas em comum, dificuldades e anseios comuns, e toda sorte de sentimento inconveniente que as histórias geram, criando o maior perigo de todos: o senso de comunidade. E no momento em que os colonos brasileiros assumirem uma identidade comum, distinta dos portugueses reinóis, haverá dissidências, haverá revoltas. Como se todo ano já não houvesse revoltas o suficiente naquela terra.

– Neste caso, senhor, a própria corte ajudaria muito, se lembrasse que os brasileiros são tão portugueses quanto os reinóis, e parasse de tratá-los feito portugueses de segunda classe – retruca Érico, atraindo para si um olhar irritado. – Nossa política é que está nos levando a um caminho sem volta. Pode levar anos, ou décadas, mas se não mudarmos nosso caminho, a separação será inevitável. Quanto tempo se pode manter uma corda esticada sem que arrebente?

– Por tanto quanto lhe mandarmos ficar! – brada Martinho de Melo. Bate na mesa, treme a taça de vinho. – Pois pensar o contrário é sedição! E livros, meus caros, são as sementes da sedição.

– Não estou defendendo dissidência alguma, senhor – defende-se Armando, prudente. – Apenas fico surpreso que tal sorte de literatura gere um contrabando tão vultoso, bem como que haja quem queira matar por ela. Aqueles livros em particular eram apenas uma bobagem inofensiva.

– Ah, inofensivos? Sua juventude, Armando, é a mãe de sua ignorância, e por isso eu o perdoo. – O embaixador se acalma. – Apenas numa coisa concordo com vocês: embora deva-se louvar a preocupação do conde de Oeiras com a moral do nosso reino, há problemas mais urgentes.

– Posso estar errado, senhor... – propõe Érico. – Contudo sou levado a crer que haja algum interesse pessoal de Oeiras em ver isto resolvido.

Martinho de Melo bufou, e toma outro gole de vinho.

– Sim, assim me pareceu também – assente. – Só lhe peço que trate os ingleses com cuidado e desconfiança, dada a situação toda que já lhe expliquei. A propósito, o que o levou a concluir que foi aqui, e não em França ou em Espanha, que esses livros foram impressos?

– Um detalhe muito sutil, senhor – explica. – Na marcação dos diálogos. Na língua inglesa, usam-se aspas normais no começo e no fim das frases para marcar as falas; já na francesa e na espanhola, tem-se preferência pelas aspas ditas angulares ou latinas. Contudo, no português não há regra alguma, é uma bagunça, embora haja quem prefira o uso do travessão de um quadratim, o “travessão M” como se diz, para dar mais clareza à marcação. Bem, os livros em questão se utilizam de aspas, e se não foram impressos em Portugal, logo...

O embaixador faz uma careta. Batem à porta: é o lacai trazendo numa bandeja de prata a taça com a bebida de Érico.

– O que leva à minha outra pergunta – continua Melo e Castro, num tom que aparenta indiferença mais que qualquer outra coisa. – Como o *senhor* se envolveu nisso tudo, tenente?

Era como se um alfaiate houvesse talhado Érico para aquela missão. Não obstante sua experiência como meirinho a investigar os contrabandos na alfândega, tinha também a experiência familiar no ramo dos vinhos (e não convém levantar aqui a existência de algum conflito de interesses, pois se tal fosse, o que diria o embaixador de sua amizade com um notório contrabandista de livros da costa brasileira? Melhor fazer como tantas vezes o próprio Érico fez, e olhar para o outro lado). Também serviu sob o comando de um sobrinho do conde de Oeiras, de tal forma que, ao chegar à corte, possuía todas as

qualificações necessárias. A sorte, como Érico gosta de repetir, é o que ocorre quando a preparação encontra a oportunidade.

– Há mais a contar, senhor. Contudo, deve ser dito somente ao senhor – avisa Érico. – Se Armando não se importar.

– Ele não se importa. Armando... – O embaixador aponta-lhe a porta.

– Claro, claro, à vontade. – Armando ergue-se da cadeira e sai, resignado e polido.

Érico explica ao embaixador que aquilo que irá lhe contar não pode sair daquela sala, algo de conhecimento muito restrito mesmo entre os maiores do governo, e que se o faz agora é com o consentimento e confiança do conde de Oeiras. Pois há pouco se descobriu que, por anos, o rei da França mantém um canal oculto em sua diplomacia, um gabinete para serviços secretos que responde somente a ele e conduz missões que seus próprios ministros desconhecem. Segundo se crê, chamam de *Secret du Roi*. Se isso for verdade, então é a primeira vez que um monarca cria uma rede de espias como um ministério em si. É um novo tipo de embate que está sendo travado. Não se sabe quais os seus planos, o que pretendem ou quem trabalha para eles, embora o nome de Beaumarchais, o escritor, tenha sido mencionado, e de uma certa lady Lea de Beaumont, que até pouco tempo atrás servia como dama de companhia da tsarina, mas que na verdade era um homem *en travesti* chamado Eon de Beaumont – embora seja possível que o cavalheiro é que, na verdade, seja lady Lea em disfarce, a essas alturas não há como saber. O que aflige o conde de Oeiras, contudo, é a suspeita de que o rei Carlos da Espanha, inspirado em seu primo francês, tenha criado para si um círculo de espias.

– Se é tão secreto assim, como ficamos sabendo disso antes dos ingleses?

– Com um homem vendendo títulos públicos franceses na Holanda, chamado Chevalier de Seingalt – explica Érico. – Um boa-vida inepto, o senhor deve saber como ocorrem essas coisas: se as paredes têm ouvidos, as

camas mais ainda. O sujeito na verdade era um veneziano que atende pelo nome de Casanova, os títulos que vendia não tinham lastro e ele fugiu cheio de dívidas, nos deixando com duas informações importantes: que Luís XV tem seus serviços secretos, e que a França também está endividada até a alma.

– E temos motivos para desconfiar dos franceses neste livro?

– Não temos como saber, senhor. Este livro, a própria existência dele e em tal quantidade, é algo estranho demais para ser ignorado – lembra Érico. – Mas se os espanhóis invadem o Brasil, o que impede os franceses de se juntarem à festa e invadirem o Grão-Pará pela Guiana? De qualquer modo, não faltam inimigos querendo se aproveitar de nossa fraqueza. É por isto que estou aqui. O conde de Oeiras crê que já é hora de criarmos nossa própria rede de informações.

Martinho de Melo bate os dedos contra o tampo da mesa e o observa por um instante.

– Não preciso, mas irei repetir: tome cuidado com os ingleses. Digo por experiência própria, é preciso muito sangue-frio para lidar com a fleugma dessa gente. E que mal lhe pergunte, tenente Borges, que tipo de experiência o senhor possui nesse ramo?

– Senhor, eu era fiscal de alfândega no Brasil. – Érico sorri. – Se tem algo que eu entendo bem é de contrabandos. Mas não posso lhe dizer mais do que já lhe disse. O conde de Oeiras confia em mim e, por extensão, o senhor deve confiar também.

O embaixador resmunga baixinho algo incompreensível, mas parece se dar por satisfeito.

– Tudo o que eu quero é um problema a menos. – Martinho de Melo dá de ombros. – Agora, se não for lhe pedir demais que satisfaça minha curiosidade, como planeja resolver isso?

– Alguém traduziu este livro, alguém o imprimiu, e alguém planejou sua distribuição. Qual o objetivo disso? Seria lucro ou apenas subversão? Um ataque ao rei, ao próprio conde de Oeiras? Vou começar pelos livreiros da cidade – explica. – Minhas ordens são de enviar relatórios toda semana às terças, quando parte o pacote dos correios a Lisboa.

– Sim, me parece sensato. Agora, um conselho que me ocorre lhe dar, tenente: me disseste que tens sangue inglês por pelo menos dois costados, correto? Qual o sobrenome de sua mãe?

– Hall, senhor.

– Pois sugiro que o use, de agora em diante. Você será apresentado como adido desta embaixada, o que deve lhe abrir algumas portas. Mas nas ruas, não espere nenhuma recepção calorosa. Mesmo que sejamos aliados dos ingleses desde o início dos tempos, nas ruas nos desprezam, dizem que não temos o que fazer aqui, comendo o pão e bebendo a cerveja que toca a eles. Há panfletos sendo vendidos por toda a cidade com mentiras sobre nosso reino, sobre a guerra com os guaranis, sobre os excessos da nossa Inquisição. E isso é o que vem das classes baixas, pois as pessoas de mais consideração apenas silenciam, e sabe Deus o que há em seus corações. Então, tanto melhor será se pensarem que, ao menos em parte, és um deles. Compreende?

– Sim, senhor.

Martinho de Melo o dispensa com um aceno. Érico se levanta e já se dirige à porta da sala quando o embaixador o chama outra vez.

– Uma última coisa, tenente. Como Sua Majestade está chamando isto tudo? Este... gabinete secreto? Apenas por curiosidade.

– Bem, senhor, ao que consta, o rei não se interessa pelos pormenores diplomáticos, esta operação toda está sob o comando do conde de Oeiras e, no momento, optou-se por um nome neutro e burocrático. Somos apenas o Gabinete de Exportações Universais.

– Neutro e burocrático – assentiu o embaixador. – Isso resume nosso país.



Érico sai da sala do embaixador com um sorriso torto. Desembarcara Érico Borges, agora era Érico de Borges-Hall. O que sua mãe diria disso? Para na beira da escadaria, apoiado na balaustrada, e suspira. Ergue o rosto, e encara no teto o olhar vazio da face de um imperador romano rodeado de cornucópias, esculpido no recuo do forro de gesso tão profundo que só faz ressaltar a altura do pé-direito. Armando, sentado numa poltrona do corredor, se levantou e vem até ele.

– O homem é difícil, mas costuma ser sensato – diz Armando, pousando a mão em seu ombro. – Pode contar que irá ajudá-lo em tudo o que for preciso.

– Esse homem... é a síntese de tudo o que retarda Portugal – Érico fala baixo e entre dentes, uma raiva latente na voz. – Como alguém como *você* consegue trabalhar para ele?

– “Alguém como eu”? – Armando se afasta. – O que isso quer dizer?

– Sabe muito bem o que eu quero dizer. – Volta sua atenção para a cabeça romana. – Você não pensa como ele. Eu e você não somos como ele, e assim como nós, há muitos outros que... Portugal merece mais do que eles podem dar. Mas aqui está você, trabalhando para os interesses que mantêm o mais atrasado reino europeu no seu atraso.

– Você também trabalha para “essa gente” – lembra Armando, em seu contínuo tom conciliatório, de um elegante pragmatismo. – As ideias do seu querido conde de Oeiras podem ser modernas para Portugal, mas, comparadas ao resto da Europa, são a vanguarda do século passado. Pessoas como você e eu, que conhecemos o mundo, sabemos que ele tem possibilidades muito maiores do que a cabecinha medieval de gente como Martinho de Melo pode conceber. Mas estamos em posição de mudar alguma coisa? Você está? Eu não estou. E

como “gente como nós” lida com gente assim? Com máscaras. A vida é um baile de máscaras infinito, meu caro. Não é meu verdadeiro eu quem senta à mesa com o embaixador e suporta seus comentários tacanhos. É a máscara. E esse tem sido meu expediente aqui desde o dia em que cheguei a essa cidade, seis anos atrás.

– E não é cansativo?

– Querido, estamos em Londres. – Ele ergue os braços, animado. – Cansativo seria se eu estivesse no reino. Aqui não faltam distrações. Depois de algum tempo nessa cidade, me diga você se irá querer voltar para a nossa terra. Eu certamente não vou. Isso lhe garanto: para Portugal não volto jamais... O que você está olhando, afinal?

– Aquele ali, quem é? – Érico aponta um rosto de gesso no teto sobre as escadas.

– Não faço ideia. Adriano, César, Alexandre? Uma dessas fanchonas que governaram o mundo. A decoração fazia parte da casa quando foi alugada. Por quê?

– Não sei dizer, mas por mais que eu goste da cultura clássica, decorar uma casa com faces vazias que parecem estar sempre nos observando... há algo de sinistro nisso.

– Ou obsceno – lembra Armando. – Por falar nisso, adoraria dar uma olhada neste famigerado livro que você carrega para todo lado. Fico a me perguntar o quão indecente pode ser.

#### 4.

### BATIDO & LANÇADO

*P*ois tão cedo me beijou, puxou as cobertas, e pareceu extasiado com a visão completa de minha pessoa, que cobriu com uma profusão de beijos sem poupar parte alguma de mim. Então, ajoelhando-se entre minhas pernas, tirou a camisa desnudando suas coxas peludas e seu duro e ansioso cacete, coroadado de vermelho e enraizado em densos encaracolados, que cobriam sua barriga até o umbigo e lhe davam os ares de um pincel de carne.

Armando ruboriza e fecha o livro. É a manhã seguinte, e o coche sacoleja ao dobrar em Charing Cross para entrar no Strand. Devolve o exemplar com um sorriso constrangido e pergunta como aquele amigo judeu de Érico poderá ajudá-los. Mas Érico nem o conheceu ainda – e crê que o sujeito, por motivos razoáveis, não simpatiza com portugueses em geral. Contudo, sendo o dito livreiro irmão de um notório contrabandista de livros do Brasil, este sim muito amigo de Érico, espera que o contato lhe garanta auxílio. Deve ser sujeito influente este livreiro, conclui Armando, se tem sua loja a uma quadra de Saint Paul. Érico dá de ombros: que diferença isso faz? Ora, pois aquela à qual se chama de fato “Londres” é, na verdade, uma área muito pequena, delimitada pelos muros da antiga vila romana que a originou e administrada por um enclave de guildas comerciais, que formam a Corporação de Londres. Ao longo de séculos aquela cidade-dentro-da-cidade, conhecida como City, conquistou autonomia para administrar a si mesma, numa estrutura onde cada guilda de comércio elege vereadores que elegeм xerifes que por sua vez elegeм um lorde

prefeito. Uma plutocracia disfarçada de democracia dentro de uma monarquia constitucional. É uma cidade *mise en abîme*.

O coche segue ao longo da rua Fleet, entra à esquerda na alameda Ave Maria e à direita em Paternoster Row, onde descem. A cúpula gigantesca de Saint Paul se impõe à vista acima dos prédios. Érico olha ao redor e nota que ali não faltam livrarias, só naquela quadra há mais comércio de livros do que em todo o Brasil. A loja que procuram é a de número oito, e Armando aponta com o bastão para o térreo de um prédio, com um par de janelas em arco ladeadas de colunas, trabalhadas em elegantes esquadrias negras de madeira:

SHAKEN & SPEARED.

É essa mesma. Nas janelas se oferecem lançamentos recentes, vendidos em cadernos soltos ou encadernações simplórias feitas na própria loja, ficando ao leitor o cuidado de encaderná-los mais tarde por conta própria. Há algumas que, mais vistosas e bem-acabadas, feitas por encomenda para algum cliente que a esqueceu de buscar, exibem-se para atrair público. Já as gravuras e as caricaturas pendem de varais, vendidas à folha solta, desde reproduções de pinturas recentes até sátiras políticas das últimas semanas. O que mais se destaca, porém, é uma pilha de edições em encadernação simples, todas de uma mesma obra, dispostas neste modo opressivo e vulgar dos livreiros quando querem nos impor os lançamentos da moda como leituras obrigatórias. O livro se oferece em três línguas – francês, italiano e inglês – como se dissesse “de mim você não escapa”, e um cartazete gaba-se de ser aquele o livro mais rapidamente vendido de todos os tempos, lançado simultaneamente em cinco países e já proibido em Paris e Gênova – *Cândido, ou O otimismo*, de autor anônimo, traduzido do alemão por um certo monsieur doutor Ralph.

– Nada garante mais sucesso que a censura – diz Armando, *en passant*. – Posso imaginar os tipógrafos vendo a condenação e dizendo, “bom, vamos preparar mais uma edição”.

– Você o compraria só por ter sido censurado?

– E há motivo melhor? Eu meço a qualidade de um livro pela capacidade de incomodar.

Entram na loja. Érico crê que será melhor deixar tudo por conta dele, e Armando vai flunar no labirinto de balcões de mogno abarrotados de livros. O ar é tomado pelo cheiro ácido e seco de madeira e papel de trapos, e as paredes são todas cobertas por prateleiras, com divisórias entalhadas ao estilo de colunas coríntias. É uma livraria bastante comum à primeira vista, habitada pelos mesmos tipos de sempre: duas mocinhas que levam nos braços pilhas de romances açucarados de Eliza Haywood enquanto cochicham, entre risinhos empolgados, o quanto aquelas histórias se parecem com suas próprias vidas; um senhor de avançada idade numa poltrona a ler o *Vitruvius Britannicus*, um destes belíssimos livros ilustrados cujo tamanho requer a mesa de um monge copista para ser lido, e que muito se folheia mas pouco se compra; e por fim dois rapazes com ares de universitários que discutem os ensaios de Montaigne, um de tom pedante e presunçoso, e o outro servil e admirado. No centro da livraria há um balcão quadrado, com quatro colunas a sustentar o teto, e dentro dele um garoto entediado faz anotações num livro-caixa. Érico pergunta-lhe pelo Milanês. O garoto lhe aponta os fundos, onde um homem numa escadinha consulta as prateleiras mais altas.

É um sujeito grande e robusto, com cerca de cinco côvados de altura e tão largo nos ombros quanto uma porta, metido em sobrecasaca e calção marrom-escuro. Um pouco barrigudo, segura um livro entre os joelhos, outro debaixo do braço esquerdo, outro aberto na mão esquerda com o polegar marcando a posição da página, e na direita, erguido à altura dos olhos, um quarto volume. Cultiva vistosas suíças, mas de resto tem o rosto bem barbeado. Usa óculos grandes e redondos que ampliam seus pequenos olhos castanhos e lhe fazem parecer uma coruja. Érico nota que o Milanês se parece muito com o irmão

que conhecera no Brasil, apenas mais rechonchudo. Fica em dúvida se deve interpelá-lo em inglês ou português. Optar pela língua lusa revelaria muito rápido sua origem, então decide falar em inglês, em toda sua neutralidade coroada de aspas.

“Com licença, estou à procura de um livro.”

“Quem diria?”, grunhe o Milanês, sem tirar os olhos do que lê.

“Digo, um livro muito específico, romance inglês ao estilo dos contos filosóficos franceses. Mas não do filosófico comum, seria mais... filosófico livre.”

“Hum, compreendo”, o Milanês continua sem se virar para ele, mas balança a cabeça para o lado. “Há uma prateleira para literatura de onanistas no fundo, à esquerda.”

“Na verdade, eu já possuo o livro. É uma edição muito rara, e gostaria de descobrir quem o imprimiu. Não há informações claras no colofão.”

“O que você está dizendo é que se trata de um livro pirata”, grunhe o Milanês. “E eu não trabalho com piratas.”

“Ah, trabalha. Eu sei que sim.”

“E o que lhe dá tanta certeza?”

“Seu irmão.”

O homem fica em silêncio, baixa o livro e o encara pela primeira vez.

“Meu irmão está morto.”

Érico esperava por essa resposta. Nos seus tempos de meirinho de alfândega no Rio de Janeiro, muitas vezes topou com aquelas cargas de obras proibidas que chegavam ocultas na bagagem de viajantes e, em geral, fazia cumprir a lei. Contudo, também ele se entediava e ansiava por um bom livro, também ele sabia a quem buscar quando necessitava de uma nova leitura. De fato, tinha alguns amigos no contrabando, como o irmão daquele livreiro, com o qual concordara em deixar passar as cargas e encomendas, sempre que o passageiro

lhe fizesse um código peculiar e secreto, criado pelos dois irmãos livreiros, que consiste em saudar ao outro com a mão erguida, os dedos abertos de dois em dois e o polegar mantido separado de igual modo, que se julga representar a letra hebraica *Shin* e possui o sentido de desejar ao outro uma vida longa e próspera. O Milanês reconhece o gesto.

“Ah, muito bem, por que não disse logo?”, diz o Milanês, guardando de volta os livros e descendo da escadinha. “Vejo que trouxe o livro com você, deixe-me ver.”

Mas antes que o livreiro pegue o livro, são interrompidos por uma mulher exaltada, que entra às pressas na loja com um embrulho em mãos, vindo direto a eles.

“Milanês! Seu judeu saloio, você me passou a perna!”

“Como assim, minha senhora?”

“Eu lhe disse, é um presente para o meu sobrinho e quero o melhor livro que você tiver, e você me vendeu este Engenhoso Fidalgo Dom Quixote não-sei-de-onde!”

“A senhora pediu minha opinião, e considero este o melhor livro já escrito.”

“Mas acabo de passar em frente à outra livraria, e o que vejo? *O engenhoso Cavaleiro Dom Quixote!* E custa o mesmo preço!”

“Minha senhora, aquele é continuação deste...”

“Ora, Milanês, no que se entende de nobreza, cavaleiro é título muito superior a fidalgo, e eu disse que queria o *melhor* livro para o menino!”

O Milanês e o garoto no balcão central trocam olhares onde se resume o desespero resignado da Criação, tira os óculos, coça entre os olhos e consente com um aceno do queixo.

“Não seja por isso, faremos a troca para a senhora. Davi, atenda ela, por favor?”

Puxa Érico pelo ombro para um canto mais discreto ao fundo da livraria, logo atrás de uma escada espiral em ferro. Para surpresa do próprio Érico, que julgava estar sendo discreto com sua identidade lusitana, o livreiro lhe dirige a palavra num bom português de travessões:

– Então, que licenciosa obra vós trazeis aqui?

– Ah, então você fala português.

– É claro que eu falo português, meus pais eram sefarditas. Bem, tecnicamente, minha mãe falava ladino, mas quando se irritava misturava todas as línguas que conhecia numa só.

– Sim, mas... como você percebeu que *eu* sou português?

– Você tem os trejeitos de um – diz o Milanês. – E meu irmão cultivava más companhias.

– Pensei que chamassem você de Milanês por ter nascido em Milão.

– Decerto que não é por rolar em ovo e farinha antes de fritar na panela. – Ele pega o exemplar que Érico lhe estende. – Hoje é o dia das perguntas idiotas, suponho? Ou isso ou... upa-la-lá! – Vê a folha de rosto, onde o título se exhibe em despudoradas letras capitulares: *Fanny Hill, ou Memórias de uma mulher de prazeres*. – Bem, isso faz sentido, pois este livro aqui só se encontra em edições piratas mesmo. Hum, e ilustrado ainda. De fato, muito obsceno. Aliás, vende bem, não tenho na loja mas posso conseguir mais para o senhor. O que você sabe desse livro?

– Eu o li na viagem. Essa moça aí se entrega mais que assinatura de jornal.

Mas o Milanês não se refere à trama, e sim ao contexto. Se em geral os autores preferem permanecer anônimos até serem atingidos pelo sucesso, a história daquele livro tornara-se pública e notória pela confusão que causou, anos antes. John Cleland, um ex-servidor da Companhia Britânica das Índias Orientais, escrevera aquele livro quando preso por débitos. O desafio estético a que se propôs era escrever sobre uma prostituta de luxo, descrevendo os atos

mais obscenos e despidorados possíveis com a elegância e estilo do novo gênero literário da moda, o romance. Nisso, o livro é um *tour de force*. Dada a natureza repetitiva da ação em si, pois que se mudam posições, mas no fundo o entra e sai é sempre o mesmo, o autor fez uso de um variado vocabulário buscando sempre evitar repetir palavras. A novidade foi tal que, quando o livro chegou ao continente, para defini-lo os franceses cunharam um novo termo extraído do grego: *pornographie*, “escrever sobre putas”. O curioso é que, apesar do que se esperaria, o lançamento do primeiro volume não causou o maior dos alvoroços entre os moralistas, ainda que trouxesse vistosas descrições das moças praticando o hábito que se julga popular entre seguidoras da poeta Safo de Lesbos. Foi com o segundo volume, lançado alguns meses depois, que o furor da obra chegou aos ouvidos do bispo de Londres, Thomas Sherlock. Pois que, quase ao final do segundo livro, Fanny Hill testemunha pelo buraco da fechadura o pecado inominável sendo cometido entre dois rapazes. Afóra insinuações pastorais em poemas clássicos e uma ou outra peça decadente da época da Restauração, nunca antes havia se escrito sobre tal coisa de forma tão clara e direta. O bispo mandou prender autor e editores sob a acusação de “corromper os súditos do rei”. Pagou-se uma multa, renegou-se a obra, alegaram culpa da juventude e que tais, e para desgosto do bispo, ficou tudo por isso mesmo. Pois a verdade é que todo homem de respeito possui, oculto na sua biblioteca, uma ediçãozinha para servir-lhe nos momentos solitários. E de toda forma, era tarde demais: com a atenção do público atiçada pelo processo, a obra ganhou vida própria, em edições piratas feitas à revelia de seu criador, que não ganhou mais nenhum tostão com ela, uma vez que a edição oficial estava censurada. Censor e autor poderiam dar-se as mãos em suas insatisfações: ambos saíram frustrados dessa história.

– Só não entendo uma coisa: os piratas estão entre os tipos mais iletrados e estúpidos que já conheci. – Érico, ingênuo. – O que os leva a imprimir livros?

O Milanês o encara em silêncio. Julga que está fazendo pilhéria, mas então se dá conta de que Érico fala sério, revira os olhos e murmura “ah, o filisteu!”. Explica então que todos os livros impressos em Londres possuem um registro de propriedade, chamado Direito de Cópia, feito pela Venerável Companhia de Impressores e Jornalistas, uma das principais guildas da Corporação de Londres. Seus membros possuem o monopólio da impressão de livros, e quando uma obra é impressa à revelia do detentor de seus direitos, chamam-no ali de “edição pirata”. A verdade é que livros são um negócio bastante caro de se produzir e, via de regra, inacessíveis para bolsos menos afortunados. As edições piratas, embora de menor qualidade, possuem preços mais baixos. E há a questão da liberdade de expressão, como no caso de Voltaire: sua última obra fora censurada na França, e se não fossem as edições piratas que se imprimem agora na Inglaterra e se enviam para lá, não haveria como se ter acesso ao texto. O Milanês aponta aquela pilha de livros na vitrine que atraíra a atenção de Érico.

– Aqueles na vitrine são de Voltaire? – espanta-se Érico. – Pensei que fossem anônimos.

– Oficialmente são, mas todos sabem. Um contraste curioso, não acha? No continente, sob a tirania dos reis, o anonimato é a proteção do filósofo. Aqui nesta ilha, sob a liberdade garantida pelo parlamento, serve como manto protetor aos ataques dos sectários. O homem é um animal ingrato.

Para recompor sua imagem aos olhos do Milanês, Érico aponta o *Fanny Hill* e diz:

– Sabe, não é um mau livro. Me pareceu inferior à Fielding, claro, mas é muito superior àquele humor vulgar e individualista de Smolett. Lembra um pouco as heroínas de Dafoe.

O Milanês ergue uma sobrancelha e pensa “hum, ao menos ele sabe ler”. Então uma ideia lhe ocorre e ergue o dedo a pedir uma pausa. Vasculha os

panfletos em sua mesa à procura de algo.

– Ah, aqui está. É do tipo que muito se vende, mas pouco se lê. Veja.

Entrega-lhe o panfleto, intitulado *Carta do lorde bispo de Londres ao clero e povo de Londres, na ocasião dos recentes terremotos*. Logo após a publicação de *Fanny Hill*, Londres fora abalada por leves tremores de terra, que na opinião do bispo eram “um chamado de Deus ao arrependimento”, pela “lascívia desnatural provocada pelo vil livro”.

– Ele literalmente acusava o livro de ter provocado os terremotos, e de Londres ser a cidade do pecado – diz o Milanês. – Por ironia, foi a tua santíssima Lisboa que ruiu cinco anos depois. Você... – e então se dá conta de uma coisa e fica em silêncio. Érico nota que algo está errado e o encara. O Milanês, num tom frio e distante, pergunta: – O que você faz na minha loja?

– Ora, já disse. Preciso identificar o impressor desta edição pirata.

– E para que, se me permite perguntar?

Érico não irá muito longe sem compartilhar o que sabe, e o homem parece não ter simpatia pela pirataria de livros, tampouco. Então lhe conta do navio apreendido no Rio de Janeiro, da imensa tiragem daquela obra e dos motivos que o levaram a crer ter sido impresso na Inglaterra.

– Você trabalha para a coroa portuguesa – conclui o Milanês. – Diga-me, como andam as coisas por lá? Queimando muitos parentes meus na fogueira?

– Na verdade, venho do Brasil, e lhe garanto que faz vários anos que um judeu não é...

– O que fizeram com o resto da tiragem deste livro? – interrompe o Milanês.

– Foi... hum... – Érico percebe a armadilha, mas é tarde demais. – Foi queimada.

– Queimada? Queimada! QUEIMADA! – A palavra estoura na boca do Milanês como um disparo de pólvora. – Maldita seja toda a tua raça, português

salio! Cambada de biblioclastas! Se um bandalho lê suas obscenidades na discrição de sua casa, que lhes importa isso? Bando de santarrões que vocês são! Corja de labregos, isso sim! Vais me dizer agora que se fode pouco no Brasil? Por um acaso vai ser um livro que vai estimular o povo? Queimado! Súcia de hipócritas! Rédua de beatorros! É assim que sempre começam, primeiro queimam livros, depois queimam gente! Que tranquem logo todo teu reino num claustro e se ponham a rezar até morrerem de fome! Sua caterva de patamazes! Mátula de tartufos! E *você...* conheço gente do seu tipo. O senhor não passa de um *agent provocateur*, destes que se despacham pelo estrangeiro para criar confusão onde não há!

– O senhor não está me...

Érico não consegue terminar a frase, pois o Milanês irrompe num jorro verborrágico (“sequela de tabarés basbaques! Sapia de campanudos estultos!”) que estava entalado em sua garganta por anos. Embora grite em português, os clientes que flanam pela loja param e os observam, a linguagem da ofensa é universal. Antes que a situação fuja ao controle, Érico se impõe:

– SENHOR! – fala alto, quase grita. O Milanês se dá conta da cena que criou e se cala. Érico aproveita a brecha e, num tom brando, porém incisivo, retoma: – Creio que não me entendeu, então vou ser bem claro: assim como eu, outros conhecem seu irmão nas capitânias. Meia dúzia de livros contrabandeados aqui ou ali não incomodam a ninguém; seiscentos são um escândalo. Quem quer que tenha feito essa trapalhada, é um amator que pôs em risco os negócios seus e de seu irmão, pois atraiu atenção demais ao problema. Portanto, é uma questão tanto do *seu* interesse quanto do meu ver isso resolvido com discrição. Sinceramente, dou a mínima para o que outros leem. Minhas ordens são para encontrar o impressor deste livro aqui, e de nenhum outro. Compreende? Sou apenas a ferramenta cega que parou por um instante para avisá-lo do perigo. Eu não preciso de você. Se eu começar a

interrogar os livreiros dessa cidade, cedo ou tarde chego a algum resultado. Mas se me ajudar, poupará o meu tempo, e estará alerta para qualquer outro perigo que ameace o pequeno esquema de contrabando de vocês dois. Vê? Não o estou ameaçando. Estou estendendo-lhe a mão.

O Milanês respira fundo. Sopra o ar devagar. O rapaz no balcão pergunta se está tudo bem, ele responde balançando a cabeça em afirmativo e diz: pois muito bem, ao trabalho. Abre o livro outra vez, indo direto às páginas finais. Não há colofão.

– Seiscentos exemplares, você disse?

– Isso é muito?

O Milanês garante que sim. Com expectativas de muito sucesso, podem se esperar vender uns duzentos ou trezentos na primeira edição; apenas panfletos religiosos atingem tiragens de dezenas de milhares, mas são vendas de números enganosos, pois estes livros de bispo são comprados às centenas para dar à gente simplória do campo que sequer sabe ler, e em geral terminam como forro de galinheiro. Com literatura séria é outra coisa. Livro não é pão, não se compra todo dia. Um trabalhador ali ganha uns dez xelins por semana, o que equivale a uns mil e setecentos réis, e sustenta toda sua família com isso. Mas um exemplar de *Robinson Crusóé* custa cinco xelins (ou oitocentos e noventa réis), e o *Tom Jones*, que o editor espertalhão dividiu em seis volumes, sai a três xelins cada tomo (ou quinhentos e trinta réis). Assim ou se come ou se lê. O que se paga por um livro pode alimentar uma família inteira por uma semana. A literatura é, ao final das contas, um passatempo de abastados. Claro, há bibliotecas itinerantes alugando livros por preços mais acessíveis, mas não releva o fato de ser luxo para poucos. E uma tiragem de seiscentos exemplares, se o que me diz é verdade, se já é muito otimista para estas bandas, para o Brasil é insanidade. Lá, os maiores compradores são os colégios de jesuítas e carmelitas espalhados pelas capitâneas, mas estes compram tão somente livros

religiosos ou de ciências. Quem investiria tanto dinheiro com tão poucas perspectivas de vendas?

– Mas este livro é pirata, não? – lembra Érico. – O custo deve ser muito menor.

– Isso é relativo. De fato, para produzir, deve ter pago no máximo uns xelins a algum tradutor de aluguel com a fome batendo à porta.

– Que, aliás, fez um serviço duvidoso – acrescenta Érico, apontando um trecho, onde a opção por uma tradução literal fez a frase perder o sentido em português, melhor teria sido adaptá-la, noutra a ordem do sentido da frase traduzida segue a sintaxe inglesa. – Me fez crer que o tradutor ou é muito ruim, ou mais certamente não tem o português como primeira língua.

– Não se traduz uma obra de literatura para uma língua que não seja a sua própria – concorda o Milanês. – Há de ser o trabalho de um amador.

– E pode ter sido impressa em qualquer lugar do Reino Unido – lamenta Érico.

– Oh, não – garante o Milanês. – Tenho bem certeza de que foi impressa em Londres.

Para o Milanês é uma constatação óbvia: editar um livro não é pouco trabalho e, em geral, os impressores são os próprios livreiros. O custo do texto em si é o menor dos problemas, pois ao autor não se paga mais que trinta libras pelo Direito de Cópia da obra, que é perpétuo. A não ser que o autor seja um Pope ou um Fielding, quando então a soma se torna muito maior e, aí sim, o autor pode ganhar parte das vendas – nestes casos, quando o sucesso já é garantido, faz-se um leilão nos mesmos moldes que se faz com os lucros d'um navio, vende-se em metades, quartos ou décimas sextas partes. Daí em diante, começa o trabalho de impressão: há os compositores, para escolherem os tipos móveis e comporem as páginas conforme a imposição necessária, caso o livro seja um fólho, quarto, octavo, duodécimo ou até um sextodécimo bem

pequeno, de bolso; há os mestres impressores, que aplicam a tinta e prensam o papel; os encadernadores, a costurarem os cadernos, colar as capas, unir estas ao miolo pelas guardas; e então é preciso anunciar-se nos jornais, e antes mesmo de o livro estar pronto, algum maldito pirata já pode ter subornado alguém da oficina e o livreiro se deparar com edições clandestinas nas vitrinas de outros. Aconteceu com Fielding. Editar um livro é trabalhoso, caro e envolve um monte de gente. E depois há que se pôr à venda. O livro também serve como moeda de troca, em permutas com outros livreiros até mesmo de outros países, para que se possa ter um bom sortimento na loja. Nesses casos, o valor do livro é calculado não por exemplar, mas pela quantidade de folhas, e as de obras licenciosas ou censuradas são sempre mais valiosas, pois têm mais procura. Para isso o Milanês mantém contato não com as grandes guildas de impressores, mas com as pequenas oficinas editoras do continente, muitas delas clandestinas, que são hoje em dia as que correm os riscos de imprimir os livros mais ousados. Mas um livro do tamanho daquele *Fanny Hill* não se imprime da noite para o dia.

– Quando se quer ocultar algo, por vezes a melhor forma de fazê-lo é colocando-o à vista de todos – lembra o Milanês, andando pela loja e pedindo que Érico o acompanhe. – Veja, por exemplo, esta prateleira: nos clássicos da filosofia grega e latina há Platão, Homero, Heródoto e Virgílio, dentre tantos. Mas se eu pegar aqui este exemplar do *Fedro* e este outro do *Banquete*, e juntar com aquele ali do *Satyricon*, de Petrônio, forma-se uma sequência de leituras de interesse particular para um sodomita. E se eu acrescer ao conjunto o *Mercador de Veneza* de Shakespeare, você passará a notar na amizade entre Antônio e Bassânio outras camadas de interpretação. A mesma informação, quando rearranjada, cria um novo sentido para o conjunto: essa é a base dos códigos secretos, a base do mundo dos espias. Da mesma forma, há mais de cem mestres impressores em Londres, e bem se sabe que uma pessoa que queira

desaparecer por completo, basta mudar-se de um bairro a outro desta cidade, que talvez nunca mais cruze com seus antigos vizinhos.

– E que informação devo procurar que ajuste o foco dessa nossa lente?

Cada mestre impressor possui um estilo próprio, um gosto particular de compor a página de um livro, variando desde a escolha de estilo das letras nos tipos móveis ao espaçamento das margens. O Milanês propõe que Érico deixe o livro com ele por alguns dias. Irá estudá-lo e consultar um ou dois conhecidos em sua guilda que podem lhe indicar um caminho.

– Mas se quem procuras é o investidor destes teus livros, senhor Borges – lembra o Milanês – sugiro ir atrás de alguém com bastante dinheiro para investir. Que agora, provavelmente, deve estar querendo recuperar o investimento perdido.

“Com licença”, interrompe-os um cliente recém-entrado na livraria, “você poderia me ajudar? Estou procurando por um livro que li alguns anos atrás. A capa era em couro vermelho, mas não sei o título nem o autor. Lembro que me fez rir bastante. Sabe de qual falo?”

O Milanês lança um rápido olhar de desesperança para Érico, e promete avisar-lhe tão cedo consiga uma resposta. Despedem-se, e vai atender sua desorientada clientela.



Armando e Érico saem da livraria e caminham por um beco que os leva frente a Saint Paul. Armando está empolgado: leu alguns trechos daquele livro da moda, onipresente nas vitrinas, não resistiu e comprou um exemplar da edição francesa do *Cândido*.

– Ouvi dizer que é de Voltaire – observa Érico, desinteressado.

– Sim, eu soube. E sabe o que mais? Fala-se de Portugal aqui, e do terramoto. Fala-se até dos índios e dos jesuítas no Brasil. Não achas estranho

quando autores estrangeiros se dignam a dar atenção ao nosso reino? É como receber visitas e a casa não estar arrumada.

– Aposto que é cheio de generalizações rasas sobre nossa gente.

– Sim, bastante. Faz nossa justiça parecer desumana, nossos religiosos hipócritas e retrata nossa gente como fanática e traiçoeira.

Mas Érico tem sua atenção ocupada com o domo de Saint Paul: o gigantismo do prédio o enche de maravilhamento. Talvez seja a maior construção humana que já viu, e se pudesse ficaria mais tempo ali parado, absorvendo cada detalhe, não fosse a sensação de que há algo de nervoso e errado na multidão que sai da missa e os cerca. Armando, ocupado em folhear seu livro e desviando das pessoas com os sentidos de um morcego, nada percebe. É um burburinho crescente, pessoas param de andar e olham umas para as outras, sentindo aquela iminência de algo.

– Armando – chama Érico. – Largue essa bobagem. Está acontecendo algo.

Então um homem no meio do grupo toca nos bolsos da casaca e, dando pela falta de algo, grita: “Cuidado com os bolsos!” Quase de imediato, cai ao chão golpeado na cabeça. Uma mulher berra, os mais próximos afastam-se e, em meio às gentes, como um pequeno exército que se destaca dentre uma divisão maior, oito ou dez rapazes movem-se em paralelo, afastando-se do grupo, correndo em direção à rua Ludgate e sumindo entre os becos. Um grupo de soldados chega, tarde demais para fazer algo de útil. Armando fala para apressarem o passo. Atiram-se para dentro do primeiro *hackney* que encontram, e dão o endereço da embaixada.

– Sobrevivemos – Armando respira, aliviado.

– Que lugar! – resmunga Érico, entre o deslumbrado e o indignado. – Ao menos no Brasil eu conseguia escutar quando algo estava à espreita!

– Você se acostuma – Armando dá de ombros. – E agora, qual o próximo passo?

O próximo passo é descobrir alguém que tenha perdido uma pequena fortuna imprimindo aqueles livros e esteja tentando recuperá-la. Outro caminho é descobrir mais sobre o capitão John Strapp. Alguém nas cafeterias deve ter escutado seu nome, é o momento de sair a fazer perguntas.

– Hum, Érico, se me permite... – Armando põe o indicador contra os lábios, cacoete de quando se põe a pensar. – As cafeterias daqui são como pequenos clubes abertos, um misto de teatro e tribunal. O modo como alguém se veste, a língua rápida numa boa resposta, até mesmo o jeito de segurar a colher... o sucesso de qualquer um pode depender da impressão inicial que passa.

– Entendo. – Érico olha para suas próprias roupas. – Estou em déficit nesse quesito, não?

– Em tese, não há nada de errado com o modo como você se veste, meu caro. Não está ruim, está apenas... medíocre, plano. Não se trata de você próprio, mas de quem você deve ser aos olhos da cidade para conseguir o que quer. É como criar um personagem. Quem você será, Érico?

– Não sei. Quem eu devo ser?

– Um investidor, talvez? Um homem de negócios, com certeza. Mas de que tipo? Que tal um título de nobreza? Você já é adido da embaixada. Façamos de você alguém tão interessante que, melhor do que extrair respostas, fará com que a informação chegue a si. Digamos que seu pai tenha falecido há pouco, de modo que você recém-herdou-lhe o título, a fortuna da família está em risco, e você veio em busca de novos negócios. Contanto que não saia se dizendo marquês ou duque, títulos que o rei não distribui feito balas, ninguém está tão familiarizado com a genealogia das grandes casas europeias a ponto de dizer quantos barões tem Portugal. Sim, barão, que tal?

– Virei barão – anima-se Érico. – Mas uma boa mentira deve ser temperada com doses de verdade, não acha? Seria bom manter meu passado militar no

Brasil. E o que vim fazer aqui?

Decidem que Érico será um nobre que, como El-Rey atrasa as pensões reais, e com a economia do país aos solavancos, dispensou a criadagem e viajou sozinho, decidido a investir dinheiro em Londres. Com o bloqueio imposto à França, os ingleses não possuem outra opção que não seja comprar vinho português – e Érico entende uma ou outra coisa de vinhos para sustentar o disfarce.

– E o que mais? Entro numa cafeteria, chacoalho a bolsa e grito “quem quer dinheiro”?

– Não, para isso existem as mesas de jogos. Você é bom nas cartas?

– Modéstia à parte, sou. Creio ter lido tudo o que sr. Hoyle já escreveu sobre o assunto. Uíste, piquê, brisca, espenifre, patau, chincalhão, você quem manda.

– Muito tempo livre nos navios, pelo que vejo.

– Nem me fale.

Seria bom que o vissem frequentando a sociedade, indo ao teatro ou a alguma casa de chocolate, para então fazer seu debute em grande estilo, em algum baile. O que há para as próximas semanas?, pergunta-se Armando. Mas claro! Beckford!

– Quem é Beckford? – pergunta Érico.

– O homem mais rico do Reino Unido – explica Armando. – Seu filho nasceu esta semana, aliás, no dia em que você chegou, e ele dará um baile em comemoração. Mandou um convite a Martinho de Melo, extensivo a todo o estafe. Certamente podemos encaixar você na lista. Até lá, teremos tempo de *inventar* você. Amanhã não posso. Gostaria de acompanhá-lo nas compras, mas tenho que ir com o chefinho visitar o primeiro-ministro, outra vez pedir por aqueles malditos navios franceses. Ora, leve Maria com você! Ela tem bom gosto, e de todo modo nos matará se não a levamos. Ela sabe que você não é

nenhum barão, mas não está a par do que o trouxe aqui. Irá gostar da brincadeira. E, hum, Érico? Seria bom se você evitasse tomar sol. Há limite no bronzeado que um pó de arroz pode disfarçar. Você sabe... ficar ao sol é coisa de camponês.

– Eu não fico muito mais branco que isso – ofende-se Érico. – É a minha cor.

– Sim, sim, claro, não se ofenda. E, de qualquer modo, o sol *definitivamente* não será um problema nessa cidade. Você tem ares... como direi? Mediterrâneos. Vamos inventar algum baronato litorâneo para você. Aliás, não se preocupe com os custos, está bem? Eu cuido das contas da embaixada, então colocaremos tudo nelas.

– Pensei que iam mal, e que o embaixador tira do próprio bolso para quitá-las.

Armando sorri, colocando os pés no banco à sua frente e as mãos à nuca.

– Exatamente.

## 5.

### DANDY DARLING

**A**s janelas em arco, bojudas, projetando-se trípticas com suas esquadrias de vidros em mosaico, transformam a fachada de cada loja numa sucessão sem fim de grandes escaparates. Os produtos são expostos em arranjos criativos e habilmente iluminados com velas e vidros coloridos, a prometer felicidades eternas no caleidoscópio das ruas. A abundância o atordoia: são relojoeiros, vidraceiros, boticários, cuteleiros, chapeleiros, tapeteiros, linheiros, perfumistas, ferreiros, joalheiros, impressores, livreiros, vinheiros, sapateiros; lojas de anáguas para as senhoras e de bastões de caminhada para os cavalheiros, lojas de mapas, lojas de leques, lojas de instrumentos musicais. “Comprar” é mera consequência colateral; “ir às compras” é como ir ao baile ou ao teatro, existe para ver e ser visto. Olhe ali aquelas duas: vestidas que parecem mais adequadas a uma visita que a um passeio. Olhe ali aquela loja: como são galantes os vendedores, lindos janotas trajados ao estilo do continente, os modos deliciosamente afetados e fluidos, desdobrando-se em salamaleques com sua clientela. Olhe ali aqueles rapazes: casquilhos vestidos à última moda, circulando de loja em loja sem comprar nada, apenas observando as moças e impacientando os vendedores. Que importam as guerras e as misérias, enquanto se puder flunar por aquele Olimpo de promessas eternas de belezas efêmeras, pleno de sabores e aromas e artes e ofícios que se aglomeram sob o manto da elegância?

– Me chame de ovo – diz Érico, em estado de basbaque, andando de braços dados com Maria. Haviam tomado um coche até a rua Oxford, na altura da quadra Hanover, para descer a rua Bond por toda sua extensão até Picadilly. – Pois estou chocado. As placas, vê? Que peculiar.

– Confesso que me escapa o que há de tão especial nas placas, sr. Borges – diz Maria.

– Percebe que todas possuem o nome das lojas por escrito? Não um peixe indicando a peixaria, ou uma agulha para um linheiro, mas nomes. Letras. Significa que aqui todos sabem ler. Que coisa maravilhosa, uma cidade inteira que saiba ler.

– Estou há tanto tempo aqui que, confesso, nem percebia – diz Maria. – Mas tens razão.

– E, por favor, me chame de Érico. No Brasil não somos de muitas formalidades.

– Ora, é mesmo? Por que será isso? Eu acho as formalidades muito elegantes.

– Não faço ideia. Deve ser o calor. Ninguém se presta a salamaleques quando só tem pensamentos para uma brisa que o alivie.

– Como aqui faz frio, te chamarei de Sua Graça, agora que soube que viraste barão. Estou aqui há mais tempo e nunca ganhei nada. – Ela se finge de magoada. – Também quero para mim, onde se compra? Aceitaria ser viscondessa...

– Estavam em promoção na Feira das Vaidades, um título por metade do dobro – diz Érico. – Mas sem pensão real, infelizmente.

– Que sejas só Érico então. E devo lhe dizer, querido, que após aquele discurso sobre os detalhes que dão valor à vida, é uma vergonha que tenha levado quatro dias nessa cidade para finalmente vir às compras comigo. Quais os planos de hoje?

– Estou em suas mãos. Que me sugere? Como vive um cavalheiro inglês?

– Acorda tarde, isso é certo. Aqui inclusive não se janta ao meio-dia feito gente civilizada, preferem morrer de fome do desjejum à ceia, exceto quando pausam para o chá. Bem... – Ela conta nos dedos. – Em ordem: faz a *toilette*, a demorar conforme o alinho de cada um, e ao final da manhã vai-se às compras. Oh, nisso estamos dentro do previsto. Depois, dá-se um passeio no parque, ali no Hyde há uma trilha redonda chamada de “o anel” onde não se permitem coches alugados, apenas os particulares. É bom para ver e ser visto. Ao final da tarde, faz-se a ronda nas cafeterias para saber das notícias e ler alguns jornais, ao entardecer vai-se n’algum clube desperdiçar a herança nas cartas... cai a noite e vai-se ao teatro, e encerra-se a jornada em algum bordel de preferência.

– Soa muito elegante, mas não sou do tipo que frequenta bordéis.

– Não imaginei que fosse, querido.

– E, sinceramente, detesto café.

– Ora, isso sim me deixa surpresa! Eu adoro.

– Achei que fosse malvisto uma dama beber café.

– E o que não é malvisto uma dama fazer? A reputação é o primeiro grilhão que se impõe à mulher, querido. “Se todo homem nasce livre, por que toda mulher nasce uma escrava?” É de Mary Astell, um panfleto que li por aí. Armando deve ter-lhe dito que, supostamente, estou aqui nesta terra em busca de marido, mas nisso faço como Penélope, desfio a mortalha que outros tecem para mim.

– E quem seria teu Ulisses?

– No momento há dois: um francês na garrafa e um italiano na partitura.

São atraídos pelas janelas de uma loja de tecidos onde o vendedor deixa as fazendas caírem sobre bonecas de vime, simulando o caimento de um vestido. Armando lhes dera o endereço de seu alfaiate particular, em algum ponto da rua Conduit próximo a Saville Row. E quanto mais perto chegam do ateliê,

indo de vitrine em vitrine para tentar decidir do que Érico gosta, mais ele se confronta com uma dúvida até então inédita: seu gosto pessoal. Era uma questão que não tinha sentido no Brasil, onde a Lei Pragmática assinada por El-Rey proíbe os luxos, as roupas com bordados, as tecelagens, qualquer forma de arte decorativa em móveis ou coches. No exército, vivia com a casaca azul de dragão da cavalaria, e na vida civil contenta-se com o que Portugal permite que seja importado. Embora Érico veja o barão como um personagem a ser inventado, não vê motivo para não fazê-lo uma versão melhorada de si mesmo. A vida, afinal, é uma sucessão de máscaras.

– Sempre fui da opinião – diz Maria, arrastando-o de uma vitrine à outra – de que as roupas devem refletir o temperamento de quem as veste. Fazê-lo à vontade, imbuí-lo de um senso de familiaridade com o traje. E há quem tenha uma percepção tola de que se deve agir ou se mover diferentemente quando se está bem-vestido. Diga-me, Érico querido, como definiria o *teu* gosto?

Um dos motivos que Érico elencara como o principal para limitar suas roupas à cor negra era poupar-lhe o tempo na decisão. Mas é uma frase de Addison que lhe parece mais adequada:

– “Alguns homens, como alguns quadros, são mais adequados a um canto da sala do que sob o foco da luz direta.”

– Credo, que ideia lúgubre! Quem quer ser confundido com o papel de parede? Você tem potencial, vamos lapidá-lo. Não sou de me intimidar com desafios.

Mal atravessam a rua, são fustigados pelo assédio de ambulantes. Um vendedor de vassouras berra “vara, varinha e vassoura, espane sua roupa ou espanque sua senhóura”; depois um pirralho a vender pães de mel que garante estarem “quentinhos e fumegantes”. A cada passo, é como se a cidade inteira se abrisse num grande e colorido tabuleiro de vendedor. Outra vitrina atrai Érico como mariposa à luz: um vendedor de armas. Cada pistola parece competir

com a outra na qualidade dos entalhes e no refinamento. Está distraído com aqueles belos brinquedos quando, pelo reflexo nos vidros, vê uma presença de colorido esfuziante se aproximar de Maria.

– *Darling!*

Um travessão elétrico de dandismo deslizando em meio à gente comum, sorriso de queixo erguido e uma leve contenção efeminada no canto dos lábios. Veste sobrecasaca de tafetá com listras violetas e púrpuras, e bordados com fios de prata; por sobre ela um colete de cetim creme e um volumoso lenço branco amarrado no pescoço, a fluir de sua garganta numa cascata de rendas, no ombro uma capa negra e na cabeça uma cartola violeta cuja aba forma um V acima do rosto – este, levemente branco de pó, com um toque de ruge nas maçãs do rosto e lábios intensamente corados que fazem cada movimento de sua boca ganhar uma expressividade teatral. Os dois iniciam uma rápida troca de fofocas. Érico pigarreja, e o estranho se volta para ele.

“Oh, e quem é este cavalheiro encantador?”

“Querido, perdão...”, diz Maria. “Este é o barão de...?”

“Lavos”, completa Érico, num meneio educado. “Érico de Borges-Hall, seu criado.”

“William Fribble, seu escravo”, e se curva num rapapé exagerado cheio de salamaleques. “Um novo passarinho nesta linda coleção de *avis raras* portuguesas de Londres?”

“Érico é recém-chegado do Brasil”, informa Maria.

“Brasil! Que *fantabuloso!*”, bate o longo bastão de caminhada contra o chão e curva o corpo para trás, como se fosse necessário tomar distância para vê-lo melhor. “É onde estão os índios, os jesuítas e onde acontecem todos aqueles massacres interessantes que lemos nos jornais? Um amigo meu já visitou sua terra...” Faz um beicinho e revira os olhos, buscando uma lembrança como

quem busca trocados na bolsa. “Ou terá sido o Peru? Qual é mesmo o nome de sua capital? Buenos Aires?”

“Nossa capital é Salvador.”

“Fico deliciado em conhecê-lo!” Fribble corre os olhos por Érico de cima a baixo e contém um sorriso de aprovação. “E o que o traz a este lado do oceano?”

“Um navio.”

Fribble ergue uma sobrancelha, avaliando se aquela resposta é ironia ou falta de imaginação, e se volta para Maria: já está sabendo do grande baile que William Beckford prepara? Toda Londres só fala nisso. Ela mal abre a boca e ele a interrompe: “ora, que farão mais tarde? Por que não nos encontramos n’alguma cafeteria? As duas coisas de que você mais gosta, querida, tomar café e chocar burgueses. Podemos contar quantas caras feias lhe fazem dessa vez!”

“Seria adorável, mas Érico não gosta de café.”

“Convenhamos, é apenas água suja”, defende-se Érico. “Chá seria melhor.”

Fribble junta as mãos e ergue o rosto: “pelas Musas, sim! É o que vivo dizendo a ela. Você deve ser um enviado dos céus. Que delícia termos tanto em comum! Por favor, que seja em minha humilde residência. Podemos até mesmo ir ao teatro depois. Moro a meia quadra de tudo o que há de mais interessante nesta cidade... depois de mim, claro!” Solta uma risada espalhafatosa. “A não ser que vocês dois estejam planejando algo mais... como direi? *Privé?* Não quero ser incômodo.”

Os dois se apressam em dizer que não, de modo algum, teatro lhes parece perfeito. O passeio fica combinado, Fribble se despede de Maria com outros dois beijinhos sem encostar os rostos para não lhes borrar o ruge das bochechas, mas para Érico estende a mão com um sorriso dúbio, como se selasse algum acordo implícito.

“Foi um prazer conhecê-lo”, diz Érico, o cumprimentando.

“E pode continuar sendo”, retruca Fribble. Toca a cartola em despedida e acena para seus lacaios, dois fortarrões que vêm carregando uma liteira. Entra, sopra-lhes beijinhos e vai.

Pouco depois, Érico e Maria estão no ateliê do alfaiate indicado por Armando; ele de pé sobre um banquinho, braços abertos feito um crucificado enquanto os aprendizes lhe tiram medidas; ela sentada numa poltrona o observando de modo crítico e dando instruções ao alfaiate: nada de exagerado, nada de exibicionismos, excessos não são do seu feitio. O único comentário que quer que seja feito sobre suas roupas é o quanto são elegantes – o olho, acredita ela, não deve se fixar em formas muito estreitas ou muito largas, o conjunto deve ser visto como um todo.

– Basicamente o contrário de seu amigo – observa Érico.  
– Como disse antes, a roupa deve refletir o humor de quem a usa.  
– Concordamos então que sou do tipo para ficar à sombra?  
– Mas você tem uma opinião muito dura sobre si mesmo! Não, concordamos que a discrição veste você melhor do que o excesso. Sentir-se confortável é o mais importante.

Para ela, as roupas devem refletir três funções: aquecer quem as usa, estabelecer a posição social que se quer passar, e a mais importante, atrair o interesse de quem se deseja atrair o interesse. Érico vira-se para o grande espelho oval, testando a sobrecasaca que o alfaiate ajusta em seu corpo.

– Há homens de negócios que gostam de se imaginar brutais, é a fantasia deles – diz Maria. – E o tipo de homem que você precisa atrair não lhe dará confiança se cederes aos excessos de gosto de um Bill Fribble, por exemplo.

– Imagino que ele tampouco tenha paciência com estes tipos.  
– Hum, não, pelo contrário, ele não é muito seletivo.  
– Nos negócios?  
– Nos homens, querido – ri Maria.

– Ah, sim... – Érico olha-se outra vez no espelho, mais preocupado com o caimento da roupa. – Muito me espanta que você saiba desse tipo de coisa.

– Ora, querido... – Ela sorri com deboche. – Não estive escondida numa caverna para saber tão pouco dos caminhos do mundo. Não há como se passar algum tempo em corte alguma, sem adquirir uma certa ideia disso. Se fosse preciso detestar cada homem que nutre afeto pelo próximo, seria impossível encontrar seis pessoas das quais gostar ou, ao menos, não desgostar. Na verdade, me parece que nós, mulheres, sabemos mais do assunto do que vocês.

– Ah, eu sei uma coisa ou duas sobre o assunto. Estive no exército... – Érico dá um puxão no colete para ajustar o caimento. – ... já vi de tudo. Então, o que me diz?

Ele se vira, exibindo a roupa nova.

– Você a veste com tanto desdém. Fica perfeito.



Uma hora depois, estão na sala de chá de um casarão em frente a Leicester Fields – a humilde residência de mr. Fribble é tudo, exceto modesta e humilde. Flechette, o mordomo, é um negro muito alto e esguio, veste uma libré cor de cereja justíssima e, por questão pessoal de princípios, só fala em francês – “*le seul langage civilisé!*” Avisa que Fribble os espera nos jardins. Lá o encontram repousado numa *chaise longue*, vestindo um *banyan* de seda verde com estampas florais e barrete de musselina rendada na cabeça, a saudá-los: – *darlings!* Os dois se instalam nas poltronas, e Érico exhibe o novo chapéu: um tricorne negro de plumas brancas, comprado num irrefreável impulso de consumo ao passar frente ao ateliê de James Lock, um chapeleiro instalado num agradável prediozinho de número seis na rua St. James. É preciso aproveitar as oportunidades, pensa ele, tentando justificar para si mesmo o

custo daquela peça. Não se encontram bons chapéus de fabricação estrangeira no Brasil: o governo, é claro, proíbe.

“Lindo chapéu”, elogia Fribble, “uma escolha muito charmosa e sensata, se me permite. Todos estão comprando do senhor Lock depois que ele passou a fornecer os chapéus do exército. Está muito macaroni hoje em dia.”

Érico agradece com um sorriso e cerra os olhos, confuso.

– O que meu chapéu tem a ver com macarrão? – murmura para Maria.

– Ele quis dizer que está na moda, querido.

– Macarrão está na moda?

“Tudo o que vem da Itália está”, intromete-se Fribble. Érico se dá conta, assustado, de que sendo amigo de Maria e Armando há tanto tempo, é natural que Fribble entenda alguma coisa aqui e ali de português. E continua: “*O macaroni é o sexo / que deixa o filósofo perplexo / entre os especialistas se acredita / que ele seja hermafrodita. Afinal, é nos dois sentidos que o trânsito flui melhor, não acha?*”

Flechette chega ao jardim trazendo o chá, num serviço de faiança de vidro creme Wedgwood com esmaltes pintados à mão, trabalho de requinte que não se vê no Brasil, pois lá o governo não permite que... arre, Érico, esqueça o governo! O mordomo serve três xícaras e entrega uma para cada. Para seu extremo espanto, Érico vê os outros dois verterem o chá da xícara ao pires, e nele beberem como se fosse uma sopa. Será a nova moda, será que assim é mais macaroni? São loucos estes ingleses, estou num hospício. Constrangido, desvia o olhar para o céu e bebe da xícara.

“Já estive na Itália, suponho?”, Fribble o arranca do devaneio.

“Hum? Sim. Fiz meu *grand tour* anos atrás.”

“Érico é metade inglês pelo lado da mãe”, explica Maria. “Ingleses do Porto.”

“Mas isso foi antes de retornarmos ao Brasil, claro”, completa Érico.

“Foi uma boa época para se visitar Roma, então”, diz Fribble. “Quando ainda se podiam ver as estátuas do Vaticano *au naturel*.”

Maria chuta discretamente a canela de Fribble por debaixo da mesinha, enquanto Érico, alheio a isso, bebe um gole de chá: “Excelente o seu chá. Arriscaria dizer que é um *souchong*, não?”

“Ora, não sei, deve ser”, vira-se para o mordomo. “Flechette? *Oui*? É, sim. Como soube?”

“Pelo leve aroma oxidado, não tostado, com notas florais que...”

Fribble põe a mão sobre o peito: “Deus do Céu, um *connaisseur*. Minha alma gêmea! Você fica mais e mais interessante a cada minuto. Maria, você tem razão quando diz que nos arranhou um diamante bruto! Bem dizem que as melhores joias vêm do Brasil.”

“Tenho o que os gregos chamariam de ‘*mania*’ por uma boa xícara de chá”, acrescenta Érico.

“Sim, adoro gregos também, faço tudo à grega”, retruca Fribble, com sua risada exagerada, no que Maria o acompanha forçando o sorriso ao cravar-lhe as unhas nas costas das mãos, e Fribble disfarça a dor com um sorriso. “Mas me fale mais deste seu *grand tour*, querido!”

Não é intenção aqui constranger o leitor plebeu expondo seu desconhecimento dos hábitos aristocráticos, portanto uma explicação se faz necessária: pois em Europa os cultos e bem-nascidos creem que sua educação só se completa após realizar um *grand tour*, a “grã-volta” pela Europa para entrar em contato com a pureza de forma e expressão do mundo clássico. Ao voltarem, estes *touristas* trazem consigo um gosto renovado por modas, comidas e costumes, em geral franceses e italianos, que o pacóvio provinciano vê como sinal de afetação esnobe ou, não raro, efeminação. “Minha mãe sonhava em conhecer o mundo antigo desde que descobriram Herculano”, explica Érico. “Quando leu n’algum jornal sobre a descoberta de Pompeia,

ficou eufórica e disse que era um sinal de que chegara nossa hora. Tinha planos, inclusive, de completarmos nossa viagem visitando alguns parentes aqui na Inglaterra mas, bem, a vida e os negócios de meu pai se colocaram no caminho, e precisamos encerrar a viagem mais cedo e embarcar para o Brasil,”

“Chega de falar do barão, Fribble querido”, interrompe Maria. “Me fale deste baile.”

O tema onipresente de todas as rodas de conversa: o baile do vereador William Beckford na próxima semana. O recém-nascido, seu primeiro filho legítimo, é provavelmente o bebê mais rico do Reino Unido. Cada mínimo detalhe do baile vem sendo mantido em mal guardado segredo, e cada nova informação a escapar causa uma convulsão nos salões de chá da cidade. Sabe-se, por exemplo, que o lorde prefeito de Londres oferecera Mansion House para sediar o baile. Que mais de vinte violinistas já foram contratados, ao dobro do preço, para tocarem por toda a noite. Que são esperados quase mil convidados, sem contar os penetras, e da nobreza, só da Câmara dos Lordes serão seis duques, dois marqueses, trinta condes, quatro viscondes e uns quinze barões.

“Este Beckford é muito rico, suponho?”, pergunta Érico.

“Ele fede a dinheiro, querido. É praticamente dono da Jamaica”, diz Fribble. “Ou, como gosto de dizer, ele é um destes novos deuses do Olimpo, o verdadeiro poder que derruba reis e produz guerras, os titereiros da economia e de nossas vidas. E eles sabem disso. O próprio Beckford adotou este tema para sua festa: Zeus no Olimpo, relâmpagos em mãos prontos a fulminar os mortais. Contratou um dos irmãos Adam para cuidar da decoração, e diz que o baile irá rimbombar ‘como um trovão’ ecoando durante dias.”

Flechette entra com três ingressos numa bandeja. Fribble mandara buscar o que ainda houvesse disponível dos espetáculos musicais, nada tão pomposo como uma ópera, apenas uma boa peça musical inglesa, e o mordomo

comprara para o Teatro Real Drury Lane, não muito longe dali. Fribble pede que o aguardem por um instante enquanto troca de trajes, nada muito exagerado, apenas algo mais frugal e adequado ao *rendez-vous* social dos teatros. Surge exuberante numa casaca de brilho verde-metálico, com uma peruca de rolinhos e um chapéu tricorne de plumas.

“Isso é frugal?”, Maria sorri maliciosa.

“A tirana de Paris ordena, não é por estarmos em guerra que desobedeço”, justifica Fribble.

– Que tirana? – Érico murmura.

– A mais terrível de todas, querido – explica Maria. – A moda.

Meia hora depois, os três já se acotovelam na entrada, em busca do folheto com a programação: primeiro será apresentado um revival da *Ópera dos Mendigos*, de John Gay, em três atos, seguida por uma popular farsa chamada *Love-a-la-Mode*, com promessas de músicas e danças. Fribble corre os olhos pela escalação do elenco e solta um sonoro e perturbado *fuck*.

“Que houve, querido?”, pergunta Maria.

“É Garrick. Ele está na peça! Maldito seja Flechette, deveria ter verificado antes de comprar. Este é o teatro dele, afinal de contas.”

“Sinceramente, querido, achei que já houvesse superado isso hoje em dia.”

“*Jamais*, querida! Há coisas que não se podem perdoar, e o que ele me fez é destas.”

“Muito bem, então apenas não o aplauda, e ficamos bem.”

“Mas ele é um bom ator, afinal, e a arte deveria estar acima dessas coisas, não?”

Érico se intromete: o Garrick de que falam é David Garrick? O “grande Garrick”? Sendo um leitor tão dedicado a Shakespeare, era impossível para Érico não ter ouvido falar daquele que era o maior intérprete de sua época, e responsável por resgatar os textos originais do bardo e transformá-lo no grande

autor nacional inglês. Primas de sua mãe viviam escrevendo-lhe sobre as performances. Havia poucas pessoas vivas que Érico idolatrasse sem nem mesmo conhecer, e David Garrick era uma dessas. Talvez Fribble pudesse apresentá-los, ou seria a natureza de sua querela tão grave assim? Fribble dá de ombros, e os três cruzam o *foyer* rumo à cabina.

O teatro: o burburinho, as deliciosas coleções de tipos reunidos na plateia. Os lacaios e cocheiros nas galerias superiores, onde os ingressos são mais baratos; os artesãos com suas esposas e filhas nas galerias centrais, as damas e cavalheiros nos camarotes, e toda variedade de classes e gentes misturada na plateia, a disputar os assentos da *parterre* no tapa, para não precisar ficar de pé nos corredores laterais entre as poltronas. Para quem está na plateia, o mais democrático dos ambientes; para quem estará no palco, a mais inclemente ditadura. Maria leva o lornhão ao rosto e cutuca Fribble: “Não é aquele seu amigo Billy Dimple que está ali? Ao lado de sir Diddle?”

“Voltaram a se falar, pelo visto.”

“Mas nem sabia que haviam brigado de novo. O que houve dessa vez?”

“A mesma discussão que divide nossa doce comunidade há décadas, querida: qual das divas foi a maior, se La Faustina ou La Cuzzoni. Chegar-se-á ao fim dos tempos sem um veredicto.”

No que Érico, desinteressado, os interrompe: “O que você tem contra Garrick, afinal?”

“Melhor seria perguntar o que Garrick tem contra mim”, retruca Fribble, com um muxoxo. Troca um rápido olhar com Maria, que sabe bem ser aquele um assunto do qual não gosta de lembrar, e por fim ergue os ombros, decidido a contar. “Há catorze anos, quando eu era ainda mais juvenzinho do que agora... podemos até dizer que *mergulhado no frescor da vida*, um tanto sensível e delicado talvez, tendo deixado minha Edimburgo natal e recém-regressado do meu *grand tour*, deslumbrado com o mundo, por algum devaneio conformista

fui levado a crer que seria uma boa ideia me casar. Foi quando passei a frequentar a sociedade e fiz a maior parte dos meus amigos. David Garrick já era ‘o grande Garrick’, e eu não o conhecia melhor do que conheço alguém cujo rosto nos acostumamos a ver nas festas sendo apontado como ‘ali vai o grande Garrick’. Talvez tenhamos trocado uma ou duas palavras, na casa de amigos em comum. Qual não foi minha surpresa quando, na estreia de uma comédia escrita por ele, descubro que um personagem tem o meu próprio nome! E que nada tinha a ver comigo, era uma paródia grotesca feita para contentar o vulgo, cheio de ideias preconcebidas sobre... sobre... nossa gente. Você sabe, jovens aculturados que retornam do continente com um gosto mais, como direi?, amplo. E querido, que mal há em se usar uma peruca um pouquinho avantajada, ou em tratar as mulheres e uns aos outros com refinamento e delicadeza? Aos olhos do caipira, toda elegância vira afetação, pois o provinciano não tolera novidades. Isso o confronta com as próprias limitações de seu conhecimento, pois ao conformista, nada é mais terrível que cogitar a possibilidade de que não se viu nem se sabe tanto assim do mundo.” Fribble deixa Érico fascinado: tornar-se alvo de um *roman a clef* é o tipo de coisa da qual se lê na biografia de pessoas interessantes. Não fosse seu temor supersticioso em chamar atenção, poderia sonhar com o mesmo para si algum dia. “Mas, enfim”, continua Fribble, “a peça foi esnobada pela crítica, embora tenha feito certo sucesso de público. E desde então, não me faltaram cocheiros desaforados a perguntar: ‘Como vai o dedo mindinho, mr. Fribble? Onde está sua *margery*, Excelência?’”

– Quem é Margery? – Érico pergunta à Maria, em português.

– É uma gíria, querido – explica ela –, para *maricas*.

“Deve ter sido horrível passar por tudo isso”, apieda-se Érico.

“Oh, eu tinha meus amigos para me dar apoio. E tomaram tudo como ofensa para si.”

“Como se ser um macaroni fosse o mesmo que ser superficial e fútil”, completa Maria.

“Oh, não, querida! Essa é *exatamente* a questão! E se a superficialidade e a futilidade forem parte da nossa proposta estética? Qual o problema disso? Já não há tragédias o suficiente na vida, todo santo dia? Por um acaso vão me dizer que não se pode sorrir, pois ainda há tristezas n’algum lugar? Por acaso a um homem acorrentado não se permite conversar de outro assunto que não sejam grilhões? Futilidades e superficialidades são as doces coberturas dos amargos confeitos da vida! São os confortos que nos fazem esquecer a gravidade dos nossos problemas, tratando com leveza aquilo que é sério, e com seriedade aquilo que não tem importância alguma. Afinal, há coisa que nos faça sorrir mais do que uma conversa sobre algo completamente superficial? Há algo de muito triste naqueles que não têm o dom da leveza. Existem e vivem apenas para cumprir funções. Não são gente, são ferramentas da máquina do mundo.”

“Mas você vive no centro do mundo”, observa Érico. “O que dizer para quem está nas margens? Como falar da cobertura de confeitos para um escravo que vive de carregar barris de excrementos todo dia até o mar? Me parece cruel falar-lhes de coisas que nunca terão.”

“É você quem está dizendo que nunca terão, meu caro”, retruca Fribble. “A única crueldade que vejo é privá-los de sonhar com algo melhor. Mas aqui não é muito diferente. Não há escravos como nas colônias, claro, mas há os assalariados.”

Érico não entende o que ele fala. Maria explica que ali os artesãos já não costumam trabalhar mais em suas próprias casas ou oficinas; “ao invés disso são aglomerados em galpões, subordinados a regras comuns e com horários ditados por um supervisor”.

“Tipo um feitor de fazenda?”, sugere Érico.

“Sim, mas sem chicotes.”

“Ainda assim me parece opressivo.”

“É o futuro, querido”, complementa Fribble. “O que só corrobora minha teoria: se não te permitem sonhar com confortos, mesmo que inatingíveis, de que serve a própria vida? O que será de nós quando formos privados da imaginação? Mas a peça já vai começar, então resumirei minha história: não guardo rancores. Garrick é um poltrão talentoso, e me reservo o direito de reconhecer tanto sua imbecilidade quanto seu talento. De resto, aprendi a me defender dos maldosos.”

Por um instante, a trajetória descendente de uma casca de laranja, arremessada das galerias superiores por algum labrego, os distrai. Vai parar dentro do decote de uma senhora na plateia baixa, e um xingamento feroz sobe de volta. Érico retoma: “O que você quis dizer?”

“Aprendi a me impor”, diz Fribble, que gira o castão da sua bengala de caminhada, revelando dentro uma lâmina afiada. “Um cavalheiro precisa fazer bom uso de seu bastão.”

“Para ser sincero, sempre preferi a pistola.”

“Hum, tenho certeza de que o senhor possui uma excelente...” mas Fribble não completa a frase, pois Maria o encara com um erguer de sobrancelha. “Foi-me dito que quanto maior o comprimento do cano, mais potente é a rajada, será verdade?”

“Uma pegada firme também ajuda.”

“Meninos”, sussurra Maria. “A peça vai começar.”

Ergue-se a cortina. Palmas, silêncio, a peça começa. A trama é uma paródia das óperas italianas, com salteadores no lugar de heróis e prostitutas ao invés de princesas, mas possui uma peculiaridade curiosa: a base de sua trama é cheia do que se convencionou chamar de clichês e chavões, e em geral isso bastaria para fazer com que narizes exigentes se contorçam com tudo o que se julga de apelo

fácil ao vulgo. Mas com frequência esquece-se de que, quando usados com esperteza, o efeito prazeroso que produzem não é o da previsibilidade, longe disso, mas da *expectativa* de previsibilidade, que estabelece uma compreensão rápida da trama e deixa o autor livre para subverter toda e qualquer convenção – e se souber manipulá-las com habilidade e criatividade, cria o mais fervoroso *frisson*. Em meio ao primeiro ato, Érico tem a impressão de ouvir o costumeiro tilintar do aço quando dois sabres se encontram, mas não há duelo no palco. Mais tarde, ao voltar do intervalo, Fribble fofoca que dois cavalheiros estavam a resolver suas diferenças nos corredores. Érico fica impressionado: um duelo de honra? Em plena ópera! Terá sido por amor a alguma dama? Mas Fribble ergue os ombros, desinteressado: quem se importa? É um incômodo tão corriqueiro, apenas mais um par de exaltados que não encontraram lugar melhor para resolver suas querelas e vieram atrapalhar o divertimento alheio – coisas assim acontecem noite sim, noite não. Quando não é isso, são damas que se estapeiam ao descobrirem serem amantes do mesmo homem – o teatro é o maior dos passatempos, mas há quem considere a peça o menos importante. E eis que chega ao fim: antes das palmas, porém, o inquieto Fribble se levanta, pede licença e se despede, pois quer evitar o dilema moral de aplaudir, por honra à arte, um desafeto. Mas não sai sem antes pôr a mão sobre o ombro de Érico e dizer: “Espero encontrá-lo em breve na Lua.”

Érico não faz ideia do que ele quis dizer.



Uma hora mais tarde, encontramos Érico subindo as escadas para o quarto, exausto. A cidade o atacou com tudo o que tem de melhor e mais intenso, cores e sabores, informação demais para assimilar. Vê a luz de velas que escapa pela porta entreaberta da biblioteca, uma saleta de estantes e poltronas

confortáveis, onde encontra Armando lendo Winckelmann à meia-luz de um castiçal.

– E então, como estava o teatro? – pergunta.

– Dramático. – Érico se deixa largar numa poltrona macia, afundando dentro da própria casaca, estica as pernas e larga o chapéu na mesinha ao lado. Aquela cidade tem sido um assalto aos sentidos, e quatro dias já lhe pesam como quatro semanas. Tantas pessoas, tantos lugares, tanta informação são como um labirinto sem corredores, mas com muitas trancas.

– Belo chapéu – diz Armando.

– Obrigado. Seu amigo Fribble também gostou.

– Bill Fribble? Então... ele encontrou vocês? – Armando esconde mal a ansiedade, no que Érico julga ver uma ponta de ciúmes.

– Ele sabia onde estávamos, para nos encontrar? – Érico, desconfiado.

– Eu, hum, posso ter falado de você para ele, assim meio *en passant*, e ele ficou, hum, empolgado com a possibilidade de te conhecer.

– Sim, foi conosco ao teatro, inclusive. Tem um bocado de personalidade, esse seu amigo.

– Acho ele é por demais um *rake*, para ser sincero.

– Um rastelo? Como assim?

– Não, como em *rakehell*. Desculpe, esqueci a palavra em português... tipo um libertino.

– Achei que ele fosse seu amigo.

– E ele é, não falo como ofensa e ele tampouco se ofenderia. Mas acho que é uma parte dele um tanto exagerada... fora de controle, talvez. Um pouco demais para meus pudores. Nessa vida há quem prefira à la carte, e há quem prefira comer à vontade no bufê – marca a página com uma fita colorida e põe o livro de lado. – E então, comprou suas roupas novas? Saiu muito caro?

– Obscenamente caro.

– Ótimo. – Armando sorri vingativo e satisfeito, e volta sua atenção para o livro.

Até a noite da festa, Érico tem uma semana inteira para descobrir a cidade e acostumar-se com sua geografia. Mas isso é durante o dia. Precisa encontrar algo de interessante para fazer à noite.

– Diga-me, Armando, você que me parece ter muitos contatos nessa cidade, se um cavalheiro busca certo tipo de entretenimento que necessita de discrição, você sabe, boa bebida e boas companhias... Com certeza, numa terra de tantas possibilidades, não devem faltar opções.

Armando sorri, malicioso.

– Sim, creio que conheço um lugar para lhe indicar.

Érico lhe aponta o dedo e estrala a língua. Levanta-se da poltrona, já sonolento, e anuncia que irá se recolher à sua cama. Armando o chama antes que saia: preocupa-se com a questão do baile, não quer fazer pouco caso das habilidades de dissimulação de Érico, mas é preciso que saiba que a sorte de gente que encontrará lá, os mais ricos, a nobreza, os principais embaixadores, são gente cuja astúcia é proporcional às ambições, gente que o esmagará pelo caminho sem nem se dar conta.

– É um terreno pantanoso – conclui Armando. – E talvez um palco diferente daquele no qual você costuma atuar, se me faço entender. Não quero vê-lo com as calças na mão.

– Não quer? – Érico sorri, em surpresa fingida. Cobre um bocejo com a mão, abre os braços e junta as mãos às costas fazendo estalar os ombros. – Meu querido, o palco se faz onde está o ator. E o bom ator não atua para a plateia, atua para Deus; a plateia apenas testemunha. E, modéstia à parte, eu sou um ator muito bom. Confie em mim.

## 6.

### O BAILE DO TROVÃO

Uma semana depois: como no sonho de um poeta perturbado, a grandiosidade contundente de tambores e violinos ecoa abafada num entardecer cinzento pelos céus de Londres. A multidão se aglomera em frente à Mansion House para ver a chegada das carruagens e as finas roupas dos convidados. Não quer: exige. Soldados mantêm a turba a distância, criados com lanternas venezianas iluminam o caminho; a cada coche que desembarca seus passageiros, uma dupla de artistas orientais gira nas mãos suas tochas e cospe uma bola de fogo: o sono da razão produz festas monstruosas.

Um tálburi para. Vem o lacaio, abre a portinhola e baixa o estribo. Um pé se apoia na escadinha: sapatos de couro preto com fivelas de prata cravejadas de brilhantes, saltos vermelhos à moda de Luís XV. Desce a figura ereta e casualmente serena de um homem elegante, casaca num azul-naval bem escuro, gola alta e rija dando ao rosto a elegância de um busto esculpido – rosto este que vem empoadado, pálido como mármore e rosado nas bochechas. O toque final: uma pinta de tafetá debaixo do olho. Debaixo da casaca veste colete de brocado, trespassado por duas fileiras paralelas de botões; em pano cinza-escuro com flores e gavinhas bordadas em fios de prata, criando tons de brilho metálico. Nas pernas, meias de seda branca sobem até os joelhos, atadas por ligas ao calção azul-naval bem justo, modelando as coxas. No pescoço, o jabô cai com graça por sobre o peito, encobrindo a camisa de linho cujos franzidos e babados escapam pelas mangas, envolvendo seus punhos nas mais ricas rendas.

A peruca é pequena, escolhera uma de cabelos morenos da mesma cor dos seus, com um par de rolinhos acima das orelhas e terminando num rabo de cavalo que vai dentro de uma bolsa de seda negra fechada com fita azul. Se a roupa faz o homem, o figurino faz o personagem. Quando olha para cima, para aquele edifício monumental e robusto como um titã constringido pelos prédios ao redor, com seu gigantesco pórtico de colunas coríntias a vazar luz e música, sorri satisfeito consigo mesmo: nasci para isso, é hora de abalar. Entrega seu cartão. Um criado pede que o siga. Atravessa salas e galerias. A música que ecoa surda e distante vai crescendo. Seu nome é cochichado ao ouvido do laçao da porta.

“O barão de Lavos!”, anuncia o laçao, golpeando o chão com um grande cetro.

Luz e som o envolvem e absorvem. No mesmo instante em que entra, a orquestra inicia o concerto número dois do *La Stravaganza* de Vivaldi. No Salão Egípcio de Mansion House, que de egípcio tem só o nome, Érico sente algo próximo do arrebatamento: um grandioso salão oblongo de teto abobadado, percorrido de uma ponta a outra por imensas colunas compósitas, circundado por galerias balaustradas no segundo piso, e terminando de cada lado em grandes vitrais. Milhares de velas queimam o espermacete de baleias que inundam o salão de luz, velas que se distribuem por infinitos lustres e castiçais – infinitos sim, pois seus lumes são multiplicados por espelhos, mergulhando tudo numa aura dourada que tilinta com o espocar multicolor de cristais. É pó de fadas, é o brilho do Olimpo, tudo ali é imperioso, epopeico e brutal: como nas igrejas, construídas para fazer o homem pequeno frente à magnificência divina; exceto que ali é o templo de outro tipo de poder.

Alguns rostos se viram para observar o recém-chegado e se desviam desinteressados. Respira fundo e esboça um sorriso vago e genérico, retribui os olhares curiosos das damas com um “boa noite” como se as conhecesse de

longa data – ao se afastar, escuta “quem é o cavalheiro que acaba de chegar?”. Sim, deixe que perguntem. Copos tilintam, vozes que murmuram tentam se fazer ouvir acima da música, o sapatear dos pés no grupo que dança quadrilhas ao centro do salão, a agitada cacofonia de uma festa que atordoia os sentidos. Em meio ao cabelame, perucas de madames e macaronis se sobressaem como torres de catedrais na linha do horizonte: são torres de cabelo em caracóis, em cachos, em anéis ou ondas, frisadas, riçadas ou enroladas como conchas de berbigões. Olhe só, ali está o coque *carro triunfal*, o coque *moinho de vento* e o penteado *montanha do Japão*, coisas que só conheciam pelos catálogos de modas que vinham do reino ao Brasil, mas que na colônia quase ninguém usava, pois o calor inibe e, no mais a mais, junta piolho, pensando bem é melhor até tomar distância. Passa por um macaroni franchinote que carrega nos braços um abacaxi com a pompa de um orbe real, são loucos esses europeus. Chega um criado, e na bandeja oferece daquelas taças de bojo baixo e largo (moldadas, segundo a lenda, do seio de uma mulher) com seu *vin de Champagne* dourado e borbulhante. Érico, sabendo-se alvo de olhares, pega a taça com elegância pela haste, com o polegar e dois dedos – jamais três! Opa, que aquelas duas ali o encaram, são parecidas, decerto irmãs. Cochicham, risinhos, e a mais velha abre o leque: varetas negras de casco de tartaruga com entalhes folheados a ouro, na seda foi pintado o desenho de um casal de noivos frente a um altar a Himeneu – decerto que só o leque custa o seu soldo inteiro, coisa assim não se vê lá na colônia pois o governo... concentração, Érico! Ela ergue o leque na mão esquerda frente ao rosto, certamente um código que ele desconhece. Ele faz uma careta confusa, ela fica frustrada.

“O Chevalier de Balibari!”, anuncia o laçao, golpeando o chão com o cetro. Érico volta-se para o recém-chegado, outro pomposo, com maquiagem em excesso e um tapa-olho. Não lhe interessa, e volta sua atenção para o centro da festa: ali, a qualquer momento, um daqueles homens com cálices em mãos a

conversar nas rodinhas pode se revelar o anfitrião. Érico se deslumbra com artes e com ofícios, mas raramente com pessoas – já conhecera sua cota de figurões, quase todos tão centrados em si próprios que esquecem o mundo ao redor. Para eles, executa sempre o mesmo jogo mental: observa-lhes bem o rosto e se lembra de que, seja quem for, todos usam um penico. Mas não pode deixar de pensar que é atraente, e potencialmente útil, conhecer aquele de quem ouvira falar a semana toda, conforme o assunto do baile foi dominando as conversas de praticamente todas as rodas a que fora apresentado. Beckford. O único herdeiro da família mais rica da Jamaica; dono de umas trinta plantações de açúcar, proprietário de vinte e dois mil acres de terra e senhor da vida e da morte de três mil escravos que, quando lá vivia, comandava com mão de ferro. Em Londres, sabe-se que mantém um verdadeiro harém de amantes espalhadas por toda a cidade e um sem-número de bastardos, mas que este que há pouco nasceu foi seu primeiro herdeiro legítimo. Dizem que sua fortuna ultrapassa agora a casa do milhão: será o primeiro a morrer *milionário*. Sua influência é tanta, dizem, que não teme afrontar ao próprio rei, se necessário for lembrá-lo de que mesmo o poder régio ali na Grã-Bretanha fora limitado por uma *feliz* constituição numa *necessária* revolução gloriosa. E com gente assim Érico nunca deixa de se perguntar: estará isso escrito em sua face? Converter-se-ia tal soma tirânica de poderes em algo físico ou sonoro, como uma reverberação ao redor?

“Lorde John Trelawney e o doutor David Livesey!”, anuncia o laçao, batendo com o bastão. Circulando, Érico, circulando, pois Armando e Maria já devem estar ali, vieram mais cedo junto do embaixador e urge encontrá-los. Precisa de um rosto familiar que o apresente aos outros. Larga a taça vazia na bandeja de um laçao que passa, e só agora nota que ali todos os criados vestem casacas de um vibrante azul-ultramarino – das cores a mais cara. No centro do salão, oito pares que dançam uma *polonaise* em passos ágeis, saltitando para os

lados, para a frente, rodopiando, trocando de posições e batendo palmas sob o olhar cansado dos mais velhos. Tanto tempo que não dança que deve ter enferrujado. Espere, é Maria dançando lá...?

– *Darling!* – A voz musical e aguda surge ao seu lado. Érico vira-se para encarar Fribble: o traje inteiro de um branco luminoso, as enormes mangas nos punhos com quase um palmo de comprimento, engomadas e rijas como lâminas, o lenço cor creme no pescoço é amarrado num vistoso nó borboleta, e sua peruca morena se projeta num topete estilo Pompadour.

Érico sorri. Fribble, com seus excessos vibrantes, é o tipo de pessoa capaz de revitalizar a energia de alguém apenas com sua presença. Érico abre os braços, palmas para cima, à espera de uma avaliação dos novos trajes.

“Sim, você está um ar-ra-so, querido”, diz Fribble. “Estava eu ali no cantinho, dando uma conferida no seu, hum, material, sem nem perceber de quem se tratava, quando então me dei conta: ‘menina, conheço o alfaiate deste que aí vai’. Particularmente gosto de mais pompa, mais brilho, mais tudo, mas devo dizer-te que a sobriedade cai muito bem em Vossa Senhoria. Como se sente?”

“Alto. Não é de meu costume usar saltos assim.”

“Querido, o salto alto é *de rigueur* para um homem de importância em qualquer corte. Até mulheres estão usando agora”, diz Fribble. “Além disso, empina a bunda. Não há mal algum em exhibir o que se tem de melhor, não acha?”

Érico enrubesce, o que passa despercebido por baixo de tanto pó de arroz.

“Érico não é um pavão, ao contrário de uns e outros”, retruca Armando, que surge ao seu lado em traje de veludo verde-listrado, com o zelo de pai pela honra da filha favorita.

“Armando, *ma bichette*, se bem me lembro, você adorava ver o rabo d’um pavão abrir.” Fribble termina a bebida e a larga descuidado no pé de um

castiçal. “E falando em rabos, não tens que ficar lambendo o do seu chefinho insuportável, não?”

“Ele não precisa de mim no momento”, ergue os ombros, aliviado. “Deixei-o conversando com o embaixador de Avilan.”

“Vanolli Berval? Um sujeitinho traiçoeiro. O que querem vocês portugueses com Avilan? Vocês podem falar a mesma língua, mas eles estão no bolso dos franceses.”

“O de sempre. Pleitear a intervenção deles no assunto daqueles navios.”

“Urgh”, Fribble revira os olhos. “Por que me parece que, depois de certa idade, os machos da espécie humana não conseguem mais falar de amenidades, é preciso sempre tratar de assuntos ‘vitais’ a todo momento? Como se alguém nesse salão pudesse acabar com a guerra hoje.”

“Há tantos embaixadores aqui, que talvez alguém possa”, sugere Érico.

“Oh, isso seria extremamente vulgar!”, protesta Fribble. “Há lugares mais apropriados para isso. De todo modo, que sei eu? Ao menos é uma moda que já se vai... e vai tarde.”

“Que quer dizer? Qual moda.”

“Não alimente a fera, Érico”, diz Armando, “ou ele começará a filosofar.”

Fribble faz-lhe um beicinho, e volta-se para Érico: “A moda de conversas, querido. Elas se dividem em dois estilos. O primeiro, aquele fluxo contínuo de ideias, hermético e pesado, que se alimenta do próprio senso de importância, e que predomina onde quer que prevaleçam os inimigos da elegância. Um saber que se arroga masculino, cheio de pompa e pretensa seriedade. Mas é uma tendência que já se evapora, a cada dia mais obsoleta nos salões. Não está nada, nada macaroni. Já o segundo estilo, ah, este sim... é leve, solto, desconexo. Pequenas porções de sentimentos, fatias suaves e charmosas de amenidades, o doce prazer da conversa jogada fora que... ai, queridos! Estamos aqui a beber de barriga vazia! Isso nunca funciona. Venham, vamos até ali à mesa do bufê.”

“Sir Edward e lady Waverley!”, anuncia o laçao, e bate o cetro no chão, enquanto os três se acercam de uma larga mesa com pratos de comida dispostos em elaborados arranjos simétricos: canapés de salmão defumado, ostras, crostinis de queijo e tocinho decorados com folhas de agrião, ovos recheados com cremes de queijo e lascas de faisão cozido, formando círculos concêntricos ao redor de uma escultura de fragata inglesa folheada a ouro, a servir de centro de mesa. Tão exuberante é aquela apoteose de excessos que Érico sente-se intimidado em comer e desfazer o arranjo. Não que isso seja um problema sem solução: o pequeno exército de lacaios, vestidos todos iguais em librés azul-ultramarino, repõem os acepipes de modo a jamais se perder o efeito estético e simétrico.

“Deve haver um batalhão de cozinheiros abaixo de nós”, observa Érico.

“Oh, sim, tomados de empréstimo de quase todas as padarias da cidade”, confirma Fribble, que parte a enumerar uma relação detalhada: foram comprados para aquela noite cerca de trezentos perus, quarenta faisões, seiscentos frangos, cento e cinquenta galinhas, dezesseis cabritos, cinquenta patos, vinte leitões, setecentos carneiros, mil e quinhentas peças de caça miúda e uma quantidade incalculável de salmões, camarões e peixes grandes que despovoaram o reino de Netuno. Acompanhados, claro, por duzentas e trinta variedades diferentes de saladas.

Érico se impressiona com o detalhismo da memória de Fribble, e com o tanto que sabe de uma festa que nem é sua. Já Armando se resume a revirar os olhos com o exibicionismo do amigo.

“Um passarinho me contou tudo isso”, gaba-se Fribble. “Sempre há um passarinho pousando em meu ombro com algo para me contar.”

“Sim, um passarinho. Às vezes, até um pinto”, completa Armando. “Ora, sei de algo que talvez você não saiba. A condessa de Coventry, Maria? Morreu semana passada.”

“Não!”, Fribble leva a mão ao peito, num choque exagerado.

“Amiga sua?”, Érico pergunta.

“Não...”, Fribble faz uma careta indiferente. “A conhecia apenas de vista. Tão jovem! Tão bonita! E você poderia pintar a quilha de um navio com o que ela colocava de maquiagem naquele rostinho. Dizem que o marido já a perseguiu ao redor da mesa de jantar com um lenço, tentando limpá-la!” Os três gargalham. “Mas de que morreu a pobrezinha?”

“O chumbo no ruço e no pó de arroz contaminou seu sangue”, completa Armando, “a pele encheu-se de erupções e pústulas, e ela morreu desfigurada. Uma vítima da moda, suponho.”

Os três ficam em silêncio.

“Como eu dizia, sobre a leveza da conversa...”, retoma Fribble.

“Você defendia a superioridade do fútil sobre a conversa séria”, retoma Érico. “Mas esquece que, quando dois cavalheiros debatem ideias opostas, é uma forma de duelo. Por isso a necessidade da seriedade e da autoimportância. São as pedras que afiam os argumentos.”

“Mas se alguém tem tanta certeza das próprias opiniões, que interesse teria em estabelecer qualquer conversa?”, questiona Fribble. “Além disso, chamados ao duelo não passam da típica coerção dos argumentos masculinos. Ora, meu bom barão, sei que você pode mais do que isso! Afinal, um Homem Elegante deve ser a melhor das companhias. Deve surpreender seus ouvintes com pequenas tiradas de imaginação; não uma bajulação vulgar, tampouco uma réplica espertinha, nem pode chegar tão baixo ao ponto de se tornar astuto. É uma questão de momento e oportunidade: sempre haverá aquela hora em que a festa arrefece, os ânimos ficam lânguidos e sonolentos, e o que um galante faz nestas horas? Usa seu talento! Chega próximo de uma dama...” Fribble vira-se para Armando e põe a mão em seu ombro, como se chamasse sua atenção, “e com a cara mais facécia, diz: ‘madame, que vestido fabuloso! Mande matar a

costureira antes que faça cópias!” Fribble gargalha da própria piada. “Claro, não precisa ser tão espirituoso, mesmo uma obviedade tremenda e intencional já serve, pois este é o talento do Elegante. Um pequeno elogio, nada mais, e então algo em seus modos...”, Fribble gira o pulso de modo afetado, erguendo a palma para cima, como se oferecesse algo aos céus, “ou algo em sua voz...”, gira os dedos pela garganta, “reanima as pessoas como que por magia: volta-se a conversar, a trocar palavras, riem do próprio ridículo de sua tirada, mas riem, conversam, e a noite se reanima. Crê ser este um talento menor? É necessário um artista para conjurar algo do nada, um mago da restauração da alegria e do prazer da convivência. Aqui, rapaz!”, faz o lacaio se aproximar e os três pegam novas taças de champanhe.

“Um brinde, então?”, propõe Érico.

“À superficialidade sensível”, sugere Armando.

“À alegria de viver, apenas”, determina Fribble.

O lacaio anuncia: “Sir David Balfour e lady Catriona!”, e bate o cetro. Armando murmura: vejam ali quem vai, e aponta não os recém-chegados, mas um homem de rosto oval, grandes olheiras e um bigodinho fino e ridículo sobre o lábio superior. Érico dá de ombros, perguntando se deveria saber quem é. Pois aquele é o conde de Fuentes, embaixador plenipotenciário da Espanha, que ali está acompanhado por uma mulher que Armando nunca viu antes, mas que com certeza não é sua esposa, e busca o olhar de Fribble na expectativa de que revele sua identidade.

“Eu não conheço *todo mundo*, querido”, esquiva-se o macaroni. “Não ainda, pelo menos.”

“Malditos castelhanos”, Érico deixa escapar uma raiva sincera. “Como os detesto!”

“Ora, não deixe suas divergências políticas se tornarem opiniões preconcebidas sobre toda uma gente, querido”, Fribble retruca, mais

diplomático que os diplomatas. “Eu, por exemplo, *adoooooro* tudo o que vem da França. Exceto os franceses, claro.”

“Não sei como lidam com isso por aqui, Armando”, diz Érico, “mas no Brasil os malditos espanhóis nos invadem o tempo todo, indo e vindo pela nossa fronteira de um modo muito...”

“... promíscuo, talvez?”, ri Fribble. “Longe de mim querer afirmar quem penetrou quem primeiro, mas se me permite uma visão do assunto com mais distanciamento crítico, ou mais bretão, se preferir, não vejo que autoridade um velho eunuco no Trono de São Pedro teve para dividir um continente inteiro entre vocês e os espanhóis, e deixar o resto da Europa de fora. Mas, vamos, deve haver algo que você admire nos espanhóis e não saiba! O vinho, por exemplo? O vinho é excelente.”

“O português é melhor”, rebate Érico.

“A música, então?”, insiste Fribble.

“A portuguesa é melhor.”

“Eles trouxeram o chocolate ao mundo, oras.”

“Qualquer freira portuguesa faz doces melhores com açúcar e ovos.”

“E que tal a literatura? Cervantes, afinal, e seu Dom Quixote...”

“Bah! Não chega aos pés de Camões!”

“Prosa e poesia não se comparam, querido. Ora, deve haver algo que você admire neles.”

“Nada.”

“Nada?”

“Nada”, repete com teimosia.

“Oh, céus”, Fribble finge assombro. “Duro como pedra.”

E o laçao anuncia: “O reverendo Gleenie e a senhorita Grace Maskew!”, e bate o cetro. A orquestra encerra uma música e começa outra. Os três ganham um rápido vislumbre de Maria dançando em meio aos pares. Armando se

preocupa: não estaria ela bebendo demais, dançando demais, ainda que seja bom ver Maria distraída e feliz?

“Deixe ela se divertir, você não é o tutor dela”, resmunga Fribble, “e ela está melhor agora do que jamais esteve. Espero que aqueles tempos negros não voltem nunca mais.”

Érico fica surpreso: como assim, do que falam? Do pouco que conhecera até agora, Maria lhe pareceu perfeitamente avoada e feliz. Que tristeza pode haver na vida de uma jovem cujas únicas preocupações são os próximos sapatos a comprar, ou que danças serão tocadas no próximo baile? Iria mais longe a dizer que, assim como Fribble, ela parecia impermeável a qualquer preocupação mais séria.

“Você não sabe?”, Fribble o questiona com um erguer de sobrancelha, voltando-se para Armando num tom sério e ríspido: “Você não lhe contou?”

“Não faço fofocas de meus amigos”, defende-se Armando.

“O diabo que não faz!”, grunhe Fribble. “Vamos, diga a ele!”

Armando observa Maria dançar e hesita, não apenas por lhe doer na alma ter que resgatar uma história tão triste numa noite tão divertida, como por um temor supersticioso, tipicamente lusitano, de que invocar uma lembrança é atiçá-la. Pois que, há cinco anos, Maria foi, como quase toda mulher de sua classe, obrigada pela família a ficar noiva de um homem que mal conhecia, muito mais velho, e com o qual mal trocara algumas palavras. Protestou: disse que só casaria com quem amasse, como nos romances. Seu pai, culpando-se pela leniência de tê-la deixado encher a cabeça com literatura, acusou-a de viver nas nuvens, de pôr em risco o nome familiar, de cometer o maior e o pior dos crimes, que é a desobediência paterna. Resultado: recusou-se a falar com a filha, enquanto esta não se fizesse sensata. A mãe, igualmente indignada e submissa ao marido, concordou. Somente nas irmãs menores encontrou um pouco de refrigério, e a cisão familiar durou dias. Até chegar a manhã do dia

primeiro de novembro. Dia de Todos os Santos, a família inteira planejou ir à missa. Em segredo, queriam que Maria encontrasse o futuro marido lá, no que ela descobriu a trama paterna e resultou numa discussão feroz entre ela e os pais, que culminou num tapa no rosto. Foi Maria trancar-se ao quarto e chorar, foi-se a família para a igreja. Contudo, movida talvez pelo espírito daquele dia, arrependida das palavras duras que disse à mãe, julgou que não haveria melhor oportunidade para encerrar tudo aquilo do que encontrar o noivo e dizer-lhe à cara o quanto detestava aquele casamento – e o quanto o faria um homem infeliz se a forçasse a casar com ele sem amor. Chamou os criados, embarcou na sua liteira, e mandou partir, com pressa de chegar antes do final da missa. Mas é claro que ela nunca chegou.

Érico se dá conta do rumo óbvio daquela história: “Oh, meu Deus.” Naquele ano, ele já estava de volta ao Brasil; naquele ano estava na fronteira Sul, incorporado ao regimento de dragões de Rio Pardo combatendo os índios missioneiros e os jesuítas, e mesmo estando tão longe da corte em Portugal, ele também teve a sua cota de perdas naquele ano. Pois tantos foram os mortos no Terramoto de Lisboa em 1755, que as consequências abalaram o império português inteiro. Pergunta qual era a igreja, já antecipando a resposta: Santa Maria Maior. A catedral de Lisboa que, atingida pelo tremor no exato momento da missa, desabou sobre os fiéis. Voltaire usou aquilo como argumento para comprovar a indiferença divina com a Criação, Rousseau contra-argumentou que não fora Deus quem amontoara casas sobre casas ao longo dos séculos, sobre estruturas precárias e nenhum planejamento. Lisboa ainda era uma cidade medieval e precária à época. O primeiro tremor durou poucos minutos, causando já danos consideráveis à estrutura dos prédios. Maria, a caminho da igreja, caiu de sua cadeirinha quando os criados foram atingidos por estilhaços de tijolos e reboco que saltaram das casas. Em seguida veio o segundo tremor, um pouco mais forte: quem estava em casa foi para a

rua, quem estava na rua correu, e enquanto seguia caminho em desespero, rumo à igreja, pensava apenas na família, nos pais com o qual se despedira brigada e nas irmãs pequenas.

Então veio o terceiro e último tremor. Os prédios à sua volta ruíram como castelos de areia, o chão rasgou como papel, ela viu pessoas caindo em suas fendas, ela viu crianças sendo esmagadas por paredes. Como Pompeia e Herculano, Lisboa inteira estava sendo destruída. Nas ruínas, a chama de fornos e candeeiros iniciou incêndios, o fogo começou a se espalhar pela cidade. Quando Maria enfim chegou aos escombros da catedral, ficou petrificada como que por uma górgona, incapaz de reagir, a boca aberta num grito mudo que nunca conseguiu tirar da garganta. Conta-se que deve ter permanecido ali por tempo o bastante para não se dar conta de que o mar, que havia recuado no início dos tremores, agora invadia a cidade na forma de ondas gigantes. Ela se deixou levar, desejando morrer. Mas enquanto era arrastada pelas ruas de Lisboa, enquanto era sugada de volta ao mar no repuxo, agarrou-se aos galhos de uma árvore. Algo nela lutou para sobreviver. Conta-se que ali ficou, imóvel, até ser encontrada no dia seguinte, quando as marés se acalmaram e os incêndios se espalharam, o que restava da capital do império português sendo tomado por sobreviventes, entre desesperados e oportunistas – um dos quais tentou cometer nela o mais horrendo dos crimes que se comete com uma mulher. O que restou de Maria depois daquele dia? Não se pode dizer. Martinho de Melo, seu tio e padrinho, a mandou buscar, trazê-la para Londres, na esperança de que a agitação da capital inglesa a distraísse, e de que ali ela encontrasse um casamento sólido que a mantivesse distante das lembranças horríveis do passado.

“Quem somos nós para julgar o que nos outros nos parece superficial?”, diz Fribble. “Quem somos nós para dizer a alguém o que é a realidade do mundo? Um ano depois de chegar aqui, ela tentou...”, mas não completa o que ia dizer,

pois a música se encerra e Maria, tendo os encontrado, se aproxima e toma Érico pelo braço.

– Diga que sabe dançar.

O lacaio anuncia: “O barão Armínio Chuvasco de Rondó”, e bate o cetro, distraíndo Érico, que não tem tempo de responder e já é puxado para o meio do grande grupo que se forma.

– Não seja tímido, Érico querido. Você sabe, uma dama não deve jamais tomar a iniciativa, cabe ao cavalheiro convidá-la. Mas a orquestra vai tocar essa nova melodia da moda, conheces? Chama-se “O salteador cavalheiro”. Faz muito sucesso nos bailes.

– Se é moda, é moda. Me ensine os passos, e sou todo seu.

– Começa como uma *gavotte*, mas os passos são de minueto, depois há uma procissão e termina como uma *allemande*. Entendeu tudo?

Não sabe se entendeu, mas logo irá descobrir. Doze pares se formam no centro do salão, uma fileira de galantes paralela a uma fileira de damas. A orquestra começa. Homens curvam-se em saudação às damas; elas, por sua vez, dobram os joelhos aceitando a cortesia. Violinos. *Jeté*, atrás, frente, *jeté*, atrás, frente, *demicoupé* à direita, *demicoupé* à esquerda. Suas pernas têm uma memória própria, e é com alívio que Érico sente os passos do minueto ressurgirem por instinto.

– Se olhar matasse, eu cairia morta a qualquer instante – murmura Maria.

– Por que diz isso? – Érico, perturbado pela história que ouvira ainda há pouco.

Uma mão às costas, a outra estendida. Aproximam as palmas sem tocá-las. Afastam-se. O movimento se repete, invertendo os braços.

– Sua admiradora me encara feito uma Medusa.

Repetem outra vez o cumprimento, e giram invertendo as posições.

– Quem? – Érico lança um olhar ao redor.

Chega o movimento de procissão, e com ele uma resposta: giram outra vez, cada um tomando a mão do par oposto. A moça com quem Érico parecia é a mesma da entrada, com o leque exuberante, que agora lhe sorri toda coquete com um exagero um tantinho perturbador. Ao fim da procissão os dois giram, e para alívio de Érico retornam aos pares originais.

– Mal deve ter quinze anos – dispensa ele. – É muito nova para mim.

Segura a mão esquerda de Maria com a sua mão direita e ergue o braço; ela gira.

– Julieta tinha treze, Romeu dezesseis – lembra Maria.

Trocam de mãos: é a vez dele girar debaixo da mão dela.

– O amor deles durou três dias e deixou seis mortos. – Para de girar e ergue o braço, ela gira. – Não é minha ideia de romance.

Dão-se as mãos cruzadas, ela gira em seus braços, ele gira nos dela. O movimento termina os deixando muito próximos, a mão de Maria às suas costas.

– E quem é ela, afinal? – pergunta Érico. – Você a conhece?

Afastam-se. Ele gira, ela gira. Sem largar as mãos, aproximam-se, afastam-se, aproximam-se e afastam-se. *Jeté*, atrás, frente, *jeté*, atrás, frente. A leveza e a graça dos gestos o contagiam. Fazia muito tempo que não se divertia tanto assim.

– Lady Catherine Fitzwilliam – diz Maria. – A outra deve ser a irmã, Anne. Muito ricas.

– E um tanto assanhadas.

Ao se aproximarem, entrelaçam-se quase num abraço, e sem largarem as mãos, ele a desenrola como um pião, fazendo Maria girar rápido e sua saia-balão se alarga, dinâmica.

– Não as culpo – diz Maria, recuperando-se. – Você é um barão rico e solteiro, afinal.

– E minha fortuna é tão imaginária quanto meu título.

Outra vez os casais trocam de pares, e outra vez Érico se vê de mãos dadas com a jovem lady Catherine. Linda festa, ela comenta, ele concorda num monossílabo. Atravessam de volta o caminho até a posição inicial do começo da dança. Simetria. Param, viram-se de frente um para o outro, mãos às costas, recuam um passo, viram-se para os respectivos pares e continuam a dança. A garota tem um quê insistente, é um alívio voltar aos braços de Maria.

Aproximam as palmas, afastam-se.

– E o leque, o que significa?

– Que leque?

Invertem os braços, aproximam as palmas, afastam-se.

– Ela fez gestos para mim com o leque.

– Como eram?

Giram ao redor um do outro duas vezes, até voltarem às posições originais.

– Na mão esquerda, em frente ao rosto. Não... na direita.

– Se é na direita, ela quer conhecer você.

*Jeté*, atrás, frente, *jeté*, atrás, frente, e então o *balancé: demi-coupé* à esquerda, *demicoupé* à direita.

– E você acha que eu deveria conhecê-la?

– Depende do que busca em uma mulher.

A música acaba. Os casais cumprimentam um ao outro, e depois cumprimentam os casais ao lado. Lady Catherine lança um último olhar esperançoso para Érico, que puxa Maria para longe do centro do salão.

– O que quer dizer? – pergunta Érico.

– Essas moças ricas do interior, quando vêm à cidade procurar casamento, é porque já estão vendendo o leite sem a nata. Vamos, venha que vou te educar nos códigos secretos femininos.

“A sra. Susan Barton!”, anuncia o laçao, golpeando o chão. Há mais gente agora e é preciso certa malemolência e sinuosidade para escorrer entre as pessoas sem ser brusco. Uma pena de faisão vinda de alguma imensa peruca encosta em seu olho, ele a afasta irritado. Uma senhora pomposa rodeada de jovens interessados e interesseiros exhibe o enorme diamante em forma de octaedro que pende do colar. Há grandes chances de ser uma pedra brasileira – arrancada das Minas Gerais por um escravo, enviada a Lisboa para pagar as dívidas da corte, indo parar nas mãos de algum joalheiro de Haia, que a poliu e incrustou naquele colar, vendendo para algum comerciante inglês, exposta nas lojas da rua Bond até ser enfim adquirida pelo marido, pendendo a rocha ancestral nas carnes murchas da galinha velha.

– Érico, em que mundo você está? Venha, quero lhe mostrar algo.

Ela o conduz até um dos nichos entre as colunas do Salão Egípcio, tira o próprio leque d’algum compartimento secreto no meio daquela profusão de rendas e babados que compõem seu vestido e o abre: varetas laqueadas de negro com detalhes em madrepérola, exibindo na seda chinesa o desenho a guache de um casal sentado à mesa de um chá da tarde, num jardim repleto de flores. Érico se distrai olhando a movimentação no baile, ela lhe dá um tapinha na cabeça com o leque.

– Presta atenção! – Ela repousa o leque aberto contra o lado direito do rosto: – Isso quer dizer um “sim”. – E contra o lado esquerdo do rosto: – Isso quer dizer um “não”. – Fecha o leque e com ele toca a ponta do dedo: – Isso significa “quero falar com você”, mas se me viro e saio carregando o leque na mão esquerda, estou pedindo que caminhe comigo para conversarmos.

Ela fecha o leque e o aponta para a frente como se o estivesse entregando.

– Isso quer dizer que estou perguntando se você me ama.

– E o que eu devo responder?

– O que seu coração quiser, é claro.

– Se eu disser que sim?

Ela coloca o leque contra o peito no lado esquerdo, sobre o coração.

– “Você tem o meu amor.”

– E supondo que eu diga que não?

Ela abre e fecha o leque uma, duas, três vezes.

– “Você é cruel!” – Maria sorri. Olha pelo salão à procura de um exemplo prático e, quando o encontra, sussurra: – Olhe à sua direita, querido. Aquela dama ali.

Ele se vira. Uma mulher pequena, de cinquenta anos, com um leque de varetas de marfim, desenho de ninfas dançando num bosque com fitas nas mãos e rodeadas por bebês anjinhos. Maria faz um movimento rápido com os olhos, direcionando o olhar para cima, para um homem nas galerias do segundo piso, rente à balaustrada. Aquela, explica Maria, é a baronesa Lenilda Eknésia; e aquele, seja lá quem for, não é o marido. A baronesa fecha o leque e com ele toca o olho direito (“quando poderei vê-lo?”, Maria sussurra). O homem tira um relógio do bolso e faz números com os dedos. A baronesa parece hesitar, olha para os lados com discrição. Abre parcialmente o leque, mostrando apenas nove das doze varetas. O homem concorda (Érico consulta o relógio de bolso, são oito e meia agora). Discretamente, a baronesa coloca o leque atrás da cabeça (“não me esqueça”) e, em seguida, toca o lado esquerdo do peito, sobre o coração. O homem da casaca vermelha sorri e toca ele também o próprio peito. A baronesa cobre a orelha esquerda com o leque aberto (“não entregue nosso segredo”). E quando nota Maria e Érico a espiá-la, faz uma careta irritada e gira o leque na mão esquerda (“estamos sendo vigiados”). Afasta-se e some em meio aos convivas. Érico e Maria trocam um olhar cúmplice.

“O conde de Andaluz!”, anuncia o lacaios, e bate o cetro. Érico olha para a entrada julgando ter visto um rosto familiar, mas um criado com uma bandeja

cheia de canapés bloqueia sua visão. Maria sugere subirem até o outro salão de baile, que fora convertido em sala de jogos. Sim, claro, está mais do que na hora. Os dois atravessam o salão rumo às escadas quando um homem ébrio cambaleia e bate nele com o ombro, gira nos calcanhares erguendo o cálice de champanhe e fazendo o líquido dourado girar no suspense de ser derrubado ou não. Não derruba e, num movimento contínuo e suave, bebe o restante antes que se perca. Érico pede desculpas, ainda que pense que a culpa foi do outro, e nem chega a se virar. O homem, contudo, o segura pelo braço e o chama pelo nome.

– Senhor Borges? Érico Borges?

Érico se vira. O rosto do homem está corado e inchado, os olhos enormes e vermelhos por trás da armação redonda dos óculos, a impressão de que segura seu braço mais para encontrar um eixo no qual se apoiar do que para chamar sua atenção, pois o seu próprio eixo já se fora há dois ou três cálices. O Milanês sorri.

– O que é que surge uma vez em um minuto – pergunta, enrolando a língua –, duas em um momento, e nunca em uma centena de anos?

– Não faço ideia. – Érico ergue o pescoço procurando Maria, mas ela já está mais adiante, esperando-o na frente da escadaria.

– A letra M, meu caro! A letra M! Sabia que a largura do M é a medida padrão de um quadratim? O travessão M, meu caro! M de Milanês! É como me chamam, mas, claro, não é o meu nome. Sabe por que me chamam de Milanês?

– Porque você rola em ovo e farinha de pão antes de fritar na panela?

– Não diga tolices. Nasci em Milão. MAGNA EUROPA EST PATRIA NOSTRA. Ah, rapaz, aqui! – Ágil, larga o cálice vazio sobre uma bandeja e já pega outro, bebe tudo num único gole e o ergue vazio a Érico: – MACTE ANIMO! Não é sensacional isso? GENEROSE PUER SIC ITUR AD ASTRA! Faz cócegas no nariz,

mas eu adoro. Escute, apareça na minha livraria essa semana. Descobri algo muito interessante sobre aquela sua pequena charada obscena, algo muito interessante *mesmo*.

– Nada que possa me dar um vislumbre agora?

– Oh, sim: a fonte das suas dúvidas é também a fonte das suas respostas. E a fonte é um homem, que é a própria fonte que procura! Oh, ali está quem procuro. Tenho que ir, há gente esperando por mim. – O Milanês se afasta, oscilante.

– Mas você não me disse nada que faça sentido!

– Baskerville, meu caro – diz, já sumindo entre as gentes. – A sua fonte é Baskerville!

Minha fonte de quê? E quem é Baskerville? São as perguntas que Érico pensa em fazer, mas o livreiro se vai. Quem surge ao seu lado é Armando, a passar o recado de que Fribble e Maria o aguardam lá em cima, no salão de jogos.

“O reverendo Wicks Cherrycoke!”, anuncia o laçao, e bate o cetro. Antes de subir as escadas atrás de Armando, Érico lança um último olhar para o salão, onde novos pares ensaiam novas danças como se presos num moto-perpétuo. Vê uma jovem que gira, a saia do vestido-balão se abrindo suavemente. Érico vê os vitrais estourando e a enxurrada das águas, incoercíveis, a envolvendo e girando e dançando ao redor dela, ele vê a orquestra sendo levada pelas ondas ainda sentada em suas cadeiras, sem nem mesmo parar de tocar; vê as mesas do bufê engolidas pelo turbilhão e os criados até o último momento tentando repor a comida de suas bandejas, vê perucas e vestidos e saltos e joias e riquezas girando e rodopiando e tomados de surpresa pela onda inclemente que a tudo arrasta com a mesma fúria e força, violenta, indiferente, até só restar um belo salão vazio de pedras limpas e frescas; e se pergunta: algum deles tem noção de que aquele mundo está acabando, que são

gigantes lentos e pesados sustentados por varetas finas e frágeis? Algum deles tem a noção de que uma tempestade se avizinha, deve estar, tem que estar por perto, pois não é mais possível que aquele mundo se mantenha? Pois ele viu o que há na periferia do mundo, ele viu a loucura da colonização e se horroriza: como não conseguem ver? Quanto tempo mais supõem que terão, antes que aquele sentimento, que já saiu das beiras e ano a ano ruma ao centro, logo irá bater às suas portas e invadir suas casas e cortar-lhes as gargantas? Os impotentes serão perdoados, o desprezo e o ódio do inimigo, num esforço, talvez sejam compreendidos; contudo jamais houve, e jamais haverá, salvação para aqueles que, em meio à crise, se mantiveram indiferentes, pois deles será o ônus de todo o mal e, como disse Dante, aos indiferentes em tempos de crise será reservado o espaço mais quente do inferno.

## 7.

### TRIMALQUIÃO NO WEST END

**A** bola saltita na roleta sob suspiros ansiosos e eufóricos. Ali o burburinho é menor, pois ao redor das mesas preza-se um silêncio quase religioso: são sussurros e murmúrios, o rolar de dados nos tabuleiros, o clique-clique vidráceo do bico de jarros de vinho contra a borda dos copos. Na mesa de bacará, cumprimenta desconhecidos como se fossem amigos próximos. Uma dama anuncia “banco!” e provoca uma tensa comoção ao perder tudo. Seu jovem *beau* a consola, mas ela o interrompe: garante que *ce’st ne pas important*, e pede que o amante lhe traga mais vinho. Érico cochicha ao ouvido de Armando: Quem é essa? Teresa Cornelys, a “Rainha da Extravagância”. Promotora de bailes e mascaradas, e a responsável por ter organizado este baile para Beckford em pouco mais de uma semana. Érico assente com um meneio e se afasta, flanando por entre as mesas com seu jeito fluido e sinuoso de andar, um gingado elegante de cadência animal circundando em busca de presa.

À mesa seguinte o jogo é faraó. Érico lança um olhar desinteressado para a grande caixa de madeira aberta exibindo a pontuação. Ali está o mesmo franchinote ostentando seu abacaxi nos braços tal e qual um recém-nascido, enquanto faz suas apostas. Érico não vê nada de interessante, e segue. Nas duas mesas ao fundo o jogo é uíste. Numa delas, percebe que um dos jogadores é um negro corpulento e gordo – o único homem de cor que vira até agora naquela mansão.

Aproxima-se sorrateiro. O negro e seu par, um nobre inglês, jogam contra dois cavalheiros estrangeiros – Érico sabe que os de trajes mais cheios de rococós ou são macaronis, ou europeus do continente. Um é o pomposo de tapa-olho que entrara no baile logo atrás de Érico: Balibari. O outro veste uma casaca verde-água com detalhes em *rocaille*. Eis que da parede surge uma voz: “Vinho ou ponche, senhor?” Estava o criado tão imóvel, que até então Érico mal o notara, e o fato de não vestir o libré azul-ultramarino do resto do estafe o faz passar despercebido na condição de criado. Deve ser um fâmulos particular, talvez um valete. Mas de quem? “Vinho”, responde o de casaca verde-água. Com movimentos rígidos, algo militares, o valete pega de um jarro de clarete, serve o amo e retorna ao seu posto, tossindo exatamente três vezes. Pontual como um cuco de relógio.

Érico finge se distrair enquanto apura os ouvidos: o homem da casaca verde-água pergunta se é sua vez de cortar e logo distribui as cartas. É quando Érico percebe um detalhe vital, quem estivesse um passo à esquerda ou à direita não teria notado, mas no rápido mover das mãos distribuindo as cartas, o lume das velas reflete no ângulo certo. Érico percebe o detalhe, a revelação que adiciona novo contexto a tudo – o valete, o vinho, a tosse e as cartas. Contém um sorriso espremendo os lábios e se afasta. Para em frente a uma lareira, de costas para o salão, mas de frente à mesa de uíste, e finge admirar a pintura campestre sobre a lareira. Não consegue ver onde Fribble se meteu, mas Armando e Maria seguem entretidos na roleta. Precisa falar-lhes o quanto antes.

“O senhor aprecia Gainsborough?”, pergunta uma voz grave de barítono. Distraído, Érico não percebeu que o jogo de uíste acabara e o negro pançudo está ao seu lado. Sua pele é escura como carvão, e tem um bigodinho fino sobre o lábio superior. Outro jogador já ocupa o seu lugar na mesa.

“Quem?”

“Thomas Gainsborough. Estás olhando para um quadro dele.”

Érico encara outra vez a pintura, à qual não havia dedicado mais que um olhar desinteressado. Paisagem campestre, grupos desordenados de árvores contra um típico céu cinzento inglês, refletido nas águas paradas de um laguinho onde um grupo de homens corta lenha e conduz mulas. É uma composição desordenada e, por isso mesmo, bastante natural e bonita.

“Confesso que estava distraído”, diz Érico.

“Gosto muito desse estilo que ele propôs, muito inglês. Mandou às favas as paisagens arrumadinhas cheias de temas clássicos, e encontrou algo bastante espontâneo na beleza dessas nossas matas e estradinhas de interior... me desculpe. Estou o entediando? Onde estão meus modos, sequer me apresentei. Sou Ignácio Sancho.”

“Érico de Borges-Hall, barão de Lavos, e o prazer é meu”, apresentou-se, reforçando um sotaque refinado que surpreendeu a si mesmo. Era quase como se outra pessoa falasse através de si, seu personagem tomando conta. Decidiu naquele instante que a voz do barão teria uma fragilidade refinada de dândi. Apontou o quadro: “Não entendo muito de arte, mas o senhor, pelo visto, sim.”

“Ora, não tanto assim. Mas Gainsborough é meu amigo. E o senhor? O que o trouxe a esta nossa pequena grande ilha?”

“Como sabe que sou recém-chegado? Pareço muito deslocado aqui?”

“Não mais do que eu”, sorri Sancho. “Apenas me ocorre que não o conheço. E conheço todo mundo na cidade, portanto, o senhor só poderia ser um recém-chegado. De onde o senhor é, se não for indiscrição minha perguntar?”

“Do Brasil. Sou português.”

“Hum, suponho então que seja dono de uns tantos desta minha cor desafortunada?”

“Não, não tenho escravo algum, por que a pergunta?”

“Ora, que se saiba, não há homem de posses no Brasil que não tenha escravos, foi-me dito que lá se tem três negros para cada branco. Uma proporção curiosa. Deve haver mais escravos na sua terra do que houve no Egito bíblico.”

Érico respira fundo, sentindo o choque interno entre o personagem que interpreta e o que realmente pensa sobre o assunto. O homem tem razão, não se faz fortuna no Brasil sem escravos, mas suas próprias ideias tornam intolerável que se assuma um escravocrata. Decide por uma resposta que não está muito longe da verdade: “Minha fortuna está investida em navios e vinhos, não tenho nem preciso de escravos para isso, e os que possuíamos, meu pai alforriou ao morrer.” Uma concessão à memória do velho; quem os alforriou em verdade foi o próprio Érico. “Acredite, nem todo português aprecia um judeu na fogueira, um negro no pelourinho ou sai a estuprar índias no mato. O Brasil tem lá sua cota moral. Aqui se pressupõe muita coisa sobre um continente do qual nada sabem, mas vocês também têm suas loucuras e irracionalidades.”

“Mil perdões, não quis ofender Vossa Senhoria. Sei que ainda há quem se recuse a anestesiar o senso de indignação e considere isso tudo um absurdo, não duvido do senhor. E quem sou eu para criticá-lo? Nosso anfitrião nesta festa é senhor da vida e da morte de centenas de meus pares e, cá entre nós”, Sancho põe a mão sobre a boca, em tom de fofoca, “dizem que, dos escravos que tentam fugir, manda trazerem-lhe as cabeças decepadas numa bandeja”.

“Oh”, Érico finge-se de chocado, como se já não tivesse visto coisas piores no Brasil. “Que conste então que sou fervoroso defensor da abolição. A leitura de Montesquieu fez minha cabeça. Mas, e quanto a vós, senhor Sancho? Como viestes parar aqui?”

Sancho conta que nascera no meio do oceano, num navio negreiro. Seu pai atirou-se ao mar para não viver como escravo, e ele acabou sendo propriedade

de uma família com uma boa biblioteca, e os livros que deram as ideias, as amizades certas, e quando fugiu, foi para cair nas graças das pessoas certas, servindo como mordomo na casa de lord John Montagu, o conde de Sandwich. Ali os bem-nascidos acham elegantemente exótico ter um criado negro, e Sandwich é uma das pessoas mais bem conectadas de Londres. Trabalhou para ele por anos, fazendo contato com pintores e escritores, de Gainsborough a Samuel Johnson, de modo que Sancho é amigo de todos os que valem a pena ser em Londres.

“Aquele ali, com quem eu fazia par no uíste”, aponta Sancho. “É lord John Montagu. Não me iludo, claro. Posso não ser mais escravo, mas aos olhos dele serei sempre seu criado; assim como o senhor, que aqui será sempre estrangeiro. Se me aceitou como par no carteadado é porque seu vício já cansou por exaustão os parceiros habituais. Quanto ao senhor, se o que diz de suas ideias for verdade, então isto faz de Sua Graça uma presença ainda mais insólita aqui. Certamente merece que eu o congratule, pois se empenhou muito em não ser aquilo que aparenta ser.”

“Como assim?”

“Olhe à sua volta, barão. Não duvido que haja entre os aqui presentes uma cota que faça juz à dita nobreza de seus títulos, uma cota moral, como o senhor tão bem expressou. Mas quantos destes homens, em segredo, batem nas mulheres? Quantas destas damas já abandonaram seus bastardos em orfanatos? E quantos destes bastardos não estão aqui, oportunistas que são, à procura de uma viúva rica que os sustente? Covardes, mentirosos, ladrões e trapaceiros de toda sorte, cujas naturezas feias e más estão ocultas pela elegância de suas roupas e pela bela arquitetura deste salão, que no conjunto, é o que lhes confere os ares de nobreza, que lhes dá o verniz de aristocracia.”

“Não poderia concordar mais”, diz Érico. “E suspeito que teve uma mão ruim no jogo.”

“Oh, sim. E como. Mas já estive pior”, garante Sancho. “Mantive minhas roupas, ao menos.”

Érico acena para que Armando e Maria se aproximem. Sancho entende isto como uma deixa para que vá embora, mas Érico o detém, pede que fique, pois quer lhe oferecer algo em troca por ter-lhe pintado “aquele belo quadro da sociedade inglesa”. Apresenta Sancho aos dois amigos, e com os três reunidos ao seu redor, explica: ainda há pouco, Maria o havia introduzido nos segredos das comunicações amorosas – e ela ergue uma sobrancelha desconfiada ao ver-lhe aquele novo sotaque e trejeitos distintos –, agora é chegada a hora de retribuir a lição, mostrando alguns dos códigos aos quais um cavalheiro de habilidade nas cartas deve se manter sempre atento.

“A mesa de jogo onde você estava, senhor Sancho”, Érico aponta com os olhos. “Pode me dizer quem são os jogadores nela?”

Sancho murmura nomes: aquele cavalheiro de casaca verde-água é um nobre italiano que prestou serviços ao rei da Espanha e está na cidade como adido militar da embaixada espanhola, o conde de Bolsonaro. Sua dupla na partida, aquele com o tapa-olho no rosto e exibindo a estrela da Ordem Papal da Espora, é o Chevalier de Balibari, um cavalheiro da imperatriz-rainha. Os dois jogam contra o conde de Grantham, que substituiu Sancho no jogo, e agora faz dupla com o conde de Sandwich – que está ali sentado a noite toda, não tendo se levantado sequer para comer, como lhe é de hábito. Há uma mesinha ao lado, onde num prato foram servidas lascas de rosbife entre duas fatias de pão – uma invenção do conde para que não precise se levantar para comer.

“Pois bem”, prossegue Érico, “se eu estiver correto, os dois condes ingleses estão prestes a perder para os dois estrangeiros na próxima rodada.”

“E o que lhe dá tanta certeza disso?”, pergunta Sancho.

Explica: num jogo honesto, aquele que estiver disposto a decifrar enigmas e for dotado de memória e capacidade de observação pode, com alguma astúcia, descobrir o padrão que cada um usa para alinhar as cartas nas mãos – pois a maioria tem o hábito de ordená-las da maior para a menor ou por naipes. Já outros as separam por cores, o que torna a adivinhação impossível. Num jogo entre trapaceiros, contudo, as formas de ludibriar um oponente são infinitas, e mais elaboradas ficam quanto maior forem as somas em jogo. Encerando as cartas desejadas – os ases, por exemplo – é possível fazer com que o baralho sempre corte exatamente nelas. Pode-se fazer uso de lâminas para criar minúsculas marcas nas bordas, ou traçar linhas imperceptíveis nas costas de valor maior. Cartas sempre podem ser ocultas entre os volumosos babados das mangas. Uma tesoura pode ser usada para fazer com que algumas específicas fiquem ligeiramente menores, numa diferença imperceptível para o olho senão do especialista. Melhor ainda se o trapaceiro dispuser de um cortador próprio, que lhe permita tirar uma fração minúscula do baralho inteiro, mas deixando de fora, por exemplo, os ases, os reis e as rainhas, que assim ficariam ligeiramente maiores. Além disso, há uma infinidade de pequenos espelhos ocultos que se podem usar, como broches, joias, caixinhas de rapé etc. Tudo isso, é claro, constitui-se em expedientes de trapaceiros vulgares, e só são úteis quando se pode garantir controle sobre as cartas. Um cavalheiro elegante usa um sócio.

“Não é necessariamente aquele com o qual faz par na mesa de jogo”, diz Érico, “pois nem sempre, a depender das regras, sabe-se de antemão com quem se fará dupla. Não, me refiro a alguém externo ao jogo... como o valete, por exemplo.” Érico baixa ainda mais o tom de voz, quase num murmúrio.

“Notem que aquele valete ali jamais enche por inteiro o copo do patrão, o que lhe permite beber tudo em goles curtos e não levantar suspeitas quando passa a pedir mais.” E no momento em que Érico diz isso, os outros três veem que, de

fato, o conde italiano bebe tudo de um gole só e bate o copinho à mesa duas vezes, de leve, chamando a atenção do criado. O valete, com modos de autômato, pergunta ao patrão se quer ponche ou vinho. O italiano pede vinho. “Notem que a ordem da frase muda: ainda há pouco, o valete disse ‘vinho ou ponche’, agora diz ‘ponche ou vinho’. Também a resposta do conde se altera, e a mudança não é aleatória.”

“Querido, você está vendo coisas onde não há”, sugere Maria.

“Não creio. Entre uma dupla de vigaristas, cada escolha de palavras é um código. No primeiro caso, por exemplo, talvez signifique que os adversários estão fortes em copas, no segundo, em paus. Se duvidam, faça-me um favor, Armando: vá até ali, circule ao redor da mesa e dê uma rápida olhada nas cartas. Volte, e nos diga como estão as mãos dos condes ingleses.”

Armando obedece e circula a mesa observando o jogo com um falso desinteresse. O valete, quieto no canto, espana o pó da cadeira que tem ao lado. Quando volta, Armando diz que o conde de Sandwich e o conde de Grantham estão fortes em ouros, o naipe do trunfo.

“Concluo, então, que o conde italiano irá declinar de aumentar as apostas nessa rodada”, sugere Érico. Para espanto dos outros três, é exatamente o que acontece. Érico continua: “Para ser bem-sucedido, é preciso simplificar. Se tira o pó da cadeira com o lenço, é porque o inimigo está forte em ouros, se a empurra de leve, é porque tem um ás e um rei. Um espirro, uma tosse, três tosses em sequência, tudo adquire um significado combinado previamente entre os dois. Agora, quando ambos os jogadores possuem sócios, aí sim se tem um verdadeiro duelo de talentos. Numa coisa, o senhor estava certo, senhor Sancho...” Érico se vira, mas o homem já não está mais ali.

– Para onde foi? Não o vi – diz Maria. – Terá se ofendido?

– Não deve ter ficado feliz em saber que foi roubado por um profissional das cartas. – Érico sorri para si mesmo. Iniciou algo, resta agora aguardar e ver

o que mais aquela noite lhe reserva.

– Como você pode ter tanta certeza, Érico querido – insiste Maria – de que tudo não passa de ações do acaso e coincidências?

Érico pede que os dois se aproximem mais, e fala quase murmurando: vejam em cima da mesa, entre as mãos do conde italiano. Uma pequena caixinha de rapé. As laterais decoradas com laca negra, mas o tampo é de prata, polido como um espelho. Desde que Érico começara a observá-lo, notou que o conde não tocara na caixinha, obviamente para não alterar sua posição ou correr o risco de deixá-la com marcas de dedos. A caixinha funciona como um espelho. Com ela, e muito provável com uma boa memória também, o conde sabe exatamente quais cartas estão nas mãos de quem, quando chega a sua vez de distribuí-las. No final, somado isso aos esforços do valete, ele acaba possuindo um controle absoluto sobre cada rodada. É de se surpreender que ninguém tenha percebido ainda. Deve estar fazendo um lucro gigantesco nesta noite.

Um pigarro. Os três se voltam para um criado da casa, e este pede que Érico o acompanhe, pois há alguém que deseja lhe falar em particular. Maria anuncia que descerá para mais uma dança, mas Armando se oferece para acompanhar Érico. Os dois seguem o criado por corredores, até chegarem frente à pesada porta de um salão fechado. O criado abre, lança um olhar cauteloso para o interior, certifica-se de que está vazio e, antes de sair, alerta: “Por favor, não toquem em nada.”

– O que ele supõe que sejamos? – resmunga Armando. – Alguma espécie de... ai, céus.

Estão na biblioteca. As mesas foram agrupadas no centro em duas fileiras paralelas, debaixo de um lustre magnífico que as ilumina como se fossem algum tesouro oculto. Pois que, entre corbelhas, pratos duplos e triplos, bandejas de prata e pedestais de porcelana em forma de ou decorados com

abacaxis, como se fossem estas as joias da coroa inglesa, está o mais intenso, vistoso e colorido aglomerado de confeitaria que já viram em suas vidas, exalando o cheiro morno e maternal de açúcar e massa de biscoito cozida, a constar:

a) *macarons* às centenas, dispostos com rigor militar por travessas ou em torres, os sabores evoluindo num *degradé* com todas as cores que se podem obter da natureza sem causar um envenenamento; e entre outros biscoitos há os de pistache, de ovos, de savoia e de *la reyna*; macios amanteigados escoceses, *mille fruits* de nozes, cavacas, *jambles*, argolinhas e *amarettinis*;

b) de confeitos, há leves e crocantes mil-folhas de geleia e creme holandês polvilhados com açúcar e canela; há cestinhos feitos de açúcar trançado, delicados como rendas e alvos como neve, cheios de frutas cristalizadas como pequenos baús de joias; há *religieuses* de massa *choux*, recheadas de *crème pâtissière* e cobertas por glacê real e creme amanteigado, riscado de fios rijos e crocantes de caramelo; e há grandes arranjos em forma de obeliscos, compostos de profiteroles, merengues, flores e morangos, ditos *croquembouches*.

c) das tortas, em seus pratos de pedestal, há as de creme de limão, de creme de pêssegos, de ginjas, de damascos, de morangos, de framboesas, de cerejas e de figos, com coberturas de creme de chantilly ou de treliças de massa *sucrée* diferenciando os sabores;

d) dos bolos, há pequenos e fofos canelés caramelizados, há bolos flamengos, bolos à polonesa e à Delfina, *kugelhops* e genovesas, e um bolo em caracol recheado de creme à franchipana;

e) das compotas e doces em caldas, há tacinhas de cristal com peras à portuguesa, cozidas e picadas na calda de groselha, noutras há bolotas de merengue a boiar em creme inglês, ditas “ilhas flutuantes” ou “ovos nevados”, e noutras cremes de *panna cota* com geleia de morangos; há *summer puddings* ingleses e *crèmes caramels* franceses, e há também lustrosos *trifles* ingleses, com

suas camadas de pão de ló ensopadas em licor de cereja e cobertas de *crème brûlée* e frutas frescas picadas;

f) das esculturas, há grandes e elaborados arranjos de flores que, quando vistas de perto, se nota serem feitas de açúcar-cande e pralinés em tons brancos, dourados e vermelhos; e há uma torta em forma de palacete neoclássico, com paredes de nugá, colunas de maçapão, telhados de *biscotti* polvilhados de açúcar e jardins verdejantes feitos de folhas de angélica e framboesas caramelizadas;

g) usando como estrutura um suporte de vime para perucas, foi delicadamente afixada uma grande quantidade de bombons de nozes e maçapão, que pelo formato obsceno são conhecidos na Itália como *capezzoli di venere* – que ao vulgar se traduz como “peitinhos de Vênus”.

Claro que também há livros na biblioteca, mas ninguém se importa.

– Isso é alguma espécie de caverna de Aladim? – comenta Armando.

– Caverna de quem?

– Nunca leu o *Livro das mil e uma noites*?

– Não – Érico responde distraído, mesmerizado por aquela visão.

– Você realmente deveria aprender francês, a versão de Galland é...

– Armando, você quer discutir literatura *agora*? – Érico aponta aquele catálogo de doçaria que se abre para eles. – Pois vou te ensinar uma coisa sobre artes: as coisas mais magníficas que o homem pode criar são efêmeras. Isto aqui é a disposição mais bela e harmônica de habilidade humana que se pode imaginar, e em questão de poucas horas, será destruída por aquela horda de bárbaros famintos nas outras salas. É como... é como se o meu caminho fosse cruzado pela borboleta mais bela que já se viu, mas eu soubesse que ela só vai viver por um dia. Nós temos uma obrigação estética, um dever moral, como sibaritas, de roubar algo dessa mesa.

– Érico, não creio que devêssemos...

Mas Érico não lhe dá ouvidos e, com um sorriso provocador e infantil, aproxima-se da mesa. Com o polegar e o indicador em pinça, subtrai dali um *macaron* escolhido a esmo pela cor. Surpresa: o biscoito na verdade são dois, colados um no outro por meio d'um recheio cremoso. O leva à boca e é tomado por um prazer delicioso: a massa de sabor amendoado lembra o aroma do licor de amareto; a textura tão leve quanto um merengue se desfaz quando pressionada contra o palato e espalha a doçura cremosa e frutada do recheio de framboesas e creme holandês. Por um breve instante, as vicissitudes da vida são irrelevantes. Esse é o sabor que o amor deveria ter.

E então a porta é aberta no mesmo instante.

Quem entra é um criado da casa, libré azul-ultramarino, que traz pendendo pela alça um prato triplo com mais *macarons* recheados. Como um gato pego no flagra, Érico fica imóvel. Os dois se encaram. O criado também fica imóvel, surpreso por encontrar alguém ali dentro: é um rapazola imberbe e atlético, de olhos azuis muito claros e um rosto que se pode dizer de beleza clássica como um busto alexandrino. O garoto parece confuso, como quem teme ter feito algo errado, mas não sabe ainda bem o quê. Érico se permite um movimento: termina de mastigar e engole o *macaron*. O rapaz se aproxima da mesa devagar e com cautela, larga o prato duplo no primeiro espaço que encontra, e encara Érico em silêncio. Olha para a mesa e vê o espaço vago na fileira de *macarons* a denunciar o furto. Sem tirar os olhos de Érico, ele também pega um e o põe na boca, saboreia, mastiga, engole, dá-lhes as costas e sai da sala, fechando a porta ao sair.

– O que foi isso, exatamente? – pergunta Armando.

– Não sei. Todos parecem loucos aqui, não acha?

– Espero ao menos que este teu furto tenha valido a pena.

– Ah, com certeza este crime compensou. – Tira do bolso um lenço de cambraia, limpa a boca e aponta a decoração de abacaxis: – E qual é a paixão

desse povo por ananás?

– Não é fruta fácil de pegar em climas frios, aqui custam caro, o preço de um coche novo – explica Armando. – Há quem os alugue por dia, para ostentar nos salões.

– Hum. Ingleses fazendo suas inglesices.

A porta é aberta outra vez. O que entra, contudo, é uma pequena comitiva que traz consigo um burburinho próprio – uma reverberação natural ao redor do centro. Ignácio Sancho está à frente, e vê que junto vem Martinho de Melo e o embaixador espanhol, o conde de Fuentes. Entre eles há um homem alto, portentoso, de modos agradáveis e porte estatal.

“É este de quem vos falei, milorde”, aponta Sancho, “o barão de Lavos.”

O homem o encara com um olhar incisivo – o olhar terrível de um alcance ilimitado e poder quase absoluto, a firmeza que se pressupõe possuir uma fúria que ninguém ousa desafiar sob o risco de ser atingido por sua força, derrubado por ela, e até mesmo expirar.

“Então sois vós quem me prestará um grande favor esta noite”, diz o Homem do Olhar Terrível, e estende a mão para Érico: “Muito prazer. Sou William Beckford.”

“Érico de Borges-Hall, milorde”, Érico faz um salamaleque. “Barão de Lavos.”

“Sim, um colega do comércio, pelo que soube. Magnífico! Meu ramo é o do açúcar, como podeis ver”, aponta para a mesa, “mas é sempre bom ter um ‘irmão de armas’ por perto. Mas sejamos diretos, meu caro barão. Esta noite, como sabeis, é uma noite especial. Meu pequeno William Thomas será aquele que dará continuidade a tudo o que construí. É uma noite de celebração, é uma noite de alegrias, é uma noite de festas. Não, sejamos francos: esta noite é o que vós portugueses chamam de um beija-mão. E eu estou muito, *muito* ofendido, barão.”

“Fico chocado em saber, milorde.” Érico engole em seco. “O que tanto vos ofendeste?”

Beckford conta que regressara a Londres no final da semana anterior, pronto para dar o aval aos detalhes daquela festa, e pronto a ser bajulado por meia cidade. Foi na noite de sábado, nos salões de uma de suas amantes, que ouvira falar pela primeira vez deste conde italiano, que a todos surpreendia com sua habilidade nas cartas, tendo numa única noite arrebatado quase cinco mil libras em apostas. Ora, bom para ele, e que vá com Deus, pensara Beckford. Mas descobrira ao acaso que o conde em questão estava entre os convidados de sua festa, na condição de adido militar da embaixada espanhola. Isto explicava por que nunca ouvira falar dele até então: adidos militares são observadores estrangeiros, raramente convidados para eventos que não sejam desfiles oficiais a servir de demonstrações de força nacional. O italiano não ocupou seus pensamentos por nem um segundo a mais, exceto em comentários escutados aqui e ali: que lorde Darlington havia perdido sete mil libras num jogo de cartas, o mesmo ocorrendo com o filho de Daniel Twining, com o duque de Devonshire, com lorde Spencer...

“Que dizeis?”, pergunta Beckford, e se volta para o embaixador espanhol. “Que me dizeis, conde? Será vosso adido um homem de sorte excepcional?”

“Se me permitir uma observação, senhor”, intromete-se Érico, “o que chamamos de sorte não é mais do que o que acontece quando a preparação encontra a oportunidade.”

“Sim. Exato.” Beckford sorri. “E agora chegou aos meus ouvidos que Sua Graça descreveu ao senhor Ignácio Sancho aqui, nos mínimos detalhes, exatamente como este italiano executa seu engenhoso ardil de trapaceiro. O que, devo dizer, me deixa absoluta e completamente irado. E então, Fuentes? Que me dizeis?”

O conde de Fuentes, visivelmente nervoso, explica que muito pouco sabe acerca daquele italiano, que não faz parte da equipe de sua embaixada, preferindo morar num casarão ao norte da cidade, em Highgate. Sua posição de adido militar é um favor pessoal de Sua Majestade Católica, por serviço que o italiano prestara nos tempos em que Carlos III era ainda rei de Nápoles e da Sicília.

“Sua presença conosco é meramente decorativa, milorde”, justifica o embaixador espanhol, numa ágil demonstração de como tirar o rabo da reta. “E seu comportamento desonesto nos envergonha profundamente. Escreverei amanhã mesmo a Madri.”

“O que me incomoda nisso tudo”, prossegue Beckford, “é que há algo de não natural no modo como um homem que, suponho, tenha já suas posses, persiga com tanto afinco um meio desonesto de arrancar dinheiro de seus pares. Que motivos tem ele para tanto? Algum investimento malfadado? Uma índole desonesta por natureza?”

“Não sei dizer, senhor”, esquiva-se o conde de Fuentes. “Conheço pouco o homem.”

Mas para Beckford, não faz diferença: o fato é que um estrangeiro está a arrancar o dinheiro inglês de mãos inglesas. Não quer, contudo, nenhum escândalo que macule esta sua noite, mas não se importaria caso alguém aplicasse uma boa lição no homem.

“Tenho cá muita certeza de que não irá se opor, Fuentes, se decidirmos dar um corretivo ao vosso adido”, diz Beckford. E para Martinho de Melo: “Que dizeis? Vós portugueses quando escutam um espanhol peidar, correm para nós aos gritos de ‘canhões!’. Que pensam de uma pequena retribuição aos espanhóis, com o consentimento de seu próprio embaixador?” E antes que Martinho de Melo responda, volta-se para Érico: “Senhor barão, me pareceis

dentre todos aqui o maior especialista nas cartas, dissei-me: é possível fazê-lo com discrição?”

“Oh, sim”, Érico afirma categórico. “Como este conde costuma fazer suas apostas?”

“Num modo muito particular”, explica Ignácio Sancho, “ele não joga pela pontuação, no lugar disso estabelece um valor por cada vaza, e outro pela mão. E sempre aposta alto.”

“Não vos preocupeis com isso”, interrompe Beckford, apontando o dedo para Érico. “Vosso crédito fica por minha conta, e depois acertamos qualquer diferença.”

“Meu crédito?”, Érico troca um olhar ansioso com Martinho de Melo.

“Oh, sim. Sois o especialista aqui. Que me dizeis? Eu serei vosso par, e jogarei convosco contra o italiano e quem quer que tenha o azar de escolher fazer-lhe par nesta noite. Sou um peixe grande, não? Em caso de vitória, deixo para vós o lucro nesta partida a título do serviço prestado; em caso de derrota, eu cubro a aposta, e você ficará devendo a mim, não ao italiano.”

“Me parece perfeito”, Érico responde sem pensar. Só então lhe ocorre que a armadilha que prepara pode muito bem prender a ele próprio. “Precisarei de um parceiro, contudo. Não o senhor, que fará dupla comigo, mas alguém externo à mesa, para neutralizar o valete. Se o meu embaixador não se importar, farei uso dos serviços de seu primeiro-secretário.”

Armando olha nervoso para Martinho de Melo, ambos abrem as bocas para dizerem algo, mas Beckford os interrompe respondendo por eles: “Seu desejo é uma ordem. Que mais?”

“O mais importante: um baralho usado de cada cor, e um tempo aqui sozinho com as cartas.”

Érico também lhes explica que, ao chegar a hora, dará o sinal tirando o lenço do bolso. Quando isso ocorrer, devem deixar a condução das apostas a

seu cargo, e Beckford deve jogar a partida indo sempre atrás do trunfo.

“Maravilhoso.” Beckford ergue o antebraço, e estala os dedos duas vezes: “Bebidas!” Uma bandeja é trazida para eles, e cada um pega um cálice. “Sei que o senhor investe no negócio de vinhos, barão, e se está em Londres, deve estar em busca de bons negócios. Posso lhe garantir que se tudo correr bem nesta noite, não haverá porta nesta cidade que não lhe seja aberta.”

Um modo de dizer que, da mesma forma, todas podem lhe ser fechadas.

Todos bebem entre sorrisos nervosos. Os baralhos solicitados chegam. Beckford sai arrastando a sua pequena comitiva, a porta se fecha, a reverberação silencia. Érico respira fundo e solta o ar dos pulmões devagar. Armando resmunga:

– No que foi que você nos meteu?

## 8.

### TRUNFO DE PAUS

 olhar de colonizador, condescendente e paternal. É o olhar de quem considera a própria superioridade um fato estabelecido, uma verdade dogmática, e do alto de sua arrogância observa o mundo que o cerca como sendo habitado por selvagens ignorantes. Ao falar, inclina a cabeça para trás e ergue o queixo, tem um modo estranho de cobrir os dentes com o lábio superior, como se estivesse sempre, a todo instante e a muito custo contendo uma explosão de raiva. O canto esquerdo da boca é caído, como que congelado numa expressão de eterno desgosto com o mundo. Há algo de errado naquele rosto – mas o quê? É redondo e comum, emoldurado pela peruca branca, vistosa e cacheada. A pele do pescoço é murcha, coisa da idade – sessenta anos, talvez? Sim, há algo de errado com o rosto: o lado esquerdo não se move. Jamais. Nem a boca, nem a bochecha, nem o olho. Sua voz anasalada tem a entonação e os trejeitos de quem dá a entender que tudo é óbvio, muito óbvio, tão óbvio que é sempre uma bobagem que ainda precise ser dito, mas ele o faz mesmo assim, uma concessão entediada em abrir a boca e estabelecer qualquer diálogo. Tudo nele exala arrogância. Sim, não restam dúvidas: o conde de Bolsonaro é a pessoa mais desagradável que Érico já conhecera em toda a sua vida.

“Espadas”, anuncia Beckford, ao colocar no centro da mesa a carta de trunfo.

Érico pega as suas. Está de frente para Beckford e tem Bolsonaro sentado à sua direita. À sua esquerda, o Chevalier de Balibari pergunta de quanto serão as apostas iniciais. O coitado não sabe onde está se metendo, e pega suas cartas observando-as com seu único olho bom, o olhar obnóxió e indiferente. Coça o bigode grisalho. Balibari acredita ter tirado a sorte grande ao fazer dupla com o conde de Bolsonaro naquela noite, arrancado dinheiro de meia Londres. A possibilidade de lucrar em cima de um homem de posses quase ilimitadas como William Beckford é a oportunidade de uma vida. Érico sente pena, mas não se importa com ele.

Pouco antes de sentarem e distribuírem as primeiras cartas, acertaram o valor das apostas:

“Cem libras por rodada costuma ser um bom começo”, propôs Bolsonaro.

“Qual o limite que Vossa Excelência costuma jogar?”, perguntou Érico.

“O céu é o limite”, diz o conde. “Pretendo agarrar cada pêni que colocar na mesa.”

“Tenho certeza de que quer”, Érico retrucou. “Que tal quinhentas libras, então?”

Em pensamento, Érico gritou consigo próprio: que merda está fazendo, seu infeliz? Não havia necessidade alguma disso. Se algo der errado, bastarão duas rodadas para que fique devendo à Beckford mais do que possui para lhe pagar, e será necessário pedir emprestado à Martinho de Melo. Abrirá um rombo nas contas da embaixada, certamente causará um constrangimento e, na pior das hipóteses, um escândalo. As coisas podem terminar muito mal em questão de minutos. Sua carreira diplomática, se é que pode chamar aquilo de uma, estará encerrada antes mesmo de começar. E tudo isso apenas por um palpite que ainda não se confirmara.

Mesmo Bolsonaro ficou surpreso com sua ousadia: “Jogaremos a crédito, é claro?”

“Naturalmente. Os perdedores podem assinar promissórias, ao final.”

“Me parece ótimo, se você honrar seus compromissos.”

Érico ergue uma sobrancelha, surpreso com a absoluta falta de tato daquele comentário, mas é Beckford quem os interrompe: “Não vejo que motivo o leva crer que algum de meus convidados não honrará sua palavra, conde.”

Bolsonaro inicia uma desculpa, corta a frase no meio, lança um olhar de soslaio para o valete, de pé e imóvel rente à parede e olha as cartas: “Muito bem, quinhentas por rodada.”

E assim começam a jogar.



O jogo de uíste possui regras que, em geral, são muito similares às do jogo de copas, sendo a principal diferença que o vencedor é aquele que faz mais pontos, e não menos. O leitor familiarizado com as regras de um ou de outro, ou que pouco se importa com estas tecnicidades (no que é de seu direito), sintá-se à vontade de pular estes parágrafos.

AS REGRAS: Quatro jogadores formam duas duplas, cada jogador sentado de frente ao seu parceiro. Baralho francês padrão, cinquenta e duas cartas, sem os curingas. O primeiro carteador é quem tirar a carta mais alta; o jogador à sua esquerda as embaralha, o que estiver à direita, corta. O carteador deve distribuí-las em sentido horário, e cada jogador fica com treze.

O TRUNFO: A última carta (que pertence ao carteador) é virada para cima: ela passa a ser o *trunfo*. Ao fim da primeira vaza, o carteador a pega de volta. O trunfo segue valendo.

AS VAZAS: Cada rodada é dividida em treze, até esgotarem-se todas as cartas (após o que se embaralham, se cortam e se distribuem as cartas para a rodada seguinte).

O JOGO INICIA: Quem estiver à esquerda do carteador põe a primeira carta, virada para cima. Os demais devem colocar cartas do mesmo naipe chamado, vencendo a maior. Apenas se não tiver nenhuma carta daquele naipe, pode colocar a do trunfo. O trunfo sempre vence. Se mais de um jogador colocar uma carta do trunfo, vence a de valor maior.

OS VALORES: Em ordem decrescente, são o ás, o rei, a rainha, o valete e os numerais por ordem. O vencedor de uma vaza ganha o direito de colocar a primeira carta da próxima vaza, até que todas as treze acabem.

A PONTUAÇÃO: Cada vaza vencida pela dupla é um ponto, mas ao final se subtraem seis de cada dupla. Ou seja, se um time faz nove pontos e o outro quatro, ao final da rodada o primeiro tem três pontos e o segundo, nenhum.

O CONTRATO: Para adicionar maior dificuldade ao jogo, após receber suas cartas, uma das duplas aposta que vencerá (ou perderá) o jogo por um número exato de vazas. Se o fizer, ganha o valor apostado – e foi esse o estilo escolhido nessa noite.



O Chevalier de Balibari põe um rei de ouros sobre a mesa. Beckford descarta um seis, e Bolsonaro põe um dez. Érico olha suas opções: entre a rainha de ouros e um cinco, prefere descartar o cinco, e a primeira vaza é vencida pelo Chevalier. A rodada prossegue, sem que a sorte favoreça Érico. É Bolsonaro quem dá as cartas na rodada seguinte. Érico cuida do movimento de suas mãos, tirando cada carta do baralho e as separando em quatro partes, passando rapidamente por cima da caixinha de rapé polida. O homem deve ter uma excelente memória.

“Que me dizem de animarmos um pouco esta partida?”, propõe Bolsonaro. “Confesso que minha mão me deixou bastante otimista. Que tal... mais cem

libras para quem vencer esta vaza?”

Ocorre a Érico que o conde pode o estar testando. Se lhe parecer prudente demais, desconfiará de algo? Ora, dane-se! Dinheiro vai e dinheiro vem. É preciso gastar para ganhar, é o que se diz. Érico faz uma careta de quem finge avaliar riscos.

“Muito bem”, concorda. “Mas o mesmo na próxima vaza também.”

“A bolsa é sua. E o que me dizem os demais?”

“Passo”, diz Beckford.

“Também passo”, diz Balibari.

“Será só entre nós dois, portanto”, Bolsonaro sorri.

Érico pega suas cartas e vê que aquela mão já está perdida. Não há nada de grande valor ali e, quando Bolsonaro anuncia que vencerá por quatro pontos, Érico blefa dobrando a aposta. O Chevalier de Balibari, entretanto, não teme o blefe, ignora e redobra. Será que faz parte também daquela trapaça? Não há como saber no momento. Érico encara Beckford impávido, mas por dentro gritando: por favor, não dobre a aposta. O vereador anuncia: sem aposta. Érico solta o ar dos pulmões devagar, para não denunciar sua tensão. Bolsonaro e Balibari vencem a vaza, de qualquer modo.

“Faça um bom investimento com meu dinheiro, Sua Graça”, diz Érico a Bolsonaro, enquanto recolhe as cartas e as entrega para Balibari embaralhar.

“Alguma sugestão de investimentos, meu bom barão?”, pergunta Bolsonaro.

“Ouvi dizer que livros são um ótimo negócio no Brasil.”

Armando, que observa o jogo ao redor de uma distância segura frente à lareira, encara Érico surpreso. Uma sombra também cruza o olhar do conde:

“Que quer dizer com isso?”

“Bem, nossa coroa é bastante rígida com a circulação de impressos”, comenta Érico, fingindo distração ao observar Balibari passar o baralho a

Bolsonaro. “É difícil encontrar uma boa leitura que sobreviva à burocracia da Inquisição. Depende-se muito do contrabando hoje em dia.”

“Mas por que o Brasil? Entre tantas colônias?”, Bolsonaro corta o baralho e o devolve.

“Bem, é a minha terra, Sua Graça.” Érico distribui as cartas.

“Você é...”, Bolsonaro quase engasga em asco, “brasileiro?”

Érico empurra uma pilha de treze cartas para cada um, sorri e olha as suas. A sorte continua correndo para as mãos dos seus oponentes, e se vê numa situação cada vez pior. Bolsonaro pega o copo e dá duas batidinhas contra o tampo da mesa.

“Ponche ou vinho, senhor?”, pergunta o valete.

“Céus, isto fala!”, berra Érico, exagerando a surpresa. “Me desculpem, não o tinha percebido até então. Que eficiência! Não se pode pedir mais da criadagem hoje em dia do que ser invisível.”

Bolsonaro fica tão desconcertado que quase se esquece de responder. “É meu valete, Jockstrap.” E se dá conta de que não lembra mais a pergunta inicial: “O que você disse, rapaz?”

“Ele perguntou se o senhor quer vinho ou ponche”, intromete-se Érico.

“Não”, Jockstrap o corrige, irritado. “Eu perguntei se o senhor queria ponche ou vinho.”

“A ordem dos fatores não altera o resultado”, Érico imita o tom arrogante de quem considera um ultraje que o criado lhe corrija. “Ou altera?”

“Hum... vinho, Jockstrap. Vinho.”

O valete avança para dar a volta à mesa com o jarro em mãos, pronto a servir seu amo, o que necessita que passe por trás de Beckford. É quando Armando, que até então se manteve fingindo observar o jogo com distração, vira-se brusco, cálice em mãos, e os braços se batem. O vinho tinto de sua taça voa para as roupas do valete. A jarra voa ao chão. O vidro estilhaça e a bebida

tinta se espalha no chão em uma mancha dramática. Beckford se vira para eles, desinteressado.

“Meu bom homem, desculpe, não o vi”, diz Armando, segurando o braço de Jockstrap.

Jockstrap puxa o braço com força: “Ora, seu...”

“Eeh, que atrevimento é este, rapaz?”, interrompe Beckford. “Sua Graça, diga a seu valete que não quero querelas nesta noite.” Ergue o braço, estala os dedos duas vezes. Um laçao surge ao seu lado. “Levem o valete do conde à cozinha. Façam com que descanse, o homem está de pé aí a noite inteira. Providenciem uma nova casaca para ele. Tragam alguém para servir à Sua Graça.”

Jockstrap troca olhares com seu patrão e, irritado, se deixa levar – não sem antes encarar Armando com raiva. Bolsonaro pode ter perdido o controle absoluto, mas ainda tem a caixinha de prata polida à sua frente. A partida segue o rumo. Aos poucos, aproximam-se da mesa Ignácio Sancho e o conde de Sandwich. Maria e Martinho de Melo chegam logo depois, e Érico escuta quando ela cochica para Armando que Fribble “já fora para a Lua”.

Mais rodadas se passam, o jogo evolui devagar, meio morno, ninguém muito disposto a correr riscos e aumentar as apostas. Quando chega outra vez a hora do conde de Bolsonaro ser o carteador, a possibilidade parece animá-lo. Beckford embaralha as cartas e as repassa para Érico, que corta e as devolve ao conde em dois montinhos.

“Mas então, sois brasileiro, Sua Graça?”, um meio sorriso torto surge no rosto de Bolsonaro, enquanto distribui. “Que coincidência curiosa. Pode-se dizer que conheço o Brasil. Já estive lá algumas vezes.”

“Improvável, creio”, responde Érico, “já que a entrada é vedada a estrangeiros.”

“Eu não diria que entrava a convite.”

Algo em Érico fica mais desperto, seus sentidos mais aguçados. Ajeita sua postura na cadeira, ficando ereto, rijo. Comprime os lábios para esconder um sorriso malicioso de desprezo, a condensar os tantos séculos de rivalidades ibéricas transpostas para o Novo Mundo.

“É engraçado que todos pensem em mim como ‘aquele conde italiano’”, diz Bolsonaro, “quando na verdade nasci em Buenos Aires. Somos todos americanos nesta mesa... exceto pelo Chevalier, é claro. Que me diz, Sua Graça, de apostarmos cem libras nas próximas duas mãos?”

“Sim, por que não?”

Érico perde ambas, e também a rodada. Somadas, suas dívidas agora são de cerca de mil e seiscentas libras, um dinheiro que não tem e tão cedo não terá. Muito bem, era isso, estou fodido, pensa. Tira o relógio do bolso e olha a hora: onze e meia da noite do dia onze de outubro de 1760 (um sábado): neste dia, nesta hora, neste instante, está falido como nunca esteve em toda a sua vida. Uma xícara de chá agora seria ótima, uma xícara de chá é tudo de que precisa. Como sempre disse sua mãe: *uma xícara de chá põe o mundo no lugar*. É a vez de Érico chamar o criado, pedir um cálice de champanhe e beber tudo de um gole só. Se está no inferno, dance com o diabo: “Que me diz, conde, se dobrarmos as apostas nessa rodada, sim? Mil libras, que tal?”

Pode escutar Martinho e Melo respirar fundo e segurar o fôlego. O Chevalier de Balibari para de distribuir as cartas e o encara. Há uma eletricidade no ar, como a que precede as tempestades. O embaixador espanhol, conde de Fuentes, também se acerca da mesa de jogo. Bolsonaro faz um beicinho. Olha suas cartas. Olha para Érico.

“Sinto-me obrigado a dizer-lhe, rapaz, que minha mão está muito interessante nesta rodada”, diz o conde. “Tens certeza de que deseja continuar? Sabes o que diz Voltaire sobre as guerras? ‘Deus está com os grandes batalhões.’”

“Não poderia estar mais certo.”

Bolsonaro então anuncia que vencerão por três vazas. O trunfo é um dois de copas. Os dois – Bolsonaro e Balibari – já estão vencendo por quatro vazas quando, para alívio de Érico, as cartas viram a seu favor. Beckford vence duas vazas seguidas, e Érico mais duas, empatando. Bolsonaro solta um grunhido, e Balibari se agita tenso em sua cadeira. Não há mais cartas do naipe do trunfo agora. Érico larga um rei de ouros. Bolsonaro descarta um dois de espadas. Beckford, um ás de ouros; e Balibari, um cinco de paus. Érico vence a vaza. Desconfia que todas as cartas de ouros estejam entre ele e Beckford. Apostando na ideia, larga um três de ouros. Nem o conde nem o Chevalier possuem algo desse naipe. Beckford vence com um cinco. Quando inicia a vaza seguinte com um seis de ouros, troca um sorriso cúmplice com Érico: agora é ladeira abaixo. Vencem as últimas vazas e a rodada.

“Voltaire também disse, se não me engano...”, provoca Érico, enquanto consulta o relógio de bolso, “que a virtude se avilta quando se esforça demais para se justificar.”

Quinze para a meia-noite. Está na hora.

“Creio que mais duas rodadas e encerraremos”, anuncia. “Pois soube que lorde Beckford planeja um grande espetáculo de fogos de artifício para a meia-noite.”

“Os fogos estourarão à meia-noite, sim, mas não sem minha presença”, diz Beckford. “De modo que só será meia-noite quando eu determinar que seja.” Érico tem um estremecimento de pânico: terá Beckford esquecido do combinado, em seu lampejo empolgado de onipotência? O vereador, contudo, logo emenda: “Mas sejamos benevolentes com o Tempo. Que seja esta a última rodada, para que a meia-noite não atrase muito.”

O Chevalier de Balibari, que até então vinha se mantendo quieto a maior parte da partida, não esconde certo alívio com a ideia de encerrar aquilo antes

que comece a fugir ao controle. Já Bolsonaro, contudo, ignora os dois e encara Érico: “Se os senhores fazem questão, é claro, podemos encerrar o jogo quando bem quiserem. Mas seria uma pena, não? Numa noite como essa, que pede por grandiosidade... e se essa partida também se encerrasse com outra espécie de fogos de artifício? Por exemplo, com duas mil libras pela partida?”

Isca mordida. Érico encara seu oponente. Há um leve tremor no lábio direito de Bolsonaro, um tremor de tensão e raiva contida. Céus, como Érico detesta aquele homem! Como anseia pelo momento em que verá aquele sorriso arrogante e boçal sumir daquele rosto semiparalisado.

“Fechado.”

Um suspiro coletivo percorre o entorno da mesa. Balibari se apressa em dizer que não pretende tomar parte naquela aposta. Sem tirar os olhos de Érico, Bolsonaro tranquiliza seu par: tratar-se-á de uma apostazinha particular entre dois cavalheiros americanos, e não vê necessidade de incluir nem Balibari nem Beckford nisso. Todos estão de acordo. Bolsonaro distribui as cartas.

Érico olha as suas: a mão é forte. Bolsonaro, que bem sabe o que Érico tem, não esconde o amargor na voz: anuncia que não fará aposta. Érico e Beckford vencem onze das treze vazas, marcando cinco pontos. Érico recolhe as cartas, é sua vez de distribuí-las. Dá duas batidinhas de cada lado para alinhar o bolo, e entrega para Balibari, que as embaralha e passa a Bolsonaro para que corte. O conde divide as cartas em duas metades e as desliza pela mesa, para Érico.

Ignácio Sancho faz sua parte: pergunta em quanto estão as apostas. Ao ser informado do valor, diz alto e bom som: “Não é à toa que as cartas são ‘a ruína de Londres’. Espero que isso não termine em tragédia.”

“O senhor já perdeu o seu dinheiro esta noite”, resmunga Bolsonaro, “e agora faz com que eu perca a minha concentração. Volte para a sua senzala, por favor!”

Érico tira seu lenço de cambraia do bolso e limpa o rosto. Lança um olhar rápido tanto para Bolsonaro quanto para Balibari – os dois voltam sua atenção para Sancho. Guarda o lenço de volta no bolso e um baralho está em suas mãos. Começa a dar as cartas.

“Peço a gentileza de que não destrata meus convidados, Sua Graça”, diz Beckford.

“Não foi minha intenção ofendê-lo”, mente Bolsonaro, seco. Dando o assunto por encerrado, volta sua atenção para as cartas. A distribuição termina, e Érico pega ansioso aquelas que lhe correspondem. Tudo precisa estar em ordem, ou tudo irá por água abaixo do modo mais terrível possível. Olha as cartas que tem em mãos: quatro do naipe de paus, incluindo o ás e a rainha, e nove cartas pequenas de ouros, em sequência, do dois ao dez. Inspira e expira devagar, tentando ocultar de todos o seu nervosismo: sim, está tudo em ordem. Vira a última carta, que servirá de trunfo: quatro de paus. Agora é cuidar da expressão do conde.

Bolsonaro disfarça bem. Cobre a boca com a mão, olhando em silêncio para Balibari e para Érico. Por fim diz: “Serei generoso com você, garoto. Uma cortesia, de americano para americano. O fato é que tenho uma mão muito boa aqui, mas quem sabe a sua também não o é? Vamos acrescentar um pouco de... charme à coisa? Um valorzinho mais alto, talvez.”

Bela encenação: Érico sabe que o conde tem nas mãos quase todos os ases, os reis e as rainhas, e lhe diz: “Sim, a minha também me parece ótima. Que me diz de mais cem libras por vaza?”

“Perfeito. Chame sua aposta.”

“Ora, deixe-me ver...” Érico morde o lábio, como se pensar fosse uma dificuldade enorme num estado de embriaguez fingida (quatro cálices, longe do seu limite). “Sete.”

Martinho de Melo engasga. Um suspiro assustado percorre o entorno da mesa – um grupo que se torna cada vez maior, sendo formado pelos espectadores entediados das outras mesas de jogos.

“Como é?”, quase grita o conde, curvando-se na sua cadeira. “Você está dizendo que vai vencer sete vazas? Um grande slam, com o naipe de paus, é isso?” Bolsonaro solta um risinho irônico e relaxa na cadeira. “O dinheiro é seu para gastar, a mim resta agradecer. Que me diz, Chevalier?”

Nem todo o ruído nas bochechas maquiadas de Balibari oculta a palidez de seu pânico. Olha de Bolsonaro para Érico como quem caiu no fosso dos leões da Torre de Londres e não vê para quem pedir ajuda. Balança a cabeça em negativo, e murmura: “Sem apostas.”

“Sem apostas”, diz Beckford, quase entediado.

Bolsonaro bate a mão contra a mesa e sorri exibindo as gengivas: “Pois eu dobro!”

“A partida e as vazas também?”, Érico quer deixar claro. “Então eu redobro. Oito mil libras pela rodada, mais quatrocentas por cada vaza.”

Outro suspiro circunda a mesa. Cochichos e murmúrios tensos ao redor. Bolsonaro o encara confuso. Olha suas cartas apenas para se certificar de que ainda estão ali e de que aquela mão cheia de reis, rainhas e ases não é uma ilusão. Mal consegue conter o sorriso maníaco ante a estupidez daquele recém-chegado do fim do mundo embevecido na arrogância ingênua dos jovens. Bolsonaro sabe que é impossível que não vença ao menos duas vazas, o que faria ruir a aposta do outro.

Já Martinho de Melo e Castro segura o cálice de vinho com a mão trêmula. Não gostou daquele brasileiro desde o momento em que o conheceu. Havia algo de errado nele, naquele modo insolente de se portar. Mas tinha a confiança do conde de Oeiras, que podia fazer? Se algo der muito errado agora, será o nome de sua embaixada que será manchado. Sua própria posição pode

ser comprometida! Bom Deus: são treze mil e duzentas libras em jogo! Quarenta e sete contos de réis! De onde irá tirar esse dinheiro? O que aquele garoto pensa que está fazendo? Às favas com a discrição! Caminha ao redor da mesa, observando as cartas de cada jogador. O que vê é isto:

Beckford (Norte)

♠ 5, 4, 3 e 2

♥ 5, 4, 3 e 2

♣ 6, 5, 4, 3 e 2

Balibari (Oeste)

♠ Valete, 10, 9, 8, 7 e 6

♥ 10, 9, 8, 7 e 6

♦ Rainha e valete

Bolsonaro (Leste)

♠ Ás, rei e rainha

♥ Ás, rei, rainha e valete

♦ Ás e rei

♣ Rei, valete, 9 e 7

Érico (Sul)

♦ 10, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3 e 2

♣ Ás, rainha, 10 e 8

É quando Martinho de Melo compreende: Érico tem em mãos uma vitória contra a qual não há nenhuma defesa possível. O que quer que Balibari jogue, ele e Beckford vencerão com o trunfo. Bastará que chamem duas vezes por cartas de ouros para inutilizar as mãos do conde e do Chevalier. Os ases, reis e rainhas de Bolsonaro se tornarão inúteis contra o trunfo. Um calafrio percorre sua espinha: será a mais fragorosa derrota que já testemunhara.

“Vamos logo com isso, Chevalier”, é o próprio Bolsonaro quem clama, irritado.

Balibari joga o melhor que tem: a rainha de ouros. Bolsonaro o fulmina com o olhar, uma leve inclinação do rosto a questionar se aquilo é o melhor que sabe fazer, no que o Chevalier se encolhe dentro das próprias roupas. Beckford não tem nada de ouros, e vai pelo trunfo: seis de paus. Mas Bolsonaro é obrigado a jogar pelo naipe, e lança seu ás de ouros, inutilizado. Érico lança o dez de ouros, e Beckford vence a primeira vaza.

É a vez de Beckford abrir: cinco de paus. Bolsonaro sorri. Só precisa que percam uma única vaza para ganhar a aposta. Lança seu rei, mas Érico o pega com o ás. Balibari, que não tem nada útil em mãos, descarta o seis de copas. Érico vence a segunda vaza.

Na terceira vaza, Érico abre com o nove de ouros. Balibari usa o valete, mas Beckford usa o trunfo: quatro de paus. Bolsonaro se vê obrigado a dispensar seu rei de ouros. A vitória é de Beckford, que imediatamente abre a quarta vaza com o três de paus. Bolsonaro lança o valete, Érico cobre com a rainha. Balibari não tem nada que possa ser útil, e Érico vence.

Bolsonaro começa a se dar conta do que se avizinha, e observa ansioso as mãos de Érico, com medo da possibilidade terrível de que o oponente esteja em posse de todos os ouros. As cartas em suas mãos começam a ficar escorregadias de suor.

Érico inicia a quinta vaza com o dez de paus. A mão do Chevalier de Balibari treme ao descartar um sete de copas inútil. Beckford lança um dois de paus e Bolsonaro perde o seu nove.

A sexta vaza Érico abre com o oito de paus. Balibari e Beckford lançam cartas inúteis, e Bolsonaro faz um beicinho de raiva ao perder sua última carta de paus, o sete. Seis vazas ganhas, pontuação zerada, a contagem começa a valer. Agora é descer ladeira abaixo.

Érico encara em silêncio os olhos do conde de Bolsonaro com uma curiosidade maldosa. O conde sustenta o olhar, e os dois homens se encaram

numa variação tola de jogo do sério. O silêncio entre ambos só aumenta o desconforto dos que estão ao redor da mesa, cientes de que algo perigoso está prestes a ocorrer. Então Érico lentamente larga o oito de ouros sobre a mesa. Sem nem esperar pela vez do Chevalier de Balibari jogar, vai largando uma a uma todas as suas cartas. Sete. Seis. Cinco. Quatro. Três. Dois. Érico relaxa em sua cadeira e chama o criado.

“Eu aceitaria um doce, agora.”

De súbito, o conde de Bolsonaro se levanta derrubando a cadeira para trás, e arranca as cartas das mãos de Balibari. As espalha sobre a mesa, à procura de algo que lhe sirva. Se dá conta do vexame de seu descontrole quase no mesmo instante, endireita o corpo, puxa as abas da casaca para baixo alinhando as roupas, respira fundo.

“Barão...”, a voz é distante e formal, mas fala entre dentes, a muito custo contendo uma explosão de raiva. “Embora eu não saiba dizer como, acredito que o senhor trapaceou.”

Érico também se levanta, e se finge de ofendido:

“Excelência, eu nego veementemente a acusação de Sua Graça, e peço que me esclareça de que forma acredita Sua Graça ter sido enganada.”

O lábio inferior do conde treme. Balibari permanece sentado, pronto a desmaiar.

“Como lhe disse, não sei como...”, diz Bolsonaro. “Mas acredito que fui.”

Agora é Beckford que se levanta: “Uma acusação destas é grave demais para ser feita com leviandade! Meu senhor, enquanto estavas ganhando, não se queixou de trapaças. O faz agora que perde? Tal oportunismo não é digno de vosso título, nem desta festa. Eu participei desta partida desde o princípio, e não vi nada que fundamente sua acusação. Peço que a retire e, como cortesia, farei o possível para que tal não seja citado nos jornais de amanhã.”

Balibari, que só quer sair dali o quanto antes, também se ergue e declara que a partida foi justa e bem jogada, que não vê motivos para crer que seus adversários tenham faltado com a honestidade, e congratula Érico. Bolsonaro se vê acuado. Seu olhar cruza com o do conde de Fuentes. Por fim, consente: “Chamem meu criado, tragam minha carteira.”

Treze mil e duzentas libras, pensa Érico. Será um homem rico se esse dinheiro realmente chegar até suas mãos. Mas há coisas que valem mais do que dinheiro, e uma ideia lhe ocorre.

“Posso sugerir à Sua Graça que divida o valor em duas ordens de pagamento?”

“Ora, de que isso lhe servirá?”, pergunta Bolsonaro.

“É muito simples, senhores: proponho ao bom conde aqui que assine uma letra de câmbio no valor de seis mil e seiscentas libras, para meu pagamento imediato; e uma nota promissória com a segunda metade, para alguma data anterior ao vencimento das muitas promissórias que, é notório, ele próprio recebeu dos que derrotou nas cartas. E na data acertada, aceitarei trocar uma pelas outras.”

“Ora, e o que você ganhará com isso?”, Beckford encara Érico suspeito.

“Pois anuncio desde já meu compromisso de que, uma vez em posse destas muitas promissórias, eu aceitarei devolvê-las a seus respectivos devedores por metade de seus valores originais.” Érico sorri. “Afim, esta cidade me recebeu tão bem, que devo retribuir a hospitalidade.”

“Sua Graça”, diz Ignácio Sancho, “se cumprir sua palavra, o senhor será a pessoa mais bem recebida nos salões da sociedade.”

“Confesso que a possibilidade me ocorreu, senhor Sancho”, sorri Érico. O mesmo não se pode dizer de Bolsonaro: tão cedo se espalhe o boato de que roubava nas cartas, não mais o aceitarão nos salões. O conde encara Érico com a disposição de quem, se pudesse, o mataria ali mesmo, mas é Beckford quem

tenta animá-lo, lembrando-lhe que não se pode lamentar a perda de um dinheiro que nunca se teve; e tanto melhor é perder meia fortuna agora, do que uma fortuna inteira depois.

O valete volta. Bolsonaro pede por caneta e tinta, no que redige as duas letras de câmbio autorizando seu banqueiro a pagar cada metade da dívida – uma de imediato e a outra para dali a duas semanas. É a segunda, a promissória, que Érico lê antes de guardar no casaco.

*Londres, 11 de outubro de 1760. No valor de £6600.*

*Em duas semanas a partir da data atual, pagarei, contra a apresentação dessa letra de câmbio, a Érico de Borges-Hall, a soma de seis mil e seiscentas libras esterlinas em espécie de acordo com a taxa de câmbio corrente, por valores acertados em acordo de cavalheiros.*

*R.O.G.y.A., conde de Bolsonaro.*

Érico agradece ao conde, e pergunta-lhe, como quem não quer nada, a que correspondem aquelas iniciais, ao que este lhe responde: é seu nome completo, Reinaldo Olavo de Gavéria y Acevedo. Um belo e nobre nome, diz Érico mal contendo o sorriso, no que o conde, notando algo em seu rosto, toma sua expressão por escárnio. Já se levanta para ir embora quando chega até eles um lacaios, trazendo uma bandeja repleta daqueles mesmos *macarons* recheados que vira na biblioteca. Érico pega um, de cor lavanda, e o oferta ao conde.

“Um pouco de açúcar, Sua Graça”, sorri. “Para adoçar uma derrota amarga.”

Bolsonaro encara Érico em silêncio. Pega o *macaron* e o mantém erguido no ar entre o polegar e o indicador, como se o analisasse melhor de perto. Então seu punho se fecha sobre o delicado confeito, esmagando-o, e abre a mão devagar deixando os farelos caírem ao chão.

Sem dizer mais nada, dá-lhes as costas e vai embora.



Os fogos são lançados do telhado da Mansion House para deslumbre do poveréu. Érico revolve a colher na sua taça de *syllabub* de vinho e creme batido com melancolia. A noite está chegando ao fim. Maria já foi embora acompanhando o tio, e com ela o espírito da festa. O Milanês recita para um busto de Cícero uma citação obscura em latim – “DOLOREM IPSUM, QUIA DOLOR SIT AMET, CONSECTETUR...” – Não há como extrair dele qualquer entendimento coerente. É a melancolia de fim de festa. Ao menos ainda Armando continua por ali.

– Não entendo essa gente – diz Armando. – O que leva um homem rico a roubar?

– A riqueza é mais uma questão de aparências que de saldo no banco. Talvez tenha perdido algum grande investimento e esteja com pressa para recuperar – sugere Érico. – O comércio tem seus riscos, navios naufragam, são roubados... e às vezes até apreendidos na alfândega.

– Oh, você acha que...

– É cedo para dizer, mas creio que estamos num bom caminho.

– Se isso se confirmar, terá sido um golpe sensacional do acaso, não acha?

– Do acaso? Hum, deve-se dar o devido valor ao acaso, claro, mas se o imprevisto é parte da equação, não se pode considerá-lo acaso. Por exemplo, quantas vezes você viu o ultramarino hoje?

– Como assim?

– A cor. Azul-ultramarino. Em roupas, nas pinturas, nos confeitos. Nas casacas de cada criado da festa, exceto no valete do conde, o que me chamou a atenção. Me diga, quantas vezes?

– Devo ter visto diversas vezes, mas não estava contando.

– Essa é a questão. Se eu lhe disser agora para que perceba toda vez em que o ultramarino surgir à sua frente, em pouco tempo você começará a percebê-lo tanto que o verá em todo lugar. Em decorações, panos, nas obras de arte. É assim que funciona: treina-se a mente para notar certos padrões, pequenas sutilezas, peculiaridades, trejeitos... e então ela surge, e superlota sua visão, e você pensa que, céus, estará louco, será uma invasão, um surto de uma nova doença? Mas não, é apenas o que sempre foi e sempre será, você apenas ampliou o foco de sua mente. E há quem fique ansioso com isso e nos acuse de planejar uma invasão, quando sempre estivemos aqui.

– Ah, sim – concorda Armando. – Você tem um senso aguçado, logo notei. Deve ter me percebido desde o primeiro momento, não?

– Para quem vem de fora, salta aos olhos de imediato – diz Érico. – E quanto a mim?

– Ah, você eu só soube porque me disse semana passada – reconhece Armando. – Devo dizer, você é muito bom ator, eu jamais desconfiaria. Disfarça muito bem.

– Quem, eu? Eu não disfarço, eu sou assim. – Saca o relógio de bolso e consulta as horas. – O melhor personagem que já interpretei foi a mim mesmo.

– Hum, sabe quem encontrei ainda há pouco? – pergunta Armando. – O capitão Whiffle. Ele e Simper vão à Lua. Afinal hoje é sábado, todos devem estar lá agora. Vamos também? Você certamente tem o que comemorar.

As cores dos fogos iluminaram o rosto de Érico. Antes de ir a qualquer lugar, vai tirar aqueles saltos e toda aquela maquiagem, mas a noite mal começou e seria uma pena encerrá-la tão cedo.

– Sim, com certeza. Vamos à Lua.

## UMA COMUNIDADE DE SEGREDOS

“Homens sábios encontrarão a entrada”, diz a placa afixada às portas. As luzes estão apagadas, as janelas tapadas por cortinas. À primeira vista, não há vida alguma na cafeteria cuja placa exhibe o desenho de um queijo redondo junto de um rastelo ou ancinho: THE MOON’S RAKE.

Mas homens sábios sabem mais. Sabem, por exemplo, que em Wiltshire, oeste da Inglaterra, corre a lenda de um bando de contrabandistas que, para fugir das vistas do Fisco, escondeu barris de vinho francês no fundo de um laguinho. À noite, munidos de rastelos, quando tentaram puxar os barris de volta, foram surpreendidos por dois fiscais da alfândega. Que fazem, perguntaram os fiscais àqueles sujeitos no meio da noite, de rastelos em mãos, dentro de um lago? “Estamos tentando puxar aquele queijão redondo ali que alguém deixou no lago” – e apontaram para o reflexo da lua. Os fiscais riram: bando de caipiras ignorantes! E foram embora, deixando os burlões livres para continuar os negócios. Da mesma forma, quem vem àquela cafeteria durante o dia e lê o nome Rastelo da Lua, em referência à lenda, julga que tudo está em seu lugar. Mas quando a noite cai e suas portas se fecham, torna-se tal qual um ator de pantomimas vestido *en travesti*, a observar jocoso no nome da loja o trocadilho com a palavra *rake*. Lá no fundo azul da noite daquela floresta, a lua ilumina a dança, a roda e a festa – é o Libertino da Lua. Um prédio antigo e discreto, de três pisos, num trecho ao final da rua Brewer com a rua Wardour, conhecido como Knave’s Acre. Homens sábios encontrarão a entrada. Os dois

olham ao redor, certificam-se de que ninguém os segue. Dobram a esquina e cruzam pelo beco de Little Crown, que vai dar em frente à velha rua Compton, onde batem à porta.

A entrada, é claro, se dá pelos fundos.

“Que-ri-das! Pensei que tinham me abandonado!”, diz a elegante senhora de meia-idade e origem obscura (alguns dizem ser italiana, a certeza apenas é de que é católica). Movida por compaixão, amizade, um pouco de tédio e um senso de oportunidade proporcional aos riscos que corria, fez de sua loja um porto seguro para que seus amigos bebessem, conversassem e realizassem saraus longe do olhar raivoso e persecutório dos que fiscalizam o rabo alheio. Os mais velhos, com intimidade, a tratam por “irmãzinha”; os mais novos, em busca de seus conselhos, a chamam carinhosamente de “mamãezinha”. Ela é aquela que, tendo suas crianças aos pés, sempre encontra um modo de unir as pontas soltas: lady Madonna. Faz com que entrem, olha para fora uma última vez, se certificando de que não há ninguém suspeito na rua, e fecha a porta. Finge mágoa num beicinho: “Não os culpo, sei que não estou no mesmo nível que um Beckford...”

“Você é insubstituível, querida”, rebate Armando. “Sabe disso muito bem!”

“Ah, sua bajuladorazinha, sabes bem que eu vivo para os aplausos.” Ela os cumprimenta com beijinhos em cada face. Veste-se à moda francesa, com um vigoroso vestido rosa-pastel, do tipo que se mantém armado nas laterais com anquinhas de osso de baleia tão largas que a cada giro é como as pás de um moinho a rodar. Lady Madonna os conduz até a porta do salão em cujo batente se lê a máxima de Juvenal: *MAGNA EST INTER MOLLES CONCORDIA* – grande é a harmonia entre os que são suaves. “Vamos, venham, preciso voltar que Alejandro não está dando conta. Acabaram de chegar uns rapazes do estafe de Beckford, há músicos hoje e a casa está cheia.”

O salão é decorado como um *boudoir* luxuriante. Pesadas cortinas de veludo abafam os sons para o mundo exterior e escondem-lhe as luzes; há um nicho convertido em saleta, uma rodinha de sofás de veludo e *chaises longues*, um quarteto de músicos a tocar melodias suaves, e ao fundo um balcão alto com banquetas, frente a um armário de bebidas. A maioria dos frequentadores, contudo, se mantém de pé, bebidas em mãos, conversando em suas rodinhas envoltos na luz lânguida das velas que refletem nos muitos espelhos das paredes. O lugar brilha com a mornidez e conforto de um sonho. Ali se espraia e confraterniza a mais colorida e democrática mistura de classes, de soldados rasos a altos oficiais, ricos funcionários da coroa e almocreves sem um tostão no bolso, aristocratas e plebeus, homens do mar e homens da terra, malandros e beleguins. Uma comunidade que tem em comum um único segredo, o qual o decoro tanto hesita e proíbe nomear que, por paradoxo, à guisa de buscar metáforas, multiplica seus nomes: *mollies*, fanchonos, bujarronos, páticos, invertidos, endossantes, macios, sodomitas, jesuítas, catamitas, ganímedes, sométicos, nefandistas, pederastas, maricas, pula-selas, fodincus, navegadores de barlavento, adoradores da Vênus Prepóstera ou cavalheiros da porta dos fundos; nas capitânicas brasileiras são em geral associados ao vistoso exemplar dos cervídeos que, símbolo de virilidade e realeza entre os europeus, observa-se na natureza que os machos da espécie, não raro, aliviam as tensões entre si.

Não é incomum para Érico que pequenas comunidades como essa surjam em situações restritas – navios, mosteiros, escolas (ou a corte de um certo monarca prussiano, segundo boatos). No Rio de Janeiro havia na oficina de um, na casa de outro, aqui e ali certos grupinhos que se formavam, para logo serem dispersos quando os boatos se espalhavam demais. Contudo, é apenas numa cidade tão grande e tão densamente povoada como Londres, que uma comunidade com tal nível de organização se torna possível – onde mesmo uma minoria tem tamanho o suficiente para formar um grupo coeso, a patrocinar e

dar suporte a códigos comuns, linguagens comuns, uma história e uma geografia comuns, e uma extensa rede de contatos – em tudo constituindo uma cultura própria, e fazendo com que perdure por décadas, a enfrentar toda sorte de reveses.

Quando Érico confessara a Armando o desejo de conhecer o que de melhor a cidade tinha a ofertar para um cavalheiro de elegância discreta, este o apresentou a uma geografia alternativa: o mapa secreto de Londres. Aos que têm o hábito de “sair à noite para miar”, como ali se diz, havia os arredores da Bolsa de Valores e da Catedral de Saint Paul; nenhum tão popular, contudo, quanto o trecho ao longo do muro que separa as charnecas de Moorfield, conhecido como *passeio dos sodomitas*. Em Covent Garden, apontou-lhe debaixo de quais arcadas poderia encontrar o divertimento adequado ao seu gosto, e nos arredores da praça de Lincoln’s Inn, havia um banheiro público que já testemunhara de tudo, feito popular pelos belos e voluntariosos estudantes de Direito que o frequentam. Mas isso tudo, claro, são passeios arriscados, e em geral frequentados por aqueles que se veem obrigados a manter vidas duplas, indo atrás das transações anônimas das ruas. Armando acha pouco macaroni sair à rua para miar, coisa de gente vulgar ou desesperada. Muito mais confortável e seguro é ir à noite com os amigos em *petit comité* aos saraus de alguma *molly house*.

Praticamente uma instituição londrina, as “casas de *mollies*” surgiram no começo do século, em tempos da rainha Anne, quando certa liberalização nos costumes tornou o “vício estrangeiro” mais visível do que se desejaria – e por “estrangeiro” entenda-se, na Inglaterra, como um vício francês, em França, um vício italiano, na Itália, um vício turco, e na Turquia, um vício italiano, fechando assim um ciclo infinito a esquecer que aquilo que não se fala, não necessariamente deixa de existir. Como o conforto traz o descuido, na segunda década do século formaram-se algumas tantas Sociedades para a Reforma dos

Costumes, ligas moralistas preocupadas com a moral e os bons costumes alheios, em geral das classes mais baixas, mas receosos de fiscalizar o rabo da nobreza ou do clero. Era notório o caso de Margaret “Molly” Clap, a Mãe Clap. Por amizade mais que por lucro, sua casa tinha as portas abertas para os fanchonos da cidade. Ali se bebia, cantava e dançava até a noite fatídica, em 1726, quando membros da Sociedade a cercaram e invadiram. Alguns fugiram, muitos foram presos. Entre humilhações públicas no pelourinho e alguns suicídios, quem não tinha dinheiro foi condenado à forca, quem o tinha, fugiu para o continente.

O escândalo alimentou a imprensa por semanas; contudo, teve o efeito contrário ao desejado. Para aqueles que, por excesso de discrição ou medo, desconheciam ainda a efervescente cultura que se desenvolvia, houve um choque revelatório: “Há outros como eu!” A tragédia reforçou a necessidade de discrição. Com o passar do tempo, as Sociedades para a Reforma dos Costumes saíram de moda – muitos de seus membros foram pegos no flagra a cometer os próprios crimes que noutros acusavam, por fim reduzidos à sua real dimensão de chantagistas e hipócritas, a sustentar a máxima de que todo moralista é, no fundo, um reprimido. Mesmo que volta e meia algum indiscreto seja pego no ato e povoe as páginas dos jornais, aquela comunidade que Fribble considera a “mais doce sociedade do mundo” floresceu – ou melhor: de tanto bater ela endureceu, firmando-se vigorosa e tesa, como convém.

E se agora Érico já se sente mais à vontade, quando entrara ali pela primeira vez, na semana anterior, sentira-se deslocado, atravessando aquele alegre rebanho com o sorriso encabulado do provinciano que quer fazer bonito, o coração agitado, e a sensação de que Armando o usava para exhibir-se frente aos demais (soube depois, por Maria, que Armando ainda se ressentia pelo modo como seu relacionamento com Fribble terminara, um certo amargor residual a temperar uma amizade que, em geral, era bastante agridoce. Embora Armando

nunca tenha lhe dito nada, Érico não viu problema em alimentar aquela fantasia na cabeça de Fribble, e até divertia-se com as reações enciumadas entre os dois, como se Érico fosse uma donzela cujo interesse precisava ser conquistado).

Tampouco quer deixar transparecer sua verdadeira intenção: o desejo, às vezes intenso demais, de que todos ali gostem dele, aliado ao temor de ceder-lhes confiança em excesso e sair prejudicado. Isso o deixa num estado de constante alternância entre a tensão e o relaxamento: não sabe mais que máscara deve usar, pois não sabe como se portar. Tanto tempo isolado em sua identidade o deixou despreparado para a ideia de que ela pudesse ser compartilhada. Deve interpretar o soldado – seco, quieto, formal, com sua agressividade latente –, o barão – muito à vontade, com um leve senso de superioridade natural aos bem-nascidos, os modos refinados de dândi – ou deve ser ele mesmo, e nesse caso, um rapaz de vinte e quatro anos tímido e ansioso, que deixado em seu estado natural até se efemina um pouco nos modos, mas que de tão protegido por máscara sobre máscara já nem lembra mais quem é? Ali dentro, Érico é um ator que já não sabe bem em que peça atua. No Rio de Janeiro, sua amiga Sofia lhe diria: “Érico, seu tolo, por um acaso acha-nos assim tão inferiores que a mera ideia de feminilidade o diminui?” Érico, seu tolo. Quando pensa em seus amigos no Brasil, pela primeira vez desde que chegara, sente saudades da terra natal.

“Todos já sabem”, diz Armando o tomando pela mão, e por um instante Érico fica confuso e hesita. Armando estranha a perturbação em seu olhar: “o jogo, querido.” Ele o puxa para o meio das pessoas, passando por cima da reticência habitual de Érico em se misturar. Este o segue, alguém passa entre os dois e os separa, Armando para e abraça um conhecido, ali conhece praticamente todo mundo e todos querem saber algo sobre a partida de uíste;

os que estão ao seu redor não sabem quem Érico é, e o olham de soslaio de cima a baixo, antes de voltarem para suas próprias conversas.

Há algo muito astucioso e esperto no modo como se tratam, nas suas gírias particulares: como geralmente ocorre com aqueles que são vítimas de ofensas constantes, apropriam-se da linguagem abusiva com que são tratados e a potencializam, até modificar o que antes era ofensa e desprezo em um humor afetuoso. Se muitos os tacham de efeminados, então mesmo os mais viris ali se tratam no feminino, com apelidos próprios: o carvoeiro hercúleo é “Lucy Cooper”, o barqueiro atlético é “Fanny Murray” e “Maria Pinga-Vela” fabrica velas. Os mais antigos orientam os recém-iniciados em como se portar naquele pequeno mundinho, e por isso são chamados de tias: “Tia Inglaterra”, “Tia May”. Os mais notórios ganham títulos de nobreza, como a “Rainha de Ferro” (um ferreiro) ou “Lady Godiva” (a servir de empregado de mesa num clube local). E há as celebridades como John Cooper, um velho açougueiro que vivia sempre *en travesti* e que, numa ocasião em que lhe roubaram as roupas de mulher, foi aos tribunais até as conseguir de volta, e era um dos mais respeitados e venerados: a “Princesa Seraphina”. Sua presença ali era inconstante, mas quando o fazia, era com o status de celebridade. Érico, com seus pudores lusitanos, não gostava destes hábitos nominais. Descobrira que seu nome ali era “Mary January”, devido tanto à sua cidade natal quanto ao temperamento controlado: “Frio como janeiro.” Ignoravam que no Hemisfério Sul janeiro é verão.

Eis que seu olhar capta algo novo: azul-ultramarino. Enquanto isso, o violão é dedilhado, a flauta soprada, o violino tocado e o ritmo dado num tamborim. A banda canta, eis a letra:

*Certa noite, de minhas ovelhas cuidava,  
e com zelo muito vigilante as guardava*

*Temendo o ataque dos maus lobos  
Que meu sono com frequência interrompiam  
E dentro de meu bom cercado se metiam  
Até que os espantasse aos brados*

O salão está cheio, vários dos amigos que fez naqueles dias estão ali e querem uma palavrinha com ele. Érico tenta vencer a pequena correnteza, mas é pontualmente detido por ela e, como reencontraremos muitos destes amigos mais adiante nesta narrativa, não faz mal ao leitor que os conheça desde já. Há o já conhecido Fribble, com uma bebida em mãos, que ergue a taça em discreta saudação e gira o indicador no ar, dando a entender que depois quer falar com ele. Armando, a essas alturas, já ficou para trás, preso a alguma de suas rodinhas de conhecidos, a fofocar sobre quem foi ao baile, quem não foi, quem vestiu-se bem e quem vestiu-se mal. O criado de madame, Alejandro, passa apressado com uma bandeja em mãos, levando drinques e trazendo copos vazios.

*Da meia-noite, creio, à altura  
(quando mais alva brilhava a lua)  
Embaixo, ouvi um estrondo!  
De princípio, até um susto tomei,  
Mas nada em volta quando olhei,  
Mas ouvi algo rolando.*

*Quando, por fim, decidi levantar  
E três vezes três me persignar;  
Alcancei meu cajado afiado  
Temi que o lobo seu prêmio pegara  
Nem sabia dizer como o fizera*

*E nem por onde havia entrado.*

O capitão de fragata Phillip Whiffle e seu companheiro de muitas décadas, o cirurgião de bordo sr. Simper, chegam junto dele. Érico os conheceu por meio de Armando, nas visitas constantes ao Libertino da Lua naquelas duas semanas e, com a vida militar de cada um, a afinidade foi imediata. O capitão quer saber da partida de uíste: “Você lhe aplicou uma lição e tanto”, diz Whiffle, ao que Simper retruca: “Ora, Phillip, sejamos sinceros: ele enrabou o italiano de tal modo que este já deve ter esquecido que algum dia teve pregas!” Érico tem uma afeição especial pelos dois, juntos há tanto tempo que sua presença traz uma inspiração romântica. O capitão Whiffle é exigente no vestir, e com seus modos delicados somados à propensão de desmaiar em dias de muito calor, transparece uma enganosa aparência de fragilidade e feminilidade – ninguém diria que é um dos heróis da batalha da baía de Lagos, onde capturaram aqueles navios franceses. Érico sorri, pede licença e segue.

*Foi que, ao luar, pude espiar  
Um rapazinho, nu a deitar  
Entre o rebanho encolhido  
Aos poucos, tentei chegar  
E grunhiu, pronto a expirar;  
Mas que falso, mas que fingido!*

*“Por piedade”, gritou, “mas que dia!  
Bom mestre, você me ajudaria?  
Pois estou exaurido!”  
Me condoí, quando o vi implorar;  
O levei à cama, para ali se deitar  
Mas fui eu quem foi servido!*

“... a verdade é que, não tendo encontrado nenhuma falha na minha argumentação, inventou aquela história absurda sobre o relógio e as minhas finanças!”, diz o velho conde Strutwell, cálice de conhaque em mãos, a contar pela enésima vez a mesma história para um ouvinte novo: de como um mal-entendido com um jovem médico terminou sendo distorcido pela pena de um escritor escocês, que o satirizou num *roman à clef* sem *clef*. Lorde Strutwell é uma figura solitária, que pontualmente sai da reclusão de sua mansão em Hampstead apenas para as noites de final de semana no Lua. Érico se afeiçoou ao conde tanto pela condescendência que se dedica a um veterano de muitas guerras, quanto pela admiração sincera por seu vasto conhecimento literário, dono que é de uma das melhores bibliotecas da Inglaterra. O conde, da sua parte, não se importa em ganhar um pouco de atenção de um jovem, ainda mais se este é bonito. “Oh, Érico, querido, aí está você! Como estava a festa do vereador Beckford?”

“Adequada à pessoa do anfitrião, creio.”

“Ah, posso imaginar, posso imaginar... Não pude ir, claro, minha saúde não me permite mais estas extravagâncias... apenas um *brandy* aqui entre amigos, e só.” Há uma ponta de tristeza resignada e melancólica no seu tom. Todos sabem que, desde um escândalo público muitos anos atrás, o conde não é convidado para mais nada na sociedade.

Érico lança outra vez seu olhar pelo salão, em busca do padrão dissonante que alerta seus sentidos, predeterminados a buscar sempre o novo. Sim, continua ali. Sentado numa das banquetas do balcão frente ao armário de bebidas, a luz das muitas velas a se refletir em suas garrafas coloridas e o envolvendo num caleidoscópio de reflexos multicores. Dobrada com cuidado sobre a banquetta ao lado, está a casaca azul-ultramarino.

*Trazia consigo um longo dardo,*

*Que na mão d'um pintor foi bem dourado,  
E duro qual aço era a ponta  
O examinei com muita atenção  
“Pode isto ferir um coração?”  
“Pois toque nela”, me falou, “e sinta!”*

O garoto tem ares saudáveis e fortes de camponês. A camisa branca, cordões já frouxos, deixa à mostra parte do peito musculoso e imberbe, trapézios robustos que sustentam um pescoço gracioso como um busto alexandrino, que culmina num rosto viçoso e corado. Os cabelos loiro-escuros caem soltos sobre os olhos de um modo que, embora bagunçado, dá-lhe ares de estouvado e meigo. É um tipo muito específico de beleza campestre, cuja virtude se sobressai, quando colocado em alinhamento com outras mais urbanas, pela pureza rústica. O garoto vira o rosto, tem-se a impressão de que seus olhares se cruzam por um instante, mas logo volta sua atenção para uma caderneta onde escreve – o terá reconhecido, daquele momento estranho na biblioteca, no roubo mútuo do *macaron*?

*E na pica da lança eu já tocava!  
E tão fundo em mim ela entrava  
Com tanta força e aflição  
Que nenhum bálsamo que colocar,  
Irá daquela lança me curar,  
Antes que fure meu coração.*

A música se encerra. Aplausos, pede-se outra. Lady Madonna chega ao seu lado.

“Estão melhores esta noite, estes teus músicos”, diz Érico. “Devia lhes dar um aumento.”

“Darei quando cantarem algo original”, diz ela, que abre o leque num gesto dramático e se abana, contemplando aquele juvenzinho que atraiu o olhar de Érico. “Isso foi um velho poema pastoral de Barnabé Barnes musicado.”

“Poesia pastoral? Entreouvi uma teoria de que nostalgia é coisa para excêntricos.”

“Creio que sim, se você o diz, querido. Mas algumas de nós apenas gostam de ler. E como sempre digo, eu vivo para os aplausos.” Ela se abana, e também abana Érico, jocosa. “Temo que este aí não saiba uma palavra na língua do rei, meu anjo. O pobre sr. Moggy ali tentou e tentou puxar conversa, mas saiu frustrado. Creio que o rapaz não seja inglês. Sabe o que ele pediu? Uma limonada. Sabe como o fez? Desenhou naquela cadernetinha que leva ali com ele, um copo de água e um limão. Mas eu coloquei um tantinho de rum, para ver se o menino se solta um pouco.”

“Hum... será que eu tenho alguma chance?”

“A vida é um mistério, querido, e cada uma deve enfrentá-la sozinho.” Ela fecha o leque e volta para o burburinho da festa, deixando Érico com seus próprios receios. Este se aproxima do balcão, senta-se na banquetta livre mais próxima do garoto, com a casaca azul-ultramarino sobre o banco a servir de divisa. O rapaz não olha para ele, concentrado que está em escrever na caderneta. Alejandro vai para trás do balcão preparar uma bebida e pergunta se Érico quer algo. Pede o de sempre, rum com limão. O criado prepara e lhe entrega a bebida. Érico toma um gole, e lança um olhar de esguelha para o rapaz.

“Aquele *macaron* estava delicioso, por sinal”, diz, em inglês.

O rapaz olha para ele sem falar nada e volta sua atenção para a caderneta. Será que não o reconheceu? Tanta gente, tanta coisa aconteceu naquela festa; mas sem dúvida que aquele momento do roubo do *macaron* era singular o suficiente para ser lembrado. De que país será? Bebe outro gole. “*Parlez-vous*

*français?*”, pergunta. Sem efeito. Mas seu francês mesmo não é muito bom, então melhor assim. “*Hablas español?*” Não? Alívio. Tem pouca paciência com castelhanos. Quarta tentativa: “*Parla italiano?*” Nada. Um tiro no escuro: “*Miláte ellíniká?*” Também não. Em bom português, resmunga:

– Se você falar alemão, eu desisto. A vida é muito curta para se aprender alemão.

O rapaz para de desenhar e o encara.

– Não falo alemão, não senhor.

– Ora! – Érico empolga-se. – Será possível? Eu... eu estava na biblioteca, lembra?

– Sim, claro que lembro – diz o garoto, a tomar o último gole de sua limonada batizada e, num tom indignado, vencendo a timidez. – Acho que você foi a única pessoa que me olhou nos olhos a noite toda. Você... você é português *mesmo*?

– Alguém nesse mundo fala português sem o ser?

– Me desculpe, senhor. É que faz muito tempo que não converso na minha língua.

– Ah, não peça desculpas. E não me chame de senhor! Não devo ser muito mais velho que você, pelo amor de Deus. Tenho vinte e quatro anos, e você?

– Tenho vinte e quatro, também.

Érico ergue uma sobrancelha, incrédulo.

– Vinte e três – o garoto se corrige, e logo adenda: – Digo... vinte e dois.

Érico sorri, complacente, com um leve inclinar do rosto.

– Vinte e um. – O rapaz coça uma cicatriz no braço, ansioso. – Er... vinte?

Érico puxa o relógio de bolso: – Isso é a contagem para o Ano-Novo?

– Tenho dezenove, senhor – confessa, corando. – Essa é a verdade.

– E qual o problema em se ter dezenove anos?

– Sempre que me tomam por muito novo, me tomam por burro. – Lança um olhar para a caderneta rabiscada à sua frente e a fecha. – Mas estou viajando no mundo desde os dezesseis, e não sou nenhum garoto besta do interior.

– Você não me parece nenhum garoto besta do interior, disso tenho certeza.

– Até porque sou do litoral.

Érico ri. Aponta a casaca azul-ultramarino sobre o banco e diz: – Importa-se? – O garoto a retira com cuidado, largando-a sobre a outra banquetta, e Érico pula para o banco ao seu lado, próximo o bastante para que o peso de sua perna pressione o joelho do outro. Érico toma outro gole de sua bebida e pergunta: – Então, de que parte deste nosso glorioso reino você vem?

– Uma vila na costa sul do Brasil, tenho certeza de que você nunca ouviu falar – diz o garoto. – Chama-se Laguna.

– Ora! Mas conheço sim, e já estive de passagem por lá! – Érico se surpreende com mais aquele joguete do acaso. Passara por Laguna duas vezes na vida, uma indo, outra voltando da fronteira Sul para o Rio de Janeiro, nos tempos da guerra contra os índios e os jesuítas. Um tempo do qual se lembrava de modo ambivalente e receoso. Mas por que lembrar da guerra agora? Fribble tem razão, é preciso leveza. E prossegue: – Sou do Brasil também. Passei a infância em Porto, mas depois voltei para o Rio de Janeiro. Nos últimos anos estava no exército e, bem, eu sou um tipo muito viajante, isso posso dizer. Pelo visto você também. Como veio parar aqui?

O nome do rapaz é Gonçalo. Está há alguns meses em Londres, trabalhando como padeiro para uma confeitaria no Soho, não muito longe dali, para uma francesa huguenote. O ofício é uma tradição familiar, o pai era padeiro – talvez ainda seja, tanto tempo faz que não tem notícias de casa, desde que fugiu. Paga suas viagens trabalhando como grumete em navios mercantes. Viveu algum tempo pela Itália, de lá indo parar no Norte da França, indo

sempre de padaria em padaria, o que considerou um bom aprendizado, até vir dar em Londres.

– Como você trabalhou em todos esses lugares sem falar as línguas? – perguntou Érico.

– Bem, o forno de pão não fala, a vassoura tampouco...

Gonçalo sorri com os olhos de um modo brejeiro, grande e expressivos olhos amendoados cujo olhar se alterna entre um leve ressentimento adolescente com o mundo, a confiança rústica e ingênua dos rapazes de interior, e lampejos de timidez, de quem quer agradar, mas não sabe onde pisa. Explica que até aprendeu um tantinho de italiano, outro de francês, e do inglês o mínimo necessário para não passar fome, mas fazia muito tempo, muito tempo mesmo, que não encontrava um conterrâneo com quem pudesse falar em sua própria língua. E quis o destino que fosse encontrar um logo ali, naquele lugar, tão cheio de... qual era a palavra para gente como eles?

– Fanchonos – diz Érico, com um toque provocador na afirmação confiante.

– É, fanchonos – diz Gonçalo, testando a sonoridade. – É uma palavra estranha.

– É porque não significa nada. É o problema com palavras assim: são criadas para trancar aquilo a que se referem dentro de uma definição comum, e no final só servem para prender você a um monte de gente com o qual você não tem quase *nada* em comum. Pessoas não são potes que se possam classificar numa única palavra. – Aponta o salão. – Metade dos que estão aqui vem só fofocar e falar mal da outra metade. Vamos, o que está bebendo? Deixe-me pedir algo para você...

– Melhor não, senhor. Não tenho muito dinheiro.

Mas Érico, espertamente pousando a mão sobre sua coxa, roga para que nem pense nisso, deve-se pagar uma bebida a um conterrâneo no estrangeiro,

certeza que é tradição em algum lugar, e se não for, deveria ser – e pelo amor de Deus, que parasse de chamá-lo de “senhor”. Ergue o braço e chama a atenção de Alejandro, pede mais duas doses de rum com limão e pergunta ao rapaz como é trabalhar para Beckford. Mas Gonçalo nem mesmo sabe quem é Beckford. A padaria onde trabalha foi uma das tantas contratadas para fornecer os pratos e confeitados daquela noite trimalquiônica, o que fez Gonçalo passar os últimos dois dias num frenesi de assar biscoitos e pastéis e bolos quase sem parar. Contudo, precisavam de mais gente no estafe da casa para servir aos convidados, alguém que entrasse mudo, sáísse calado e fosse apresentável, no que lhe ofereceram um pagamento que vinha a calhar. Precisava do dinheiro para pagar o aluguel (morava num quartinho na própria padaria em que trabalhava). E teria que devolver aquela casaca o quanto antes.

– O *macaron* que você roubou, aliás, fui eu que fiz – gaba-se com um orgulho fanfarrão e juvenil. – Aprendi na Itália, mas a ideia de colar dois com um recheio eu inventei. Você gostou?

– É claro. Como poderia não gostar?

– Minha patroa não gostou. Disse que era um biscoito muito caro e difícil de se fazer, para se desperdiçar daquele modo. Mas o mestre pasteleiro da festa adorou. Disse que era decadência com elegância. São todos loucos aqui. Comem com os olhos. Aliás, por que você roubou aquele *macaron*?

A mudança brusca para uma pergunta direta desconcerta Érico. É uma boa pergunta, em cuja resposta vem pensando há muito tempo: por que sempre faz o que faz? Por que sempre está se intrometendo no que não lhe diz respeito e onde não foi chamado? Se ser um espia é ser metade ator, metade bisbilhoteiro, ele já estava no ramo há muito tempo.

– A cor, a textura, o cheiro – conclui. – Aquela... como chamar aquilo? Uma “biblioteca de doces”? Foi como... foi como quando você vê uma pintura e você quer entrar nela, sentir-se parte dela. Toda aquela beleza doce e colorida,

eu queria aquilo dentro de mim. Faz sentido, ou pareço louco? É como faziam os tupinambás, que comiam os inimigos para herdar as forças.

– Hum, isso responde até a mais perguntas do que eu fiz – diz Gonçalo, malicioso.

– Responde mesmo, não é? – Érico ri, e põe outra vez a mão sobre sua perna, sentindo-lhe o calor da coxa através do veludo do calção. – E você, por que comeu o *macaron*?

– Eu passei os últimos dias assando bolos e biscoitos sem parar, feito um condenado, e esses esnobes agem com tanta pompa que parece até que cagam mármore. Bem, eu vi o que você fez e pensei: “Ele não é melhor do que eu, se ele pode, eu também posso.” E eu já havia provado na cozinha, só fiz pela desfaçatez mesmo. Desculpe.

– Você não precisa pedir desculpas para mim! Aliás, para ninguém.

O rapaz sorri, ao mesmo tempo ansioso e confuso, vagamente irritado com o mundo e alegre por estar ali, algo com que Érico também se identifica.

– Essa noite foi uma coisa mágica – diz Érico. – Tudo o que a habilidade produz: vestidos, pinturas, confeitos, as artes humanas se apresentando na minha frente em seu ponto de excelência, eu pensei: estou no Olimpo. Mas isso não é nada, sabe? Quando se compara com a verdadeira beleza, aquela que brota da natureza. Agora percebo isso, e por isso eu sou grato.

– Ah, sim, também gosto muito de jardins.

– Não era em jardins que eu estava pensando.

– Ah – Gonçalo ruboriza e sorri constrangido. – Seu bobo.

Olham nos olhos um do outro com a certeza secreta de um arranjo. Érico murmura em seu ouvido: quer brincar um pouco lá em cima? Gonçalo, que já tinha as bochechas coradas pela bebida, morde o lábio ansioso e desvia o olhar,

a esconder um sorriso que Érico não sabe dizer se é de aprovação ou de rejeição, mas a mão que deixou em sua coxa já sente o membro se mover solto.



Um quarto no segundo piso; cama, cômoda e bidê. Sobem as escadas aos tropeços, entram tão afoitos que esquecem de fechar a porta à chave. Érico põe uma das mãos em seu calção, acariciando-o de cima a baixo, e com a outra o conduz a fazer o mesmo em si. Sente o músculo denso do braço de padeiro, acostumado a sovar pães, o segura pela nuca e o puxa contra si, um beijo de hálito quente e doce. Nervoso, o rapaz se atrapalha ao tirar a camisa, mas quando o faz, Érico sente-se arrebatado: Gonçalo tem um corpo magro e robusto, todo músculo e tendões sem que haja excessos ou ausências. É o talhe ao mesmo tempo macio e rijo de uma escultura, *koyros* grego ou mármore renascentista, ladeado na virilha pelas marcas dos sulcos ilíacos que o faz pensar na mão firme de Michelângelo, dando à pedra branca e fria a mesma suavidade calorosa das carnes, desejando que sua obra fale. Gonçalo hesita. Sabe-se fora dos padrões de beleza vigentes, que exigem a pancinha dos bem alimentados e desprezam a força braçal plebeia, e fica genuinamente surpreso que alguém o ache atraente. Mas quando se vira de costas, Érico respira assustado: é uma reação exagerada que vem por reflexo, da qual de imediato se arrepende.

– Oh, meu Deus. O que... o que fizeram com você?

Gonçalo se volta, constrangido. A excitação o fizera esquecer, mas agora é tarde, já expôs o que considera sua vergonha: uma série de horríveis lacerações, descendo em linha dos ombros até o centro das costas; cicatrizes retorcidas deixadas por uma sequência de inúmeras chibatadas.

– Desculpe, eu deveria ter avisado – diz, constrangido. – Eu tive problemas anos atrás, em Laguna. Por isso fui embora.

– A Inquisição? – Érico morde o lábio de raiva. – Fizeram isso com você?

– Oh, não. Mais ou menos. Minha pena foi aplicada em privado. Isso foi meu pai.

Érico ferve de raiva. Já não há mais ânimo algum.

– Me desculpe – diz Gonçalo, sentando na cama. – Eu deveria ter lhe avisado...

Érico respira fundo, sente vergonha de si mesmo por sua reação, uma raiva fervente por aquelas marcas de violência, e então percebe que, aos olhos de Gonçalo, sua raiva pode ter sido interpretada como asco. Tenta consertar o estrago: diz que não há problema algum nisso, que todos carregamos as cicatrizes de nossas vidas, e estas não são tão horríveis assim. Gonçalo senta-se na cama, cabisbaixo e constrangido, mãos entre os joelhos. Algo nele sugere uma vida bastante solitária.

– Não imagino como se pode fazer algo assim com alguém tão meigo como você – diz Érico, sentando-se ao seu lado.

– Já me chamaram de muita coisa, mas “meigo” não foi uma delas – Gonçalo sorri.

– Então você não foi tratado como merecia – respousa a mão em suas costas. – Importa-se se eu tocá-las?

Gonçalo se vira de lado em silêncio, e Érico corre os dedos pelas marcas grosseiras de pele retorcida das cicatrizes, a textura sedosa intercalada pelas riscas repuxadas entre as omoplatas. Pensa em lhe dizer que são as asas arrancadas de um anjo, mas a imagem igrejeira lhe parece provinciana e inadequada. Inclina-se e beija as cicatrizes seguindo o trajeto até o ombro. Gonçalo vira o rosto; os lábios se encontram outra vez, o ânimo retorna. Érico se ergue e termina de se despir, tirando a camisa e exibindo no lado esquerdo do tórax, sobre as costelas logo abaixo do músculo peitoral, o desenho de uma esfera armiliar circundada pela frase UNUS IUENNI NON SUFFICIT ORBIS. Gonçalo fica fascinado por aquela tatuagem e sua inscrição críptica, e a toca

contornando o desenho com o dedo. Quando ergue o rosto, Érico acaricia seu queixo.

– Prometo que, se doer, eu paro – diz Érico.

– Ora... – ri Gonçalo, fazendo pouco de sua preocupação. – Não sou de porcelana.



De bruços, mãos agarradas à colcha e as costas úmidas de suor, Gonçalo fecha os olhos e tem seu fôlego arrancado num gemido. Érico mordisca o lóbulo de sua orelha, lambe o ponto sensível logo abaixo enquanto o come com entusiasmo e firmeza. O garoto rebola o traseiro de modo manhoso e inclina a cabeça para trás, corando violentamente, oferecendo o pescoço que Érico segura obstinado com uma das mãos enquanto o abraça com a outra, entorpecido pelos tremores de prazer que percorrem sua espinha e se espalham latejantes por todo o seu corpo. Pode ver o prazer crescendo em Gonçalo, uma frouxidão na boca e a ereção rija entre as pernas. Em coro, no conjunto de suspiros, nas lambadas úmidas e escorregadias de cada arremetida que é como uma bomba d'água sendo furiosamente bombeada, no balançar da cama sacudindo e rangendo em ritmado vaivém contra a cômoda, estabelece-se uma sincronia musical, que passa despercebida na balbúrdia reinante no resto da casa, onde também há outros ritmos e danças. No bate-bate da cama à cômoda, porém, o vaso de latão que está na beira vai indo, vai indo, e por fim cai ao chão num estrondo metálico que reverbera por toda a casa, cessando o burburinho lá de baixo – um instante de silêncio em que tudo o que se escuta é aquele dueto de ganidos enérgicos dos dois rapazes, compenetrados e alheios a tudo.

“Um brinde ao amor ao próximo!”, grita um rufião, erguendo o copo.

Risos. Volta a música, volta a casa à algazarra habitual. Os cabelos suados grudam-se à testa, Érico desliza sua mão para entre as pernas de Gonçalo, em busca daquele membro formidável, e esfrega a ponta sensível com o polegar. O rapaz aperta a colcha entre os dedos, embriagado de prazer, o ritmo dos dois cresce e chega ao ápice, estourando numa surpreendente concomitância. Érico o abraça com força e fica imóvel, no trêmulo e curto vazio que se segue. Depois desaba ao seu lado, os dois se encaram ofegantes, sorriso mútuo de satisfação: a noite promete ser deliciosamente longa.

A madrugada avança, e aos poucos a cidade entra no seu habitual estado de dormência: um olho fechado, o outro sempre aberto. Ali agora o burburinho diminui, a banda já se recolhe, os que não encontraram pares ou já os têm noutra lugar, vão para casa. Não muito longe dali, enquanto num teatro se aplaude, no outro ululam vaias; enquanto músicas são cantadas em salões, gritos de socorro ecoam em becos; uma dúzia de bebês nasce, mas só metade verá o sol raiar; os sinos de centenas de relógios marcam as horas e o coração do mundo pulsa indiferente e monstruoso.

## INTERMEZZO I

*And to my heroes when I was 14 years old  
And to the romance that were dressed up in gold  
Only hoping one day I could be so bold  
Where have all the gay guys gone?*

Mika, *Good Guys*.

HORAS. *Em frente ao Palácio Velho de Florença, numa tarde morna, a estátua se impõe à sua visão, nua e pálida em toda a sua glória triunfante. A densidade da carne feita mármore, a robustez das mãos e do pescoço, tão viva e natural que imagina poder tocá-las e sentir a macia rigidez dos músculos. Colado ao pedestal, olha para cima, por entre as coxas possantes, onde as nádegas salientes se sobressaem e convergem por entre as pernas até o par de joias túrgidas minuciosamente detalhados pela mão de Michelângelo, uma tumescência para compensar a impossibilidade que o decoro impõe na representação de outra, ainda que aquele pequeno botão de amor traga na ponta a sugestão de abrir o capuz protetor e revelar o coração para o mundo. O pensamento perturba tanto sua mente quanto seu corpo, e aquilo que no mármore é inerte, nele intumesce e se ergue latejando. Por quanto tempo permaneceu ali, mesmerizado e fascinado pela simetria geométrica da beleza do corpo, jamais saberá dizer. É como se a qualquer momento Davi, cansado da posição, fosse se mover e apoiar o peso na outra perna. Até que escutou o chamarem, e foi preciso dar-lhe adeus.*

DIAS. *São Sebastião, padroeiro da cidade que é sua terra natal, não morreu pelas flechas que aceitara, passivo, que penetrassem sua carne – morrera depois, a pauladas, o corpo atirado aos esgotos de Roma. São Sebastião, que em verdade era um centurião romano de cinquenta anos, padroeiro dos soldados e dos atletas; não o jovem viçoso e róseo como a pintura de Guido Reni à sua frente. Mas não se importa. Os braços erguidos acima da cabeça, o estranho contraste entre o martírio e a posição sinuosa do corpo, a linha serpentina que é a linha da beleza, projetando o peito à frente enquanto pressiona os glúteos contra a árvore, sugerindo antes de tudo um êxtase; a tanga enrolada à cintura que cai um pouco abaixo do púbis, deixando à mostra parte da virilha, onde uma flecha penetra logo abaixo do umbigo. Outra vez sente a tumescência. Sozinho com aquela pintura, no salão do Museu Capitolino, é tomado por um súbito pânico: a confusão, o desejo, o calor do verão italiano, das roupas e dos costumes que o sufocam, do ar que lhe falta. Quando dá por si, está deitado, com o chão frio às costas, seu primo o reanima com tapinhas no rosto, o toma nos braços e, por fim, um beijo rápido em seus lábios, para despertá-lo. Ele se levanta, garante que está bem. Prometem não contar nada à sua mãe para não preocupá-la.*

MESES. *No cais da cidade do Porto, prestes a embarcar um tanto a contragosto, de volta para a terra da qual não se lembra de ter vindo. Seu primo veio se despedir trazendo-lhe um presente: um encadernado com o Fedro de Platão. Leia, pois está tudo aí; leia e espante a sombra deste remorso que o corrói com a luz da sabedoria antiga. Seu gesto é pleno de significados, pois sem que o soubessem, inseria os dois numa longa tradição, inconsciente e secreta, ela própria a definição de suas identidades. Pois naqueles tempos, ó, jovens, não havia livrinhos discretos e instrutivos a circularem furtivos entre entendidos, e assim ainda o será por muito mais tempo após eles; não havia espaço para uma discussão minimamente saudável sobre suas naturezas, exceto por Platão. Nos séculos vindouros, a classe discreta à*

*qual pertencem terá sua identidade definida pelo ato, igualmente discreto, de uma troca de livros.*

*SEMANAS. Em alto-mar a tormenta joga os nauseados de um lado a outro, mas é outra a tormenta que o estremece: revirando a memória da despedida, do momento em que seus lábios se encontraram pela última vez, devora cada página com agitação febril, pois está tudo ali. Agora ele sabe. Sabe quem é e onde está, sabe que outros vieram antes dele e outros continuarão vindo após, que nunca esteve sozinho, pois se insere numa longa e gloriosa tradição. E lhe diz Platão, pela voz de Sócrates: “O recém-iniciado, quando vê uma face de aparência divina que bem imita o belo ou a forma de um corpo, primeiro sente um estremeção, depois dirige os olhos venerando-o como um deus... pois ele se aquece ao receber pelos olhos o eflúvio de beleza com o qual a natureza da asa é irrigada... o talo da asa entumesce e dá impulso para que cresça a partir da raiz e sob a forma inteira da alma, pois a alma inteira era outrora alada. Pulsa toda nele e então lateja... e quando põe os olhos em direção à beleza do garoto, de lá recebe partículas que emanam e fluem – e por isso mesmo chamadas atração – e sendo irrigada e aquecida, é apaziguada de dor e regozija-se.” Sim, sim! Que conforto foi para seu coração ver seus sentimentos ali descritos; saber-se parte de uma longa e profícua tradição que é ela própria pilar de toda cultura. Agora que sabia para onde ia, sabia também de onde viera.*

*ANOS. Não há pecado ao sul do Equador; há o andar dançante dos mulatos, há a solicitude despreocupada dos índios, há o desejo reprimido dos brancos. Diversos sentimentos e desilusões se sucedem, confessos em cartas ao primo, cartas que atravessam o oceano. Sim, não há culpa no que por sua natureza já o é escoimado. E há outras preocupações também: não é mais um garoto, é um soldado, defendendo e demarcando fronteiras, ajudando a desenhar a terra. Ali, as cartas demoram a chegar. Mas um dia as cartas cessam de vez. Os navios atrasam. Do silêncio, nasce a preocupação: terá acontecido algo? Há tanto com o que se*

*preocupar – os índios, os castelhanos, os jesuítas, que quase não se dá conta do  
passar do tempo. Eis que chegam notícias: a terra tremeu, o mar se ergueu, o fogo se  
alastrou, Lisboa foi destruída e milhares estão mortos. Agora sabe que as cartas do  
primo não virão nunca mais.*

*Agora sabe que estará sozinho.*

SEGUNDO ATO  
COINCIDÊNCIAS



## 10.

### BASKERVILLE

— *Y*ou must be very gay now.

“Perdão?” Érico está distraído, custa a traduzir em sua mente aquelas palavras. Chegara cedo à Shaken & Speared na esperança de falar com o Milanês antes do movimento daquela manhã de terça, mas este já se ocupara de atender sua clientela desnorteada, e a Érico restou se distrair folheando panfletos, um mais raivoso que o outro. Em *Os bons e maus efeitos do chá considerados*, de autor anônimo, defende-se que o chá seja exclusivo das classes superiores, “pois as mulheres do vulgo quando o fazem negligenciam deveres domésticos, desperdiçam o dinheiro do labor dos maridos em fofocas que, via de regra, as levam a fazer pouco caso da reputação dos patrões”, e ao final conclui: se algo não for feito para vigiar com rigor seus lazeres, as classes baixas serão desvirtuadas do papel social de servir. Érico revirou os olhos e buscou algo mais interessante, se contentando com um exemplar do *Mercador de Veneza*.

Da sua parte, o Milanês se manteve ocupado com um sujeitinho insistente que brandia dois exemplares distintos exigindo saber qual obra era a melhor. O livreiro tentou se esquivar, disse que não há tal coisa de livro bom ou ruim, pois gostos variam muito e aqueles em particular não lera. Isso só enfurece ainda mais o cliente: “Mas como! Não diga tolices, seu trabalho é vender livros, não pode vender algo que não conhece!” O Milanês ainda tentou argumentar que é impossível ler tudo o que se imprime, mas o homem se enfureceu:

“Diabos! Faça seu trabalho direito e me diga qual é o melhor!” Derrotado, o Milanês apontou um dos exemplares a esmo e o sujeito ficou satisfeito, comprou e foi embora. Livre para dar atenção a Érico, fez aquela pergunta desconcertante.

“Eu disse que você deve estar muito alegre, agora”, repete. “Eu soube da partida de uíste.”

“Ah, sim. Meio alegre, eu diria.” Érico guarda o livro de volta à prateleira. “Ficarei alegre por inteiro quando receber a outra metade da aposta. Mas... por que estamos falando em inglês?”

– Oh, perdão – diz o Milanês. – Ainda estou atordoado daquela festa, creio que não me recuperei dos meus excessos. Minha nossa, o quanto bebi! Aposto que falei mil extravagâncias.

– Não saberia dizer, mas você falou em charadas, e fez citações em latim. “LOREM IPSUM...”

– Ah, é de Cícero, não lembro qual obra. Sou desses que se põem a falar latim quando bebe, não me pergunte o motivo. Mas enfim, onde estávamos mesmo?

– Estes teus clientes... isso é assim todo dia?

– Só quando a loja abre – resigna-se o livreiro, retirando da prateleira o livro que Érico recém-guardara e discretamente o repondo no lugar correto. Quando se dá conta da obra que é, sua sensibilidade judaica o faz erguer a sobrancelha: – O senhor gosta de Shakespeare então?

– A meu modo, gosto. Algumas tramas são banais, quase tolas; mas para mim o valor não está nelas, e sim nos personagens, não crê? Tanto faz o que lhes acontece, contanto que algo lhes dê a oportunidade de falarem e falarem e exporem suas ideias sensacionais sobre o mundo. Quando penso nele, penso nos personagens antes das tramas.

– Curioso. E qual é sua favorita? – instiga o livreiro.

– *O Mercador de Veneza*, certamente. Tenho grande simpatia por Shylock. Ele e Antônio são duas faces da mesma moeda, a meu ver. E me identifico muito com Antônio também.

– Shylock? Que interessante. O vilão judeu? – provoca o Milanês.

– Ele não é um vilão – defende Érico, dando-se conta do terreno pantanoso em que se metera. – De fato, ninguém força Antônio a assinar o contrato. Uma libra de carne é uma libra de carne. – E com um tom raivoso, conclui: – A balança da dor não se equilibra com perdões.

– Rá! Estou apenas provocando você, garoto. – O Milanês ri, dando-lhe um tapa nas costas mais forte do que o ideal. – Vamos, onde havíamos parado da última vez em que nos vimos?

Érico o lembra da charada que recitara na festa: “A fonte de suas dúvidas é a fonte de suas respostas, e a fonte é um homem, que é a própria fonte que procuras.” O rosto do Milanês se ilumina com a lembrança, e pede que o acompanhe até uma mesa num canto, onde uma edição em octavo do *Paraíso perdido*, de Milton, capa de couro de bezerro com gravação dourada na lombada, edição do ano passado, está aberta na folha de rosto.

– A solução para o mistério, senhor Borges, é uma questão de tipos.

– Meu ou do autor?

– Não, me refiro à tipografia. Diga-me, está familiarizado com o trabalho do senhor Baskerville, o impressor-chefe da Universidade de Cambrígia?

Érico não está, o que torna necessária uma explicação: de Gutenberg até os dias atuais, as artes tipográficas pouco ou quase nada haviam mudado, mantendo-se a noção conservadora de que a estética deve prevalecer sobre a função. Mas há pouco tempo entrou em cena o senhor John Baskerville. Desde cedo com um talento nato para a caligrafia, experiência no talhe de lápides e uma fortuna feita em técnicas com laca, Baskerville desenvolveu interesse por tipografia e investiu numa gráfica. Provocou uma pequena revolução dez anos

atrás, ao lançar uma nova fonte tipográfica de sua criação, que buscou equilibrar função e forma, numa letra que facilitava a leitura e mantinha sua elegância ao mesmo tempo, encerrando o reinado das letras góticas.

– Veja o contraste entre as partes grossas e finas de cada letra – aponta o Milanês no exemplar aberto sobre a mesa. – Ou como o oval interno das letras arredondadas é mais alto do que largo, criando uma aparência espichada. Olhe o rabo da letra Q: o traço é dinâmico e ondulado. Veja os itálicos, como são proeminentes as serifas! Como sua nova letra é mais fina e detalhada, Baskerville viu a necessidade de criar também uma nova tinta, de secagem mais rápida, e que fosse mais escura e homogênea. Mas uma tinta nova necessita também de um novo tipo de papel, que ele também desenvolveu. Apesar de continuar sendo feito de trapos, não tem mais as estrias verticais comuns aos papéis de tecido. Contudo, um novo papel necessita também de um novo tipo de prensa tipográfica.

– Suponho que ele também a inventou? – arrisca Érico.

– Não é fascinante? Sou um grande admirador, e tive a sorte de...

– Me desculpe, mas podemos atalhar para a parte que diz respeito ao meu livro?

O Milanês revira os olhos: “Ah, o filisteu!” Pois bem, nem tudo são rosas. Baskerville é ateu, e isso lhe atrai antipatias. Seu maior rival é William Caslon, cujos partidários fazem o possível para boicotá-lo. Dizem que sua fonte é forte demais, que seu papel é plano demais, que o excesso de contraste e de clareza da página poderá provocar cegueiras no leitor etcetera. Mas em sua opinião, Baskerville está tirando os livros dos vícios medievais barrocos, de estética tortuosa e irregular, e impondo a bem-vinda austeridade clássica.

– Gregos e romanos estão mesmo “macaroni” – observa Érico. – Mas, e meu livro?

O Milanês pede que o siga. Busca numa mesa o exemplar pirata do *Fanny Hill* e o abre ao lado da edição de Milton feita por Baskerville.

– Note que a tipografia é a mesma, mas no *Fanny Hill* o papel é comum e de má qualidade, a tinta é ordinária, de modo que a impressão fica irregular, as letras grossas e borradas – diz o Milanês. – O que não compromete a leitura de ninguém acostumado com impressões baratas, mas que se torna gritante quando comparado com um exemplar de maior qualidade. É o tipo de coisa que, uma vez que você percebe, nunca mais deixa de notar. Aliás, tomei a liberdade de lhe escrever.

– Para quem? Baskerville?

– Sim. Entenda uma coisa, senhor Borges: esta tipografia só é usada nas oficinas da Universidade de Cambrígia. É exclusiva. Como eu e o sr. Baskerville nos conhecemos há anos e, sendo ambos ateus, sempre tivemos grandes afinidades de ideias, perguntei-lhe com a intimidade que me permite ir direto ao ponto: “Meu caro, estás agora no ramo da pornografia?”, e lhe relatei sobre este livro. E o que descobri interessará muito ao senhor.

Eis o que Baskerville contou: no final do ano passado, foi procurado por um representante do embaixador espanhol, o conde de Fuentes, para encomendar-lhe uma cópia de sua prensa tipográfica, que viesse acompanhada de um conjunto completo de seus tipos móveis, em vários tamanhos e incluindo-se os itálicos. Disseram-lhe que o rei da Espanha tinha grande admiração por sua edição das obras de Virgílio, e que desejava uma nova imprensa régia, para marcar seu início de reinado com ares modernos. O dinheiro oferecido era uma soma tal que tornava a proposta irrecusável, e as perguntas, desnecessárias. Produziu a encomenda, embarcou tudo – a prensa desmontada, caixas e mais caixas com os tipos de chumbo – numa carroça e enviou para Londres. No meio do caminho, a tragédia: a carroça foi atacada por salteadores da estrada, seu empregado fora morto, e a prensa, com todos os

tipos móveis, foi roubada. E como o conde de Fuentes não pretendia pagar pelo que nunca recebeu, Baskerville ficou sem seu dinheiro.

– Isso comprova que este livro teve seu início aqui – conclui Érico. – Se eu puder encontrar esta prensa tipográfica, terei a certeza de sua origem. Mas a pista acaba aqui, não? Pode estar em qualquer lugar. Cheguei a um beco sem saída, me parece.

– Lamento não poder ser de maior auxílio, sr. Borges, mas era o que estava ao meu alcance.

– Não se preocupe. Sou grato por sua ajuda e certamente vou me lembrar dela. – Érico recolhe seu *Fanny Hill*, o coloca debaixo do braço e já se vira para a saída quando lhe ocorre uma última pergunta: – Perdoe-me a curiosidade, mas disseste, se não estou enganado, que você e Baskerville têm em comum serem ambos ateus, é isso? Mas você não era judeu?

O Milanês contém um sorriso.

– Essa é uma pergunta em aberto, a depender de quem a faz. Para mim, não é uma questão relevante. Mas a opinião que realmente importa é a da Corporação.

Sua família, explica, viveu fugindo de um reino ao outro pela Europa, movida ora pelas oportunidades profissionais de seu pai, ora pelos humores dos reinos para com sua gente. Em 1735, quando tinha nove anos, estabeleceram-se em Londres, atraídos por uma grande e próspera comunidade de sefarditas. Mais importante nessa vida do que ter dinheiro é ter bons contatos, e seu pai foi um dos últimos judeus a serem aceitos na Corporação de Londres, antes da criação de novas regras que os impedissem de ingressar. Isso lhe permitiu comprar aquela livraria dentro da City. Contudo, a hereditariedade da concessão só passa aos filhos nascidos *após* a outorga, de modo que o Milanês, seu primogênito, para herdar o negócio do pai precisou também ser aceito na Corporação; e, para isso, precisava servir-lhe como aprendiz durante sete anos,

e para isso, não poderia mais ser judeu, o que criava um paradoxo. O próprio Milanês foi quem propôs: “Então me converto.” Sua mãe quase desmaiou. Seu pai, mais pragmático, a acalmou citando Maimônides, para quem as conversões movidas pela força da necessidade fogem da acusação de apostasia. Ao que o Milanês retrucou: “Mas, papai, eu não acredito em Deus, dá na mesma.” Sua mãe, aí sim, desmaiou. E seu pai, pragmático, disse-lhe: “Meu filho, ninguém perguntou.”

– Então você é... como se diz? Um “marrano”?

– Prefiro que não use essa palavra, se não se importa. Significa “porco” em castelhano, e embora eu não tenha nada contra porcos, pelo contrário, bacon talvez seja a única coisa a abalar minha crença na inexistência de qualquer Deus, não gosto de ser comparado a um animal.

– Dizendo coisas assim, não sei como você e seu irmão chegaram vivos até hoje.

– Ah! Meu pai sempre dizia: “Serão dois fugitivos; o mais velho, da fogueira, o mais novo, da forca.” – O Milanês ri. – Mas papai era otimista: viamos fugindo, e não como condenados.

– O que não entendo – diz Érico –, é que se você ainda se considera judeu, mesmo tendo rejeitado a sua fé, então o que o faz ser um?

– Mas o que é ser qualquer coisa, rapaz? O que é ser português, se você nasceu no Brasil? Aqui o conhecem por um nome, acolá por outro. Um rio nunca é o mesmo rio, as águas seguem em eterno movimento, e um mundo estático só faz sentido para estátuas. O que é um judeu? É alguém para o qual essa pergunta é pertinente. Há alguns valores fixos, claro, como uma propensão à busca da liberdade, e eu acrescentaria a propensão a rir da própria desgraça. Não tanto uma contemplação transcendente e inativa, mas um forte senso de responsabilidade comunitário em reparar o mundo. Comunidade e responsabilidade são valores aos quais posso me apegar, sem necessidade

alguma de crer em qualquer Deus. Convenhamos que ninguém precisa de religião para agir de modo decente com o próximo. E se precisam é apenas por ilusão de poder: quem crê que, orando, possa ter o seu desejo atendido, alimenta a ideia de que pode controlar o mundo à sua volta e influenciar Deus.

– Mas se você afirma ter certeza de algo, mesmo que seja a certeza de uma inexistência, ainda assim se arroga um conhecimento de algo que não pode ser provado – lembra Érico. – Então o crente e o descrente estão ambos empatados.

– Se eu for fulminado por um raio agora – diz o Milanês –, coisa que, convenhamos, é improvável, mas supondo que ocorra: você dirá que foi por mero acaso ou por vontade divina? De todo modo, eu estarei fulminado, e para todos os efeitos, bem morto. Se aplicarmos o princípio da navalha de Occam, de que, havendo duas hipóteses para o mesmo problema, a mais simples é geralmente a mais correta, então nada é mais simples do que a aleatoriedade do acaso.

– Hum, isso funciona bem como argumento lógico, mas não se aplica sempre à realidade.

– Oh, bem, meu irmão concordaria com você. Mas ele é um individualista inconsequente. Quando era garoto, sempre que encontrava alguma compilação de mitzvot, o alombado tomava da pena e acrescentava à revelia seu próprio 614-º mandamento: “Não levará nada disso muito a sério.”

Caminham em direção à saída, por entre as mesas cheias de livros e folhas soltas – tratados sobre o estado das cervejarias, panfletos sobre a guerra em curso, estudos médicos sobre os humores. Depara-se com dois volumes de título curioso: *Memórias autênticas da Inquisição portuguesa*. Abre na folha de rosto: “Diversos fatos contundentes sobre os jesuítas portugueses, a conduta da corte de Roma, e onde se anuncia a tendência do jesuitismo em promover a Corrupção Universal dos Costumes.” Ora, talvez devesse bajular um pouco o

conde de Oeiras lhe enviando aquele exemplar, pois não há coisa que este mais deteste no momento que os jesuítas. Dá uma folheada no volume, e se depara com um trecho onde o autor acusa os comerciantes portugueses de trapaceiros; e termina com um ditado: “Quatro portugueses, três ladrões.” O sangue lhe sobe à cabeça.

– Qual o problema com essa gente? Não se escreve outra coisa que não difamações? Há que se pôr um basta nesse tipo de coisa...

– Há alguma inverdade nisso aí? – provoca o Milanês.

– Ora, para ser sincero, cresci no Norte de Portugal, bem sei a quantidade de espertalhões entre a gente daquela terra, mas não se pode generalizar e julgar toda nossa gente pelo caráter de alguns. Olhe isso aqui: está a tal ponto que toda vez que vejo a palavra “português” já sou levado a pensar que a usam como ofensa!

O Milanês dá uma olhada no texto: – Está vendo coisas, senhor Borges. E mesmo que fosse verdade, que diferença lhe fará? É como aquela mulher que viu semana passada, a entrar aqui me chamando de “judeu” como se isso fosse me ofender.

– Não é pela palavra em si, e sim o fato de considerarem uma ofensa – justifica.

– Mas se não é uma ofensa para mim, que me importa o que se passa na noz seca que ela traz no lugar do cérebro? Ela vê um judeu e grita “judeu”, ela verá um negro e gritará “negro”, ora... o que vemos em ação é apenas a inércia do idiota que se julga esperto. Pela própria limitação natural aos idiotas, pensa que atentar para o óbvio, que um judeu é judeu ou que um português é português, é algum tipo de lampejo de sagacidade, quando apenas externa sua própria incapacidade de ir além do que é mais superficial. Em outras palavras, se um cão late, você não se põe de quatro e late também, você segue em frente. O cão continuará sendo cão.

– Mas é redutor, não crê? Quando aos olhos dos outros você é limitado por uma palavra.

– Mas há uma palavra na qual todos se reduzem, no final.

– E qual seria?

– Pó. – O Milanês para frente a uma pilha de permutas de outras livrarias, e retira do meio um papel intitulado *O impostor detectado: ou, a vida de um português*. Mostra para Érico o subtítulo na folha de rosto: “Na qual os Artíficios e Intrigas de Padres Romanos são humorosamente revelados.”

– Mais difamações contra minha gente. – Érico suspira, já anestesiado.

– Não se preocupe com esse – tranquiliza o Milanês. – Anedotas, coisa de Grub Street. Tem boa saída, mas são apenas ataques antipapistas sem maiores consequências. Cães latindo.

– Ah, sim, mas esse tipo de piada à nossa custa perpetua imagens falsas. Meu país não é pior que qualquer outra nação católica. França e Áustria sacrificaram muito mais da sua própria gente nessa guerra tola do que nós jamais mandamos à fogueira. E mesmo assim, não fizemos nem metade do que a Espanha fez. Não é como se fôssemos a Inquisição Espanhola!

Como se por resposta divina, três padres católicos em batinas vermelhas entram juntos, perguntando com seu forte sotaque espanhol, onde estão os livros litúrgicos. O Milanês vai atendê-los e Érico se distrai com outra pilha de panfletos enquanto aguarda. Pega um que é vendido à folha solta e nota uma familiaridade que lhe desperta a atenção: o nome do autor é Pedro de Nasseti, um dos nomes falsos que constavam na contabilidade do comerciante lisboeta assassinado no barril. Não pode ser coincidência. O título do novo panfleto agora é *O trovão da razão*. A diatribe propõe a castração como forma de se eliminar a pobreza, para que o número excessivo de filhos entre as pobres diminua. Um trecho:

*A falta de respeito dos pobres com as classes altas é emblemática desta cidade. Não toleram os filhos e filhas bem-nascidos, a riqueza alheia, a civilização mais educada. Não aceitam conviver com as diferenças, tolerar que há locais mais refinados, que demandam comportamento mais discreto, ao contrário de seus bailes vulgares. São bárbaros incapazes de reconhecer a própria inferioridade e morrem de inveja da civilização.*

Ingleses e suas inglesices. Porém Érico percebe o ondulado no rabo da letra Q, os ovais altos e estreitos nas letras circulares, as serifas marcantes nos itálicos. Baskerville. E assim como no seu *Fanny Hill*, o papel grosseiro absorve demais a tinta e engrossa as letras, sacrificando a elegância da tipografia. Chama o Milanês. O livreiro, que conduz os padres à prateleira certa como quem conduz o gado por currais, volta sua atenção para Érico, que espalha em leque aquela pilha de panfletos.

– Como explica isso?

O Milanês nem olha os papéis, e já levanta a guarda: – Meu caro, é preciso aprender a conviver com a multidão. Não negligencio a venda de livros que não leio ou que jamais leria. Sou um comerciante de livros, e para mim o melhor livro é aquele que vende. Quanto a isso... – pega um exemplar, vê o título, e faz uma careta. – Hum, é uma das permutas, mas não o li. Pedro de Nasseti? Nunca ouvi falar. Provavelmente é um nome falso, ninguém assina os panfletos hoje em dia, a maioria publica sob anonimato. – Aponta a folha de rosto. – Já o impressor... que estranho, nunca ouvi falar deste também. R.O.G., na ilha dos Cães. Você sabe onde fica a ilha dos Cães? É um charco onde não há nada além de vacas, moinhos de vento e algumas docas. Além disso, ROG me parece um acrônimo para *rogue*, que se pode traduzir como “desgarrado” ou “trapaceiro”.

– Não se preocupe com as iniciais, nisso já tenho um palpite. Mas observe a fonte. Não é Baskerville?

–Você *estava* prestando atenção, afinal? Há esperança para as novas gerações! E a sua prensa desgarrada está na ativa ainda, e a serviço de um panfletista sectário.

– Alguma ideia de quem possa ser o autor desse texto aqui?

– Impossível dizer. Londres sempre foi tomada de panfletistas. – O Milanês dá de ombros. – Quiçá a Europa inteira o seja. A maioria não traz uma ideia aproveitável, apenas se ocupa de apontar culpados e pedir cabeças. Como lhe disse, vendo o que tem saída.

Não havendo mais o que descobrir ali, Érico lhe agradece a diposição e o Milanês o acompanha até a saída, quando uma velha dama vem na direção dos dois e pergunta se por um acaso possuem uma obra francesa chamada *Novela das cobertas russas*. Com a experiência críptica adquirida no ramo, o Milanês confirma lhe dizendo: “Ah, sim. *Novas descobertas dos russos* está ali”, e aponta os livros de viagens. Logo atrás dela, entra um rapaz agitado, à guisa de mensageiro, e pergunta se o barão de Lavos se encontra. Érico confirma que sim. O rapaz lhe entrega uma mensagem e vai embora. Érico abre o envelope anônimo onde se lê uma única frase:

“Eu sei o que você fez.”

## 11.

### “IAGOS, TAIS COMO VÓS...”

**H**á entre os chineses em geral, e no imperador Qialong em particular, a crença arraigada de que a China é o centro do mundo e não há nada de que necessite do exterior. E quem quiser ter o privilégio de fazer comércio com ela, portanto, deve fazê-lo à base de minério de prata. Mais que adornar altares de igrejas ou a prataria da nobreza, a maior parte do que se extrai das minas de prata das Américas encontra seu fim no outro lado do globo, em troca de caixas e mais caixas do *tchay* que se torna a bebida quente, perfumada e reconfortante que Érico tem agora em mãos. Vira um pouco no pires. Em contraste com a porcelana chinesa ricamente decorada, a bebida tem um tom âmbar, dourado e cristalino como uma joia. Bebe do pires, naquele modo estranho que ali julga-se elegante, tentando não se sentir meio ridículo, mas chá é chá, e já diz sua mãe que uma xícara de chá em mãos põe o mundo em seu lugar. O aroma do *hyson* o distrai de pensar naquele bilhete. Afinal, quem sabe o que ele fez? Ele fez tanta coisa. Após as recomendações enfáticas de Armando, e para não ficar por fora das conversas, decidiu ler o *Cândido*, de Voltaire. Perguntam-lhe em que parte está. Na que Cândido encontra o negro de engenho com a mão e a perna amputadas, que lhe diz: é a esse preço que vós comeis açúcar na Europa. Oh, sim, uma parte muito chocante, todos concordam, quase implausível de tão exagerada. Érico discorda: como assim, exagerada? É pouco, já viu coisa muito pior ocorrer nos engenhos de açúcar, mas não entra em detalhes, pois Maria está ali com eles. Não convém desfazer-

lhes a ilusão de que seus luxos cotidianos descem dos céus trazidos por anjos em salvas de prata. E onde está Armando, que não veio ao encontro? Precisa lhe mostrar o bilhete, precisa de seu conselho para definir que tipo de ameaça é aquela. Deve estar preso às papeladas da embaixada, está para nascer gente mais afeita à burocracia do que a sua.

Sorve outro gole, curto e barulhento, misturando ar ao sumo do chá e trazendo vida ao sabor. O hábito não só o ajuda a relaxar, como o auxilia a distinguir o aroma e as bases da infusão. É uma das poucas coisas na qual não teme a arrogância de se considerar um especialista. Nisso, Londres tem sido um paraíso: todas as sete variedades do chá-preto, dos melhores *pekoe*, *camoi* e *souchong* ao mais comum *bohea*, ou dentre os verdes, todas as variedades de *hyson* jovem ao mais aromático chá-pólvora, tudo está ao seu alcance direto. É onde os três – Érico, Fribble e Maria – estão agora: a loja no número 216 do Strand, no limite entre Westminster e Londres, onde o sr. Daniel Twinning mantém a casa de chá fundada por seu pai há quase sessenta anos. A presença de Maria causara o contumaz erguer de sobrelhas reprovador em alguns, mas ela os ignora, e conversam sobre a festa do sábado anterior. Fribble tem em mãos o jornal do dia, onde se contam as fofocas e se fazem comentários maldosos, sob ilustrações caricaturais, dos acertos e exageros dos figurinos da noite. O “baile do trovão” de Beckford ainda renderá assunto para muitos dias, e a banalidade do tema é exatamente o motivo que faz com que adore cada minuto dessa tarde.

Fribble toca seu joelho, num leve cutucão com a ponta dos dedos, para chamar-lhe a atenção. Aponta com os olhos para a sua direita, e Érico se vira discretamente: o rapaz de sábado, o aprendiz de confeitoiro (qual era mesmo seu nome?), acaba de entrar na casa de chá. Traz um tabuleiro de madeira coberto por um pano, bolos ou pães, que entrega no balcão enquanto recebe algo em troca. Não os vê. Érico fica quieto em seu canto: não ali, não agora,

melhor talvez nunca mais. Aquela noite de sábado havia sido espetacular – seis vezes, numa única noite –, o rapaz era meigo ainda que um pouco simplório, e Érico até dissera que poderiam se encontrar no Libertino da Lua noutra noite. Ainda que não tenha voltado lá desde então, soubera por outros que o rapaz havia aparecido no domingo e na segunda, à sua procura. Armando o advertira para tomar cuidado ao envolver-se com as classes inferiores: “Suas intenções são sempre obscuras” (ou teria lhe dito isso por ciúmes? O que diria agora, se o visse ali? E onde está Armando, que não chega?). Érico mete a mão no bolso, e toca o bilhete. “Eu sei o que você fez.” Os ingleses são gente industriosa em todos os campos, e é na esquina onde convergem dois mundos secretos – o dos fanchonos, e o dos criminosos – que surgem os problemas. Há um exército de chantagistas prontos a fazer lucro à custa do desespero alheio. Uma carta, uma testemunha, os patifes não precisam de muito para fazer ameaças: paga-me ou te acuso. E quando a chantagem de fato acontece, é sempre uma jogada de alto risco. Para ambos os lados, as punições podem se transformar, na melhor das hipóteses, em humilhação pública no pelourinho e o degredo, e na pior, na forca de Tyburn. Há também, é claro, a possibilidade sempre presente de ser uma armadilha, uma isca a serviço de alguém disposto a caçar e perseguir os fanchões da cidade, algum resquício insistente das antigas Sociedades para a Reforma dos Costumes.

É uma realidade um pouco diferente à que se acostumou no Brasil, onde as coisas são inevitavelmente mais brandas. Há a Inquisição Portuguesa, tão eficiente na colônia quanto o governo português – onde tal é a distância que os separa do reino, a amplitude do território e a instabilidade da vida social brasileira, sempre ameaçada por perigos naturais e invasões, que a Igreja só tem condições de fazer incursões esporádicas e pouco eficientes. E mesmo os padres brasileiros, com seus mancebos, amásias e inúmeros “sobrinhos”, nunca tiveram grande autoridade moral para tanto.

Mas o garoto não é inglês (Gonçalo, era este o nome). É brasileiro, e se em sua terra natal não confiaria nos conterrâneos nem para pedir as horas, no estrangeiro surge este senso de fraternidade acolhedor. É algo que Armando não compreende por ser reinol, ou por ter a memória marcada tanto pela visão de inúmeros autos de fé na corte, quanto pelas frequentes notícias nos jornais de Londres da prisão de fanchonos. Mas toda desconfiança alimentada por terceiros deixa sempre um pânico residual, que agora perturba Érico. E se o garoto for realmente parte de um esquema de extorsão? E se tiver sido enviado sob ordens do conde de Bolsonaro para seduzi-lo e conseguir o dinheiro de volta? E se Érico terminar sendo denunciado e preso? Não é o tipo de homem que cede a gente assim: o sabre ou a pistola, com certeza, serão suas opções. Lutar até o fim, resistir, e se tudo o mais der errado, estourará os miolos antes de lhes dar a satisfação de uma vitória.

Toma outro gole, acompanhado de um biscoito. Vem-lhe à memória o sabor daquele *macaron* roubado da biblioteca, e com ele uma saudade afetuosa daquela noite de sucessos (acalme-se, Érico). Não pode negar que a visão do rapaz ali, à parte sua ansiedade, o faz se sentir calorosamente satisfeito, não apenas pela constatação feliz de que permanece presente no seu mundo, mas pelo teste que a beleza natural do outro enfrenta, contra aquele ambiente cotidiano e casual.

“Senhor Borges! Que coincidência.”

A voz. O tom tenso, uma ponta de sarcasmo maldoso. Um arrepio percorre sua espinha, e Érico se volta para ficar frente ao rosto meio paralisado do conde de Bolsonaro. De imediato – não por educação, mas pelo reflexo de não ficar jamais em posição de desvantagem com aquele homem – se levanta da poltrona. O conde o cumprimenta, fala amenidades, pergunta se pode lhe chamar pelo nome, afinal, com tanto dinheiro passando de um para o outro, já são íntimos, e Érico não sabe o que dizer. Lembra de apresentar Maria e

Fribble – cumprimenta-a com cortesia polida e educada, e Fribble com um aceno frio, desinteressado e distante. Em troca apresenta sua companhia, a sra. Bryant (Érico e Fribble trocam um rápido olhar, ao reconhecer a mulher que acompanhava o embaixador espanhol no baile). Como se lesse seus pensamentos, o conde esclarece: Bryant veio a Londres ver a apresentação do *castrato* no final da semana.

“Oh, estaremos lá também”, diz Fribble, empolgado. “Na estreia, nesta sexta.”

O conde o ignora, dirigindo-se a Érico: “Certamente nos cruzaremos pela cidade novamente, Sua Graça. Aguardo sua visita, no final do mês, para trocarmos as promissórias. A curiosidade, aliás, me impele a lhe perguntar: onde pretende aplicar o dinheiro, se não for muita indiscrição minha?”

“Oh, não pensei ainda, Excelência. Claro, minha família sempre investiu em vinhedos. Mas não se pode plantá-los no Brasil. Penso que uma plantação de cana será um bom negócio. Afinal...”, ele sorri, “sei o preço que se paga na Europa pelo nosso açúcar.”

“Humm...”, Bolsonaro sorri, faz como se fosse ir embora sem se despedir, um leve virar de ombros, mas retorna. Há uma precisão fingida em seus gestos. “Se me permite um conselho, eu dificilmente recomendaria investir no Brasil. Do modo como as coisas estão, quem pode dizer quanto tempo mais ele ficará em mãos portuguesas, não é mesmo? Até mais ver, senhor Borges.”

O conde e sua companhia se vão. Érico olha novamente para o interior da casa de chá, em busca da visão reconfortante de Gonçalo, mas o rapaz já não está mais ali.

“Céus, que sujeito estranho, não acham?”, comenta Maria. “Parece sempre tão tenso...”

“Retenção anal, querida”, sugere Fribble, “é mais comum do que se pensa.”

Os três riem.

“Mas agora me escute, Érico, querido”, chama Maria, “depois que buscar o dinheiro desse homem, prometa-me que nunca mais se envolverá com ele novamente.”

“Se ele pagar”, lembra Érico.

“Como assim, ‘se ele pagar’? É claro que ele vai pagar, que outra opção ele tem?”

“Um duelo, é claro”, lembra Fribble. “Duelos estão muito macaroni.”

“Que coisa horrível, espero que não chegue a isso.”

Maria toma outro gole de chá e muda de assunto, não quer aquele conde ocupando seus pensamentos por nem mais um minuto. Após o chá, os dois decidem voltar a pé para a embaixada, numa caminhada por Grosvenor Square. No fim da praça, ao dobrar a esquina, uma mulher surge vinda de South Audley e grita: “*Meeew!*” Maria recua num salto, Érico a toma pelos braços. A mulher passa por eles, indiferente, carregando em cada mão um balde tampado e, como se tivesse as costas perfuradas pela sovela de um sapateiro, abre a boca outra vez e solta seu grito desarticulado de harpia: “*Meeew!*” Recuperados do susto, se entreolham e se dão conta que é uma vendedora de leite – *milk* – e gargalham. Érico se pergunta se algum dia conseguirá se acostumar ao ritmo daquela cidade.

– Eu estou aqui há quatro anos e ainda não me acostumei – diz Maria. – Não sei se alguém deveria se acostumar com alguma coisa, com qualquer coisa. Que prazer estranho é esse que alguns têm de ver algo e dizerem “já vi disso antes” com desdém, como se perder a capacidade de se surpreender fosse alguma espécie de vantagem?

– Não é desdém, querida. A repetição cria o hábito, eleva os parâmetros, apenas isso.

– Parâmetros elevados ou sentidos anestesiados, o efeito é o mesmo: tédio infinito. Invejo os que se impressionam com facilidade. Seu mundo é uma

sucessão de assombros.

– Mas quanto mais impressionável uma pessoa é, mais fácil é de se fabricarem os sentimentos que a impressionam, não acha? É disso que vive a literatura barata, afinal. Acho que se deve prezar o equilíbrio, pra não virarmos presas de charlatões de muita técnica e pouco talento.

Chegam à embaixada. Já estão prontos a subir as escadas, cada um indo ao seu quarto, quando o laçaiio avisa Érico de que há alguém o aguardando. Quem? O laçaiio não sabe dizer, mas o deixou na capela, no pátio dos fundos. Maria, desinteressada, decide subir à biblioteca para escolher a leitura da noite.

Érico atravessa os corredores até sair nos fundos, um pátio ladeado à esquerda pelo galpão dos coches, atrás pelos estábulos e à direita pela capela (aperta o bilhete no bolso: como diabos o patife descobriu onde mora?). Um cavalo levanta a cabeça ao vê-lo sair ao pátio, e sopra pelas narinas. Érico abre a porta, entra na capela, a porta se fecha com um eco. O rapaz está de costas para a entrada, observando o altar. Quando escuta a porta se abrir, se vira rápido e sorri.

– Oi, Érico – diz Gonçalo, ao se levantar e estender a mão.

– Sr. Hall – Érico responde com frieza, mãos às costas. – Aqui, me chame de sr. Hall.

O rapaz recolhe a mão. Sua expressão muda para algo mais duro, comprimindo os lábios, o que tem o efeito contrário de ressaltar suas bochechas e dar-lhe o ar de um garoto emburrado. Gonçalo abaixa o rosto e evita encará-lo.

– Você não apareceu ontem. Você disse que vai sempre lá, mas não apareceu ontem...

– Eu estava indisposto.

– Eu esperei a noite toda. Domingo também, nem dormi direito e...

– Como você descobriu onde eu moro?

O corte brusco tem o efeito de um tapa, o rapaz cora e coça as marcas de queimado que tem no antebraço direito.

– Seu amigo me disse.

– Mentira. Sei que Armando nunca teria lhe dito.

– Não sou mentiroso. Quem é Armando? É aquele que estava com você no sábado? Não foi com ele que eu falei, foi com o outro. O mais velho, que fala português muito mal. O colorido.

Fribble. Um inconsequente, bem como Armando o havia alertado. Érico teria que encontrar uma forma educada de manter Fribble longe de sua privacidade. Comprime os lábios, pensativo, desvia o olhar do garoto para o chão. Precisa se livrar dele, e rápido.

– Você obviamente não está feliz em me ver – diz Gonçalo, num tom doloroso com uma pontada de raiva. – Érico. Não vou chamá-lo de “senhor”, não. Você não é melhor do que eu, se é o que está pensando. Não depois do que fizemos sábado. Não tinha nada de “senhor” quando estávamos juntos. Você deve pensar que pode me tratar assim, como se eu fosse uma... – A palavra tranca em sua garanta. – Não sou assim, eu não faço o que a gente fez com qualquer um, eu...

– É uma questão de dinheiro, não é? O que você quer de mim, afinal?

– Dinheiro? Do que você está falando? Não, eu...

Érico bate forte com seu bastão contra o chão.

– Vamos, seu merdinha, mande tudo o que você tem. Acha que eu tenho medo de você?

– Você pensou que eu vim aqui para... não! Você está entendendo tudo errado! – Há um desespero crescente no rosto do garoto, o tipo de desespero que nasce da constatação imediata de oportunidade perdida, um risco de sol logo escurecido entre nuvens de tempestade. – Você não...

Érico tira o bilhete do bolso e o joga no chão aos pés de Gonçalo.

– Toma aqui de volta o teu recadinho. Não passei por tudo o que passei até agora na vida para terminar sendo vítima de um putinho chantagista, um merda de um aprendiz de padeiro, se é que você é quem diz ser.

Gonçalo pega o bilhete do chão e o lê.

– Isso não é meu...

– O que pensou que aconteceria? – continua Érico, em acesso de raiva, o ignorando. – O quão longe achou que conseguiria ir? Leis não são feitas para proteger gente da sua laia. Você vai estar pendurado numa forca antes de conseguir arrancar algum dinheiro de mim!

– Não, por Deus! Pare de falar! – grita Gonçalo. Sua voz ecoa pela capela com muito mais força do que pretende, o que tem o efeito de calar a ambos.

O rapaz senta-se num banco e morde o lábio, o rosto inchado e avermelhado. Está prestes a chorar e murmura: “Faço tudo errado, eu sempre faço tudo errado.” A porta da capela se abre. O lacaio, tendo escutado um grito, veio verificar se tudo está bem. Érico diz que o garoto recebeu más notícias da família e precisa de um momento de privacidade. Dispensa o lacaio com um gesto displicente da mão. A porta se fecha, e os dois continuam em silêncio. Érico se dá conta da própria atuação, do exercício vulgar de autoridade – ele nunca falou assim com alguém, por que o fez agora? Diz para si mesmo que este não é ele, e sim a máscara do barão de Lavos tomando conta. Aos poucos, a realidade começa a vir contra ele em leves ondas, e na respiração pesada de Gonçalo, entrecortada por fungadas, Érico começa a se dar conta da possibilidade, cada vez mais concreta, de ter entendido tudo errado, de ter se deixado contaminar pela ansiedade discreta de Armando. Se for assim, se tudo o que Gonçalo disse sobre si mesmo naquela noite for verdade, então não passa de um rapaz solitário numa cidade indiferente, carente de algum contato tanto quanto ele próprio já ficara, e que agora era acuado e humilhado pela única pessoa com a qual havia tido uma conversa de

verdade nos últimos meses. Ao constatar isso, por reflexo, Érico se dá conta, pela primeira vez, da própria crueldade. Precisa lembrar a si mesmo que é apenas um personagem, antes que sua máscara comece a se confundir com seu próprio rosto. Será tarde demais para voltar atrás? Sempre é tarde demais. Não haverá desculpas suficientes, agora que a culpa e a vergonha começam a tomar conta de si. Céus, o que não daria por outra xícara de chá agora?

– Gonzalo, eu...

– Gonçalo – responde, amargo e duro. – Meu nome é Gonçalo.

– ... eu sinto muito, eu não queria...

– Não sou esse tipo de gente. E não quero nada de você.

– ... minha reação foi um pouco exagerada, eu sei... creio que me enganei... as coisas aqui são um pouco diferentes, há esses chantagistas por todo canto e...

– ... por que eu o chantagearia?

– Não sei. É uma coisa que acontece muito por aqui, e pensei que...

– Nunca precisei roubar nada de ninguém. E nunca menti. Posso não valer grande coisa, mas valho mais do que você. Não pode falar assim comigo, não é certo. Não vou deixar.

– Sim, eu lhe devo desculpas. Se eu pudesse desdizer tudo o que eu disse, eu o faria.

– E não tenho vergonha nenhuma de ser padeiro. – Ele se levanta. – É um trabalho muito honrado, muito antigo. Eu alimento as pessoas. O que *você* faz? Também não tenho vergonha do que fizemos, se é esse o seu problema.

– Eu também não. Não queria ter dito aquilo, me desculpe.

– Mas disse. E eu não te tratei do modo como você me tratou. Não é correto.

– Sim, mas... não. Não foi correto, tens razão. Eu estava com medo, Gonçalo. Me desculpe, mas eu fiquei com muito medo de você.

– Medo de mim? Por que você teria medo de mim?

Gonçalo respira fundo. Coloca as mãos nos bolsos da casaca e olha para o chão. Está de pé, pronto a ir embora, mas não se move. É quando Érico se dá conta de que o rapaz está vestindo não as roupas comuns com que o vira naquela tarde nos Twinning's, mas a casaca azul-ultramarino do baile – não a devolveu ainda, é sua melhor roupa. Havia se arrumado o melhor possível para vir ali. Como Érico não se dera conta disso antes?

– Eu só achei que... – continua Gonçalo, já assumindo um tom de despedida – eu tinha gostado de você, achei que você tinha gostado de mim, também.

– Eu gostei de você...

– Mas não apareceu lá nem domingo, nem ontem, e fez que não me viu hoje na casa de chá. Eu precisava saber, senão ia ficar indo lá todo dia por motivo nenhum e, bem, não tem importância, não é? Não mais. Acho que deu tudo errado, não? Acho melhor acabar aqui, não faz diferença.

Estende a mão para um último cumprimento, Érico olha para a mão estendida e hesita. Se aceitar aquele cumprimento, estará aceitando que aquilo é o fim de algo que nem começou?

– Por favor... – Érico suplica, tomando-lhe a mão entre as suas duas, o forçando a encará-lo. – Não quero que seja o fim. Não assim.

– Quer que seja como?

– Quando eu disse que havia entendido tudo errado, não me referia a você. Era de mim mesmo que eu falava. Parte de mim gritou em alerta, parte de mim me forçou a me livrar de você qualquer que fosse a sua intenção, e essa é uma parte de mim de que eu não gosto.

– Como assim? Quantas versões de uma mesma pessoa podem existir?

– Eu não sei. Me desculpe. Por favor, me dê outra chance.

O tom da súplica de Érico é quase choroso, e Gonçalo hesita, na tentativa de soar frio.

– Eu só quero ir embora, *senhor* Hall.

– Está bem, eu o deixo ir embora, mas com a condição de que me permita acompanhá-lo. Vamos dar uma caminhada, poderia ser? Hoje o dia está tão bonito, é o primeiro dia de sol que vejo essa semana. Mesmo que você nunca mais queira me ver outra vez, me permita prolongar esse momento apenas o tempo bastante de me dar a chance de me redimir, de mostrar que não sou aquela pessoa horrível de alguns minutos atrás. Eu... eu não sou assim. Não quero ser. Eu sou como uma peça de teatro que nunca termina, sempre interpretando personagens conforme a necessidade, com um medo terrível de não ser convincente o bastante, ou de não saber a hora certa de mudar o personagem. Entende o que falo?

– Você é ator, é isso?

– Não. Sim. De certa forma.

– Você é muito confuso pro meu gosto. – Ele olha para a porta. – Onde quer ir?

Como estão ao lado do parque Hyde, propõe irem para lá. Os dois saem pelos fundos da embaixada, atravessando o portão das carruagens que dá para a rua South, e dali estão a uma quadra do reservatório de água. Caminham lado a lado, na maior parte do tempo em silêncio.

Atravessam a rua Park, pouco antes de entrarem no parque propriamente dito, e de uma das casas próximas vem o cheiro de pão quente, levando Érico a lhe perguntar sobre seu trabalho como padeiro – foi a primeira coisa que lhe veio à mente, cioso de demonstrar seu interesse, fazer o rapaz falar mais de si. Gonçalo ergue os ombros, indiferente. Era filho de padeiros, sovando massas e vivendo frente ao forno desde muito pequeno. E desde que fora embora do Brasil, ia de uma terra a outra trabalhando em padarias, chegou a Portugal, partiu para a Itália, depois a França – ah, que tolo ele fora ao pensar que já tivesse comido pão na vida, até chegar em França! Mas preferia fazer seus

*macarons* à moda italiana, com merengue cozido, pois o pé do biscoito ficava mais alto e assava melhor do que quando feito à francesa, que era o método mais fácil de fazer, porém o mais sensível no forno. Os biscoitos *macarons* eram, de longe, o que mais gostava de fazer, pois, embora simples, sua produção era muito delicada e específica – era uma massa que precisava ser mimada e tratada com carinho. E adorava perfumá-los e dar-lhes cores distintas. No fundo, já não sabe mais dizer se quer ser apenas padeiro ou se preferia se especializar como mestre pasteleiro, mas tal é o prazer com que fala sobre seu ofício, e a paixão em sua voz tão genuína, que se percebe no tom um orgulho pueril e ao mesmo tempo gabarola, uma demonstração involuntária de sua candura inata. Gonçalo, por sua sinceridade simples, desperta nos outros um sentimento protetor, que aos olhos de Érico assume ares de ascetismo e pureza – não o angelical solene do imaginário católico, mas o vigor absorto e ingênuo, algo distraído, de uma beleza grega, despercebida do efeito que provoca.

Percebe nele também uma insegurança desajeitada, a terminar cada frase numa nota um pouco acima do tom habitual, indeciso entre afirmar ou questionar, ansioso por aprovação. Érico pergunta: como veio parar em Londres, afinal de contas? Da Itália, Gonçalo fora para o Sul da França, e por vicissitudes particulares, de lá para o Norte, até se envolver numa querela em Brest, onde acabou embarcando num navio de contrabando de bebidas. Após uma ação malsucedida, em que foram abordados pelo Fisco, acabou indo parar nas praias de Chesil, próximos à Moonfleet. Não sabia do inglês mais do que o francês ou o italiano: aprendia as línguas de uma forma intuitiva, algo esporádica. Um conhecido do navio tinha amigos em Londres e, sabendo de suas habilidades como padeiro, conseguiu-lhe emprego em Westminster. O trabalho era bom; e tinha algumas tardes de folga que usava para procurar, nas bibliotecas itinerantes, livros de receitas que tentava traduzir na sua caderneta

com seus poucos conhecimentos linguísticos. Gostava principalmente de copiar as ilustrações – pirâmides, castelos arruinados, mosteiros e templos – que depois tentava reproduzir.

– E fica bom?

– Acho que sim. Espero que sim... – Ele enrubesce com a confissão. – A verdade é que não sou muito de doces. Digo, açúcar pesa muito na digestão, sabe? Um bocadinho já me satisfaz, e só de provar as receitas, já me basta. Eu gosto mais de fazer as coisas, de ver as massas crescendo e ganhando forma, tem uma coisa meio mágica nisso, eu acho. Que besta que eu sou, não? Deve ter gente que sonha em poder comer essas coisas.

– Tenho certeza de que ficam tão deliciosos quanto os *macarons*.

– Hum, espero que sim... lá na festa, você provou também os bolinhos?

– Quais? Havia tantos...?

– Eram pequenos bolos do tamanho de canecos... fui eu quem os assou. Meia libra de açúcar, meia de manteiga, duas de farinha, um copo de vinho, outro de água de rosas, levedo de cerveja, noz-moscada, canela e groselha. – Ele fala pontuando cada ingrediente na ponta dos dedos. – Bolo de caneco inglês. Foi a primeira receita que me ensinaram aqui. Depois cobri com uma cobertura de clara de ovo e açúcar e... desculpe. Estou falando demais, não?

– Não me incomode. – Érico sorri. Em verdade, não tem interesse nenhum pelo assunto, mas está fascinado pela paixão detalhista de Gonçalo em explicá-lo, e o bajula: – Acho que a confeitaria deveria ser considerada uma forma de arquitetura, as duas coisas dependem muito de se equilibrar elementos. Aposto que você será um dos melhores nisso em pouco tempo.

– Obrigado. – Ele sorri, genuinamente feliz com o elogio que não é exatamente um elogio, mas uma espécie de voto de confiança. Gonçalo tem o jeito de alguém que aceita a vida sem grandes exigências, uma alma completamente exposta, e Érico sente a necessidade de agradá-lo e

corresponder às suas expectativas, de fazê-lo sorrir: há ali algo do que acreditava possuir algum tempo atrás e ter perdido, uma certa candura otimista, o que só o faz sentir-se mais culpado pelo tratamento repelente que lhe dera num primeiro momento. Se Gonçalo puder perdoá-lo pela sua estupidez, se permitir interromper os juro que alimentam a dívida do remorso, o saldo que ficará em Érico será o de um sentimento de quase devoção. No sábado, predominava um desejo intenso; agora, permite-se alimentar outro que, já tão banalizado por literaturas vulgares, parece indigno de ser nomeado por uma palavra velha e gasta.

– Você está tão quieto, acho que estou mesmo falando demais – observa Gonçalo. – Me desculpe, mas faz muito tempo que não converso com alguém. Eu o aborreço?

– Não, claro que não! Eu que lhe peço desculpas, não sou de falar muito. É que acho que não sou uma pessoa muito interessante. Não há o que se dizer de mim.

– Eu acho você interessante. Você mora na embaixada. Deve ter um trabalho importante.

– Antes fosse. – Érico suspira. – Justificaria algumas coisas. Mas não. Meu trabalho é apenas uma bobagem ao qual se dá muita importância.

– O que você faz lá, exatamente?

– Sou um, ah – ele hesita, escolhendo a mentira certa a ser contada – um pesquisador. Sim, estou conduzindo uma pesquisa. Sobre literatura inglesa.

Os dois, que haviam entrado no parque pelo portão de Grosvenor, agora caminham por uma longa trilha que corta um campo aberto e gramado, ladeado por fileiras de árvores de ambos os lados. O parque está movimentado ao final da tarde, horário em que se sai para ver e ser visto em suas melhores roupas. Acabam tomando um caminho secundário, menos movimentado.

– Imagino que nesses livros não há nada sobre gente como nós, não? – pergunta Gonçalo.

– Em geral não, mas às vezes uma referência escapa aqui ou ali.

– Eu tenho uma teoria, sabe? – diz Gonçalo. – Sobre isso. Eu sei ler, não sou burro.

– Ah, é mesmo? Veja só... – Érico o provoca, em galhofa, depois se arrepende, temeroso da piada não ter passado despercebida e ter soado arrogante. – E qual é? Adoraria ouvir.

– Que se proíbe falar e escrever sobre nós, para que, com o tempo, o único registro que fique seja o dos tribunais. Quando eu era menino, achava que era muito normal isso, pois quase todos os meninos com que eu andava também faziam. Vez por outra ouvia algo ruim a respeito, mas pensava que fosse como o celibato dos padres, sabe? Uma coisa que se diz, mas não se faz. Então... aconteceu aquilo tudo de que te falei, com o Padre Visitador e a condenação e... achei que tinha algo de errado comigo, que eu havia nascido com algum tipo de deformação na alma ou que era alguma forma de doença que os meninos da praia haviam me passado. Mas isso foi até eu conhecer o mundo. Você já esteve na Itália, já viu todas aquelas estátuas? Foi então que pensei... deve ser por isso que proíbem que se fale sobre nós. Para que a cada nova geração não fiquemos sabendo de todos aqueles que vieram antes. Eles fazem isso para que possam dizer “na minha época, não havia fanchonos, é uma doença nova, é uma epidemia nova”; assim podem nos tratar como se fôssemos um problema.

– Eu estive na Itália, quando era garoto – desconversa Érico. – Mas isso faz muitos anos.

– Não acha que minha teoria faz sentido?

– Acho que sim. Mas não gosto de pensar nisso. Me entristece, e esse é um momento feliz.

– Ah. – Gonçalo sorri e abaixa a cabeça.

– Mas você se engana, há bastante coisa escrita sobre nossa gente, mas não em prosa.

– Ah, eu não gosto muito de ler... os olhos doem.

– Hum, já pensou em usar óculos?

– Não, não gosto, acho bobo. – O sol morno do final da tarde já não esquenta mais, e o dia começa a ser invadido por um vento fresco. Andam em silêncio por mais alguns metros, quando Gonçalo para, tomado por um pensamento súbito, e se volta para ele: – Me diga, você masca fumo?

– Por Deus, Não! – Érico ri da aleatoriedade absurda da pergunta. – Por quê?

– Acho uma coisa detestável. Não conseguiria ficar com alguém que tivesse o hábito...

– Ah, você está considerando a hipótese, então. Ainda tenho chances?

Gonçalo o olha de canto de olho, com um sorriso condescendente.

– Você está rindo de mim, não? – provoca. – Aposto que me acha um grosseirão.

– Não, nada disso. Estou achando você sincero e honesto, e são as duas coisas que mais admiro em uma pessoa. – E, talvez, lhe ocorre, por serem duas coisas que não vê em si mesmo.

Gonçalo enrubesce, constrangido com o súbito elogio.

– Não sei ser diferente do que sou. Às vezes me sinto mal por isso.

– O que quer dizer?

– Me refiro ao que as pessoas esperam da gente. Eu quero que as pessoas gostem de mim, mas não sei se estou fazendo a coisa certa. Acho que nunca estou. Mas você... você não se importa muito, não? Você parece estar sempre muito à vontade com tudo isso... você está?

– O quê... como assim? Ao que se refere?

– Em não ser o que as pessoas querem que você seja.

– Não, que ideia absurda. Por que deveria? Quem mais está preocupado em ser o que eu quero que seja? Não vejo motivo para que me preocupe também.

Gonçalo solta um risinho.

– O que foi? – pergunta Érico, ansioso.

– Nada. É que é bom conversar com você.

– Eu também estou gostando muito de conversar com você.

– Na verdade, o que eu queria agora mesmo era te dar um beijo.

Érico fica vermelho. Deseja o mesmo, e isso o faz sentir-se vulnerável.

– Você sabe que não podemos fazer isso aqui. Há muita gente.

– É, eu sei.

Seguem seu caminho até chegarem ao cruzamento entre duas trilhas, quando nota que, vindo ao seu encontro, há uma figura familiar, o corpanzil e a pele negra se destacando no cenário: “Sua Graça!”, saúda Ignácio Sancho. “Que surpresa agradável encontrar-vos aqui.” Érico o cumprimenta. Não sabendo como apresentar Gonçalo a ele, o introduz como seu valete. Gonçalo não entende bem o que falam em inglês, e apenas assente com a cabeça. Sancho faz um comentário sobre o tempo, que belo sol, há que se aproveitar antes que suma de vez até o fim do inverno, com o que Érico concorda, sabe que jamais se discorda do comentário que um inglês faz do clima, e quando pensa que a conversa ficará só nisso, Sancho já baixa o tom de voz e, a propósito, há um burburinho muito interessante entre aqueles que foram, como dizer, vítimas do conde de Bolsonaro, uma expectativa. “Há muito interesse em saber *quais* promissórias lhe serão entregues em troca”, fofoca Sancho. “Ouvi dizer que pretendes cobrar apenas metade do valor de cada dívida? Interessados em conhecê-lo não faltam. Eu mesmo devo algo ao conde, e se você por um acaso fizesse essa gentileza...” O trio está parado exatamente no meio da cruz entre as duas trilhas, e na distração da conversa, não

percebem dois casquilhos que, vestidos à última moda, vêm em sua direção. Ao se darem conta da presença de Sancho no meio do caminho, um deles exclama, alto e bom som:

“Sai da minha frente, ô Otelo!”, e riem da própria piada.

A mão de Sancho crispa sobre o castão de sua bengala de caminhada, faz um beijo irritado com os lábios grossos e pede a Érico um instante. Vira-se para os dois, se colocando bem no meio de seu caminho, forçando-os a pararem e encará-lo. Com a voz trovejante de barítono, bate com a mão espalmada na própria pança e brada: “Aye, seu miserável, que Otelos tais como eu o senhor não encontra mais que uma vez a cada século; já Iagos tais como vós encontramos um em cada beco imundo dessa cidade!” Aponta-lhes a continuidade da trilha, como se liberar-lhes a passagem fosse uma generosa concessão de sua parte: “Podem prosseguir, senhores.”

A dupla, constrangida, segue seu rumo e se afasta rápido, sem dizer palavra. A última coisa que fará na vida será baixar a cabeça a estes infelizes. Pede a Érico que o mantenha informado sobre as promissórias, oferecendo em troca a possibilidade de fazer-lhe os contatos necessários para conseguir uma audiência com praticamente qualquer um naquela cidade. Despede-se, e vai.

Gonçalo pergunta o que discutiam, e o que aconteceu. Érico lhe dá uma versão resumida da atitude de Sancho, que deixa o garoto pensativo – o sol baixo e o céu poente banham seu rosto em tons de azul e coral, dando uma aura mágica às suas feições.

– Posso segurar sua mão? – pede Gonçalo.

– Há muita gente aqui em volta, não sei se...

– Ninguém está olhando. – E, sem pedir outra vez, toma-lhe a mão. Seus dedos se entrelaçam, a mão de Gonçalo é grande e áspera, mas calorosa. Ficam em silêncio, observando o sol cada vez mais baixo para os lados de Kensington. Voltar significará interromper aquele momento, e é tudo o que Érico não quer.

Poderia passar o resto do dia (e da noite) ouvindo sobre pães e bolos, expondo-lhe assuntos e escutando sua opinião sobre qualquer coisa, quer ter histórias em comum com ele, fazer piadas que somente os dois entendam, quer despi-lo, entrelaçar-se com seu corpo e fazê-lo se contorcer de prazer. Quer acordar e vê-lo ao seu lado, sentindo-se seguro e tranquilo ao saber que nada estará ruim enquanto estiverem juntos. Mas o sol já está em declínio, está ficando tarde, e precisa voltar à vida que, de escolha em escolha, acabara moldando para si.



Ao ver que o sol já se põe, Maria decide que é hora de subir para seu quarto. Nas escadas, cruza com um homem enorme, um gigante loiro e pálido de olhos azuis, rosto ossudo com marcas de varíola, que lhe pergunta em inglês, com um forte sotaque que supõe ser russo, onde fica a saída de empregados da casa, pois veio entregar uma encomenda ao barão de Lavos e agora se perdera. Maria, desconfortável (“por que não há nenhum laçao o acompanhando?”), resmunga em pensamento), diz-lhe para descer e procurar algum criado. O homem agradece e desce. Quando ela chega ao seu quarto, no fundo do corredor, lança um olhar para o lado oposto e vê a porta do quarto de Érico aberta. Já terá voltado? Não escuta sua voz. Não deveria ser tão indiscreta, a ponto de entrar desacompanhada no quarto de um homem, mas a curiosidade sempre supera a prudência. O que é essa coisa branca ao chão, sobre o parquete? Parece açúcar. Além do mais, por que deixaram ali aquele barril de vinho, no meio do quarto? Se Érico o ganhou de presente, deveriam colocá-lo na adega da despensa. Que descuido! O barril, contudo, está vazio. É quando se dá conta do que há sobre a cama. Tal é seu horror, que não é capaz de mover um único músculo. Quer fugir, mas as pernas estão rígidas, os pés não lhe obedecem, quer fechar os olhos, mas está mesmerizada, a imagem terrível gravada em sua mente como a impressão de uma placa de metal contra o papel.

Por quanto tempo ficou ali, imóvel, não soube dizer. Foi arrancada daquele estado de torpor apenas quando a camareira viu a porta aberta e entrou e a tomou pelo braço – “Senhorita Maria? Está tudo bem?” – para então também ela ver o que havia sobre o colchão, e começar a gritar.

## EU VI EL-REY ANDAR DE QUATRO

Érico volta sozinho para a embaixada com o coração leve e a promessa de um reencontro dali a algumas horas no Libertino da Lua. Entra pelo portão dos fundos e é abordado por um laçao. O rapaz está nervoso, rosto arroxeadado por uma pancada, e avisa que estão à sua espera no último piso. O que aconteceu? O laçao explica que fora atacado e amarrado por um homem que invadiu a embaixada. Érico apressa o passo. A criadagem toda se encontra de pé no salão de entrada, à espera de algo. A subida dos degraus é uma lenta agonia: há um misto de medo e ressentimento no olhar do estafe; vê que, em silêncio, é a ele que julgam responsável por ter atraído aquele mal. A voz de Martinho de Melo e Castro escorre abafada pela escada. Quando chega ao topo, o encontra conversando com um médico. A porta de seu quarto está aberta.

– De que se trata isso? – protesta, irritado com aquele suspense.

– Diga-nos você, senhor Borges – retruca Martinho e Melo. – Já que foi você quem trouxe isso tudo até nós.

Entra no quarto. Sobre sua cama há um corpo atravessado sobre o colchão, nu e de costas para cima, o braço esquerdo a pender da beira, a pele inteiramente branca como mármore num brilho liso e lustroso – e por um momento parece mesmo que alguém largou ali uma escultura. Até que o reconhece: é o corpo de Armando. Aproxima-se. Ao tomar-lhe a mão e mover

o braço inerte, a cobertura racha: glacê real. O corpo inteiro foi coberto por uma grossa e rija camada de glacê real.

– O pescoço foi quebrado – explica Martinho de Melo, entrando no quarto logo atrás dele. – Um dos braços também, ao que parece. Acredito que, quando o limpamos de todo esse açúcar, vamos encontrar várias marcas de pancadas.

– Maria já sabe? – pergunta Érico.

– Foi ela quem o encontrou.

Érico aperta os olhos e morde o lábio. O embaixador então lhe fala sobre o homem com o barril. O laçao que o guiou até o último piso foi estrangulado até perder os sentidos, e amordaçado no quarto de banhos. Armando já estava morto dentro do barril, até ser disposto sobre a cama e ser coberto com aquela mistura de açúcar fino e claras de ovos. Ao descer de volta, Maria cruzou seu caminho com ele, até indicou-lhe a saída, mas estranhou aquela porta aberta. Não se sabe por quanto tempo ficou ali parada até a camareira chegar e alertar a casa.

– Foi ele – diz Érico, a cerrar os punhos com força. – Foi o conde de Bolsonaro.

– Sem dúvida que foi – diz o embaixador. – Mas por quê? Por que Armando, e por que na sua cama? E por que dentro de um barril, da mesma forma que aquele armador em Lisboa? O que você está me escondendo, rapaz?

Érico olha ao redor do quarto, à procura de algo que lhe pareça fora do lugar. Sua caixa de chá está onde a deixou. Já o exemplar de *Fanny Hill* que deixara sobre o gabinete ao voltar da livraria do Milanês não está à vista.

– Era só um palpite – explica Érico, revirando suas gavetas. – Pelo que eu soube, o expediente do conde nas cartas começou pouco antes da minha chegada a Londres, em primeiro de outubro. Mais ou menos, pelos meus cálculos, no tempo que levaria para a notícia da apreensão dos livros no Rio de Janeiro chegar a Londres também. Uma coincidência, talvez? Armando e eu

achávamos que valia a pena investigar. E o conde nos pareceu ter uma relação suspeita com o Brasil. Lembro que sua expressão mudou por completo quando mencionei a colônia.

– Isso é muito pouco para se acusar alguém. Tem algo que comprove essa sua teoria? – O tom de Martinho de Melo é severo e inquisitorial, embora fale baixo. – Isto... – aponta para o corpo de Armando – me parece uma vingança pelo jogo de cartas, mas entre suspeitas e certezas, não posso acusar um membro do estafe do embaixador da Espanha de assassinato.

– Hoje encontrei um panfleto... – Érico abre seu malão, na possibilidade vaga de ter posto o livro ali. Não está. Põe as mãos à cintura, pensativo.

– Que panfleto?

– Um panfleto político, senhor, que ao que tudo indica, foi impresso recentemente na mesma gráfica que aquele livro. Alguém mexeu nas minhas coisas?

– Ah, está procurando por isto? – Martinho de Melo tira da casaca o calhamaço em couro bordô com o nome CATECHISMUS em letras douradas. – Eu o peguei para que não ficasse à vista dos criados. Foi deixado aberto ao lado de Armando, sobre a cama.

Martinho de Melo abre o livro e tira dele uma carta de baralho, a servir de marcação de página: a rainha de paus. Há um recado escrito na carta: *um pouco de açúcar adoça uma derrota amarga.*

– Que parte do livro estava marcada? – pergunta Érico, já sabendo e temendo a resposta.

Martinho de Melo abre e lhe mostra o trecho e a ilustração, ao final da segunda parte, em que Fanny espia pelo buraco da fechadura os dois rapazes praticando entre si o dito “ato nefando”. Érico não diz nada. Se Armando foi torturado, é possível que agora o conde saiba tudo sobre ele.

– Você poderia me explicar o significado disso? – insiste Martinho de Melo.

– O senhor é um homem vivo. – Érico assume um tom cauteloso e distante, quase displicente, disposto que está a não se deixar intimidar. – Deve bem saber o que isso significa.

– Não brinque comigo, garoto! – Martinho eleva o tom.

– Não estou. Me parece tão somente uma provocação, nada mais.

– Uma provocação? Uma provocação! – O embaixador morde o lábio irritado, olha para os que agora o rodeiam, o médico, o padre da capela, um laçao. Estão todos à espera de que diga algo. Olha uma última vez para o corpo glaceado de Armando, e repete a célebre frase do conde de Oeiras: – Enterrem os mortos, cuidem dos vivos. Você vem comigo.

Érico o segue até seu escritório, dois andares abaixo. Martinho de Melo tranca a porta e se senta na cadeira detrás de sua mesa, mas não convida Érico a fazer o mesmo. Tanto faz, pois, antecipando o que vem à frente, Érico prefere ficar de pé.

– Como você veio parar aqui? – Martinho de Melo pergunta, seco.

– O senhor tem consigo minha carta de recomendação, não vejo sentido em lhe explicar – responde Érico, pontuando sua fala com piscadas rápidas, como se tentando clarear a visão após a surpresa de uma pergunta óbvia. Não está disposto a facilitar a conversa, e pode sentir o desconforto quase palpável de Martinho de Melo em perguntar o que realmente quer perguntar.

– Sim, eu li a carta. – Martinho de Melo evita encará-lo, preferindo olhar o teto. Faz uma expressão exagerada de quem pondera aquela resposta como se fosse uma novidade, franzindo o cenho e contraindo os lábios. A encenação de um mau ator. – Onde ele diz que você é de total confiança. Mas isso não é verdade, não é mesmo? Duvido que ele saiba tudo sobre você.

– Tudo, senhor? Ninguém sabe tudo sobre ninguém. Creio que ele soube o que julgou ser necessário saber. – Érico responde indiferente, voltando sua

atenção para o globo terrestre a um canto da sala. – Não cabe a mim questionar-lhe as intenções. Tampouco ao senhor, aliás.

Martinho de Melo, que por tanto tempo vivera cercado de criados e secretários louvaminheiros, não está acostumado em ver sua autoridade questionada. Recebe aquele comentário da pior forma possível, bate com o punho na mesa e grita: – Meu secretário foi morto!

– Eu percebi, senhor. E pretendo resolver isso tão cedo quanto possível.

– Como? Vai ressuscitá-lo, por um acaso?

– Não, senhor. Vou descobrir o responsável por isso, vou encontrá-lo, e vou matá-lo.

Martinho de Melo silencia. Assusta-se com a frieza daquela afirmação.

– Que tipo de homem faz uma afirmação assim com tal frieza?

– Devo lembrar-lhe que servi como oficial de cavalaria, senhor? Já lutei em batalha. Por que não me pergunta logo o que quer realmente me perguntar?

– Eu quero saber... eu quero saber que merda alguém como *você* faz aqui!? – grita ele, e com a explosão raivosa, seu rosto fica vermelho. Talvez lhe estoure uma veia, o que Érico só não deseja que aconteça por respeito aos sentimentos de Maria. – Você trouxe isso até nós, esse *vício*...

– Se pensa assim, o senhor conhece muito pouco do mundo à sua volta – retruca Érico. – Talvez, eu sugiro, lhe seja benéfico temperar suas opiniões com um pouco de realidade.

– Como ousa falar assim comigo!? Seu desaforado inconsequente! Como ousa? Um parasita, isso sim. É o que pessoas como vocês são, grudando-se às mulheres do modo como o fazem, e ainda assim... vejo que nem mesmo pensa no estado de Maria, não é mesmo? E você soube aproveitar o seu tempo conosco, não foi? Armando me escondia as coisas, mas tenho certeza de que, se olhar as contas da embaixada, vou encontrar o quanto me custou este teu

“barão de Lavos”. Sem contar os contatos que fizeste, os convites, as pessoas... sim, você aproveitou bem o seu tempo.

Mas Érico está decidido a não perder a t $\hat{e}$ mpera, n $\tilde{a}$ o elevar o tom de voz e deixar que o outro grite, o que requer um esfor $\hat{c}$ o herc $\acute{u}$ leo.

– Me fazer passar por bar $\tilde{a}$ o foi uma ideia que contou com o seu aval. Quanto aos meus gastos, senhor, eram parte do meu disfarce, e foram previamente autorizados por...

– Mesmo Armando... eu devia ter feito algo, sempre tive desconfian $\tilde{c}$ as... – A aten $\tilde{c}$ o de Martinho de Melo  $\acute{e}$  seletiva, escuta somente o que lhe ocupa as preocupa $\tilde{c}$ oes instant $\tilde{a}$ neas, e Érico esvazia sua raiva quando conclui que lida com um homem de compreens $\tilde{a}$ o limitada. O embaixador continua: –  $\acute{E}$  como uma deforma $\tilde{c}$ o na alma, e tal sorte de aleijados do esp $\acute{r}$ ito n $\tilde{a}$ o servem para o corpo diplom $\acute{a}$ tico. A culpa, no fundo,  $\acute{e}$  minha. Devia ter feito algo. Mas voc $\hat{e}$ ... eu conhe $\tilde{c}$ o o conde de Oeiras faz muito tempo. Por Deus, o irm $\tilde{a}$ o dele  $\acute{e}$  monsenhor da S $\acute{e}$  em Lisboa, preside o conselho da Inquisi $\tilde{c}$ o! Como algu $\acute{e}$ m como *voc $\hat{e}$*  conseguiu engan $\tilde{a}$ -lo? Um maldito fancho!

– Do que me chamou? – Érico retruca, r $\acute{i}$ spero.

– O chamei do que o senhor  $\acute{e}$ ! Um invertido, um fancho, um sodomita! Como algu $\acute{e}$ m como voc $\hat{e}$  conseguiu chegar t $\tilde{a}$ o longe a ponto de ter a confian $\tilde{c}$ a dele?

– Isso se d $\acute{a}$ , senhor, porque nunca lhe omiti o fato.

– Mas... como? – Martinho de Melo fica perplexo.



Quando Érico fora convocado  $\grave{a}$  corte, logo ap $\acute{o}$ s sua chegada a Portugal, esta n $\tilde{a}$ o se encontrava mais em Lisboa – onde El-Rey D. Jos $\acute{e}$  I nunca mais p $\acute{o}$ s os p $\acute{e}$ s ap $\acute{o}$ s o terramoto, por temer ser esmagado n $\acute{a}$ o algum novo tremor – e sim na freguesia d $\acute{a}$  Ajuda. Ali era erguida a Real Barraca, um amplo e luxuoso

complexo de barracões de madeira e pano, ainda em construção. Enquanto aguardava que um contínuo o recebesse e guiasse por seus corredores, Érico retomava tudo o que já ouvira acerca do poderoso secretário de Estado dos Negócios do Reino e da Guerra, um cargo que equivalia, em Portugal, ao de primeiro-ministro. Todos os que o conheceram eram unânimes num aspecto: o traço mais marcante de seu caráter era a forma brutal com que esmagava qualquer oposição a si. Discordar de sua opinião era o mesmo que traí-lo, criticá-lo era o mesmo que atacá-lo, ir contra sua vontade, uma declaração de guerra. Sua notória tendência a ser centralizador fazia com que enxergasse inimigos em todo canto. Ao mesmo tempo que se empenhava para livrar Portugal da dependência econômica dos ingleses, temia qualquer atrito que pudesse se formar com seu principal (e talvez único) aliado para tempos de guerra. Contudo, se a época que passou como embaixador em Londres o nutriu com uma profunda antipatia pela Inglaterra, também lhe possibilitou acumular uma imensa coleção de livros sobre comércio e economia, que estudou minuciosamente em busca de novas possibilidades de governança. Como bom português que era, porém, sua atenção se prendera mais às leis e burocracias, aspecto apenas externo do que considerava a grandeza nacional do caráter inglês, sem se deter no fundamental: o apego britânico pelas liberdades individuais. Àquela época, o agora falecido rei D. João V desprezava e sequer lia seus copiosos e detalhados relatórios, e o ministro jamais se permitia esquecer da imagem de Sua Majestade – um rei que sonhou ser o Luís XIV português, dispendeu toneladas de ouro brasileiro em delírios opulentos de grandeza, e terminou seus dias imobilizado física e intelectualmente, definhando até a demência e a morte enquanto cercado por seus santinhos e freiras-amantes: era a imagem do próprio Portugal que definhava com ele. Opinião compartilhada pelo filho e sucessor coroado, D. José I, que viu no terramoto que destruiu Lisboa uma limpeza divina dos excessos de seu pai e,

impressionado com a resposta enérgica e pragmática de seu melhor ministro frente à tragédia, deu-lhe plenos poderes para reconstruir e reformar o reino, arrancá-lo do atraso medieval gerado pelo fanatismo de sua própria gente. Agora como secretário de Estado, podia conceber um novo império português a erguer-se da inépcia anterior. Mas se o voo que sonhava era alto para a realidade do país, quando alinhado ao resto da Europa se amesquinhou: as ideias iluministas que agitavam o continente europeu não faziam eco em si. Preferiu buscar seus modelos de líder nas figuras centralizadoras do século anterior, como o cardeal Richelieu. Ali, mesmo o avanço já vinha com atraso.

De pé frente ao homem mais poderoso do reino depois do próprio rei, Érico aguardava em silêncio, até que o ministro terminasse de analisar o *Fanny Hill* que o fizera cruzar o oceano da colônia até a corte. Ao terminar, fechou o falso livro de catecismos, pôs um cotovelo sobre a mesa, apoiou a face numa das mãos e analisou o rapaz. Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras, estava ainda há muitos anos de receber o título com que seria lembrado pela história – o de marquês de Pombal –, mas já encarnava à perfeição o tipo de figura que seu tempo e época trataram de marcar: o déspota esclarecido. Estar em sua presença aterrorizava Érico, sabendo que sua carreira dependia desse instante. Um passo em falso o condenaria.

– Foi o senhor quem partiu do Rio de Janeiro para informar-nos sobre este contrabando? – perguntou-lhe Oeiras. – E o fez por recomendação de meu sobrinho Antônio José?

– Sim, Excelência.

– E o senhor serviu na comissão demarcadora da fronteira Sul do Brasil, sob comando de José Fernandes Pinto Alpoim, junto daquele meu outro sobrinho, o bastardo; de lá para cá passando por muitas coisas, deu inclusive um passeio por nossa capitania no Grão-Pará, onde travou contato com o governador meu irmão, e de volta ao Rio de Janeiro, prestou grandes serviços ao conde de

Bobadela, onde aconteceu alguma coisa envolvendo sebastianistas, não me lembro mais direito, mas enfim alguma coisa; e no mais a mais, o senhor cuidava de inspecionar a alfândega do Rio de Janeiro.

– Vossa Excelência está muito bem informado.

O conde de Oeiras lhe disse que, se sabia de tudo isso, era porque saber de tudo era um fator inerente ao seu cargo. Que a morte de um homem dentro de um barril de vinho, por mais insólito que fosse, não era por si só um caso de seu interesse particular, tampouco a natureza obscena daquele livro contrabandeado, pois isso era com a Inquisição. Mas havia algo ali para *além* dos livros que o preocupava. Algo político, que não se dispôs a especificar.

– Por tudo o que sei sobre o senhor, tenente, me parece perfeito para o que preciso.

– Sou apenas um soldado fazendo meu trabalho, Excelência.

– Hum. A modéstia certamente é uma virtude entre pessoas comuns, rapaz. Mas não somos pessoas comuns, não? Não viemos de famílias que vivessem de seus títulos de nobreza e pensões reais, não viemos de um mundo de privilégios hereditários. Cá estamos, contudo. Deixe a humildade para os medíocres. Deve se orgulhar de sua trajetória, e seguir adiante fazendo cada vez melhor. Sente-se, por favor. – Apontou-lhe a poltrona em frente à sua mesa. – O senhor é um oficial da cavalaria de dragões, e bem sei que as fronteiras do Brasil não são lugar para folgados. Se cá nós desenhamos uma linha no mapa, são homens como o senhor que as fixam na terra. Um dragão que combateu os jesuítas tem todo o meu respeito. Posso imaginar, pelo que diz nesta carta, as situações que enfrentou.

– Eu tive minha cota de acontecimentos e sucessos, Excelência.

– É claro que teve. Mas o triste fato, tenente, a triste realidade deste reino, é que deste lado do oceano nossos oficiais são tidos pelo resto da Europa como incompetentes. A grande maioria não foi promovida por méritos em batalha,

mas por afinidades políticas, e hoje servem como criados nas casas da fidalguia. Quando emissários estrangeiros são recebidos para jantar, lá estão nossos melhores oficiais, no papel de orgulhosos lacaios, a servir comida nas mesas de quem os promoveu. Essa é apenas mais uma, tenente, das muitas vergonhas pela qual passamos frente à Europa. Os ingleses nos tratam como pedintes, os franceses como lacaios para dar recados, e os espanhóis como presas fáceis. A monarquia agoniza. Fomos conquistados sem que nossos conquistadores tenham provado dos inconvenientes da conquista, e os ingleses puseram em obra as máximas que os levam a enfraquecer todos os outros sistemas, para aumentar a força dos seus. Somos vassalos e dependentes. Nesse momento, Portugal necessita com urgência de bons oficiais. E eu, em particular.

– O senhor? – Érico ficou confuso, e foi quando começou a perceber que aquele encontro não era, necessariamente, sobre os livros.

Oeiras, como todo reformador, tinha entre seus inimigos aqueles que não queriam, tampouco se beneficiavam de qualquer mudança. A nobreza dividia-se em duas metades: uma que se integrava aos novos tempos e via com bons olhos a ascensão da burguesia do comércio, patrocinada por Oeiras, como uma nova aristocracia – mesmo que para tanto se revogassem as restrições aos impuros de sangue, pois raro era em Portugal quem não tivesse um bisavozinho judeu ou árabe –, e outra de puritanos do sangue, incomodados com a ascensão de novos-ricos e orgulhosos de suas longas linhagens – e entre estes, a poderosa família Távora, inimigos declarados de Oeiras. O conde contou também a Érico que, quando do terramoto, sua insistência para que a tragédia fosse abordada de modo racional e naturalista, estudada como fenômeno da natureza e não como causada pela ira divina, o pôs em confronto com os jesuítas, que o acusaram de ímpio. O padre Malagrida, confessor da rainha, publicou panfletos acusando os teatros, a música e os divertimentos profanos das cidades como verdadeiras causas da tragédia, bem como a mão leve da

Inquisição: para evitar novos tremores, diziam, era preciso voltar a queimar hereges na fogueira, como nos tempos do bom rei D. João V., Sua Majestade D. José, que vive cercado de beatos a explorarem sua credence, foi levado a crer que questionar o papel da fúria divina na tragédia era quase um pecado em si. E contra os interesses de Oeiras, uniram-se os fanáticos e a nobreza castiça do reino. Tudo mudou no ano passado: uma tentativa frustrada de assassinar o rei pôs todos em seu lugar, e os criminosos, sob tortura, disseram o que Oeiras queria ouvir: o mando do crime fora de seus exatos inimigos, os jesuítas e membros da nobreza antiga. Padre Malagrida foi posto a ferros, vivia agora num calabouço, louco a ponto de dizer que escutava a voz de anjos – por ironia, estava por se tornar em breve o último a ser queimado numa fogueira no reino de Portugal. Por autorização do papa, a ordem dos jesuítas foi expulsa do reino e colônias, e seus bens confiscados. Em praça pública, a ambiciosa marquesa de Távora foi torturada e decapitada; em praça pública o duque de Aveiro, a quem pertencia a arma do crime e que, na falta de filhos homens por parte do rei, era um possível herdeiro do trono, teve pés e mãos esmagados a marretadas. Os corpos foram queimados em alcatrão, seus títulos extintos, seus nomes riscados dos livros, seus palácios demolidos, e a terra, salgada, para que nada nunca mais nela crescesse. As demais famílias nobres a tudo assistiram atônitas e incrédulas. E assim não havia mais oposição em Portugal. Este era o homem frente ao qual Érico se sentava, estes eram os tempos em que vivia: entre forças terríveis e antagônicas, tentando se esquivar das faíscas de seu choque brutal.

– Quem quer que tenha feito isto – Oeiras apontou o livro que Érico trouxera consigo –, o fez com intenções políticas. De desmoralizar o reino, de *me* desmoralizar, de mostrar meu governo como tolerante à devassidão, como um império de obscenidade e heresia, oposto aos santos jesuítas. Eu represento

a vontade de El-Rey, e um crime contra o Estado, e no que tange a cumprir as leis, é um crime contra mim.

Se a investigação de Érico levava a crer que o livro fora impresso na Inglaterra, então era para lá que sua atenção deveria se voltar. Oeiras precisava de alguém que trabalhasse em completa discrição, que soubesse mentir, fingir e trapacear. Para isso, era da mais suma importância que lhe perguntasse: quanto de confiança poderia ser depositada nos seus ombros?

Era o momento, Érico pressentiu, de apostar alto e ganhar-lhe a confiança, o momento que definiria sua carreira a partir da resposta que desse.

– Excelência, sou mais do que preparado para vos servir. – E só agora se dava conta, sua vida inteira se direcionava para aquilo. Deveria tentar aquela ousadia? Mais tarde, em pânico póstumo, poderia duvidar do próprio arrojo, mas no momento se manteve firme como nunca. E ousou: – De fato, excelência, não há, em todo o reino, ninguém mais qualificado para tal serviço, por uma qualidade muito própria minha.

– Hum, é mesmo? E por que diz isso, se me permite perguntar?

– Como qualquer mortal, excelência, tenho meus vícios e virtudes, embora eu não os considere vícios, pois partem de um sentimento que a mim é um afeto natural e que, portanto, não pode, racionalmente, ser considerado desvirtuado. São, contudo, de tal natureza que por minha própria segurança passei a vida em discrição e artifícios. Sou como Sócrates, senhor – engole em seco, é agora ou nunca, e percebe o próprio conde de Oeiras a se agitar desconfortável em sua cadeira, antevendo a confissão. – Sei bem a punição que se aplica àqueles que são como eu, e por isso, venho mantendo a discrição minha vida toda. Fingindo ser o que não sou. Entrego ao senhor um segredo que lhe confere o poder de me destruir quando bem o quiser; e a confiança que deposito a seus pés é a mesma confiança que podes depositar em mim.

Num primeiro momento, o conde de Oeiras reagiu com um silêncio chocado. Naqueles instantes de quietude, Érico tentou não pensar em quais palavras viriam a lhe servir de sentença. Tentou livrar sua mente de qualquer pensamento e expectativa.

– O senhor quando aposta, aposta alto, não? – disse Oeiras. – De fato, é o tipo mais estranho de confissão que se poderia fazer ao secretário de Estado de Portugal. Você está ciente de que meu irmão preside o Santo Ofício, não está?

– Sim, excelência. Também estou ciente das palavras de seu sobrinho e afilhado, que sei que o senhor muito estima, de que o caráter de um homem deve ser medido pela sua atitude com o mundo, não consigo próprio. – E, ao dizer isso, sabia que sairia dali ou para a prisão ou empregado.

Oeiras respirou fundo, tamborilou os dedos sobre o braço da poltrona, e fez um muxoxo.

– Pois bem, tenente. Sua vida particular e o que faz dela são apenas do seu entendimento. Creio que não posso, afinal, pedir a um homem que minta e roube em nome de El-Rey e pedir-lhe, ao mesmo tempo, que seja um santo. Não falemos mais desse assunto. Falemos do que importa.

E, após isso, explicou-lhe sobre o *Secret Du Roy*, de suas preocupações com os espanhóis, e o despachou para a Inglaterra com total liberdade de ação.



Martinho de Melo permanece perplexo.

– Ele... consentiu... em aceitar os serviços de alguém como *você*? Não entendo.

– O senhor possui uma capacidade de compreensão bastante limitada, não? – grunhe Érico, sentando-se na poltrona frente à mesa, mesmo sem ser convidado. Seu tom é direto e entediado; seu tempo, uma concessão. – Sou o que sou e isto é, obviamente, uma condição *sine qua non* de meus serviços. –

Érico possui um discurso na ponta da língua para homens assim, para momentos como este, mas é tomado por um tédio mortal, por ter que dar explicações a quem nunca estará disposto a compreender nada. Gente como Martinho de Melo quer apenas ouvir o eco de seus próprios pensamentos no vazio de suas ideias. – Alguma vez o senhor esteve no Brasil?

– Eu? Não, ainda não. Mas não vejo o que...

– Apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, como o senhor sabe, vivi dez anos em Portugal e depois outros dez no Brasil. Um é espelho e reflexo distorcido do outro, de tal modo que não me pergunte qual é o verdadeiro português, mas que... não, cale-se, estou falando e me ouvirá. Que religião é esta que nós inventamos, que ousamos chamar de cristã, mas que se regozija na punição e despreza o perdão e a caridade? Eu conheci uma senhora que ia todos os dias às missas, era generosa em suas doações à igreja, mas em casa guardava... como se chamam? Torques. Que usava para espremer os dedos de suas meninas escravas quando ficava insatisfeita com seu trabalho. E todos sabem como as velhas têm manias e gostam de encontrar problemas com criadas. Eu as escutava gritando à noite, choramingando pela manhã, e não havia nada que se pudesse fazer. E eu me perguntava: o que esta velha fazia na igreja? O que ela pensava que estava comprando com suas doações? Perdão por crueldades das quais não se arrependia?

– Um exemplo isolado que não...

– Mas um auto de fé, isto o senhor já deve ter visto, não? Claro que sim. Quando era menino, vi um judeu queimar, a pele ficando preta até se encher de bolhas, os padres e os crentes ao redor gritando feito selvagens...

– Isto é coisa dos tempos de El-Rey João V, que já quase não se faz mais. É preciso ver com os olhos da época, eram outros tempos que...

– Mas nos territórios papais os judeus são deixados em paz faz tempos! Por um acaso nossos padres e bispos se julgam mais papistas que o papa? O resto da

Europa nos vê com horror e vergonha. Os olhos dos nossos contemporâneos nos condenam.

– Em toda nação, sobretudo as que são fortes em religião, há uma forma de...

– O senhor sabe o que aconteceu com os Távora – lembra Érico, num tom calmo que por isso mesmo soa ainda mais ameaçador. – O senhor sabe o que acontece com quem vai contra a vontade do homem ao qual *nós dois* servimos. Escreva o que quiser na sua correspondência para Lisboa. Sei que ele é seu amigo pessoal, que foste colega de seu irmão na universidade. Mas devo lembrá-lo de que tenho não só a confiança dele, como recomendações de seu irmão, de seu sobrinho e do conde de Bobadela. E devo lembrá-lo de que o seu sangue e o meu têm a mesma cor, e se duvida, providencio para que comprove.

– Quem você pensa que é para falar comigo nestes termos?

– Eu sou aquele que faz o trabalho sujo de parasitas como o senhor, para que a sua alma corrupta e podre permaneça com a consciência limpa antes ir para o inferno. – E vira-se para a porta, dramático, já pensando em ir embora: que ator! – A única coisa que temos em comum é o fato de que nos detestamos. Isto posto, é o momento de produzirmos resultados. Há um morto sobre nós.

Martinho de Melo respira fundo e solta o ar dos pulmões devagar, um gesto que sempre lhe serviu para aliviar a tensão e colocar as coisas em perspectiva. Sabe que estão num beco sem saída, e que se seguir naquele caminho não chegará a lugar algum. Encerra o assunto com um resmungo:

– Apenas lamento que o conde de Oeiras seja obrigado a fazer uso de pessoas como o senhor. Você tem uma língua cruel, menino. Não entendo o motivo que leva alguém que tanto odeia sua própria terra a se colocar em seu serviço.

O sangue de Érico gela. Há muitas coisas que está disposto a escutar, muitos sapos a engolir, em nome de manter-se a calma, contudo sua lealdade é algo que jamais permitiu ser questionada. Com muito custo, contém sua fúria falando pausadamente:

– O que o faz pensar que odeio minha terra?

– Garoto, ou você ama o seu país, ou o odeia. Com as leis do Estado, não se negocia. E pelo tom de suas críticas, para mim está bastante óbvio que despreza as tradições de nossa terra.

Érico olha para a porta. Uma xícara de chá em mãos, agora, ajudaria a colocar o mundo em seu lugar. A calma e tranquilidade com que fala, porém, soam como se o tempo que dedica ao embaixador fosse uma concessão muito custosa:

– Eu não a desprezo, pelo contrário. Só quem ama seu país tenta mudá-lo. É gente como o senhor quem o odeia; mal conseguem ocultar o desprezo profundo que sentem por sua própria gente, e bem estariam dispostos a eliminá-los todos, se não precisassem deles para servi-los. Mas vocês, no que lhes for possível, se dispõem a queimar cada música que não compreendem, cada livro que não pretendem ler, até eliminar tudo o que é dissonante, para reinar sobre cinzas. Eu mesmo me pergunto: o que gente como o senhor ama no seu país? A terra, o ar, o mar? O senhor ama um mapa? O senhor ama uma bandeira? Eles só valem alguma coisa enquanto significarem alguma coisa, e o que eles significam é a própria coisa que o senhor detesta: sua gente. Portanto, fiquemos assim: eu o desprezo de todo o coração, e o senhor me despreza. Dadas as circunstâncias, é melhor que eu saia daqui e me hospede em outro lugar. Pela segurança de todos.

– Que seja o quanto antes! – grita Martinho de Melo, no esforço de dar a última palavra.

Érico, já com a mão na porta, o encara. Desiste, porém, ao concluir que já não vale mais a pena. Não diz nada, e sai. Enquanto sobe a escada, sua mão treme de raiva. Bate à porta do quarto de Maria. Ela está sentada na cama, as costas em almofadas, rosto inchado e olhos vermelhos. Sua criada a acompanha. Ao vê-lo, Maria a dispensa. Ele se senta ao seu lado em silêncio, à espera. Um momento se passa entre os dois, até ela encontrar seu tempo.

– Bebi veneno uma vez – diz ela.

– E que gosto tem? – Não era sua intenção fazer piada, é uma curiosidade sincera.

– Oh, meu Deus... – Ela começa a rir. – De todas as perguntas...! Coloquei tanto açúcar que nem lembro! – Os dois riem juntos, e então gargalham.

Ela conta sobre sua tentativa desastrosa de suicídio, logo que chegou a Londres, com um veneno tão diluído que só resultou em adoecer por dias, atormentada por tonturas, vômitos e diarreias. Ela fala da ocasião em que Armando abriu-se com ela e lhe contara todos seus segredos, de como vivia com medo em Portugal, sobre a liberdade maior, ainda que vivida em segredo, que desfrutava em Londres; de como a vida, mesmo quando incerta e sofrida, ainda trazia mais possibilidades do que o eterno absoluto que vinha com a morte. Uma vez investida de seu segredo, Maria se tornara sua confidente: não só ajudava Armando a escolher pretendentes, como, atuando no papel de guardiã e analista criteriosa, fez inúmeras amizades novas.

– Mas meu melhor amigo está morto agora – ela diz. – Nós íamos juntos a todos os bailes, aos saraus, às mascaradas... e nós nos divertimos tanto! Dois passarinhos esquisitos unidos um ao outro pelas circunstâncias. Nós nos divertimos tanto. Nós patinamos no gelo, nós fomos ao teatro tantas vezes... e ele era sempre tão divertido, tão elegante. Tudo o que eu sei sobre bom gosto eu devo a ele. Eu nunca dancei tão bem quanto ele... eu sempre fui desajeitada, na verdade. Mas ele nunca se importou com isso. Ele era meu amigo, e agora

ele não existe mais. Eu tenho essa imagem dele: um homem elegante, o mais elegante que já vi, dançando sozinho num salão sem música. A festa acabou, todos já se foram, mas ele está lá. Ele sempre estará lá, dançando para mim. Por mim.

Ela enxuga as lágrimas. O relógio bate as horas. Érico deveria ir, há alguém esperando por ele, mas sabe que não pode sair. Ele está onde precisa estar agora. Talvez, ocorra-lhe, não seja bem-visto que fique no quarto de Maria à noite, mas ela pouco se importa com a opinião de qualquer um, nunca se importou. Ela lembra que compraram ingressos para assistir ao *castrato* na ópera, que devia isso a Armando, devia a ele que continuasse vivendo e dançando e indo ao teatro e se divertindo. “A tristeza não é elegante”, lhe dissera uma vez, embora ele próprio estivesse sempre em luta contra os seus próprios demônios. Mas havia um fundo de razão nisso: não a tristeza em si, mas a autocomiseração. Ela devia isso a ele: iria honrar sua memória com alegrias, não com lamentos.

Quando Érico sai do quarto de Maria, já é madrugada, é tarde demais e está exausto. Sem Armando, agora está sozinho na cidade, sem um guia naquele labirinto que lhe diga como as coisas funcionam ali e em quem deve ou não confiar. Suspira. Será sua última noite naquele endereço, e precisa encontrar um novo lugar para ficar. Aproxima-se da balaustrada da escadaria e encara os rostos impávidos esculpido no teto: Alexandre, César, Adriano. As grandes fanchas que governaram o mundo. Os olhos brancos e vazios o encaram em silêncio, como se dissessem que viram tudo e sabem de tudo, mas como um coro de tragédia grega, não lhes cabe interferir. Apenas observar.



A quarta-feira é uma tarde mais cinzenta que de costume em Londres. Cai uma leve garoa quando Armando é velado na capela da embaixada, e para surpresa

de Martinho de Melo, que nada sabia da vida particular de seu secretário, um grande número de amigos inesperados surge: o conde de Strutwell está ali, assim como o capitão Whiffle e o sr. Simper, e a coleção de rapazes do *beau monde* londrino frequentado por Armando, fanchonos maravilhosos em seus trajes de luto, dando uma nota alegre à despedida com o espalhafato de suas plumas funéreas e maquiagem exagerada, provocando olhares atônitos no resto do estafé da embaixada. Fribble é o mais bem-vestido de todos, de negro da cabeça aos pés e nos lábios pintados, rosto intensamente pálido de pó; mas se mantém melancólico debaixo de um magnífico chapéu negro e largo, de pomposas plumas cinzentas caídas pela aba. Por insistência de Maria, o caixão recebeu ornados de ouro e prata, tecidos franjados da melhor qualidade, e uma grande quantidade de castiçais foi acesa, coisas que, ocorre a Érico, no Brasil o governo não permite. Mas agora é Maria o centro de suas preocupações. Teme o que o luto e a despedida final podem provocar. Ela está pálida e austera, com uma beleza frágil e fanstasmagórica, mas se mantém firme, conversando com os conhecidos em comum.

“O menino apareceu lá ontem, aliás.” Fribble, ao seu lado, interrompe-lhe os pensamentos. “Ficou até meia-noite e depois foi embora. Não conversou com ninguém, e me pareceu tristinho...”

“Eu pensei em procurá-lo pelas padarias, mas acho que ele não vai mais querer me ver.”

“Ora, como sabe? Talvez ele ainda apareça hoje.”

“Nós dois sabemos que ele não vai aparecer mais”, diz Érico, amargo. “No lugar dele, eu não voltaria.” E com um temor supersticioso de conjurar algo apenas por mencioná-lo, arrepende-se de ter dito isso. Mas é o que sente: nunca mais verá o garoto outra vez. Esse barco já zarpou.

“Vamos esquecer isso por hoje, certo?”, propõe Fribble. “Já tivemos tristeza o bastante, e Armando não iria querer nos deixar tal legado. As meninas

propuseram nos reunirmos todas e beber até cair. Diabos, não vejo outra solução.”

“Matar o desgraçado que fez isso, talvez?”

Fribble o toma pelo braço, e o puxa para fora da capela.

“Érico, querido, eu sei que estamos todos muito emocionados hoje, mas escute o que te digo: enquanto você não puder provar nada, não há o que ser feito. Mas se você souber algo sobre quem fez isso, eu peço, por favor, de todo o coração, que me diga. Está me ouvindo? Não suje suas mãos. Tenho amigos que resolverão isso por nós.”

Érico o encara surpreso: há um brilho no olhar de Fribble, afiado como navalha.

“É claro. Falei só por falar. Não sou inclinado à violência.”

Naquela noite, Érico vai ao Libertino da Lua, e como previsto, nada de Gonçalo. Tampouco na noite de quinta, já não nutre mais nenhuma esperança, mas sente-se preso à obrigação de tentar.

“Vamos, querido, você pode ser um cadeado”, diz lady Madonna, indo para trás do balcão, “mas eu sou a chave. Abra seu coração para mim.”

Érico suspira. Está bem certo, a essa altura de sua vida, que nunca amou ninguém do modo como acredita ser capaz, caso a oportunidade lhe surgisse; tampouco foi amado em retorno, no máximo desejado – o que, ainda que conforte seu orgulho, não serve para preencher o vazio. Vislumbrou a possibilidade em Gonçalo, nos poucos momentos que tiveram juntos. E agora essa possibilidade lhe escorrera por entre os dedos. O acaso que os uniu também os separou. Érico tem certeza de que pode ser um grande amante, dedicado e carinhoso, se ao menos souber onde colocar seus sentimentos. A verdade é que ele, de fato, nasceu para viver na sombra.

“Ai, menino, eu e você poderíamos escrever um romance ruim”, diz lady Madonna, num tom condescendente e maternal que faz Érico se sentir

confortável em sua autocomiseração. “Mas mamãe sempre me dizia, quando eu era jovem: nascemos para brilhar como as estrelas. Não se esconda em remorsos, apenas ame a si mesmo e estará no caminho certo, pois nasceu assim.” Ela pega alguns limões e os espreme num copo. “De todo modo”, continua, “se você se deixar consumir pelo quanto poderia ter conseguido ou ganhado, você desperdiça seu tempo com ódios e remorsos. E você está quebrado, quando seu coração não está aberto.”

“Mas talvez seja melhor nunca ter nada, do que estar sempre próximo e nunca conseguir.”

“Querido, toda dor vale a pena.” Ela mistura um pouco de açúcar ao sumo dos limões, até formar uma calda. Pega a garrafa de rum. “Além disso, uma vez que você coloca a mão na chama, você nunca mais é o mesmo. Há uma certa satisfação em um pouco de dor, não acha? Porém, quando tudo mais falhar...” – Ela verte uma dose generosa de rum à mistura, que divide entre duas taças –, “sei de um lugar para onde você pode fugir”. Põe os copos de *shrub* sobre a mesa, um para ele, o outro para ela. Ergue o seu em brinde. “Nada cura o passado como o futuro!”

“Só você me entende, querida”, diz Érico, num sorriso triste.

Fazem um brinde, e toma tudo num gole só.

## NOS BRAÇOS DE MIL FÚRIAS

**P**or treze anos, o italiano Carlo Maria Michelangelo Nicola Broschi – mais conhecido pelo público como Farinelli – comandou espetáculos e concertos na corte espanhola sob o reinado musical de Fernando VI. Mas seu sucessor Carlos III não nutre interesse algum por música, e a estadia de Farinelli na Espanha chegara ao fim. Antes de partir para a aposentadoria na Bolonha, porém, aceitou o convite generoso de um grupo de patrocinadores ingleses para uma última temporada na capital, já visitada vinte anos antes. Se na primeira vez jamais conseguiu lotar uma casa, agora o faz graças ao peso da fama acumulada sobre os ombros. Aos cinquenta e cinco anos, a voz conserva ainda o mesmo vigor da juventude, o mesmo apelo sensual que faz com que as damas por ele suspirem: Farinelli é um *castrato*, e para muitas mulheres, a personificação do prazer sem culpas. E se aos olhos dos mais jovens um *castrato* é uma extravagância de gerações passadas, para as inúmeras senhoras que em idade o acompanham, ele tem o charme nostálgico da juventude, de lembranças afetuosas de tempos perdidos. E nada vende mais ingressos que a nostalgia.

No movimentado *foyer* do Teatro de Sua Majestade, grupos formam rodinhas ao redor das pilastras, dos castiçais e dos sofás, enquanto aguardam a chamada para entrar. Érico circula de braços dados com Maria, à procura de Fribble. Ficam os dois num canto, alheios ao burburinho.

– Como você está? – pergunta Érico.

– Pensando em Armando – diz ela. – Anos atrás, num dos meus, hum, acessos de melancolia, falei que a melhor coisa que poderia me acontecer seria cair morta e, ah, lembro até hoje! Sabe o que me respondeu? Que se isso acontecesse, eu perderia a noite de estreia de *Douglas*. Se não era isso, era algum baile ou mascarada. É incrível as coisas a que nos apegamos, não? É como nas mil e uma noites, sempre há mais uma história para adiar a morte. Ah! Veja quem está ali!

É lorde Strutwell quem se aproxima. Após a morte de Armando, operara-se uma mudança no espírito do velho conde. Anunciou aos mais próximos que já era hora de fortalecerem os laços de amizade daquele grupinho de ovelhas negras; decidiu voltar a receber em sua mansão em Hampstead, propondo um final de semana de divertimentos longe do burburinho da cidade. Agora, surpresa das surpresas, voltou até mesmo a frequentar o teatro. “Quando alguém morre na flor da idade, um velho como eu sente despertar certo sentido de urgência”, disse na ocasião do funeral. Aliás, sabendo que Érico busca um novo endereço na cidade, ofereceu-se para lhe arrendar uma propriedade sua, uma bela *townhouse* desocupada, logo no início da rua New Bond. Érico prometeu ir ver a casa no sábado; enquanto isso, hospedava-se no Libertino da Lua na vã esperança de rever Gonçalo.

Quem logo se junta a eles também é a própria lady Madonna, numa rara ocasião em que deixa sua *molly house* aos cuidados de Alejandro e vai ao teatro. Diz fazer isso somente por Farinelli, a que assistiu vinte anos atrás e lhe traz as memórias dos bons tempos.

“Não foi nessa ocasião que nos conhecemos, querida?”, relembra lorde Strutwell.

“Oh, sim! Que peculiar, não?” Ela ri, abanando-se com um vistoso leque de casco de tartaruga. “A música aproxima as pessoas, mistura a burguesia e os rebeldes.”

“E aceitará meu convite para se juntar a nós semana que vem?”

“Abandonar meus meninos à noite? Oh, milorde, pede muito de mim.”

Lady Madonna faz um beicinho: “Vou pensar, mas não garanto...”

Os espectadores são chamados a tomarem seus lugares. Érico olha uma última vez ao redor do salão: nada de Fribble ainda. Ele e Maria sobem as escadas, abrem a porta do camarote e passam a cortina do reposteiro: o teatro lotado se abre diante deles, e antes do espetáculo começar a própria plateia é o palco. Maria mal senta e já retira do bolso um folheto com o programa, e um lornhão que leva aos olhos para bisbilhotar os espectadores. Érico lança um olhar para a plateia, iluminada por uma espantosa profusão de lustres que se projetam a cada seis camarotes, em cada andar, suspensos em braços de madeira – incrível que incêndios não sejam mais frequentes ali. Nas laterais do camarote real, a decoração dispôs duas longas cortinas branco-cinzentas, plissadas e estufadas, indo do chão ao teto em simulacro de templo grego. Mas é notório que o rei não aprecia teatro (ou arte alguma), e se pergunta quem será da família real que virá ali?

Maria se pergunta, ansiosa, onde está Fribble que não chega, e pega o libreto com a programação da noite, para conter a ansiedade com algo que a distraia. Érico lança um olhar para o papel e se assusta com a quantidade de diferentes músicos e libretistas listados na programação.

– Meu Deus, a quantas óperas vamos assistir? – assusta-se Érico. – Meus ouvidos não aguentam mais que duas horas de música.

– Não, querido, esta de hoje é um pastiche – o tranquiliza Maria, referindo-se a óperas compostas com pedaços de outras, geralmente feitas para favorecer os talentos vocais de seus astros. – E Farinelli foi esperto, escolheu as árias mais populares do repertório dele. – Ela repousa o folheto e se volta para ele. – Não se ofenda com a pergunta, mas há óperas no Brasil?

– No Rio de Janeiro, temos dois teatros, mas ultimamente só encenavam libretos de Metastásio e comédias de António da Silva. Vocês aqui devem ter opções mais variadas, não?

Maria não lhe responde: empalidece e fica imóvel. Érico toca em seu ombro.

– Querida? O que aconteceu? Você está que parece ter visto um fantasma.

– Oh, desculpe. – Ela se recupera num estremecimento. – É aquele homem horrível, aquele conde com quem você jogou cartas. – Entregalhe o lornhão. – Céus, Érico, nada me tira da cabeça a ideia de que ele está envolvido no que aconteceu com Armando.

Érico vasculha os camarotes com as lentes, até encontrá-lo: o conde de Bolsonaro, por uma coincidência, está quase que imediatamente em frente a eles, do outro lado dos camarotes. O acompanhando está a sra. Bryant, e um velhote enrugado de nariz adunco que nunca viu antes. De pé, atrás deles, está o mesmo valete que o acompanhava no baile. Érico aperta o punho cravando as unhas na própria carne: já tem na ponta da língua a frase certa a ser dita, a ofensa correta a ser feita em público, o modo mais incisivo de incitá-lo à provocação, e já se ergue da cadeira, pronto ao confronto, quando escuta a porta de seu camarote abrir e Fribble surge detrás da cortina de reposteiro, vestido numa sobrecasaca vermelho-histórica repleta de padrões florais dourados.

– Mews querwidous! – ele os saúda, com um português rocambólico. – Verh quem eu encontrwar no caminho parwa a óperwa...

Érico se vira: “Fribble, por que você está falando em...” E eis que Gonçalo surge logo atrás, chapéu em mãos e sorriso constrangido, um olhar receoso para Érico. Intimidado, murmura um “olá” que tem o efeito de inundar Érico num calor reconfortante, fluindo num sorriso terno e caloroso que desarma qualquer receio da parte do rapaz. Maria, ao ver os dois, compreende tudo.

– É muito bom ver você outra vez – diz Érico. – Esta é a senhorita Maria Fernanda Simões de Almeida. – Ela retribui o “olá” e ergue o braço para que ele beije sua mão. – Maria, este é o senhor Gonçalo... hum. – Érico se dá conta de que não sabe o seu nome completo.

– Picão – completa Gonçalo, tomando a mão dela e a beijando. – Seu criado.

– Oh, dos Picão de Elvas, no Alentejo, suponho? – pergunta Maria.

– Sim, meu pai veio de lá, mas eu sou do Brasil.

– Outro brasileiro! Vocês estão invadindo Londres! – Maria sorri rediviva, e qualquer que fosse o plano de Fribble para animar os dois naquela noite, funcionou. – Sente-se, está entre amigos. Creio mesmo que o espetáculo já vai começar. Gostas de ópera?

– Nunca estive em uma, senhorita.

– Ah, ouvidos virgens! Que emoção! – Maria bate três palminhas, empolgada, e pede que ele se sente na cadeira atrás dela. – Você compreende o italiano? Não muito? Não faz diferença, na verdade. Os personagens são sempre a mesma coisa: um herói, uma heroína, um vilão, um casal apaixonado e os confidentes de cada um. Às vezes tem um coro também, mas que só aparece nos finais apoteóticos. Acho que você vai gostar.

– E sobre o que é a história de hoje? – pergunta Gonçalo.

– Ah, o de sempre: gente em lugares distantes, que se mata ou seduz nos recitativos – diz Érico, jocosos – para depois se contorcer de angústia em árias.

– Hum, querido, não atrapalhe o aprendizado do meu aluninho – diz Maria, retornando.

Ela explica que a história se desenvolve quase sempre em três atos: o primeiro para expor os temas, o segundo para o desenvolvimento, e o último para o clímax. Já as músicas se alternam entre recitativos com ações que vão construindo as emoções dos personagens, até chegar nas árias, quando

comentam essa ação. Mas é importante, para que ele entenda a história, que nas árias os artistas não cantam para os outros personagens, mas para o público, para o espectador. São a parte mais importante da ópera, e no final das contas, a que importa. Uma ópera não é mais que uma sucessão de árias, todo o resto é apenas um pano de fundo.

– E é o lugar onde você mais vai ver homens e mulheres vestidos *en travesti* na vida – complementa Érico. – Quase todos os papéis são escritos para vozes de sopranos ou altos, então ou os atores são mulheres ou, como Farinelli, castrados.

– Castrados? De verdade? – diz Gonçalo, impressionado. – Quer dizer que...

– Ele não tem as bolas, querido – exemplifica Maria.

Nos estados italianos, se considera indecente que uma mulher cante no coro das igrejas, então para forni-los de vozes agudas, uma de suas práticas mais antigas – em especial em Roma – é o de provê-los com meninos castrados antes da puberdade – uma prática bem menos indecente, aos olhos dos papas. É um processo de seleção simples: os garotos de vozes mais promissoras têm os testículos removidos, ou por meios cirúrgicos, ou amarrados com tal aperto que a falta de irrigação os faz murchar e cair. Epítome da extravagância artística para uns, cúmulo da decadência moral italiana para outros. Não bastasse isso, não podem se casar, pois não geram descendentes, o que aos olhos de muitas damas faz dos *castratti* a mais socialmente demolidora forma de luxúria: a do sexo sem nenhuma consequência. E nisso, os boatos sobre as proezas sexuais de Farinelli são lendários.

– Vai começar, meninos – alerta Maria. – Vamos, aquietem-se todos.

A orquestra se aquece. Fribble se senta na cadeira atrás de Érico.

“Como o encontrou?”, murmura Érico.

“Falei com os Twinings”, responde baixinho. “E perguntei quem fornecia os bolos.”

“Eu devia ter pensado nisso. Não sei como lhe agradecer.”

“Querido...”, Fribble põe a mão em seu ombro, o reconfortando, “minha fama de libertino ofusca minha alma romântica. Adoro ser o cupido a unir os jovens apaixonados.” Érico assente com um meneio, surpreso com aquele lado idealista em quem julgava tão mundano. Fica profundamente tocado por sua sensibilidade, até que Fribble completa: “Trepem bastante.”

Ergue-se a cortina. A plateia já bate palmas por reflexo, mas o palco está vazio. O cenário é de rebuscadas nuvens azuis, concentrando-se num vórtex luminoso. Cria-se um burburinho. A orquestra começa os primeiros acordes de *Son qual nave* de Broschi, quando então surge, descendo do alto em literal *deus ex-machina*, uma biga dourada puxada por dois cavalos alados: um é branco, desenhado com o pescoço erguido em sentimentos nobres, o outro é negro, com o pescoço abaixado, a representar os baixos instintos. O auriga que conduz a carruagem, piloto da alma, é Farinelli, numa esplêndida fantasia dourada, simulacro de armadura romana, com um elmo do qual partem penas de faisão, intercaladas por plumas vermelhas, amarelas e cinzentas, nas costas um imenso estandarte em leque. Aplausos. A carruagem pouso, ele desembarca. Estende a mão para o público e diz:

“*Son qual naaaaaaaaaa...*” – E a nota se mantém contínua, ao infinito. É uma voz que não é nem masculina nem feminina, é ambas e é impossível, a manter-se sabe-se lá por quanto tempo devido ao pulmão hiperdesenvolvido, uma voz que vai além do que a realidade impõe como limitação física; – “...  
*aaaaaaaaaaaa...*” – Há boatos de que possui em seu bolso um apito ou flauta mecânica de alguma espécie, pois que modulação! Que êxtase! Que pulmões! Por quanto tempo mais conseguirá mantê-la? Érico não resiste à tentação de olhar para a plateia em vez do palco: agora que a moda dos castrados já está a

passar, sendo mantida quase somente para os bispos italianos, saberá aquele público que escuta um som único, um tipo de voz que jamais será escutado novamente por ouvidos mortais, assim que o último deles deixar de cantar? – “... aaaaaaaaaa...” – que tempos para se viver, testemunha de maravilhosos declínios e assombrosas ascensões, que coisa espetacular que é estar vivo apenas para ser espectador de tais arroubos, que coisa excepcional e pura que é a voz humana, quão específica, quão insubstituível que é o som produzido pelas cordas vocais, aquela membrana vibrando ao ser trespassada pelo ar e produzindo ecos no crânio. Ele continua! Será infinito? Não, nada é infinito, mas enquanto sustentar aquela nota, enquanto a pureza cristalina de sua voz for capaz de sustentá-la, a *possibilidade* do infinito se desnuda, e as mulheres já se abanam, nervosas, os sentidos excitados por aquela ameaça, aquela promessa de que possa existir um êxtase eterno, contínuo e sublime, orgasmo infinito da alma. Um suspiro ecoa: é uma dama que desmaia nas galerias, extasiada. Outro suspiro: outra donzela desfalecida é acudida, abanada por cavalheiros, – “... aaave!”

Palmas. Lágrimas. O público ulula em violento delírio. Farinelli contém nos cantos dos lábios o sorriso de satisfação, ciente de seu poder, da força que somente os grandes líderes e os grandes artistas possuem de abalar a alma de uma multidão – e que à força de tanto interpretar deuses, por breves momentos torna-se um. Há um elemento mágico, é claro, pois no momento em que sua voz vai para além do que o público considera humanamente possível, cria-se uma separação entre realidade e fantasia, já não se pode mais associá-la com algo considerado humano. E Farinelli canta:

*Sou qual nave agitada / pelas rochas entre as ondas / confusa e temerária /  
sulcando em alto-mar. / Mas que ao ver o porto amado / deixa as ondas ao vento  
traíçoeiro / e vai à praia repousar.*

Érico olha para trás, e vê Gonçalo boquiaberto. Se ele nunca ouviu uma ária de ópera antes, então sua iniciação está sendo bombástica. Quando a música termina, uma chuva de pétalas cai sobre o palco, flores são atiradas pela plateia, Farinelli ergue os braços, mestre absoluto de seu universo, a estrela que oscila a constelação. Na plateia, enquanto as desfalecidas são reanimadas, outras entram em tal estado de euforia que parecem beirar o conceito hipocrático da *hysteria* – que a nossa moderna medicina já crê derivar do mal do útero errante, a provocar agitações nervosas nas donzelas de pouca atividade sexual. Farinelli sai de cena, entram atores num recitativo qualquer, e quando volta, é para cantar a contemplativa e obscura *Ombra mai fu* de Handel. Érico não faz ideia do que se trata a história. Em geral, é de bom-tom inteirar-se de toda a trama antes de ir à ópera, mas a verdade é que estas se constroem em torno dos cantores, e não o contrário. E aquela, como pastiche, é só uma colagem feita para extrair as melhores performances de seu artista. Desvia sua atenção para o camarote do conde de Bolsonaro, que conversa aos cochichos com o velho narigudo e com lady Bryant.

“Quem são aqueles com o conde?”, pergunta sussurrando para Fribble, atrás de si.

Fribble lança um olhar por cima do ombro de Érico, e parece ficar surpreso consigo mesmo por não os conhecer: “Ora, aquela é a mesma senhora que acompanhava o embaixador espanhol, não? Mas o velho eu nunca vi. Não conheço muito bem a aristocracia do interior.”

Logo são distraídos outra vez por Farinelli, que canta a espetaculosa ária *Cadrò, ma qual si mira*, da *Berenice*, de Francesco Araja: no clímax, uma sucessão de volatas e trinados virtuosísticos, que mais uma vez causam uma comoção ansiosa na plateia, cujo espírito ele conduz como um maestro. Tanto faz que, na velocidade de sua pronúncia, ninguém entenda a letra, é um

segredo mal guardado em óperas que a letra seja o de menos importância: somente a força da voz importa.

Érico vira-se para Fribble e sugere, murmurando, que troquem de lugares, podendo assim ficar ao lado de Gonçalo. Está gostando?, murmura ao ouvido do rapaz, recebendo um sorriso e um meneio da cabeça em resposta. O rosto de Gonçalo tem certas qualidades de simplicidade e sinceridade de menino, em conflito com uma gravidade séria de adulto. Vivendo de modo errante pela Europa, como padeiro ou marujo, certamente deve ter adquirido hábitos e cacoetes dos que se acostumam a viver sozinhos e desenvolvem uma cultura interna muito rica e excêntrica, mas quão delicioso será descobri-las uma a uma! Ao pensar isso, percebe o tanto que já se sente ligado a ele. Farinelli dá sequência com a melancólica e sutil *Qual farfalla innamoratta*, de Leonardo Leo, onde voz e flauta ondulam no simulacro do delicado bater de asas de uma borboleta. Se no palco incorpora as dores de amor do centurião Décio por Zenóbia, no camarote a mão de Érico procura pela de Gonçalo, e os dois se permitem escutar o resto da música com os dedos entrelaçados.

*Qual borboleta enlouquecida de amor / vai girando ao redor da chama / a esperança que abrigo no coração. / E ao queimar suas asas / é em seu berço desafortunado / que será enterrada.*

Palmas. Descem as cortinas, vem o intervalo – poucos minutos para os artistas recuperarem seus fôlegos. Não há *intermezzo* cômico, e a plateia se entrega à bisbilhotice social. Maria, munida de seu lornhão, cochicha para Fribble:

“Não é seu amigo John Wagtail ali embaixo?”

“Jock?”, anima-se Fribble, chamando-o pelo típico apelido escocês.

“Onde?”

“Aquele ali, que pôs os pés sobre o assento do cavalheiro à frente dele.”

“Ah, quer exhibir as fivelas novas dos sapatos, o pavãozinho...”

Érico é tomado pela revelação e se levanta num salto.

– O que foi, querido? – Maria se assusta. – Parece que foste atingido por um raio!

– Com a licença de vocês, volto logo – anuncia.

– Aonde você vai?

– Visitar um conhecido nosso – responde, trocando um olhar irônico com Maria, que compreende tudo com um calafrio temerário, mas não diz nada. Érico põe a mão sobre o ombro de Gonçalo: – Não saia daí. Não quero te perder de vista outra vez.

Érico anda a passos largos pelo corredor acarpetado que circunda a entrada dos camarotes. Passa pela porta do camarote real, onde dois guardas estão a postos, imóveis, em suas casacas vermelhas. O conde está quase exatamente em frente a eles, e tenta adivinhar qual será a porta que lhe corresponde. Vai cortando-as em relação ao fim do corredor e se perguntando: será esta? Sim, só pode ser esta. Não bate, apenas a abre. Ao surgir entre as cortinas do reposteiro, os três ocupantes do camarote o observam atônitos.

“Sua Graça”, diz o conde de Bolsonaro, surpreso, “a que devemos a honra?”

“Um mero gesto de cortesia a Vossa Senhoria. Afinal, como o senhor mesmo tão bem colocou, com o tanto de dinheiro que em breve irá passar de um ao outro, já somos amigos íntimos, não? Sra. Bryant, é um prazer revê-la.” Ele estende a mão, à espera de que ela entregue a sua para um beijo de cortesia. Ela o faz de modo hesitante. “Já o senhor, ainda não tive o prazer de...”

O velho o olha de cima a baixo com o olhar misto entre nojo e desprezo; está claro que não irá estender-lhe a mão e já vê em seus lábios se formar uma palavra insultuosa, os dentes superiores a pressionar o lábio inferior no início do som de f, ao que Bolsonaro o interrompe.

“Este é o senhor Roger Pheuquewell, um velho amigo...”, e de imediato, mudando o foco do assunto, “o senhor não veio cobrar as promissórias agora,

suponho? Nós combinamos a data...”

“De modo algum, Sua Graça, por favor, não me tome por um homem vulgar...”, garante Érico, “como disse, é apenas uma visita de cortesia. E a senhora, lady Bryant, que está achando da música desta noite”?

A porta se abre, e surge o valete do conde. Érico e o valete se medem de cima a baixo, percebendo as espadas que ambos trazem embainhadas à cintura.

“E como está você, meu bom homem?”, Érico aponta-lhe o dedo e finge ter esquecido seu nome, fazendo uma careta como se o resgatasse do fundo da memória. “Jockstrap, não é? Um apelido peculiar. De John, não? John Strapp, suponho. O senhor é escocês? Esse nome me é familiar, devo confessar. Onde eu o ouvi antes? Ah, creio que foi ainda no Brasil, quando eu estava de partida. Procuravam por alguém com um nome parecido. Do que se tratava mesmo? Ah, lembrei: algo envolvendo um capitão incompetente e covarde, que fugiu e deixou a tripulação para trás. Parente seu? Talvez seja apenas coincidência, é claro. Você está aos serviços do conde faz quanto tempo?”

“Bastante tempo”, grunhe Bolsonaro, visivelmente incomodado.

“Oh, sim, com certeza. Triste descobrir-se homônimo de tipos de natureza tão baixa. É o que ocorre quando se promove gente de pouca estirpe para além de suas capacidades. Falo do capitão, não de você, é claro.” Volta-se para o conde: “Mas o bom Jockstrap aqui, tenho certeza de que sabe bem o seu lugar, não é mesmo? Antes ser um sodomita que um incompetente. Embora que, no caso de homens do mar, chamá-los de sodomitas é praticamente um pleonasma! Ah, o espetáculo vai recomeçar! Sua Graça, lady Bryant, foi um prazer revê-los. Senhor Pheuquewell, um prazer conhecê-lo também. Com sua licença.”

Érico sai sem dar tempo ao valete de reagir, mas nota a indignação e a raiva avermelharem seu rosto. Enquanto caminha pelo corredor de volta ao seu camarote, escuta o eco dos aplausos na plateia indicando que Farinelli já

regressou ao palco. Passa pelos dois guardas, imóveis como estátuas frente ao camarote real, quando escuta o ranger fofo de tábuas sob o carpete atrás de si e se vira.

“Seu sodomitinha de merda!”, chama Jockstrap, de pé no meio do corredor, espada já desembainhada, ignorando por completo os dois soldados, que se entreolham sem saber o que fazer. “Meu chefe não gosta de você. *Eu* não gosto de você.”

“Mas, meu bom homem...”, Érico sorri, piscando os olhos com afetação, a fingir surpresa, “posso lhe garantir que o sentimento é recíproco!”

“Quando eu meter essa espada no teu cu, quero ver essa tua cara de fanchona sorrir.”

Mas Érico já não sorri. Desembainha sua espada na mão direita e o saúda a erguendo, a pondo sobre o coração e cortando o ar com a lâmina: a Deus, ao meu amor e à sua morte. Até os quinze anos tivera aulas com um mestre de armas, mas nunca se considerou excepcionalmente bom – seu melhor amigo no Brasil, este sim era extraordinariamente bom, mesmo sem ter tido nenhum treinamento formal. Érico sempre preferiu pistolas e rifles, menos formais, menos elegantes, mas frios e efetivos. A questão aqui é: o quão habilidoso será Jockstrap? Um duelo pessoal se resolve, na maioria das vezes, em pouco tempo; o tempo de um dos dois cometer um erro fatal, e basta uma simples perfuração, um órgão vital atingido (em geral, o pulmão) para que se saiba que tudo estará perdido em questão de segundos. Seus pensamentos vão para Gonçalo: sempre que fica perto de tê-lo, algo os afasta. Mas não há como ser de outra forma e, resignado, entrega-se ao que o destino lhe trouxer.

– Em guarda – alerta Érico.

Jockstrap dá o bote com um ataque duplo em terceira, Érico se opõe com meia estocada; o valete desengaja e responde de imediato em quarta levando Érico a defender em quarta e devolver-lhe um ataque no flanco. Foi um passo

maior que as pernas, e o valete rebate com um ataque contrário em segunda, que só por sorte Érico evita. Atrás de si há um pedestal de mármore com um candelabro da sua altura, Érico recua até ele e o derruba na direção do valete, forçando-o a recuar – mármore e vidros quebrando com estardalhaço. Érico tenta se manter frio e racional, o mesmo não ocorre com Jockstrap, que se afoba e comete erros. Os dois soldados de guarda frente ao camarote real não sabem o que fazer, pois temem abandonar seus postos. Érico está sendo encurralado contra a porta aberta de um camarote, contíguo ao camarote real. Tenta o ataque, Jockstrap defende e devolve o golpe abrindo um corte no ombro de Érico. Rebatendo e se defendendo dos golpes, não lhe resta outra opção se não recuar para dentro do camarote vazio.



O tilintar raspado típico de metal contra metal já havia sido percebido por alguns, e a queda do lustre despertou a atenção da maioria. Mas o momento em que os dois surgem no camarote é recebido por um suspiro de excitação percorrendo a plateia como uma onda. Todas as cabeças se voltam para eles, os que estão nos camarotes contíguos se inclinam nos parapeitos, mesmo o maestro e a orquestra se deixam distrair. É o momento em que Farinelli, furioso – audácia dessa gente, roubar-lhe a atenção do público, a empáfia, a ousadia – bate o salto alto com força no chão do palco e grita ao maestro: CONTINUEM TOCANDO!

– Érico? – diz Maria, incrédula ao reconhecê-lo.

A orquestra retoma a música, os violinos correm velozes na melodia que parece mais regida pelo ritmo do duelo que pelo do artista. Um golpeia e o outro apara, espadas se cruzam com seus rostos muito próximos um do outro. Farinelli canta:

*Nos braços de mil fúrias  
sinto que minh'alma treme  
sinto que se une e funde  
com ultrajes passados  
que atormentam meu coração.*

O valete tem mais força e dela faz uso,  
empurrando as lâminas até que o cruzamento  
fique perigosamente perto da garganta de  
Érico. Este, acuado contra o parapeito,  
inclina o corpo para trás cada vez mais.

Enquanto a voz de Farinelli emula a tortura das fúrias num elaborado voo ornamental sem pausas para respirar, Érico acerta um joelho entre as pernas de Jockstrap, que urra de dor. Empurram um ao outro, Érico perde o equilíbrio e cai para trás e vê o teatro inteiro girar de ponta-cabeça, vertigem do vácuo, certeza de morte, presença de espírito: agarra com toda sua força o braço de uma luminária. A plateia ulula, Maria grita, Farinelli canta – a velocidade e a fúria com que sua voz alterna variações tonais é incrível; aos pulmões hiperdesenvolvidos, ao talento e à experiência, soma-se o desespero em reconquistar para si a plateia roubada. O público fica indeciso sobre qual espetáculo acompanhar, virando os rostos de um lado ao outro como numa partida de peteca.

Jockstrap, grunhindo de dor, se recupera e sobe no parapeito, espada em punho, no encaixe de seu alvo.

Enquanto isso, Farinelli canta:

*Um agita pensamentos  
de um amor rejeitado  
o outro me faz lembrar  
de minha honra não vingada.*

Érico já sente a luminária ceder e ergue o corpo num último esforço buscando o auxílio daquelas longas cortinas que ladeiam o camarote real. Uma longa corda pende paralela, ele a usa para escalar de volta ao parapeito. Uma voz grita seu nome em alerta. Jockstrap vem em sua direção, também se equilibrando sobre o parapeito.

Érico segura a corda, dobra os joelhos e impulsiona o corpo com força. Enquanto Jockstrap erra um golpe que o teria cortado em dois, Érico gira no ar ao redor dele, em arco, indo cair de volta no camarote vazio. Um suspiro temeroso percorre a plateia. Para surpresa de todos, Érico busca sua espada e

volta a subir no parapeito, ficando os dois frente a frente, equilibrados naquela estreita linha de madeira como dois malabaristas. Érico olha para baixo e calcula mentalmente se a queda seria fatal para algum deles. Farinelli retoma seu refrão.

*Nos braços de mil fúrias  
sinto que minh'alma treme  
sinto que se une e funde  
com os ultrajes passados  
que atormentam meu coração.*

Ataque, aparo, contragolpe. Talvez Jockstrap seja, tecnicamente, um espadachim melhor, mas o excesso de força o prejudica. Érico tem como vantagem sua capacidade de manter a frieza e se concentrar.

O que não o impede de perder o equilíbrio, mas gira nos calcanhares e cai para dentro do camarote, de costas ao chão. Jockstrap salta no seu encaixe, Érico rola no chão e o valete termina por perfurar o encosto de uma cadeira. Ágil como um gato, Érico se põe de pé e recua, o valete puxa seu florete do acolchoado e golpeia rasgando um bom naco de cortina do reposteiro. Como se domasse um leão, Érico pega uma das cadeiras e o circunda, fazendo com que as costas de Jockstrap fiquem contra a porta de entrada. Então o golpeia com as pernas da cadeira com força, fazendo com que o valete perca o equilíbrio para trás e bata de costas contra a porta. Érico larga a cadeira, agarra-se ao suporte da cortina de reposteiro e balança o corpo, com os dois pés acerta um coice em cheio no peito do valete que tanto Jockstrap quanto a porta são arremessados para trás, para o corredor acarpetado. Érico busca sua espada do chão, e corre atrás do outro, os dois duelistas sumindo para dentro dos corredores para alívio de Farinelli, que não precisa mais dividir a atenção do público e agora a tem devolvida toda para si.



Fribble, Maria e Gonçalo se juntam ao círculo de espectadores que aos poucos se forma nas galerias entre os que desistiram de um espetáculo para acompanhar outro. Érico sente um latejar no ombro e só então se dá conta do corte, a ferida ardendo e a umidade morna e pegajosa se espalhando por dentro do braço esquerdo. Está cansado, mas Jockstrap também: o valete para, em posição de guarda, frente à escadaria. Está à sua espera, é hora de acabar com isso. Érico deixa que Jockstrap o ataque. Impaciente, o valete golpeia como se fosse não uma espada, mas um machado; Érico defende com facilidade e rebate a lâmina para cima. A espada escapa das mãos de Jockstrap, voando em arco para trás, passa a balaustrada e cai lá embaixo no *foyer*. Antes que Érico comemore, Jockstrap agarra seu pulso e lhe acerta uma cabeçada. O golpe deixa Érico zozzo, que recua.

E então o valete se atira pelo parapeito. O craque de madeira quebrando. Érico corre até o topo da escada e olha para baixo: o desgraçado se atirou sobre um sofá, que amortecera sua queda ao custo de rachar no meio. Érico calcula a altura para o seu próprio salto, mas desiste: opta por sentar no corrimão de pedra da escadaria e desliza rápido até o *foyer* – rápido, rápido demais! Velocidade, desequilíbrio, tropeço na chegada. Um erro custoso, pois Jockstrap, já recuperado com seu sabre, avança com tudo. Lacaios e cocheiros se aglomeram nos pilares da entrada observando os dois, apostas em dinheiro já começam a ser anunciadas. Ataque, aparo, contragolpe. O sangue que escorre por seu braço já chega pegajoso ao pulso e pinga no chão. Ataque, aparo, contragolpe.

Do topo da escadaria, impassível e silencioso, o conde de Bolsonaro os observa. Érico sente o próprio cansaço, a iminência da derrota, mas está decidido a não pedir quartel em hipótese alguma. Suas espadas se cruzam uma última vez até encostarem os corpos, no que o valete lhe acerta um soco no rosto que aumenta a ferida feita pela cabeçada. Érico cai de costas ao chão, de

onde sabe que não conseguirá se erguer sozinho. Jockstrap já sorri vitorioso: “Seu invertido de merda...”, e ergue a espada para a estocada final.

O trajeto da lâmina é bruscamente interrompido por um contragolpe.

“Que deselegante!”, censura Fribble, exuberante em toda a glória histórica de seu traje vermelho-vivo, glamour ultrajante, sapatos fantásticos, postura perfeita: uma mão na cintura qual bule de chá, a outra com o sabre do bastão de caminhada. Sorri num beicinho: “Se doer, eu paro.”

Jockstrap investe também contra ele, mas Fribble gira nos calcanhares com a suavidade e precisão de um bailarino, defendendo e atacando tão rápido que o valete começa a recuar pelo *foyer*, de costas para a entrada da plateia. Em um ataque desastrado, o criado termina ganhando um corte também no braço. “*Touché!*”, anuncia Fribble, num floreio efeminado. Jockstrap se enfurece. Tenta retribuir, mas é inútil: ágil e saltitante, Fribble se esquiva com uma elegância etérea, girando uma, duas, três vezes ao redor de seu oponente, tem nos pés a agilidade que um Farinelli tem na voz, mudando suas guardas e seu terreno, atacando-o de todos os lados ao mesmo tempo. Cada vez mais irritado, ao se ver encurralado por aquele macaroni, Jockstrap se afoba e comete um erro: tenta um *flèche*, investindo com tudo num salto com estocada. Mas Fribble o bloqueia e, enquanto Jockstrap se levanta – “*touché!*” – Fribble perfura sua nádega com a ponta da lâmina. Jockstrap grita de dor.

“Ai, que frescura, querido!”, censura Fribble, “Só enfiei a pontinha!”

Enquanto isso, Gonçalo ajuda Érico a se erguer do chão, pergunta se ele está bem, o que Érico garante que sim, nada grave, a camisa grudou sobre a ferida, de modo que não perdeu muito sangue. Está um pouco tonto. A maior ferida naquela noite fora em seu orgulho próprio: desejava ter feito melhor figura frente a Gonçalo. Não que fosse necessário, pois o rapaz se mostra genuinamente admirado e empolgado com tudo aquilo.

– Isso foi sensacional – diz, animado. – Você nunca tem dias normais, não é?

– Está sendo um dia bem normal. – Érico tenta um gracejo e sorri, e é logo interrompido pelo latejar ardido dos seus cortes e feridas.

Fribble pergunta se ele está bem, e Érico lhe agradece pela ajuda. De Jockstrap, ninguém se aproxima. O conde de Bolsonaro o observa, ainda impassível e silencioso, mas a uma distância segura, com um pé no primeiro degrau da escadaria. A rodinha de espectadores que se formara ao redor dos duelistas, contudo, se abre, e dentre eles surge um rapaz pomposo de vinte e poucos anos, peruca branca e casaca amarelo-dourada, avançando com autoridade em meio à confusão. Pergunta o que está acontecendo ali.

“Vossa Alteza”, diz Fribble, tirando seu chapéu, “tentei apartar uma briga entre cavalheiros antes que ocorresse uma tragédia.”

“Uma briga, sim, decerto que não era um balé. Mas qual o motivo da querela?”

Érico, que não faz ideia de quem seja aquele rapaz, mas com o bom senso de reconhecer a presença de um membro da realeza sabe que a melhor defesa é o ataque, e antes que o conde de Bolsonaro diga algo, explica: “Vossa Alteza, creio que o valete do conde de Bolsonaro, tendo tomado para si as dores do patrão, quis ir à desforra pela derrota que lhe impingi nas cartas. Fui atacado covardemente, apenas me defendi.”

“Ah, nas cartas? Vós sois o barão de Lavos, suponho?”

“O próprio, Alteza.”

Bolsonaro, antevendo complicações, adianta-se a renegar a atitude de seu criado, atribuindo-a ao excesso de zelo, e garantindo que este agira sem seu consentimento. Jockstrap, ainda que com dificuldade, ergue-se do chão sozinho. O sangue de sua ferida escorre-lhe por dentro do calção e mancha a meia branca de sua perna esquerda. Lança um olhar raivoso para Fribble, que

retribui dando um beijinho no próprio ombro e lhe soprando, jocoso. Jockstrap crispa os punhos e avança na sua direção ainda que trôpego, mas o conde lança-lhe um olhar furioso. O valete hesita e recua.

“A lealdade de um serviçal é artigo raro hoje em dia, Vossa Alteza”, diz Bolsonaro, “e às vezes é levada um pouco longe demais. Eu e o barão possuímos um acerto financeiro notório a ser realizado, e temo que meu valete tenha levado seu zelo por mim até as últimas consequências. Sua intromissão em meus assuntos privados é insustentável. Garanto que ele será demitido de imediato.”

O rapaz olha para Bolsonaro, empurra os lábios com a língua, pensativo, e dá de ombros.

“Que seja. Ouvi dizer que toda Londres aguarda ansiosa pelo desfecho deste acerto entre vós, mas o italiano que está naquele palco me oferece passatempo mais interessante. Espero que não haja mais interrupções de vossas partes.” Dito isso, o príncipe de Gales dá-lhes as costas e sai, junto de seu pequeno séquito, de volta para o camarote real.



Érico insiste que está bem, e que pretende assistir ao resto do espetáculo. Alguém lhe traz um pouco de água, tira o casaco, lava o corte no ombro e pressiona com um pano. Lava o rosto e, ajudado por Gonçalves, retorna discretamente ao seu camarote, lamentando apenas o estrago feito naquela casaca excepcional e nova. No palco, um novo cenário se descortina: um complexo e colorido jardim de flores, com múltiplas camadas de profundidade. No centro há um caramanchão, no meio do qual está Farinelli, aliviado com o fim de todas aquelas distrações. Contudo, quando começa a cantar o *Usignolo sventurato* do *Siface*, de Porpora, vira-se na direção do camarote de Érico, e parece cantar olhando diretamente para ele. Enquanto a voz e a flauta

competem na imitação do canto de um rouxinol, a figura de um enorme pavão azul ao fundo do palco abre lentamente o estandarte de sua cauda, e diversas aves se movimentam em cena qual autômatos. Há quem desdenhe destes truques de palco e efeitos visuais, coisas que as novas tecnologias proporcionam às artes cênicas para lhes ocultar a falta de enredo, mas o público sempre anseia por ser arrebatado com a visão de maravilhas.

*O rouxinol infeliz / que anseia fugir à morte / vai cantando e se lamentando / por seu destino melancólico. / Também eu me contento em meu trono / ainda assim o destino me oprime / e invejo o feliz inquilino / que numa simples cabana / busca seu abrigo.*

A música acaba. Palmas. Farinelli faz uma mesura ao público, voam flores e pétalas ao palco. Faz então uma mesura na direção de Érico, o que amplia a intensidade das palmas e assovios. Aos poucos, o público ergue-se das cadeiras, e as palmas se intensificam: reconhecem em sua figura estropiada aquele que os manteve em suspense ainda há pouco. Pela segunda vez na mesma noite, Érico ruboriza. Nunca antes em sua vida tivera tanta atenção voltada para si, e para um pretense espia aquilo não está sendo nada discreto. Sem saber o que fazer, ergue-se e agradece os aplausos com uma mesura, estendendo o braço na direção de Farinelli para devolver-lhe a atenção da plateia. Quando se senta novamente, vê no olhar de Gonçalo uma admiração orgulhosa que basta para fazê-lo crer que tudo valera a pena.

14.

## 21 NEW BOND STREET

**A**os olhos do amante neófito, o corpo do outro é um mapa inexplorado, com seus picos, vales e tensos caminhos ocultos esperando para serem desbravados, esperando por quem os clame para si. Gonçalo transborda de uma vivacidade instintiva, preocupado em agradar sem saber bem como, aguardando que lhe indiquem o próximo passo com ansiedade. Desajeitado, não sabe bem o que fazer com as mãos – ora as tem soltas ao longo do corpo, agarrando os lençóis, ora as usa para segurar a cabeça de Érico entre suas coxas. Enfim se decide: as põe por baixo da almofada sob a nuca como um São Sebastião, quando flexiona os braços e arqueia o abdômen num longo suspiro, enquanto recebe aquela demonstração de bom uso da língua portuguesa. Ao fim de uma sequência de longas e nostálgicas sugadas, Érico troça a língua ao redor do bálano e aplica um leve mordisco na ponta. A noite chega ao seu ápice. Gonçalo estremece, o êxtase o faz contrair a barriga e estufar o peito uma última vez; sua seiva flui aluvial e sobeja.

Érico emerge e busca seu olhar, mordendo o lábio num meio sorriso sacana, limpa a boca com as costas da mão e avança em seu corpo com beijos: passa pelo baixo-ventre até a barriga que arqueja e pulsa, com a ponta da língua rodeia e titila os mamilos rosados como botões de flor, mordiscos e chupões, o peito imberbe salpicado de sardas, o pescoço musculoso e taurino, aquele espaço especial logo abaixo do lóbulo da orelha que faz Gonçalo amolecer em seus braços, e por fim os lábios; Gonçalo segura sua nuca com força, suas

línguas se encontram e lhe aplica uma leve mordida. Risos, suspiros, arrulhos. Tudo termina num jogo bobo de garotos, um duelo de forças que se encerra tão cedo que Érico esquece da ferida no ombro e apoia nele seu peso. O corte lateja e ele desiste, tombando ao lado de Gonçalo e aninhando o rosto em seu peito.

Após algum tempo em silêncio, a escutar apenas a respiração e sentir o calor um do outro, Gonçalo passa as mãos por sobre o desenho que Érico traz tatuado no lado esquerdo do corpo, e pergunta o que significa. É uma esfera armilar, explica Érico, um instrumento do tempo das descobertas. A esfera em si não existe. É formada pelo conjunto de anéis que giram ao redor do espaço vazio dela, cada anel representando uma marcação: o equador, os meridianos, os paralelos, os trópicos. O anel mais largo corresponde à banda zodiacal, e a bolinha no centro representa o globo terrestre. Um desenho significativo, uma vez que sua vida parece condicionada a viagens. Mas não é só por isso, claro: a esfera armilar é o símbolo de sua terra. É a bandeira do príncipe do Brasil.

– E isto aqui, o que quer dizer? “UNUS IUENNI...?” – Gonçalo aponta a frase latina, corre os dedos pelas letras fazendo-lhe cócegas. Érico ri, toma-lhe a mão e a conduz à outra parte de seu corpo que julga mais interessante. Gonçalo solta um gritinho indignado e lhe dá um tapa na mão, jocosos. Trocam mais um beijo.

– UNUS IUENNI NON SUFFICIT ORBIS. – Érico recita de cabeça. Outro beijo, Gonçalo o aperta, beija seu pescoço, os dois se agitam lânguidos como se fingindo outra disputa, riem. E completa a citação com a parte que falta: – AESTUAT INFELIX AUGUSTO LIMITE MUNDI.

– Essa parte não está escrita em você! – protesta Gonçalo. Rostos colados, a respiração sai da boca de um para o outro. Cócegas, cutucões, provocações. Gonçalo tem um riso juvenil, um pouco tolo, mas adorável. – Você está inventando isso!

– “Para o jovem, o mundo não é o bastante; ele se inquieta quando confinado pelos estreitos limites do globo” – traduz Érico. – *Sátira X*, de Juvenal.

– Mas arranjei um fidalgo mesmo, sabe até latim... – Gonçalo o provoca.

– Só meia dúzia de palavras – desconversa Érico.

É a primeira noite em seu novo endereço. A *townhouse* alugada de lorde Strutwell, ao custo razoável de cinco guinéus por semana, tem cinco pisos, a contar o térreo e o subsolo. Grande demais para alguém que vive sozinho, mas adequada à imagem que se espera de um barão. Érico a apresentara a Gonçalo no dia anterior: aqui ficam os lacaios imaginários; aqui as camareiras imaginárias, aqui são meus estábulos imaginários. Gonçalo não entendeu a piada: por que alguém rico e com título de nobreza não ostentaria uma criadagem enorme? Érico, indeciso sobre o quanto contar, justificou dizendo que não sabia ainda quanto tempo ficaria em Londres, e que a economia ruim lá no reino o tornara prudente com gastos desnecessários – a mesma desculpa que usara com lorde Strutwell. Mas há ao menos uma criada real na casa: uma senhora escocesa chamada June, um verdadeiro tesouro, que lorde Strutwell garantiu ser de total confiança e “totalmente amigável à nossa gente”.

– Você vai estar aqui de manhã quando eu acordar? – pergunta Érico

– Sabe que não. Eu tenho que ir bem cedo pra padaria.

– Hum. Isso não é aprendizado, é escravidão com salário.

– Talvez. Mas eu preciso de dinheiro. Além disso, gosto do meu trabalho.

– Eu tenho dinheiro. Podíamos viver dele por muito tempo.

Gonçalo se ergue, ficando de joelhos no seu lado na cama, relaxado e levemente curvado. Coloca as mãos entre as coxas como se sentisse frio, o rosto coberto pelo cabelo desgrenhado: a nudez de seu corpo tem uma naturalidade viçosa; como se a ideia de vesti-lo fosse quase herética.

– Como assim, “podíamos”?

– Nós dois... hum... eu e você...

– Não sou um prostituto.

– Não falei que você era em momento algum.

– Eu sei, mas queria deixar isso claro. Não quero nada que não seja comprado do meu próprio bolso. Ninguém nunca vai jogar na minha cara isso. Além do mais... é um pouco cedo ainda, não acha? A gente mal se conhece. Vamos ver como a gente se sai quando tiver um dia ruim.

– Eu sou um pouco intenso... – desconversa Érico. – Mas sei o que quero.

– E o que você quer?

– Você.

– Hum, mas eu sou difícil. – Gonçalo sorri fazendo um beicinho e solta o corpo, caindo de volta ao seu lado. Érico o puxa para si, o abraça e repousa outra vez o rosto em seu pescoço. Gonçalo passa o braço por baixo dele, e acaricia sua nuca. – Sabe o que eu pensei quando vi você aparecer lá no Libertino? “Lá vem outro riquinho frajola.” Estava cheio deles naquela noite e, céus, tão convencidos, andando com o traseiro empinado como se cagassem ouro. Nenhum deles olhou pra mim naquela festa, era como se eu nem existisse, mas depois ficavam ali se pavoneando ao meu redor. Aposto que até para foderem chamam a criadagem, ou não encontram o caminho dum rabo.

– Você é um amor quando fica irritado – retribui Érico. – Mas, para constar, ganhei meu dinheiro trapaceando honestamente. E não precisei chamar os criados para achar o teu.

Gonçalo finje indignação e lhe belisca um mamilo. Érico salta atrapalhado e bate o ombro ferido no braço de Gonçalo, grunhindo de dor e rindo ao mesmo tempo.

– Ops, me desculpe! Esqueci do seu ombro.

– Está tudo bem, já tive feridas piores – murmura Érico, beijando-lhe a testa. – Já lhe ocorreu que nossos caminhos poderiam ter se cruzado em

Laguna, ou mesmo no Rio de Janeiro, mas acabou que só fomos nos conhecer aqui? É como se estivéssemos andando ao lado um do outro todo esse tempo, mas nunca nos dêssemos conta.

– Sim. Para falar a verdade, me ocorreu, sim.

Vem outro momento de silêncio entre os dois. Gonçalo começa a sentir o braço dormente e pede para Érico mudar a posição. Ficam de frente um para o outro, os rostos muito próximos de modo que conversam quase aos sussurros. Uma questão crítica: Gonçalo lhe pergunta quantas vezes já se apaixonou por alguém. Érico solta um grunhido, hesita na resposta: pode dizer que houve afetos recíprocos, situações em que o sentimento se confundiu com o desejo e poderia ter pensado que isso fosse amor; até o momento em que essa percepção se redefiniu. Sua primeira paixão foi por um primo, alguns anos mais velho, com quem viajou pela Itália na adolescência. Depois, já no Brasil, houve encontros amorosos aqui e ali; mas apenas duas pessoas que pode dizer que amou. O primeiro, logo que ingressara no regimento de dragões, foi um jovem alferes da mesma idade que ele: uma amizade que, por inexperiência sentimental, confundiu com amor, mas dele manteve o afeto, e até hoje se consideram amigos. O segundo foi o oposto: movido menos por afeto e mais por desejo, com o agravante do constante sentimento de culpa do outro. O que para Érico, que desde cedo tinha certeza de seu desejo como algo natural, acabou se tornando tortuoso e cansativo.

– Qual era o problema com ele? – insiste Gonçalo.

– Era noviço do Colégio dos Jesuítas.

Gonçalo tenta segurar o riso e não consegue. Érico ri nervoso, teme estar fazendo papel de tolo, mas Gonçalo aninha o rosto em seu pescoço e isso o conforta.

– Corrompendo a Igreja, veja só.

– Ele não era ordenado, então estou a salvo – lembra Érico.

– Mas me fale mais desse que você amou como amigo – pede Gonçalo.  
– Hum, por que você quer saber disso? – Érico, desconfiado.  
– Ora, você me falou que seu trabalho é atuar para o mundo, é fingir ser o que não é. Então quero saber como você é quando está apaixonado. Para eu saber quando você estiver.  
– Eu estou agora – beija-lhe a testa. – Eu tenho certeza disso.  
– Ele era bonito? – instiga Gonçalo.  
– A seu modo, era.  
– E você me acha bonito?  
– Ora, isso é ciúme? Você sabe que é. Basta olhar um espelho.  
– Não sei, eu já sou eu todo dia. – Gonçalo dá de ombros. – E todo mundo envelhece.

Érico já vira homens que, mesmo parecendo velhos como o mundo, mantinham ao longo dos anos um brilho sincero e juvenil no olhar, uma honestidade de alma que liga as duas pontas de uma vida com uma continuidade consistente, capaz de perdurar através das vicissitudes. Será isso o que permite a uns poucos manterem ao longo de uma vida o mesmo amor sentido no princípio? Gonçalo lhe passava essa impressão, principalmente quando sorria: honestidade de alma, a qualidade suprema que faz com que um apaixonado deseje ser melhor do que é, para tornar-se digno do que vê no outro.

– Continue sorrindo do mesmo modo – diz Érico. – E eu vou estar sempre do teu lado.

Gonçalo o observa intrigado. Então se levanta, senta no colo de Érico e segura-lhe os punhos contra a cama, muito sério, a olhá-lo nos olhos:

– Talvez seja cedo para se dizer isso, mas tudo o que você sente por mim é o mesmo que sinto por você, senhor Érico de Borges-Hall.

– Eu nunca vou dizer isso que você espera que eu diga, Gon – explica Érico –, porque já foi dito demais, e é uma frase vulgar. Não dá conta de dizer tudo, é como colocar açúcar demais no chá, deixa muito... meloso. É praticamente um clichê.

– Que é isso?

– Ora, aquelas pecinhas de chumbo com letras, que se usam na prensa tipográfica, você já deve ter visto... quando se imprime um livro, algumas palavras são tão frequentes, que o impressor já as deixa montadas prontas com antecedência. E você merece mais do que uma frase que tanto já foi batida no papel de romances baratos para provincianos.

– Hum... tudo bem, não me importo. Sou de cidade pequena, sou caipira. Pode dizer.

– Quero que você saiba que mora bem aqui. – Érico põe a mão sobre o coração. – Mas, de vez em quando, escorrega para cá... – E a mão desce até o meio de suas pernas. – Ai! – Gonçalo lhe dá outro beliscão.

Riem juntos outra vez. E em seguida, renovados de energia e vigor, os dois passam a se exercitar da maneira vaga e imprecisa que Shakespeare atribuiu como natural a Aquiles e Pátroclo: criando paradoxos. Ao que a velha governanta da casa, escutando o bate-bate dos móveis, suspira saudosa de bons tempos: “Ah, os jovens quando amam...”



Na manhã seguinte, Érico acorda sozinho na cama. Gonçalo já partiu. É como acordar de um sonho bom esperando que ele continue de onde parou na próxima noite. Levanta da cama, busca o jarro de água e o gomil para lavar o rosto, depois urina no penico e tampa. E então pensa no dinheiro. O mostrara para Gonçalo no dia anterior, por pura fanfarrice. Não deveria. Algo lhe diz para verificar se continua tudo no mesmo lugar, debaixo da tábua solta do piso

do quarto. Não há motivos para desconfiar de Gonçalo, render-se à suspeita seria ofender o sentimento que nutre por ele. Mas a desconfiança vence. Levanta a tábua e vê que o dinheiro continua intocado. Ótimo, agora se sente culpado.

Demora-se em seu *toilette*. Toma um banho quente, longo e relaxado, digno de um príncipe, perfumado com os sais de banho de Juan Floris na Jermyn Street – recomendações do falecido Armando. A criada bate à porta para avisá-lo de que seu desjejum foi servido. A velha June está ali há tanto tempo que é como se tivesse sido instalada junto com as fundações do prédio, e viera cheia de recomendações e advertências da parte de lorde Strutwell: excelente cozinheira, um tantinho temperamental, xinga como um marinheiro e apesar de se considerar cristã, tem uma religiosidade pouco ortodoxa, apegada a crenças pagãs das Terras Altas, que já lhe rendeu fama de bruxa no passado.

Érico se serve de chá, um congou recomendado pelos Twinings, mas o acha um tanto forte para seu paladar; completa o desjejum com algumas fatias de pão torrado que cobre com uma excelente geleia de morangos da Fortnum & Mason, e a velha June lhe serve ovos mexidos.

“Estão excelentes”, elogia.

“Usei ovos marrons dessa vez, patrão”, diz a velha. “Bem que me disseram que ovos marrons são mais saborosos. E há quem pense que têm essa cor por sujeira!”

“Ora, de onde veio isso?”

“Do fiofó d’uma galinha, patrão, d’onde mais?”

“Essa receita, June.”

“Ah, patrão, foi o seu rapazinho que me disse antes de sair. Ele passou na cozinha pra se despedir e disse pr’eu tentar os ovos marrons. Esse aí é cama, mesa e banho; o senhor escolheu bem.”

Agradece o comentário um tanto constrangido, indeciso sobre o quanto de liberdade pode dar à velha. Lê o jornal: o interesse pelo ocorrido na ópera já arrefeceu, se é que em algum momento aquela gente *blasé* chegou a lhe dar alguma importância. “Um ótimo espetáculo, apenas perturbado por dois cavalheiros em mais um duelo de honras que, em seu vigor, serviu de passatempo àqueles que vão ao teatro por razões alheias ao que se apresenta no palco.” Nada impressiona essa gente. O ombro lateja. Ocorre-lhe que o dia vinte e cinco, a data limite para que a segunda metade do dinheiro lhe seja entregue, cai no próximo sábado. Precisar­á encontrar uma forma segura de se aproximar do conde, com a presença de testemunhas. “Patrão, há uma moça querendo lhe falar”, diz June, interrompendo seus pensamentos ao anunciar a visita. “Dona Maria Fernanda Simões de Almeida. Eu a deixei na sala de leituras.”

Que cedo para uma visita, Érico pensa, que horas serão? E então se dá conta de que há poucos livros naquela casa, e um deles nada adequado para a leitura de uma moça de família. Ergue-se, toma um último gole de seu chá, e desce apressado. Quando a encontra, vê com alívio que Maria Fernanda lê o *Cândido*, e não o *Fanny Hill*.

– Querida! – chama Érico. – O que te traz aqui tão cedo? Caiu da cama?  
– Não, não, nem dormi! – Maria tem um brilho iluminado e meio enlouquecido nos olhos (“Como assim, você não dormiu?”, Érico pergunta, ao que ela põe o livro de lado e continua falando num só fôlego). – Bobagem, não se preocupe com isso, não dormi mas tomei bastante café e Érico que bebida deliciosa acho mesmo que você deveria dar uma nova chance ao café, aliás, é uma pena que não se veja com bons olhos que as damas frequentem as cafeterias porque, se eu pudesse, nunca sairia de uma! Mas estou tergiversando e tenho que lhe contar algo que me ocorreu e, desculpe, esqueci de perguntar, mas acho que o peguei num momento ruim, já que você está com essa cara de

sono, mas ora está acordado agora e é isso que importa, escute só: você *não faz ideia* de quem eu encontrei ontem de tarde...

– Respira, mulher! – protesta Érico. – Como assim, não dormiu? O que anda aprontando?

Ele a toma pelo braço e a força a se sentar (estava de pé até agora). Maria explica, ainda afobada, mas já não tanto, que acometida pela insônia desde a morte de Armando, tenta atrair o sono com a leitura, e nisso se pôs a pensar e concluiu que todos morrerão um dia, que ela pode morrer a qualquer momento quando colocar os pés fora de casa e ser atropelada por um coche, pode morrer mesmo dentro de casa se escorregar nas escadas ou se for acometida de um mal súbito, e que se repreende por não ter se dado conta disso antes, quando sua família morreu no terramoto. Ela não pode culpar ninguém pelo terramoto, mas certamente pode culpar o conde de Bolsonaro pela morte de Armando, é muito óbvio que fora uma vingança por ter ajudado Érico a vencer nas cartas, e isso ficou ainda mais claro quando o valete o atacou na ópera. E então ocorreu isso: no dia anterior, estava fazendo compras e quem cruzou seu caminho? A sra. Bryant, aquela mulher silenciosa e esquisita que lhe fora apresentada na loja dos Twinnings. Esta lhe virou o rosto ou fingiu que não a conhecia, fez suas encomendas na loja e foi embora, mas não sem que antes Maria escutasse o endereço dado: uma casa em Highgate. Highgate! O mesmo lugar onde o conde de Bolsonaro diz se hospedar! E não é uma coincidência fortuita que isso seja perto da vila de Hampstead, para onde irão no final da próxima semana, em visita a lorde Strutwell? O que os impediria de fazer uma visita surpresa ao conde de Bolsonaro? Com ela e lady Bryant presente, ele não tentará nada contra Érico dentro de sua própria casa, não sem ser acusado de tentar assassiná-lo, e assim Érico pode conseguir suas promissórias com segurança e nunca mais precisará ver aquele homem outra vez.

– Céus, Maria, respire, por favor. – Érico se senta ao seu lado. – É mais do que isso.

Então lhe faz uma revelação: que, ao contrário do que lhe disseram ou que ficara subentendido, Érico não é nenhum comerciante de vinhos, não fora designado adido da embaixada por nenhum contato comercial, não está ali para fazer fortuna. Conta sobre a razão daquele livro obscuro estar disfarçado como livro de catecismos, sobre o homem assassinado em Lisboa dentro de um barril de vinho, sobre o conde de Oeiras e o motivo que o traz a Londres.

– Agora, por favor, não diga nada a seu tio, não lhe conte que a deixei a par disso – pede Érico. – E em hipótese alguma fale sobre isso com outra pessoa, que não eu mesmo, compreende? Nem mesmo Fribble, aliás, muito menos Fribble, que é um grão-fofoqueiro. Ainda não está claro para mim qual é o envolvimento de Bolsonaro nisso, nem do quanto Armando foi forçado a lhe contar.

Numa primeira reação, ela fica chocada. E então tudo lhe parece óbvio desde o princípio.

– Então você é... como os franceses chamam? Um *police*? Um meirinho de ultramar?

– Acho que o mais correto seria dizer que sou um espia.

– Mas você lutou mesmo no Brasil? – Ela digere a notícia aos poucos. – Contra os índios e os jesuítas e tudo o mais? Você já matou alguém na vida?

– A resposta é sim para ambas as perguntas.

– Oh. Certo. Tenho certeza de que eram todas más pessoas, não?

– Creio que já matei pessoas que seriam consideradas más sob qualquer tabela de valores morais, sim, mas não, nem todas eram. Os índios, por exemplo... não me orgulho do que ocorreu lá. Eles não eram nossos inimigos. Eles apenas... estavam onde não queríamos que estivessem. Eles existiam, e isso não estava mais nos planos nem de Portugal nem da Espanha. E nós fizemos o

que os governos sempre fazem, quando alguém insiste em existir contra sua vontade. Nós os eliminamos. É por isso que eu sou o maior hipócrita da face da Terra, Maria. Porque eu também faço parte de um tipo de gente que ninguém quer que exista, mas que insiste em existir.

– Mas você obedecia ordens, Érico.

– Ainda era a minha mão na espada... – Ele faz um muxoxo. – Mas aqui estou eu, e quanto ao conde de Bolsonaro... bem, há algo nele que me incomoda. Algo que não faz sentido. Ele parece detestar Portugal, e não entendo o que o leva a se preocupar em contrabandear livros para o Brasil.

– Então por que não aproveitamos minha ideia? – ela insiste. – Uma visita surpresa, e você tem o tempo de bisbilhotar a casa dele. Pode descobrir algo interessante.

Sim, ela tem razão. Contudo, Érico a alerta de que aquele jogo de aparências não se resolve com visitas sociais. Aquele homem, afinal, provavelmente mandou matar Armando e tentara assassiná-lo na ópera, através do criado. Os riscos envolvidos são muito grandes.

– Bobagem. Eu sou a sobrinha do embaixador plenipotenciário de Portugal – diz Maria. – Ele não ousará fazer nada enquanto eu estiver com você.

– Seu tio já me odeia o bastante, não queria envolver você ainda mais nisso.

– Eu já estou envolvida, Érico, desde o momento em que você chegou à embaixada e trouxe essa situação até nós. Não que eu esteja culpando você pela morte de Armando, de modo algum. Somos todos vítimas de um trapaceiro criminoso aqui.

– Ainda assim, acho arriscado.

– Então vou reformular minha frase – diz Maria. – Eu *vou* ajudar você, quer queira, quer não. Armando era o meu melhor amigo, eu o conheci há muito mais tempo do que você, e não vou ficar parada enquanto todos à minha volta morrem e se matam. Eu não sou uma peça de decoração na vida

dos outros, Érico! E está resolvido. Agora, por que não leva esse rapaz bonitinho, com quem você está saindo, para o banquete de lorde Strutwell? Você sabe, o loirinho com braços de estivador? Eu o achei tão meigo!

– Ah, você gostou dele? – A menção a Gonçalo o distrai subitamente de todo o resto.

– Vocês ficam lindos ao lado um do outro.

Érico bem que gostaria, mas Gonçalo está preso ao seu trabalho na padaria, e na obrigação de levantar-se cedo todo dia para assar. Além do mais, há nele um desdém pelas classes superiores ainda mais forte do que o nutrido por Érico, e teme que se sinta muito deslocado no meio daquele bando de fanchonas que, por mais divertidas que sejam, são umas esnobes.

– Ai, querido, o que seria de você sem mim? – ri Maria. – Sei exatamente o que fazer. Agora, termine de se vestir, e vamos resolver isso.

Uma hora depois, os dois descem do coche na rua Wardour, defronte a uma pequena confeitaria no piso térreo de um edifício. Com o frio de outubro que avança a cada dia, das portas abertas transborda o calor morno cheirando a pão e açúcar. Nas janelas exibem-se cestos de vime com pilhas de filões de pães brancos e integrais, pães de centeio e pães de azeitonas, sob o olhar de uma estatueta de Deméter em cerâmica creme. Em pratos de porcelana com pedestais, há uma dúzia de bolinhos do tamanho de canecos, decorados com coberturas de merengues, e uma plaquinha anunciando que ali se fizeram alguns dos doces servidos no Baile do Trovão de William Beckford. Os dois entram. Numa antessala apinhada com armários, pratos com desenhos pintados à mão são exibidos enfileirados, e um balcão divide o ambiente. Nas paredes, estão penduradas formas para bolos em cobre: redondas, quadradas, em forma de estrela ou de palacetes. A proprietária, uma huguenote de longos cabelos ruivos, pergunta em que pode ser-lhes útil. Érico, atuando no tom mais

afetado e esnoberado de sua persona de barão de Lavos, lança um olhar de desdém para a loja e, ignorando a francesa, fala com Maria:

“Querida, tem certeza de que é este o endereço? É menos elegante do que eu imaginava.”

“Foi o que o próprio lorde Beckford me disse.” Maria deixa cair aquele nome com fingido acaso, já sabendo do efeito que provoca na francesa. Volta-se para Érico: “Oh, o que era mesmo?”

“Eram *macarons* colados um no outro por um recheio”, diz Érico para a proprietária. “Bastante original, me pareceu. Nos disseram que foi esta padaria que os providenciou.”

A mulher se anima ao confirmar que sim, foram feitos por um aprendiz seu, um português que mal fala inglês, mas com uma excelente mão para confeitaria. Ao que Érico e Maria, numa animação exagerada, dizem: viemos ao lugar certo! Falam do conde de Strutwell, de um banquete, muitos convidados, gente muito rica, que querem servi-lo com os mesmos confeitados, que devem ser frescos e feitos no dia, e que, portanto, querem contratar seu aprendiz pelo tempo de um final de semana, para que ensine ao mestre pasteleiro de lorde Strutwell aquela técnica. A tudo isso, arremata-se com palavras mágicas: “Dinheiro não é problema.” A francesa, agitada, grita para a porta da cozinha: chamem o português! Eis que logo surge Gonçalo, a camisa aberta no peito feito um herói romântico, mangas arregaçadas, os braços brancos de farinha das mãos até os cotovelos, como se tivesse sido interrompido no processo de virar uma estátua de mármore. Ao ver os dois, fica perplexo.

– Mas o quê que vocês...?

– Estamos contratando você, querido – anuncia Érico.

– Me contratando? Para fazer o quê?

Maria mal se contém: – Compras!



Nem abre te sésamo, nem abracadabra: a mais poderosa palavra mágica é “dinheiro não é problema”. Portas se abrem, vendedores se desdobram, a nata da nata do bom e do melhor se conjura à frente deles pelos balcões do comércio. De todas as vicissitudes que uma vida reserva, uma da qual Érico nunca pôde reclamar fora a falta de dinheiro. É a prerrogativa da nobreza tratar o dinheiro com o desdém destinado às coisas vulgares do cotidiano, na proporção em que mais o menospreza quanto menos dele precisa, mas Érico não é um nobre, e ninguém em sua família jamais ganhou uma pensão vitalícia de nobre. É um burguês de quatro costados: dois deles vieram da mais mercantil e bem-sucedida de todas as nações, e os outros dois do que talvez seja o mais perdulário e mal administrado dos reinos. Se por um lado teme a tendência portuguesa ao desperdício, por outro, horroriza-se ante a ideia de se tornar um Crusoé, insensível para o prazer estético e incapaz de ver no mundo algo além de utilidades e vantagens econômicas. Quando tiver a outra metade do dinheiro que o conde lhe deve, terá mais dinheiro em mãos do que jamais teve. Contudo, é finito, e cada libra gasta martela em sua mente a necessidade de investir parte daquilo num negócio que lhe dê segurança.

No ateliê da rua Conduit, enquanto pede que lhe consertem o traje rasgado na ópera, os aprendizes tiram as medidas de Gonçalo. De que forma poderá incluí-lo em sua vida e, ao mesmo tempo, mantê-lo afastado dos riscos? Não faz ideia, e nunca irá se perdoar caso aconteça a ele o mesmo que aconteceu a Armando.

“Lado esquerdo ou lado direito, cavalheiro?”, pergunta o alfaiate, tomando medidas.

– Érico, não faço ideia do que ele está perguntando! – diz Gonçalo, graciosamente apavorado.

“Direito”, responde Érico. Troca um sorriso malicioso com Maria, ela própria atormentada pela indecisão entre um par de sapatos em cetim azul-céu com solas à Luís XV, franjado e com uma rosa azul bordada; e outro de ponta fina, em seda canelada cor creme, com brocados de flores. Resolve o problema levando ambos. Há uma profusão de tecidos sendo oferecidos a eles: cetins florentinos, tafetás, damascos, brocados; sarjas de Pádua em diversas cores, veludos ingleses, holandeses e genoveses; lustrinas, lamês, tules e rendas; camelões, calamancos para anáguas, sedas negras para mantas. Maria se lamenta: oxalá não fossem tantos, é impossível escolher. Gonçalo, por sua vez, sabe o que quer: opta por um traje em seda branca, com bordados de flores e pássaros nas beiras, e um colete e calção em tom amarelo-queimado. Luvas, perucas, camisas, botas de montaria e sapatos para corte. O passeio de compras segue para o ateliê de James Lock, um novo chapéu para Gonçalo. Mas é ao passar frente a uma livraria que, em meio ao sortimento de gravuras expostas à venda, uma em particular capta-lhes a atenção: reproduz um grupo ao redor de uma mesa de uíste, em um baile suntuoso cuja decoração lhe parece extremamente familiar. Olhando bem, os jogadores também lhe parecem familiares, embora nomes não sejam citados. Familiares até demais: se dá conta de que é o Baile do Trovão de Beckford, e que é ele próprio um dos personagens dando as cartas aos outros jogadores. Abaixo da gravura, está o seguinte texto:

“QUANDO UM HOMEM COM DINHEIRO  
ENCONTRA UM HOMEM COM EXPERIÊNCIA,  
O HOMEM COM A EXPERIÊNCIA FICA COM O DINHEIRO,  
E O HOMEM COM O DINHEIRO FICA COM A EXPERIÊNCIA.”

*William Beckford's Thunder Ball*, outubro de 1760

Érico literalmente sorri para si mesmo: está longe da discricção que se espera de um espia, mas próximo de se tornar, cedo ou tarde, personagem de algum romance. Decide comprar uma cópia da ilustração para si e entra na livraria, Gonçalo e Maria vão logo atrás. Enquanto paga ao livreiro, Maria, que havia se detido a folhear um panfleto, chega até ele transtornada:

– Isso é um ultraje! Não é nem sequer um argumento, é a defesa da falta deles! – Ela lhe entrega o panfleto para que ele leia. – Veja!

O folheto se intitula *Tratado acerca de cabras e espinafre* e, no geral, ataca o excesso de permissividade quanto ao livre-pensamento das mulheres. Algo, porém, chama-lhe a atenção: a fonte é Baskerville. A impressão, outra vez, foi feita por R.O.G., na ilha dos Cães, sob encomenda de um tal Jean Melville – outro dos nomes que constavam na contabilidade do português assassinado.

*As mulheres se consideram discriminadas, por exemplo, por não terem direito ao voto. Mas o direito ao voto não é um direito ilimitado – também estão proibidos de votar os estrangeiros, os judeus, os negros ou as cabras. Um homem não pode votar numa cabra para o parlamento – pode até admirar suas ideias políticas, mas não pode votar nela. Que discriminação haveria contra as mulheres, então, se há limites de direitos a todos?*

Érico desconversa e diz para ela não se ater a essas bobagens, que só servem para alentar o conformismo de ignorantes. Mas, seja pela falta de sono, seja pela irritação provocada pelo texto, Maria anuncia que já está cansada demais para continuar borboleteando pela cidade. Se despede dos dois, prometendo revê-los na sexta, quando partirem para Hampstead.

Melhor assim: à noite, Érico e Gonçalo voltam ao Libertino de Lua. Na maior parte do tempo, os dois ficam sentados lado a lado, longe do burburinho

e bebericando na discrição de um sofá mais ao canto. A chegada do quarteto de músicos faz com que Érico vá ter com eles uma palavrinha e descobre surpreso que um deles, já tendo passado pelo Rio de Janeiro, conheceu o famoso Lereno, o que o faz retornar muito empolgado para Gonçalo. O toma pela mão e anuncia: eles sabem tocar lundus! E no centro da sala, num espaço nem muito grande nem muito adequado para danças onde outros já se espremem ao ritmo da música, um agitado e licencioso lundu os faz lembrar com saudade da terra que deixaram para trás. Canta a banda, com um português fonético:

*Desde que te quero bem / Deu o mundo em murmurar  
Porém que eu hei de lhe fazer? / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Sabes por que fala o mundo / É só por nos invejar  
Ele tem ódio aos ditosos / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*As loucas vozes do mundo / Tu não debes escutar  
Pois que sem razão, murmuram / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Ouve somente a quem te adora / Que por ti anda a bradar  
Dos outros, não faça caso / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Menino, vamos amando / Que não é culpa o amar,  
O mundo ralha de tudo / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Que fazem nossos amores / Para o mundo murmurar?  
É mau costume do mundo / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Todos sempre hão de me ver / Por meu amor suspirar  
Se disto falar o mundo / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

*Oh, meu bem, não pretendamos / Do povo a boca tapar  
Bem sabes que o povo é mundo / É mundo, deixa falar  
Não te enfades, menino, é mundo, deixa falar*

Ao ritmo brasileiro, seguem-se outros, mais ingleses, de contradanças do interior, igualmente agitados e alegres. Ao afastar-se um pouco para ir ao balcão pedir duas bebidas, um *habitué* do Libertino, visivelmente bêbado, chega até Érico:

“É uma coisinha este teu *beau*. Não consigo parar de olhar para aquele traseiro...”

“Uma beleza, não?”, responde Érico, sorriso forçado. “Mas já tem dono.”

Pede a Alejandro que lhe prepare dois *shrubs* e larga as moedas no balcão. O bêbado insiste:

“Deve ter um pau sensacional também... me conta, o que você fez para pegar esse daí?”

“Foi meu pote de ouro no fim do arco-íris”, desconversa irritado. “Com licença.”

Volta para Gonçalo com bebidas em mãos. Sedentos, os dois bebem tudo quase de um gole só, o álcool subindo rápido às suas cabeças. Érico cochicha o que acabara de escutar no balcão e Gonçalo, cheio da autoconfiança de saber-se desejado, o agarra pela nuca e o beija esfomeado, atraindo uma profusão de

olhares invejosos. Prometem a si mesmos: apenas mais uma dança, e irão embora. Mas ficam mais cinco.

Ao saírem para a rua são tomados de assalto pelo ar frio da madrugada. Encontram um coche que os leva de volta, viajando sentados de frente um para o outro, sorrindo abobados com uma alegria tola e juvenil, antevendo os planos para o resto da noite, para a longa madrugada; raios! Para o dia inteiro se assim o quiserem, pois nenhum dos dois precisará sair da cama. Chegam à casa de Érico em New Bond Street exaustos, suados e excitados. Bêbado de alegria, Érico deixa que Gonçalo suba as escadas à sua frente apenas para melhor admirar os movimentos de seu traseiro. Os dois se despem e se lavam, Érico busca na cômoda o jarrinho onde guarda um pouco de azeite de oliva, e já se senta à cabeceira da cama pronto para Gonçalo. Num instante já o tem sentado em seu colo, o segurando firme pelos sulcos convexos acima das coxas, e no momento seguinte Gonçalo cavalga com uma abnegação urgente, mãos em seu ombro, contraindo o rosto e soltando suaves murmúrios queixosos enquanto é penetrado. As mãos de Érico sobem por suas costas escorregadias de suor até chegar aos ombros, onde seus músculos poderosos se concentram e se dispersam. Érico o segura pela nuca e o puxa para si num beijo faminto. Há uma simetria perfeita e natural entre eles, uma composição harmônica: Gonçalo com as costas eretas fulgurando como um semideus, Érico ao mesmo tempo dominado e servido por ele, os braços o segurando em adoração, a súbita consciência de que este é o momento mais completo de sua vida, seus corpos o porto seguro um do outro. Oxalá alguma górgona os transformasse assim num mármore, eternizados em sua completude – uma trepada eterna. O beijo, a saliva, o sorriso: quando o olha, vê a si mesmo; não no reflexo narcísico e egoísta, mas na contraparte aristofânica e complementar. Confiam, entregam-se, completam-se: quando a Pérsia foi conquistada, a rainha prostrou-se aos pés de Heféstion o tomando por Alexandre, no que o próprio a confortou: “Não te

enganaste, pois ele *também* é Alexandre.” No amor não há um sem o outro. Então agarra Gonçalo pela cintura e o tomba de costas sobre o colchão, ainda montado sobre ele e agora sendo abraçado por suas coxas vigorosas. A pele em fricção, o contato sedoso e lúbrico de suores, o bombear escorregadio e viscoso de seu membro. Amorosos pensamentos e amorosos lábios e amorosas mãos e amorosos ventres colados em seus amorosos sucos – é Aquiles que amava Pátroclo e Hércules que amava Iolaus e Harmódio que amava Aristogíton e Alexandre que amava Heféstion e Davi que amava Jônatas e Adriano que amava Antinoo. O êxtase que irriga as asas da alma, asas abertas e aquecidas latejando como artérias pulsantes: o que antes estava encerrado agora é liberto e respira, agulhões e dores que se soltam a gozar do mais doce prazer, desejando nunca mais se separarem.

De seu quartinho no último andar, a governanta escuta o batuque dos móveis naquela sinfonia noturna, e suspira saudosa de seus bons tempos: “Ah, os jovens quando amam...”

## 15.

### BANQUETES

**D**esde a juventude, lorde John Agathon Strutwell, 3-º conde de Strutwell, primou pela discricção. O que não evitou, porém, que um dia se tornasse vítima de um descuido e do acaso. Tinha o hábito arriscado de, como se diz, “sair à noite para miar”, e em certa ocasião abordou um sentinela de guarda em Whitehall. O sentinela, que num primeiro momento se mostrou receptivo à sedução, num segundo instante se revelou oportunista, as coisas deram terrivelmente errado e, para evitar um escândalo, lorde Strutwell entregou-lhe seu valioso relógio de ouro, mais um guinéu e meio, e outros bens que trazia nos bolsos à guisa de comprar seu silêncio. Na mesma semana, surgiu nos jornais um anúncio anônimo: ao cavalheiro que deixara os pertences tais e tais (seguia-se uma descrição detalhada do brasão gravado no relógio), poderia reclamá-los junto ao adjunto do regimento de infantaria do quartel próximo. Acontecera que o sentinela se gabou de sua boa sorte ao cabo, o cabo contou ao sargento, o sargento ao adjunto, e logo todo o corpo de guarda, bem como a imprensa, já estava a par da história. E a descrição do brasão no relógio forneceu, de modo sutil, a identidade do cavalheiro. Logo toda Londres sabia sobre o conde, do qual sempre houve boatos aqui e ali, e Strutwell acabou fugindo para o continente a fim de se livrar do escândalo, passando a maior parte do tempo em Portugal e na Itália. Voltou alguns anos depois, quando esperava que a história já estivesse esquecida. Qual não foi sua surpresa, ao voltar, quando se descobriu transformado em personagem de ficção: um

episódio menor de seu passado recente, um mal-entendido, fora descrito no romance picaresco de um conhecido escritor escocês, lançando insinuações sobre suas preferências, suas finanças, e ainda o chamando de ladrão. Pensou em processar o autor por libelo, mas fora convencido de que isso só atrairia mais atenção pública para si. Naquele momento, soube que estava eternamente condenado ao ostracismo. Isolou-se do mundo exterior, dedicando-se unicamente à leitura de sua extensa biblioteca e às coleções de arte de sua mansão, a esplendorosa Pendersley Park, em Hampstead. Com o passar do tempo, mesmo que o escândalo tenha sido esquecido e os vizinhos o tenham deixado em paz, continuou vivendo isolado, raramente saindo de casa. Quando o fazia, era somente nos fins de semana, quando dizia ir circular na “terra sagrada” para “ver as relíquias” – no caso, o Libertino da Lua e seus *habitués*. Mas raramente recebia visitas, pois, até pouco tempo atrás, frequentar sua casa não era bem-visto pela vizinhança.

Portanto, é uma saudável novidade verem-no revigorado a ponto de receber em sua mansão outra vez. Frente ao imponente pórtico jônico do palacete, lorde Strutwell aguarda os convidados. Está cercado por seus dois cães, pelo austero mordomo, por uma infinidade de lindos e jovens lacaios de ares mediterrâneos, um bando de imponentes empregadas de copa e arrumadeiras, o cozinheiro temperamental e o delicado jardineiro-chefe. Os coches param em fileiras, os convidados descem: Érico, Gonçalo e Maria chegam juntos no mesmo carro; logo atrás está o tálburi do capitão Whiffle e do sr. Simper. E eis que, numa sucessão de coches, Fribble chega com todo seu *entourage*. É tanta cor e brilho saindo de cada carro que faz parecer uma revoada de pássaros ornamentais, naquela que seu autoproclamado santo padroeiro e filósofo-mor – o próprio Fribble – chama de “a mais doce sociedade do mundo”: Moggy, o advogado; o modista Billy Loveman e seu valete Turtle; lorde Trip e sir Dilbery Diddle, dois membros do parlamento (que chama de “o partido macaroni”); e

por fim o doutor Jacky Wagtail e o peruqueiro Billy Dimple (que o falecido Armando, pelas costas, dizia ser “a serpente mais venenosa de Londres”). Nenhum deles, contudo, se destaca mais na excelência do corte ou na combinação das cores que o próprio Fribble. De súbito, o mundo austero do bom lorde se encheu de cor e alegria, sem falar nos olhares cobiçosos para Gonçalo, o que faz com que Érico pegue em sua mão, possessivo e protetor.

– Ele mora sozinho nisso tudo aí? – murmura Gonçalo, alheio à comoção que provoca, e mais impressionado com a grandiosidade da mansão.

Sozinho, sim, mas numa casa daquele tamanho mesmo a solidão é relativa. A criadagem é pequena, e comandada com mão de ferro pelo experiente sr. Lanyon, um ex-marinheiro que lorde Strutwell conhecera em Bath e que ajudara a fugir de uma punição obscura. Os serviçais e criados dos estábulos são em maioria jovens de origem mediterrânea, todos belos e cheios de viço, do tipo com mais sangue circulando entre as pernas do que acima do pescoço – “importados” para Pendersley Park da mesma forma que algumas das relíquias do mundo antigo que lorde Strutwell, muito faceiro, adora exhibir aos seus convidados. “Este vaso aqui veio de Atenas, como aliás aquele meu valete; este mármore é romano, aquele é etrusco, aquele meu copeiro é de Taormina, não é uma beleza? Olhe a delicadeza do talhe, você quase sente a maciez da carne quando toca no... sim, estou falando do mármore, não do copeiro, não estou senil. O nome? Creio que seja uma representação do Antínoo Capitolino, mas não tenho certeza se... ah, do rapaz? Não faço ideia, eles vão e vêm o tempo todo, chamo todos por igual: *mon bel ami*. Decorar nomes dá trabalho, queridos, eles estão aqui para enfeitar a paisagem e pôr a mesa, é para isso que os pago. Me chame de Lísias, mas na minha idade não tenho mais fôlego para me envolver com paixões. Não há nada mais cruel do que apenas ouvir falar de um mármore grego ou um rapaz italiano, e não poder comprá-los.”

“Ouvi dizer que o senhor possui uma biblioteca extraordinária”, lembra Érico.

“Oh, sim!” O rosto de Strutwell se ilumina. “De fato, é extraordinária! Venha, lhe mostro”, e o toma pelo braço como uma velha comadre, não sem antes dar uma ou duas apalpadinhas para testar a força do seu muque. Gonçalo fica indeciso se deve se enciumar ou ser condescendente.

A biblioteca é, de fato, um motivo de orgulho: um imponente salão azul-bebê de teto abobadado, decorado com dezenove afrescos e sustentado por colunas coríntias brancas. Há vistosas prateleiras de livros em cada ponta e entre os nichos dos janelões; estes, por sua vez, ficam frente a espreguiçadeiras, guardadas por cortinas vermelhas e sob um tapete rosa-querubim. É de Érico a reação mais embasbacada, andando ao longo das prateleiras tocando as lombadas das encadernações com as pontas dos dedos, sua forma particular de cumprimentar os exemplares um por um. Detém-se ao se deparar com uma portentosa edição do *Satyricon*, numa estante decorada com um busto de Platão, que parece zelar pelos volumes clássicos ao seu redor.

“Em que ordem estão organizados?”

“Esta prateleira em especial? Histórica, na maior parte.”

Érico retira o exemplar e o abre, indo em busca de uma passagem específica.

“Vejo que conhece Petrônio”, observa Strutwell. “Gostas?”

“Sim, mas é uma pena que só existam partes isoladas do livro. Adoraria saber o começo. E o fim. E as partes que faltam do meio.”

“Ah, sim”, ri o conde. “O *Satyricon* é como alguém que se conhece em viagens, não acha? As personagens saltam de um espaço para o outro, você não sabe de onde vieram, mal sabe para onde vão, só as conhece naquele instante de passagem, porém... as imagens que nos entregam! Creio que sempre haverá entre pessoas de bom gosto um espaço para ele. Sabe como Petrônio era chamado? *Elegantiae Arbitrator*. O árbitro da elegância.”

“Sim, de fato”, aponta para os nomes dos autores nas lombadas dos livros, “foram todos homens elegantes.” Guarda de volta o exemplar na estante. “E onde está o *Banquete* e o *Fedro*?”

“Você está entre os romanos. Tens que começar do princípio, com os gregos.”

– Do que vocês estão falando? – Gonçalo, impaciente, sem entender nada.

– Olhe isto, Gon. – Érico o toma pela mão e o traz para próximo da estante. – Lembra o que me disse uma vez, sobre não escreverem sobre nós para que não soubessem que existimos? Não é verdade, sempre estivemos aqui, há tanto tempo quanto existem livros. Veja só, esta é a prateleira da nossa História, e ela se confunde com a da própria Literatura.

Gonçalo já conhece Érico bem o bastante para saber que aquilo o deterá por algum tempo, e já olha ao redor em busca de onde se sentar. E não há mal que aqui o leitor se junte a ele, pulando estes parágrafos, pois Érico perde a hora quando se detém em objetos de afeição.

A começar, como tudo o mais no mundo, entre os gregos: há o *Banquete* e o *Fedro* platônicos, com seus diálogos sobre a natureza do amor, seguidos pelos *Idílios* de Teócrito – *te esqueceste de que, quando te comia, sorrias e me balançava teu rabo, contra aquele carvalho ali?* (Idílio 5, linha 116) –; as *Elegias* de Teógnis de Mégara – *garoto, sois qual potro: dês que teve sua cota de cevada, a nosso estábulo regressa, saudoso de um bom cavaleiro e de um delicioso pasto, do frescor da primavera e da sombra dos bosques* (linha 1249-52) –; um raro exemplar contendo trechos da *Mousa Paidike*, a compilação de poemas eróticos feita por Estratão de Sardes, além de uma belíssima edição da *Iliada* (“não lhe parece”, comenta Strutwell, “que aquilo que move no épico de Homero não é tanto o rapto de Helena, mas a paixão de Aquiles por Pátroclo, e a vingança por sua morte nas mãos de Heitor?”).

Na seção romana: além do próprio *Satyricon* de Petrônio Arbiter, há uma *Priapeia* latina, reunindo os versos feitos em louvor ao deus fálico, que protegia os jardins de ladrões – *este cetro, d’uma árvore cortado, não poderá jamais reverdejar; cetro, que jovens putas vêm buscar, que certos reis desejam segurar, que por nobres chupadores é beijado, e nas vísceras d’um ladrão enfiado, até aos meus pelos e bagos chegar* –; a segunda *Écloga* de Virgílio, com o lamento do pastor Corydon por Alexis, bem como uma edição ricamente ilustrada de sua *Eneida*, obra de especial apreço para Érico, que a puxa da estante e abre à procura de um desenho específico, que ilustre o vigoroso e trágico relato de Nisus e Euryalus.

– Mas eles eram um casal? – questiona Maria. – Pensei que fossem só amigos...

– Apenas nas versões traduzidas, no texto original a palavra possui um contexto mais amplo – explica Érico. – É comum aos tradutores fazerem isso, preferem sempre trair o sentido da obra original do que ceder em seus pudores, de modo que terminamos sempre transformados em “bons amigos”, “grandes amigos”. Amigos tão íntimos que morrem abraçados... Gon, veja isso.

Érico mostra a ilustração, empolgado como um garoto que apresenta seus heróis favoritos: Nisus e Euryalus, os melhores soldados de Eneias, inseparáveis e invencíveis. Juntos, invadiram o acampamento dos tirrenos e mataram todos os inimigos sozinhos, mas Euryalus cometeu o erro de tomar para si o elmo do rei como troféu. Quando voltava para seu acampamento, a lua refletiu no elmo, entregando a posição de Euryalus, que foi cercado pelo inimigo. Nisus só percebeu quando já era tarde demais, e viu o garoto ser morto com uma espada enfiada no peito; ao ver isto, foi tomado por tal fúria que correu e meteu sua espada na boca do líder dos cavaleiros. Érico se empolga e gesticula com o punho fechado, encenando a ação toda. Sorri empolgado. Aquelas histórias violentas e heroicas embalaram sua adolescência: – Antes de ser morto, ele se

atira sobre o corpo de Nisus, e os dois morrem abraçados! – Érico busca no olhar de Gonçalo a mesma alegria saudosa, e Gonçalo sorri condescendente, receoso de lhe dizer que acha tudo aquilo meio bobo e infantil.

Érico avança para a seção medieval: há os *Contos da Cantuária*, de Chaucer e, escolha curiosa, o *Decamerão*, de Bocaccio, que o conde explica: “o coloquei aqui não apenas pela história de Pietro de Vinciolo na quinta noite, mas porque todo o espírito da obra é algo com que me identifico. Lembre-se de que Bocaccio viveu o surto da peste negra, e enquanto a doença levava embora seus amigos, parentes, gerações inteiras, somente no humor encontrou algum refrigério. O humor como a única forma de manter a sanidade em tempos sombrios é o nosso próprio jeito de ser.”

Na seção árabe: há uma compilação, em edição traduzida e lindamente encadernada, feita por encomenda particular para lorde Strutwell, de *A delícia dos corações*, do poeta árabe Ahmad al-Tifashi, com alguns dos poemas eróticos de Abu Nuwas: *há homens que gostam de mulheres, e às mulheres se fazem devotos, mas para mim todo prazer vem, do corpo d’um garoto; naquela idade que já não mais teme, o que queremos com ele fazer, já deixou de ser criança, e agora só pensa em foder.*

Érico ri, devolve o livro à prateleira e avança para a Renascença: de Pietro Aretino, a comédia *Il Marescalco*, sobre um mestre de estábulos com especial apetite por rapazes, que por trote dos amigos se vê forçado a casar com uma mulher; de Michelângelo, uma compilação poética. De poesia também surge *O pastor afetuoso*, de Richard Barnfield, e então vem o teatro: peças de Christopher Marlowe – *Eduardo II* (“aquela vadia”, diz Strutwell) e *Doutor Fausto* (“ambíguo, muito ambíguo”), além de uma seleção de peças de Shakespeare. “Há que se ter em conta”, diz o conde, “de que naqueles tempos era vetado às mulheres atuar num palco, de modo que todos os papéis femininos eram escritos para serem interpretados por rapazes vestidos *en*

*travesti*. Isso põe uma perspectiva inteiramente nova em *Romeu & Julieta*, não crê?” Aponta várias peças: *O mercador de Veneza* (“Antônio é uma tolinha, se deixando iludir por Bassânio”), *Othello* (“Iago é a fancha mais perversa e ciumenta já criada”), *Tróilo e Crésida* e, claro, os *Sonetos*, com suas declarações de amor ao misterioso senhor W. H.

Enfim, a literatura moderna: há uma rara cópia de *Sodoma, ou A Quintessência da Devassidão*, peça *de chambre* do conde de Rochester – “talvez a coisa mais obscena já escrita”, conjectura o conde, “uma alegoria crítica a Carlos II da Inglaterra, por ter permitido a prática do catolicismo no reino, o comparando com o rei de Sodoma”. Há uma obra francesa picaresca, *Histoire de Dom Bougre*, e claro, o *Fanny Hill*, além de um dos poucos exemplares sobreviventes de *Antiga e moderna pederastia investigada e exemplificada*, de Thomas Cannon, editado em 1749, que lord Strutwell recebeu do próprio autor. “É um pouco triste deixar estes dois lado a lado”, explica o conde, “pois seus autores possuem uma rixa notória e amarga.”

Antes amigos *muito próximos*, Cleland endividou-se com muita gente, incluindo Cannon, e foi mandado à prisão. No cárcere, enquanto redigia seu *Fanny Hill*, mandou cartas ameaçadoras para seu desafeto, acusando-o de ser sodomita. O que era verdade, claro, mas Cannon mesmo assim protestou na justiça. Na época em que Cleland saiu da prisão, ambos publicaram suas obras, mas se o *Moderna pederastia*, de Cannon, passou despercebido, o *Fanny Hill*, de Cleland, o levou de volta à cadeia. Seguindo a triste tradição do balde de caranguejos, em que cada um puxa o outro para baixo, Cleland escreveu uma carta ao juiz denunciando também a obra de seu ex-amigo. Acabaram os dois presos. Cannon pagou a fiança e fugiu do país por alguns anos, seu panfleto foi queimado até o último exemplar conhecido, exceto por aquele. Alguns anos depois, as acusações foram retiradas a pedido de sua mãe, com quem desde então vive em Windsor, em discreta reclusão.

Surpreso com essa história, Érico folheia o panfleto: *um “desejo contra a natureza” é uma contradição em termos, que beira o nonsense. O desejo é um impulso amatório de nossas partes mais intrinsecamente humanas. Não serão, portanto, quaisquer que sejam, e por consequência, ímpetos da Natureza?* Ora, é bastante sensato. “E quanto à Cleland?”, questiona Érico. “Tentei várias vezes encontrá-lo, mas bastou citar o *Fanny Hill* e fecha-me a porta na cara. O encurralei numa cafeteria algumas semanas atrás, mas não me disse nada de proveitoso. Me pareceu bastante reticente e amargurado, também.”

“E quem pode culpá-lo?”, lorde Strutwell ergue os ombros. “Seu livro é uma grande obra, de muita elegância se considerar a vulgaridade do tema. E cá entre nós, convenhamos que com tantas descrições vívidas do membro masculino, sou levado a supor que o autor compartilha do mesmo interesse que sua protagonista pelas, hum, diversas formas e tamanhos. Mas eis sua tragédia: é autor do livro de maior sucesso do século, e o único que não pode ganhar um centavo com isso, pois todas as edições que circulam são piratas. E nada do que produziu desde então teve repercussão semelhante. Ouvi dizer que escreveu algumas peças de teatro, nenhuma encenada. Crê que seus inimigos sabotam suas chances, mas ouvi dizer que seu trabalho hoje simplesmente não é muito bom.”

Érico está genuinamente impressionado com a coleção, o que empolga bastante lorde Strutwell. O conde fala de seus próximos objetos de desejo, de um livro chinês chamado *As paixões da manga cortada*, e outro, japonês, intitulado *Nanshoku Okagami*, “o grande espelho do amor masculino”; está em vias de adquiri-los, mas antes precisa encontrar quem os traduza para si.

Érico busca Gonçalo com o olhar: sentara-se numa das *chaises longues* debaixo dos janelões. O modo como larga o corpo, o braço solto por sobre o encosto, a mão caída, bruta e musculosa, o rosto descansado e elegantemente entediado que observa a decoração, de quem a acha bonita pelo conjunto, mas

não percebe os detalhes que a tornam bonita. Gonçalo boceja. Sua indiferença é o elogio perfeito para um salão tão lindo: a beleza se perde quando se torna muito consciente de si.

– Você me parece mortalmente entediado, querido – observa Érico.

– Ah, é um monte de livros em línguas que não sei ler. – Gonçalo sorri, complacente, e deixa que Érico afague sua cabeça. – Mas gosto de ver você. É um menino numa loja de doces.

– Eu posso traduzir para você – sugere Érico.

– É, pode ser. – Gonçalo, desinteressado, olha para o dia lá fora. – Sou mais de ver jardins. Será que ele tem um jardim? Gente rica costuma ter uns bem bonitos.

O conde Strutwell tem muito mais que um jardim, tem um bosque inteiro, com laguinhos, trilhas obscuras, patos e veados que correm soltos pela propriedade. Após o chá do meio-dia, os dois cavalgam sozinhos pela propriedade, até encontrarem uma clareira de capim alto banhada pelo sol, ao lado de um lago. Estão em outubro, e o tempo já é frio o bastante para intimidar a ideia de um banho. Os dois desmontam, estendem uma toalha sobre a grama e se deitam sob o sol. Gonçalo repousa a cabeça em seu peito e Érico fica a cofiar seus cabelos louros.

– Te contei de quando te vi pela primeira vez? – pergunta Gonçalo.

– Sim, e você me achou um janota empoladinho...

– Não, lá naquele baile. Naquela biblioteca de doces... Quando entrei e vi vocês dois, na hora eu pensei que... que vocês iam fazer algo que não deviam ali. Você e esse Armando, vocês tiveram alguma coisa, não?

Érico respira fundo e confessa que sim, mas fora apenas um divertimento para espantar o tédio, algo casual e sem nenhum comprometimento. Algo que, pelo excesso de discrição de ambos no ambiente da embaixada, passava despercebido. Mas não contou a Gonçalo que a imagem do corpo glaceado de

Armando, morto em sua cama, retornava ao seu pensamento de tempos em tempos. Era uma lembrança mórbida e punitiva do que houve entre os dois, uma ameaça silenciosa do conde, e um pensamento incompatível com aquele momento que passava agora.

– Mas então – retomou Gonçalo –, enquanto você roubava aquele *macaron* e eu roubava outro, e a gente ficou se olhando, eu pensei... “eu e esse aí, bem que eu queria ver...”, e depois... e depois você reapareceu do meu lado, na mesma noite, e agora me ocorre que, apesar de tudo de ruim que me aconteceu, também houve muita coisa boa, e eu devia ser mais grato por isso. E me sinto mal por não agradecer. Eu... não sou tão sofisticado como você e...

– Gon, que bobagem, não diga isso, você só...

– Não, me escute. Não é que eu não me interesse pelas coisas de que você gosta, eu gosto delas por você gostar delas, entende? É o modo como você vê as coisas, faz tudo ser tão especial. E saber que você vê algo assim em mim, eu... eu me sinto... quero dizer, hum. – Ele hesita, engasga, Érico segura sua mão, ele sorri, trocam um beijo. Gonçalo ergue o rosto e se deixa tocar pelo sol. – Aquela capela onde eu esperei você, lá na embaixada, tem missa em latim lá?

– Para que você quer uma missa em latim, Gon? Missa e ópera, não importa em que língua são ditas, o importante é não entender nada. Rá.

– Hum, não brinque com essas coisas, Érico. Eu quero ir à missa para poder agradecer. Por mim, por você, por nós dois.

Érico se apoia nos cotovelos. Gonçalo se senta ao seu lado, ruboriza e desvia o olhar. Quando fala, o faz quase num murmúrio, com ares de teimosia.

– Eu imagino que você acha isso uma bobagem, mas é importante para mim.

– Eu não disse nada – se defende Érico.

– É, mas eu sei.

O tópico de religião não havia surgido entre eles, senão num ou noutro comentário irônico da parte de Érico, que sempre julgou, naturalmente, que Gonçalo não devia fazer boa opinião da Igreja, ainda mais depois do que lhe ocorreu com a Inquisição. Porque alimentar em si uma doutrina tão destrutiva e predisposta a rejeitá-los? Gonçalo se resume a dizer-lhe que o Senhor o ensinou a perdoar, que Sua palavra é o perdão e isso é maior que a opinião de qualquer padre. Érico fica confuso e um pouco decepcionado, com o que julga ser uma simplicidade tola de pensamento, mas ao mesmo tempo enternecido por aquele desprendimento que ele próprio nunca conseguiu ter. Aqueles ao qual Gonçalo se dispõe a perdoar morrerão sem a capacidade de reconhecer a grandeza de tal sentimento; ao mesmo tempo, sua simplicidade denota também sua natureza amorosa.

– Você está olhando para mim daquele jeito... – resmungo Gonçalo.

– Que jeito? Não estou não, eu...

– Está sim. Daquela jeito com que você olha as pessoas quando acha que elas são burras. Só porque você não acredita não significa... não significa que não seja importante... eu... – Gonçalo espreme os lábios, e seus olhos ficam úmidos. – Eu sei que não me faço entender direito, mas eu... não significa que eu não penso, está bem? Eu penso bastante, só não sei como colocar as palavras... eu não sou um caipira grosseirão, eu... bem, às vezes eu sou, mas só às vezes.

Ele funga e vira o rosto, limpando os olhos com as costas das mãos. Érico o abraça e beija sua face. Como dizer para alguém que basta olhar em seus olhos para saber que, dali por diante, será impossível viver sem ele? Que basta escutar-lhe a voz para que sua alma escoe por seus poros? Que não consegue conceber mais a si mesmo sem sua companhia? Só há uma forma de dizer, e Érico diz. Tinta ao chumbo, chumbo ao papel: bate o clichê.

– Eu te amo, Gon.

– Eu também te amo, Érico – responde ele. – Mas eu pensei que dizer isso fosse caipira...

– Então sejamos elegantes e falemos em italiano: é *cafone*.

– Acho que falar em estrangeiro para parecer elegante é ainda mais caipira.

– Que seja. Os ingleses nos tomam todos por selvagens mesmo.

Os dois riem. Érico aponta o laguinho.

– Eu prometo que voltaremos para cá no verão – diz ele. – Vamos tirar a roupa e nadar naquele lago. E depois vamos fazer amor sob o sol, até ele enrubescer e se esconder de nós.

– É uma promessa promissora.



As luzes de Pendersley Park se acendem. Diferentemente dos portugueses, que fazem do jantar ao meio-dia sua refeição mais importante, esta para o inglês é a ceia, servida ao final da tarde. Os dois descem de seus quartos já vestindo seus melhores trajes. Ao encontrar lorde Strutwell, Érico o chama à parte e conta sua intenção de fazer uma visita surpresa ao conde de Bolsonaro após o banquete, bater à sua porta alegando um motivo qualquer, e cobrar-lhe a entrega das promissórias. Maria e Gonçalo estarão junto, de modo que não correrá riscos indo sozinho.

“Highgate não é muito longe daqui, suponho?”

“Não muito, mas este conde não é o tipo de pessoa do qual busco me aproximar, como pode imaginar. Agora, Érico, meu caro...”, diz Strutwell, que o toma pelo braço com os modos condescendentes de um avô bondoso a distribuir-lhe conselhos. “O que fizeste naquela ópera foi uma bela demonstração de coragem, contudo, não brinque com a sorte. Este conde italiano... ou espanhol, se o diz... ouvi dizer que ele é ligado àquelas detestáveis Sociedades para a Reforma dos Costumes, sabia? É bem verdade que não nos

incomodam mais hoje em dia, não como nos tempos antigos, porém... eu próprio já precisei subornar muitos bolsos para que deixassem nossa gente em paz, principalmente no Libertino da Lua. Mas você pode estar atraindo atenção indesejada para si.”

“Não se preocupe, Sua Graça. Sou precavido.”

“Mesmo assim... pela amizade que tenho por você, aceite este conselho: vá armado. Você tem uma arma? Há uma bela coleção nesta casa, em algum lugar... o sr. Lanyon poderá lhe mostrar. E use o meu coche, sim? Há um compartimento debaixo dos bancos onde pode ocultá-las.”

“Aceitarei de bom grado sua oferta, milorde.”

Entram no vistoso salão de jantar, decorado com as coleções de artes antigas e pinturas do conde, sendo de maior destaque uma estátua de Antinoo esculpida ao estilo dos *kouros* gregos, que o conde mandara trazer do Egito. Anuncia-se que o banquete terá três serviços de pratos mais a sequência de sobremesas, com *service à la française* – o lugar de cada um marcado à mesa por um prato de prata acompanhado de uma abundância de talheres. A doce ironia: Érico, que no Brasil acostumou-se a comer sem talheres e com as mãos, como faz a maioria na colônia, sente-se confuso com aquele esbanjamento de prataria, e é Gonçalo, que já está na Europa há mais tempo e já trabalhou e pôs a mesa várias vezes, quem murmura um conselho: use-os na ordem, de fora para dentro.

Sobre a mesa tudo é simétrico e especular: no centro, há um triunfo de porcelana em estilo rococó, cujo topo é coroado por arranjos de flores e frutas, e ao seu redor estão dispostos saleiros, terrines de patê e sopeiras de faiança com *oilles*. Como anfitrião, lorde Strutwell senta-se de costas para a lareira, que aquece o ambiente. Assim que todos se sentam, puxam os guardanapos e os prendem às gravatas – exceto, claro, Maria, que o prende no decote. Vem o

primeiro serviço: sopa Juliana e sopa à *la reine*, e mais pratinhos de diversos *hors-d'oeuvres*.

“Capitão, comecemos com as boas notícias”, pede lorde Strutwell. “Conte as suas.”

“Oh, sim, tenho mesmo uma novidade para anunciar”, diz o capitão Whiffle. “Após vários anos de serviços à Marinha de Sua Majestade, ingresso agora na Companhia das Índias Ocidentais. Um novo navio, com tripulação e oficiais escolhidos por mim.”

“Já era tempo de Phillip ter o devido reconhecimento”, diz o sr. Simper, zeloso. “Depois de dar o sangue pelo rei em Lagos e na baía de Quiberon, e ser desfavorecido apenas por... hum.”

“Por ter bom gosto no vestir e modos mais educados que a maioria dos capitães”, completa o próprio Whiffle, “bem como, diga-se de passagem, um currículo impecável em batalha. Há aqueles para o qual bravura e coragem é menos questão de competência profissional e mais de falar alto e bater na mesa. E eu me recuso... ora, águas passadas. O que importa é que tenho um navio novo.”

Gonçalo entendia partes da conversa, e de resto Érico lhe traduzia. Quis saber, por curiosidade, como era este novo navio que o capitão comandaria.

“Ah, é fantabulosa”, diz Whiffle, com um brilho jovial e afetado nos olhos, enquanto os criados já recolhem os pratos e colheres. “Foi armado para escoltar os navios de carga da companhia. E das vantagens de ter amigos em altas posições, foi a de acatar a sugestão de Sua Graça, milorde, e selecionar pessoalmente cada tripulante e oficial por meus próprios critérios. Partiremos em breve, no começo de novembro, e devemos estar de volta em fins de fevereiro ou início de março.”

“Se é o que estou pensando, adorarei saber o resultado”, diz lorde Strutwell.

Antes que mais explicações sejam dadas, são interrompidos pela entrada do mordomo conduzindo um pomposo séquito de lacaios, em suas librés imaculadas, trazendo o segundo serviço: duas travessas ovais com faisões assados *a la mongela*, recheados de patê de fígado gordo e toucinho defumado e guarnecidos com *coulis* de vegetais. A disposição simétrica da mesa se mantém: retiram-se as sopeiras, e em seu lugar entram relevés de linguado e salmão.

– Não se serve uma salada nessa casa? – murmura Gonçalo.

– Essa gente não come salada, Gon – explica Érico, constrangido. – Aqui se considera vulgar tudo o que vem da terra, comida de campônio pobretana...

Gonçalo revira os olhos: na Itália serviam saladas. Mas Érico ergue os ombros, como quem se justifica, dizendo “não fui eu quem inventou essas regras”. Enquanto isso, a conversa prossegue, falam agora da tripulação deste novo navio e de como foi selecionada.

“Ah, o Batalhão Sagrado de Tebas!”, empolga-se Strutwell.

– O que isso quer dizer? – pergunta Gonçalo.

“Também estou boiando nessas águas”, resmunga Fribble, “as meninas estudiosas e cultas poderiam explicar a nós, pobres iliteratas?”

Senta que lá vem história, pois que militares greco-romanas são a especialidade de Érico, e com gosto ele toma a palavra para explicar aos demais: o Batalhão Sagrado de Tebas foram trezentos hoplitas tebanos, escolhidos por Górgias entre pares de homens que trocavam votos de amor no Templo de Iolau, o amado de Hércules. Na Batalha de Tegira, os trezentos de Tebas derrotaram sozinhos mil espartanos, e mais tarde, integrados aos exércitos de Epaminondas, impuseram tal derrota à Esparta que esta perdeu a influência que possuía sobre a Grécia e encerrou seu ciclo. Platão já havia proposto um exército de amantes no *Banquete*, pois estes não cederiam à covardia, sua coragem e honra se sustentando no amor mútuo, pois um homem apaixonado suporta qualquer coisa para que seu amado não o veja depondo armas ou

abandonando seu posto, mil vezes preferindo morrer a deixar o outro para trás ou desprotegido. É a força que Eros dá aos apaixonados.

Érico fala em português, e Maria traduz em inglês para o resto da mesa. Ao final, há suspiros emocionados, mas Gonçalo o encara de um modo muito sério e reflexivo. De tanto falar, Érico fica com a boca seca e chama pelo vinho. Um lacaios traz a bandeja com um cálice e dois jarros de basalto negro. O primeiro jarro tem o bico ornado com uma figura de Baco, para o vinho; o segundo, a de Netuno, para a água, para que os convidados diluam a seu gosto, como é de hábito.

“Eles foram invencíveis, então?”, pergunta mr. Moggy, o advogado.

“Bem, não para sempre”, diz Érico. “Foram derrotados por Alexandre.”

“Uma questão de tecnologia, não de bravura”, lembra lorde Strutwell, outro empolgado. “As falanges macedônicas usavam sarissas, lanças muito mais longas que as dos hoplitas tebanos.”

“Oh, bem que eu desconfiava”, diz Fribble, “que o ‘grande’ de Alexandre era o comprimento da lança. Mas se é para serem derrotadas, que seja pela maior de todas as fanchas, não?”

“Desculpe, mas esta com certeza foi Julio César”, propõe lorde Trip. “A mais conquistadora, ao menos. E ainda adotou como filho aquele marmanjão, Brutus...”

“E por ele foi morto com uma facada nas costas”, completa sir Dilbery Diddle, “História que, aliás, muito se repete.”

“Mas e Frederico II da Prússia?”, lembra Érico, “já há quem também o chame de ‘o Grande’, e digo que o merece, pois o uso que fez da ordem oblíqua na batalha de Rossbach foi coisa de gênio, de dar inveja aos antigos...”

“Diz-se à boca pequena que passou em revista toda a soldadesca de Berlim”, fofoca Fribble.

“Quem, Frederico? Um autômato, sem o apetite dos latinos”, resmunga lorde Strutwell. “Compará-lo a Césares e Alexandres deveria ser considerado heresia. E esta guerra, senhores, esta guerra... melhor voltarmos aos antigos, pois os dias atuais não merecem nossa atenção.”

Volta o séquito de criados. Nenhum prato fica à mesa mais do que quinze minutos. Érico se surpreende que ninguém mais esteja deslumbrado por aquele constante balé de lacaios ao seu redor, o tira e bota dos pratos e o vaivém dos serviçais com novas travessas criando sobre a mesa uma paisagem em constante mutação. Agora vem o terceiro serviço, um pernil de vitela marinado com endívias, com dois pratos de carne de caça e dois com uma salada, para manter a simetria.

– Enfim, salada – murmura Gonçalo. – Sorte minha teu conde ser de gostos italianos.

– Ele não é o “meu” conde – diz Érico, sentindo a provocação ciumenta de Gonçalo.

“Mas diga-nos, capitão”, pede lorde Strutwell. “E esta vossa tripulação de fanchonos?”

“Bem, não é exatamente de conhecimento público, claro...”, explica Whiffle, “tampouco foi tarefa difícil, pois não é como se estivéssemos em falta na marinha. Foi preciso apenas descobrir quais eram os casais, o que requer descrição, e avaliar-lhes o histórico. Selecionei pessoalmente cada par”, continua Whiffle. “É claro que sodomia e embriaguez ainda são puníveis pelo código da marinha, e afinal comando uma nau de guerra, não um bordel; mas não é como se fôssemos amarrá-los dentro de sacos com pedras e jogá-los no mar, como fazem n’outras nações. Confiança e tolerância, senhores. E um imediato de pulso muito firme, que mantém os rapazes na linha.”

“Me pergunto, capitão”, diz Maria, “que figura de proa terão escolhido para o navio?”

“Ai, senhorita”, Whiffle hesita, e enrubesce, “sabe como os marinheiros são dados a obscenidades... não ousa descrever na frente de uma moça de família.”

“Ora, capitão, estamos entre amigos, e não sou nenhuma freira.”

“Bem, é um... um quilhão alado.”

“Um quilhão?”, ela não compreende.

– Um vergalho – explica Érico, constrangido. – Uma natura, um membro viril...

– Uma piça – simplifica Gonçalo – com asas.

“Ah, um passaralho!” Ri Maria.

“Não sabia que existia nome para tal coisa”, diz Whiffle.

“Em Portugal, quando as moças vão fazer seus folguedos nos rios”, explica Maria, “as amas sempre nos dizem, ‘não tomam banho desnudas, meninas, ou virá voando o passaralho e lhes deixará com barriga’. Creio que seja mais fácil do que explicar de onde realmente nascem os bebês.”

“Você está ficando informada *demais*, querida”, diz Fribble, jocoso. “Logo será você quem nos estará ensinando uma coisinha ou outra.”

“Ora, não se faça de pudibunda, sua fingida”, retruca Maria, e continua: “E com tal figura de proa, imagino qual seja o nome deste teu navio indiscreto, capitão?”

“Oh”, o capitão Whiffle suspira, “o nome dela é *Joy Stick*, querida.”

“Ela?”, estranha Maria.

“Em inglês”, explica Érico, “os navios são tradicionalmente tratados no feminino.”

“Sim, mas neste caso, ‘ela’ tem um falo no meio da quilha.”

“Algumas damas que conheço também”, retruca Fribble, provocando gargalhadas à mesa.

Os lacaios recolhem os últimos pratos, e são trazidas as sobremesas. Érico puxa o relógio de bolso e verifica a hora, trocando olhares com Maria e

Gonçalo. Fribble nota que há algo secreto entre os três, mas finge não perceber. Tão cedo surge a ocasião – quando lorde Strutwell anuncia que passarão à biblioteca para os licores – Érico murmura algo no ouvido de seu anfitrião, que passa instruções ao mordomo. Junto de Maria e Gonçalo, os três saem à francesa, direto para os estábulos. É chegada a hora de entrar em ação.

## 16.

### MERRYLAND

**N**oite. A berlinda negra cruza veloz a estrada que liga Hampstead à Highgate, Érico no assento do cocheiro, atijando os animais, Maria e Gonçalo em seu interior.

– Eu conheço ele há duas semanas – diz Gonçalo. – E parece que são dois anos.

– Érico é um tanto intenso, não? – observa Maria.

– Me pergunto se ele já teve algum final de semana comum. Do tipo em que se dorme até tarde e passeia pelo parque, sem se envolver com gente com espadas e pistolas.

– Dias comuns são para pessoas comuns, *darling* – ela filosofa.

– E nós não somos pessoas comuns?

– Qual foi a última vez que você se sentiu absolutamente comum?

Gonçalo ergue os ombros, indiferente. A berlinda para frente a um portão de ferro trabalhado, única passagem num muro coberto de hera. Érico desce e abre a portinhola para os dois. Maria insiste em ir junto até a mansão, crê que sua posição como sobrinha do embaixador será capaz de manter Érico em segurança. Gonçalo fica a postos no assento de cocheiro, com os cavalos prontos para partir a qualquer momento. Érico e Maria se dirigem ao portão. Está entreaberto e não há porteiro. Acima, em letras de ferro fundido, está o nome daquela propriedade: MERRYLAND.

Atravessam uma senda ladeada de árvores e arbustos, um laguinho de águas paradas e folhas secas, até chegarem a uma área aberta com chão de terra, onde podem ver as marcas recentes de muitas rodas. Chegam frente à entrada do casarão e puxam o cordão da sineta de campainha. Passos se aproximam, a porta abre e Maria aperta a mão de Érico com tanta força que dói.

“Pois não?”, pergunta um homem de aparência brutal, mais adequada a um estivador que a um mordomo; o rosto sério e impassível, repleto de marcas de varíola. Olha de um para o outro. Érico espera que Maria faça sua pequena encenação, mas ela está quieta. Cabe a ele dizer algo.

“Vim ver Sua Graça, o conde de Bolsonaro.”

“Ele o aguarda?”, o mordomo pergunta desconfiado.

“Ele me espera no sábado, e pelo meu relógio, já é sábado. Sou o barão de Lavos, e esta é a senhorita Maria Fernanda Simões de Almeida, sobrinha do embaixador de...”

“Oh, barão, pelo amor dos deuses!”, Maria parece finalmente despertar para o seu papel. “Eu estou *tão* cansada, eu preciso de uma xícara de chá. Não é possível que seja tão pouca a hospitalidade dessa gente que não se disponham a uma mísera xícara de chá!”

O mordomo parece confuso, reavaliando seu papel de Cérbero. Por fim cede, abrindo a porta para que entrem. O hall de entrada é dominado ao fundo por duas lareiras lado a lado, separadas por uma porta alta e ogival, acima da qual há uma panóplia de rifles e lanças. Há muitas pinturas nas paredes, nem todas visíveis pela parca iluminação de velas. “Aguardem aqui”, grunhe o criado, e sai.

– O que houve com você? – Érico resmunga.

– Érico, é ele... – ela murmura, apavorada. – O homem que entregou o barril.

– Tem certeza disso? Será que te reconheceu?

– Não sei, não tenho como dizer. Mas tenho certeza de que é ele. – Ela põe a mão no peito, tentando conter a própria ansiedade. – O que vamos fazer? Talvez fosse melhor irmos embora logo.

– Calma, agora já estamos aqui. Você é a sobrinha do embaixador, e eles sabem disso. Mais do que ninguém, você está segura aqui. Além disso... minha nossa senhora, o que é isso?

Quando entrara, não havia olhado com atenção às pinturas nas paredes, mas agora que o faz, sente-se perturbado: é uma sucessão de pinturas de santos católicos retratados em pleno martírio. Ali está Santo André crucificado em X, Santa Inês com a espada atravessada na garganta, São Simão serrado ao meio, São Bartolomeu esfolado vivo e segurando nas mãos a própria pele, São Pedro crucificado de cabeça para baixo, Santa Doroteia decapitada, Santo Estêvão apedrejado. Érico imagina o que Gonçalo dirá de sua religião se confrontado com aquela seleção de pinturas horríveis, mas é uma observação feita pelo Milanês que vem à sua mente: a mesma informação, quando disposta ou rearranjada de uma forma específica, cria um novo sentido. De certo modo é como um espelho a entregar o que cada um busca para si. E onde uns baseiam sua fé no perdão, outros enxergam somente punição. Como os donos daquela casa, que veem apenas dor e sofrimento – de preferência a dos outros. Mas é Maria, já desacostumada àqueles excessos sufocantes do barroco, quem observa:

– Esta é a maior coleção de arte barata que já vi.

– Como assim? – Érico pergunta.

– São todas cópias! E muito malfeitas.

A porta debaixo da panóplia é aberta e entra o conde de Bolsonaro. Veste uma sobrecasaca marrom repleta de pequenos e delicados *rocailles* bordados, dando-lhe uma aparência escamosa e reptiliana. Seu rosto é tenso como sempre: a metade imóvel parece agitada por um leve frêmito, como a conter uma explosão de raiva. Mas, quando fala, sua voz é tranquila, melíflua.

“Sua Graça, que visita... curiosa.”

“Vossa Excelência!”, Érico finge surpresa. “Espero não ter vindo em hora inoportuna, mas estamos a caminho de Pendersley Park para um banquete, e creio que a condição deplorável em que os ingleses mantêm as estradas fez o pior pelos nervos da senhorita Simões de Almeida. Então pensei: já que estávamos tão perto, por que não acertarmos logo nossa questão com as promissórias, enquanto a senhorita descansa um pouco? Afinal, já é praticamente sábado.

“Compreendo”, o conde de Bolsonaro respira fundo, parece hesitar, então sorri: “Mas sim, claro, matamos dois coelhos com uma cajadada só. Estou recebendo algumas visitas no momento, se não se importarem de aguardar um pouco.” Vira-se para o mordomo, logo atrás. “Creio que já conheceram meu criado, o senhor Kroptopp. Ele os conduzirá até a saleta de chá, se puderem aguardar. Agora, se me dão licença”, faz uma mesura, e sai.

Kroptopp pede que o sigam. Há uma porta dupla na parede leste, que do outro lado é ladeada por um par de armaduras medievais. Entram num segundo saguão, dominado pela grande escadaria que sobe para o primeiro piso em dois lanços alinhados às paredes. São ligados, no meio, por um patamar intermediário, de onde se impõe uma estátua prateada de Vênus erguendo nas mãos o globo terrestre. O parapeito da balaustrada é pontuado por bustos de mármore dos reis espanhóis da dinastia Bourbon. Enquanto sobem atrás do mordomo, Érico não deixa de perceber que os bustos são todos de gesso, como também a Vênus platinada, pois a tinta prata já descasca nas bordas. Dois criados da casa passam descendo, e apesar das elegantes librés, têm aparências desagradáveis, maltratadas de sol e mar (Érico poderia jurar ter visto o brilho de um olho de vidro).

Chegam ao topo. Ali, no primeiro piso, há uma galeria superior que leva à ala sul, aberta para o vão da escadaria. Enquanto seguem o criado, Érico para

frente a um grande espelho oval, fingindo ajustar o jabô no pescoço: olha para o lado norte, onde a galeria se fecha num corredor. Ali há uma porta dupla entre plintos com vasos, de onde saem outros dois criados que a deixam aberta: um é careca e tem o rosto manchado, brincos de argola nas orelhas; o outro é caolho e não usa camisa por baixo da libré, exibindo no peito musculoso a tatuagem de um monstro marinho. Olhos de vidro, caras de mau – definitivamente há algo de errado na criadagem daquela casa. Kroptopp pigarreja irritado, e continuam a segui-lo para o outro lado, entrando numa saleta de chá com janelas para a frente da mansão. “Esperem aqui...”, diz o mordomo, em tom de comando – mas hesita, esquecera algo, então lembra e força um sorriso pavoroso: “Por favor.” Sai. Érico e Maria se entreolham.

– E então? – ele pergunta.

– E então que agora sei do que vivem todos aqueles artistas mortos de fome de Covent Garden – diz ela. – Posso sentir um desprezo hostil pela arte em cada parede daqui.

– As estátuas e os bustos eram todos de gesso. – Érico puxa o relógio de bolso e vê a hora.

– E a criadagem? Percebeu que não há nenhuma mulher aqui? Isso não é um estafe, parece mais uma tripulação... Érico, o que está fazendo?

– Me espere aqui. – Guarda o relógio e segue em direção à porta.

– Aonde você vai?

– Fazer meu trabalho. Sou um espia, vou espionar. Não me demoro.

– E vai me deixar aqui? O que eu digo quando trouxerem o chá?

– Diga que fui levar um recado ao cocheiro.

Ela morde o lábio, ansiosa. Érico lhe entrega sua pistola, pergunta se já disparou alguma vez (já, mas faz tempo) e se ela sabe como recarregar uma pistola (não sabe). Ele mostra: primeiro é preciso se certificar de que o cão esteja abaixado. Do polvorinho, uns vinte e cinco grãos servem, mas o que

lorde Strutwell lhes dera tem uma câmara que dá a medida exata. Coloca-se a pólvora, enrola-se a bala num pedaço de estopa, coloca-se a bala. Tira-se a vareta e a bala é empurrada até o fundo do cano. Guarda-se a vareta de volta embaixo do cano. Abre-se a caçoleta e colocam-se três ou quatro grãos. Fecha-se a caçoleta, e o cão é puxado. Está pronta.

– Lembre-se de uma coisa: mire no peito. É o modo mais garantido.

Entendeu tudo?

– Sim, mas... Érico? Por favor, tome cuidado, sim? Não crie confusões desnecessárias.

O corredor da galeria superior está vazio agora. Érico caminha com passos leves até aquela portentosa porta dupla, encosta o ouvido – nenhum som –, testa a maçaneta, abre, entra. É um cômodo amplo e espaçoso a servir de escritório e biblioteca. Logo que entra, à sua esquerda, uma porta se comunica com o que provavelmente seja o quarto de dormir do conde. À direita há uma mesa de trabalho, muitos papéis soltos e um gabinete com escaninhos. As janelas vão do chão ao teto e estão tapadas por cortinas vermelhas. Há castiçais acesos por todo o cômodo, sinal de que está sendo preparado para receber alguém. Nas paredes, mais pinturas de santos em martírio: São Felipe enforcado invertido, São Tomé apedrejado etcetera. Mas o que mais atrai sua atenção, contudo, são as seis grandes prateleiras de mogno rentes às paredes, cada uma com algo em torno de duzentos livros. Érico se dá conta, porém, que em cada uma se repete o mesmo sortimento de apenas três obras, em quantidades idênticas. São livros pequenos, em octavo, encadernados com capas em três cores: azul-marinho, amarelo-queimado e verde-escuro. E todos, sem exceção, com o mesmo título.

CATECHISMUS.

Pega um exemplar do volume azul e o aproxima da luz. A folha de rosto está em português: é *O sofá*, de Crébillon Fils. Este já lera: é sobre um cortesão

condenado a reencarnar na forma de sete sofás usados para os encontros amorosos de sete casais, só se livrando de sua sina quando um casal virgem fizer amor sobre ele. Érico pega a edição amarela. *As joias indiscretas*, de Dênis Diderot, sobre um sultão em posse de um anel mágico que faz as genitais femininas falarem e contarem suas histórias. O exemplar verde é o *Sodoma, ou a Quintessência da devassidão*, de John Wilmot. Folheia curioso para ver como o tradutor resolveu o problema dos nomes: o rei Bolloxinium e a rainha Cuntigratia viraram o rei Testiculiano e a rainha Bucetildes, e o general Buggeranthus tornou-se o general Foderantos. Ah! Bolsonaro melhorou seu vocabulário, de tanto estudar o assunto já deve estar se tornando um especialista. Curiosamente, e para alívio do conde de Oeiras, *Fanny Hill* não parece ter sido reimpresso. Bolsonaro diversificou seu repertório. Érico vasculha os papéis e as gavetas na escrivaninha. Encontra várias das promissórias que o conde veio conquistando de suas vítimas no jogo, e também os manuscritos de *O trovão da razão*, do *Tratado sobre cabras e espinafres* e de um terceiro panfleto que desconhece. Há uma pistola em uma das gavetas, carregada e já com pólvora na caçoleta. Érico balança o cano até fazer a bala cair, e guarda a pistola de volta no lugar.

Mas há algo que passara despercebido. Cada uma das seis prateleiras possui um nome escrito numa plaquinha pregada, que o lembra das placas que se põem no depósito dos navios a organizar o destino de cada parte da carga. A primeira é um nome de santa: *Nossa Senhora de Belém*. Que peculiar. Busca a prateleira seguinte, outro santo: *São Luís*. Qual o sentido disso? Mais um: *São Salvador*. E logo a seguinte: *São Sebastião do Rio de Janeiro*. É quando se dá conta de que não são nomes de santos. A seguinte: *Vila Rica de Ouro Preto*. E por último: *Colônia de Sacramento*.

Um arrepio percorre sua espinha. Aquela listagem dá conta das principais vilas e cidades da América Portuguesa, do Norte ao Sul da colônia. Um plano

de distribuição de livros que lhe parece mais com um plano de invasão. Mas como?

*How big is it? It has to be big, you know. Are you sure it will fit?*

É a voz do conde que chega até ele, abafada atrás da porta. Do que falava? Não prestara atenção. Érico olha em volta: esconda-se, rápido! Mas onde? Tenta a porta lateral que se comunica com o quarto – está trancada. A cortina? Muito shakespeariano, mas talvez lhe sirva a que está no canto mais escuro, longe da luz de castiçais e espelhos. Se serviu a Polônio... basta não lhe ter o mesmo fim. A porta abre, e as vozes entram antes que seus donos. Érico descobre uma vantagem: de onde está, pode ver sem ser visto. Quem entra primeiro é o valete, Jockstrap. Logo atrás entram o conde de Bolsonaro, a sra. Bryant e o velho inglês, Roger Pheuequewell, depois do qual Jockstrap fecha a porta e avança com passos claudicantes para próximo do grupo, dizendo:

*Well, sir, we can honestly say that will be the biggest Cock we will ever see. I'm sure will be fit for it.*

Érico está distraído, pois o conde de Bolsonaro lhe parece diferente agora: mais relaxado, sem a tensão habitual. Está entre amigos e, desfeito de sua máscara, livre para ser ele mesmo. E do que falavam? Galos? Talvez pense em apostar nas rinhas? Faz sentido, se o conde quer ganhar dinheiro fácil. Voltar suas trapaças para as rinhas de galo, agora que ninguém mais deve recebê-lo nas mesas de carteadado da cidade, deve ser uma das poucas opções que lhe resta.

“Esta ‘arma’, como você chama...”, diz a sra. Bryant, “estamos falando da mesma coisa, correto? Daquela que está lá embaixo no porão?”

Sua voz tem um tom grave, oscilando de modo a revelar um leve sotaque estrangeiro (será francês?). Érico ainda não a analisou com atenção, e mesmo agora lhe parece em tudo furtiva, posicionada no canto mais mal iluminado e de costas para ele. Há certa jovialidade nela, apostaria sua idade em torno dos trinta anos, mas quando fala, há um tom de confiança autoritária na voz, de

igual para igual. “Vai continuar funcionando, quando a reposicionar num espaço tão... instável?”

“Eu garanto que sim”, responde Pheuquewell. “Já fiz isso outra vez, muitos anos atrás.”

O conde de Bolsonaro avança até a escrivaninha e abre algumas gavetas.

“Reinaldo, o que está fazendo”, pergunta a mulher.

“Tenho que me livrar daquele português de merda logo de uma vez.”

“Sim, o quanto antes!”, resmunga Pheuquewell. “Esta casa é minha afinal, e não quero saber de fanchonos aqui dentro!”

“*Sua casa?*”, Bolsonaro ergue a sobrancelha.

“Se usas o meu dinheiro, conde, eu a considero minha”, retruca o inglês.

“Você é um investidor aqui, Roger, não um proprietário. Não se esqueça disso.”

Batidas à porta. É Kroptopp quem surge detrás dela. Anuncia: “Ele chegou, senhor.”

“Que entre.”

Érico tinha suas desconfianças, elas agora se confirmavam. Era bastante óbvio que, para o conde ter ido atrás de Armando, foi porque alguém lhe contou de sua cumplicidade com Érico na trapaça das cartas. Imaginou que poderia ter sido o próprio Beckford – o poder ilimitado, a ambição titânica, o açúcar. Mas toda dúvida se dissipou na noite da ópera, ao ver a sra. Bryant no camarote do conde. Pois lembrava bem quem ela acompanhava durante o baile: a figura que entra na sala – cabeça oval, grandes olheiras, o bigodinho ridículo sobre o lábio superior – é ninguém menos que o embaixador da Espanha, o conde de Fuentes.

“Acabo de receber uma carta do continente”, diz ele, com ares de preocupação. “Os russos entraram em Berlim, mas Frederico já se mobiliza para o contra-ataque. Não ficarão lá muito tempo.”

“As idas e vindas daquele sodomita não fazem diferença para nós”, diz Bolsonaro. E virando-se para Roger Pheuquewell: “É um sodomita, sabia? Vive cercado de poetinhas, escritores, essa porra toda. Toda Europa sabe. O pai dele sim, foi um grande homem. Eu o servi por algum tempo, muitos anos atrás. Enfim, deixe os russos de merda e os malditos prussianos se matarem. Nossos olhos estão na América.” E para a sra. Bryant: “Quanto tempo até termos o galo?”

“O galo chegará até o final do ano”, responde a mulher. “Dois, talvez três meses na ilha dos Cães, até estar pronto. Creio que em abril o terá em mãos. Se cumprir sua parte, é claro.”

“Ora, porra! Mas isso é só na droga do ano que vem!”, protesta Bolsonaro. É curioso que seus modos e linguajar não causem nenhum sobressalto à mulher. Talvez já esteja acostumada.

“E ele será meu depois?”, pergunta o Pheuquewell.

“Quê? Ora, não, de modo algum. Continuará sendo nosso”, diz a sra. Bryant. “Considere-o como um empréstimo. Não me olhe assim, não fui eu quem pôs tudo a perder.”

Jockstrap abre a boca para falar algo, mas desiste.

“Mas eu quero meu dinheiro de volta!”, protesta o velho Pheuquewell.

“Devo lembrar que foram vocês que vieram até nós, pedindo ajuda?”, rebate a sra. Bryant, com frieza. “Nós somos seus credores, e não o contrário.”

“De todo modo, Roger, a *sua* operação também é um tanto cara”, lembra Bolsonaro.

O velho inglês resmunga e se resigna.

“Sim, todos nós temos nossos interesses aqui, e quando cada um tiver cumprido sua parte, este... ‘consórcio transnacional’ estará encerrado”, diz a sra. Bryant, que então se dirige para Bolsonaro: “Vosso rei terá o que quer e, pelo nosso investimento, teremos a nossa cota de ganho.”

“Uma nova França Antártica”, o conde de Fuentes, ressentido.

“Ora, o que é para vocês uma cidade, em troca de um continente inteiro?”, diz o velho Pheuquewell. “O rei dela ficará satisfeito, o teu rei ficará mais do que satisfeito, e o meu rei...”, ele volta-se para Jockstrap, “o nosso *verdadeiro e legítimo* rei, bem, ele terá sua satisfação.”

“Não creio que precise lembrá-los”, retoma a sra. Bryant, voltando-se para Bolsonaro e Fuentes, “de que nada disso deve ser tratado com o duque de Nivernais. Meu embaixador não está a par de minhas ações e, por ordens do rei, não deve estar.”

“E o fancho?” insiste o velho inglês. “Não quero aquele pederasta na minha casa, isso aqui é uma casa cristã, uma casa católica. Não admito fancho fazendo fanchonice aqui.”

“De quem ele fala?”, pergunta Fuentes.

“Aquele portuguesinho de merda com quem joguei cartas”, diz Bolsonaro.

“O barão de Lavos?”, Fuentes fica nervoso. “O que ele faz aqui hoje?”

“Eu lhe havia dado a data de amanhã como limite para entregar as malditas promissórias”, lembra Bolsonaro, “e temo que seja preciso pagá-lo. Ainda mais depois daquele vexame na frente do príncipe de Gales. Do contrário, me negarão crédito em toda Londres, e eu vou precisar de dinheiro, Sua Graça, agora que o senhor tem me negado crédito...”

“Reinaldo, eu já fiz tudo o que Sua Majestade me autorizou a fazer”, rebate Fuentes.

“Quem é ele, afinal de contas?”, pergunta a sra. Bryant, receosa.

“O barão? Um oportunistazinho de merda”, diz Bolsonaro. “Outro pederasta, crê? A Europa está infestada desses vermes, são como ratos, sabe-se lá Deus como se multiplicam.”

“Devo me preocupar com ele?”, questiona a mulher.

“Não, não. Já arranquei tudo o que precisava saber daquele outro pederasta, vocês sabem, o secretário de Martinho de Melo. Este que está aí não passa de um trapaceiro, outra porcaria de português falido. Herdam títulos, mas não têm um pêni no bolso; o rei deles não tem mais com o que lhes pagar as pensões reais, e saem em busca de dinheiro fácil, como bela raça de trapaceiros que são. Fui enganado naquela noite, e com o seu consentimento, Sua Graça...”

“Que podia eu fazer?”, defende-se Fuentes. “Não estava em meu poder...”

“Não importa”, interrompe Bolsonaro, rude. “Quando tudo terminar, não irei embora dessa cidade sem dar a paga que aquele pedacinho de merda merece. Aliás, não bastasse ser um maldito português do inferno, ainda por cima é brasileiro! O que só me dará mais gosto em matá-lo.”

Armando, bendito seja!, pensa Érico. Ainda que não possa imaginar as torturas a que fora submetido por aqueles loucos, teve forças para manter-lhe o disfarce até o fim.

“Por que não o matamos agora?”, sugere o inglês.

“É necessário fazer uso de tal violência?”, Fuentes fica ansioso.

“A sobrinha de Martinho de Melo e Castro está com ele”, lembra Bolsonaro.

“Matamos todos”, propõe Jockstrap. “Farei com que pareça um assalto na estrada.”

“Cala-te!”, rosna Bolsonaro, “se tivesse feito o teu trabalho direito, não estaríamos tendo esses problemas agora. Só quero me ver livre dele. Depois, quando chegar o momento, nos preocupamos com esse serzinho insignificante. Agora... gostaria de agradecer a presença de todos vocês neste... como a senhora chamou? ‘Consórcio Transnacional’, é um bom nome, neutro e burocrático. Sra. Bryant, o generoso empréstimo que nos fará será inestimável; Roger, teus arranjos nos foram essenciais desde o começo, e ao senhor embaixador...”

Bolsonaro hesita, “bem, obrigado pela confiança em mim depositada, em nome de Sua Majestade Católica.”

“Senhor, e os portugueses?”, é o mordomo, Kroptopp, quem pergunta.

“Ah, céus, sirva-lhes chá e diga para esperarem mais um pouco”, diz Bolsonaro.

“Ainda acho que devemos matá-lo”, insiste Roger Pheuquewell.

“Meu caro, quando chegar a hora de partirmos, vou cuidar pessoalmente para que aquele merdinha seja castrado”, diz Bolsonaro. “Vou cortar-lhe o membro à faca, colocá-lo em sua boca e fazê-lo engolir. E então enviaremos outro barril de vinho à embaixada deles.”

Os seis saem da sala. Érico espera um minuto e também sai. Atravessa a galeria superior vazia lembrando as palavras da mulher: “Esta arma que está lá embaixo no porão.” Desce a escadaria da Vênus, volta ao hall de entrada e abre a porta debaixo da panóplia de armas. Um corredor transversal mal iluminado e sujo. Vozes vêm da ala leste, toma um castiçal e busca a primeira porta destrancada – sala com ares de abandono, papel de parede rasgado, nenhum móvel. As vozes no corredor passam falando inglês com os tiques e gírias dos marinheiros. Érico sai da sala e caminha na direção de onde vieram. O corredor termina, de um lado uma porta que dá para a rua, na direção das cavalariças, do outro uma escada estreita desce ao porão, no nível da cozinha. Ele desce. Som distante e abafado de panelas, cheiro de carnes assadas e temperos, mas tudo vem da ala oeste, aquele lado ali parece estar abandonado. Encontra uma porta, em cujo batente se lê: “oficina – entrada restrita.”

– Te peguei, desgraçado – murmura Érico, exultante

Tenta a maçaneta. Está trancada, mas não seria um bom profissional se viesse despreparado. Apoia o castiçal no chão e tira do bolso uma gazua, que enfia no buraco da fechadura. Gira o pulso com cuidado. Estalos suaves. Um clique. A porta se abre. Diante dele está uma oficina tipográfica completa:

prateleiras com bandejas e caixas cheias de clichês moldados em chumbo; a grande prensa tipográfica de madeira, com a prancha e o trilho por onde corre o papel, além daqueles próprios materiais que são a carne e o sangue da impressão: o papel guardado em pilhas, e a tinta em potes. Ferros de passar para secar a tinta, mata-borrões, molduras de madeira com páginas compostas, uma dúzia de cordões estendidos pelo teto, como varais, de onde pendem folhas recém-impresas secando. Érico pega uma delas e reconhece de imediato a tipografia Baskerville. Partes de um novo panfleto de ódio, com texto em inglês: *The Earthquakers*. Numa mesa, encontra alguns exemplares em francês, *Les Provocateurs des Tremblements de Terre*. Há também em espanhol e, por fim, em português: *Os incitadores de terremotos*. Lê um trecho:

*A mais exemplar punição deve ser aplicada aos que cometem este crime, o mais horrendo e detestável de todos, pois se deixados vivos, a ação dos sodomitas logo irá infectar a toda a nação, e dali carregada pelos navios a toda a Humanidade, enquanto os que ficarem em terra treinarão mesmo as crianças a praticarem este que é o mais abjeto vício. É preciso ter coragem; somos a maioria, vamos enfrentar essa minoria. Se a Justiça continuar leniente, cedo chegará o momento em que a Mulher se tornará um elemento inútil da Criação uma vez que o Homem, sendo naturalmente superior, terá encontrado em sua própria semelhança um suprimento de suas necessidades lascivas.*

A reação provocada em Érico é: primeiro estufa as bochechas, e então solta o ar numa quase gargalhada, tapando a boca com a mão para não fazer barulho. É a sério isso? É isso o que se pensa, que são capazes de “contaminar” a outros como uma doença, como se a atração entre diferentes fosse um estado natural comum a todos, sendo o contrário um mero costume adquirido? Ora, se pensam assim, isso explica muita coisa: o desprezo pelos efeminados nada

mais é que o desprezo pelo feminino, pois aos olhos destes pobres coitados, o homem que se efemina se inferioriza. Da mesma forma, isso explica a necessidade de reduzirem os fanchonos a caricaturas grosseiras: a simplificação grotesca desumaniza seu alvo e o distancia, e ao final, nenhum inimigo é mais temido do que aquele que se teme que esteja dentro de si mesmo.

*Um velho provérbio me vem à mente: “Nenhum mal é feito se uma boa criança nascer.” É a ação natural do homem engravidar a mulher, contudo somente um Animal irá praticar... – enjoa-me macular esta página com a mera menção do ato. A verdade é que Homens são duros, Mulheres são sensíveis; Homens são ativos, Mulheres são passivas. Homens pensam de modo funcional, enquanto as Mulheres, dominadas pela emoção, possuem uma mente a operar de modo decorativo. É por isto que os praticantes deste vício sujo são incapazes de satisfazer uma mulher, pois qualquer sombra de hombridade é diametralmente oposta às suas práticas. São eunucos impotentes, de forma que preferem cair em vícios praticados uns nos outros, do que terem a macheza de tentarem algo para o qual são muito sensíveis.*

Bem, reflete Érico, isso explica a decoração de mau gosto daquela casa. Pois alguém que pensa a existência do homem apenas segundo a lógica funcional, não encontra espaço para nada que não se justifique neste esquema – e a arte, a música ou mesmo o sexo por prazer não possuem espaço nesse mundo. A lógica do texto é confusa: se são eunucos e não satisfazem uma mulher, como satisfazem uns aos outros? Mas a prerrogativa desse tipo de panfletista é a de não carecer de lastro com a realidade, ou compromisso com uma coerência interna: “Se der cara, eu ganho; se der coroa, você perde.” Apenas por descargo de consciência, Érico dá uma última olhada no texto:

*Tal forma inferior de gente, dada a tais hábitos pútridos, encontra-se em toda sorte de classe social, às ruas, casas vazias, escritórios ou qualquer local que lhes for conveniente para suas intenções pervertidas, contudo, tal é a Natureza de seu crime chocante, que requer sempre o manto da noite, pois é por demais monstruosa para se demonstrar durante o dia. A podridão de seus sentimentos os leva, naturalmente, ao ódio, ao crime e à rejeição.*

*Criaturas tais que, mais baixas que cães, não merecem tratamento melhor que o dado a animais. O pecado nefando é um crime à parte, merecedor de punição mais memorável que o estupro e o assassinato e, aqueles que o cometem, formam uma casta inferior dentre os homens. Uma punição adequada seria fazer-lhes como os maometanos fazem com seus ladrões, mas ao invés das mãos, ter-lhes os membros viris decepados e a ferida selada a ferro em brasa, a título de servirem de exemplo, e por fim a forca, para purgar a terra de sua existência.*

Chega, é demais. Érico amassa o papel com raiva e o atira a um canto. É preciso focar no seu problema imediato: o que leva alguém com tanto ódio moralista a editar e distribuir obras pornográficas? O que significa aquele esquema de distribuição? E como tudo isso se relaciona com as ambições coloniais daquela gente? Seja lá o que este Consórcio Transnacional planeje, não se invade uma terra com livros. Ao menos não o Brasil.

A madeira range, ele se vira. A mão agarra seu pescoço com a força de um torque, o puxando para bem perto daquele rosto brutal cheio de marcas de varíola que o encara, impassível. Érico tenta se livrar da mão estrangulatória do mordomo, mas este o arremessa longe, como se fosse um boneco de pano. Cai contra uma mesa que se quebra ao meio. Kroptopp o agarra pela gola do casaco, forçando-o a se levantar. O criado o imobiliza com uma chave de pescoço e o vira, fazendo Érico ficar de frente para a porta. Há alguém ali

observando tudo, segurando um castiçal com muitas velas, que larga sobre um aparador.

– Senhor Borges... – diz o conde de Bolsonaro, em bom português. – Nem as regras menstruais de uma mulher surgem com tanta regularidade quanto o senhor cruza o meu caminho.

“Falei que deveríamos matá-lo”, resmunga Jockstrap em inglês, vindo logo atrás de seu patrão, também com um castiçal. “Me dê esta satisfação, senhor.”

Kroptopp chuta as canelas de Érico, o fazendo ficar de joelhos sem nunca aliviar a mão que quase o sufoca. O conde se aproxima dele, se agacha e o encara com seu meio sorriso.

– Desde quando você fala português? – grunhe Érico.

– Como eu lhe disse aquele dia, meu caro – diz Bolsonaro. – Somos ambos filhos do novo mundo. Tanto precisei lidar com essa gente desgraçada que são vocês portugueses, que acabei aprendendo a língua. – O conde se empertiga, o olha com desprezo e solta um risinho. – Mas admito que somos muito parecidos, você e eu. Com uma pequena e óbvia diferença, uma diferença que é tudo. Veja, quando Deus decidiu insuflar nossos corpos com nossas almas, ele nos fez homens, para controlar os desequilíbrios emocionais das mulheres; nos fez brancos, para subjugar as raças inferiores, e nos fez cristãos, bem posicionados em sua Graça Divina. Mas, como disse, com uma pequena diferença, uma diferença crucial. Ele fez com que *você* fosse falho. Minh'alma, quando confrontada com desafios, resiste; a sua, não. Seu espírito é fraco, deformado. E assim a inversão degenerada que há em você cresceu e o consumiu por inteiro, a tal ponto que você crê, realmente, que ela é sua própria natureza. Sua natureza! Que mãe ou pai pode ter orgulho de uma deformação assim? Isso não é natureza. Você sabe o que é isso, não sabe? É Satã, meu caro. É Lúcifer, o anjo caído. Ele tenta a todos nós, joga esposas contra maridos,

escravos contra seus senhores, pobres contra ricos, hereges contra crentes. E quando ele não consegue, invade nossos próprios corações...

– Que tal dizer para seu cão de guarda aqui me soltar, e tratamos disso como cavalheiros?

– E por que eu faria isso, senhor Borges? Para tê-lo por aí, bisbilhotando pela minha casa? Pois bem, você descobriu meu passatempo. Gosto de escrever e de ser lido, e gosto de me manter anônimo enquanto faço isso. Não é nada grave, nada que alguns subornos aqui e ali não resolvam, mas eu prezo muito meu anonimato, e creio que você ultrapassou a fronteira do que seria tolerável. E como eu disse, eu também sei dos seus passatempos... sei um bocado sobre você, seu merdinha.

Érico principia um protesto, mas Kroptopp aperta ainda mais a mão em seu pescoço.

– Você é só mais um falido, você não passa de um trapaceiro, você é um sodomita! – grita Bolsonaro. – Eu sei tudo sobre você! Sei até mesmo que nome lhe dão os outros sodomitas, minha cara “Princesa de Janeiro”. – Bolsonaro ri. – Não é a coisa mais ridícula que já ouviu, Kroptopp?

O mordomo não entende português, mas por profissionalismo, faz coro a seu patrão e ri.

– Bem, meu caro barão, eu estava para lhe entregar suas promissórias, estava mesmo – continua Bolsonaro. – Mas já é a terceira vez que você surge em meu caminho, e começo a desconfiar de que não seja por mera coincidência. Começo a crer que o senhor, na sua infinita estupidez, crê ter achado em mim uma fonte de dinheiro inesgotável, primeiro trapaceando para me roubar nas cartas, depois me constrangendo na frente de toda a sociedade de Londres, e agora aqui, vindo exigir pagamento no meio da noite... imagino que pensou que, tendo descoberto um segredinho meu, já estava a imaginar o quanto poderia lucrar com isso, já estava pensando em como me chantagear...

O mordomo larga seu pescoço, mas torce mais seus pulsos, e Érico grunhe de dor. Não é só a falsa confissão de Armando que lhe dera um bom alibi, mas a falta de imaginação do conde que, em sua prepotência, ajuda a completar o resto. Se entrar no jogo, talvez tenha alguma chance.

– Muito bem, você me pegou, conde. Estamos quites. O senhor me tem à sua mercê. O que propõe? Que eu abdique das promissórias?

– Não, senhor Borges, eu proponho que morra – Bolsonaro fala em tom casual. – Conhece o ditado “a curiosidade matou o gato”? Pois os anos no mar deram ao Kroptopp aqui uma mão muito firme. Ele é capaz de pegar um gato e, apenas apertando-lhe o pescoço entre o polegar e o indicador, “pop!”, a cabeça é separada do corpo; uma coisa fantástica, volta e meia ele faz isso para entreter os rapazes. Quanto a mim, estou recebendo convidados, e não posso mais perder tempo com o senhor... – O conde saca uma pistola, larga-a sobre o aparador ao lado da porta e diz para o mordomo. – As maricas adoram um fim trágico. Quando terminar, faça parecer um suicídio. E você – volta-se para Jockstrap. – Avise os rapazes de que talvez escutem alguns gritos, e um tiro. Diga para que ignorem. Quanto a vós, barão: passar bem. Dessa vez, foi realmente um prazer.

“E a garota?”, pergunta Jockstrap.

“Hum, é verdade”, pensa o conde por um instante. “Aquela sua proposta de simular um assalto na estrada me soa mais interessante agora. Cuidaremos dela, depois disso.”

Bolsonaro sai, com Jockstrap logo atrás. Porém o valete para, hesita, volta para Érico e acerta-lhe um murro no estômago que lhe tira todo o ar dos pulmões, dá um risinho e sai outra vez. A porta ficou aberta, e o conde deixou um dos castiçais iluminando a oficina. Está a sós com o mordomo. Kroptopp torce seu braço e o atira contra a prensa tipográfica. Érico bate a cabeça e fica zozinho, mas pensa rápido: vê o ferro de passar ao seu alcance, pega e o atira

contra o bruto. É inútil, como se lhe atirasse pão velho. Kroptopp até recua um passo com o impacto, massageia o peito dolorido e fica irritado. Érico olha em volta em busca de outra coisa a qual arremessar, mas é tarde.

Kroptopp agarra seu pescoço com as duas mãos e aperta. O homem fede a gim e suor. Érico fecha os olhos e cerra os dentes com tanta força que sente como se fossem quebrar em sua boca, se debate, tenta agarrar-lhe os olhos, mas Kroptopp apenas sorri, é como uma estátua rediviva, impassível. Érico sente o ar abandonar seus pulmões, a pressão sem fim pronta a esmagar sua traqueia, o fluxo do sangue na carótida interrompido. É questão de segundos até que perca os sentidos. Vê pontos luminosos, a vista começa a escurecer, a pulsação lateja cada vez mais lenta. Uma profusão de imagens confusas se forma em sua mente: grama, árvores, um jardim; o Davi de Michelângelo, a beira do rio Douro, a baía de Guanabara, um beijo trocado à beira da praia, o sorriso de Gonçalo, os amigos que deixará para trás em dois continentes – Maria, Fribble, Licurgo, Sofia. Sua mãe lhe servindo chá e dizendo que tudo vai ficar bem, uma xícara de chá põe o mundo em seu lugar. Sabe agora que falhou, que não chegará ao fim; mas já não lamenta o próprio fracasso, está além da autocomiseração; pois ele teve Gonçalo, ele o amou e sabe que ao menos uma vez na vida fora igualmente amado, ninguém é um fracasso quando se tem a certeza do sentimento retribuído. Tudo está em seu lugar, o mundo estará em seu lugar, contanto que tenha uma xícara de chá em mãos. Cometera um erro terrível ao subestimar seu adversário, mas é preciso saber a hora de parar. É preciso saber a hora de partir, de aceitar os próprios limites. E, às vezes, é preciso reconhecer o momento de abandonar uma narrativa e entregá-la nas mãos de outros.

## FUGA DE MERRYLAND

**S**ozinha com seus pensamentos, mas sem café. É inevitável que se ponha a pensar em Armando. Sente sua falta a cada instante, sente falta da habilidade natural que tinha em encontrar saídas elegantes para situações difíceis – o tipo de habilidade que parece faltar a Érico, com sua agitação de espadas e pistolas e cavalos, a arrastar tudo consigo. A pistola pesa em suas mãos. Não devia deixá-la à mostra, e se alguém entrar, o que pensarão? Esconde-a debaixo de uma almofada da poltrona. O que fará de sua vida agora, sem Armando? Voltar para Lisboa, jamais. Recusa-se a ser como as outras mulheres portuguesas, enclausurada em casa, vendo o mundo pelas janelas, não conhecendo outros homens senão os de seu círculo familiar, e terminando por se casar provavelmente com algum primo, como de hábito por lá. Com Armando ao seu lado, pôde se manter naquele delicioso limbo de bailes e saraus, mas tudo isso acabou, e a imagem do pobre Armando, a pele glaceada pálida como um mármore, vem à sua mente. Mais de uma vez insinuou-se a intenção de casá-los, o que talvez tivesse funcionado melhor do que o imaginado. Ouvira dizer que arranjos assim são muito comuns. Sim, teria sido um arranjo perfeito para ambos, mas era cedo ainda, e depois o tempo passou, e depois não se pensou mais no assunto, e agora Armando se fora. Mas teria sido um bom arranjo: cessariam as cobranças de suas famílias, estariam livres para viverem suas próprias vidas... o que Érico pensaria disso? Érico é diferente, ainda mais discreto, tanto que mal se imagina... há algo nele que a faz pensar

nos heróis românticos e atormentados desses romances ingleses sombrios da moda, uma sombra de melancolia que em muito lembra a dela própria, exceto por aquela agressividade contida – ela nunca conseguiu se apegar tanto a rancores para alimentá-los da forma como Érico parece fazer. Hum, o quão *exclusivo* será que ele é? Afinal de contas, não é nenhum eunuco. Ela costuma dizer que jamais se casará com um homem que a queira levar para cama – isso seria uma prisão! Era o plano original com Armando: um casamento por disfarce, que encerrasse as cobranças familiares de ambos os lados, e deixasse cada um livre para ir atrás de seus próprios amantes. Mas Érico... ora, uma garota tem o direito à imaginação. Há o rapaz, Gonçalo, mas ele e Érico se conhecem há apenas duas semanas (ela já o conhece há três, tem essa vantagem). Certamente Érico concordaria que uma coisa não exclui a outra, homens e mulheres são naturezas tão distintas que sequer vê como isso poderia ser considerado uma traição aos seus sentimentos... ou seria?

Passos se aproximam, a maçaneta gira, a porta abre, já está pronta a xingar Érico por aquela demora intolerável, mas não é ele quem entra e sim aquele homem brutal, o mordomo cujo rosto é marcado pela varíola. Nas mãos, bandeja com bule e xícaras. Ele a encara por um instante, de surpresa, ao vê-la sozinha, olha ao redor pela sala, dando pela falta de Érico, e seu rosto se torna feroz.

“Oh, ele foi apenas avisar o cocheiro de que iremos nos demorar...”, ela tenta explicar, mas Kroptopp a ignora, larga a bandeja numa cômoda e sai da sala.

A tranca é chaveada. Maria corre até a porta, força a maçaneta, mas é inútil. Está presa. Caminha em círculos pela saleta. Há a pistola, poderia tentar arrebentar a fechadura, mas isso chamará muita atenção. Terá que esperar Érico – ele irá voltar, a qualquer momento ele vai voltar. Sente-se, Maria. Acalme-se, Maria. A ansiedade a faz suar nas mãos. Caminha até a janela-guilhotina, abre

e olha para fora, vendo a escuridão da noite virando madrugada. Que horas serão? O vento frio agita os fios de sua peruca. A altura não é muita, e se aquelas cortinas... ora, por que não? Mas a janela é estreita, e aquele maldito vestido de saia armada não passará. O nervosismo a deixa com calor, o espartilho a sufoca. E se tirar a roupa? Não, não. Se Érico volta e a veem assim, imagine o escândalo!

É quando nota que há alguém passando por baixo da janela, cujas feições lhe parecem familiares. Numa espécie de grito-sussurro, ela chama seu nome.



Gonçalo está tão imerso em si que mal se dá conta do tempo passando. Na manga da casaca, guarda escondido um lenço que roubou de Érico, na primeira noite em que passou em sua casa. Leva o lenço ao rosto e sente ainda traços de seu perfume e cheiro. Tudo com Érico é tão intenso, tão rápido, uma confiança impulsiva que às vezes sente faltar em si mesmo, a coragem de agir apesar do medo das consequências. E ao mesmo tempo há outro Érico por baixo de suas roupas bem cortadas, que encontra em Gonçalo a fonte de sua segurança. Como é possível? Que ele próprio seja capaz de dar algo que lhe falta, isso o fascina. Érico conhece mais livros e músicas que ele, é mais vivido e aculturado, parece sempre estar um passo à frente, sabe dizer quais músicas o farão chorar, quais livros agitarão sua alma; Gonçalo conclui que deve ser cauteloso no meio dessa gente, teme dizer algo tolo que o faça parecer inculto demais, jovem demais, não quer que Érico tenha vergonha dele. Mas não, também Érico tem suas fragilidades, as pequenas brechas na sua armadura de veludo, seu lado infantil e sensível e às vezes até assustado, suas pequenas manias, o modo calculado com que molha um biscoito na xícara de chá e controla o tempo certo até que o biscoito amoleça sem cair. E ao mesmo

tempo, aquela força apaixonada e violenta, que irrompe do nada, capaz de duelar até a exaustão na ópera, ou de um vigor incansável quando os dois...

Algo vem pela estrada.

Um tálburi que, pelo garbo do cocheiro, deve ser de alguém importante. O laçao desce, abre o portão, sobe de volta, entra. Gonçalo olha rápido, um sujeito com cara de fuinha e um bigodinho ralo. Deixam atrás de si o portão aberto, o que é um convite. Afinal, Érico e Maria estão demorando demais, de quanto tempo precisam para pegar alguns papéis? “Espere mais um pouco, não se afobe.” Os minutos passam. Não tem um relógio para saber, mas certamente já é tempo demais, então decide: chega de esperar na berlinda. Verifica o freio da roda, salta ao chão e entra em Merryland. A trilha o conduz ao pátio frontal da mansão. No lado leste, há uma senda de seixos, para onde a marca das rodas conduz, próximo de um bosquete de árvores baixas que oculta o muro. Deve ser o caminho para as cavalariças, e é para lá que ele se dirige. Olha para cima, para aquele prédio incomum recortado contra o céu estrelado. Há luz numa janela da frente, e alguém lá em cima o observa. E então escuta seu nome num sussurro alto, de quem quer gritar, mas não quer chamar atenção.

– Gonçalo! – chama a voz.

Reconhece Maria e ergue o braço num aceno.

– Eu estou presa! – ela sopra.

– Hein? Como assim?

– Chavearam a porta!

– Onde está Érico? – pergunta ele.

– Não sei. – Ela olha para baixo, para a queda. – Vou pular! Me segura!

– Não! Sua louca, não faça isso. – Ele ergue as mãos, lhe pedindo calma.

Olha em volta. Geralmente estas grandes casas possuem uma entrada de criados, próxima à cozinha, para as entregas. Pode supor que seja perto do estábulo. – Espere, que vou até aí.

Acompanha a fachada leste do casarão, janelas e mais janelas e nenhuma entrada à vista. Está próximo às cavalariças, onde um par de rapazes cuida dos cavalos. Por um acaso, os dois são gêmeos idênticos, e conversam distraídos. Gonçalo os interpela em inglês: *where is the...* (faz um esforço, mas não sabe se usa as palavras certas) *the... servant's... kitchen?* Faz um gesto lateral deslizando a mão aberta no ar. Os gêmeos se entreolham. *The servant's entrance?*, corrige um dos cavalariços, e aponta: *there*.

Agradece aos gêmeos, que provavelmente o tomaram pelo criado de algum dos convidados daquela noite. Segue a indicação, onde encontra o recorte escuro de uma porta de madeira. Ele entra e fecha a porta atrás de si. Um corredor mal iluminado por algumas poucas velas. Ao seu lado, uma escada espiral estreita desce para o nível abaixo do solo. A luz de velas vem subindo pela escada, em sua direção. Gonçalo recua para dar-lhe espaço. Quem surge à sua frente é o conde de Bolsonaro, seguido logo atrás por aquele valete que atacara Érico no teatro. O conde o olha sem dar muita atenção e, o tomando por algum criado, lhe fala: *if you hear someone scream, or maybe a shot, ignore it. It's nothing to worry about. Tell the boys to ignore it too. Am I clear?*

Gonçalo não faz a menor ideia do que ele esteja falando, mas sua experiência em lidar com estrangeiros lhe ensinou que, mesmo que fosse fluente em todas as línguas do mundo, só há uma resposta que querem ouvir, e é o que lhe diz: *yes, sir*.

Os dois se afastam, sumindo por trás de uma porta pelo corredor. Gonçalo escuta um baque vindo do andar de baixo, alguns grunhidos abafados, e mesmo que a curiosidade tenha matado o gato, é mais forte do que ele: desce as escadas.



Se num instante tudo o que há em sua frente é a massa escura e volumosa do corpanzil do mordomo no lusco-fusco das velas, no instante seguinte é como se Kroptopp tivesse sido atingido por um coche desgovernado, arrancado do palco num *deus ex-machina*: um grito de raiva animalasca preenche a oficina. O mordomo é derrubado, um braço musculoso ergue-se no ar e desce e sobe e desce e sobe e desce no ritmo das patadas de um cavalo a pleno galope, cada soco pontuado por uma palavra furiosa: VOCÊ. NÃO VAI. MACHUCAR. ELE!

Érico custa a recuperar o senso de onde está e do que lhe acontece, a falta de ar o deixou tonto, estava a segundos de desfalecer. Leva a mão ao próprio pescoço e engole em seco. O que é aquele som úmido e repetitivo? Quando olha em volta, vê Gonçalo montado sobre o peito de Kroptopp, o braço a subir e descer contra – a luz de velas, não consegue ver bem – uma massa amorfa de carne e sangue no que um dia foi um rosto. Érico segura o braço de Gonçalo.

– Gon... já basta – diz Érico. – Não há necessidade, se acalme.

Gonçalo se vira, o peito sobe e desce rápido com a respiração acelerada. Olha para o corpo caído ao seu lado. Olha para as mãos sujas de sangue, ao mesmo tempo horrorizado e maravilhado com a descoberta da própria força, eufórico demais para raciocinar direito. Balbucia algo, mas é calado pelo beijo esfomeado e intenso de Érico. Então se dão conta de que estão a se beijar por cima do provável cadáver de um homem, e se afastam. O olhar de Érico é perturbadoramente calmo.

– Ele... ele está morto? – pergunta Gonçalo, ansioso. – Eu nunca matei ninguém...

Érico olha para o mordomo, caído ao chão, imóvel. Não pode dizer com certeza, mas não quer assustar Gonçalo. Quando este se vira para olhar também, Érico o impede, segura seu rosto com força o encarando nos olhos.

– Olhe para mim, Gon. Está tudo bem. Compreende? Está tudo bem.

– Eu nunca... nunca matei ninguém... – murmura. Suas mãos tremem, e Érico as segura para acalmá-lo, manchando as suas também com sangue. – Que coisa horrível, eu não me sinto culpado. Eu deveria, não deveria? Me sinto culpado por não me sentir culpado e...

– Está tudo bem, Gon.

– Érico, você está bem? Você está estranho. Por que está sorrindo?

– Porque nunca estive melhor. – E é verdade, não consegue conter o sorriso, o brilho de calma e tranquilidade que sabe ser o prenúncio de algo mais intenso. Ele é um soldado afinal de contas, um profissional da morte, e não pode deixar de conter a agitação pulsando em seu sangue, a sanha violenta que parece despertar uma parte animal de si. Além disso, teve um vislumbre da própria obliteração, o mais próximo que já chegou dela até hoje. Tudo está claro agora. Sem dúvidas ou inseguranças. Sabe quem é, onde está e o que é preciso fazer. Há quem acredite que, em tais circunstâncias, a serenidade se torna uma forma de loucura. E repete: – Nunca estive melhor.

– Ele ia matar você e eu...

– Eu sei.

E então Gonçalo tem uma revelação súbita cuja obviedade o assusta:

– Você já fez isso antes, não? Já matou antes.

– Já – responde Érico, com tranquilidade.

– Eu não estou acostumado com isso, eu...

– Não é algo com que se deva estar acostumado, Gon. – Ele larga as mãos de Gonçalo, vendo que o outro já está mais calmo agora, e sorri: – Tudo vai ficar bem.

– Maria está lá em cima, ela está presa e...

– Eu sei. – Olha para a cintura de Gonçalo. – A arma que deixei com você, onde está? – Gonçalo a entrega. – Obrigado. Agora, me escute com atenção e faça exatamente o que eu lhe disser. Volte para a berlinda e me espere. Vou

buscar Maria. Quando sairmos da casa, será preciso correr. Correr bastante, como nunca na vida. Está prestando atenção? Se algo acontecer, e nenhum de nós dois sair de dentro da casa, você volta para Pendersley Park. Fale com Fribble ou lorde Strutwell e conte-lhes o que aconteceu. Eles o ajudarão. E dê a seguinte mensagem ao nosso embaixador: “A família fez seu pacto.” Ele sabe o que isso significa. Entendeu?

Gonçalo balança a cabeça.

– Então vai. E... Gon? Saiba que eu te amo. E quando sairmos daqui, se sairmos daqui vivos, seremos gratos por sobreviver, e haverá algo que teremos que fazer tão cedo quanto possível.

– Que seria?

– Trepas feito bichos.

Gonçalo sorri, sobe a escada de volta ao piso térreo e sai pela porta de criados de volta à berlinda. O que Érico fará agora necessita ser feito sozinho. Kroptopp grunhe, respirando com dificuldade. Quanto tempo mais ficará vivo não sabe dizer, mas vasculha suas roupas e toma dele um molho de chaves, um punhal e um gancho para pistola, de prender na cinta. Do aparador ao lado da porta, toma a pistola cujo disparo lhe era destinado, e a verifica. Duas armas, dois tiros. Isso é bom. Não encontra ninguém no caminho de volta ao hall de entrada, que também está vazio. Diz para si mesmo que agora não é mais um espia, e sim um soldado. É o profissional ao qual, desde tempos imemoriais, é outorgado o monopólio da violência. E está muito predisposto a ser violento. Das lareiras, toma um atizador cuja extremidade se bifurca numa ponta reta e num gancho curvo. Golpeia o ar num silvo cortante, testando o peso e a velocidade do golpe. Passa pela porta lateral ladeada de armaduras, sobe a grande escadaria da Vênus platinada, e busca a porta do gabinete do conde. Entra.

De pé detrás da mesa, com um candelabro em mãos enquanto verifica alguns papéis, está o conde de Bolsonaro. Érico não esperava por isso, mas será um bônus. O clique da porta desperta-lhe a atenção, e ao vê-lo com o atizador, o conde busca a pistola na gaveta. Bolsonaro saca e aperta o gatilho: nada acontece. Érico caminha calmamente em direção à mesa. Bolsonaro abre a boca, pronto a gritar por ajuda, quando vê que Érico tem duas pistolas penduradas na cintura.

– Senhor Borges, que surpresa – responde, frio. – Suponho que meu mordomo esteja morto?

– Isso não sei, mas o deixei com um peso na consciência – Érico dá de ombros.

– Hum, compreendo... e agora você vai me matar?

– Sua Graça, não me tome por um homem vulgar. Creio que podemos encontrar uma solução mais elegante para nossas diferenças. – E lhe dá um soco no estômago.

Bolsonaro se curva e cai de joelhos, grunhindo de dor. Érico larga o atizador sobre a mesa, fazendo balançar o castiçal e o tinteiro. Saca sua pistola e puxa o cão da arma, colocando dois grãos de pólvora na caçoleta. Aponta para a cabeça do conde.

– Não se incomode, Sua Graça, deixe que eu resolvo isso. As promissórias estão aqui? – Abre a gaveta onde sabe que elas estão, fingindo surpresa ao encontrá-las. – Ora, ora, quantas! O senhor fez bom uso daquele expediente com a caixa de rapé e o seu valete. Vejamos: uma promissória de oitocentas libras do conde de Sandwich; seiscentas de Teresa Cornelys; meu Deus, duas mil libras do conde de Grantham! Mil libras de... ora veja só, David Garrick. Mil e duzentas de lorde Darlington, quinhentas de Ignácio Sancho e... ah, isso vem a calhar: setecentas libras de Thomas Twinings. Deixe-me pensar. Somadas estas, creio que ficarei com umas duzentas libras a mais do que o

combinado, mas que seja a título de indenizar-me pelo meu transtorno no teatro essa semana, não? – Érico mete as promissórias no bolso da casaca, e pega aquela que lhe fora assinada pelo próprio Bolsonaro, no Baile do Trovão. – Aqui está. – Larga sobre a mesa em troca.

– Seu fanchono de merda... – grunhe Bolsonaro, recuperando o fôlego.

– Ah, e o que temos aqui? – Érico finge encontrar na gaveta o texto original de *Os incitadores de terremotos*, em versão manuscrita em inglês. – O senhor tem uma veia literária, então? Mas estou muito confuso, confesso: o senhor é espanhol, escreve em inglês, e fala o português com bastante fluência, apesar do sotaque. Vi que pretende compartilhar suas ideias com a nossa boa gente portuguesa, não? Pois então, vejamos como estão suas habilidades como tradutor. – Érico atira algumas das folhas contra o rosto do conde. – Leia.

As mãos de Bolsonaro tremem de raiva. De joelhos no chão, pega o folheto e lê suas próprias palavras: *the rotten state of their feelings...*

– Não, Sua Graça, estou farto de estrangeirismos. Quero escutar isso em língua de gente. – Érico se senta na beirada da mesa. – Em português, por obséquio.

– “A podridão de seus sentimentos leva ao ódio, ao crime e à rejeição...”

– O senhor escreve com tanto vigor, Sua Graça! – Érico assume um tom levemente exagerado, meio louco. – Sinto que suas palavras vêm do seu âmago! Ora, faça-me um favor, pois não? Separe este trecho que acaba de ler. Pode rasgar, afinal, cópias não lhe faltam.

Bolsonaro rasga uma tira do papel com o trecho lido, e ergue o braço para entregá-lo.

– Oh, não, não é para mim, Sua Graça – ri Érico. – É para o senhor. Como eu disse, o texto veio do seu âmago, e algo tão visceral deve ir ao encontro de sua origem, não crê? Coma.

– Mas, hein?

– *Coma*, eu disse! – Érico eleva o tom. – Acha que eu estou brincando, desgraçado? Eu vou fazer você engolir suas próprias palavras, literalmente! Coma!

Bolsonaro comprime os lábios de raiva e cerra os olhos, seu rosto tremula de ódio. Abre a boca devagar, e insere a tira de papel. Mastiga, mastiga e, com muita dificuldade, engole. Érico busca o atiçador de lareira e golpeia Bolsonaro no braço direito. O conde cai no chão segurando o braço, grunhindo de dor. Érico pega ele próprio uma folha inteira do manuscrito, amassa numa bolota e a enfia na boca do conde, falando baixinho como se tranquilizasse uma criança birrenta: – Shh... calma, calma, meu caro. Não se preocupe, é apenas papel! Palavras não machucam ninguém, você sabe. E papel é feito de trapos de roupas velhas, vá saber se essa página não foi um dia a camisa de alguém. Ou suas roupas de baixo, talvez? Talvez tenha se grudado ao suor do traseiro de algum camponês, num dia quente do verão. Nunca se sabe. Aqui, vamos.

Érico se cansa de sua brincadeira sádica, ergue-se e o chuta no estômago. O conde cospe a bola de papel e se contorce. Érico puxa com força a corda de uma cortina, a arrancando da parede, puxa Bolsonaro até uma cadeira e o amarra nela.

– Aqui, uma bebidinha para a refeição descer redonda. – Érico pega o tinteiro de cima da mesa. – Um belo drinque, Sua Graça, de terebentina, fuligem e óleo de nozes, muito refrescante! – Ele o faz beber a tinta, pega outra folha de papel, a amassa, enfia a bolota na boca do conde e o amordaça com seu próprio lenço.

Antes de sair pela porta, Érico sorri, aponta-lhe o dedo, dá uma piscadela e estrala a língua. Sai para o corredor, para em frente ao espelho oval, um ajuste no jabô, busca o molho de chaves e abre a porta da saleta de chá. Encontra Maria apavorada, com um castiçal em mãos (desistira da pistola). Quando ela o vê, corre até ele, no desespero da ansiedade e antes que Érico tenha qualquer

reação, ela o segura pela nuca e o beija, ele não quer parecer rude e não reage, e até retribuindo o beijo por uma questão de cortesia, não sem antes perceber que Maria tem os lábios muito macios e úmidos, e não pode esquecer depois de lhe perguntar que creme hidratante fantástico ela vem usando, pois quer um destes também. Ela enfim retorna à realidade e se afasta, pega de surpresa consigo mesma e com a própria impulsividade, e confusa e ansiosa e apavorada, algo deve ser dito, talvez desculpar-se pela ousadia, talvez fazer de conta que nada ocorreu, mas é Érico quem, ainda a tendo nos braços, olha em seus olhos e lhe diz:

– Obrigado, Maria, mas minha princesa está em outro castelo.

O olhar dela se desvia, um reflexo de movimento em sua íris – ato reflexo, Érico saca sua pistola, gira nos calcanhares e atira para trás. O estampido seco não produz eco, mas a nuvem de pólvora se espalha na saleta de chá, tal que não consegue ver em quem atirou. Mas a nuvem se dissipa rápido, e o homem na porta os encara atônito, um terceiro olho acrescentado ao rosto bem em meio aos dois normais, um filete de sangue que lhe escorre até o queixo. Cai, primeiro de joelhos, depois de rosto ao chão. Um olho de vidro sai rolando pelo tapete. Érico recarrega sua pistola, e avisa Maria: quando saírem da sala, ele lhe jogará cada pistola usada, ela deve se concentrar em recarregá-las. Caso se atrapalhe, caso deixe cair uma bala ou uma estopa, não se preocupe, ignore, pegue outra. Mas não se detenha, em hipótese alguma. Pega de volta a arma que deixara com ela: tem três pistolas agora, três disparos. Precisa usá-los com parcimônia. Por cavalheirismo, alerta para que ela vire o rosto se necessário, e não veja o que ele fará de agora em diante. Ela não se importa: já teve sua cota de horrores na vida, não há muito mais que ainda a assuste. Érico a toma pela mão e saem para o corredor.

Como esperado, o disparo atrai atenções. Dois criados sobem a escadaria, enquanto um outro vem do fundo da galeria, coxeando de uma perna: é

Jockstrap. Ele e Érico se encaram com um reconhecimento mútuo e hesitante, ficam imóveis; os dois criados na escadaria, sem entender o que ocorre, também param. Mas a porta do gabinete do conde se abre de supetão, Bolsonaro surge, camisa aberta no peito, desperucado e despenteado, o queixo e o pescoço tintos de negro. Olha para um e outro e grita: “Por que estão todos parados? Matem-no! Matem o sodomita!”

Os dois criados na escadaria desembainham suas espadas e avançam. O primeiro luta de modo vulgar e precipitado, e golpeia gritando. Érico apara o golpe com o atizador, a lâmina do sabre prende no gancho curvo e num torcer de seu pulso desarma o sujeito que, movimento contínuo, se desequilibra, tropeça e cai de cara no chão. Antes que o segundo se prepare, é Érico quem o ataca, o criado defende o golpe, mas recebe um chute no estômago que o joga para trás. Érico não continua, pois volta sua atenção para o primeiro, ainda caído, e sem hesitar, afunda a ponta do atizador em sua nuca com tanta força, que lhe atravessa a garganta e se prende no assoalho. Maria grita. O gancho curvo tranca no osso do maxilar, não há tempo a perder. Érico saca uma pistola e atira contra o segundo criado, que já contra-atacava. O pipoco estoura em seu peito e o homem tomba morto.

– Recarregue! – grita Érico, virando-se para Maria e jogando-lhe a pistola.  
– Érico!

O aviso dela chega tarde: Jockstrap salta sobre ele com um punhal, Érico se vira a tempo de segurar o punho do valete, e os dois medem forças. Érico acerta-lhe uma cabeçada que o desconcerta e, ainda o segurando pelo pulso, o puxa e o faz girar jogando Jockstrap contra a parede da galeria. O valete cai, tenta se erguer apoiando-se num joelho, a fígada de dor em sua nádega cobra seu preço e o faz perder o equilíbrio, no que Érico aproveita e o agarra pela nuca, batendo seu rosto com força contra o espelho oval da parede uma, duas, três vezes, rachando o vidro.

Do fundo da galeria, surgem dois atiradores com rifles de cano longo. Disparam. Érico puxa Jockstrap o fazendo de escudo humano, deixando que receba as duas balas por si. O valete grita. Érico o segura pelo colarinho e pelo cós do calção, e o arremessa com força contra o parapeito à esquerda, o lado aberto da galeria – sem um eixo onde se apoiar, Jockstrap bate as costas contra o parapeito, perde o equilíbrio na inércia que o faz virar-se para trás, pernas ao alto. Despenca. Seu corpo cai rodopiando pelo vão central e se espatifa aos pés da escadaria.

Os atiradores iniciam o processo de recarregar suas armas, ao que Érico reage por instinto: saca as duas pistolas e dispara, abdicando da precisão em prol da rapidez – faz mira no peito para ter um alvo maior. Os dois atiradores recebem as balas ao mesmo tempo. Érico sorri: dois anos que não erra um disparo. Maria lhe devolve a primeira pistola recarregada. Não há tempo para recarregar as outras duas, e as abandona. O conde de Bolsonaro já sumiu de vista, buscando abrigo em seu escritório. Érico pega o sabre largado por um dos criados, e na outra mão toma Maria.

– Vamos! – grita para ela.

Os dois começam a descer a escadaria. Subindo os degraus aos pulos, outros dois criados avançam na direção deles: o careca de rosto manchado; e o com tapa-olho de camisa aberta, a tatuagem de serpente marinha no peito. Ambos portam espadas. Érico joga neles um dos bustos de gesso (a constar: Fernando VI), o careca é atingido em cheio e cai e rola pelos degraus. Vai parar no patamar intermediário, aos pés da Vênus platinada, tendo suas pernas quebradas em ângulos irregulares. Resta o caolho tatuado: Érico salta sobre ele golpeando com a espada. O caolho é robusto, e não só segura o golpe sem perder o equilíbrio, como revida.

– Vai! – Érico grita para Maria.

Ela levanta a barra das saias (“maldito vestido, maldito vestido!”), desce apressada maldizendo as modas que só a atrapalham, e ao passar frente à Vênus platinada sente que algo se agarra à sua canela. Ela grita de susto e cai.

– Maria! – grita Érico.

Por sorte, no patamar intermediário o piso é plano, o que a salva de rolar pelos degraus. O vestido lhe amortece o tombo, olha para o tornozelo e vê que o careca de pernas quebradas segura seu pé.

Ela tenta se soltar e perde o sapato. O homem se agarra à barra da sua saia com força, a tal ponto que Maria só consegue se mover se o arrastar junto. Agarra-se a um balaústre do parapeito da escada, se levanta e alcança um busto de gesso (a constar: Felipe V) e o joga contra a cabeça do careca, que larga seu vestido para proteger o rosto.

Érico se desespera ao vê-la cair. O caolho aproveita e lhe acerta um soco que o faz recuar. O caolho golpeia, e Érico apara o golpe, o parapeito pressionando suas costas.

Já perde tempo demais com aquele idiota, quando lembra do punhal que tomara do mordomo. Érico ataca-lhe as pernas, o homem defende de um lado, mas abre a guarda do outro, e então Érico lhe passa uma rasteira. O caolho cai de costas nos degraus, e Érico afunda o punhal no peito, bem no meio do desenho de monstro marinho. O homem berra e gargareja sangue. Dali não se erguerá.

Érico toma Maria pelo braço, a ajudando a se erguer. Falta só metade da escadaria agora, e Érico, que por distração abandonara a espada, tem somente uma pistola em mãos. Os dois descem os últimos degraus chegando ao piso térreo no instante em que a porta dupla, ladeada por armaduras, se abre com um chute. Surge um brutamontes cujo rosto é uma massa confusa de sangue e cabelos desgrenhados, a ocultar as marcas de varíola, mas não o olhar furioso e minotáurico de Kroptopp portando uma *amulette*, espécie de canhão portátil que, nas mãos de alguém normal, necessitaria de tripé para ser usado. Antes que o mordomo puxe o gatilho, Érico passa uma rasteira em Maria e a derruba junto consigo, os dois caem de costas, Érico dispara, a bala acerta a rótula de

Kroptopp, o joelho arrebenta num estouro, o mordomo grita e tomba de lado, o cano da *amulette* aponta para cima enquanto puxa o gatilho, a bala se perde indo estourar entre os seios da Vênus platinada, que estoura em mil fragmentos enquanto espalha uma nuvem de pó de gesso e cacos pela escadaria.

Kroptopp berra impropérios, seus gritos atraem outros em resposta. Um baixinho vem correndo e Érico derruba sobre ele uma das armaduras que ladeiam a porta. O baixinho cai e derruba a pistola, mas se põe de pé muito ágil. Érico, que havia tomado do chão a alabarda da armadura, a gira no ar e crava a lâmina no estômago do homem, e seu rosto é atingido por um jorro de sangue. O baixinho grita. Com um chute, Érico desprende o moribundo da lâmina, a levanta e a arremessa contra o rosto do criado que vem logo atrás, o impacto fazendo o sujeito cair para trás com braços e pernas ao ar feito um boneco. Enquanto o baixinho se ocupa de tentar em vão segurar o sangue que lhe escapa do estômago, Érico lhe toma as pistolas e chama Maria para que se junte a ele: estão frente à porta de saída, um fim para aquela loucura. Os dois emergem para o ar frio da noite com alívio. No topo da escadaria, o conde de Bolsonaro grita descabelado, a boca negra de tinta:

*“La concha de tu puta madre! Te destriparé, maricón de mierda!”*



Gonçalo escuta os disparos e gritos com apreensão. Quando os dois vêm correndo, pergunta se estão bem. Érico o ignora, abre a portinhola, empurra Maria para dentro e se joga logo depois, apenas gritando: vai, vai, vai! Os cavalos são chicoteados, a berlinda dispara a toda a velocidade pela estrada em direção ao sul, para Londres, e não para Pendersley Park, mas não há tempo de dar meia-volta. Érico tem o olhar vidrado, e segura as duas mãos de Maria.

– Querida, como você está? É importante que eu saiba.

– Eu estou bem, Érico, de verdade. Tens certeza de que não estão vindo atrás de nós?

Érico põe a cabeça para fora da janela: na escuridão da madrugada, é difícil ver qualquer coisa. Verifica a carga das duas pistolas que trouxe consigo. Abre o compartimento debaixo dos bancos e tira dali um par de rifles Brow Bess; balas, pólvora e outro par de pistolas. Vai carregando as armas uma por uma, no que Maria o auxilia. Mas Gonçalo está muito exposto do lado de fora, no banco do condutor. Pela janela traseira, vê o brilho de seis tochas galopando em sua direção.

Eles estão vindo.

Abre a janela que se comunica com o banco do condutor e passa por ela, sentando-se ao lado de Gonçalo. Dá um terno beijo em sua bochecha.

– Oi.

– Oi – responde Gonçalo, tenso. Olha para Érico de cima a baixo: – Você está ferido?

– Estou bem, juro.

– E de quem é esse sangue todo em você?

– Não sei. Foi de um monte de gente.

Um silêncio entre os dois.

Érico olha para trás, para as seis tochas que já se convertem, sob a luz da lua, em seis cavaleiros. Toma as rédeas de Gonçalo: – Deixe que eu assumo. Fique lá dentro com as armas.

Gonçalo passa pela janela para dentro do carro da berlinda. Érico atíça os cavalos com gritos e chicoteadas. Quanto tempo até chegarem em Londres e aqueles homens desistirem da perseguição, sob o risco de atraírem soldados? Érico não sabe nem mesmo se está indo na direção correta. Os primeiros disparos pipocam no ar, e um deles atinge uma das lanternas traseiras, que balançam loucamente denunciando a posição do coche. Maria e Gonçalo

esvaziam suas armas contra os cavaleiros, Érico olha para trás e vê que duas das tochas caem. Isso dá conta de um terço dos atacantes. Mas os quatro restantes percebem que suas tochas fornecem alvos fáceis, e as abandonam. Maria e Gonçalo começam a recarregar as armas, e Gonçalo passa pela janela de volta ao banco do condutor, trazendo junto consigo um rifle.

– Não, não! – Érico protesta, desesperado. – Fique lá dentro, é mais seguro!

– “Ui, ui, eu sou um soldado crescido, eu faço tudo sozinho” – provoca Gonçalo, que se vira de costas, faz mira e dispara contra o mais adiantado dos seus perseguidores. Atingido, o homem cai do seu cavalo. – Viu? Você não é o único que... – O rastro incandescente de uma bala cruza o espaço entre o rosto dos dois. Olham para trás: o par de cavaleiros que resta quase emparelha com eles, de cada lado da berlinda. Gonçalo reconhece os cavaliários gêmeos que viu na mansão.

O cavaliário da esquerda se ergue no lombo do cavalo e salta, ficando dependurado pela janela da portinhola. Maria pega uma pistola e lhe bate no rosto e nas mãos com a coronha, tentando fazer com que se solte. O cavaliário xinga e grita e por fim cai, a roda passa por cima de seu corpo fazendo o carro dar um pulo que quase o vira de lado.

O cavaliário da direita vê o que seu gêmeo faz e o imita: põe-se de pé no cavalo e salta. Com seu irmão ocupando a atenção da mulher, consegue subir ao topo do coche. Gonçalo ainda está escorvando o rifle quando o homem saca a pistola. Mas a berlinda dá um pulo, e o cavaliário cai de costas, perde a arma e fica dependurado no suporte de bagagens traseiro.

Atento na estrada à sua frente, Érico pergunta: – Ele caiu?

O gêmeo restante se ergue no bagageiro. Ao se dar conta de que o irmão tombou, grita de ódio. Engatinha de volta ao teto da berlinda e se põe de pé. Gonçalo aponta o rifle e aperta o gatilho.

A arma falha. O homem sorri.

– Você esqueceu de pôr pólvora na caçoleta, seu idiota! – berra Érico.

– Não me xinga, seu grosso! – berra Gonçalo.

O teto da berlinda é perfurado de baixo para cima, um projétil que atinge o cavaliço no queixo. Sangue sai de sua boca e no solavanco seguinte cai morto para trás, de volta ao bagageiro. Maria abana a fumaceira da pólvora.

– Acertei?

– Sim! Grande disparo, querida! – agradece Gonçalo.

– Restou algum? – pergunta Érico.

– Acho que foram todos.

– Me desculpe por gritar com você – pede Érico.

– Tudo bem, eu... – E Gonçalo é interrompido por um disparo que atinge em cheio a lanterna direita frontal. Os dois olham para trás.

Um sétimo cavaleiro que, mais tardio, havia passado despercebido, continua a persegui-los. Érico põe as rédeas nas mãos de Gonçalo e lhe toma o rifle. Levanta-se virado para trás, fixa os pés no banco do condutor, coloca a pólvora na caçoleta, faz mira e dispara. A bala atinge o homem no braço esquerdo, e quase faz com que deixe cair o rifle. Porém precisa dos dois braços para dispará-lo, e passa a empunhá-lo como lança. Érico antevê o que o homem pretende, e grita para que Maria o acerte. Não há tempo. O homem enfia o rifle na roda traseira direita. A roda arrebenta. O carro inclina e o eixo traseiro quebrado pende ao chão.

A berlinda inteira salta, girando no ar.

Na torção, o eixo que a prende aos cavalos arrebenta. Gonçalo é arremessado longe. Maria grita enquanto tudo gira e rodopia e capota. Vidros estouram. Érico é jogado contra o chão, rolando e rasgando as roupas e ralando braços e pernas. Os cavalos se perdem na noite, arrastando consigo as rodas dianteiras. Então vem o silêncio.



Abre os olhos. É noite ainda. Quando tempo se passou? Segundos, minutos, horas? Grunhe, e seu corpo inteiro dói. A primeira coisa que lhe ocorre é mover os pés. Sim, pode senti-los, é um alívio. Ainda que zozzo, escuta o galope se aproximar. O último cavaleiro desmonta, segurando o braço ferido. Veio verificar se está mesmo morto. Melhor não se mover ainda. Vê o homem se aproximando mais e mais. Tem ainda uma pistola à cinta, que sabe estar carregada. Puxa o cão da arma muito devagar, não quer que o barulho do engatilhar alerte o homem. Busca o polvorinho em seu bolso e tira dele três grãos. Move suas mãos lentamente, esperando que, no escuro, não perceba seus movimentos. O homem saca o sabre.

Érico dispara e o acerta no estômago. O cavaleiro abraça a própria barriga e cai de joelhos. Acaba ficando morto nessa posição, como um fiel rezando. Érico se levanta com cautela. O corpo todo dói. Talvez tenha quebrado uma costela, e o pé está torcido, mas não quebrado. A pele nos braços e nas pernas arde. A berlinda jaz virada de lado no meio da estrada, uma lanterna lateral ainda intacta, pendurada. Maria. Gonçalo. Eles eram sua responsabilidade. Não devia tê-los incluso nisso tudo, mas também não tinha noção do que iria encontrar. Fora ingênuo, fora descuidado, e agora seriam outros que pagariam por seu erro. O que quer que lhes tenha acontecido será sua culpa. No meio dos arbustos à margem da estrada, distingue uma casaca branca, um vulto que espana terra das mangas e das pernas e, quando vê Érico, vem correndo animado em sua direção e o abraça com força. Érico chora de dor, a pele esfolada dos braços ardendo como o inferno.

– Oh, me desculpe! – diz Gonçalo. – Meu Deus, você está bem? Você está tremendo.

– Vou ficar – grunhe Érico.

Os dois olham para a berlinda tombada e se entreolham. Pelas janelas de vidros quebrados, veem Maria sentada, imóvel. Cortara as mãos nos cacos de

vidro, e seu vestido está sujo de sangue. Quando a chamam, ela ergue o rosto, pálida e assustada. Gonçalo estica o braço tentando alcançá-la.

– Não adianta – ela choraminga. – O vestido não passa pelas janelas.

Gonçalo escala a berlinda virada e abre a portinhola por cima. Estica o braço para ela, e a iça para fora. Depois a ajuda a descer, fazendo com que pule em seus braços, e a põe no chão. Ao ver Érico, ela também tem o impulso de abraçá-lo, ao que ele recua apavorado.

– Temos que ir – diz Érico. – Virão mais a qualquer momento. Temos que ir. – E então balbucia consigo próprio uma série de palavras desconexas.

Maria e Gonçalo se entreolham.

– Você está bem? – ela pergunta.

– ... sair da estrada... – diz Érico. – ... temos que ir. Uma xícara de chá. Virão mais a qualquer momento. Sim, uma xícara de chá põe o mundo no lugar, vamos logo! Sair da estrada, temos que sair da estrada. Sim, eu estou bem, Maria. Eu estou perfeitamente bem, vamos.

Ela encara Gonçalo com um erguer de sobrelanceira, ele ergue os ombros em resposta.

– Você vai conseguir caminhar sem sapatos? – Gonçalo pergunta para Maria com delicadeza. – Eu posso te carregar, se for preciso. Você parece ser leve.

– Não, querido, obrigada, mas enquanto puder caminhar com minhas próprias pernas, pretendo fazê-lo. – E, mais baixinho, para que Érico não a escute: – Mas talvez *ele* precise de ajuda.

– Temos que sair da estrada! – grita Érico, já bem adiante no caminho.

– Querido, você está indo na direção de Islington! – ela avisa. – Londres é do outro lado!

Érico para. Olha um lado, olha o outro, e volta para eles, murmurando e falando sozinho.

Meia hora depois, já estão a uma boa distância avançando por um descampado, quando enxergam a luz de tochas na estrada, que parecem parar e se aglomerar no ponto onde a berlinda ficou, e depois se espalham para vários lados. Os três apressam o passo. O terreno que atravessam é irregular, cheio de pedras chatas e relva baixa. Alcançam uma plantação de milho, mas as folhas ainda estão muito baixas, não mais que meio metro de altura, insuficiente para ocultá-los. É noite de lua cheia, o que lhes dá uma boa visão do caminho a seguir, mas também pode beneficiar seus perseguidores. Em algum momento, Maria machuca o pé numa pedra, e começa a mancar, mas insiste que não quer ninguém a carregando. No meio da madrugada, encontram uma fazendola em cuja porta vão bater pedindo ajuda. São recebidos por uma família de quacres, pai viúvo e suas filhas. Os três contam que foram assaltados na estrada, que o coche virou e os bandidos ainda os perseguem. Pedem abrigo apenas até o sol raiar. O quacre lhes oferece pão e sopa quente, além de água limpa para que Érico lave as esfoladuras. Uma de suas filhas faz um unguento para queimaduras que lhe aplica nos braços. Fazem chá. Quando finalmente lhe entregam a xícara quente, Érico bebe um gole e fica imóvel, segurando a xícara com as duas mãos, sentindo o calor da porcelana. Suas mãos tremem. Fecha os olhos e, discreto, começa a chorar. Maria esboça a reação de confortá-lo, mas Gonçalo a detém com um toque no braço e um balançar de cabeça – é melhor deixarem-no quieto. Em pouco tempo, Érico adormece.



A claridade bate em seu rosto, e Érico acorda num sobressalto. Está numa cama, alguém lhe tirara as botas e o colocara ali. Escuta um galo cantar. O sol não nasceu ainda. Ergue-se e os braços ardem ao desencostarem-se dos lençóis. Calça as botas, deixadas ao lado da cama, e sai do quarto. Maria está sentada à mesa com as filhas do velho quacre, enquanto Gonçalo respira pesado,

adormecido numa poltrona. Uma das moças corta fatias de pão sobre a mesa. Dão bom-dia ao vê-lo entrar na sala, Érico responde. Observa Gonçalo adormecido.

– Ele ficou quase a noite toda do seu lado – diz Maria. – Você sabe que é uma espécie de herói para ele, não sabe? Ele fala de você como se contasse um romance de cavalaria.

– Hum. Ele só vai se decepcionar se pensar assim – resmunga Érico. – Precisamos ir.

Insistem em deixar algum dinheiro pela hospitalidade, mas os quacres não aceitam. A moça mais velha, que é leiteira, oferece-se para levá-los em sua carroça até próximo da igreja de Marybone, e eles aceitam a carona. Partem. Conforme avançam para sudoeste, banhados na luz do dia nascente, cruzam em frequência cada vez maior com outros passantes que, vestidos com tanta elegância quanto eles, parecem no aspecto tão perdidos e desolados quanto. Um jovem confuso e atordoado, peruca torta, roupas desalinhadas; uma mulher com vestido que à noite poderia se passar por belíssimo, mas que sob o sol da manhã se revela velho e puído. Gente de todos os sexos e classes a vagar, como que tendo sobrevivido ao fim do mundo, mantém a fleugma e tranquilidade em seu pós-apocalipse particular. Os três descobrem, com alívio, que o mundo exterior não se acabou, mas que estão nas proximidades dos jardins públicos de Marybone. A moça leiteira lhes explica que aqueles a vagar por ali são os sobreviventes das folias da noite anterior que, entre sóbrios e ébrios, tentam reencontrar o caminho para casa. Ocorre aos três que é uma boa oportunidade para se tornarem anônimos. Descem da carroça misturando-se em meio ao povo, e se despedem.

Passando os muros dos jardins públicos, seguem em direção sul. Notam que um homem a cavalo, a todo galope, vem na direção deles. Os três se entreolham com um receio mútuo, se aglomeram à beira da estrada e veem o

homem, um soldado de casaca vermelha, passar por eles como se levando notícias urgentes, sem dar-lhes atenção. Pouco depois, os sinos da capela Oxford começam a tocar. Logo mais, como que em resposta, escutam distante atrás deles também o sino da igreja de St. Mary le Bone e, para além, o coro de todas as igrejas e capelas de Londres e Westminster se somam. O que vem a ser isso? É incomum que as missas se realizem todas no mesmo horário.

Os três entram em Westminster caminhando por Wellbeck Street, onde janelas vão se abrindo nas casas e nos prédios, e pessoas saem às ruas nervosas. O coro de sinos perdura.

– Mas o que está acontecendo? – pergunta Gonçalo.

Maria sente as pernas fraquejarem de pavor, e se apoia em Gonçalo.

– Não... será outro terramoto?

Mas não é um terramoto. Na esquina com a rua Henrietta, um garotinho sai de casa, senta-se nos degraus, abraça os joelhos e começa a chorar desconsolado. Érico se aproxima e pergunta o que está acontecendo. Em meio às lágrimas, o garoto berra:

“O rei está morto, senhor! O rei está morto!”

## INTERMEZZO II

*And as hard as they would try  
They'd hurt to make you cry  
But you never cried to them  
Just to your soul  
No, your never cried to them  
Just to your soul*

Bronski Beat, *Smalltown Boy*

ANOS. *Os filhos dos pescadores o ensinaram a nadar e a não temer o mar, a fazer armadilhas no mato, a brigar e a trepar em árvores; livres e soltos a correr nas areias da praia e nos matos do morro, naturais e instintivos, garotos selvagens. Mas ele cresceu para fazer pão; os outros, para trazerem peixes. Pães e peixes. Cresceram. Corpos nus e dourados ao sol. O frescor do mar. Vamos ali ao mato passarinhar, disse um, a tomá-lo pela mão. Vamos que tenho algo para te mostrar e tocar e apalpar e intumescer na molície inocente dos jovens. Céu e sol, vento nas folhas, folhas na relva; banhados no calor e no suor, refrescados no sopro do vento, inebriados nos prazeres recém-descobertos tocando um no outro, um para o outro, repetindo e repetindo na beira da lagoa, na mata, ocultos em silêncio baloiçando em redes nas tardes modorrentas.*

DIAS. *O outro era grumete num navio de passagem, três anos mais velho, mal falava português. Mas se entendiam bem. Garante: não há mulheres nos navios, lá um enraba o outro. Na primeira vez dói, é como ser atravessado pelo cabo duma*

vassoura. Pede para tirar e espera a dor passar. Retoma a coragem: agora vai. Está mais tranquilo e relaxado. O outro é metido a durão, tendões retesados e sinceridade simplória, pede-lhe que aperte mais e ele obedece, está quase lá, quase lá e lá chega e o inunda. Num primeiro momento não quis admitir o quanto gostara, no dia seguinte já anseia por mais. Discretos e ocultos, arfadas curtas para não atrair atenções, uma última vez antes da partida – quando então a porta é escancarada. O dono do armazém protesta, indignado: pecado! O grumete recolhe a calça e foge para nunca mais voltar. Quanto a ele, não tem para onde fugir.

HORAS. Na sala da igreja, o Visitador do Santo Ofício mostra a Bíblia e fala do inferno, da culpa e do pecado nefando, cujo nome não deve ser dito, pois mesmo pronunciá-lo suja a boca de quem o fala e polui os ouvidos de quem o escuta. Você foi agente ou paciente? Ele cumpriu? Você cumpriu? Os detalhes são importantes, pois aquele que mete seu membro desonesto no vaso traseiro do outro comete uma sodomia imperfeita, que pode ser perdoada, ao passo que aquele que cumpre e lança sua semente no outro comete uma sodomia perfeita, passível de açoites no pelourinho, de degredo, até de fogueira. A depender da gravidade, de seu arrependimento e de sua pouca idade, a pena pode variar. Confesse e saberemos. Do outro, o diabo cuidará de sua alma, mas se você confessar, há a chance de salvação. Ele confessa. A sentença segue o costume: é lida na praça da vila, na frente de todos.

SEMANAS. Os garotos o evitam. As velhas cochicham. As costas ainda ardem, laceradas por trinta chibatadas aplicadas com fúria por seu pai. O Visitador fez vista grossa, cedeu aos apelos do pároco local, foi benevolente: permitiu que os açoites fossem feitos em particular. Seu pai, tomado de fúria, se encarregou de aplicá-las na frente da família, os gritos sendo escutados por toda a vizinhança, a raiva violenta da mão paterna ardendo mais que o chicote em si. Numa cidade pequena, todos sabem. É quando encontra um homem do mundo, que lhe diz: os desejos são impulsos naturais à condição humana, se os sufocar, deixarás de ser humano. O mundo é grande e cheio de possibilidades, as pessoas assumem riscos e

*mudam conforme seus espíritos desejam; vá embora e não olhe para trás, pois o crime de Sodoma não foi outro senão o da inospitalidade: deixe que queimem, deixe que virem estátuas de sal.*

*MESES. No navio em alto-mar, rumo a outros mundos. Não olha para trás, lágrimas nos olhos, não se despediu sequer da mãe, pois se o fizesse, não conseguiria partir. Deixara somente uma carta. Escreverá outras, que sabe que não serão respondidas. Está morto para eles, mas eles não estarão mortos para si. O mundo é cruel, lhe dizem. Não, o mundo é indiferente, são as pessoas que decidem serem ou não cruéis. Cada um deve cuidar de sua alma, e apenas o covarde delega tal cuidado ao mundo. Ele responderá por si, decidido que está a não permitir que outros lhe ditem mais as regras. E se isso o levar ao seu fim, que assim seja. Pois o que é certo é certo, e quando seu dia chegar, poderá dizer que fez sua escolha: escolheu não ser o que outros lhe impuseram, escolheu seguir sua natureza. Nada que nasce do amor pode ser impuro, pois sabe que não há corrupção no amor. E Ele é amor.*

*Agora sabe que nunca estará sozinho.*

TERCEIRO ATO  
AÇÃO INIMIGA



## UM INVERNO DE DESCONTENTO

**N**eva. Não é a neve densa que gostaria de ver, e sim um chuvisco flocado, que mal se sente ao cair no corpo. Gosta de caminhar no frio, vestir aquelas roupas, sentir-se importante e dramático ao andar pelas ruas com a capa negra nos ombros, chapéu, luvas, os trajes elegantes com que Érico o presenteava na esperança de animá-lo. Caminham lado a lado pela rua Oxford, entrando à direita na Wardour e passando pelos restos de um dos inúmeros bonecos de palha de Guido Fawkes que os ingleses queimaram três semanas antes, na sua tradicional Noite da Fogueira. Embora Érico tenha lhe explicado o sentido daquela tradição, Gonçalo criara um significado próprio e particular: era sua antiga vida que fora queimada em efígie, que deixara de existir para dar lugar à outra, com Érico ao seu lado. E nisso Érico lhe é excepcional. Gonçalo não consegue imaginar, até assusta-se em pensar nisso, pensar que poderia ter passado por tudo aquilo sem tê-lo consigo. Se houvesse recebido aquela carta apenas um mês antes, talvez tivesse subido ao topo do Monumento e pulado. É curioso, portanto, que Érico tenha lhe confessado que, antes de desembarcar na cidade, cogitou se atirar no rio – no fundo, ambos compartilhavam de um mesmo senso fatalista. Por mais que sintam saudades de sua terra natal, dos cheiros, dos sabores e das pessoas, foi somente ao tomarem dela a distância de um oceano que esta lhes permitiu a felicidade.

O ar gelado entra em seus pulmões e o revigora. Apesar de tudo o que aquela carta lhe provocou, já se sente num humor bom, capaz de encarar o

prospecto de seu futuro com otimismo. Quando chegam à padaria onde trabalhava até poucos dias antes, respira fundo e rememora as palavras decoradas em inglês, para comunicar sua demissão.

– Não vou me demorar – diz Gonçalo a Érico. – Me espere aqui fora, está bem?

Érico sorri e assente. Vê Gonçalo desaparecer detrás da porta e volta sua atenção para a rua, para os que passam, para a nuvem que sua respiração deixa no ar à sua frente. Por mais que aquela carta tenha feito Gonçalo sofrer, suas consequências talvez sejam positivas, pois finalmente o libertarão do passado. A mensagem sucinta vinha em nome de uma das irmãs, o que causou dois estranhamentos: por ser a primeira resposta que recebia do Brasil em todos esses anos, embora tomasse o cuidado de enviar-lhes seus endereços toda vez que se estabelecia num novo lugar, e pelo fato de que suas irmãs mal sabiam ler e escrever – “a leitura desvirtua a mulher”, dizia o pai, que as proibira de ler. Logo compreenderam que era redigida pela mão de frei Caetano, pároco de Laguna, às escondidas de seu pai que, considerando o filho já morto, julgava irrelevante comunicá-lo do falecimento da mãe. O choque foi grande. Naqueles quatro anos desde que fugira, Gonçalo acostumara-se a rezar por ela toda noite, escrevera regularmente sem nunca saber se recebia suas cartas. Agora descobria que se as primeiras cartas foram rasgadas por seu pai tão cedo chegavam, as seguintes sua mãe recebia escondidas, depois as levando a frei Caetano para que as lesse para ela e as filhas. Gonçalo descobrira que sua mãe tinha tanto apego por aquelas cartas que suas irmãs, às escondidas, colocaram todas junto dela no caixão, para que levasse uma lembrança do filho consigo. Se nunca enviara uma resposta, fora somente pela obediência ao marido, que a proibira de tal. Dizia-se na vila que seu coração estourou por não suportar dividir-se entre o dever ao marido e o amor ao filho. Estava enterrada agora no cemitério atrás da igreja matriz.

Gonçalo sai da padaria cabisbaixo e quase choroso. Debaixo do braço, traz um pacote grande, embrulhado em papel e amarrado com barbante.

– Tudo bem? – pergunta Érico.

– Sim, sim. Eu... – Ele dá uma fungada. – Eu gostava bastante de trabalhar aqui, só isso. Fazer pão, essas coisas. Mas acabou. Tudo acaba um dia, não? É hora de seguir em frente. – Ele passa as costas da mão no canto dos olhos. – Hum, desculpe. Eu sou muito dramático, né?

Érico sorri para confortá-lo e Gonçalo avança um passo como se fazendo menção de abraçá-lo, mas há passantes na rua e os dois hesitam. Tudo de que precisa nesse momento é de um abraço, mas sabe que é perigoso demais. Pondo-se lado a lado, seguem seu caminho. Se dependesse de Érico, teria comprado aquela padaria, mas Gonçalo precisa de um tempo ainda para encontrar a si próprio. De todo modo, saber que há alguém que precise dele e saber-se capaz de dar-lhe este apoio fazem com que Érico se sinta mais digno e completo – a segurança e autoconfiança, tão bem fingidas em público, agora finalmente têm um lastro real. E após tudo o que já passaram juntos em tão pouco tempo, a seu ver aquele dinheiro ganho em sua “honesta trapaça” é tanto seu quanto dele. Dez mil libras equivalem a trinta e cinco milhões de réis. Trinta e cinco contos! Estão agora tão ricos como um senhor de engenho brasileiro, ou como um negociante português de grosso trato; estão burgueses. Sendo mais dinheiro do que convinha guardar debaixo do colchão, abriu para si uma conta-corrente no Banco da Inglaterra, o que lhe permitiria ter acesso ao montante sempre que o quisesse; porém não lhe rendia juros, e por isso investiu em ações sob custódia do banco, alguns em seu nome e outros no de Gonçalo, que requeriria sua presença semestral para receber os dividendos – em outras palavras, assumiu um compromisso a longo prazo com a cidade. Antes mesmo disso, ao trocar as promissórias do conde com seus devedores, espalhou sua rede de contatos por toda Londres. David Garrick, o herói particular de

Érico, lhes reservará um camarote no Teatro de Sua Majestade sempre que quiserem; Thomas Twinnings conseguiu com seu pai duas caixas de seu *souchong* com baunilha favorito, recém-chegadas da China; Teresa Cornelys os incluíra na lista de convidados de todos os bailes, saraus e mascaradas dos próximos meses; já Ignácio Sancho ofereceu o que tinha de melhor: fofocas, informações e contatos da intelectualidade britânica. Os demais condes e membros do Parlamento lhe enviaram convites para ceias e garrafas do melhor champanhe contrabandeado, de tal modo que tem a agenda e a adega cheias por toda a “temporada” – assim os ingleses chamavam aquele período, entre o Natal e meados de julho, quando a aristocracia do campo vinha a Londres numa sucessão sem fim de jantares, saraus e convescotes. Uma perspectiva deliciosa tendo Gonçalo ao seu lado; e útil para distraí-lo de seus acessos de melancolia. Restava uma única questão: como justificar sua companhia? Era o que Gonçalo se perguntava agora, enquanto caminhavam de volta à rua Oxford.

– Pensaremos em algo – diz Érico. – Há tantos arranjos assim em cada capital, que basta mantermos a discrição em público e nos deixarão em paz. Podemos dizer que você é meu valete.

– Sei. Junto da criadagem, onde é o meu lugar. – Estava num humor delicado.

– Gon, você sabe muito bem que não foi o que eu quis dizer...

– Sim, eu sei. Desculpa. – Gonçalo não se sente à vontade naqueles ambientes, e Érico sabe disso. – Esse não é o meu mundo. O que dirá às pessoas?

– Que você é meu sócio, então – justifica Érico. – Encare como uma questão inevitável: em breve, você terá o seu próprio negócio. Com os contatos que temos, quem sabe? Você pode começar a fornecer doces para as melhores casas dessa cidade.

– Você não entende como as coisas são aqui. As classes não se misturam. Mesmo que eu sirva ao rei, ainda assim me verão como um criado. E mesmo que seja assim... – Ele fica emburrado. – Você sempre quer acelerar as coisas... eu não sei se estou pronto para isso.

– Querido, você faz pães e bolos desde criança, isso é mais tempo que qualquer aprendiz.

– Não, você iria jogar seu dinheiro fora comigo. Eu não estou pronto.

Érico ergue as mãos em garra no ar e grunhe, irritado.

– Céus, você consegue ser cabeça-dura e orgulhoso até quando é humilde!

– E você é pretensioso e arrogante até quando é bem-intencionado! – revida Gonçalo.

Os dois param e se encaram, muito sérios, irritados um com o outro. Logo a irritação parece se tornar um jogo do sério, rompido quando Gonçalo lhe mostra a língua e Érico sorri. Aquelas molecagens são das coisas que faz com que o ame.

– Érico, está tudo bem se eu não for com você, agora?

– Mas eles já devem estar nos esperando...

– Eu sei. – Ele revira os olhos. – Mas iremos jantar com eles no final da semana, não? Até lá eu melhoro, prometo. Não queria rever ninguém do Brasil, não agora.

Gonçalo lhe entrega o embrulho.

– Apenas entregue isso para ele e diga que fui eu quem mandou. Ele vai entender. E tome cuidado. Você não devia estar andando por aí sozinho.

– Em Londres estou seguro, não se preocupe – tranquiliza Érico. – Sei me virar sozinho.

– Ainda acho um absurdo o conde estar à solta por aí, como se nada tivesse acontecido. Bem, até logo. E Érico... – Gonçalo olha em volta, cauteloso,

avaliando pelas pessoas ao redor o real risco de dizer o que pretende dizer. – Eu te amo.

– Seu caipirão – diz Érico, sorrindo. – Eu também.

Gonçalo volta para casa, e Érico segue seu caminho pela rua Oxford, em direção à Soho Square. Numa coisa Gonçalo tem razão: é uma situação absurda, tanto quanto incontornável. Fazer uma queixa formal é inútil, os espanhóis retribuirão na mesma moeda, e acabarão os dois, Érico e Bolsonaro, sendo chamados de volta aos seus países. O jogo se encerraria, e ninguém quer parar de jogar. Além disso, como Martinho de Melo e Castro bem os lembrou naquela manhã fatídica em que os três chegaram à embaixada, exaustos e aos farrapos, não há nada que possa ser provado. A versão oficial, em que lorde Strutweel fingiu acreditar, dava conta de terem sido assaltados na estrada. Um artigo no jornal noticiou dezessete corpos encontrados no Tâmis, vítimas prováveis, segundo o governo, de um naufrágio noturno, notícia que se perdera em meio à comoção pela morte de Jorge II. Na primeira oportunidade, Érico escreveu para Portugal. Um mês depois, e a resposta do conde de Oeiras foi surpreendente: sua missão não era mais prioridade, deveria aguardar novas instruções. Pois que os espanhóis quisessem invadir o Brasil não era nenhuma surpresa, era assim desde o Descobrimento; já as conspirações internas dos ingleses não lhes interessavam. O fato era que o segundo Jorge morrera, e o terceiro já estava em seu lugar. Um novo rei significa novos ministros, uma nova política, e é preciso sondar o terreno antes de dar o próximo passo. Um novo Pacto de Família é iminente, e Portugal não tendo exércitos com que se defender, a dependência dos ingleses é questão de sobrevivência. De todo modo, não se invadem países com livros. Ao menos, não o Brasil.

Havia algo mais nas entrelinhas da carta do conde de Oeiras: Érico teve impressão de que, agora que *Fanny Hill* não mais constava dentre as obras a

serem contrabandeadas, havia desinteresse pelo assunto. Érico ficou intrigado, motivo pelo qual mais uma vez busca agora o auxílio do Milanês.

Está sendo seguido. Ajusta o pacote debaixo do braço, o chuvisco flocado se torna um pouco mais forte, uma espécie de chuva granizada que cai sem força e logo para, quando se aproxima da esquina com a estrada de Tottenham Court. Olha para trás. Não, talvez seja somente sua imaginação. Atravessa a rua, entra à esquerda em Tottenham Court e dobra imediatamente à direita, na Great Russel, o bolso da casaca pesando com o seu exemplar de “catecismos”. Na rua, um moleque anuncia a venda de algum novo panfleto sectário. Érico compra um. O sujeito continua andando atrás dele. Na esquina de Great Russel com a rua Queen, entra numa taverna, o Cão & Pato, e finge ler o panfleto – um texto político raivoso, sobre a condução da guerra pelo governo, mas nada que o interesse. Pelas janelas, vê que o sujeito que vinha logo atrás de si passa reto sem nem mesmo notá-lo. Érico pensa na própria morte com certa frequência, e às vezes se pergunta se isso o faz mórbido, ou se é assim com todos. Será que reis pensam na sua própria morte? Olha para fora. Apesar da neve, é um dia de céu cinza-claro e iluminado, e seu pensamento divaga acerca de como morrem os reis.

Ao que constava oficialmente, Jorge II da Inglaterra acordara cedo na manhã do dia vinte e cinco de outubro, às seis, como sua natureza metódica fazia em todas as suas manhãs, bebeu seu chocolate e, no caminho até a privada para urinar, tombou morto. A autópsia do Corpo Real descobrira seu pericárdio distendido com quase um quartilho de sangue coagulado, e o coração tão comprimido que impedia qualquer gota de suas veias de ser lançada aos átrios, quiçá de chegarem aos ventrículos. Na parede da aorta, foi encontrado um rasgão transversal no lado interno por onde uma boa quantidade de sangue vazou para as paredes, criando uma equimose. Ninguém sabia o que podia provocar tal rompimento, mas rei morto, rei posto. Jorge II

não fora um rei particularmente querido por seu povo, uma vez que nem sequer falava inglês. Ao longo de seu reinado, passara mais tempo em Hanover que na Inglaterra, o que lhe rendera a acusação, da parte do povo, de se preocupar mais com assuntos hanoverianos do que ingleses. Quem assumiria a coroa, agora, era seu neto, o rapazola que Érico conhecera na ópera, apenas um ano mais velho do que ele próprio. Finalmente, os ingleses contariam com um monarca que poderiam interpelar em sua própria língua.

Olha para fora outra vez. Hora de seguir seu caminho. Está seguro em Londres – ele era “o bom barão português” que salvara a sociedade londrina das trapanças de um estrangeiro. Contar com a simpatia da cidade pesa a seu favor, mas de todo modo tem uma lâmina oculta no seu bastão de caminhada e não será pego desprevenido. Sai da taverna e atravessa a rua, percorrendo a extensão do alto muro frontal que guarda a propriedade de Montagu House, até chegar ao pórtico de pedra, onde um porteiro lhe bloqueia a passagem. Por cima de seu ombro, é possível ter um vislumbre do pátio interno e da fachada daquela mansão seiscentista de três pisos, que guarda a coleção particular de sir Hans Sloane. Embora gerações posteriores lhe serão gratas *ad eternum* pelo momento em que, movido por uma inspiração iluminada, propôs a substituição da água pelo leite na xícara da bebida da moda, criando assim o que se convencionou chamar de *chocolate ao leite*; para os londrinos será mais lembrado pelas coleções de manuscritos, livros, desenhos, moedas, medalhas, joias, fauna e flora adquiridas ao longo de uma vida e que, agora aos cuidados do governo, compõem o acervo do primeiro museu público do mundo, inaugurado no ano anterior: o Museu Britânico.

Atravessa o pátio, entra no hall de recepção e interpela um guia que está a falar do museu para um grupo de visitantes. Érico o chama à parte, explica que não está ali a passeio, mas que os irmãos Abravanel o aguardam. O guia acena e chama um funcionário. Sobem os degraus de uma grande escadaria de dois

lanços e três patamares, em cujo topo, a observá-lo com um olhar solene e empalhado, há três exemplares d'um animal exótico e impossível: malhados como onça, pescoços longos como a lhama, porém compridos como nunca vira até então; as cabeças como a do cavalo, mas com duas protuberâncias que lembram os chifres de um cervo jovem. Érico fica maravilhado: na América, vira animais fantásticos e imprevistos, e a cada nova criatura descoberta, os antigos bestiários de animais fantásticos vão sendo atualizados. Ouvira falar dos unicórnios da África, mais brutos e grosseiros do que as elegantes descrições medievais previram; lera sobre galos basiliscos no Egito, mas nunca soube de criatura tão majestática quanto aquelas três que se mostram à sua frente, altivas. Uma plaquinha aos pés dos três gigantes empalhados traz o nome da espécie, pela nova nomenclatura proposta recentemente por Linnaeus: *cervus camelopardis*. Mas as modas são ditadas pela Itália, e estas determinaram chamar-lhes de *giraffas*. Que tempos para se viver!

O funcionário o chama. Passam ao vestíbulo, onde uma múmia egípcia está exposta, atravessam o salão de antiguidades e entram noutra onde se guarda uma das muitas coleções de manuscritos do museu. Mas a sala está vazia exceto por outro guia que os alerta: “Os irmãos Abravanel? Céus, cansaram-se de discutir um com o outro aqui em cima, e foram discutir lá embaixo, nas salas da Biblioteca Real. São como crianças, é insuportável!” Seguem caminho por uma sucessão de salas – minerais e fósseis aqui, dezenas de insetos espetados em alfinetes noutra, uma sequência mórbida de animais em vidros de destilados, uma coleção de curiosidades artificiais das ilhas do Pacífico –, descem por uma escadaria auxiliar de volta ao piso térreo, até finalmente entrarem no par de salões contíguos que abrigam a Biblioteca Real.

Nas paredes estão os doze mil volumes de obras coletadas pelos reis ingleses desde Henrique VIII. No primeiro salão, o único ocupante é um velho encurvado, peruca branca e óculos. A porta divisória é mantida aberta, e do

outro salão ecoam as vozes familiares do Milanês e seu irmão. Érico dispensa o guia e entra. Ali encontra o livreiro como na primeira vez, distraído sobre uma escadinha de madeira, a retirar da estante livros que alcança para um diligente funcionário do museu, em cujos braços a pilha se acumula a tapar-lhe o rosto. Tudo isso é feito sob a supervisão atenta de seu irmão, de pé ao lado dos dois. É um sujeito imenso, muito alto e muito forte. A aparência viril é suavizada, naturalmente, pela extrema elegância de sua casaca cor de café, e pela peruca de cachos castanhos que lhe cai pelos ombros. O rosto barbeado deixa evidente, para seu contragosto, a semelhança com seu irmão mais velho. Os óculos possuem lentes muito escuras, quase negras, que ocultam seus olhos, e tem nas mãos um bastão de caminhada cujo castão de prata tem a forma da cabeça de um cavalo andaluz. Os dois irmãos discutem animados naquele dialeto ladino familiar aos sefarditas, impossível dizer se concordam ou discordam ou se brigam, pois falam rápido e retrucam mais rápido ainda. Érico pigarreja para chamar-lhes a atenção. O grandalhão se vira e sorri.

Ali está, finalmente, o homem que lhe dará algumas respostas. E, modéstia à parte, este homem sou eu.

## ELEGÂNCIAS EXCEPCIONAIS

S uponho que, antes de tudo, devo me introduzir, mas aqueles que me conhecem sabem que sou afeito a tais formalidades, e convenhamos que de introduções esta história não se fez de rogada. De todo modo, como já dito antes, esta trama não é sobre mim, aqui estou apenas de passagem, portanto de tal me abstenho. Érico pigarreia: me viro e sorrio, abro os braços e o chamo pelo apelido com que costumava provocá-lo: – Ó Chaleiro! Derrabando muitos rabos, fanchão peralvilho?

– Não me diga judiarias, seu marrano marrento – diz-me Érico, que olha de mim para meu irmão e pergunta: – Espero não estar interrompendo uma reunião de família.

Ao que respondo: – Sim, estamos no encontro anual da Sociedade dos Sem-Prepúcio. Deixa o teu na entrada se quiser participar; que de bônus ganhará um belo e sedutor nariz como este aqui.

– Hum, melhor não. Gosto de minhas extremidades no tamanho em que já estão.

Digo que a perda é sua, pois já sabe o vulgo que quanto maior o nariz, maior o...

“Silêncio!”, protesta o velho da sala ao lado. Nos abraçamos, tapas nas costas. Érico crê ter-me visto no baile de Beckford; sim, estava lá, mas fico irreconhecível sem minha bela barba, não fico? Cá em Londres, meu velho pai sempre dizia: para um ladino fazer sucesso há que estar bem barbeado, ou nos

confundem com estes asquenazes pobretanas que vendem roupa usada nas ruas. Mas é sempre bom ver um rosto amigo quando se está em viagem. O caga-regras que atende pela alcunha de Milanês – juram meus pais que é meu irmão, ainda que na infância tenha tentado me convencer de que fui adotado (mas nossa irmã diria que somos ambos de chocadeira) – desce da escadinha. Mano, digo-lhe eu, este é amigo meu da maior confiança, espero que o tenha tratado bem.

– Com toda a civilidade possível – garante-me ele.

Pergunto a Érico se já a conheceu: o orgulho da família, a joia da coroa de nossas ambições, nossa pequena livraria. Passei minha juventude entre aquelas prateleiras: Shaken & Speared – a chamava Shake my Spear, rá-rá. Mas, espere, se meu irmão está aqui, quem cuida da loja?

– Como assim, “quem”? – o Milanês murmura indignado. – Esqueceste do teu sobrinho. Deixei o meu menino lá.

Ah, sim, claro. Volto-me para Érico e explico: sou tio, sabia? Tanto tempo que não via o moleque, da última vez era uma coisinha de nada, esqueço como crescem rápido estas pragas. É incrível, numa hora só o que sabem fazer é cagar e chorar, passa-se um par de anos e já estão crescidos e já te olham como se soubessem algo da vida e pudessem te julgar. Pergunto ao mano: ele já está na idade de correr atrás das meninas, não está? Ou dos meninos, sejamos modernos! Dou um afetuoso tapa no ombro de Érico e gargalho, talvez o tenha feito com um pouco de força em excesso pois nunca calculo bem essas coisas, e ele grunhe. Érico enrubescer com minha indiscrição e olha preocupado para o Milanês. Não te preocupes, digo-lhe: meu irmão, caga-regras como ele só, é um homem de visão moderna, e não se incomoda em aceitar o mundo do modo como é.

– Não me incomodo com o quê? – o Milanês, desatento como de costume. Com o nosso amigo aqui, explico, que navega à barlavento.

– A barla... oh, compreendo. Ora, não fazia ideia.

O velho na outra sala chia, pedindo silêncio outra vez.

– E o que vocês dois fazem aqui? – pergunta Érico.

Aponto-lhe aquela imensidão de livros, doados ao museu pelo falecido rei Jorge II, junto com o direito de receber uma cópia de tudo o que se publica anualmente no Reino Unido. Ali meu irmão e eu pesquisamos, abrindo sobre a mesa diversas edições do *The Critical Review*, que resenha tudo o que é editado na cidade ano a ano. Meu irmão prospecta autores e temas em voga, coisas que podem lhe interessar em futuras permutas, já eu o acompanho por que estou à toa na cidade até o final do mês, por motivos que não vêm ao caso, e cá estou sem ter coisa melhor a fazer. Mas... me fale de você, Érico, sempre tão anglófilo, o que está achando agora de *la nisa Londra*?

– De tudo um pouco. Os dias foram agitados... – ele desconversa, me entregando um embrulho. Desato o barbante e tiro dali um saco de pano com duas libras de amêndoas confeitadas, que estalam umas contra as outras como gudes. – Um presente de Gonçalo.

Gonçalo... o nome me é familiar. Gonçalo de quê? Eu o conheço? Érico garante que sim: no Brasil, Laguna, ao que consta eu o ajudei num incidente do passado. Mas já conheci tanta gente nestas minhas viagens que às vezes a memória me trai. Gonçalo Picão, o filho do padeiro de Laguna. Ah, sim: ora, que o mundo é mesmo pequeno! Não importa agora, pois isso é outra história, apenas fico feliz pelo garoto. Esgarço a boca do saco de pano e seleciono duas amêndoas, brancas e lustrosas como porcelana, que levo à boca. Insisto que Érico fale mais de si: fiquei sabendo que é um elitista até mesmo nas inimizades.

– Fale baixo – censura-me o mano. – Não estás num palco.

Érico empurra à minha frente aquele encadernado carmesim com o falso título de *Catecismos*. Abro o livro, que o leitor agora já bem sabe ser o exemplar

de *Fanny Hill*, mas que na ocasião me causa surpresa. Que boa lembrança me traz de meus doze anos! Mas... divago. Voltemos à situação. Érico me apresenta também àqueles panfletos sectários que surgem de tempos em tempos, todos com as mesmas características: Baskerville, R.O.G., ilha dos Cães, os nomes falsos, e o ódio indiscriminado do autor a praticamente tudo o que, se supõe, não seja reflexo dele próprio: mulheres, negros, judeus, fanchonos, pobres. Ponho o livro lado a lado com os panfletos: incitação de um lado, condenação do outro, ele crê criar demandas, para depois condená-las?

– Me pergunto qual será a lógica – sussurra Érico. – O que ele planeja com isso?

– Meu caro, se quer saber – diz-lhe o Milanês – estes loucos são como pássaros presos em gaiolas com a porta aberta. Por não saberem o que há do lado de fora, ficam a grasnar horrores reais e imaginários de um mundo que desconhecem exceto por pálidos relances, e logo passam a crer que aqueles que estão livres do lado de fora são os responsáveis por sua incapacidade de abandonar a própria prisão. Mas, em verdade, tal é o medo que têm de assumirem a própria ignorância e desconhecimento, que vociferam contra todos aqueles que os fazem lembrar de que a porta continua lá, aberta. Alguns até mesmo matariam para não admitir isso.

– Então ele pode ser naturalmente doido, e não propositalmente doido? – sugere Érico e acrescenta murmurando: – Não há método ou objetivos em sua loucura? Não preciso me preocupar?

Naturalmente que discordo de meu irmão, e digo a Érico que meu mano, no conforto de sua casa, crê que se esperar sentado por tempo o bastante, os loucos serão esquecidos e a mudança virá sozinha. Vou lhe contar sobre como eram as coisas quando nossa família se fixou aqui. Pois dos reinos que conheci, este é dos mais tolerantes, e mesmo assim nossa estadia nunca foi tranquila.

Lembra, mano, daquela louca que atacou o pai no meio da rua, a esfregar um pedaço de carne de porco no rosto dele?

– E o pai até gostava de porco – lembra o Milanês, saudoso da memória do velho.

Pois nessa época, enquanto o queridinho do papai ali assumia sua posição respeitável como aprendiz de livreiro, eu fui trabalhar na fruteira do sr. Da Costa, um primo da nossa mãe...

– Foi porque quis, ninguém te obrigou – intromete-se o meu irmão.

Como se o drama que a mãe fazia não fosse o bastante.

– Como se a mãe não fizesse drama por tudo o que te envolvesse, não é? – retruca meu irmão, que logo parte a me provocar: – O doentinho da mamãe. Ela sempre mimou você.

Falou o ateuzinho revoltado da mesa de jantar.

– Espere um pouco – interrompe-me Érico. – E desde quando *você* é religioso?

Eu? Eu sinceramente nunca me preocupei com a questão. Tenho certeza de que, qualquer que seja minha opinião a respeito, não irá alterar a ordem do mundo. Com um pouco de boa vontade, pode-se provar a existência ou ausência de qualquer coisa, mais pela falta de respostas concretas do que por seu excesso. Terá o mundo surgido do ventre de Gaia, como acreditavam os gregos; de cada parte do corpo do gigante Ymir como diziam os antigos nórdicos; ou da palavra de Javé, como crê meu povo? Os hindus sustentam que o universo nunca teve um começo, consistindo de um fluxo contínuo, infinito e eterno, pois Vishnu, protetor de toda a criação, dorme no oceano formado pela serpente Sheshnaga; há tantos deuses quanto povos, e há o Deus único, porém distinto de outros deuses únicos, para cada um que assim o crê. Que apenas uma dentre tantas concepções seja a correta, em detrimento das demais, é impossível: ou todas as crenças são falsas (como crê meu irmão), ou todas são

verdadeiras. Mas se há algo em que creio, é que se a afirmação de uma verdade está situada para além da razão, então não vejo por que considerar seriamente qualquer uma. Não que eu descarte também a possibilidade de estar errado, é claro. Essa é a diferença principal entre mim e meu irmão: ele continua sendo um ponto de exclamação; eu serei sempre um ponto de interrogação. Isso, e o fato de que nosso pai sempre o preferiu.

– Eu dei motivos para ele se orgulhar – protesta ele, mordendo a isca. – Ao invés de ficar vadiando e arrumando encrenca com todas as meninas do bairro. Tal não nego, tampouco lamento.

Ora, digo-lhe que tem é inveja de minha liberdade. E porque tive mais mulheres que ele.

– Você teve? O que foi que você teve? Família é que não foi. Um emprego respeitável é que não foi. Você não construiu nada, mano, e não se pode ter inveja de nada.

Ora, cale a boca.

– Vem calar.

Minha mão nessa tua cara vai calar.

– Meu pé na tua bunda, é o que vais receber.

*A la puta que te parió.*

*– És tú madre también.*

Érico pigarreia. Retomo minha história. Pois eu trabalhava na fruteira do sr. Da Costa, e o fato é que os garotos da vizinhança viviam o importunando. Roubavam-lhe as laranjas, gritavam “assassino de bebês”, “bebedores de sangue” e toda essa sorte de impropérios a que os portugueses chamam de “judiarias”. Entenda-se: fui uma criança adoentada, passei metade da infância na cama. Tudo o que eu fazia era ler, enquanto meu pai precisou baixar a cabeça para todos os desaforos que o mundo lhe fez. À época dos meus treze

anos, já estava bem grandinho para a minha idade, bem saudável também, e farto disso tudo. E sabe o que eu fiz?

– Passou a revidar? – sugere Érico.

Sim, passei a revidar. Batia nos outros moleques, sem dó nem pena. Eu já estava ficando grande assim, já era mais alto que o meu irmão. Era forte e rápido, corria atrás daqueles pirralhos imbecis e arrebentava seus dentes a socos. E assim, pararam de nos importunar. O “terror dos gentios”, era como me chamava o sr. Da Costa.

– Está vivo ainda, sabia? – interrompe meu irmão. – A filha casou com um dos Mendoza.

E garanto que não casou virgem. Mas enfim: aos dezesseis anos, entrei nas competições de pugilismo de Londres, onde ganhei minha alcunha mais conhecida. E, modéstia à parte, eu era imbatível. Se não tivesse ido parar no Brasil, teria ficado aqui e aberto uma escola, sabe? Ensinar os meninos a revidarem. Uma academia. Como a de Platão. Filosofia e pugilismo, que acha? Se Hobbes e Locke saíssem no tapa, quem venceria? De todo modo, a meu ver é assim que se conquista respeito: fazendo o agressor temer a retaliação, fazer com que tema virar alvo do mesmo tipo de agressão que tanto se animou em praticar. Me parece uma realidade triste que a boa vontade que une uma sociedade só funciona com o poder de coerção da força.

– Mas esta é a mesma lógica que move a guerra! – exaspera-se o Milanês.

Ao que lhe pergunto, irritado: e não é uma guerra? O calor do tema sempre me leva às exaltações viscerais. Continuo: pois aos que não estão diretamente envolvidos nestas questões, trata-se de um mero passatempo, uma questão intelectual, o esforço de se levar um argumento perverso adiante e bancar o advogado do diabo. Mas para nós, é de nossa própria sobrevivência de que estamos falando, de nosso direito de existir. Pois note que, quando falam das mulheres e dos negros, falam em termos de *submissão* e controle; quando falam

de judeus ou da tua gente – volto-me para Érico – é sempre em termos de *extermínio*. Digo que não tenho dúvidas: pudessem confeccionar uma forma de nos fazer morrer todos em silêncio, como uma doença que atingisse somente a quem desejasse, e fossem nos eliminando da terra até não restar nenhum, crê que não o fariam? Crê que lamentariam? Talvez lamentassem, com a indiferença de quem lamenta um vizinho que parte para não se sabe lá onde, mas com que não nos importamos; lamentariam com o distanciamento de quem lamenta as notícias lidas num jornal sobre outro país. Pois a grande maioria é exatamente isso: indiferente. Compreendes então o problema, Érico? Aquele que é alvo de uma violência, ao se recusar a usar de violência em sua própria defesa, está fazendo o serviço de seu inimigo, e contribuindo para a sua própria extinção.

– Você tem uma opinião *intensa* demais sobre o assunto – diz Érico. – Da minha parte, só o que quero é cuidar de minha própria vida. Quero o que é meu por direito, e ser deixado em paz.

Mas não te será dado esse direito! (E bato com a mão aberta no tampo da mesa, exaltado como costumava ser nessa época da minha vida.) Não te será dado esse direito sem luta! Pois aos olhos daqueles que te creem inferior, ter os mesmos direitos não é visto como igualdade, mas como privilégio. Para eles, diminui a noção que têm de si próprios quando se veem igualados com aquilo que mais desprezam. E jamais irão admitir que isso ocorra.

– E o que *você* diz disso tudo? – Érico pergunta ao meu irmão.

– O mano sempre preferiu o confronto – diz ele, apontando para mim. – Já eu prefiro buscar formas de integração. Uma concessão aqui gera, em retorno, uma concessão lá. Com o tempo, o convívio elimina a desconfiança, e tudo pode ser negociado. Quando se tem responsabilidade com os outros, é preciso ser mais político. Nosso pai era assim, e eu tenho a tendência a seguir o

exemplo dele. Já meu irmão puxou mais à nossa mãe: tudo precisa virar uma ópera. Imagino que o radicalismo seja a primazia dos caçulas.

Digo-lhe: ah, é? Você é o ponderado da família, agora? Vamos, conte a ele por que fui *eu* quem acabou fugindo da Inglaterra, e você quem acabou ficando? Digo isso, e o Milanês se cala. O fato é que sei quando meu irmão fica verdadeiramente ressentido: quando, ao invés de retrucar, busca os modos diplomáticos que nele sempre sobraram e em mim sempre fizeram falta e me diz:

– Eu e você sabemos o que ocorreu, Lucas. Estás sendo injusto, e minha gratidão não vai além da lembrança de que foi *sua* escolha, afinal de contas. Mas aqui não é nem o lugar nem a hora...

“Silêncio!”, brada o velho de óculos, me salvando.

– Seus jantares em família devem ser um espetáculo – murmura Érico. – Mas voltando ao que me trouxe aqui. – Aponta os papéis sobre a mesa. – Alguém faz ideia de como se planeja invadir um reino com livros pornográficos?

– Tens certeza de que não havia nenhuma mensagem oculta neles? – propõe o Milanês.

Érico garante que sim. Conhece bem as técnicas: pode-se utilizar uma agulha para perfurar letras específicas, formando frases; pode-se compor a página impressa variando o estilo da fonte (um itálico, por exemplo) apenas num conjunto de letras específicas, que juntas compõem uma mensagem. Não havia nada disso naqueles livros. São, pura e simplesmente, livros feitos para serem lidos. O que no Brasil não faz nenhum sentido.

Abro o livro numa ilustração sugestiva, na passagem em que a voluptuosa Fanny deflora o jovem lacaio bem-dotado, e digo-lhe: se for seguir a lógica do bispo Sherlock, isso daqui converteria todos os portugueses das colônias em putas e fanchonos. Afinal, são como “catecismos”, não? Ha-ha. Imagine! De

certo pensam serem capazes de invocar um terramoto e arrasar o Brasil. Não faltaria quem achasse isso provável.

– Sim, e não falta quem ache que a lua é um queijo – retruca Érico. – Mas desde que avisei Lisboa sobre os novos livros impressos pelo conde de Bolsonaro, eles deixaram de se importar com o problema. Nas palavras do conde de Oeiras, estes livros, por mais libertinos que sejam, não oferecem o mesmo risco político. E é isso que não entendo. É isso que preciso descobrir.

É então que sorrio com o conhecimento prévio de uma memória que, em Londres, já se perdera fazia alguns anos, e talvez nunca tenha chegado a Portugal. Digo a Érico que tenho um palpite. O quanto sabe da trajetória do teu temido chefe, o conde de Oeiras?

– Não muito. Qualquer possibilidade será um alento.

Então senta que lá vem história.



Antes de ser o onipotente conde de Oeiras, Sebastião de Carvalho e Melo fora embaixador de Portugal em Londres. Na ocasião, travara contato com um ex-servidor da Companhia Britânica das Índias Orientais, recém-chegado do Oriente. Insatisfeito com a desatenção de seus superiores, o inglês havia se exonerado do cargo e, de volta à Inglaterra, buscava descortinar uma forma de, ao mesmo tempo, promover a própria fortuna e vingar-se de quem o havia desprezado. Carvalho reconheceu nele um sujeito ambicioso e inteligente, e da convivência dos dois, surgiu a ideia de um projeto: uma companhia nacional, aos moldes das inglesas e holandesas, que detivesse o monopólio do comércio com a Índia Portuguesa. A proposta agradou Carvalho, afeito a ideias centralizadoras, e simpático aos conceitos de monopólios estatais.

Em 1742, o inglês já havia lhe redigido um projeto que lançava as bases, enumerava os fundamentos e descrevia as vantagens, para a economia

portuguesa, da criação de uma companhia nacional de monopólio. Contudo, Carvalho era então malvisto na corte, o próprio rei D. João V antipatizava com ele e nunca lia por inteiro seus relatórios e despachos, que julgava excessivamente prolixos, tediosos, cheios de citações rebuscadas e pedantes. Assim, nada foi feito. Carvalho se viu preso no emaranhado político de então, e foi enviado à embaixada de Viena.

Os anos se passaram. Em 1750, o rei faleceu e seu filho, D. José, querendo afastar a letargia do governo anterior, demitiu todos os ministros de seu pai e chamou Carvalho para novo secretário de Estado. Do funcionário inglês, soube que se endividara e acabou preso, depois disso, nunca mais tivera notícias. Contudo, a ideia das companhias nacionais florescera. Primeiro, criou a Companhia Geral do Comércio do Grão-Pará e Maranhão, para controlar o comércio na segunda colônia portuguesa na América; depois, a Companhia das Vinhas do Alto Douro, uma tentativa de tirar dos ingleses o domínio sobre o comércio de vinhos. Por fim, em 1753, concedeu a Feliciano Velho Oldemberg – comerciante judeu que era o maior empresário brasileiro à época, tendo feito fortunas no ramo de tabaco – um contrato de dez anos para explorar, com exclusividade, o comércio com o Oriente, junto de um generoso empréstimo para a construção de navios. Com outros cinco sócios, Oldemberg criou a Companhia do Comércio da Ásia Portuguesa. Se tudo corresse como o planejado, se tornaria uma corporação nacional capaz de reerguer a combalida economia do reino e, na visão do conde de Oeiras, pôr a nação em termos de igualdade com o resto da Europa.

Contudo, nada correu como o planejado.

No dia primeiro de novembro de 1755, Lisboa foi atingida por um terramoto. Como se não bastasse, em réplica, o rio Tejo se recolheu para avançar sobre a cidade em ondas gigantes, levando consigo os navios recém-comprados, e as cargas recém-desembarcadas. Com isso, tudo se perdeu:

Oldemberg não tinha nem como pagar o empréstimo do governo, nem como buscar mais cargas, e o governo precisava da devolução do empréstimo para reconstruir Lisboa. Na dívida, surgem os rancores, o filho de Oldemberg publicou um violento libelo contra Carvalho, e diferenças irreconciliáveis se criaram. Contudo, uma das coisas que renasceram da tragédia foi o próprio Carvalho: sua atitude enérgica na reconstrução da cidade – “enterrem os mortos, cuidem dos vivos” – lhe valeu o reconhecimento do rei, e o título de conde de Oeiras o tornou o homem mais poderoso de Portugal, alguém com os meios para moldar o reino à sua vontade. O fracasso da companhia portuguesa era apenas um incômodo que agora finalmente se encerrava, naquele ano mesmo, de 1760, com o pedido de falência do velho Oldemberg, e que em breve afundaria no esquecimento, sublimado pelos sucessos que Oeiras projetava para o futuro.

Até o momento em que surgira aquele livro. Quando Oeiras tomou conhecimento daquela obra sendo enviada em contrabando para o Brasil, é provável que um fantasma de seu passado tenha retornado para assombrá-lo. Pois o inglês que lhe sugerira os planos da companhia nacional, aquele ex-funcionário da Companhia Britânica das Índias Orientais que semeara a ideia que, agora, sustentava toda a política econômica de Portugal, tinha um nome: John Cleland.



– Estou chocado – murmura Érico. – Por que ele próprio não me disse isso?

– Como você mesmo me falou – intromete-se o Milanês –, você é apenas a ferramenta cega. Em qualquer outro reino europeu, ter-se aliado a um autor de livros obscenos não é nada que vá chocar a burguesia, convenhamos que até dá certo status em alguns círculos. Mas no reino mais santarrão de toda a Europa? O que dirão os inimigos do ministro mais poderoso de Portugal, quando

souberem que a política econômica que move seu governo é criação de um pornógrafo?

Pois dirão que agora a economia faz sentido! Mas o problema é que o conde de Oeiras vê inimigos por todo canto, e crê que tudo seja um ataque pessoal à sua figura. Agora que você sabe, Érico, que há outros livros sendo traduzidos, olhe o quadro maior. Os jesuítas foram expulsos de Portugal, mas ainda não da Espanha, e o papa Clemente XIII, aquele imbecil que está a pregar folhas de figueiras nos pintos de todas as estátuas do Vaticano, os vê com simpatia. Em última instância, sabe quem sanciona os tratados de território entre Portugal e Espanha? O papa. Todos eles, o de Tordesilhas, o de Madri... Se houver guerra entre vocês na Europa, ela se estenderá à América, e a fronteira que vocês a tanto custo demarcaram poderá mudar. Talvez os espanhóis estejam buscando uma forma de fazer a balança católica pesar para o seu lado.

Érico larga-se na cadeira, e solta um assovio. É uma trama que faz sentido, embora falte encaixar uma peça: na reunião secreta em Merryland, tudo lhe dera a entender que se tratasse de uma invasão – e para que mais seria necessário aquele pequeno exército de marinheiros e piratas que o conde de Bolsonaro contratara?

Ergo os ombros: quem pode saber? Talvez goste de se cercar de homens do mar. Não desconsidero a possibilidade de uma invasão, mas minha ideia é a que mais faz sentido.

Érico concorda comigo. Talvez seja preferível mesmo que o conde continue a imprimir seus livros e panfletos, dar-lhe corda para ver até onde vai, e ter uma visão mais clara de seus planos. Faz sentido agora: a perda do navio que fora confiscado no Rio de Janeiro criou a necessidade de levantarem fundos, e para isso o conde recorreu à trapaça nas cartas. Contudo, Érico surgiu em seu caminho, o que o forçou a buscar o financiamento dos franceses. Em algum lugar de Londres, há um navio sendo preparado para levar mais livros eróticos

ao Brasil. Mas, por algum motivo, o conde parece interessado em investir em... galos? Ainda há muitas respostas para serem encontradas, mas frente à inação de seu chefe, está de mãos atadas.

– Bem, agora só me resta feriar. – Érico se levanta, recolhendo o livro e os panfletos de volta aos bolsos, e roubando uma amêndoa confeitada. – Que me recomenda da cidade?

Digo para visitar os loucos de Bedlam, ou os leões na Torre. Aproveite o chá. Quanto a mim, vou para climas mais quentes. Nasci em agosto, sou filho do verão. Peço que me escreva: nunca estou onde julgam que vou estar, mas as cartas sempre chegam a mim. Mas, por favor, leva este meu conselho: não se ponha a risco por quem não te reconhecerá o valor.

– Ah, quanto a isso, não há o que fazer – responde Érico. – Sou fiel à minha terra.

O provoco: isso seria o Brasil ou Portugal?

– Ora, ambos são a mesma coisa, pelo que me consta.

São? Se há algo que eu e meu irmão concordamos, é que a identidade de alguém não se define por outro que não a si próprio. Sempre haverá quem tente impingir seus próprios preceitos sobre você, mas que importância tem o lugar em que se nasce ou a religião de teus pais?

– Algumas coisas são absolutas, meu caro – diz-me Érico. – Mesmo que existam apenas como conceito. Como o Deus que tu e teu irmão não entram em acordo nem para desacreditar: o conceito em si vem de uma ideia absoluta. E acho que isso é a origem de todos os nossos problemas.

Mas mesmo isso, meu caro, é uma ideia falsa. E explico: nada mais que um erro de tradução. No livro do Êxodo, quando Moisés pergunta em nome de quem deverá se dirigir ao seu povo, a resposta que recebe no original em hebraico, *Ehyeh Asher Ehyeh*, em geral é transcrita, seja na Bíblia do rei James ou na *vulgata*, como “Eu Sou Aquele que É”. Mas está errado, como se pode

esperar de edições que são a tradução da tradução da tradução – talvez o mais terrível erro de tradução já cometido. No original em hebraico o verbo é conjugado no futuro: “Eu Serei o que Serei”, ou seja, a ideia de uma possibilidade aberta às mudanças do Tempo, à transformação constante, à adaptação. Os gregos já percebiam que tudo na natureza está em movimento contínuo, do crescimento das plantas ao giro dos planetas. E tudo o que se move é movido por algo – um criador que não foi criado, transcendendo e independendo de qualquer ideia, força ou entidade. É terrível quando se pensa nas consequências de uma má tradução, não crê? Cria-se uma ideia petrificada e imutável de algo que deveria ser fluido e adaptável; tenho para mim que a mente conservadora é como uma górgona, desejando transformar em pedra tudo o que vê. Pois a ideia do texto bíblico é poderosa: também esse criador é uma evolução constante, um movimento contínuo que engloba, infinito, tudo que alcança o pensamento. Para encerrar, digo-te, Érico, que mesmo que eu não acredite na realidade factual desse conceito, devo reconhecer que a ideia em si é de uma elegância excepcional.

– Então me explique, seu sabichão – o Milanês ao ataque – se nada é fixo no mundo e todos somos parte da mesma coisa, é o homem uma identidade universal?

A isso respondo com firmeza: mas claro.

– Mas o que dirá este teu homem universal, quando lhe perguntarem onde nasceu? O que pensa ele? Poderá ter *alguma* religião, se todas são as mesmas? Poderá gostar de um amigo mais que do outro? E quando duas comunidades entrarem em conflito, de qual lado ele vai ficar?

Digo-lhe que pergunte ali ao nosso amigo aqui. Que me diz você, Érico, que é homem do mundo? Se um dia Brasil e Portugal deixarem de ser o mesmo reino, de que lado ficará?

– Pois neste dia – ele sorri, enigmático – serei fiel à minha terra.

Érico pega o livro, agradece a ajuda e se despede. Antes de sair, convida-nos para o jantar do Natal, e logo em seguida se desculpa pelo ato falho. Mas aceito seu convite e prometo levar presentes, pois se há discordâncias entre as religiões, uma coisa é certa: o consumismo é universal.

Aqui abandono outra vez esta narrativa e dou lugar à minha pena, pedindo excusas por esta intromissão. Não ocorrerá novamente. Regresso agora à condição passiva de mero narrador dos fatos.



No início de dezembro, notícias da guerra dão conta de trinta mil vidas perdidas na batalha de Torgau – dezesseis mil no lado prussiano, quinze mil no austríaco, e não se sabe dizer quem saiu vitorioso. No Norte da América, ingleses e franceses se engalfinham, arregimentando para si as diversas tribos nativas; na Índia, tanto a Companhia para as Índias Orientais francesa quanto a inglesa guerreiam entre si, por meio dos nababos locais. A década de 60, que se iniciará em alguns dias, começa pouco auspiciosa, mas o produto mais exportado pela Europa sempre foi a guerra. Quanto tempo Portugal e suas colônias conseguirão ficar à parte de tudo isso? É o que Érico conversa com Fribble, numa caminhada pelo parque Hyde – descobrindo, surpreso, que seu amigo macaroni não somente se interessa por assuntos sérios, como está muito bem informado.

“Eu *realmente* me importo com os fatos do mundo, querido”, diz Fribble. “Entre as dez e as onze da manhã, quando leio o jornal; e duas vezes por semana, no White’s. Mas somente em dias... como se chamam mesmo? Aqueles em que os burgueses trabalham?”

“Dias úteis?”

“Isso. E como está seu *beau*, a propósito?”

Érico suspira. Gonçalo pouco tem saído de casa, alternando momentos de desânimo em que não sente vontade de se levantar da cama, dizendo-se um tabaréu inútil, com outros mais eufóricos, em que acorda a casa sovando pães furiosamente ou assando bolos feito um louco. Seu estado de espírito está muito delicado e instável, e às vezes apenas se abraça em Érico e chora em silêncio. Mas, aos poucos, começa a levar a sério sua ideia acerca da padaria.

“Não quero forçá-lo a nada, e mesmo que quisesse, ele é teimoso demais para tanto”, lamenta Érico. “Me é uma agonia ver tanto talento se apequenar por receios tolos.”

“Tenho certeza de que o potencial do talento dele é enorme, só esperando pelo estímulo certo que o faça crescer”, Fribble se diverte. “Mas qualquer matrona assa um bolo, convenhamos. Ele é o filho de um padeiro, que outra escolha ele teve na vida?”

“Você não entende, Fribble, que as coisas são diferentes no Brasil. Lá não se come pão de trigo como aqui, usamos farinhas mais grosseiras, de milho ou de mandioca. De modo que lá, ser padeiro é uma profissão de requinte, um serviço voltado para estrangeiros e reinóis.”

“Esta gente muito avançada nos gostos e modas, que são os portugueses...”

Érico estanca na caminhada, indignado: “Não há necessidade de ser cruel.”

“Não estou sendo cruel, Érico querido”, Fribble vira-se com um ar de seriedade na face maquiada. “Estou sendo realista. Gosto de vocês dois o bastante para não prejudicá-los sendo condescendente. Você se apaixonou por um rapaz de bom coração, mas que, convenhamos, vem de uma classe menos... hum, favorecida. Você diz que ele tem talento. Mas, ora... o que é talento? É uma promessa, baseada na excelência da técnica. Muita gente de talento não entrega o que promete. É preciso mais do que apenas técnica, é preciso... sagacidade. Apelar às emoções da plateia, como Farinelli faz. É preciso *pathos*.”

“Você me disse uma vez que o verdadeiro artista é aquele que conjura algo do nada”, lembra Érico. “Troque as tintas e os pincéis por leite e ovos, e de montes de farinha e pães de açúcar ele faz surgir mosaicos e catedrais de maçapão. Ele seleciona ingredientes como um pintor escolhe tintas, ele sabe o efeito que cada sabor provoca e os combina como um artista. Se há artes que agradam aos olhos e outras aos ouvidos, por que não pode haver uma que agrade ao paladar? Toda arte é, ao final das contas, uma forma de se transmitir novas sensações. A arquitetura certamente é uma arte, e a confeitaria, para mim, é a forma mais elevada de arquitetura.”

“Querido, você está de quatro por ele, não? E eu jurava que fosse o contrário”, ri Fribble. “Você está *tão* apaixonadinho, é bonito de ver. Mas teu argumento até que faz sentido. Espere! Algo está acontecendo!” Fribble para e segura o braço de Érico com força, este já olha ao redor assustado – assalto, turba, um capanga do conde? “Sim! Está vindo! Estou tendo uma ideia! Que sensação emocionante.” Érico puxa de volta o braço, irritado com o espalhafato.

O que Fribble propõe é o que sabe fazer de melhor: reunir gente interessante e influente, servir-lhes do que há de mais refinado, e falar a maior quantidade de asneiras possíveis, até todos irem embora pensando que não se divertiam assim há muito tempo. O resultado? Uma reação quase alquímica, que lhe entrega a mais volátil e valiosa das essências: *bona fide*. Que se torna muito útil ao se converter em favores, agradados e atalhos da vida em geral.

“Deixe que eu organizo tudo”, diz Fribble. “Tenho o nome de toda fancharica dessa cidade no meu caderninho, e vamos fazer o *début* dos serviços do teu amado à sociedade. Podemos fazer em minha casa ou... ainda melhor! Convencerei lorde Strutwell a receber em Pendersley Park outra vez, tenho certeza de que ele irá gostar da ideia. Quero fazer algo por ele também; temos que cuidar dos nossos velhos soldados. Que me diz? Tenho certeza de que será

um sucesso. Quer saber? Jovenzinho, loirinho e bonitinho como é, basta Gonçalo ter metade do talento que você me convenceu de que ele tem, e todos ficarão de joelhos nessa cidade. Que tal?”

“Como você diz: fantabuloso.”

Os dois se despedem, e Érico volta para casa sonhador e animado, ansioso para contar a Gonçalo a boa-nova. É com o coração aberto e vulnerável que entra em casa. Escuta os passos de June, a velha criada escocesa, saindo da sala de estar para o corredor. Quando cruza com ela, recebe um sorriso e um beicinho de quem diz “não sabe o que te espera ali dentro”. Da porta entreaberta, escapam as vozes de uma conversa. Uma é a de Gonçalo, solícito e educado; a outra é uma voz de mulher que lhe parece muito familiar. Érico estanca, receoso. Respira fundo e se aproxima da porta: tilintar de louça, prata contra porcelana, xícaras contra pires. A voz, inconfundível e melodiosa; o tom, impositivo e caloroso, responde em bom português:

– Deveras delicioso, querido. E estes bolinhos, de que são? Parecem ótimos.

Érico suspira. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar do mundo em qualquer língua.

– Não, não, querido, o leite se põe na xícara *antes* do chá, para preparar a porcelana – continua a mulher. – Isso, assim está bom, obrigada. Não há nada que substitua uma boa xícara de chá, é um ritual de civilidade, é o que nos separa dos bárbaros. Sabe o que sempre digo sobre o chá? – Sim, Érico sabe o que ela sempre diz sobre o chá, e o sabe tão bem que, quando ela fala, ele move os lábios a fazer-lhe coro em silêncio: – “Uma xícara de chá nas mãos põe o mundo no lugar.”

Érico respira fundo, empurra a porta e entra.

20.

LADY TAMORA, *OU*  
DA IMPORTÂNCIA DE SER SINCERO

PERSONAGENS

Gonçalo Picão, *um marido ideal*

Érico Borges, *o espião que o amava*

Lady Tamora Hall Borges, *uma mulher de certa importância*

CENA

*Sala de estar na casa de Érico em New Bond Street. A sala é decorada com luxo e bom gosto: duas poltronas e um sofá, dispostos ao redor de uma mesinha com muffins numa bandeja e um jogo de chá. Sobre o aparador, um vistoso arranjo de flores domina a parede. As janelas estão abertas, o ambiente está arejado. Lady Tamora está sentada na poltrona estofada fauteil a la reine, de forro de tapeçaria, à direita. Usa um vestido de seda amarelo-mostarda com brocados de flores e pássaros, junto a um casaquinho e xale negros; e um chapéu também amarelo, de aba mui larga, com um laço de cetim negro, uma pluma negra e um vistoso alfinete de prata lavrada, com pérolas. Gonçalo, de pé, verte chá em uma xícara. Érico está parado à porta.*

GONÇALO Ah, Érico! Estávamos à sua espera!

LADY TAMORA Meu anjinho desnaturado!

ÉRICO (*com desânimo*) Mãe...

LADY TAMORA Estávamos falando justamente de você, querido.

ÉRICO (*sentando na chausse ao lado de sua mãe*) Não sabia que a senhora estava em Londres.

LADY TAMORA Cheguei ontem, meu anjo, estou na casa de uma prima. Ora, não me olhe assim! Você passou quase voando por Portugal, dizendo que viajaria a negócios, mas nunca mais me deu notícias! E falamos por tantos anos sobre vir para cá... não fossem os planos de seu pai, Deus o tenha, já teria vindo antes. Não achou que eu fosse ficar lá, à toa no reino, podendo vir para Londres, não? Já me bastam os tempos que passamos no Brasil.

GONÇALO (*entrega a xícara a Érico e senta-se no sofá em frente aos dois*) A senhora não gostou do Brasil?

LADY TAMORA É impossível não gostar do Brasil, meu querido, o difícil é ter paciência com os brasileiros. São gente muito perplexa, na minha opinião.

ÉRICO Lembra-te de que eu sou brasileiro, mãe.

LADY TAMORA Eu sei, querido, mas não é sua culpa.

ÉRICO Na verdade, Gonçalo também é.

LADY TAMORA É mesmo? Mas ele fala português tão bem!

GONÇALO E como foi sua viagem, senhora?

LADY TAMORA Ah, Érico sabe o quanto eu detesto essas travessias, querido, mas foi muito melhor de Porto para cá do que quando vim da colônia. Da outra vez, mal desembarquei, e disse a mim mesma: de volta à civilização! E sabe o que me aconteceu?

GONÇALO Não faço ideia.

LADY TAMORA Pois quase me viraram um penico na cabeça! Um *penico*! Os esvaziam pelas janelas, na rua! Imagine como deve ser para quem anda à noite. Não há nem iluminação. Que povo sem costume! Sabem o que diferencia o espírito português do espírito inglês? O inglês faz da

simplicidade o refúgio de sua complexidade; já o português quer tornar tudo complexo para disfarçar sua natureza simples (*toma um gole do chá*). Oh, é um *bohea*, não? É meu favorito. E de ótima qualidade, também. (*para Érico*) Aposto como foi escolha sua, meu querido.

ÉRICO Na verdade, foi uma cortesia que ganhei do senhor Twinings, mãe.

LADY TAMORA Ora, você tem bom gosto mesmo quando joga ao acaso, meu bebê. (*para Gonçalo*). Fui eu quem lhe ensinou isso, sabia? Modéstia à parte tenho um paladar excelente para chás. Me sirva dez tipos diferentes, e sou capaz de distinguir qualquer variedade, mesmo sem ver-lhes a cor. Ou duas, se misturadas em proporções iguais. Meu irmão Cimbelino...

ÉRICO Mãe, essa história outra vez...?

LADY TAMORA Tenho certeza de que *ele* não a escutou ainda. Como dizia, meu irmão Cimbelino, certa vez, me desafiou a provar uma mistura de três variedades diferentes, e dizer a proporção em que cada uma foi usada. E adivinhe só?

GONÇALO A senhora acertou, naturalmente.

LADY TAMORA Naturalmente. É como na literatura, meu querido: uma pessoa de saber refinado não só sabe indicar as belezas e imperfeições de um autor, mas também todas as formas de pensar e se expressar que o diferencia dos outros. O *connaisseur* distingue as infusões de pensamentos e de linguagens, o aroma dos autores dos quais as toma emprestadas. Nunca conheci alguém que, tendo bom gosto para o chá, não o tivesse também para os livros.

GONÇALO Acho que não tenho para nenhum, senhora, mas seu filho está me ajudando com isso.

LADY TAMORA E garanto que ele te será um ótimo professor. (*Para Érico*) Mas agora me diga, por que está aqui há tanto tempo e não me dá notícias? Fiquei preocupada com a falta de cartas suas.

ÉRICO Eu falei para a senhora que estava a negócios. Não houve tempo.

LADY TAMORA Sim, sim, mas não pude imaginar que negócios seriam estes que precisassem... oh, é uma *garota*, não é? Quando se esquecem de dormir, de comer, de mandar cartas à mãe, é porque há uma garota envolvida. Certo que conheço os homens. Conheci seu pai, ao menos, se isso conta. Vamos, não esconda isso da sua mãe! Sabe o quanto me preocupo com você. Me diga: quem é ela?

GONÇALO Mais bolinhos, senhora?

LADY TAMORA Pegarei mais um deste, de que é? Framboesa? Por gentileza. Obrigada. Érico, meu anjo, não estou exatamente rejuvenescendo, você sabe. Adoraria ver meu único filho casado e encaminhado, antes que alguma coisa me acontecesse.

ÉRICO (*irônico*) E você perdeu seu tempo vindo a Londres só para me dizer isso?

GONÇALO Érico! Isso não são modos de falar com sua mãe!

LADY TAMORA (*para Gonçalo*) Não se preocupe, querido, estou acostumada. Sempre lhe disse que antes a sinceridade ofensiva do que a falsidade educada. (*para Érico, ofendida*) Desculpe se o pressiono, desculpe mesmo. Vejo que não está satisfeito em me ver.

*Larga a xícara sobre a mesinha e se levanta. Érico e Gonçalo se levantam por educação.*

LADY TAMORA Não quis atrapalhar seu trabalho, querido. Foi uma decisão de impulso ter vindo para cá, você sabe o que sempre digo: “Não pense e faça, faça e depois pense.” Antes se arrepender da tentativa que da oportunidade perdida, não é mesmo? A verdade é que sou muito ansiosa. Queria apenas me certificar de que estava tudo bem com meu único bebê. Não culpe uma mãe por se preocupar e querer o melhor para seu filho.

ÉRICO Mãe, mãezinha, sabe muito bem que não foi minha intenção magoá-la.

Fique, por favor. Apenas... eu realmente estou aqui a negócios. Não há moça nenhuma, essa é a verdade.

LADY TAMORA (*aproxima-se dele, e passa a mão em seu rosto*) Ora, mas isso é realmente uma pena. Um menino tão bonito e garboso... (*para Gonçalo*) Não é um elegante, o meu Érico?

GONÇALO Oh, sim. Vocês são muito parecidos, aliás. Ele é certamente um filho da mãe.

LADY TAMORA (*empertigando-se, orgulhosa*) Oh, modéstia à parte! (*para Érico*) E soube também que você tem se saído muito bem na sociedade aqui. Deveria haver filas e filas de pretendentes. Você positivamente tem trabalhado demais. (*para Gonçalo*). O que me diz? Não acha que meu menino tem potencial?

GONÇALO Consta na cidade que ele tem um charme matador...

LADY TAMORA (*para Érico*) Ouviu isso, querido? Você deveria usar mais estes seus charmes.

GONÇALO ...deixa praticamente um rastro de destruição por onde passa.

LADY TAMORA Hum... folgo em saber. Então, meu anjo, afaste esta tendência ao celibato. Adoraria também ter um neto seu nos meus braços. Teu tio Coriolano virou avô neste verão, sabia? E Cimbelino já tem duas netinhas. Eu adoraria um bebê para ter que visitar de tempos em tempos... menino ou menina, tanto me faz, que não sou exigente. (*para Gonçalo*) Que me diz? Eu não seria uma excelente avó?

GONÇALO Tenho certeza que sim.

ÉRICO (*irritado*) Ora, sou jovem ainda, mãe, há muito tempo pela frente.

LADY TAMORA Com a sua idade eu e seu pai já estávamos casados, querido. Além do mais, estás na Inglaterra agora. Como é mesmo o ditado? “Um

homem solteiro, em posse de uma boa fortuna, deve necessariamente estar à caça de uma raposa.”

ÉRICO “Esposa.”

LADY TAMORA Tanto faz, querido. Apenas, vá atrás dela.

ÉRICO Mãe, já lhe ocorreu que talvez eu não queira ter filhos?

LADY TAMORA/GONÇALO *(em coro)* Não quer!?

*Érico e lady Tamora se voltam surpresos para Gonçalo.*

LADY TAMORA *(para Érico)* Viu só, meu anjo? Até este teu criado enxerido acha teu comportamento inadequado. Que história é essa de não querer filhos?

GONÇALO *(ofendido)* Não sou um criado!

*Érico agita-se, prestes a entrar em pânico.*

LADY TAMORA Não? Me desculpe, mas eu pensei que... você abriu a porta, serviu o chá, o que você... *(para Érico)* o que ele faz aqui, afinal?

ÉRICO Ele é... nós somos... como direi...?

GONÇALO Somos parceiros.

ÉRICO De negócios. Parceiros de negócios.

LADY TAMORA Oh, mas posso jurar que ele me disse ainda há pouco que era padeiro! Terei escutado errado? Não estou entendendo.

GONÇALO Sim, é isso. Érico quer que eu tenha minha própria padaria, mas isso ainda está por ser decidido. Não sei se estou pronto ainda, e ele sabe disso. Talvez seja muito precipitado.

LADY TAMORA Uma... padaria? Érico, meu anjo, quando disseste que viria a Londres a negócios, pensei que se tratava de coisa de grosso trato. Nossa família lida com vinhos há três gerações, não que haja algum mal com o

pequeno comércio, mas... perdão, creio ter me distraído na conversa. Como foi que vocês se conheceram mesmo?

GONÇALO Ah, foi aqui mesmo em Londres, em uma festa...

ÉRICO (*tenso*) É sempre um alívio encontrar um conterrâneo em terras estrangeiras.

LADY TAMORA Com certeza que é, querido. O que não compreendo foi o momento em que se formou esta, como se diz, “parceria?”...

*Érico e Gonçalo se entreolham. Gonçalo consente com um meneio.*

ÉRICO Posso contar com a sua discrição, mãe?

LADY TAMORA É claro que pode, meu querido, você sabe que sim. Só deixe eu me sentar aqui um pouco, por via das dúvidas (*ela se senta*).

ÉRICO Mãe, eu... como dizer? Estou aqui em Londres... a serviço secreto do conde de Oeiras.

LADY TAMORA (*leva a mão ao peito*) Oh.

*Gonçalo se senta, irritado.*

ÉRICO Espero que compreenda por que precisei manter o sigilo...

LADY TAMORA Claro, claro, eu não fazia ideia... deve ser algo muito importante, não?

ÉRICO Sim, mãe, bastante, por isso é secreto e não podia avisá-la de nada.

LADY TAMORA Eu não... não imaginava. Mesmo! Juro que pensei que fosse algum plano de negócios, não imaginei que... (*emocionada*) oh, meu neném, tão importante na corte! (*ela se levanta, assustada*). Meu Deus, que imprudência ter vindo aqui! Peguei seu endereço na embaixada, espero não

estar te atrapalhando, não quero ser nenhum incômodo. Vocês dois são...  
como se diz? Espias?

GONÇALO Não sei se essa é a palavra que...

ÉRICO Sim, pode-se dizer que sim. O caso que investigamos é mui importante ao reino, e por isso precisamos inventar essa farsa... você sabe, nos fazer passar por criado e patrão.

LADY TAMORA Entendo. Mas quem faz o criado e quem faz o patrão?

GONÇALO Oh, nós invertemos os papéis de vez em quando. Seu filho é muito versátil.

*Érico deixa cair sua xícara ao chão, que se quebra. Gonçalo se levanta para recolher os cacos, mas Érico o impede.*

ÉRICO *(agachando-se)* Não, deixe que eu junto...

LADY TAMORA *(esticando o pescoço para observar)* E um pouco dramático também, eu acrescentaria.

GONÇALO Sim, ele ama um bom teatro.

LADY TAMORA Ele queria ser ator quando era menino, sabia? Mas é uma carreira muito difícil...

GONÇALO O público é muito exigente em Portugal?

LADY TAMORA Pode-se dizer que por lá queimam reputações com muita facilidade.

ÉRICO A senhora nos dá licença por um minuto? Vou buscar outra xícara.  
Gonçalo, vem comigo?

GONÇALO Mas há uma xícara sobressalente aqui...

ÉRICO Mas eu também quero outro chá *(aponta a porta)*. Por favor?

GONÇALO Sim, sim. *(para lady Tamora)* Com sua licença, senhora.

*Saem os dois da sala e ficam no corredor, atrás da porta. Na sala, lady Tamora olha para a porta, olha para a bandeja, olha ao redor e se serve de mais um bolinho de framboesas.*

ÉRICO (*falando baixo*) O que você está fazendo? Está maluco?

GONÇALO Ora, Érico, é a sua mãe, estou só sendo cortês.

ÉRICO Sim, mas ela não sabe nada sobre mim.

GONÇALO Como não? É claro que sabe!

ÉRICO Não, não sabe! O que te faz pensar isso?

GONÇALO Ela é sua mãe, ora. Mães sempre sabem. Tenho certeza de que a minha sabia, antes mesmo de tudo o que me aconteceu. E se eu, que te conheço menos do que ela deve te conhecer, consigo te ler como um livro, para ela deve ser mais óbvio ainda.

ÉRICO O que... o que quer dizer com isso? Você me acha muito... afeminado?

GONÇALO Oh, não, não... você é muito macho. Tão macho que só dorme se for abraçado em outro.

ÉRICO Não dá para conversar a sério com você...

GONÇALO Ora, Érico, convenhamos... você e sua obsessão por estes heróis antigos e musculosos que vivem lutando... isso já diz tudo, não crê? Além disso, conversamos bastante antes de você chegar e, bem, em nenhum momento eu disse que sim, mas também não disse que não... enfim, falei de você como se o conhecesse muito bem, suas manias, seus gostos... e ela não estranhou nada. De fato, ela protestou que você fala muito pouco de sua própria vida, e a ela pareceu natural supor que eu o conheça tão bem quanto se espera de um... namorado. Ela só está fazendo cena, no que, aliás, vocês dois se parecem. Plateia um para o outro. Érico, por que você não aproveita e conta logo?

ÉRICO Estás louco? Vou matá-la do coração.

GONÇALO Ora, por quê? Ela é muito católica?

ÉRICO Claro que não. Ela é inglesa. Ou gosta de imaginar que é.

GONÇALO Pois ela me parece bastante saudável, com certeza aguentará a novidade. E coração de mãe não se arrebenta assim tão fácil. Olhe para mim: se eu pudesse, ao menos por um minuto, rever a minha, sabendo agora o quanto ela me amava apesar de tudo o que me aconteceu... o que você acha que eu não faria por isso? Céus, às vezes penso que, à força de lidar com cavalos, você acabou se tornando um, com aquelas viseiras no rosto, incapaz de olhar para os lados.

ÉRICO Agora *você* está sendo dramático.

GONÇALO Érico...

ÉRICO E que história foi aquela sobre filhos? Você quer ter filhos? Somos muito novos para isso.

GONÇALO É claro que quero! Não agora, mal consigo cuidar de mim mesmo, mas por que não iria querer um dia? Eu adoro crianças. É tão divertido ter criança por perto.

ÉRICO Mas como imagina isso? Nenhum de nós vai engravidar, e não será por falta de tentativas...

GONÇALO Não diga tolices. Quando chegar o momento, podemos adotar uma. Há pessoas largando filhos pelos cantos o tempo todo. Podemos adotar uma menina. Ou mesmo um casal.

ÉRICO Mesmo assim... não é o momento para contar à minha mãe...

GONÇALO E quando seria o momento? Sobre o túmulo dela? Érico, com toda a sinceridade, sua vida pessoal é um coche desgovernado, e está na hora de alguém assumir as rédeas.

ÉRICO (*choroso*) Pare de me pressionar, por favor!

GONÇALO (*segura os ombros de Érico*) Está com medo? Sabe que pode dizer para mim.

ÉRICO (*abaixa a cabeça*) Sim, eu estou com medo, Gon. Eu estou apavorado, está bem?

GONÇALO Não há problema em se ter medo, e você não diminui aos meus olhos por admitir isso. Você não precisa ser forte o tempo todo, Érico. Eu posso ser forte por nós dois, quando você precisar que eu seja. E acho que você precisa agora. Eu vou estar do seu lado de qualquer jeito, o que quer que aconteça.

*Uma pausa.*

ÉRICO Eu devo ter me revelado uma decepção para você.

GONÇALO Por quê? Por ser o filhinho mimado da mamãe? Eu sempre achei que você fosse.

ÉRICO Não, por ser tão covarde.

GONÇALO (*segurando o rosto de Érico com as duas mãos*) Érico, você não é covarde. Eu sei que você não é, e você sabe disso também. Nunca mais fale assim de si mesmo, está me entendendo?

ÉRICO Está bem, está bem. Vá pegar mais chá, que eu encaro a esfinge.

GONÇALO Tem certeza de que não quer que eu fique junto?

ÉRICO Não, não precisa. Vai ser rápido, ou não vai ser nunca. Vá, por favor.

*Gonçalo sai. Érico volta para a sala, senta-se de novo na chausfesse ao lado da poltrona de sua mãe.*

ÉRICO Ele foi buscar mais chá.

LADY TAMORA É muito querido e prestativo, este seu... amigo. (*aponta para os muffins*) Os bolinhos certamente estão muito bons. Como se chama esta receita?

ÉRICO A mim parecem *muffins*, mas Gonçalo os assa de modo diferente, dentro de canecos. Coisas inglesas.

LADY TAMORA Ele tem mesmo uma boa mão para pães e bolos.

ÉRICO Sim, vem de uma família de padeiros. A mãe morreu, infelizmente. Soubemos faz pouco.

LADY TAMORA Oh, pobrezinho. Eles eram muito próximos?

ÉRICO Não se falavam fazia alguns anos... ele ficou muito abalado quando soube, mas está melhorando aos poucos. Eu o tenho ajudado a lidar com isso. É um amigo muito querido.

LADY TAMORA É bom ter amigos em que se possa confiar.

ÉRICO Sim.

*Uma pausa. Lady Tamora revira o leque nas mãos, nervosa.*

LADY TAMORA É como você...

ÉRICO Há algo que eu tenho que lhe contar...

LADY TAMORA Oh, diga...

ÉRICO Não, a senhora ia falar antes...

LADY TAMORA Querido, não era nada importante. O que ia me dizer?

ÉRICO Eu... eu não estava mentindo, mas não estava dizendo toda a verdade, sobre não haver ninguém... em perspectiva. Na verdade há alguém, sim. Alguém muito importante.

LADY TAMORA Oh, meu anjo, eu estava agitada com todo esse açúcar, não quis ser indiscreta... você tem todo o direito de manter sua vida pessoal para si.

ÉRICO Mas eu quero que a senhora saiba que, pela primeira vez em anos, talvez pela primeira vez na minha vida toda, posso dizer que estou realmente feliz. Feliz como achei que nunca poderia ficar, e tudo graças a essa pessoa.

LADY TAMORA É tão bom saber disso, meu anjo. Eu fico aliviada.

ÉRICO Fica mesmo, mãe?

LADY TAMORA É claro que sim, meu querido. Você sempre foi tão sozinho...

queria poder ter te dado um irmão ou uma irmã, mas... eu perdi dois bebês antes de ter você, e depois as coisas entre mim e seu pai... bem, não falemos disso. Fale dessa pessoa tão especial que você conheceu.

ÉRICO (*animado*) Oh, mãe, é a pessoa mais importante da minha vida agora.

Tem uma natureza tão doce e amorosa, que é incapaz de fazer mal a alguém. E um coração muito bondoso também. Faz com que me sinta em paz quando estamos juntos, de uma forma que nunca imaginei que pudesse me sentir. Só percebi o quanto minha vida afundava no abismo até o momento em que fui resgatado, e agora finalmente me sinto livre de todo aquele peso melancólico que eu carregava...

LADY TAMORA Fico tão feliz em saber! Você sempre foi tão propenso à melancolia, mas sempre tão cioso de falar a respeito. É muito bom ouvir essas palavras de você. Mas, diga, quando vou poder conhecer essa pessoa tão especial?

ÉRICO A senhora já a conheceu.

*A porta se abre. Entra Gonçalo com a bandeja, e um bule com mais chá.*

GONÇALO Eu acho que este é o *souchong* com aroma de baunilha que você tanto adora, Érico. Não entendo nada disso, não sou *eu* o especialista. Mas era o que estava naquela sua intocável caixa de chá, querido. Não sei qual você guarda ali... (*larga a bandeja sobre a mesa e olha para os dois*). Está tudo bem?

*Lady Tamora olha de um para o outro. Esgotado, Érico se encolhe na poltrona.*

LADY TAMORA Sim, sim, está tudo ótimo, querido (*para Érico*). Oh, ele fala daquela caixa que eu te dei, meu anjo? Você ainda a traz consigo?

GONÇALO A caixa de chá? É a joia da coroa nesta casa. A pobre June nem toca nela, e eu só abro quando ele me pede. Ele é muito ciumento, podes imaginar.

LADY TAMORA É uma legítima Chippendale, sabia? A encomendei especialmente para ele.

GONÇALO É mesmo? Ouvi dizer que Chippendale está bastante macaroni hoje em dia.

ÉRICO Hein? Você ouviu? De quem?

GONÇALO De Maria, ora. Quem mais? Só conheço duas pessoas que falam português nessa cidade. Três, se contar Bill Fribble (*para lady Tamora*). Não falei que ele era ciumento? Aliás, a senhora vai ficar para o Natal, imagino? Seria ótimo tê-la por perto nas festas.

ÉRICO Mas lorde Strutwell...

GONÇALO (*o censurando*) Querido, lorde Strutwell já nos convidou para passar o inverno inteiro naquele palacete, certamente ele pode abdicar da sua presença por uma semana ou duas no final do ano. Sua mãe está conosco, afinal.

LADY TAMORA Oh, não, não quero atrapalhar os planos de vocês...

GONÇALO Atrapalhar? Não, de modo algum. Não haverá trabalho até segunda ordem vir do reino, não é mesmo, Érico? Antes do fim do inverno, não vamos a lugar nenhum. Ele é orgulhoso demais para admitir, mas sei que ele se sentirá melhor se a senhora estiver conosco. Seria muito importante para nós dois. Na verdade, se me permite... minha mãe faleceu há poucos meses, seria bom ter um Natal em família outra vez, depois de tantos anos.

LADY TAMORA Sim, claro.

GONÇALO E há muito para se fazer na cidade, também. Seu filho é muito benquisto na sociedade, sabia? Podemos ir ao teatro. Temos um camarote reservado sempre que quisermos, daquele ator famoso... (*para Érico*) como é o nome mesmo? O que sabe tudo de Shakespeare?

*Érico funga, limpa os olhos com as costas das mãos e ergue o rosto sorrindo.*

ÉRICO Garrick. O nome dele é Garrick.

LADY TAMORA Oh, você conheceu David Garrick, querido? Como ele é?

ÉRICO Muito educado e espirituoso, mãe. Posso apresentá-lo à senhora, se quiser.

LADY TAMORA Seria encantador, eu adoraria.

GONÇALO Ai, esqueci de lhe trazer mais leite para o chá! Já volto, deem-me um instante.

*Gonçalo sai. Lady Tamora pega sua xícara de cima da mesinha.*

LADY TAMORA Não sei se já lhe contei, meu doce, que quando era jovem, sonhava que viajaria o mundo como lady Montagu, ou seria uma cientista como Margareth Cavendish. Ah, as coisas com que a gente sonha! Mas então me casei com seu pai e... enfim, os sonhos deram lugar à realidade. Mas se há algo em que sempre fui teimosa, foi em não me rebaixar à mediocridade dos nossos tempos. Quando lemos sobre as grandes personalidades, não são aquelas adequadas à sua época que se destacam, não é mesmo? São as que se colocam à frente dela (*sopra o chá e toma um gole*). Enfim, é realmente um rapaz muito gentil, este seu... parceiro de negócios, querido. E muito bonito também. Tem uma beleza clássica, eu diria. Sempre digo que se deve ter companhias que valham o tempo que lhes

dedicamos, e que sejam boas conosco. Você é um bom menino, querido, e merece ter um bom... amigo, junto de si.

ÉRICO A senhora gostou dele, então?

LADY TAMORA (*sorrindo*) Bem, é apenas uma impressão inicial, claro. (*sopra o chá e toma um gole*) Mas creio que vamos nos dar muito bem.

CORTINA.

## 21.

### FIQUE CALMO E SIGA EM FRENTE

#### QUINTA CARTA

De Érico Borges para Sofia Boaventura, no Rio de Janeiro

Minha querida amiga do coração, não é explicável o gosto com que recebi a sua primeira carta, a qual, no desafogo que podem ter os ausentes, me veio aliviar a prolongada saudade. Pede-me notícias da velha Europa, queres que te atualize nos vaivéns políticos, mas algo tão mais fantástico ocorreu hoje que... não, me adianto aos fatos. Vamos primeiro ao teu pedido por notícias.

Os rumores aqui dão conta de que a França já está exaurida com a guerra, e aqueles navios que os ingleses lhes capturaram nas nossas águas foram em grande parte responsáveis por isso. Sabe-se que Luís XV pressiona a Espanha para que declare guerra à Inglaterra logo de uma vez. Se isso ocorrer, não haverá escapatória e teremos que escolher um lado. Mas agora temos que nos certificar de que ainda há um lado a escolher! Pois aquele Tratado de Madri, que fez com que eu e Licurgo fôssemos à guerra contra as missões jesuítas dez anos atrás, tinha uma cláusula que dizia que cada reino deve se tornar responsável por sua própria segurança. Ninguém percebeu na ocasião que isso anulava nossos tratados de defesa anteriores, desobrigando os ingleses de nos darem auxílio em caso de invasão. Martinho de Melo está a correr de um lado ao outro aqui, indo do Parlamento à corte em busca de garantias de que nossa aliança se manterá; só com essa confirmação se pode respirar aliviado. Toda a

Europa sabe de nossa carência de soldados, é segredo mal guardado, mas os ingleses não se mostram muito dispostos a ajudar, e o que nos sobra é negociar com a única coisa que temos e que lhes interessa, que é o Brasil. Pois se, quando as frotas brasileiras tardam a chegar, o preço do ouro logo sobe na Bolsa de Londres, o que julgam que ocorrerá caso cessem os carregamentos das nossas minas? Sem o Brasil, a coroa portuguesa não tem nada. Mas chega de falar de política.

Janeiro passou, e continuo sem resposta de Lisboa. Visito a embaixada toda semana na esperança de receber a ordem que irá me pôr em ação, e sempre volto de mãos vazias. A necessidade de me manter inerte me lançou a outro ritmo em casa, onde cada dia é perfeitamente igual ao anterior. Para ser sincero, é a melhor coisa que já me aconteceu. A repetição faz com que nossa rotina seja feita de pequenos detalhes que vão assumindo grandes proporções. Gon acorda cedo e vai à cozinha sovar seus pães, enquanto reclamo para mim seu lado vazio da cama. Um de meus pequenos prazeres é o de adormecer novamente, sentindo nas cobertas o calor residual de seu corpo e seu cheiro. Um dia em que seus bolinhos saem do forno perfeitamente acabados já se anuncia um dia bom; outros, quando o tempo se anuncia menos cinzento e propício para cavalgar, são pequenos grandes dias. Receber para o chá ou ir ao teatro são nossos eventos da semana. Aliás, minha mãe é nossa hóspede desde o Natal, e ficará conosco ao menos até poder assistir à coroação de Jorge III. Posso imaginar sua cara, minha querida, ao ler essas linhas! Mas adianto que foi ideia de Gonçalo, e confesso que a princípio fiquei receoso – você sabe melhor do que ninguém o quanto mamãe pode ser protetora em relação a mim. Mas seus modos maternais têm efeito positivo no ânimo de Gonçalo, e os dois parecem se dar bem. Noto a satisfação com que ela parece concluir que não haverá outra mulher em minha vida. Não que isso impeça os dois de ter pequenas disputas silenciosas, mais perceptíveis quando estamos todos na

mesma sala, ocasiões em que Gonçalo nunca me poupa um afago ou um beijo carinhoso antes de se sentar. Sua natureza pode ser afetuosa, mas ele também sabe ser territorial. Para mamãe, somos “os meninos”, e com June é sempre “os meninos já voltaram?”, ou “os meninos vão cear em casa hoje?”. Lembra-te, minha querida, de quando tu subias comigo o morro do Castelo, e tu vinhas disfarçada de homem para nossas aulas de grego? Que saudades tenho daqueles dias, das nossas discussões intermináveis sobre o *Fedro*. Como eu estava errado e tu estavas certa, só agora percebo, sobre a natureza do amor! Nunca fui tão feliz como agora.

Lorde Strutwell, de quem contei na carta anterior, nos convidou para uma caçada no próximo final de semana. Será bom também para que Gon conheça a equipe de cozinha de Pendersley Park. Ele levou muito a sério a proposta de Fribble, e tem se dedicado a refinar suas receitas para o grande dia. Há um lado meu que se emociona quando vê um especialista discorrer sobre sua técnica, me empolgo com a gama de detalhes que o exercício de cada atividade humana pode conter. Ouvir Gon falar do seu modo casual sobre a diferença entre abrir uma massa de pão para uma de torta, ou de como saber quando seus *macarons* atingiram o ponto certo, enche meus olhos de lágrimas. O modo natural como faz tudo parecer tão simples e fácil e aceita a efemeridade de tudo aquilo tem uma displicência de intensidade artística. Para ele é, sobretudo, uma forma de dispersar sua energia vital. Isso e, claro, outras coisas que não coloco na carta, mas deixo para a tua imaginação. Como pode ver, ele me pôs de joelhos. Como se não bastasse tudo isso, administra seus sentimentos com uma maturidade que eu mesmo ainda não consegui.

O inverno tem ficado mais forte, e nos dá preguiça de sair à rua. Já te falei de como são grandes e belas as janelas deste país? Cá temos uma em nossa sala de leitura, em arco e tripartida para fora, a criar uma alcova onde pusemos um gostoso banco acolchoado e ladeamos com estantes de livros que mandei vir de

Portugal, junto de outros tantos que encontrei aqui. É nosso lugar favorito da casa. Dá vista para o jardim dos fundos, que não é lá grande coisa, mas ali sentamos costas contra costas, e ficamos entre meus chás, seus bolos e nossas leituras. Eu o convenci a usar óculos, uma pequena vitória minha, contudo Gon se dedica sobretudo a estudar seus livros de receitas e técnicas de cozinha, de que faz uso também para tomar familiaridade com a língua inglesa – e o *Dicionário do cozinheiro e confeitiro*, de Notts, lhe fez bens maiores que o melhor professor. Por acordo, fizemos uma troca: leio para ele uma seleção de meus livros favoritos, do *Fedro* ao *Mercador de Veneza*, e ele me faz experimentar suas novas receitas. Há mais coisas, é claro; coisas deliciosas que fazemos juntos e que eu poderia descrever-te por páginas sem fim, mas temo não ser tão bom autor que torne interessante algo que, por sua natureza repetitiva, só interessa a quem o pratica. Mas, cá entre nós, escrevo-te isso com um sorriso bobo de adolescente estampado no rosto: nós praticamos. É bastante. Chego a corar só de lembrar que ainda há pouco... bem, estou divagando. Voltando aos livros, li um interessantíssimo, de um dos teus autores favoritos, o francês Voltaire. Sim, baixei minha guarda quanto aos franceses. Te envio em anexo a esta carta um exemplar deste *Cândido*, cuja leitura ainda estou digerindo, mas anseio por saber tua opinião. Sabe bem o quanto te admiro!

Mas eis que chegamos ao tópico central desta carta. O fato é que estou desacostumado a invernos rigorosos, e no fim padeci de uma grande febre que me fez cair na cama e, em pouco tempo, me pôs em grande abatimento de forças e espírito, de sorte que foi chamado um médico para me sangrar, mas não se atreveu este a passar de quatro sangrias, porque na última me viu reduzido a uma debilidade incrível. Gonçalo não saiu do meu lado em nenhum instante, empurrando-me colheradas de manjar branco goela abaixo, sua dedicação para comigo comoveu muito a mamãe. Eu, quando adoço, volto a

ser uma criança tola, não sou o melhor dos pacientes, e assim tomei Gonçalo pela mão e lhe disse, à guisa de desculpas: não mereço você. No que ele me respondeu: já eu certamente mereço você. Na última visita do médico sanguento, a velha June o enxotou de casa e o chamou de abutre, esta criada tem um quê de bruxa, pois preparou-me um tônico e uns caldos paliativos que funcionaram melhor que qualquer sangria, e, aos poucos, pela mercê dos deuses, fui arribando e ficando fora da cama. Hoje acordei tão bem-disposto que chutei as cobertas e me pus de pé de imediato. Era tão cedo que mesmo Gonçalo ainda dormia. Fiz minha *toilette*, vesti meu melhor *banyan*, calcei minhas chinelas e saí pela casa à procura de alguém com quem compartilhar o desjejum. Nem mesmo o sol nascera, embora já houvesse claridade à vista. Peguei uma lamparina e, decidido a esquentar eu mesmo a água de meu chá, descí até a cozinha.

Foi quando o chão começou a vibrar. A princípio, pensei que fosse uma tontura repentina, uma tremedeira, mas escutei as porcelanas tilintarem nos armários, as panelas e as formas chacoalharem nos balcões, uma chaleira que caiu ao chão com estrondo e algumas cadeiras virando. Ao longe, o som de tijolos despencando. No instante seguinte, tudo já estava calmo outra vez, como se nada houvesse acontecido, exceto que cães latiam pela vizinhança. A casa inteira acordara com o tremor. Vesti uma capa e saí para os jardins dos fundos; Gonçalo, mamãe e June vieram logo atrás. A chaminé de um vizinho havia despencado no nosso jardim, mas, fora isso, tudo parecia normal. Gonçalo perguntou: “Então isso que é um terremoto?” Não pude deixar de notar um tom de decepção.

Com isso, me despeço, minha querida. Sinto saudades de vocês dois, sinto saudades de nossa terra, sinto saudades das comidas, dos cheiros e, perdoe-me o excesso, sinto saudades até mesmo de escutar um canto de pássaro decente, pois é coisa muito estranha nesta terra sair à rua e escutar os corvos, crocitando

tal que parecem rogar maus agouros o tempo todo. Contudo, estou feliz aqui, e de nada me arrependo. Encerro, como sempre, com os desejos de felicidades e saúde a vocês dois e ao meu querido afilhado.

*Londres, 21 New Bond Street, neste 8 de fevereiro de 1761*



## SEXTA CARTA

Érico Borges à Sofia Boaventura, no Rio de Janeiro

Querida, cá estou, sentado num jardim inglês, esperando pelo sol, enquanto escrevo estas linhas. Como sempre, o faço sabendo que minha carta anterior ainda se encontra no meio do caminho, porém, tão extraordinários foram os eventos, que preciso contar-te no calor do momento. Primeiro, os políticos: esta semana nos chegou a notícia de que, no dia doze do mês passado, o conde de Oeiras aboliu a escravidão no reino e em Goa! Que notícia extraordinária! Claro que a abolição deste horror não se estendeu à África ou ao Brasil, e vivem a repetir que a economia brasileira não pode ser concebida sem escravos, quando não eram aqueles fazendeiros nos dizendo que a abolição ameaçaria os alicerces da família brasileira. Mas é um passo, um passo pequeno, porém na direção certa, o tipo de coisa que ao menos me dá algum alívio por saber que estou trabalhando para o lado certo. Ou então, o lado menos ruim. Sei que vocês dois detestam isso tanto quanto eu, resta-nos torcer para que a abolição não demore muito mais para chegar ao Brasil.

Mas, vamos ao chá! Como havia escrito antes, planejávamos fazê-lo em março, quando o tempo já estaria mais agradável. Contudo, a chegada de viagem de um casal de amigos, que logo devem partir novamente, nos motivou a adiantar a data. Lorde Strutwell propôs usarmos a *orangerie* de sua mansão, que dispõe de enormes janelas e portas envidraçadas, deixando o ambiente muito iluminado e fresco, e, ao mesmo tempo, nos protege do clima frio. Não sei dizer quem estava mais ansioso com a chegada dos convidados, se Gonçalo ou o próprio conde. Lorde Strutwell coordenou a disposição de suas poltronas, cadeiras, vasos gigantescos e mesinhas de metal trançada com um rigor artístico. Propôs usarmos menos criados e nos servirmos nós mesmos do chá, pois está muito na moda agora. Ouviu dizer que é assim que fazem na França,

que Luís XV coa ele próprio o café para os seletos convidados de seu *souper intime* após as caçadas (me parece que nada diverte mais a gente rica do que fingir que não o são). Gonçalo e eu nos hospedáramos dois dias antes em Pendersley, para que Gon pudesse ocupar o espaço do *office* (pronuncia-se à francesa, “office”) no preparo de seus confeitos. Uma descoberta de minha ignorância provinciana é que, nestas grandes casas, o mestre *pâtissier* e o cozinheiro não coabitam os mesmos espaços – o segundo limita seu trabalho à *cuisine* da casa. O que foi bom, pois este era um gascão rabugento que sabia do inglês tão pouco quanto Gonçalo, e a comunicação entre os dois foi conflitada. Decidi não me intrometer e deixar que Gon resolvesse tudo sozinho. O resultado foi excelente, e pela *orangerie*, espalhou-se uma sucessão de canapés, doces e bolos esculturais, decorados com um esmero detalhista digno do escudo de Aquiles.

Antes que você se pergunte “quem veio”, já digo: Maria veio conosco, o que me foi útil para conter mamãe e suas perguntas distraídas ao conde – “e onde está lady Strutwell”. O conde é escaldado neste tipo de impertinência, dando a desculpa tradicional de ser “um solteirão convicto”. Mamãe logo entendeu que haveria muitos “solteirões convictos” ali, e tenho que reconhecer seu esforço. Gonçalo acredita e insiste que ela sempre soube de mim, e esperava apenas uma confirmação; que a naturalidade com que reagiu à notícia é a prova maior disso. Quanto a isso não sei dizer. Mas, desde então, ela tem feito um grande esforço para se mostrar o mais cosmopolita e tolerante possível, temerosa de que a julguem provinciana, a todo momento citando um amigo de infância que hoje é cabeleireiro da rainha Mariana, ou muito interessada em discutir modas com Fribble. Ah, Fribble! Quando da porta veio a voz inconfundível de Fribble – “*darlings!*” – trazendo todo seu *entourage*, “a mais doce sociedade do mundo”: o modista, o advogado, o peruqueiro, os dois membros do Parlamento, o doutor e aquela fancha venenosa que vive de renda.

Conhecendo a história de cada um deles, numa sucessão de pequenas tragédias familiares e amores dificultados pelas circunstâncias, e das maldades e sofrimentos cruéis impostos naquele período conturbado que é a adolescência, passei a vê-los, acima de tudo, como um grupo de sobreviventes, onde os méritos da “doutrina futilitária” de Fribble (o qual consideram seu grande filósofo) se apresentam. Ele próprio veio vestido como se pretendendo a distinção de ser o peravilho mais casquilho da terra dos janotas: casaca azul-bebê, justíssima no corpo, de bordados em brocado dourado, um lenço amarelo-ouro ao pescoço, e uma pinta de veludo negro colada às bochechas cheias de pó e ruge, com aquele seu sorriso habitualmente malicioso, capaz de colocar segundas intenções até na previsão do tempo. E, querida, hoje ele estava impossível! A certa altura lançou um grito tão agudo que julguei que racharia os cristais, virei-me assutado pensando que algo terrível acontecia, mas era somente seu entusiasmo esfuziante com a chegada de lady Madonna – ela própria num enorme e vistoso vestido azul-bebê que combinava com a casaca de Fribble à perfeição, e uma peruca tão alta quanto as torres de uma catedral, decorada no topo com um arranjo de passarinhos empalhados. Ela gritou seu entusiasmo em retorno, os dois trocaram beijinhos sem encostar as bochechas (para não borrar a maquiagem), ele a tomou pela mão e a fez rodar numa dancinha, exibindo a magnificência de seu vestido. Que escândalo, esses dois!

Sir Phillip Whiffle, aquele capitão da fragata de que lhe falei, veio acompanhado do sr. Simper, o cirurgião de bordo e seu companheiro de muitos anos. Ambos acabam de regressar de uma viagem às Américas, e mal me viram, vieram me perguntar do “terrível assalto” que sofrêramos na estrada naquela noite. Eles não sabem de nada sobre Merryland, obviamente. Simper me aconselhou a fazer como os ingleses fazem, levando sempre duas bolsas quando viajam: uma grande, para os gastos próprios, e outra pequena, para entregar ao assaltante. Céus, estes ingleses... espero que estes hábitos nunca

cheguem ao Brasil. Ah, outra convidada que vale mencionar é Teresa Cornelys, a “rainha da extravagância”. Consta que tem em sua folha de pagamento vários “jornalistas-baiacu”, como se diz aqui, que se encarregam de manter seu nome circulando na imprensa por meio de fofocas que ela mesma espalha. Um bom nome para se ter entre as relações.

Não quero aborrecê-la com a descrição de cada doce que Gonçalo nos serviu nesta tarde, digo apenas para que imagine a mais esplendorosa e colorida seleção de tortas e confeitos, digna daquela biblioteca de Beckford, e então saberás que, ao final das contas, foi tudo um sucesso. Fribble, olhando-me com um sorriso cúmplice, ergueu sua xícara de chá em saudação e me disse: “*Pathos.*”

Foi pouco depois disso que Maria me tomou pela mão e pediu que a seguisse. Saímos da *orangerie* para o ar frio daquela tarde, caminhando sobre a grama úmida. Só espero, eu lhe disse, que não seja outra vez aquela história sobre casamento, pois há um limite de farsas que se podem assumir na vida, e a minha cota já está preenchida. “Não diga bobagens, tenho algo importante para te mostrar”, ela me tranquilizou, no que tirou do vestido uma cópia d’um panfleto que reconheci de imediato: *The Earthquakers*, autor anônimo. Perguntei onde conseguira aquilo. Passaram a vender nas ruas, logo após o terramoto. Ela queria saber se era aquele mesmo panfleto que eu vira em Merryland no ano passado, o que confirmei. “É absurdo que não possamos fazer nada contra este homem”, protestou indignada. Expliquei que não há o que se possa fazer. O conde de Bolsonaro está protegido por um engenhoso expediente inglês, chamado “imunidade diplomática”. Que, aliás, também me protege. Acusá-lo fará apenas com que seja mandado embora do Reino Unido, e essa solução não me serve. Estes meses podem ter sido um idílio amoroso e ocioso, mas não é por minha escolha! Enquanto o conde de Oeiras não se manifestar, estou preso às minhas ordens.

Maria abriu a boca para protestar, mas fomos interrompidos por uma enorme revoada de pássaros, que vimos erguer-se de bosques distantes ao sul, e que parecia vir na nossa direção. Comentei que algo assustou as aves, mas Maria, sem me dar atenção, voltou para dentro da *orangerie* irritada. Fui logo atrás. Ali dentro, no calor confortável da sala envidraçada, Fribble bateu a colher na xícara chamando a atenção de todos, e lorde Strutwell se levantou para um discurso. Não estavam ali, disse ele, apenas para dar as boas-vindas à Whiffle e Simper por seu retorno à Inglaterra, mas também para reforçar os laços que os uniam – “pois somente unidos poderemos, na adversidade, encontrar um ponto de apoio que nos faça seguir em frente”. Primeiro propôs um brinde “à memória daqueles que tombaram em batalha contra o ódio de mentes pequenas”, ao que todos saudamos pensando em Armando. Então chamou Gonçalo à frente e o anunciou como responsável pelos quitutes daquela tarde. Teceu os maiores elogios à sua habilidade, à sua beleza, à sua juventude, enfeitou-lhe a biografia, apresentando-o como “o mestre pasteleiro mais famoso do Rio de Janeiro”, tendo treinado “nas melhores cortes da Itália”, e viajado pela França para “estudar as técnicas de La Chapelle” (Gonçalo lera e vinha tentando traduzir o *The Modern Cook*). Corou quando lhe bateram palmas. Gonçalo agradeceu os elogios e, com a confiança cedida por um ambiente excepcionalmente acolhedor, olhou-me nos olhos e me apontou em meio a todos dizendo: “Eu não seria metade do que sou se não fosse por aquele que amo. Érico, querido, você é tão parte disto quanto eu.” Bateram-lhe palmas ainda mais entusiasmadas, e vi, de canto de olho, que mamãe ocultava as lágrimas. Deixei que Gonçalo conversasse com cada um dos convidados, e sentei-me mais afastado, no que vi lady Madonna ao meu lado. Ela perguntou se eu estava orgulhoso. Antes que respondesse, fomos interrompidos pelo par de cães de lorde Strutwell, que, sem motivo aparente, começaram a uivar. “Estão estranhos os animais hoje, não?”, observei. No que os dois cachorros

saíram em disparada, escapando para o jardim pela porta da *orangerie* que Maria e eu esquecêramos aberta, e lorde Strutwell correu atrás, aos gritos: “Domenico! Stefano! Voltem aqui!”

Lady Madonna e eu não demos maior importância ao caso, e voltamos à conversa. Falava de meu temor supersticioso com algumas palavras, em especial aquelas que, de tão desgastadas pelo uso excessivo, eu não podia aceitar que fossem empregadas senão quando merecedoras de seu uso. Agora isso me parece tão tolo, tão idealista, tão vazio. Gonçalo me ensinara o seu valor real, e ele estava muito acima de meu fetiche temerário e semântico. Da mesma forma que “marido” e “esposa” me vinham à mente: são apenas os termos relativos às partes de um contrato. Impõe-nos que se deva casar, mas não que se deva amar. E, no meu caso, o que isso significaria? Uma formalidade, uma burocracia, uma declaração pública? Jurei a mim mesmo que não farei como tantos outros o fazem, casamentos por aparências, transformando seus verdadeiros amores em sombras ocultas nos cantos escuros de suas vidas. Gonçalo tem uma alma solar, e não trairei o que sinto por ele o colocando à sombra. Se for para provocar escândalo, se for para me tornar um pária como lorde Strutwell, que seja, mas não cederei um passo no que tange à minha própria felicidade. Ao ouvir isso, lady Madonna ficou emocionada, tomou minhas mãos na sua e, com sua infinita sabedoria, me disse: “Querido, pobre é aquele cujos prazeres dependem da aprovação de outros.” Mal tive tempo de agradecer o conselho.

Pois o chão começou a tremer outra vez.

Começou fraco, gerando murmúrios nervosos, então uma mesinha virou, espatifando bule e xícaras, e madame Cornelys gritou de susto. Maria se levantou e ficou paralisada, cotovelos erguidos, olhando ao seu redor com horror e murmurando: “Não outra vez, não outra vez!” Fribble e eu nos entreolhamos: ela estava tendo outro colapso nervoso. Então o forte reverbero de um estrondo distante provocou um baque, que fez várias das grandes

vidraças da *orangerie* estourarem lançando cacos de vidro. O capitão Whiffle gritou: “Abandonar o navio!”, e todos correram para fora, exceto lorde Strutwell que, apavorado com a cacofonia de objetos caindo dentro da mansão, foi atrás de suas preciosas coleções.

E o tremor parou, tão súbito quanto veio.

De dentro da mansão, ecoou um grito choroso na voz do conde. Gonçalo e o sr. Simper saíram correndo atrás, e o encontraram no salão de jantar. A preciosa estátua de Antinoo havia tombado, e na queda, partira-se ao meio. O conde, tal qual o imperador Adriano um dia o fizera, lamentava a perda de seu belo efebo. O pobre Antinoo, pela segunda vez entregando-se em sacrifício, foi a única vítima desse dia.

*Hampstead, Pendersley Park, neste 8 de março de 1761*

## VEADO À MODA DA CASA

**N**os dias seguintes, não falta quem perceba a coincidência de que, naqueles que ficaram conhecidos como “os tremores gêmeos” de Londres, em oito de fevereiro e oito de março de 1761, decorreu o exato intervalo de um mês. As palavras de conforto oferecidas nas igrejas pela ocasião do primeiro tremor, agora são recebidas com descrédito. Qualquer carroça mais pesada que passe à rua já faz muitos londrinos saltarem em pânico de suas camas, crenes de que lhes aguarda um destino tão trágico quanto o de Lisboa. O maior estrago não é físico, mas mental: nada nunca está tão ruim que não possa piorar, e logo um soldado impressionável do regimento dos Life Guards, chamado William Bell, começa a ter visões. A terra irá se abrir; o Tâmis, ferver e borbulhar; as pontes a despencar; e o Fogo da Danação, cuspidas das entranhas da Terra, levará os espíritos de santos e pecadores à presença dos anjos do Senhor, erguendo as almas dos mortos, e deixando a terra limpa e nua, livre dos pecados e feitos do homem, amém. Tão vívidas são suas visões, que Bell as sai contando para quem as quiser ouvir. Tão eloquente é seu discurso, que em poucos dias, sua profecia toma Londres como uma febre. Uma semana após o último tremor, não se fala de outra coisa nos cafés, nos jardins de chá, nos jantares em família; a cidade se divide entre os que acreditam em suas visões e nos que riem da credulidade alheia. E tudo acontecerá, seguindo a lógica dos terremotos anteriores, vinte e oito dias após o último: em cinco de abril, portanto.

Assim se estabelece o prazo para o fim do mundo.

“Primeiro de abril teria sido uma data mais adequada”, resmunga Fribble, profundamente incomodado por toda aquela besteira sem sentido.

“É surpreendente como as coisas estão bem num momento, e num instante, tudo muda”, comenta Érico, ao seu lado. Fribble lhe enviara uma mensagem um dia antes, convidando somente ele para uma refeição em seu clube, onde queria discutir um “importante assunto particular”. Gonçalo, com um levantar de sobrancelha suspcioso, perguntou se deveria ficar preocupado. Érico respondeu com um muxoxo: Fribble não faz meu tipo. Provavelmente, trata-se de alguma questão pessoal que prefere compartilhar com poucos.

Os dois agora caminham pelo parque Green, quando Fribble comenta com Érico sobre notícias recentes que lera sobre seu reino nos jornais. Portugal assinara com a Espanha o Tratado de El Pardo, anulando todas as determinações do Tratado de Madri. “Deve ser um alívio para o seu embaixador, não? Maria me disse que ele andava muito ansioso com a questão.”

“É, imagino que sim”, responde Érico, num tom amargo. Sim, ele lera as notícias nos jornais, o que só servira para lhe tirar o bom humor. “Tudo pelo que passei no Sul do Brasil, todos os cinco anos de guerra contra os guaranis, foi a troco de nada. Absolutamente inútil. Uma perda imensa de dinheiro, tempo e vidas.”

“Ah, guerra...”, diz Fribble, *en passant*, “guerra nunca muda.”

“Nem os malditos espanhóis”, resmunga Érico.

“Querido, reveja seus conceitos”, Fribble o censura. “Já disse que esta tua má vontade com os espanhóis é uma bobagem. Veja nós escoceses, por exemplo: vivemos séculos às turras com os ingleses, e de certo que eles nos conquistaram, mas não mais do que os romanos quando conquistaram os

gregos, pois hoje admiram nossos autores, nossos pensadores, a beleza de nossas terras, e nós lhes admiramos... não faço ideia, mas enfim, alguma coisa.

“Nunca conheci um castelhano de que gostasse”, insiste Érico, sempre teimoso. “Além do mais, vocês falam a mesma língua. Se os desgraçados invadirem Portugal, Deus que me perdoe, mas arrancarei a minha língua antes de ter que falar a de um estrangeiro em minha própria terra.”

Passam pelo reservatório d'água de Chelsea e saem do parque Green para Picadilly, onde um vendedor de rua anuncia “pílulas, pílulas contra terremotos”, embora não entre em detalhes de como poderiam funcionar. Mesmo assim não falta quem compre. Fribble muda de assunto:

“A propósito, soube que foste o mais recente alvo das intenções matrimoniais de Maria.”

“Ah, sim. Por favor, não comente nada com Gonçalo. Ele ficou um pouco chateado com isso... e você sabe, quero evitar problemas em casa.”

“*Já disse o poeta /que dura mais a relação /onde o ativo é quietinho /e o passivo mandão*”, cantarolou Fribble. “Mas veja só, como Maria é uma garota esperta. O casamento é, via de regra, o prolongamento da escravidão da mulher. Você sabe, do pai ao marido. Mas ela encontrou uma forma de fazer dele sua alforria.”

“A quem mais ela já propôs?”

“Ah, me parece que, em tempos passados, houve boatos sutis sobre ela e Armando.”

“Ouvi dizer. Mas por que isso não foi em frente?”

“Ele temia que isso o obrigasse, de alguma forma, a voltar para Portugal”, diz Fribble. “Mas, claro, não é só isso. Uma hora te pressionam por casamento, e quando você pensa que o deixarão em paz, o pressionam por filhos. E um só não bastará, e vão sempre querer de você mais e mais provas de que você está comprometido em viver a vida que te planejaram sem nunca te consultar, e

com pouca ou nenhuma consideração pelos teus próprios planos ou desejos. E não basta você vivê-la, você precisa convencê-los de que acredita no que dizem. Não estão verdadeiramente interessados em você, querem apenas confirmar as próprias inseguranças, fazendo uso de você para isso.”

“Ora, há famílias e famílias”, defende Érico. “Agora é você quem está prejudgando. Suponho que você não tem um bom relacionamento com a sua?”

“Olhe, querido, se tem uma coisa que eu invejo nas classes baixas”, suspira Fribble, “é a facilidade com que lhes morrem os parentes. Gente rica, para morrer, é uma desgraça. Mas a meu ver é o problema da religião. É por isso que elas persistem, mesmo que atraiam mais misérias do que qualquer outra coisa: há sempre a esperança de que as regras funcionarão, de que algum dia encontrarão alguma felicidade na própria subserviência. Sinceramente... repetir geração após geração a mesma roda de infortúnios, o mesmo processo, as mesmas regras, esperando que algo novo surja disso, me parece a própria definição de loucura. E em algum momento você se pergunta se é nisso mesmo que consiste a vida: uma existência miserável a satisfazer as exigências dos outros, tendo que viver nas margens que lhe deixam. E quando vê, um dia você está velho e solitário, e percebe que aquilo que você realmente viveu foi muito pouco, foi apenas a sombra de uma vida, no espaço apertado e sufocado onde lhe deixaram ser você mesmo, pois só ali não estavam olhando. Um dia você acorda e percebe que se tornou lorde Strutwell.”

“Fribble!”, Érico protesta. “Quando foi que você passou de dândi delirante à apóstata?”

“Ah, querido”, ele sorri com malícia, “sou como um bolo de casamento: por baixo dessa linda cobertura de merengues, sou duro como pedra. Mas não menos gostoso, claro.”

Dobram a esquina na rua St. James. Fribble aponta com sua bengala para um prédio em estilo Adams do outro lado da rua, quase à esquina com a rua

Jermyn. Na janela em arco do andar térreo, vê um criado puxando os reposteiros das cortinas. Entram e são recebidos pelo guardião do clube, que cumprimenta Fribble como um velho conhecido. Acompanham-no até uma porta alta, que o criado abre para eles, e entram num grande salão preto e dourado. Há uma mesa ampla central, que ignoram, seguindo para a última mesa a um canto discreto. Fribble aponta para duas confortáveis cadeiras de braços, e senta ao seu lado. O criado de mesa larga-lhes um cardápio frente a cada um.

Fribble tira o cardápio das mãos de Érico: “Não, não, deixe tudo por minha conta, aqui você é meu convidado.” E voltando-se para o criado: “Traga-nos um pouco daquele caviar com que o embaixador russo nos presenteou no começo da semana, se ainda houver, e uma garrafa de clarete. Érico, gostas de carnes de caça, suponho? Ora, quem não gosta? Eles conseguem um veado excelente aqui, que você precisa experimentar. Sim, está decidido. Vamos querer o melhor veado à moda da casa, para os dois. Algumas fatias do seu excelente toucinho, seria bom. Ervilhas e batatas, e aspargos também, se os tiver, me parece maravilhoso. Ao final, traga morangos *au kirsch*, e... ora, vamos abrir a carteira um pouco! Traga-nos uma fatia de ananás para cada um. Mas traga o clarete e o caviar antes, sim? Estamos precisando de algo que nos anime.” O criado assente com um aceno da cabeça e se vai. É quando Fribble se vira para ele com um sorriso enigmático, e surge com a mais peculiar das perguntas: “Diga-me, Érico, o que você sabe sobre jacobitas?”

“Você quis dizer jacobeus?” Érico o encara com espanto. Que pergunta absolutamente arbitrária! Que interesse teria Fribble por um bando de frades portugueses fanáticos?

“Não, não os jacobeus, nem sei o que é isso”, Fribble revira os olhos. “Jacobitas. Os seguidores de Jaime Stuart, você deve saber... o Velho Pretendente...”

Mas minúcias monárquicas inglesas não são campo de conhecimento de Érico. Fribble explica que, no século anterior, Carlos II foi o fanfarrão mais libertino que já governou o Reino Unido. E que, apesar de ter bastardos por toda a Inglaterra, não conseguiu gerar um herdeiro legítimo. Após sua morte, em seu lugar assumira o irmão, Jaime II. Contudo, nos tempos em que este viveu na França, se convertera ao catolicismo e, por consequência, tinha uma visão de monarquia absolutista mais ao gosto católico, o que resultou que entrasse em constante conflito com o Parlamento. Em resumo: de atrito em atrito, Jaime II acabou deposto na chamada Revolução Gloriosa, e em seu lugar o Parlamento pôs a coroa sobre a cabeça protestante de Guilherme III de Orange, conquanto este aceitasse uma Declaração de Direitos que limitava o poder do rei, estabelecia um inédito direito à liberdade de expressão, e o mais importante: determinava que nenhum católico jamais poderia assumir o trono britânico novamente. Quanto ao rei deposto, Jaime II foi viver no exílio, morrendo no começo deste século. Mas muitos dentre os católicos britânicos, em especial os escoceses, nutrem a esperança de restabelecer sua linhagem por meio do filho, Jaime Stuart, o Velho Pretendente, ou do neto, Carlos Eduardo Stuart, o “Belo Príncipe Charlie”. Estes apoiadores chamam-se de jacobitas. “Até o ano passado”, conta Fribble, “os franceses planejavam invadir a Inglaterra, depor Jorge II e instaurar Jaime Stuart em seu lugar. A derrota na Batalha de Lagos mudou isso.”

“Sim, *dessa* parte eu estou a par”, diz Érico, sarcástico. Aquela súbita mudança em Fribble, de macaroni avoador para o mais preocupado *connaisseur* das questões políticas de seu tempo, o perturba. Soa como uma traição aos seus princípios. “É aquela batalha em que vocês invadiram nossas águas e roubaram os navios franceses, não? Confesso que estou surpreso: não fazia ideia de que se interessasse por política. Um assunto de tanta seriedade não vai vulgarizar a refeição?”

“Ora, estamos num clube de cavalheiros, Érico. Se há uma conversa que pode encerrar a guerra, me parece o lugar perfeito para que ela ocorra.”

“Nesse caso, vamos esperar o clarete. Jamais discuto política sóbrio.” O criado traz clarete e uma porção de finas fatias de pãezinhos torrados, acompanhando o caviar. Serve um cálice para cada um, e sai. “Tenho a curiosa impressão de que você não me convidou para tratar de assuntos pessoais.”

“Eu nunca disse que queria discutir assuntos pessoais”, sorri Fribble. “Oh, Érico, querido, por favor, não se ofenda nem se sinta traído. Minha amizade é sincera, e os tenho em grande estima. Digo isso por experiência própria: no nosso ramo, é preciso saber oscilar entre a esfera de interesses particulares e a de interesses profissionais.”

“*Nosso* ramo?”

“O trabalho de levar e buscar fofocas e intrigas através de fronteiras. De bisbilhotar cartas. De entrar onde não se é convidado e descobrir o que não querem que saibamos. É o que somos, não? Fofoqueiros profissionais, velhas turgimonas ao nível estatal. Oh, meu caro... agora percebo, estou errado, que você nunca se perguntou como me aproximei de Maria e Armando?”

Palmas. Ergue-se a cortina. Érico, que havia se acomodado largado e solto, empertiga-se na cadeira: a nuvem de preocupações pessoais se dissipa num piscar de olhos. É como se fosse atingido por um raio. Mais desperto. Não está entre amigos e, percebe agora que, com Fribble, nunca esteve. No momento em que o conhecera, os chás, as idas ao teatro, os jantares, as ofertas para ajudá-lo em sua vida pessoal – como pôde ser tão ingênuo? – era tudo parte de um jogo de sedução a que não estava acostumado. Os modos suaves, elegantes, despreocupados, a conversa superficial... como não se dera conta daquele conjunto de sinais? Ai, Érico: deixaste te seduzir por todo aquele brilho, e não viste o que estava à sua frente o tempo todo. Compreende agora que este será um jogo entre profissionais. Entre dois espias.

“Você e Armando nunca foram amigos”, conclui Érico, precipitado.

“Ora, muito pelo contrário! Ambos, Armando e Maria, são muito amigos meus. Era, no caso dele. Preciso me acostumar a falar de Armando no passado, pobrezinho. Lamento muito o que lhe ocorreu. Duas joias, os dois. Maria ainda não sabe sobre isso, claro, é um gesto de confiança meu o que lhe conto aqui, pois ocorreu uma situação excepcional, que requer medidas excepcionais. Quanto a Armando, creio que nossa relação se confundiu em diversos momentos, e ele teve dificuldade em lidar com isso. Se preciso extrair algo do filho do embaixador de Veneza aqui, ou se o adido austríaco ali está, como direi?, disposto a abrir a boca... são oportunidades que *devem* ser aproveitadas. Vocês, estrangeiros, quando estão longe de suas terras natais, é surpreendente o quanto se dispõem a abrir as pernas. Não que eu não me divirta com a jovem e viçosa diplomacia europeia, mas creio que Armando, com seus pudores portugueses, ficou com uma impressão um pouco errada de mim. Mas nossos interesses eram mútuos: ele queria encontrar um lugar para si que fosse bem longe de Portugal, e eu poderia arranjar isso em troca de ser mantido bem informado. Contudo, ‘Inês é morta’, como vocês costumam dizer. Infelizmente, nesse caso, literalmente.”

“E agora, você precisa de uma nova fonte de informações”, conclui Érico. Bebe seu clarete num gole só. “Não sei o que levou Armando a aceitar isso, mas aqui eu estou em condições diferentes. Ao contrário dele, não sou um maldito traidor.”

“É mesmo tão difícil assim de entender, Érico? Veja o homem para o qual ele trabalhava! Que você mesmo detesta, por sinal. E você, que é um rapaz aculturado, apesar de português, me diga: o que uma nação de pobretanas e provincianos supersticiosos como Portugal tem para lhe oferecer? Uma fogueira para se queimar, o símbolo máximo da barbárie de vocês. Tenho certeza de que você consegue ver o meu ponto. Armando viu. Ele não conseguia respirar,

morria de medo da ideia de voltar para esse grande claustro de espíritos que vocês se tornaram. Ele queria mais, e não se pode culpar ninguém por querer mais da vida do que aquilo que nos destinam. O que Portugal tinha a oferecer para ele? Aliás, o que tem a oferecer para você”?

Chega o criado e lhes serve os escalopes de veado assado e as batatas. Ao curvar-se, o braço do rapaz toca o de Érico, que não desvia. Os dois, Érico e o criado, trocam olhares, maliciosos e brilhantes, fitando-se por alguns segundos até o rapaz virar-se de costas e voltar para a cozinha, num passo manhoso que o faz lembrar de um rapaz no Rio de Janeiro, escravo forro, que tinha os mesmos modos maleáveis no andar. Fribble, percebe, também ficou como que hipnotizado pela beleza do empregado de mesa. “É por coisas assim que eu gosto de vir aqui”, diz ele, sorrindo para Érico.

Recuperados da distração, os dois voltam suas atenções um para o outro. Érico se propõe a contar-lhe também uma pequena história, testemunhada pouco antes do Natal, que a seu ver ilustra o que os ingleses têm a lhe oferecer como civilização. Andava com Gonçalo à procura de um presente para sua mãe, quando se depararam com um grupo amontoado ao redor de um moribundo. Meteu-se no meio das gentes, e perguntou o que acontecera. Dois homens, uma discussão, briga. Um deles, golpeado no rosto com força, estava no chão à beira da morte. Érico perguntou se não havia ninguém que pudesse salvá-lo. Havia. O cirurgião estava ali, pronto a sangrá-lo, mas não o deixavam ajudar, pois outros dois haviam feito uma aposta em dinheiro. Um, que o homem sobreviveria; o outro, que morreria. E por causa disso, nada se fez pelo sujeito.

“Sei o que dirá”, adianta-se Érico, “que não se deve tomar uma pequena fração como representativa do todo. Mas para mim, aquele momento foi revelador. Sabe do que me dei conta, Fribble? Que ali estava o espírito da sociedade que os pariu. Percebi que vocês, ingleses...”

“Britânicos”, corrige Fribble.

“Que seja. Vocês, britânicos, também são uma nação de fanáticos. A fé de vocês não se volta para a Igreja, mas para o dinheiro. Uma fé que move pessoas, cidades e nações inteiras tendo como base um único critério: extrair o maior lucro possível da mais ínfima atividade humana. Chama-nos de santarrões delirantes e medievais, mas o que são vocês? Bárbaros educados, hunos elegantes, é o que são: Átila com uma xícara de chá. Não o culpo por defender seu país, mas convenhamos que mudar o nome da merda não a faz feder menos. Ingleses, escoceses, franceses, espanhóis... mesmo os portugueses... vocês europeus são movidos pelo desejo de convencer o mundo de sua própria superioridade, mas convenhamos, Fribble, nós dois apenas servimos dois monstros diferentes, mas não menos monstruosos. Vocês acreditam ser o berço das culturas, mas vivem num continente feito de ruínas; colocam a si próprios no centro dos mapas, mas se ajoelham para beijar os pés da China em troca de um pouco de chá. E fanchonos como nós...”

“Psst! Fale mais baixo!”, murmura Fribble.

“Nossa gente não é mais bem recebida aqui do que em Portugal”, lembra Érico, baixando o tom. “Não é como se você me ofertasse sair do inferno para o paraíso, é apenas um círculo superior do inferno, um pouco mais perto do purgatório. E vens me falar de fogueiras? Aqui também se queima na fogueira, e sabe por qual crime? Falsificação de dinheiro. Cada religião com sua heresia.”

“Armando não pensava como você”, lembra Fribble.

“Não vou julgar o desespero alheio”, retruca, bebendo mais um gole do clarete. “Ele estava desesperado e não via perspectivas. E eu, a meu modo, também estava desesperado, mas a natureza do meu desespero era outra. Além do mais, Armando era um reinol. Ora, o que realmente sabem vocês europeus da natureza do mundo? Rousseau? Limpo minha bunda com Rousseau. Eu conheço a natureza do mundo, Fribble. Como disse Voltaire, ‘eu sei o que

custa o açúcar que se come na Europa'. Sabe qual a diferença entre o espírito europeu e o espírito brasileiro?"

"Não faço ideia, mas tenho certeza de que você me dirá."

"A Europa está sempre tentando salvar o mundo de si mesma, e empreende esforços descomunais que inevitavelmente a conduzem à própria ruína; nós brasileiros já vemos a ruína desde o princípio: apenas relaxamos e aproveitamos a viagem. Então, deixemos claro que você não tem nada a me oferecer que eu já não possua ou talvez nem queira. Mas você quer algo, não quer? Quer informação. Você me manipulou como o belo titereiro que é, e me ajudou bastante em tudo relacionado a Gonçalo, nisso lhe sou grato... mas essa é a diferença entre mim e Armando: minha vida pessoal não depende disso. Serei grato, mas não servil. Então, vamos tratar de negócios, vamos tratar do que o seu país quer do meu, e o que está disposto a oferecer em troca", Érico corta um pedaço da carne e a leva à boca. "O veado está ótimo, aliás. Creio que poderia cortá-lo com uma colher."

Fribble sorri fazendo um *moue* com os lábios, enquanto gira o castão da bengala na mão. Olha em volta, se certificando de que ninguém escuta ou dá atenção à sua mesa.

"Como você deve saber, o velho Jorge II veio a falecer de causas naturais."

"Li no jornal."

"Mas sabe quem *não* faleceu de causas naturais? Isso você não lerá na imprensa."

"Não faço ideia."

"O valete do príncipe de Gales. No mesmo dia, ao final da manhã. Envenenado, imagine só, ao beber de uma xícara de chocolate destinada ao príncipe."

"Espere", Érico pisca, confuso. "O valete... do príncipe de Gales? Não o do rei Jorge?"

“Exato. Não é extraordinário? Imagine que você planeje envenenar o príncipe herdeiro do trono. Contudo, ao invés disso, quem morre é o rei, em outro palácio, por meios naturais. Como manda o protocolo, o rei está morto, vida longa ao rei: o príncipe é acordado e comunicado. Sua rotina se altera, e nem sequer toma o desjejum. O valete, muito esperto, não quer desperdiçar uma boa xícara de chocolate e a bebe. Você consideraria isso acaso, coincidência ou intervenção divina?”

“Consideraria uma ação inimiga.”

“Como dois terremotos em um exato intervalo de um mês.”

“Convenhamos que ninguém sabe como os terremotos surgem.”

“Saber, não se sabe”, Fribble tira do bolso da casaca um panfleto, que larga sobre a mesa. Um exemplar de *Os incitadores de terremotos*. “Mas isso não impede que explorem o pânico com fins muito curiosos, não? Agora, Érico, eu sei que você veio para Londres atrás de um impressor de obras piratas. Para o bem ou para o mal, toda a literatura de dissidência da Europa acaba sendo impressa por nós, são os males de se ter um reino com liberdade de expressão. Agora, sei o que veio fazer aqui em Londres, e sei que teve algum sucesso em suas investigações.”

É então que Érico se dá conta: Armando fora assassinado antes que pudesse compartilhar com Fribble das desconfianças surgidas no jogo contra o conde de Bolsonaro. Fribble provavelmente sabe tudo sobre Érico, sabe que não existe nenhum barão de Lavos, mas não está a par de nada que descobrira – Baskerville, os panfletos, tudo. Está com todas as cartas certas em mãos.

“Soube apenas que estão vendendo isso às ruas”, pega o panfleto e o folheia sem interesse. “Qual a relação disso com o envenenamento do valete do príncipe de Gales?”

Fribble explica que o cozinheiro que preparara o chocolate fora preso, e quando o fizeram confessar para quem trabalhava, enumerou uma série de

nomes: Jean Melville, Pedro de Nassetti, Alexandre de Marins. Todos relacionados aos autores de panfletos que andaram circulando pela cidade nos últimos meses. Fardos daqueles papéis costumavam aparecer às portas das livrarias, misturados às encomendas, e os livreiros, os quais não viam mal em vender panfletos que lhes chegavam sem custo algum, os colocaram nas prateleiras.

“Vocês não podem simplesmente confiscá-lo, censurá-lo, recolher todos?”, pergunta Érico.

“Não é assim tão simples. Não sem um motivo concreto. Este é um panfleto que, basicamente, acusa os sodomitas de atraírem o apocalipse. Em tempos como este que vivemos, vai ao encontro da opinião de muitas autoridades. Chegamos a cogitar que fosse obra do velho bispo Sherlock, mas ele negou, não é de sua lavra. Aos olhos da lei, não há nada que justifique seu confisco.”

Os mais crédulos já abandonaram a cidade, e quanto mais próximo chegarem da data para o “fim do mundo”, mesmo os incrédulos começarão a se questionar. Serão levados pelo pânico, e a razão é sempre a primeira que colapsa.

“Então, não há nada que a tão avançada e moderna Inglaterra possa fazer, para conter este delírio de fanáticos?”, provoca Érico. “Apenas sentar e ver a casa pegar fogo?”

Fribble comprime os lábios para conter um sorriso irritado. Ignora o comentário e aponta a coincidência de que a data escolhida pelo soldado Bell, cinco de abril, cai bem no meio do período de eleições para o Parlamento. Outra coincidência? Não há como saber. Às vezes se fica tão envolvido pela política que todos os eventos do mundo parecem conectados, justificando-se mutuamente.

“E o que o leva a crer que eu saiba de algo a respeito disso tudo?”

“Bem, meu querido, sei que Armando foi levado morto à embaixada dentro de um barril, do mesmo modo que o mercador de vinhos em Lisboa, perguntei sobre isto para Maria e ela apenas me disse: fale com Érico. Sei que vocês se envolveram em algo na noite anterior à morte do rei, após o jantar com Strutweell, perguntei ao conde e ele me disse: fale com Érico. Pois então, aqui estou eu, aí está você, há seis meses na nossa cidade investigando os meandros da nossa imprensa clandestina. Deve haver algo para compartilhar conosco, que pode nos colocar em alguma direção. E eu então lhe pergunto: o que você tem para nos dar, e o que você quer em troca?”

“Eu tenho um nome”, responde Érico.

“Só um nome?”, Fribble ergue a sobrancelha.

“E um endereço, se ainda estiver sendo ocupado”, completa. “Creio que, a essas alturas, já não deve mais estar. Envolve os interesses tanto de franceses e espanhóis, mas o embaixador francês não está a par de nada, embora o espanhol esteja. Isso não fará diferença, não é? Imunidade diplomática, e todo o resto. Contudo, havia interesses ingleses envolvidos nisso, e eu não fazia ideia onde essa peça se encaixava neste quebra-cabeça. Até agora. E é este o nome que eu posso lhe dar, um nome inglês. Havia um conterrâneo seu também, um escocês, mas este é uma carta já descartada.”

“Por quê? O que ocorreu com ele?”

Érico ergue os ombros e sorri, gaiato. “O mercado editorial é um negócio arriscado.”

“Querido, que coisa feia vir ao país dos outros e aprontar confusões.”

“Bem, William... posso tratá-lo por seu nome de batismo agora? Já que somos amigos e colegas de profissão, é o costume no Brasil, não somos tão pomposos como vocês”, provoca Érico. “Este grupo se autoproclama um ‘Consórcio Transnacional’, para resolver mutuamente os interesses uns dos outros. Os interesses jacobitas estão claros agora. Os de franceses e espanhóis

me são mais nebulosos, embora eu seja levado a crer que sustentem uma invasão ao Brasil. E tome nota que, se o Brasil for invadido, será a coisa mais catastrófica que ocorrerá para a economia do *seu* reino, tanto quanto do meu... a não ser que o seu reino esteja envolvido nisso também. O que me diz disso?”

“Pff”, Fribble ri. “Você precisa entender uma coisa sobre nós, Érico: a guerra é uma extensão da nossa política, e a nossa política é uma extensão dos nossos negócios. Tudo o que precisamos do Brasil já podemos conseguir por outros meios. Você e eu viemos de duas nações mercantis, é esta a razão de nossas alianças durarem tanto tempo. Embora, para nossa sorte, vocês portugueses deem mais atenção aos livros de orações que aos contábeis...”

Érico acena para que o empregado de mesa lhes sirva mais vinho. O criado vem e, quando se vai, o movimento ondulado de seus glúteos contra o calção muito apertado, o peso redistribuído a cada passo, subindo e descendo, os mesmeriza outra vez. Refeitos da distração, voltam aos negócios:

“Pois bem, eis minhas condições”, diz Érico. “Quero tomar parte em qualquer ação que vocês façam contra o Consórcio. Quero ser o dedo a puxar o gatilho. E quando chegar o momento, quero ser deixado para resolver a questão ao meu modo. Por Armando. E esta garantia, meu caro, quero por escrito. Em documento secreto, entregue a mim, com cópia enviada à minha embaixada.”

“Espere um pouco”, diz Fribble, que se curva, receoso, baixando o tom de voz. “O que você está nos pedindo é uma permissão para matar um estrangeiro em nossa terra. Isso não existe.”

“Se bem entendi a história que você me contou, William, é de uma tentativa de regicídio que estamos tratando aqui. Situações excepcionais requerem medidas excepcionais.”

Fribble se recosta na cadeira e bebe seu clarete todo de um gole só. Parece analisar Érico sob uma nova lente, remoendo suas ideias. Por fim se decide, e

sorri manhoso.

“Érico, Érico... que menino travesso você é. Preciso levar a questão aos meus superiores.”

“Tudo bem. Eu não vou a lugar nenhum mesmo.” Ergue a taça como se propondo um brinde: “Mas agradeço por este veado, querido. Certamente, foi o melhor que já comi.”

## O COLAPSO DA RAZÃO

**S**egunda-feira, dezesseis de março.

A se confirmarem as previsões do soldado Bell, vinte dias para o fim do mundo.

Pelas ruas de Londres, famílias carregam seus baús em carroças e partem para o interior. A cada dia, as ruas vão ficando mais e mais vazias. O bom e velho lorde John Strutwell, que não costuma ler jornais, decide contrariar seus hábitos de eremita e, animado com o sucesso recente de seus saraus e banquetes, resolve voltar a frequentar o mundo para além das paredes de sua mansão ou do Libertino da Lua. Entra numa cafeteria: ah, o cheiro do café e o burburinho das discussões incessantes sobre todos os assuntos possíveis! Pede um café. Na mesa ao lado, um grupinho muito exaltado discute se o que ocorre em Londres é um delírio das massas ou se a cidade será de fato o alvo da Ira Divina, seguindo nos passos de Lisboa e Pompeia. Um sujeito baixinho e pernóstico, com uma cópia d'algum panfleto em mãos, brada contra os culpados por transformarem Londres numa nova Sodoma: as mulheres desacompanhadas, a estimular lascívia nos homens; os negros libertos, a inculcar ideias radicais nos cativos; os jesuítas conspiradores com seus planos de dominação mundial; e, é claro, os fanhonos e sodomitas, que conspurcam a terra com sua existência. Uma feira de ódios se instaura naquela mesa e, de absurdo em absurdo, já se propõe sair às ruas, caçando os efeminados para livrar a terra de sua existência odiosa. Lorde Strutwell, com a fleugma que lhe é

característica, considera que aquilo já passou dos limites. Ergue-se e lhes diz: “Ora, não pretendeis vós propor que se enforcem tais pessoas, simplesmente por seguirem o que são suas inclinações naturais, suponho.” O baixinho volta sua atenção para o conde, a discussão prossegue. Nisto chega um mensageiro na cafeteria, que traz uma carta e pergunta: “Lorde Strutwell está aqui? Foi-me dito que ele estava aqui, tenho uma mensagem para ele.” O conde se identifica, e pega a carta. É quando o baixinho exaltado, lembrando-se ou de eventos muito antigos ou do personagem literário homônimo no qual o conde fora parodiado, associa o nome à pessoa. Aproveita-se da distração do velho e se aproxima dele.

“Pois esta, senhor, é a minha inclinação natural”, anuncia. E joga sua xícara de chocolate quente no rosto de Strutwell. O resto da cafeteria segue o mesmo: a atendente vira-lhe o café quente em sua calça, outro atirou-lhe o leite no pescoço. Forma-se uma turba. Lorde Strutwell tenta chegar à porta para escapar, mas o agarram pelo braço. Recebe uma pancada na altura dos rins, outra na cabeça. Uma costela é quebrada. Entre socos e pauladas, o velho conde é surrado e erguido nos braços, levado para fora da cafeteria até a rua, onde o atiram numa grande pilha de estrume do estábulo ao lado.



No leste da cidade, numa pequena taverna no número 76 da rua Narrow, próximo às docas de Lime-Kiln e de frente para a entrada de Ropemakers Field, está o Cacho de Uvas. O lugar costuma ser frequentado pelos marinheiros do *Joy Stick*, e quando Fribble entra, o encontra apinhado. Lança um olhar crítico para o espaço que, numa avaliação feita de má vontade, não parece ter maior largura que o interior de um coche. Numa mesa mais discreta ao fundo, vê Érico almoçando com o capitão Phillip Whiffle, o que o deixa desconcertado: ter mais companhia não era o que planejava.

“Capitão...”, o cumprimenta. “Érico, pensei que nossa conversa seria privada.”

Érico mostra sobre a mesa uma cópia de *Os incitadores de terremotos*.

“O bom capitão estava me contando”, diz Érico, apontando um espaço no banco para que Fribble se sente, “dos problemas que este panfleto tem lhe trazido. Sabia que sete membros da tripulação do *Joy Stick* foram presos na semana passada? Há boatos de que uma nova Sociedade para a Reforma dos Costumes foi organizada. Lady Madonna está apavorada, e está pensando em fechar o Libertino da Lua até passar esta loucura coletiva.”

“Creio que lorde Strutwell paga uma boa soma ao magistrado para que ela seja deixada em paz”, diz Fribble, atirando um livro à mesa e sentando-se no banco. “Eu próprio, no que posso, cobro favores aqui e ali, para reforçar-lhe a segurança.”

Érico puxa o livro e o abre na folha de rosto: *Uma nova descrição de Merryland, contendo a topografia, geografia e a história natural deste país*. Escrito por Roger Pheuquewell, em 1741. Folheia o que lhe parece ser alguma espécie de guia de viagens, com descrições detalhadas da topografia de uma ilha distante, até que percebe: não é geografia, mas o corpo de uma mulher o que está sendo descrito. Geografia erótica. Um estilo muito particular de livro licencioso.

“Então, teve sucesso com o endereço que lhe dei?”, pergunta Érico.

A mansão de Merryland fora abandonada da noite para o dia após o segundo tremor, e vendida por um preço irrisório. Segundo o novo proprietário, o dono parecia muito perturbado pelos terremotos, visto que o epicentro fora justamente em Highgate. Toda a mobília, os quadros, os “mármore” que na verdade eram gesso, as armas e armaduras antigas e enferrujadas foram vendidos junto com a casa, e revendidos a uma companhia de teatro. A única coisa que seus ocupantes levaram consigo foram os móveis

da biblioteca, e algo que ocupava uma sala no porão. Não sabia dizer para onde haviam partido. Fribble parece cansado, agora. Seu tom, sempre tão alegre e afetado, traz notas amargas. O gabinete do secretário de Estado para os Departamentos do Sul, para o qual trabalha, está sob grande pressão. Tira a caderneta do bolso e lê suas anotações.

Roger Pheuquewell é, na verdade, o pseudônimo de Thomas Stretzer. E se o nome não diz nada a ninguém, nem traz memória alguma à mente, é porque Stretzer fora, ao longo dos anos, um completo medíocre, o tipo de homem que parece nascer para passar à margem mesmo das notas de rodapé de qualquer história. Durante boa parte de sua vida, viveu à sombra de seu sócio, Edmund Curll, este sim um nome que provoca arrepios e arroubos de raiva quando escutado por qualquer livreiro, editor ou autor que vivera em Londres na primeira metade do século. Pois Edmund Curll era um pilantra. Dono de um pequeno império de oficinas gráficas, viveu da publicação de toda sorte de panfleto, sempre alimentando sua publicidade por meio de escândalos. Para ele, toda propaganda era boa propaganda. Seu catálogo de obras licenciosas incluiu títulos como *Tratado do uso de surras na cura de doenças venéreas*, que a título de obra médica, oferecia ao seu leitor descrições picantes na forma de anedotas ou contos sáficos; histórias bizarras de condenados à morte, como um bispo irlandês enforcado por cometer o pecado impuro com uma vaca; biografias feitas às pressas de personalidades como Swift ou o duque de Buckingham; livros que parasitavam o sucesso de obras da época, como o *Viagens de Gulliver*, de Swift, oferecendo chaves de interpretações feitas à revelia das intenções originais de seus autores; e chegando mesmo a editar textos de Pope e Swift sem autorização – um flerte com a pirataria editorial, formando um conjunto de práticas tão malvistas que o tornou um adjetivo: “curllicismos.” Stretzer, ou Pheuquewell, era seu braço direito; escrevera para ele uma série de falsos livros de viagens centrados nas descrições da ilha-mulher

de Merryland e também livros eróticos sobre eunucos, hermafroditas, onanistas e toda sorte de prática sexual, disfarçados como tratados médicos. Curll morreu em 1747, e Stretzer/Pheuquewell ludibriou a viúva, a convencendo a lhe vender a parte do falecido marido nos negócios a um preço baixo, para logo em seguida dividir seu império gráfico e revendê-lo com lucro. Desde então, sumira no anonimato.

“E onde entra o conde de Bolsonaro nesta história?”, pergunta o capitão Whiffle.

“O conde planeja contrabandear uma grande quantidade de obras eróticas para o Brasil”, explica Érico, “e Pheuquewell, ao que nos parece, deu-lhe o suporte logístico. Contudo, eles desapareceram junto com toda a tiragem de seus livros e a prensa tipográfica. Foi por isto que chamei cá o capitão e o doutor Simper. Creio que podem nos ajudar nessa busca.” Érico volta-se para o capitão. “Onde está Simper, por sinal?”

“Atrasado, como de costume”, lamenta Whiffle. “Já vai chegar.”

“Ainda assim, não compreendo”, diz Fribble.

Fora um lampejo de intuição, uma ponta solta, que lhe veio ao lembrar da conversa entreouvida naquela noite fatídica em Merryland, quatro meses antes. Um detalhe crucial.

*Cocks.*

“Perdão?”, Fribble, confuso.

“Veja”, diz Érico, apontando o panfleto: *impresso na ilha dos Cães*. Que não é, em verdade, uma ilha, mas um pedaço de terra pantanosa formado por um meandro do Tâmis, a pender no mapa tal qual uma parte balançante da anatomia masculina, que se faz ausente nos tantos bois que povoam seus charcos e campos de abate. Fora as pobres bestas castradas, não há nada lá além de moinhos de vento e algumas poucas docas, como as de Lime Kiln e Blackwall. Mas onde há docas, há navios ancorados e marinheiros entediados.

E o que notoriamente fazem os marinheiros, numa nação viciada em apostas, quando o tempo abunda?

“Um passatempo horrível, as rinhas de galos”, resmunga Whiffle. “Não aprovo. Simper diz que sou uma flor delicada insensível ao prazer da violência, mas... sinceramente? Ver dois galos se digladiando dentro de um ringue, lambuzados de seus efluxos sanguíneos, não compreendo onde está o esporte nisso.”

“Bolsonaro estava muito preocupado com um galo em particular”, explica Érico. “Não tenho certeza, mas imagino que seja um grande campeão, que só estará crescido o bastante por agora, em abril. Pheuquewell, pelo que entendi, quer o galo para si. Se acharmos o animal, acharemos ambos.” O capitão Whiffle levanta a hipótese de que talvez não seja um animal, mas uma taverna que abrigue rinhas de galos – ou que o tenha no nome. Há nas redondezas o Golden Cock, o Cock & Bush, o The Morning Cock, e um dos mais conhecidos, o The Cock-Ring. Talvez haja até mais, e podem contar com os rapazes do *Joy Stick* para ajudar nessa busca.

É quando Simper chega ao Cacho de Uvas, e todos percebem que há algo errado. O bom doutor, ao qual anos de serviço como cirurgião de bordo em tempos de guerra legaram um espírito direto e realista, tem o rosto vermelho e raivoso, olhos úmidos, toca o ombro do capitão Whiffle a pedir um espaço na mesa e senta-se sem dizer nada. Eis que vê a cópia de *Os incitadores de terremotos* sobre a mesa e, num acesso de fúria, o pega e rasga com raiva.

“Acalme-se!”, pede o capitão Whiffle, colocando a mão sobre seu braço, fazendo com que volte a si. “Meu querido, o que houve?”

“Não é mais possível, Phillip... não é mais possível...”, fala entre dentes, a muito custo segurando uma explosão de raiva. “Primeiro os nossos rapazes, e agora... por quanto tempo mais aceitaremos ser tratados assim?”

“Acalme-se, doutor”, diz Érico, entregando-lhe um caneco de cerveja. “O que houve?”

Simper conta-lhes o que ocorreu com lorde Strutwell naquela manhã. Tratara das feridas e queimaduras mais graves, contudo, sendo o conde um homem de idade avançada, é possível que haja sequelas. O rosto do velho lorde está tão inchado que é quase impossível reconhecê-lo, o próprio Simper precisou de toda sua frieza de médico para não chorar ao vê-lo.

“Eu só gostaria”, diz o doutor, “que todos esses filhos da puta tivessem um único pescoço, que eu pudesse apertar até que sufocassem!”



Quinta, dezanove de março.

Dezessete dias para o fim do mundo.

Como a cidade está cada vez mais vazia, os comerciantes que ficam se desesperam e se desdobram em salamaleques para cada cliente solitário que surge. Érico e Gonçalo aproveitam para sair e fazer compras sem levar ombradas e empurrões, a saborear a doce domesticidade de flanarem lado a lado por Leadenhall escolhendo carnes e queijos para abastecer a cozinha. Érico é um desastre fazendo compras, sempre se deixa atrair mais pelo que vê exposto do que pela lembrança do que falta em casa, e não raro compra coisas em dobro. Ao menos é um bom negociador, e na hora das compras Gonçalo o direciona aos vendedores como quem aponta os canhões para o lado certo da muralha. Após fazer suas encomendas, passam pela loja de um confeitiro francês, onde sentam-se para provar seus sorvetes que são feitos na hora, servidos diretos da *sorbetière* em elegantes tacinhas de faiança azul.

– De que sabor é o seu? – pergunta Gonçalo, roubando uma colherada de Érico.

– O meu é *crème au girofle*. Não gostei muito.

– É só um modo fresco de dizer “sorvete de cravo-da-índia”.

– Pois é, dei azar. E pensar que descobrimos a América procurando isso.

– Quer ficar com o meu? É de castanha de caju.

– Caju? Bateu saudades do Brasil? – Ele prova. – Mas aí não fica justo.

– Tudo bem, são sacrifícios de amor.

– Você sempre escolhe o sabor melhor. Na próxima vez, você escolhe o meu.

– Sabe do que eu sinto falta? – pergunta Gonçalo. – Doce de goiaba. Imagino que não se encontre doce de goiaba em lugar nenhum por aqui. E, se encontrar, deve ser caro.

– Bem, não é problema para nós, querido – lembra Érico.

– Sim, mas você não vai gastar seu dinheiro com uma bobagem assim.

– Nosso dinheiro – ressalta. – Você se arriscou tanto quanto eu naquele lugar.

– Ainda assim, é desperdício. Deve haver coisas mais importantes com o que gastar.

Ocorre a Érico que talvez Gonçalo não tenha noção de quanto dinheiro eles de fato possuem. Ou talvez tenha, e não se importe, o que não sabe dizer se é uma qualidade tocante, de um ponto de vista franciscano, ou preocupante, de um ponto de vista econômico. Seguem no passeio. Gonçalo está decidido a visitar o Monumento, o gigantesco obelisco cujo topo já desponta acima das casas à frente. Érico lembra que precisam discutir a contratação de mais criados: com sua mãe crescida à casa, não podem esperar que a velha June continue dando conta de tudo sozinha. Pedirá aos conhecidos a indicação de criados de confiança e tolerância. Fribble deve ter alguém a indicar.

– Fribble ainda é um amigo? – pergunta Gonçalo.

– De certa forma. Creio que posso confiar nele, exceto para falar de trabalho.

– Acho que ele é um homem bom. Ele te ajudou bastante.

– Sim, mas tinha interesses na minha amizade. *Bona fide*, como ele diz. Boa vontade. Ele é um mestre em conseguir isso, da mesma forma que ajudou você.

– E eu pensando que ele estava de olho na minha bunda.

– Se era isso, ele tem bom gosto, mas ele que não ouse!

– Isso foi ciúme? Ora, nunca o imaginei sendo do tipo ciumento.

– Eu? – Érico ruboriza. – Jamais. Imagine. Não. Não tenho motivo. Tenho?

– Espero não ferir os teus sentimentos delicados com esta revelação, Érico Borges, mas você não foi exatamente o Pedro Álvares Cabral do meu pau-brasil.

– Hum... mas certamente alarguei as fronteiras do teu... – Gonçalo acertou-lhe uma bastonada nas canelas. – Ai! Eu ia dizer “coração”!

O Monumento se desnuda por inteiro: há algo inerente e vigorosamente fálico naquela torre de pedra, que assume a forma de uma colossal coluna dórica romana. Erguida para marcar o ponto aproximado onde começou o grande incêndio que devastou Londres em 1666, a maior coluna de pedra isolada já erguida pelo homem possui uma escadaria espiral interna que permite que se suba até o topo, onde o passadiço ao redor de uma urna dourada entrega uma das melhores visões da cidade. A base possui inscrições em latim lembrando como o fogo começou, o que destruiu e como foi contido. E, no final, coloca toda a culpa nos católicos.

– Aqui tudo é culpa dos católicos – resmungo Gonçalo, vendo os desenhos na base.

– Na verdade, a culpa foi de um padeiro – explica Érico. – Que esqueceu um forno aceso.

– Que bom! Isso os ensinou a respeitarem os padeiros, então. Vamos. – Gonçalo o toma pela mão, mas Érico a puxa assustado.

– Você quer ir até lá em cima? – Olha para o Monumento com um arrepio.

– Você não tem medo de altura, não é?

– Não, de modo algum – mente Érico. – Mas devem ser muitos degraus. Vou ficar tonto.

– Ora, você *está* com medo! – Gonçalo se diverte em descobrir-lhe aquela vulnerabilidade.

– Só não vejo sentido de subir. Olhe aquele louco lá, que até sobe no parapeito.

– Eu subia muito nas enxárcias nos meus tempos de grumete, é sempre um bom exercício. – Aponta as pessoas no topo do Monumento. – Veja, é perfeitamente seguro. Claro, não precisa ficar de pé no parapeito como aquele lá, basta que AI MEU DEUS, ELE PULOU!

O homem cai veloz e estoura no chão com um borrifo vermelho. Uma mulher berra de horror. Outra desmaia. Uma lufa-lufa de pessoas corre em direção ao corpo. Alguém grita que o fim do mundo está próximo.

– São loucos esses ingleses – resmunga Érico. – Vamos embora daqui.

Após as compras, voltam para casa e avisam que não querem ser perturbados. Fechados no quarto, passam o resto da tarde fazendo amor. O poente encontra Érico desperto, porém imóvel, apreciando o peso do corpo de Gonçalo, deliciosamente solto sobre o seu, que dorme exausto. A luz alaranjada e o calor do braseiro lhe dão uma coloração acobreada; Érico afaga o emaranhado de seus cabelos louro-escuros, a cabeça em seu peito subindo e descendo devagar pelo ritmo de sua própria respiração. Não nota a porta que se abre, mas nota quando ela entra com uma bandeja em mãos, trazendo chá e biscoitos, três cartas e um punhal, e os larga sobre um aparador.

“June!”, assusta-se Érico, que principia a se levantar, mas não o faz por temor de acordar Gonçalo. Murmura: “A porta... estava destrancada?”

“A porta?”, ela olha para trás, confusa. “Oh, não, mas eu tenho a chave, patrão. Chegaram correspondências para o senhor, disseram ser urgente. Há

chá e biscoitos aqui, se quiserem.”

“June, eu... nós...”, ele gagueja, indeciso se está indignado, assustado ou só surpreso.

“Quê? Ah, meninos, não sejamos pudicos.” Ela dá de ombros, indiferente. “Já vi de todas as formas e tamanhos.” Ela sai, com o cuidado de chavear a porta.

Érico se levanta devagar, tentando não perturbar o sono de Gonçalo. Sai da cama, caminha nu pelo quarto, atíça o braseiro e acende as velas de um candelabro. Na cama, Gonçalo se contorce, resmunga algo e estica o corpo, lânguido como um gato.

– “De todas as formas e tamanhos?” – murmura, a voz abafada por um bocejo.

– Prefiro não saber – diz Érico, buscando as correspondências sobre o aparador. A primeira é de Fribble, que deseja marcar um encontro para breve, na presença de Martinho de Melo. Diz ter informações pertinentes. A outra é de Teresa Cornelys, que os convida para uma mascarada pública nos jardins de Vauxhall: o tema será o fim do mundo, e a data marcada é a da noite de sábado, quatro de abril – a última noite antes do apocalipse de Bell. A mulher sabe fazer propaganda.

Na terceira e última carta, reconhece o selo do conde de Oeiras. Endereçada ao barão de Lavos, traz embaixo do nome uma anotação em tinta vermelha: *somente para seus olhos*. Érico não deixa de notar a ironia de ter passado os últimos quatro meses à espera de respostas, e de repente tudo parece acontecer ao mesmo tempo. Gonçalo está impaciente, levanta-se da cama e vem até ele. O abraça pelas costas e afaga seu peito, beijando as marcas de mordida que lhe deixara no ombro, e depois repousando ali o queixo. Manhoso, esfrega o rosto contra o seu e pede que volte logo para o calor da cama. Érico abre a carta e tira dela uma folha inteiramente em branco.

– Ué! O que isso significa? – pergunta Gonçalo.

Érico aproxima o papel do lume no candelabro, e aos poucos o calor vai atuando sobre o sumo ácido de limões, revelando uma mensagem: “A guerra é iminente. Encerre a questão o quanto antes, nos melhores interesses de Portugal.”

– O que ele quis dizer com isso? – pergunta Gonçalo.

– Que estou livre para resolver nossos problemas com o conde como achar melhor.

– E o que você vai fazer agora?

– O que jurei que faria: vou encontrá-lo e matá-lo.



Segunda, vinte e três de março.

Treze dias para o apocalipse de Bell.

Dos sete marinheiros do *Joy Stick* presos durante as batidas feitas pela Sociedade para a Reforma dos Costumes, três conseguiram se safar devido à falta de evidências. Contudo, quatro foram considerados culpados por tentativa de sodomia. Cada um recebeu sentenças de durações diversas, tendo em comum a mesma punição: ir para o pelourinho. À uma da tarde, Érico e Gonçalo estão nos telhados de uma casa ao redor de Charing Cross, observando a turba. A multidão se aglomerando desde o Old Bailey é tal a parecer que todo habitante que ainda não fugiu da cidade se reuniu nas ruas, ao longo do trajeto percorrido pela carroça que traz os prisioneiros. Mercadores circulam vendendo maçãs, verduras e restos de cães e gatos mortos para munir a multidão. As lojas de comércio fecharam suas portas, temerosas do que pode acontecer. A aproximação da carroça é antecipada pelo coro de vaias e apupos. Quando desponta, os prisioneiros em cima dela não estão mais discerníveis como seres humanos: cobertos de lama e dejetos que lhes são constantemente

atirados pela multidão, um deles sangra profusamente de um tijolo que lhe acertou a cabeça, enquanto o povo arremessa bolas de lama, culpando-os por seus infortúnios. Apenas a escolta, de quase duzentos soldados a cavalo e de infantaria, evita um linchamento. Os quatro condenados descem das carroças e sobem ao palanque, tendo cada um seus punhos e cabeça presos aos quatro braços do pelourinho. Por uma hora, devem andar em círculos, à mercê dos projéteis da multidão que lhes arremessa, sem parar, lama, fezes, ovos, frutas e verduras podres, gatos e cães mortos. Após poucos minutos, estão completamente cobertos de sujeira.

“Pobres almas”, diz o sr. Simper, chegando ao lado deles e olhando para a praça abaixo. Aponta alguém na multidão: é o capitão Whiffle que está lá, em trajes civis, de pé e imóvel, a olhar fixamente para os seus homens andando em círculos no pelourinho. A cada volta, os quatro encontram o seu olhar silencioso. Roda-se a roda. O capitão não pode se manifestar, sob o risco de se tornar também ele alvo daquela turba enlouquecida, mas é o seu capitão, e não pode lhes faltar neste momento: firme, rapazes, firme. Um dos prisioneiros é atingido na cabeça por um pedregulho e quase desmaia. Roda-se a roda. Um inchaço do tamanho de um ovo cresce na testa de um, o outro tem os dois olhos praticamente fechados pelas feridas intumescidas.

Roda-se a roda. Érico insiste para irem embora, mas Gonçalo se recusa. Eles devem ficar, eles precisam ficar, é seu dever ficar e ser testemunha. Não tira o olho por um minuto. Roda-se a roda. Após uma hora, termina o martírio: os quatro prisioneiros são retirados. Um grupo de mulheres, as que foram mais ativas em arremessar peixes e dejetos nos condenados, recebem agora brindes de gim e gargalham. Já um dos prisioneiros, ao subir nas carroças, recebe de um cocheiro sete chibatadas, tropeça e cai. O homem chuta-lhe o crânio, não há como saber se aquilo que parece saltar com o chute é lama ou outra coisa, e Gonçalo cobre a boca, horrorizado. Há um princípio de tumulto. Um dos

soldados empurra o cocheiro furioso, pega o homem caído e o joga inerte para dentro da carroça, que parte. Gonçalo, muito quieto, olha fixo para a multidão.



Quinta-feira, dia vinte e seis de março.

Dez dias para o fim do mundo.

Martinho de Melo e Castro, sentado na sala de chá da casa de Fribble, em Leicester Fields, observa entre o curioso e o espantado o mordomo negro que o trata num francês melhor que o seu. Érico, sentado muito à vontade numa *chaise longue*, coloca o embaixador a par da situação: Roger Pheuquewell e o conde de Bolsonaro desapareceram, e os espanhóis dizem não saber seu endereço atual, embora, é claro, o conde de Fuentes provavelmente o saiba. Há um ponto, contudo, que ainda é um enigma: a sra. Bryant, que está hospedada na embaixada espanhola.

– Se ela é francesa, por que não na sua própria? – questiona Martinho de Melo.

– Provavelmente, porque o duque de Nivernais não está a par da movimentação dela.

Martinho de Melo assente em silêncio, os dois trocando um olhar significativo ao sentir o espectro do *Secret du Roy* rondando aquela mulher. É quando Fribble entra na sala, num vistoso *banyan* de chita com um elegante boné de musselina rendada.

– Ah, *darlings*. Desculpem-me a demora – saúda Fribble. Sabendo que Martinho de Melo não entende inglês, nem Érico o francês, se vê forçado a arranhar a língua lusa. – Vou dirweto ao ponto. Receberwam os convites para a mascarwada de madame Cornelys?

Explica que não é mero oportunismo comercial ela organizar sua mascarada na noite anterior ao “fim do mundo”. O Parlamento indiretamente financia a festa, como forma de ridicularizar e amenizar a histeria coletiva. Para lembrar que tudo não passa de delírios de um lunático, nada melhor do que recorrer a uma festa de fantasias. Haverá fogos de artifício, malabaristas e orquestra; comida, bebida e dança, toda sorte de passatempo possível. Por trás da sra. Cornelys, está o apoio de William Beckford, pressionando para fazer com que todos os grandes da cidade vão ao baile – incluindo-se os estafes diplomáticos de seus aliados, e entre eles, o conde de Fuentes.

– Mesmo a frivolidade ganha fins políticos – observa Érico.

– *Touché*. Um tanto vulgar, eu sei... – Fribble lamenta. – Mas são tempos extremos.

– E o que garante que Fuentes comparecerá? – questiona Martinho de Melo.

Fribble explica que os espanhóis têm questões diplomáticas pendentes, algo envolvendo os direitos da pesca de bacalhau na Terra Nova, e o conde de Fuentes foi levado a crer que o primeiro-ministro Newcastle estará presente, e lhe concederá uma rápida audiência para resolver o assunto, num local discreto. Será a oportunidade perfeita para que seja colocado contra a parede.

– Por quem? – pergunta Érico. – O seu primeiro-ministro?

– Oh, não, *darling*, Newcastle sequer irá à festa – Fribble acena para o mordomo Flechette, que chega em Érico com uma carta numa bandeja. – Isso é para você. Se você aceitar, claro.

Érico reconhece no envelope o lacre do rei Jorge III. Abre e lê:

*É por ordem minha e pelo bem do Estado que Érico Borges fez o que fez.*

*12 de março de 1761 – Sua Majestade Britânica, Jorge III.*

Há duas cópias do mesmo documento. Érico guarda a sua no bolso com um sorriso, e entrega a outra para Martinho de Melo, que reage mal.

– Estão loucos vocês dois? – espanta-se. – Atacar o próprio embaixador espanhol! Sabem que tipo de consequências isso pode nos trazer?

– Ora, faça-me o favor. – Fribble revira os olhos. – É um baile de máscaras, Fuentes nem saberá quem realmente vai atacá-lo. E uma vez que esta conspirata em que ele se meteu envolve interesses tanto nossos quanto de vocês...

Fribble os lembra de que o conde de Bolsonaro precisa escoar sua produção para o Brasil de alguma forma, e tal carga de livros não se transporta fácil. Precisar, no mínimo, fretar um navio mercante para isso. E aos ingleses, incomoda-lhes que haja uma rede de contrabandos dentro de seu reino, operando para os interesses de franceses e espanhóis.

– Considere como uma reparação – sugere. – Por aqueles navios franceses.

– Por falar neles... – aproveita Martinho de Melo, retomando a ideia fixa da diplomacia portuguesa. – Esse mês mesmo vi que um deles está em Londres para reparos. Devo lembrá-los de que aquelas naus estavam em nossas águas, sob nossa custódia, e que vocês não tinham o direito de invadir a baía de Lagos e atacá-los do modo como...

– Meu bom senhor – Fribble o interrompe, impaciente. – Sejam pragmáticos: o que espera conseguir disso? – Revira os olhos. – Lagos foi a maior vitória de nossa marinha em anos! Crê que iremos destratar nossos heróis fazendo com que devolvam seus butins? O sr. Pitt está, há meses, tentando encontrar uma forma educada de fazê-los entender: isso nunca acontecerá. Nós não devolveremos os navios franceses a vocês, nem hoje nem nunca. Apenas parem de pedir.

– E como fica o direito português, meu senhor? Como fica o nosso orgulho pátrio?

– Continua no mesmo lugar onde está: implorando nossa ajuda.

Martinho de Melo fecha a cara. Érico, a essas alturas, já o conhece bem o bastante para saber o quanto seu embaixador detesta ser encurralado. Mas, assim como o reino que representa, o leque de suas opções é cada vez menor, e precisa aceitar o que lhe oferecem. Martinho de Melo levanta-se da cadeira, como quem diz: pois bem, façam o que for necessário.

– Vocês ingleses tratam seus aliados muito mal – resmunga na saída.

– Se servir de consolo – sorri Fribble – tratamos nossos inimigos pior ainda.



Terça-feira, dia trinta e um de março.

Cinco dias para o fim do mundo.

O salão está revirado. Cadeiras e mesas e bancos quebrados, o grande escaparate de bebidas tombado por sobre o balcão, garrafas e cacos multicores espalhados pelo chão. O papel de parede pende rasgado, os livros nas prateleiras tiveram suas páginas arrancadas. Muita louça quebrada e, aqui e ali, algumas manchas de sangue. Fora Alejandro quem lhes mandara uma mensagem avisando: a Lua caiu. O empregado de mesa, com o lado esquerdo do rosto escurecido e inchado por uma marca de pancada, chora toda vez que olha para o interior do Libertino da Lua.

Era para ter sido uma noite discreta, de poucos convidados. Não havia sequer música e, graças a Deus, ninguém subira para os quartos à noite, de modo que não havia como se acusar ninguém de modo direto. Bateram à porta e, mal lady Madonna abriu uma fresta, como sempre faz para ver quem era, eles entraram: a Sociedade para a Reforma dos Costumes, com Bíblias em mãos e o ódio injetado nos olhos – embora, estranho, nem todos parecessem do tipo religioso, pois havia misturados entre eles um grupo peculiar, a título de guarda-costas, que se pareciam mais com estivadores e marinheiros do que

gente religiosa. Todos impecavelmente vestidos de branco, exceto pelas botas e chapéus negros, batendo em tudo e em todos indiscriminadamente com bengalas e cacetes. Alguns dos frequentadores conseguiram fugir, subindo para o primeiro piso e saltando pelas janelas, outros foram mais lentos e ficaram para as pancadas. Ela foi quem mais apanhou.

Lady Madonna, sentada num dos únicos móveis que lhe resta inteiro, o rosto inchado de pancadas e a maquiagem escorrendo-lhe dos olhos, está quieta a um canto. Tem em mãos a única garrafa de rum que sobreviveu àquela destruição, e Alejandro entrega o que talvez seja a única taça a restar intacta. Érico e Gonçalo levantam duas cadeiras e sentam-se à sua frente, em silêncio.

“Já lhes falei de mamãe?”, pergunta ela. “Mamãe me dizia, quando eu era pequena, que todos nós nascemos para brilhar. Que não há nada de errado em amar quem você é.” Ela tira os brincos e os larga ao seu lado, no sofá.

“Mantenha a cabeça erguida, faça como o vento, nunca olhe para trás, a vida não é justa.” Ela tira a grande e vistosa peruca, e a larga também sobre o sofá, revelando os cabelos curtos e grisalhos. “Digo a mim mesma: garotinha, nunca se esqueça dos olhos dela. Mantenha-os vivos lá dentro.” Lágrimas escorrem de seus olhos. Érico lhe oferece seu lenço. “Eu... eu prometi tentar, mas não é a mesma coisa.” Ela mete a mão dentro do decote e tira dali as meias dobradas que lhe serviam de enchimentos. “Será que ela vai me ver chorar quando eu tropeçar e cair? Será que ela vai escutar minha voz a chamando à noite? Eu sei o que ela dirá. Ela dirá: ‘Enxugue suas lágrimas, tudo vai ficar bem’.” Tira o lenço do pescoço e enxuga as lágrimas junto da maquiagem, do pó de arroz e do batom. Começa a chorar copiosamente, escondendo o rosto nas palmas das mãos.

“Se houver algo que nós possamos...”, Érico tenta consolá-la.

“Ele entrou aqui, me agarrou pela nuca e disse que eu era um monstro”, conta ela, “uma criatura de alma deformada. Mas era ele quem tinha o rosto

deformado! Paralisado pela metade, incapaz de expressar algo além de ódio. Que tipo de demônios são esses com que estamos lidando?”

Érico e Gonçalo se entreolham. O conde esteve ali. Sua loucura se espalha como um câncer por toda a cidade. Saber que pretende exportá-la ao Brasil provoca-lhes um calafrio.

“Eu olhei para ele bem nos olhos”, continua lady Madonna, “e lhe disse: ‘eu sei onde a beleza mora. Eu a vi uma vez, eu sei o calor que ela dá, a luz que você nunca conseguirá enxergar brilha aqui dentro, e você não conseguirá tirá-la de mim’. E então ele... ele bateu meu rosto contra a parede com tanta raiva... tanta raiva...”

Alejandro traz os limões. Ela espreme, mistura com açúcar e rum, prepara um último *shrub* e bebe tudo de um gole só, sem oferecer a ninguém. “Eu já passei por tanta coisa nessa vida”, diz. Sua voz já é outra agora, mais grave e cansada. “Vocês, garotos... vocês já viram seu melhor amigo morrer? Já viram um homem adulto chorar? Há quem diga que a vida não é justa, mas eu digo que as pessoas simplesmente não se importam, preferem virar as costas, enquanto esperam que esta coisa toda vá embora. Para quê? Por que precisamos fingir? Rezo para que, algum dia, isso tudo acabe. Eu só espero que seja nessa vida. Só espero que seja ainda nessa vida.”

Alejandro passa levando um baú de roupas para o coche, que já espera do lado de fora. Ela se levanta. Está cansada, cansada de lutar cada dia uma nova batalha. Está ficando velha demais para isso, e é hora dos mais jovens assumirem o fardo. Irá para Pendersley cuidar de seu amigo lorde Strutwell, que sabe-se lá quanto tempo mais irá viver naquele estado. É a única coisa com que pode contar agora: a companhia dos amigos, sobreviventes como ela. Sim, é hora dos mais jovens assumirem essa responsabilidade. Ela fez o que podia enquanto foi capaz. Ela sobe para se trocar, e pede que a aguardem. Quando desce, já não é mais lady Madonna. Chapéu, sobrecasaca, calção e um bastão

de caminhada: vamos agora? Lança um último olhar para o que sobrou do Libertino da Lua e para os dois. Ao menos, diz, pode ficar feliz por tudo o que aquele lugar proporcionou, por todas as amizades feitas e pelos amores reunidos. Eles dois, Érico e Gonçalo, se conheceram ali, como tantos outros antes, e fica feliz em saber que foi parte na construção de algo bom. “Mas agora não há mais nada a se perder”, diz. “Não há mais um coração para ferir.” E, com um toque na aba do chapéu, se despede e sai de cena: “Meninos, não há poder maior do que o poder de dizer adeus.”

## CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA

 coche margeia o lado sul do Tâmis, e os três observam o rio coagulado de barcas, chatas e botes superlotados com aqueles que, sem dinheiro para os altíssimos alugueis que cobram nas cidades dos arredores, preferiram aguardar o fim dos tempos sobre o rio. A orquestra reverbera pelo ar dourado do poente quando o coche para frente aos muros dos jardins, o portão de entrada concentrando um agitado vaivém. Desce Maria: seu vestido tem temas orientais, evoca uma sultana árabe no robe verde-esmeralda com costuras em fios de ouro, turbante com uma flor de jasmim, o rosto coberto por máscara de colombina. Desce Gonçalo: por sobre o traje de seda branca, uma réplica de armadura grega com placa peitoral e caneleiras em madeira pintada com tinta prata, e um saiote de couro vermelho; nas mãos uma réplica de escudo beócio, e na cabeça um elmo dourado com topete de crina vermelha. Por fim, desce Érico: gibão negro, gola rufada branca e uma cartola de aba larga, no conjunto evocando os puritanos radicais do século anterior, e no rosto a máscara sorridente e enigmática do piromaníaco expiatório que foi Guido Fawkes.

Vauxhall. Doze vistosos acres de jardins e aleias arborizadas, passeios majestosos e matagais dominados por revoadas de rouxinóis. Ali, onde libertinos viram padres, devassas viram freiras e homens viram mulheres, muitas honras e virtudes se perdem no escuro e fazem valer o nome que este tipo de empreendimento recebe dos ingleses: Jardim de Prazeres. Logo que entram, porém, os três se veem no Grande Passeio, com suas trezentas jardas de

caminho ladeadas por olmos. À sua esquerda, há uma sequência de cabinas para cear, que acompanham a extensão do prédio da rotunda; à direita, corre em paralelo o Passeio Sul, que percorre toda a extensão do parque, pontuado por três grandes arcos triunfais e terminando numa pintura ao ar livre das ruínas de Palmira. Entre os dois passeios há uma praça, dominada por um pavilhão gótico elevado. No primeiro piso, uma orquestra de cinquenta músicos toca. Abaixo, entre os pilares, há mesas de convivas onde um homem alto e corpulento veste trajes dourados, cobre-se com uma capa dourada e tem à cabeça uma coroa dourada, assim como também é dourada a máscara bauta, as luvas e os anéis em suas mãos. “Richmond! Deus me livre!”, resmunga o candidato a Rei Midas, em conversa com outro que se veste de grão-mogol. “Ares pouco saudáveis, em minha opinião. Perdi doze bastardos meus por lá, só no ano passado.” Quando gargalha, reconhecem a voz de William Beckford.

Érico e Maria olham para a multidão de rostos mascarados. É preciso encontrar Fribble e saber dos preparativos, mas desconhecem qual fantasia usa. Enquanto isso Gonçalo, que se afastara para ver o preço das comidas que se vendem nas mesas, volta horrorizado: cobram ali meia-coroa por coxinhas que não são maiores que um pardal! Érico o ignora, pois passa por eles uma figura balofa em fantasia de soldado mouro veneziano, um grande chapéu de plumas e uma máscara do mesmo tom negro de sua pele.

“Ah! Otelo!”, brada Érico, o chamando. “Muitos Iagos no teu caminho?”

“Como disse o Doge: ‘O que não tem remédio, remediado está’”, responde Ignácio Sancho com um erguer do chapéu, e segue em frente.

A atenção de Érico se volta para seis figuras andando juntas, com fantasias das divindades gregas que representam cada um dos seis planetas do sistema solar: Mercúrio, Vênus, Terra (Gaia), Marte, Júpiter e Saturno. O sexteto orbita ao redor de uma figura de pé numa cabina, cuja máscara parece encarar Érico com insistência apesar de ter olhos vazios. Mas é só uma ilusão: o homem está

de costas, a máscara é sua nuca; quando se vira, a mesma máscara se repete na face: Jano Bifronte, o deus de duas caras que dá nome ao mês de janeiro. A figura se aproxima deles, olha em silêncio para cada um dos três e curva-se para Érico, dizendo:

“Em Londres, abril é primavera.”

“Mas no Rio é verão o ano todo”, Érico responde com a contrassenha.

A máscara assente com um meneio e aponta uma cabina de cear, onde se sentam. As seis figuras celestiais ficam de pé ao seu redor, bloqueando a visão de quem passa e mantendo-lhes ocultos. Os quatro se acomodam, e Jano Bifronte tira o chapéu e a máscara com certo alívio.

“Queridos!”, saúda Fribble. “Vocês estão ótimos! Maria, Gonçalo, lindas fantasias. Não sei se posso dizer o mesmo da sua, Érico. Veio explodir nosso Parlamento?”

“Ouvi dizer que foi o último a entrar lá com intenções honestas”, rebate Érico.

“Hum... não sei se sabe, mas Guido Fawkes trabalhava para os espanhóis”, lembra Fribble. “Há uma razão para queimarmos seu boneco no cinco de novembro. Se fosse bem-sucedido, teríamos aqui que louvar o papa ou ir à fogueira da Inquisição, como vocês portugueses fazem.”

“Mas ao invés disso, vocês têm o Old Bailey”, retruca Érico, “que nunca mandou à forca ninguém com dinheiro o bastante para subornar um juiz.”

“Onde a ganância vira fé, a pobreza vira heresia”, concorda Gonçalo.

“Céus, são dois contra um!”, provoca Fribble. “Abre espaço aí, que vou sentar entre os dois e chamá-los de Cruz e Espada.”

“As fanchas querem parar de arrancar as penas uma da outra?”, interrompe Maria, irritada. “Antes que se ponham a tirar suas diferenças e que passemos a discutir assuntos graves e estatais, podemos resolver as questões mais urgentes? Eu estou com *fome!*”

Fribble ergue o braço para um dos deuses celestiais que cercam a cabina e o manda servir a mesa. Servem-lhes um bom ponche de araque e algumas fatias do presunto mais superfaturado da Inglaterra, que Érico ergue com o garfo achando-as tão finas que crê poder ler o jornal através. Os bailes de Vauxhall, sendo públicos, têm a comida paga à parte e a preços exorbitantes.

“Não se preocupem, coloco na conta do rei”, diz Fribble, incomodado. “Se quiserem, mando vir à mesa algumas coxinhas de frango.”

“Meu querido”, Érico balança a cabeça em negativa, largando a fatia de presunto no prato, “há um lugar especial no inferno para quem aceita pagar meia-coroa por uma coxinha.”

“O burguês em você está vindo à tona”, diz Fribble. “Aqui, rápido, afogue-o com vinho.”

“Batizado com água, imagino?”, lembra Érico, e se volta para Gonçalo: “Devíamos ter comido algo em casa.”

“Foi o que eu disse, mas e você me ouviu?”, murmura Gonçalo.

“Eu preferia quando vocês dois não eram sincronizados feito um par de relógios”, resmunga Fribble, quando então a barreira dos seis astros se abre para dar passagem a um homem negro, alto e esguio, com máscara *volto* – que reconhecem ser Flechette, o mordomo. Murmura um recado ao ouvido de Fribble, que assente num meneio e avisa aos demais: “Ele chegou.”



Juan Joaquín Atanasio Pignatelli de Aragon y Moncayo, sexto marquês de Mora, quarto marquês de Coscojuela e décimo sexto conde de Fuentes, nomeado embaixador plenipotenciário da Espanha em Londres, é recebido pelo olhar desinteressado de uma dezena de máscaras inexpressivas. Ninguém o reconhece, e todos são indiferentes – é por coisas assim que detesta bailes de máscaras, mas que fazer? Ajusta no rosto a sua própria, de *scaramouche*, que lhe

cobre as maçãs do rosto e o entorno dos olhos, projetando um longo nariz curvo.

Tão logo avança no Grande Passeio, é abordado pela figura silenciosa de uma sultana árabe com máscara de colombina, cercada por seis representações dos planetas. Ela chega mais próxima, olha para os dois secretários que o acompanham, e faz um gesto para que a sigam, deixando os seis planetas para trás. Avançam até a praça entre os dois passeios paralelos, onde está o coreto duplo elevado sobre pilastras: no primeiro está a orquestra de cinquenta músicos que toca uma peça qualquer de Porpora, o segundo abrigando a área de convidados distintos, que assistem sentados em cadeiras. Os dois coretos são interligados, e uma torre no segundo sustenta uma água-furtada. Debaixo, entre as pilastras, mesas foram dispostas. Ela aponta para os dois secretários e depois para uma das mesas, onde se sentam um homem fantasiado de hoplita tebano e outro com máscara *volto*. Nenhuma palavra é dita. O conde de Fuentes concorda com um aceno, aponta para um secretário, aponta para o outro, e indica a mesa, para que ali o esperem. Eles obedecem. A sultana faz um meneio, demonstrando seu agrado, e volta a erguer a mão, pedindo que o conde a siga. Avançam para a escada do segundo coreto e sobem para a área de convidados. Ao chegarem ali em cima, ela abre a porta da torre da água-furtada e sinaliza para que Fuentes suba. Ele obedece. Ela fecha a porta e sai.

Ali em cima Fuentes se vê a sós. A saleta possui um conjunto de janelas em semicírculo em cada um dos quatro lados, mas o dia já se põe e as velas estão acesas. Há uma cadeira e um aparador, sobre o qual uma garrafa do que lhe parece água, e um copo. A porta da escada se abre, passos sobem os degraus, e Fuentes suspira ansioso para discutir logo com o primeiro-ministro e poder ir embora daquele lugar. A fantasia que surge, contudo, é inesperada: um puritano de gibão e colar, a máscara de cavanhaque e bigodes congelada num sorriso irônico. Guido Fawkes. Uma escolha de fantasia peculiar para um

político inglês. Fuentes o cumprimenta com um aceno, o Fawkes retribui com o mesmo gesto. Um apito ecoa por todos os jardins. O Guido Fawkes aponta a janela do lado leste, e Fuentes olha para fora: dali tem uma visão de toda a extensão do parque, já escurecido pelo sol que acaba de se pôr. Por um engenho de sincronia entre os empregados dos jardins, que constitui uma das principais atrações de Vauxhall, as lanternas que se dependuram nas árvores por toda a extensão do parque são acesas ao mesmo tempo, criando uma luminescência calorosa que a tudo banha e envolve. O efeito é sublime. Quando olha para baixo, contudo, Fuentes vê que a sultana está parada frente ao pavilhão, olhando para ele.

E então Fuentes escuta o clique de uma pistola.

“Se vos moverdes desta janela, Sua Graça, os fogos de artifício se iniciarão mais cedo.”

“Quem sois vós?”, questiona Fuentes, horrorizado ao perceber que aquele não é Newcastle.

*“Eu lembro, eu lembro...”*, canta Érico, a voz abafada pela máscara, *“o cinco de novembro; a pólvora, a trama e a traição. Eu não vejo razão, para que alguém se esqueça, da pólvora a conspiração.”*

“Serás enforcado por isso!”

“Não, Sua Graça, não serei. Mesmo que eu vos mate aqui e agora, talvez uma guerra se inicie, mas provavelmente se iniciará de qualquer modo. Quanto a mim, estou a salvo. E sabe por quê? Porque fui autorizado por Sua Majestade britânica a matar quem tenha se envolvido em conspiração de regicídio. Que me diz? Há algum regicida por aqui? Vamos, meu dedo coça.”

“Oh, Deus... eu não... nós não...”, as pernas do conde de Fuentes amolecem, ele busca o apoio da cadeira. “Posso me sentar?”, e antes que Érico responda, ele se senta. “A embaixada não teve nenhuma relação com isso. Sua Majestade não tem nenhuma relação com isso e... oh, meu Deus.” Fuentes

vislumbra o futuro que lhe é pior do que a morte, pior do que qualquer tortura: um escândalo, o regresso à corte em desonra, o ostracismo até o final de seus dias. “Aquele louco... ele nos arrastou para esta... você não compreende, nós nunca... nós nunca apoiamos seus planos, apenas lhe demos liberdade para... ora, ele tinha a boa vontade do rei, tinha contatos e foi... foi preciso, até por cortesia à Sua Majestade, dar-lhe livre trânsito! Com a guerra, a situação no Rio da Prata, tudo ficou tão nebuloso agora que, para o rei qualquer possibilidade pareceu boa. Afinal, não poderia ser regicídio se o príncipe de Gales não era ainda o rei, como poderíamos ter previsto que Jorge II viria a falecer no mesmo dia? E de todo modo, quando Bolsonaro nos contou da contrapartida exigida por Pheuquewell, já era tarde... tarde demais para voltarmos atrás. Não havia tempo para entrar em contato com Madri, a data passou e o acaso se encarregou de fazer com que o plano não funcionasse, e achei melhor que nem soubessem. Rezei todo dia para que o assunto se apagasse, e eu me visse livre daquele louco que quase arrastou minha embaixada para um escândalo sem precedentes.”

Érico assente, ponderando o quanto acreditará naquela história, e aponta com a pistola para o aparador, onde repousam um copo e uma garrafa vinda direto da cozinha da embaixada portuguesa. Gesticula, dando a entender que deseja que Fuentes sirva um copo. O embaixador obedece, vertendo uma dose daquele líquido translúcido para a taça. “Beba”, ordena Érico, e Fuentes olha desconfiado para a bebida. “Fique tranquilo, Sua Graça”, o acalma Érico, “é apenas um sedativo. Um elixir da verdade, se preferir. Ajudará a soltar vossa língua e, ao final, fará com que adormeça e acorde amanhã com não mais do que uma dor de cabeça forte e a impressão de que essa noite não passou de um sonho ruim. Vamos. À sua saúde!”

Fuentes bebe. Desacostumado a um destilado tão forte, sua garganta arde. Ele tosse.

“Agora me diga, Sua Graça”, retoma Érico. “O conde Bolsonaro. Quem é ele, afinal?”

O embaixador conta que há muitos pontos nebulosos sobre aquele sujeito, e ele próprio só veio a conhecê-lo ali, já em Londres. Nasceria Reinaldo de Carvajal, em Buenos Aires, na exata virada do século XVII para o XVIII, de modo que considera a si mesmo o último seiscentista. Em mais de uma ocasião, declarara ser “o último enclave da verdadeira fé contra as heresias deste século de ‘Luzes’”. Seu pai, dom Olavo de Carvajal, era um militar de alta patente que morrera quando Reinaldo tinha cinco anos, durante um dos cercos à colônia de Sacramento, num malsucedido ataque frontal à vila. Uma semana depois de sua morte, os portugueses abandonaram a colônia e esta foi ocupada pelos espanhóis, para onde Reinaldo e sua mãe se mudaram, como paga pela morte do pai. Ali cresceu, rancoroso dos portugueses em geral, e dos brasileiros em particular. Anos depois, contudo, com o fim da Guerra de Sucessão Espanhola, assinou-se o Tratado de Utrecht, que determinou a devolução da colônia de Sacramento aos portugueses, e tiveram que abandonar a vila. Já adolescente, e remoído de desgosto com o que considerou uma fraqueza de seu reino e uma traição ao sacrifício de seu pai, Reinaldo foi-se embora para a Europa. Pouco se sabe de sua vida desde então, exceto que servira aqui e ali como mercenário, ora para a Prússia, ora para os austríacos. É já passado dos trinta anos que o encontramos em Milão, tendo mudado seu nome para Reinaldo Olavo de Gavéria y Acevedo, na crença de que um nome maior lhe daria ares de fidalgo. É quando se aproxima da marquesa de Bolzano e as más línguas, alimentadas pelo filho desta, diziam então que só o fazia pela intenção oportunista e aventureira de compartilhar de sua fortuna e títulos de nobreza – motivo pelo qual o rapaz o apelidara publicamente de *il Bolsón*. Reinaldo, que falava pouco de italiano, assumiu a alcunha com gosto, pois a entendeu como *bolzón*, o nome que se dá à seta da balestra, arma de cerco para derrubar

muralhas, e com muito gosto se via derrubando as muralhas da marquesa; não sabia, porém, que naquela região *bolsón* era o nome de uma isca para armadilha de passarinhos, uma gíria lombarda para quem serve de motivo de chacota aos outros. Não está claro se alguém algum dia explicou isso a Reinaldo, contudo, o rapaz saiu de seu caminho quando, em viagem para passar o carnaval em Veneza, foi assassinado em circunstâncias obscuras – com suspeitas que recaíram sobre o *Bolsón*, de modo a naufragar o noivado com a marquesa. Para fugir de um escândalo, acaba saindo de Milão, indo servir à coroa austríaca mais ao sul, como comandante da guarnição que defendia a Fortaleza de Cápua, no reino de Nápoles.

Eis, então, que a roda da fortuna gira, e a oportunidade surge: com a invasão espanhola, Cápua logo se viu na inglória posição de último bastião austríaco na Itália, e cercada pelo exército do príncipe Carlos de Bourbon, irmão mais novo do rei da Espanha. O afiado senso de oportunidade de Reinaldo percebe que, sendo a derrota iminente, melhor é estar do lado vitorioso. Em segredo, negociou com os espanhóis a sabotagem do depósito de suprimentos da fortaleza. Um incêndio fez seu plano ter sucesso e, sem ter como sustentar o longo cerco, a fortaleza se rendeu. Com a conquista, Carlos de Bourbon se consolidou como rei de Nápoles e das Duas Sicílias, e como recompensa aos serviços de Reinaldo, Sua Majestade deu-lhe ouro e terras, com o qual comprou para si um título de nobreza em um dos estados italianos. Quando perguntado que nome queria para si e suas terras, lembrou do apelido que lhe davam os lombardos: tornou-se o conde de Bolsonaro. Contudo, pouco fica em suas terras: enviado como embaixador à França, onde se casa, encontra ali a oportunidade para alimentar seu ódio pelos portugueses e pelo Brasil, patrocinando a expedição francesa do capitão Lesquelin, que invadiu Fernando de Noronha. Uma vitória de Pirro: a conquista mal durou um ano, e

dera mais prejuízo que lucro. Em sua biografia, contudo este é o menor dos incidentes...

“Mais uma dose, Sua Graça?”, sugere Érico, apontando a garrafa.

“Mas que elixir é esse, afinal?”, questiona o embaixador, enquanto se serve.

“Vinho de cana-de-açúcar, Sua Graça. A ‘água-que-arde’, feita nas casas de cozer méis do Brasil. Um pequeno *memento* da terra em que, eu lhe garanto, nenhum castelhano desgraçado como você irá jamais pôr os pés. Continue, vamos.”

O fracasso da expedição e seu envolvimento nela lhe custam a credibilidade com os franceses, e Bolsonaro acaba sendo enviado à corte do então rei da Prússia, Frederico Guilherme, com quem se dá muito bem, por uma afinidade entre seus temperamentos violentos. Menos simpatia tem pelo príncipe herdeiro: numa escandalosa falta de tato, Bolsonaro espalha insinuações sobre as amizades masculinas suspeitas do príncipe, a distância para com a princesa, ironiza seus gostos por artes gregas e a proximidade com os Iluministas. O resultado é que, quando morre o rei e Frederico II assume o trono, já não há mais espaço para Bolsonaro ali permanecer. Com o início da Guerra da Sucessão Austríaca, é preciso encontrar-lhe um lugar que seja neutro e onde não crie problemas. Acaba enviado para o reino que mais odeia na Europa: Portugal. Este, contudo, se revela o menor de seus desgostos...

“Isto é pior que veneno!”, resmungo Fuentes, bebendo a terceira dose.

“Ora, meu senhor, como quer conquistar a terra se não lhe domina a bebida nativa? Vamos, continue, estou tomando gosto por esta história.”

Em Lisboa, como adido, passa nove anos sem criar problemas, visto que o reino de Portugal se mantém neutro em todas as guerras quanto possível. Até que uma sequência obscura de eventos sinistros macula sua biografia: o conde tem um ataque de nervos que quase lhe custa a vida, e de cuja origem ou motivação nada se conhece. O que se sabe é isto: logo após sua recuperação,

um rapaz português que trabalhava em sua casa como cavaleiro morre envenenado, nunca se descobriu por quem ou por qual motivo. O jovem era o melhor amigo do filho mais velho do conde, de catorze anos, que entra então num profundo desespero, e termina por se enforcar no dossel da cama. Para vergonha da condessa sua mãe, o suicídio impede um enterro cristão, embora isso não pareça abalar o próprio conde. A condessa adoece em seu luto, caindo num estado tal de melancolia que vem a falecer poucos meses depois – o que também, ao que parece, não abala o conde, que permanece impassível. Sua falta de empatia frente à tal sequência de tragédias faz má figura de sua pessoa no meio diplomático, as notícias correm para a Itália, e Reinaldo acaba sendo chamado de volta à corte, em Nápoles. Mas ainda não é o fim de sua carreira diplomática...

“Vamos, Sua Graça, tudo o que é bom vem em quatro. Beba mais uma dose.”

“Se não há como evitar...”, resigna-se Fuentes, e dá prosseguimento à sua história.

A longa estadia, contudo, o encheu de novas ideias. Uma vez de volta à corte em Nápoles, tornou-se um ardoroso defensor da Inquisição, e propõe a Carlos de Bourbon reinstalá-la nos territórios italianos. O rei não está interessado em assuntos religiosos a essa altura, quando já corre pela Europa uma antipatia crescente pelos jesuítas. Bolsonaro, contudo, tem sua utilidade: por meio de panfletos vários, ataca os inimigos do rei e elogia suas políticas. Mas seus modos intempestivos, aliados a seu humor irritadiço e ansioso, trazem-lhe um custo: em 1750, ao ser informado de que a Espanha assinara com Portugal o Tratado de Madri, trocando as Missões Jesuítas pela colônia de Sacramento – “não se deve negociar com a ralé lusa, apenas subjugar-la pela força”, teria dito – tal é a intensidade de seu raivoso estado de nervos, que sofre um choque apoplético, deixando a metade esquerda de seu rosto eternamente

paralisada. Por cinco anos, o conde parece se retirar da vida pública, vivendo sozinho em suas terras, até que a Europa é abalada pela mais trágica notícia de seu tempo: o terramoto de 1755 em Lisboa. Bolsonaro publica um panfleto, lamentando a falta de senso do rei Fernando VI em aproveitar a oportunidade de invadir Portugal logo de uma vez, livrando a Europa (e a América, por consequência) “dos inúteis lusitanos”. O panfleto chega a Madri, onde provoca um constrangimento entre os reis irmãos, e Carlos de Bourbon ordena que o conde pare de publicar seus libelos. Isso, contudo, está longe de ser o fim para o conde...

“Mais uma dose, Sua Graça”, Érico aponta a garrafa, “uma para cada dedo de vossa mão.”

“Ai de mim, que ainda tenho os da outra para contar..”

Resignado com a censura recebida, o conde passa a dedicar um profundo interesse pela origem dos tremores de terra. De Portugal, Miguel de Macedo Malafaya publica *Novo terramoto nos remorsos da consciência*, colocando o pecado como única causa plausível para as tragédias naturais; na colônia de Massachussets, também assolada por um tremor naquele mesmo ano, Thomas Prince publica seu panfleto *Terramotos são o trabalho de Deus, & Símbolos de Seu Justo Desgosto*. Ainda que um seja português e o outro um calvinista – que, aos olhos do conde, faz deles menos que gente – suas propostas conciliavam teorias científicas com a ortodoxia religiosa, o que cai ao gosto de Bolsonaro. Com esta mistura de ciência e religião, passou a elaborar um curioso plano, só interrompido em 1759 pela morte do rei Fernando VI da Espanha. Com isso, Carlos de Bourbon se torna Carlos III da Espanha, e a corte se muda toda da Itália para Madri. A situação política na América se torna cada vez mais intrincada, o Tratado de Madri não vingara, a Europa se vê imersa numa nova guerra que aos poucos se espalha para todos os continentes, e nisso o conde de Bolsonaro vê a oportunidade de dar a volta por cima, e pleiteia a embaixada

em Londres. O rei não é louco de colocar uma representação tão importante nas mãos de um irresponsável como o conde, mas tampouco gostaria de tê-lo na corte em Madri, de modo que o envia a Londres como adido militar – o menos público e sociável dos cargos diplomáticos. Como se isso fosse satisfazer as ambições do conde...

“Mais uma dose, senhor. Seis, dizem os matemáticos, é o número perfeito. Vamos.”

O conde de Fuentes enrola a língua, oscila sobre a cadeira e se apoia no aparador. Já não se serve mais do copo, pega a garrafa e toma um gole direto do gargalo. Estrala os lábios com um suspiro, e retoma sua história, a voz cada vez mais pastosa. O que conta acaba tendo poucas partes inteligíveis, mas Érico consegue juntar-lhe os fragmentos: dos tempos em que Bolsonaro fora embaixador na França, travara contato com os jacobitas exilados, e uma vez de volta a Londres, fez uso de John “Jock” Strapp como *agent de liaison* entre ele e Roger Pheuquewell. Em troca de apoio logístico – o que inclui contratar homens, conseguir o navio e produzir os impressos –, Bolsonaro faz uso de seu status diplomático para infiltrar os jacobitas de Pheuquewell na corte. O resto Érico pode preencher as lacunas: com a apreensão do navio no Rio de Janeiro e a perda de seu investimento, foi preciso financiar uma segunda nau. Os planos deram errado pela intervenção de Érico, na mesa de jogo de uíste, em outubro. Isso fez Bolsonaro buscar o contato da sra. Bryant na embaixada francesa, que lhe prometera um novo navio – e assim formou-se o Consórcio Transnacional.

“Onde estão os dois?”, questiona Érico. “Bolsonaro e Pheuquewell. Onde se escondem?”

“Os livros, os panfletos estão ali, está tudo ali...”, balbucia Fuentes. “Na ilha dos Cães, ora! Na ilha dos cãesinhos e das vaquinhas e do... galo de rinha. O galo, o galo, o galinho de rinhas, o imenso galinho de rinhas...”

“Como assim? De que lhes serve este galo? Que farão com ele?” Érico lhe dá um tapa no rosto, que deixa o embaixador mais desperto. “Vamos, homem!”

“Ave? Que ave? Ah! Haha! Não, não, nananinanão... não é uma ave...”

“É um lugar, portanto? Mas onde?”

“Mais um gole, mais um golinho e eu conto... prometo... sete é o número da sorte.” O conde busca a garrafa e bebe um gole. Érico, irritado, toma-lhe a garrafa da mão.

“O galo, homem. Onde está o galo?”

Fuentes sorri feito um abobado, estica o braço e gesticula com o dedo indicador para que se aproxime. Érico põe o cano da pistola na têmpora do conde, e aproxima o rosto. Palavras pastosas e um hálito terrível, mas escuta o que quer ouvir – tão óbvio! Como ele e Fribble não haviam se dado conta? Precisa avisá-lo o quanto antes.

“Mas eles não estão lá agora... estão aqui... os três, os três me aguardam ali no... ali no... atrás da... como se chama? Retonda. Rodunda. Rotunda. Um último encontro... antes de... partir... à meia-noite. Um salvo-conduto... para ela.”

É com um senso de urgência terrível que Érico compreende: os três estão reunidos ali, em Vauxhall. É a oportunidade de ouro. Não há tempo para planejar, é preciso improvisar. Mas precisa avisar Fribble. Consulta o relógio: pouco tempo. Olha de si para o embaixador e do embaixador para si: sim, deve bastar. Terá que bastar. Seus trajes, afinal, são ambos negros, suas alturas são semelhantes (nenhum dos dois é muito alto). Coberto por capas, não notarão a diferença.

“Oito... é o número do infinito...”, Fuentes estica a mão para pegar a garrafa mais uma vez e tomba. Érico o segura pelos braços a tempo de evitar que caia ao chão. Põe-no de volta sentado, mete a mão em sua casaca e encontra o salvo-conduto que entregaria para a sra. Bryant. Não há como abri-lo sem

romper o lacre, mas não há como evitar: rompe, abre. O que lê faz ferver seu sangue: o documento é dedicado a outro nome, um nome que, conclui, é o verdadeiro nome dela. É a prova que pode principiá-los na guerra. Érico troca de máscaras com o desfalecido Fuentes, tomando para si a de *scaramouche* e o deixando com a de Guido Fawkes. Tira dos bolsos um alfinete, uma tirinha de papel e uma bala oca, que desenrosca até abrir-se em duas metades. “Emprestame um pouco de tinta, Sua Graça”, diz ao desacordado, e pica-lhe a ponta de um dedo com o alfinete, molhando-o com sangue, e escreve sua mensagem. Enrola a tirinha de papel o menor que consegue e mete dentro da bala oca, que guarda no bolso. Guarda sua pistola, que nem carregada estava, vira o resto da garrafa sobre Fuentes, a deixa vazia em suas mãos e desce da torre.

Os secretários do embaixador também estão um pouco ébrios, pois em nome da harmonia entre os povos, Gonçalo e Flechette vinham lhes servindo boas doses de bebida. Os dois, porém, não reconhecem Érico sob o disfarce de *scaramouche*, e enquanto os secretários espanhóis cambaleiam e se despedem, Gonçalo estranha que o embaixador chegue tão próximo dele, murmure algo incompreensível em seu ouvido e lhe deixe algumas moedas na mão. Gonçalo os vê partir, quando então tira o elmo grego e olha a própria mão: as moedas são de real português, e entre elas há uma bala de pistola.



Entra na rotunda e, não vendo ninguém que lhe desperte a atenção em especial, pergunta aos secretários: “*Donde están?*” Os dois, ébrios, apontam direções contrárias, mas eis que em seu auxílio surge uma figura vestida com máscara de médico da peste, que lhe pede que o siga. Saem da rotunda e avançam por uma área pouco visada pelos visitantes, atrás das casas que servem de ateliê aos artesãos, onde outros dois médicos da peste guardam o perímetro. “*Soy yo, el embajador*”, diz Érico, numa imitação do tom afetado e

impertinente de Fuentes. O deixam passar. Num círculo iluminado por lanternas, duas figuras estão em conferência: um velho recurvado apoiado na bengala, em fantasia vermelha com máscara de pantaleão, e uma mulher usando fantasia de *La Signora*, num transbordo de joias, flores, penas e fitas, com o rosto oculto pela sinistra máscara oval e sem boca da *moretta*.

“Fanchonos!”, resmunga o velho. “Sua Graça, há fanchonos por toda parte!”

“Creio que o senhor embaixador e nós temos preocupações mais urgentes”, diz ela, a voz abafada pela máscara. E, voltando-se para Érico: “E vós, teve sucesso com o duque de Newcastle?” Érico balança a cabeça em negativo.

“Hum. A diplomacia é a arte de prolongar a hesitação até que tudo corra para o inevitável”, conclui ela. “Se esta cidade sobreviver, é claro.”

“E onde está o conde, afinal?”, pergunta o velho.

“Está atrasado, como de hábito”, diz a mulher. “Mas de todo modo não precisamos dele para fazer nossos acertos finais.” Ela tira do decote uma carta, que entrega ao velho. “Senhor Pheuquewell, aqui está o seu salvo-conduto para a França. E vós, Sua Graça, que trazes para mim?”

Érico tira do bolso do gibão o envelope que tomara de Fuentes, mas quando o estende, deixa intencionalmente que caia ao chão. Imediatamente se agacha, pedindo perdão, tateia perguntando onde está e, quando o pega, o amassa de modo a justificar o lacre rompido. O estende para ela outra vez, que o toma irritada. Ela nota o lacre rompido, lança-lhe um olhar desconfiado, abre e lê. Guarda o salvo-conduto no seu decote e encara Érico – é possível ver, pelos buracos redondos dos olhos na sua máscara, o olhar frio e analítico. Os dois se encaram.

Ela sabe.

Ele sabe que ela sabe.

Ela sabe que ele sabe que ela sabe. O disfarce ruiu. Tarde demais, Érico mete a mão na casaca em busca da pistola. Ela é mais rápida: da manga bufante

de seu vestido, puxa um estilete e, com a fúria de uma tigresa, salta para sua garganta. Érico recua um passo, a tempo apenas de ver a lâmina bater no longo nariz de *scaramouche* e arrancar a máscara de seu rosto. Agora é correr: tarde demais, os médicos da peste o cercam e o derrubam de costas ao chão.

“Quem diabos é você?”, pergunta Pheuquewell, que não o havia conhecido ainda.

“Ah, meu caro Roger”, responde a figura que adentra o círculo iluminado, “esta é a pergunta que eu venho me fazendo há seis meses.” A fantasia listrada de *Capitán*, com gola rufada e chapéu de pena de faisão espetada, a máscara grotesca cobrindo olhos e nariz, mas deixando livre a boca, que morde com voracidade as coxinhas que traz nas mãos engorduradas. Quando fala, o faz de boca cheia e com calma. “Mas agora não mais, agora não mais.”

“Você *leu* isso?”, pergunta a sra. Bryant, exaltada, brandindo o salvo-conduto contra o rosto de Érico. “Oh, Deus, você leu. Você sabe sobre mim. Devo partir. Onde está Fuentes? ONDE?”

“Acalme-se, querida”, diz Bolsonaro, mordendo calmamente outra coxinha. “Alguém quer uma? Estão deliciosas. Acalmem-se, pois o senhor Borges aqui não vai a lugar nenhum.”

“O barão de Lavos?”, espanta-se Pheuquewell. “É este o maldito fanchono?”

“Oh, não, não mesmo”, diz Bolsonaro, agachando-se ao lado de Érico e apontando-lhe uma coxa roída contra seu rosto. “Nós dois sabemos que isso não é verdade, não é? Pois não existe nenhum barão em Lavos. Nada que uma troca de cartas e uma consulta à genealogia das famílias portuguesas não esclareçam. Mas uma fanchona? Sem dúvida. Um maldito adorador da Vênus prepóster, um beija-bundas de Bafomé e, o pior, um português brasileiro: a raça mais desgraçada com que já tive que lidar em toda a minha vida. Mas vos digo, senhores, que este sodomitazinho aqui se intrometeu nos meus negócios

pela última vez. Pois que acasos e coincidências já não explicam mais a constância com que o senhor surge no meu caminho.”

“Mate-o agora”, propõe Pheuquewell. “Um fanchono a menos no mundo é um alívio.”

“Não, Roger, ainda não. Tenho a obrigação de procurar os modos mais criativos de dar fim a este pederastazinho. Vamos levá-lo conosco, isto sim. Bryant, você virá?”

“Não”, diz ela. “Tenho que encontrar Fuentes. Preciso sair daqui, mas não com vocês.”

“Se é uma despedida...”, Bolsonaro ergue os ombros, “diga ao poltrão do conde de Fuentes que, na próxima vez em que nos vermos, ele estará tratando com o novo vice-rei do Brasil.”

Ela vai embora, levando consigo os secretários ébrios. Os médicos da peste erguem Érico pelos braços, que sente o cutucar de uma adaga contra suas costelas. Se abrir a boca, alertam-no, não sairá vivo de Vauxhall. Colocam-lhe de volta a máscara de *scaramouche* e o chapéu. Saem pelo lado de trás da rotunda, passando pelo portão quase sem serem percebidos. Érico lança um olhar para trás, na esperança de ver pela última vez Gonçalo ou Maria. Com um empurrão, o metem num coche.

Pela noite, a pequena procissão de coches cruza Southwark em direção a Rotherhite. Pelas janelas, Érico percebe que faz o caminho inverso à sua chegada, das paisagens monótonas de plantações e fazendas, passando até mesmo pelo Elephant & Castle. O monstro urbano que o devorara e que passara a amar e odiar em iguais proporções agora o regurgita. Uma hora depois, descem num píer na margem sul do Tâmis, e o embarcam numa balsa junto com Bolsonaro, cruzando o rio enquanto no oeste o céu é iluminado pelo clarão de fogos de artifício sobre Vauxhall. Pensa em Gonçalo, e a certeza

de que nunca mais o verá outra vez o deprime. Quando olha para Bolsonaro, contudo, este sorri.

“Não é o maior galo que você já viu, sr. Borges?”

Aponta-lhe logo à frente: da sombra da noite, o lume de suas lanternas refletido nas águas escuras do rio amplia seu tamanho, e surge majestoso e imperativo um colosso de dois deques e setenta e quatro canhões – um navio de terceira classe, do tipo capaz de abrigar uma tripulação de quinhentos a seiscentos homens. Um vaso de guerra como aquele talvez não possa invadir o Brasil inteiro, mas, se estiver plenamente ocupado, significa que Bolsonaro dispõe de um exército capaz de capturar Salvador ou o Rio de Janeiro. Érico encara aquele titã de três mastros com o mesmo temor que Odisseu teria encarado Polifemo. Surge-lhe então o nome, escrito em letras cursivas no castelo de popa: *GAME-COCK. O Galo de Rinha.*

Cai uma chuva fina e fria. Uma escada de corda é jogada, e Érico sobe com pistolas apontadas para si. Phequewell resmunga do quanto o desagrada ter um sodomita a bordo. Todos no tombadilho voltam-se de imediato para Érico, com olhares ameaçadores.

“Senhor Borges, temos a bordo um velho conhecido seu”, diz Bolsonaro, guardando a pistola, “que está muito desejoso de lhe dar boas-vindas.”

No silêncio que domina o tombadilho, escuta o toque-toque claudicante de madeira contra madeira, e do meio dos marinheiros abre-se uma passagem para que se aproxime um homem imenso, a perna esquerda substituída por uma de pau à altura do joelho, e o rosto repleto de marcas de varíola tem um nariz falso moldado em metal, preso por correia de couro, em substituição àquele que lhe fora esmagado a socos. Kroptopp sorri, enquanto Érico murmura para si mesmo: agora fodeu.

## O INCITADOR DE TERRAMOTOS

Luz do dia. Abre os olhos. Foi uma longa madrugada. Contraí o rosto, craquelando o sangue seco que escorrera da têmpora, nariz e lábios e que agora está seco pelo pescoço. O supercílio esquerdo está tão inchado que mal consegue abrir o olho. Seu corpo oscila no balanço das ondas. Está amarrado a uma cadeira no centro do que julga ser os aposentos do capitão, logo abaixo do castelo de popa, e está sozinho. Foi uma longa noite, e todo o seu corpo lateja. Nas janelas ao fundo, vê o brilho do sol refletido no mar. Engole em seco. Sua vida pregressa fora deixada para trás. Tenta mover o ombro, mas dói. Está nu da cintura para cima, a camisa e o gibão jogados a um canto, metade de seu tórax escurecido pelas manchas arroxeadas das pancadas, a outra metade suja de mais sangue seco. Novas cicatrizes para acrescentar às antigas. Érico se vê rodeado por armários repletos dos volumes obscenos editados em Merryland, divididos por suas cidades de destino. Escuta o toque-toque da perna de pau contra o chão, e já contraí os músculos, antecipando mais pancadas que provavelmente virão. Entra o conde de Bolsonaro, seguido pelo mordomo Kroptopp.

“Ah, finalmente acordado!”, diz o conde. Tira um relógio de bolso da casaca. “Você teve uma boa madrugada, não foi? Falei para Kroptopp: tire-lhe um pouco de sangue, deixe-lhe tantas marcas quanto queira, mas não quebre nenhum osso essencial. Eu o quero vivo, senhor Borges. Quebrado, mas vivo. Para que testemunhe o que pretendo fazer com aquela terra nojenta de que

“você tanto se orgulha a ponto de trazê-la marcada no corpo.” Aponta para a tatuagem da esfera armilar em suas costelas, onde as pancadas foram mais frequentes, a ponto da carne inchar e sangrar, provavelmente deixando uma ou duas costelas quebradas. O conde abre os braços: “E que tal minhas instalações? Esteve à procura delas, não? Pois aqui estamos. Quer rever minha bela prensa tipográfica? Não há mal nisso, pois não há mais nada que possa fazer para me impedir. E afinal, teremos bastante tempo juntos até chegarmos ao Brasil. Ah, vamos nos divertir tanto com você... será preciso montar uma tabela, uma programação... nada em excesso, apenas arrancaremos umas unhazinhas, e depois alguns dentes, ou alguns dedos. É uma perspectiva empolgante, não acha?”

“Ô se é”, balbucia Érico. “Você deve ficar de pau duro só de imaginar.”

Krotopp ergue o punho fechado e avança. Érico se retrai antecipando o golpe, mas Bolsonaro detém seu mordomo: “Está tudo bem, deixe-me a sós com ele. Temos muito o que conversar.” O mordomo sai, e Érico concentra-se na visão que as janelas de popa lhe oferecem. Não devem ter ido muito longe na madrugada. Das janelas pode ver uns tantos navios circulando próximos, talvez ainda estejam no movimentado estuário do Tâmis. Seria capaz de nadar até a costa, caso consiga subir ao convés e se atirar pela amurada? Provavelmente não, mas mesmo a possibilidade de um afogamento lhe parece melhor do que continuar à mercê daquele fanático.

*Do you like cocks, Mr. Borges?*

– Hein? – Érico volta sua atenção para Bolsonaro.

– Ah, você prefere que conversemos em português? Chega-se a um ponto em que nem sei mais qual língua falar. Perguntei se você tem interesse por galos, senhor Borges. Galos de briga, no caso. Me ocorre que nós dois somos como um par de galos de briga, presos na mesma rinha. De nossos encontros anteriores, diria que você obteve a primeira vitória, mas nosso segundo embate

foi, definitivamente, um empate. Agora é hora de virar o jogo. Pois que sou um grande pesquisador, meu caro. Por um acaso sabe o senhor como se executou o primeiro sodomita em terras brasileiras? É uma história muito instrutiva. Em 1613, creio, mas a data não é importante. Quando os franceses andavam pelo Maranhão, os frades capuchinhos descobriram que os tupinambás praticavam livremente estes atos bestiais que você tanto aprecia. Uma prova, na minha opinião, do quanto os índios estão mais próximos de animais que de homens, mas isso não vem ao caso. O fato é que, assim que capturaram um desses bugres sodomitas, a que chamavam Timbira, encontraram um modo muito criativo de purgá-lo de seus crimes. Sabe como? O amarrando à boca de um canhão. – Bolsonaro sorri com as gengivas, ergue o punho no ar e abre os dedos. – Espalharam suas tripas no ar, para que purificassem a terra com sangue. Não é uma ideia excelente, senhor Borges? O que me diz de fazermos isso com o senhor?

– Terá que desembarcar no Brasil, antes. E precisa de mais que um navio para isso.

– Será? Que diferença irá fazer, quando tudo estiver destruído? Meus homens marcharão sobre as ruínas de suas cidades mal-ajambradas e sobre os corpos de sua gente mestiça.

Érico lança um olhar para as prateleiras ao seu redor, revisando o nome das cidades: Belém, São Luís, Salvador, Rio de Janeiro, Vila Rica e Sacramento. Algo não faz sentido ali.

– Você certamente não tem poder de fogo para tanto. E Vila Rica sequer fica na costa.

– Você não faz ideia, não é mesmo? – Bolsonaro se diverte, seu humor está perigosamente empolgado. Quinhentos homens não são o bastante para ocupar uma terra de proporções continentais como o Brasil, mas Bolsonaro parece convencido do contrário, e sua arrogância inata agora assume o

controle: qualquer precaução que antes tomava para ser oblíquo em suas palavras e ocultar suas verdadeiras intenções se fora. – É claro, daqui você não irá a lugar algum, então não faz mais diferença agora... não há mal algum que você saiba de tudo.

Ele coloca a mão sobre o ombro de Érico e o aperta, se deliciando com as próprias palavras.

– Tenho pensado em formas de arrancar o Brasil de mãos portuguesas por anos e anos. E a verdade, senhor Borges, é que vocês, tal qual uma peste, espalharam-se demais por aquela terra, a tal ponto que, invada-se pelo Sul ou pela costa a Nordeste, não importa, é muito grande, muito amplo. Ora, a Europa inteira cabe lá dentro. Pela força das armas seria necessário um esforço grande demais, dispendioso demais. Contudo, há formas distintas de se promover uma guerra. Tenho vislumbrado um plano que, em longo prazo, irá demover o Império Português à sua dimensão correta e nanica. E o que é Portugal, ora merda? Apenas o prepúcio da Europa, prestes a ser circuncidado! Que ironia, não? Purgar seu reino da praga judaica talvez tenha sido a única coisa decente que vocês fizeram, e agora estarão prestes a sofrer a mesma sorte! Mas... não sou ingênuo! Não, não, não senhor. Não cometerei esse erro estratégico... eliminar um povo é como matar a hidra, corta-se a cabeça, outra nasce em seu lugar. Invade-se Portugal, e o que ocorre? As colônias se desagregam, ficarão desnorteadas, o Brasil se fragmenta em diversos pedaços. Porém, nada agrega mais os povos do que um inimigo comum, e isso não posso permitir que ocorra! É preciso mantê-lo dividido.

Bate o punho contra o tampo de um gabinete. Retira um exemplar da prateleira e o folheia.

– Como lhe disse, senhor Borges, meu plano foi originalmente pensado para ser executado a longo prazo. Sabia que a peste negra começou com ratos, arremessados pelos mouros nos portos europeus? É o mesmo princípio:

enviando aos portos brasileiros esta praga, que é a literatura libertina, a grande produção intelectual de um século degenerado... imagine! Numa terra que já é povoada de gente da pior espécie, entre degredados e judeus marranos, a fornicar com índios, negros e sabe-se lá que outras raças inferiores, em poucas gerações o Brasil será habitado por uma sub-raça de anões cor de bronze, de feições simiescas e lascívia incontrolável.

– E o que o fez mudar de planos? – Érico tem a impressão de que as cordas em seus punhos se afrouxam. Precisa fazer o homem continuar falando.

– Eles não mudaram, o mundo é que os acelerou. Eu sou um homem impaciente, senhor Borges, e a guerra está cada vez mais próxima. A invasão de Portugal é um fato incontornável, o que torna a questão brasileira uma urgência a ser resolvida. Foi preciso agir, e eu agi. E se há uma verdade nesse mundo, meu caro, é que uma prensa tipográfica vale por mil canhões. E como toda arma, sua mobilidade é crucial na sua utilização. Por isso, a minha foi projetada para funcionar dentro de um navio, o que me permite manter seu poder de fogo, isto é, sua capacidade de impressão, longe de mãos inimigas. Se a coloquei em terra por alguns meses foi somente por precaução, e justificada, já que vocês me tomaram aquele primeiro navio no Rio de Janeiro. Mas agora que Londres é passado, ela viaja comigo. Aqui, duas cobertas abaixo de nós, no espaço do alojamento de oficiais subalternos. A vantagem de se ter um navio grande é ter bastante espaço sobrando. E você deve estar se perguntando agora: quantos homens temos a bordo, não? Não sei o número exato, mas quase quinhentos, lhe garanto. Não está em sua capacidade total, mas ainda é mais do que o suficiente para meus propósitos. E lhe garanto, senhor Borges, que haverá cópias de *Os incitadores de terremotos* em França, em Espanha, em Portugal e em todas as ilhas que encontrarmos pelo caminho, para que seja dada a devida punição aos sodomitas do mundo. Isso, claro, é apenas um bônus. Seria muito mesquinho da minha parte usar tal poder de fogo, capaz de

derrubar reis, promover revoluções, revoltas ou terremotos... para destruir algo tão insignificante quanto essa sua gente degenerada.

– Não se dê tanto crédito, conde.

– Ora, você não tem como negar. Você viu o que houve em Londres.

– Lamento decepcioná-lo, mas o pânico que você espalhou não é nada de novo.

– Não, não, não me refiro a isso, rapaz. Me refiro aos terremotos.

Érico o encara, surpreso.

– Como assim? Você não tem meios de provocar um terremoto, ninguém tem.

– Dois terremotos, lembre-se. Sendo que o segundo teve seu epicentro em Highgate.

– Apenas o segundo. Uma coincidência, não mais...

– Ah, eu acho a sua falta de fé perturbadora. Isso é o que nos diferencia, senhor Borges. Religião e ciência são perfeitamente compatíveis, enquanto a segunda se mantiver reverente à primeira. O que provoca terremotos, eu pergunto? Todo estudioso concorda que são vapores e relâmpagos no interior oco da terra. Contudo, o que desperta o instante que provocará a fagulha, que fará tudo tremer? Acaso, você dirá. Mas eu respondo: a Vontade Divina, atizando as chamas do inferno pela iniquidade do homem! Então, como você provoca um terremoto? Atizando a alma das pessoas, até que invoquem a Ira Divina. E homens são fáceis de conduzir – ele tira o relógio do bolso. – Pela hora que é, Londres já deve estar em ruínas. Vê? Eu manipulo as gentes como um titereiro. E é o que farei com o Brasil: não será mais um plano lento e gradual para degenerar sua raça, mas sim uma enxurrada tão intensa de incitações aos piores instintos, que fará com que cada vila e cidade daquela terra de mamelucos se transformem em Sodomas e Gomorras! Pois saiba que as mulheres, coisa que você não conhece, são naturalmente inclinadas à lascívia. É

o seu instinto natural de fêmeas, que se acentua ainda mais em raças inferiores como a negra. E numa terra em que há três negros para cada branco, que acha que farão? Haverá infidelidades às centenas, copularão com os pretos, darão crias mestiças e bestiais, enquanto os homens brancos, abandonados, recorrerão à sodomia. A promiscuidade levará às doenças venéreas, e eu lhe garanto que, antes do final deste ano, a depravação na colônia do Brasil será suficiente para atrair a Ira Divina e arrasar suas cidades. – Faz um gesto largo e teatral apontando as prateleiras. – Belém! São Luís! O Rio de Janeiro, Salvador, Vila Rica, Sacramento... em ruínas! Livre dessa sua gente asquerosa, e com as ruas lavadas por ondas gigantes que se erguerão do mar! E, com um oceano de distância a separando de Portugal, antes mesmo que o rei José seja informado, os exércitos franco-espanhóis no Prata e nas Guianas estarão prontos para invadir e conquistar! E neste dia, senhor Borges, o que sobrar de VOCÊ será amarrado na boca de um canhão e terá suas vísceras espalhadas por toda aquela maldita terra! O que me diz agora, hein? Seu fanchono sodomita de merda, seu verme degenerado, O QUE ME DIZ?

Érico está boquiaberto, seus sentidos atordoados; sua mente, tão violentamente assaltada por aquele discurso que, quando analisa as possibilidades, cria uma pressão em seu peito, que cresce e se espalha pelo corpo dolorido. Tenta segurar o impulso, pois sabe as consequências dolorosas que lhe trará em seu estado físico atual. Mas é impossível, é inevitável. Fecha a boca, comprime os lábios, tremores tomam conta de seu corpo e então se solta na mais violenta gargalhada de sua vida.

Não é possível! Não é possível que tanto dinheiro, tantas mortes, tantas desconfianças e intrigas e idas e vindas de correspondências entre Londres e Lisboa tenham sido por causa disso! Será possível? Em sua mente se forma uma sequência de imagens nítidas: Maria e Fribble à mesa do chá, gargalhando; Gonçalo e sua mãe na saleta de casa, gargalhando; Martinho de Melo e Castro

em seu escritório, gargalhando; e o conde de Oeiras com a carta em mãos, um dar de ombros estoico e voltando a atenção para coisas mais urgentes. Ah, se soubesse antes! Teria ficado a tomar seus chás, dançar seus bailes, e deixaria que estes tolos se afundassem no mar com suas ideias bestas. Que seja possível tantos terem lhe dado crédito é um mistério. Ou talvez não: quando o mundo todo enlouquece, quem é louco passa por são. Sempre foi assim, e sempre será.

O conde de Bolsonaro, porém, fica profundamente ofendido.

– Vamos ver quem rirá mais aqui – grunhe. – Quando a Espanha dominar o Brasil, teremos condições de expulsar também os ingleses primeiro do Caribe, depois do Norte da América. E antes que este século chegue ao fim, seremos o maior império que a cristandade já vislumbrou, e meu nome, senhor Borges, meu nome estará gravado na pedra ao lado dos... pode rir, cáspita! Ao lado dos maiores generais da história, de Alexandre da Macedônia a Julio César.

– As fanchonas que governaram o mundo! – ri Érico, ainda se recuperando.  
– Ah, seu idiota presunçoso. O único general de que você se verá ao lado será Crasso.

Bolsonaro o estapeia.

– Seu pedaço de merda. Viverei tempo o bastante para ver toda a tua gente imunda amarrada em fogueiras, mesmo que seja uma fileira tão longa que circunde o globo. Teu nome não será digno sequer de uma nota de rodapé na história.

– Isso é tão ridículo que não faz sentido nem mesmo dentro de sua própria lógica! – troça Érico. – Buenos Aires, por exemplo. Como espera que um terramoto que destrua Sacramento não vá afetar Buenos Aires, que está logo ali do outro lado do Prata?

– Da mesma forma que o Mar Vermelho poupou os judeus e afogou os egípcios – diz Bolsonaro, como se fosse uma obviedade gritante. – O que Deus

quer, Ele consegue.

– Ah, que seja, faça o que quiser – Érico ainda se recupera da dor dos sacolejos. – Faça o mundo girar ao contrário e o tempo regredir, nos leve de volta ao medievo se assim te apraz. Sonhe o quanto quiser, pois sonhar é livre. Mas não se engane, pois no que tange a conquistar o Brasil, nós expulsamos os holandeses, nós expulsamos os franceses, até os ingleses já expulsamos de lá, e vocês espanhóis podem continuar tentando e nós continuaremos os escorraçando como sempre fizemos. Está no nosso sangue expulsar invasores desde os celtas, desde Viriato e os romanos. Faça o que quiser. Cerque a costa, invada o Sul, eu lhe garanto: irão falhar. A América não é a Europa, e o Brasil não é Portugal. Você não entende. Você pode ter nascido americano, como eu, mas suas ideias são todas europeias, são todas ilusões de grandezas alimentadas em jardins. Você detesta tudo o que não é você mesmo, mas no fundo é somente a si mesmo quem detesta. Apenas mais um estrangeiro com ideias prontas sobre algo que nunca tentou compreender. Só há uma coisa que me intriga nisso tudo.

– E o que seria? – Bolsonaro está de costas, irritado.

– Para que se dar ao trabalho de enganar o pobre senhor Baskerville e roubar-lhe os tipos?

– Ora, muito me admira a pergunta. Não se diz que Deus e o Diabo vivem nos detalhes? Baskerville é um ateu. Um maldito ateu! Naturalmente, que sua produção estética está imbuída de sua filosofia. Se um livro busca atrair a Ira Divina, nada mais natural...

– Você acha que Deus se importa com a escolha da fonte? – insiste Érico.

– Ora, merda, e eu lá sei? – irrita-se o conde. – Não cabe a mim questionar o funcionamento da Vontade Divina! Eu... – É interrompido por batidas à porta. Kroptopp entra, trazendo um ferrete de marcar gado incandescente, que entrega para Bolsonaro. O conde aponta o metal para Érico, que vê a letra M

rubra de calor claro no ar à sua frente. – Ah, enfim! Veja, senhor Borges, você escolheu um estilo de vida mais próprio a um animal e, portanto, é como um animal que irei marcá-lo. Bem na sua testa. M de *maricón*. Para que todos saibam, por onde quer que ande neste navio até os seus últimos dias, a criatura odiosa que você é. Que me diz?

– Preciso reconhecer, conde. – Faça com que continue falando, grita em pensamento. O nó em seus punhos está frouxo, mas não tanto ainda que consiga se libertar. A corda é grossa, a pele está ferida. Soltar-se, correr, atirar-se ao mar. – Dedicaste tanto estudo às práticas da minha gente, que você mesmo se tornou um *connaisseur*. Eu deveria ficar lisonjeado. Nem meu namorado pensa tanto no que fazer com cada parte do meu corpo.

O lado direito do rosto de Bolsonaro se contorce de ódio. Brande o ferrete, ameaçador.

– Sabe o que farei com você, seu rato? Sua merdinha insignificante? Vou mandá-lo ao cirurgião de bordo, vou fazer com que lhe amputem as duas pernas e os dois braços. Farei de você uma coisa amorfa e digna de pena, que caiba dentro do nosso maior canhão, e vou espalhá-lo no mar o quanto antes. Não quero mais sua presença imunda no meu navio!!

As cordas ainda não estão frouxas o suficiente. A queimadura será inevitável, terá que suportar a dor. Talvez até mesmo seja útil, em sua intensidade, para dar-lhe forças. Fecha os olhos, respira fundo e abre. Algo completamente absurdo desvia sua atenção, do conde para as janelas de bombordo, que aos poucos são dominadas por uma visão inusitada.

Atordoado, murmura:

– Mas que é isso...?

O conde, incomodado com a indiferença de sua vítima na iminência daquele momento tão crucial, também se vira, ciumento de que atração possa ser assim tão mais interessante. Para a incredulidade de ambos, contudo, o

grande objeto que vem passando pelas janelas, num sentido contrário ao do navio, é um mastro de gurupés que traz em si a mais inusitada das figuras de proa, esculpida de modo a apontar a cabeça para o alto, em orgulhosa e eterna ascensão. Pois é ele próprio: o brinquedo dos meninos, o aparelho dos ardores, a gazua dos furores e a chave mestra dos corações; a espada do amor, a viga central dos homens, o pêndulo do mundo, membro-rei das bainhas, formão dos prazeres, bastão dos regozijos e mastro mestre dos deleites – munido de um divinal par de asas.

Perplexos, os dois contemplam o avanço de um enorme passarálio.

## 26.

### O AURIGA

Vauxhall. A noite anterior. Gonçalo aperta o papelinho em sua mão, percorrendo ansioso o pavilhão da orquestra em busca daquela máscara nariguda de *scaramouche*. Quando ele e Flechette encontraram o conde de Fuentes dormindo completamente bêbado, o mordomo corre para avisar Fribble, e ele para avisar Maria. Dividiram-se nas buscas. Ela chega agora até ele, ansiosa.

– Você o viu? – pergunta Gonçalo.

Ela balança a cabeça em negativo.

Gonçalo não quer avisar Fribble do recado, não ainda. Não quer acreditar que Érico outra vez corre perigo. Por que, pergunta a si mesmo, por que ele precisa ser sempre tão impulsivo? Aperta o papel em sua mão, num fetiche supersticioso, como se assim evitasse ter que encarar a realidade de que Érico está em risco outra vez. A mensagem diz: *Game-Cock navio 74 canhões ilha dos Cães parte meia-noite avise Fribble*. Não, não quer avisar Fribble. Quer encontrar Érico, agarrá-lo pelo colarinho e gritar com ele, arrastá-lo para longe daquela gente louca que dança e se empanturra às vésperas do fim do mundo, para longe de perseguir o perigo e a própria destruição. Mas é inútil. É isso que mais detesta nele, é por isso que o ama. Suspira, desconsolado.

– Precisamos encontrar Fribble – diz Maria.

O encontram no mesmo coreto chinês onde ainda há pouco cearam. A essas alturas, Fribble já está bem informado: alguém com a máscara do conde

de Fuentes fora visto saindo de Vauxhall na companhia de um pequeno grupo de fantasiados; o verdadeiro Fuentes dorme na água-furtada do pavilhão da orquestra, completamente bêbado. Gonçalo lhe mostra a mensagem, mas Fribble balança a cabeça em negativo: não, isso não faz sentido. Um navio de setenta e quatro canhões significa uma nau de terceira classe com dois deques, uma coisa imensa que não se esconde em qualquer doca. Além do mais, só os franceses fabricam navios desse tamanho, e um não passaria incógnito pelas baterias de defesa do Tâmis a ponto de chegar tão próximos de Londres, a não ser que...

*A não ser que já estivesse ali desde o começo.*

Fribble tapa a boca, horrorizado. Não, não pode ser. Mas é. Olha desolado para Maria e Gonçalo, pensando em como explicar que Érico está perdido. Que tudo assumiu, subitamente, uma proporção terrível, algo em que não pode se dar ao luxo de incluí-los. Não diz mais respeito aos portugueses, diz respeito à própria segurança da cidade. Foram enganados todo esse tempo. É preciso avisar ao sr. Pitt, é preciso acordar o rei...

“Você sabe onde ele está”, afirma Gonçalo. “Érico. E o navio.”

“Sim, querido, eu sei, mas não há nada que possamos fazer agora.”

“Ora, se estão num navio, precisamos de outro. E sabemos onde conseguir um.”

“Não é uma questão de recursos. Vocês não compreendem. Se isso for verdade, então só há um navio desse tipo em Londres. E para ter caído nas mãos dos jacobitas... oh, Deus, foi necessário subornar tanta gente que nem posso imaginar. Será um escândalo que...”

Gonçalo o segura com força pelo braço. Fribble o encara com um olhar ofendido e alerta, que diz: não me provoque, garoto. Mas é Maria quem chega ao seu lado suave e gentil, e coloca a mão em seu ombro dizendo: “Não,

Fribble, querido... é você quem não está compreendendo. Ou você vem conosco, ou não irá a lugar algum.”



Agitado feito bordel em dia de pagamento, este é o Cacho de Uvas em Lime-Kiln. Os três estão sentados em torno da mesa, em conferência com os oficiais do *Joy Stick*. O sr. Simper bufa indignado e bate com o punho na mesa: “A hora de agir é agora.” Mas o capitão Whiffle pondera consequências. Passa das dez horas. A maior parte da tripulação está nos arredores, mas alguns foram para a City, e até reuni-los todos já passará da meia-noite. Não conseguirão levantar âncora a tempo de impedir o *Game-Cock* de zarpar. Contudo, sendo o *Joy Stick* mais leve, é capaz de alcançá-lo no rio ainda de madrugada. Um confronto ali é improvável. A estratégia mais sensata seria ultrapassá-lo e emboscá-lo no estuário do Tâmis. Há outro fator a ser considerado: estará na prática roubando seu próprio navio ao partir sem autorização da Companhia das Índias. Além do problema principal, que será enfrentar um oponente com o dobro do seu tamanho.

De todos, o mais tenso ali é Fribble, que consulta seu relógio ansioso. Despachara mensageiros para alertar o sr. Pitt, lorde Bute e o primeiro-ministro. Deveria ser ele a levar a notícia e dar o alerta, com toda a eloquência possível da gravidade do que ocorreu. Mas não foi. Poderia dizer-se sequestrado por Gonçalo e Maria, mas se quisesse resistir, o teria feito ainda em Vauxhall. Por que não o fez? Por que continua ali, deixando que aquele plano suicida siga adiante? A resposta é tão simples que teme admiti-la: porque, no fundo, quer tomar parte naquela vingança, quaisquer que sejam as consequências. Não, não é uma vingança: é uma reparação. Ainda assim, é seu o papel de advogado do diabo ali, lembrá-los do tamanho da encrenca.

“Não sou nenhum especialista em assuntos náuticos, capitão”, pondera, “mas até eu sei que uma fragata de quinta classe não tem a menor chance contra um 74 francês de terceira.”

“Como diz o vulgo, William, tamanho não é documento”, rebate o capitão Whiffle. “O *Joy Stick* é mais rápido. Além disso, eu já derrotei aquele navio antes, e posso fazê-lo outra vez.”

Sim, pois antes de ser roubado pelo Consórcio Transnacional e rebatizado de *Game-Cock*, ou qualquer que seja o nome que agora lhe deem, aquele navio fora o *Redoutable*, uma das naus francesas capturada há um ano e meio na baía de Lagos, em Portugal. Quase destruído na batalha, fora rebocado até Southampton, onde a marinha o comprou por dezoito mil libras e o comissionou para a defesa do canal, rebatizado de *HMS Redoutable*. Porém, em setembro último, enquanto patrulhava a costa de Dorset atrás dos contrabandistas de bebidas de Moonfleet, uma tempestade arreventou-lhe o mastro e quase o levou a pique, ficando à deriva por dois dias até ser rebocado outra vez, mas agora para as docas de Chapham, no estuário do Tâmis. A marinha concluiu que não valia a pena continuar investindo nele, e decidiu-se por rebocá-lo até as docas Drunken, na ilha dos Cães, onde seria desmontado. Uma série de entraves burocráticos e financeiros – ações que agora podia interpretar como movidas a subornos e traições – não só atrasaram sua desmonta, como possibilitaram que, ao que tudo indica, fosse reformado em segredo. Mas desta vez por jacobitas aliados a franceses.

Que o colocaram nas mãos do conde de Bolsonaro.

“Suas loucas!”, exalta-se Fribble. “Não podemos tratar um assunto de Estado dessa gravidade como uma *vendetta* pessoal!”

“Para mim é pessoal”, intromete-se Maria. “Como é para Gonçalo. E para lorde Strutwell, e para lady Madonna, e o capitão e o doutor e aqueles

marinheiros no pelourinho e toda a tripulação do *Joy Stick*. E deveria ser para você também, se algum dia se julgou amigo de Armando.”

Fribble suspira e se cala.

“Ela tem razão”, diz o capitão Whiffle. “Suportei escárnio de medíocres e o desprezo de superiores por toda a minha vida. Ora é minha voz que é muito aguda, ora acham meus modos muito delicados... pois digo, ao diabo com todos! Esta munheca aqui já cortou muita garganta, e o último que me subestimou agora jaz no fundo da baía de Lagos. Que me importa o tamanho que tem o navio deles? Davi e Golias! Conheço meu navio e conheço meus homens. Estratégia e velocidade são tudo de que precisamos. Isso, e saber explorar o ponto fraco deles.”

“Que seria?”, questiona Fribble.

“Uma tripulação de mercenários, meu caro, assim que perde o comando, foge como baratas. Ainda mais estando tão perto da costa. Meus homens estão afiados, e podemos disparar duas canhonadas no tempo que eles levarão para disparar apenas uma, o que já nos põe em pé de igualdade. E talvez eles não consigam nem isso, se os atordoarmos antes. Rasgo-lhes o rabo à bala! Pois está decidido! Se você não tem colhões, William, corra e se esconda debaixo do teu cargo no governo ou do teu dinheiro, pois estas fanchas aqui lutarão por ti, mesmo que não faças o mesmo por elas!”

“Phillip...”, Fribble magoa-se. “Eu estou do seu lado. Não sou eu o inimigo.”

“Então *esteja* do nosso lado agora, William. Pois poucos estão, e toda ajuda é necessária.”

Suas atenções são desviadas para uma figura excepcional que entra no Cacho de Uvas e caminha decidida até a mesa, estancando muito ereta e formal ao lado do capitão. Tem botas de couro que sobem até as coxas, casaca de couro azul tão gasta que já assume cor de terra, luvas negras e duas

bandoleiras entrecruzadas entre os seios, onde carrega um par de pistolas extras além do par que já traz pendendo da cinta, junto de inúmeros polvorinhos com tampos em forma de crucifixos que chacoalham ao andar. O toque de delicadeza fica por conta de um elegante lenço marrom-escuro rendado. No rosto, leva um tapa-olho no olho esquerdo, e traz os longos cabelos ruivos presos num rabo de cavalo com fita de seda, cobertos por um chapéu com plumas azuis de faisão.

“As princesas terminaram o tricô?”, resmunga ela. “O que ficou decidido?”

“Senhores”, aponta Whiffle, “esta é a sra. Hanna Snell, nossa imediato e primeira-piloto.”

“... Senhorita”, corrige ela. “O desgraçado já faleceu.”

“Hanna, quanto tempo para reunir os homens?”

“O fancharedo está quase todo nos arredores, mas alguns foram caçar rabos em Moorfield.” Ela tira um relógio de bolso da casaca. “Até meia-noite os tenho de volta.”

“Preciso de todos reunidos a bordo antes da meia-noite.”

“Sim, senhor, farei o possível, senhor.” Ela assente com um meneio e sai.

Fribble pergunta se aquela é a famosa Hanna Snell de que lera nos jornais anos atrás. A ocasião em que se revelou mulher disfarçada de homem causou uma comoção na marinha britânica.

“Ela é uma...”, Maria hesita, curiosa. “Como se diz?”

“Uma seguidora de Safo?”, propõe Simper.

“Uma jogadora de esfrega-cartas?”, sugere Whiffle.

“Uma tríbade”, Maria encontra a palavra. “Não sabia que existissem de verdade. Achei que fosse só coisa de livros franceses.”

“Hum, quando convém...”, diz o capitão. “Creio que Hanna possa seduzir qualquer coisa que ande sobre duas pernas. Não sei nem faço fofocas da vida pessoal de meus oficiais...”, o capitão Whiffle ergue os ombros. “mas cá *entre*

*nous*, quando se vestia de homem na marinha, seduziu metade das damas no porto em Lisboa, diz ela que só para manter o disfarce. Mas agora fígou um noivo, já fala em se aposentar dessa vida de soldado. Mas, enfim, ela mantém os rapazes na linha. Com um navio cheio de fanchonos, precisávamos de alguém com pulso firme.”

“E, afinal de contas, ela tem mais peito que todos nós”, completa Simper.



É já meia-noite quando a tripulação enfim se reúne inteira no convés do *Joy Stick*. Se as previsões do soldado Bell estiverem corretas, o fim do mundo começa a qualquer instante. Mas exceto por uma chuva fina e inofensiva, o mundo parece se manter. No castelo de popa, o capitão Whiffle observa seus homens e pergunta ao sr. Simper quantas almas estão a bordo. Simper faz alguns cálculos mentais e conclui, surpreso: “Ora, capitão, ou muito me engano, ou temos exatos trezentos.”

“O número perfeito”, sorri o capitão.

Whiffle pede a atenção de todos. Ergue o braço apontando o oeste e explica que, a poucas léguas dali, traidores e conspiradores acabam de roubar um dos navios que a marinha de Sua Majestade tomou dos franceses. Quis o destino que somente eles estivessem em seu caminho, a impedir que fujam para alto-mar. Contudo, há mais: não se trata de um navio qualquer, mas de uma máquina de ódio. Aqueles que a tripulam são conspiradores, mercadores de ódio e sectários, responsáveis por publicar aquele terrível panfleto que tanto sofrimento e dor lhes causara. Em nome da humilhação sofrida, em nome daqueles que ainda estão por sofrê-la, é seu o dever impedi-los de partir. Sua missão, contudo, não está autorizada pela Companhia das Índias Ocidentais. Sequer há tempo de buscar tal autorização. É, portanto, no espírito mais

plenamente grego, anuncia o capitão, que ele busca o consentimento de seus homens.

Os marinheiros olham uns aos outros e erguem os braços: a decisão é unânime.

“Snell!”, chama o capitão. “Dê o toque.”

“Tambores, suas putas velhas!”, grita Hanna Snell. “Içar âncoras. Meia vela!”

Amarras são soltas. Cordames são erguidos. Canhões são preparados. É no ritmo marcial dos tambores que os homens cantam, o ar tomado de uma energia transformadora. O *Joy Stick* começa a se mover – modesto em suas proporções, imponente em sua determinação, majestático em seus propósitos, tal qual um Argo recomposto, navegando noite adentro.

Em sentido contrário, uma dezena de mensageiros corre pelas ruas ou em coches, acordando secretários de Estado e embaixadores. Um, em especial, faz um rumo diferente: é Flechette, que corre a cavalo para o norte, rumo à Hampstead, indo bater à porta de Pendersley Park. Abrem-lhe portas, sobe as escadas apressado, levando a mensagem até as mãos trêmulas e feridas de lorde Strutwell. O velho conde lê a carta em silêncio, e sorri. Seus olhos brilham úmidos sob a luz das velas. Ele a entrega para que sua velha amiga também leia, mas não sem antes ele próprio beijar o papel, dizendo: abençoados sejam os jovens, pois é deles a herança de nossas dores e o fardo das nossas esperanças.



O *Joy Stick* desliza silencioso pelas águas do Tâmis. Quando veem as luzes das lanternas do *Game-Cock*, o capitão Whiffle assume ele próprio o leme, e manda que se apaguem todas as suas lamparinas. Passam incógnitos ao lado de seu futuro alvo. Gonçalo se aproxima da amurada e observa aquele colosso de navio que navega à noite como uma aparição de pesadelo, carregando Érico ali

dentro em algum lugar, sofrendo sabe-se lá que sorte de torturas e sevícias nas mãos daqueles loucos. Érico, o seu Érico, murmura-lhe o nome de modo supersticioso, como se nomeá-lo tivesse o poder de conjurá-lo, de trazê-lo de volta para si. Érico, que aos seus olhos está sempre tentando esconder sua natureza sensível e delicada com máscara sobre máscara: o soldado, o esnobe, o irônico; mas que, quando estão a sós, deixa entrever aquele desejo intenso e altruísta de compartilhar, de dividir cada instante de beleza e alegria como se somente assim pudesse se certificar de sua existência. Érico, que fora a primeira pessoa que Gonçalo conheceu a ver algo de valor em si, que, às vezes, podia ser orgulhoso e arrogante e certamente era um esnobe, mas que ensinara Gonçalo a ser menos passivo na vida, a erguer o rosto e não deixar mais que as circunstâncias ditassem o rumo de sua vida. Érico, que pensa conhecer a dor e o sofrimento de sentir-se sozinho; mas nunca conheceu a dor física e emocional de se ver de fato sozinho e abandonado por todos, e a ideia de que talvez esteja se sentindo assim agora faz Gonçalo se contorcer de ansiedade e raiva por sua impotência. Que coisa extraordinária é ter alguém que o torne incapaz de conceber a si mesmo sem a presença do outro. Por um instante, pensa em se atirar ao Tâmis, nadar e embarcar oculto naquele navio. Não pode perdê-lo. Estão o ultrapassando, agora. Mas o que poderia fazer? Lutar sozinho contra quinhentos?

“Então, este é o navio dos jacobitas?”, pergunta Hanna Snell, chegando ao seu lado na amurada. “Lutei contra os bastardos em Culloden. Nossa, já faz uns quinze anos! Bons tempos.”

Gonçalo nada diz. O *Game-Cock* vai ficando para trás mais e mais.

“O teu namorado está naquele navio, não é”, diz Snell. “Não desanime. O capitão pode parecer delicado feito um beija-flor, mas beija-flores são rápidos. E agilidade sempre vence força bruta. Sabe o que ele irá fazer? Irá manobrar o

navio para pegá-los pela popa. ‘Tiro de enfiada’, é como chamamos na marinha. Nome bem apropriado, por sinal.”

Ao final da madrugada se encontram já na boca do estuário do Tâmis, o navio é virado de volta na direção do rio, as velas recolhidas e a âncora baixada. O sol logo irá se levantar, e a qualquer momento o oponente pode surgir saindo do rio. Gonçalo pede à Maria que desça para o refúgio de senhoras do navio quando começar o ataque, pois abaixo da linha d’água ficará a salvo de canhonadas. Porém, há algo acontecendo entre os marinheiros que lhes toma a atenção. Pois que os homens viram o tamanho do *Game-Cock* e corre entre eles o burburinho temeroso de que atacar um 74 francês com um navio menor é loucura, senão suicídio. Por que se sacrificarão fazendo um trabalho para o mesmo governo que os persegue e os humilha a cada mínima oportunidade? Por que correr o risco? O capitão Whiffle está ansioso. Seus discursos patrióticos de nada adiantarão aos ouvidos de uma tripulação mista, composta de uma grande porção de ingleses, mas também de escoceses, irlandeses, negros libertos de diversas nações, holandeses, avilaneses, dois ou três westfalianos e um bom punhado de franceses huguenotes, que sabem bem que não é o rei Jorge quem lhes paga os salários. Whiffle chama Snell, Simper e os outros oficiais para confabular uma solução, antes que o inimigo desponte e a oportunidade se perca. Fribble, agora que estão ali, e vendo o *Joy Stick* como único e último recurso a impedir que o *Game-Cock* ganhe o mar, defende o ataque.

Gonçalo toma Maria pela mão.

– Eu não falo inglês bem o bastante, preciso de um intérprete – explica ele.  
– E o que vou dizer, preciso que seja com o coração. Não posso fazer isso em outra língua que não a minha.

Pedem permissão à Whiffle para se dirigir à tripulação. Colocando-se à vista de todos no castelo de popa, frente ao leme, Gonçalo ergue os braços pedindo

atenção. Os homens se voltam todos para ele. E então ocorre algo excepcional: seja pela candura de seus modos que de súbito se transforma, recebendo uma aura de confiança, ou seja pela inesperada eloquência que demonstra, ficam todos mesmerizados. Não é raro que um coração condense dentro de si, seja por acaso, destino ou oportunidade, a soma das dores e dos desejos de tantas outras almas. Pois, assim como a calma que precede a ação, o metal frio no cano de uma pistola esconde em si o calor mortal da bala, e também a seda com que o aristocrata se enforca oculta em sua suavidade a força que lhe quebra o pescoço. Foram meses transformadores. O que ocorre não é mais que o resultado de tudo: um desabrochar do qual Érico se orgulharia caso estivesse ali para ver, uma energia que não é mais possível conter. Os homens, amontoados no convés, pendurados nas enxárcias, do alto do cesto da gávea, fazem por ele um silêncio tão solene quanto o recebido por um sacerdote em seu púlpito. Gonçalo respira fundo e fala:

– Escutem-me! É preciso que saibam contra o que estamos para lutar. Sobre esse que tem sido o nosso único e verdadeiro inimigo, um inimigo que nunca escolhemos, mas que nos escolheu. Um inimigo que nos odeia e que não vai medir esforços para nos perseguir, humilhar e agredir até o fim; um inimigo que nos crê inferiores, indignos de nossa própria humanidade, mas que é ele próprio, na sua infinita prepotência, desprovido da compaixão que define a própria humanidade. Escutem-me! Ele é poderoso, sim; ele é traiçoeiro, sim, mas não acreditem na máscara que ele usa, quando finge nos conceder aquilo que nos é de direito, quando na verdade apenas trama ainda mais contra nós! Vocês sabem de quem eu falo. Vocês o conheceram cada um a seu modo, pois eu sei que cada um dentre vós aqui já o viu e já o enfrentou, eu sei que cada um a bordo deste mesmo navio cresceu sob seu jugo, enquanto ele nos convencia de que estávamos sozinhos no mundo, envergonhados de nós mesmos, escondendo de nós a Verdade para que nos julgássemos detestados e

isolados. Ele corrói a alma de seus adoradores e se alimenta de ideias sem nenhum lastro com a realidade, ele é o próprio Ódio. Um Ódio que nos humilha, oprime e esmaga, que invoca sobre nós os crimes de Sodoma, sem nem saber quais crimes foram. Pois eu vos digo: os crimes de Sodoma foram o Ódio e a Indiferença e a Crueldade, as três harpias com que atormentam tudo o que é diferente de si próprios. E eles têm a pachorra de chamar a nós de sodomitas? De invocar contra nós a palavra do Senhor? Pois eu conheço a palavra Dele, e ela é feita de amor, não de ódio. Quanto tempo mais irão tolerar que ela seja deturpada assim? Pois eu vos digo: *nem um dia a mais!*

Ai meu Deus, pensa Fribble: ele está usando a carta da religião. Isso pode sair do controle muito rápido. Gonçalo ergue o braço e aponta para a saída do rio.

– É natural que agora, frente à iminência de enfrentá-lo, tenha dentre vós quem nutra pensamentos pacíficos, mas lhes garanto: são ideias vãs. A verdade, meus irmãos e irmãs, é que aquele que tolera o intolerante, que aceita o ódio como natural, que dialoga com a ideia de seu próprio extermínio, está sendo complacente com a própria extinção. Por quanto tempo mais permitireis isso? Pois eu vos digo: *nem um dia a mais!*

A aurora começa a despontar a leste num céu claro sem nuvens. Gonçalo, do alto do castelo de popa, surge aos olhos da tripulação banhado por uma luminosidade entre o amarelo e o brilho do estanho; uma luz que somente um pintor de talento poderia recriar. Os homens o escutam em silêncio, confrontados com algo cujo escopo pressentem, mas não compreendem, e portanto aguardam. Fribble olha de Gonçalo para a tripulação impressionado: é o tipo de liderança espontânea que não pode ser planejada, mas que surge naturalmente quando se faz necessária.

– Devemos isso a nós mesmos – continua Gonçalo. – Cada um dentre vós deve isso a si próprio. Devem a todos que sofreram antes de nós, aos que

sofrem hoje por nossa negligência, aos que ainda estão por vir. Quando as próximas gerações vierem e lhes perguntar: o que fizestes vós pelos que vos são iguais, o que responderão? Que se esconderam porque estavam com medo? Que sobreviveram, mas que nunca viveram? Que abdicaram de seus sentimentos e da sua própria natureza, daquilo que os torna humanos, por medo de outros? Quem renuncia a sua natureza, renuncia à sua própria humanidade! Não sois animais, sois homens e mulheres! Se dizem que sois fracos e não devem lutar, ignore-os! Se são fracos agora, quando serão fortes? No dia seguinte, no ano seguinte, na outra vida? Será ficando sentados e indefesos até nos conduzirem à força? Não! O Senhor da Natureza colocou um poder em suas mãos, o próprio poder que nos move, o Amor que nos liga e nos fortalece, e que faz com que cada homem e mulher aqui valha o dobro destes mercadores de ódios, destes vermes parasitários que navegam em oceanos de desprezo crendo que isso os torna mais fortes. Trezentos somos hoje, e não será preciso nem um a mais! Por isso vos pergunto: quanto tempo mais pretendeis esperar?

“Nem um dia a mais!”, grita a tripulação em coro, maravilhados com aquele garoto que lhes surgiu como um *deus ex-machina* de fúria e beleza – sim, um deus: belo, furioso e vingativo. Estão apaixonados por ele, devotados a ele.

– Lembrem-se de que nenhum dentre vós jamais estará sozinho. Aquele que ama nunca estará sozinho. Pois há um Deus justo e bom que preside sobre o destino das nações e dos homens, um Deus que é feito de amor, que nos erguerá amigos e lutará ao nosso lado. Esta é uma batalha que já começou desde antes de nós nascermos, que continuará muito depois da nossa morte, e à qual estamos conscritos desde sempre. Ela é inevitável, mas eu vos digo: que venha! QUE VENHA! Lutaremos com nossos corações e almas, com nossos corpos e nossos espíritos, e iremos prevalecer! Juntem em suas mãos toda a dor e o sofrimento que lhes foram impostos, agarrem-nos pelo pescoço e enfiem

em suas gargantas até que sufoquem! Eu garanto: eles serão derrotados! Eles serão desmascarados como os monstros que são, e serão esmagados e serão destruídos até que sua existência e seus nomes se tornem apenas uma lembrança ruim de um passado remoto e primitivo. Quanto tempo mais?

“Nem um dia a mais!”, grita a tripulação com punhos ao ar, e um estremecimento percorre a espinha de Fribble. Pois tem uma súbita e assombrosa revelação: a de que heróis não são mais que fanáticos vitoriosos. O universo de incertezas e indagações filosóficas ao qual se acostumou, quando comparado à tal força conjurada, é fugaz como um merengue, inconsciente e até inconsequente do que é capaz de provocar, mas nunca de controlar, destinado que está a ser esmagado pelas certezas dos que não cedem em suas convicções. E que resultado traz sempre o choque do irrefreável contra aquele que não pode ser demovido? Mesmo Gonçalo não deve ter a noção da estatura – grandiloquente, perigosa e assustadora – que adquire ali, naquele convés. Será que Érico sabia? É claro que sabia, certamente era isso que o atraía em Gonçalo desde o começo: o potencial, a convicção sólida, a determinação de rocha a suprimir todas as incertezas do mundo.

“Capitão”, chama Snell, erguendo a luneta. “O inimigo.”

“Levantar âncora!”, grita Whiffle, e o navio se agita com as energias renovadas.

Fribble capta por um instante o olhar de Gonçalo, rígido e solene. Sim, uma rocha. Que, tal qual sua natureza de rocha, fará agora o que está destinada a fazer: rolar, esmagando tudo em seu caminho, até que algo a impeça de continuar.

*JOY STICK VS. GAME-COCK*

velho Roger Phequewell tanto atormentara o imediato, que este por fim cedeu ao seu capricho de conduzir o timão do *Game-Cock* naquela primeira manhã. Com o conde lá embaixo se divertindo com o seu prisioneiro, Roger pode ao menos por um instante fingir que aquele navio é seu, olhar para trás, para a Inglaterra e dizer-lhe: adeus, terra ingrata! O sol se levanta, dissipando a névoa noturna e revelando o estuário do Tâmis com seu habitual trânsito de naus indo e vindo em suas rotas, conectadas ao coração do mundo. Sim, conclui, se a Inglaterra é o coração do mundo, então a Itália é o pulmão, e é para ares mais frescos que pretende se retirar, n'alguma vila perdida onde possa tomar uma garota estúpida e servil como amante, e se dedicar a não fazer nada.

Um navio se aproxima. Pede ao imediato sua luneta: vê o capitão com uma casaca vulgar, a tripulação usando os trapos simples de marinha mercante, e conclui que é só um navio de carga ou baleeiro em retorno, que irá passar muito perto. Não vê, pois lhe está oculto, que debaixo daquelas lonas há canhões de convés, carregados de metralhas e prontos para o disparo; que os homens usam braçadeiras coloridas nos braços esquerdos que é para melhor se identificarem em caso de abordagem; que por debaixo das roupas comuns todos trazem pistolas com pederneiras novas em todas as travas, e rifles ocultos em baldes cobertos. Tampouco tem como saber que, no deque inferior, os

canhoneiros são orientados a mirarem nos mastros do inimigo; ou que os homens nas gáveas portam mosquetes ocultos.

“Se levar um tiro, não se desespere”, Snell sussurra para Gonçalo, no convés do *Joy Stick*. “Já levei um em Pondicherry, na virilha. Na hora não dói tanto assim. O que dói é extrair a bala, ainda mais que na época tive que fazer sozinha. Para não descobrirem meu disfarce. A gente sobrevive.”

Gonçalo assente. Aperta com mais força o cabo do machado que tomara como arma. As duas naus agora se aproximam uma da outra o suficiente para que o capitão Whiffle, ao ver o brilho da luneta nas mãos de Pheuquewell, erga o chapéu em deboche disfarçado de cortesia: é o sinal. As portinholas são abertas, os canhões empurrados para fora, os homens sacam as armas. No *Game-Cock*, a surpresa cria um instante de hesitação fatal, até que o imediato pula sobre Roger Pheuquewell gritando: “Abaixem-se!”

Os canhões vomitam chamas, o impacto os faz recuar para dentro. Balas voam arrebrandando madeira, rompendo escotas, cortando velas e carnes. Algumas perfuram o castelo de proa, outras atingem as bases do mastro do traquete. O ar é cortado pelo uivo de harpia das balas de corrente e balas de barra, que agitam o ar num movimento quase sobrenatural e arrebrandam tudo em seu caminho. Ao comando de Snell, os canhões de convés, cheios de metralha, varrem a tripulação inimiga, e os homens armados de mosquetes na mastração e na gávea completam o serviço, estraçalhando os marinheiros do *Game-Cock* que se encontram à vista.

A parede dos aposentos do capitão explode em lascas de madeira e cacos do vidro. Érico se joga para trás na cadeira, que vira com tanta força que se arrebranda ao tombar. Bate a cabeça. Outro estrondo. Vê uma bala de canhão do tamanho da cabeça d’um homem atravessar o camarote arrebrandando as pesadas prateleiras, espalhando papel no ar. Enquanto se livra do encosto quebrado e das cordas, o conde de Bolsonaro, atordado, tenta entender o que ocorre. Encontra o ferrete em brasa e o brande tal clava, grita enlouquecido ao atacar Érico, mas o navio inteiro estremece e vira brusco para estibordo.

Mas debaixo do convés, na coberta de canhões superior, o inimigo já começa a se recuperar do susto, seus canhões também disparam. As duas naus se deixam envolver por uma espessa nuvem de fumaça de pólvora, erguendo-se aos céus feito um pilar teofânico, onde apenas os clarões das chamas são visíveis. Os homens do *Joy Stick* atiram-se ao chão quando seu navio recebe a carga inimiga. Voam farpas de madeira, cabos se arrebatam chicoteando o convés. Um marujo é feito aos pedaços por uma bala de canhão.

Contudo, Phequewell assume o timão do *Game-Cock* e, em sua inexperiência, faz uma manobra desastrada que o vira a estibordo, afastando seus canhões do alvo. A vela de traquete oscila e por fim cai ao mar, puxando o navio ainda mais para o lado; o mastro de vante, já fragilizado, com o peso arrebatado e despenca, majestático como um titã que tomba. Por um instante parece que o *Game-Cock* irá virar, mas uma vez liberto do contrapeso do mastro caído, o navio inteiro se reequilibra e se realinha, chacoalha para bombordo e, para seu desespero, deixa a popa exposta ao inimigo.

O *Joy Stick* se afasta, deixando o *Game-Cock* para trás como uma ave de asa ferida, incapaz de voar, mas ainda perigosa. Uma lufada do vento dissipa a fumaça. O capitão Whiffle vê o estado de seu oponente. “Todo leme à bombordo!”, grita, girando o leme enlouquecido.

O conde perde o equilíbrio e cai, batendo a cabeça. Érico, ainda preso ao espaldar quebrado, escorrega até a parede. As prateleiras a bombordo soltam-se dos pregos das paredes, tombam com estrondo e escorregam na sua direção. Érico se livra das cordas e sai do seu caminho, antes de ser atingido por uma avalanche de livros. Encontra o ferrete em brasa e o toma, será ele a golpear o conde – porém, outro estrondo, e o navio se inclina ainda mais, antes de voltar para o outro lado com violência.

Agora são as prateleiras de estibordo que se soltam e tombam, o conde sai do caminho dos pesados móveis que fazem rachar a madeira do piso, já maltratada por duas balas de canhão que lhe arrebataram as estruturas. O chão cede. Os dois despencam, com livros e tudo, sobre a praça d’armas da coberta inferior, caindo sobre a mesa de jantar. Érico passa a mão no rosto e limpa o sangue nos olhos. Se põe de pé e olha ao redor: tudo é um zigue-zague confuso de madeira arrebatada. Sente uma dor nas costelas e arranca dali um prego. Vê que Bolsonaro se move, portanto vive.

Pelo buraco onde antes haviam as janelas de popa, vê que *Joy Stick* está virando e voltando para mais uma carga. Não é marinheiro, mas de uma coisa sabe: uma salva de enfiada pela ré rasgará o *Game-Cock* pelas entranhas. Encontra entre os destroços aquele gibão negro que usara como fantasia e o veste,

“Içar vela grande!”, comanda Snell. “Desfraldar as gáveas!” “Para os canhões de estibordo, rapazes!”, grita o dr. Simper. O *Joy Stick* se volta para sua presa até que a popa do *Game-Cock* entre na mira. Roger Phequewell não entende por que os lábios do imediato tremem. Pois no tiro de enfiada as balas, ao invés de atingirem o costado do alvo, penetram-lhe ao comprido. Mas se na proa a curvatura do casco ainda ameniza o impacto, na popa uma salva de enfiada é mortal. Whiffle estabiliza o leme, aguarda o instante correto e grita: “Fogo!”

avançando rápido pela porta arreventada, atravessando o corredor que dá acesso aos camarotes de terceira classe e indo sair na coberta de canhões superior. O chão está lavado em sangue e água do mar, há corpos por todo canto e os sobreviventes fazem seu trabalho de recarregar os canhões e jogar os mortos pelas portinholas, para liberar espaço. Ninguém lhe dá atenção, é só mais um marinheiro atordoado. Tem pouco tempo. Ninguém lhe pergunta por que se deita no chão e se encolhe abraçando os joelhos atrás do eixo do cabrestante.

O convés do *Joy Stick* estremece e cospe o inferno contra o castelo de popa do *Game-Cock*, suas balas arreventam-lhe o leme, atravessam a praça de armas e espalham-se pela coberta de canhões superior e inferior; as que cruzam por sobre o castelo de popa fazem rachar o mastro de mezena, atravessam todas as velas de uma vez só, até deixá-las em farrapos, esburacadas como queijos. Enquanto esperam se dissipar a nuvem de pó de pólvora, que já se espalha por duas milhas ao seu redor, são tomados por um silêncio onde apenas se escuta o marulho.

Gonçalo observa em silêncio, rígido feito estátua, apenas o lábio a tremer de raiva e ansiedade. Érico bem pode estar morto com isso. Fribble está ao seu lado, e, ciente dos pensamentos que devem ocorrer ao rapaz, tenta tranquilizá-lo: “Você sabe, as celas dos prisioneiros ficam abaixo da linha d’água. Ele está bem protegido. Creio. Espero.” Gonçalo o encara com um espasmo de raiva incontrollável no rosto. Olha para os homens ao seu redor no tombadilho. Parecem aguardar que diga algo, agora que assumiu entre a tripulação uma aura que lhe confere a liderança emocional daquela gente. Fribble insiste:

“Encontraremos Érico, não se preocupe. Retomaremos o navio, o levaremos de volta para Londres, tudo acabará bem.”

“Não”, murmura Gonçalo, “não haverá navio. Não haverá prisioneiros.”

“Querido, estamos falando de quase quinhentas pessoas que...” Mas Fribble se cala com o olhar frio de Gonçalo, o olhar de resignação com o inevitável, de quem já colocou o futuro como concretizado, de modo que nada mais resta do que executá-lo com indiferença.

Eis que, do leme, grita o capitão Whiffle: “Preparar para abordagem!”

Snell sopra um apito, três tons distintos. Buscam-se as armas nos baldes, todos correm para suas posições. “Agora escutem aqui, moçoilas”, grita Snell, circulando entre os marinheiros os passando em revista, “Seja homem ou mulher, judeu, mouro ou cristão; preto, pardo ou branco; mocinha ou machão; eu não vejo diferenças, vocês são todos o mesmo baldezinho de merda para mim e espero de cada um que faça seu trabalho, e o faça direito, assim como eu farei o meu! Rasguem os desgraçados, cortem os desgraçados, esmaguem os desgraçados, sangrem os desgraçados! Façam com que sofram! Façam o pior que puderem, e façam direito! Estão me ouvindo?”

“Sim, senhora!”, grita em coro a tripulação.

“Sem prisioneiros!”, grita Gonçalo.

“Sem prisioneiros!”, Snell faz-lhe eco.

“Sem prisioneiros!”, repete a tripulação em coro.

Oh, céus, pensa Fribble: o mundo enlouqueceu.

O *Joy Stick* emparelha com sua presa, ganchos e pranchas são jogados enquanto as naus socam uma à outra no contato de seus cascos, como um par de pugilistas já cansados da batalha. Gonçalo sobe no talabardão, segurando-se no cabo da enxárcia brandindo o machado – quer estar entre os primeiros a saltar para o *Game-Cock*, teme que confundam Érico com o adversário. Enquanto isso, Snell e Simper lideram um grupo na abertura do portaló

pronto para saltar para o convés inimigo, apenas aguardando a ordem. Snell grita: “Atacar!”

*[A cortina se levanta, entra no palco o CORO: homens e mulheres, vestindo sambenitos com cruces vermelho-sangue costuradas, adornadas de chamas. Aqueles em que as chamas apontam para baixo, possuem cordas nos pescoços. Os que apontam para cima, trazem marcas de queimaduras pelo corpo. Seus rostos estão cobertos por máscaras, nem alegres nem tristes, mas furiosas. A orquestra toca a apoteose, a música é ensurdecedora. Canta o Coro: “DIES IRAE, DIES ILLA SOLVET SAECLUM IN FAVILLA, TESTE DAVID CUM SIBYLLA.”]*

Os marinheiros no mastaréu do *Joy Stick* cruzam o ar como harpias, agarrados às cordas do velame, saltando para as enxárcias do *Game-Cock* com facas nos dentes e pistolas nas mãos. Os que atravessam as pranchas de uma nau à outra cuidam ao pisar no convés escorregadio de sangue. Das gáveas inimigas vêm os primeiros disparos, de pronto o fogo é retribuído pelos atiradores nos mastros do *Joy Stick*. Não parece haver mais que trinta piratas ainda vivos no convés do *Game-Cock*, contudo mais e mais surgem das escotilhas feito ratos. Rápida qual raio, Hanna Snell saca e dispara suas quatro pistolas – o primeiro acerta num ombro, a bala esmagando a omoplata; o segundo alvo é atingido na perna e tomba; um terceiro recebe o tiro no estômago e se recurva; o quarto leva o tiro na frente, e cai morto de imediato. Gonçalo, enlouquecido, brande o machado, apara um golpe e puxa, arrancando a espada da mão do outro, gira a lâmina e a afunda no peito do pirata; usa de um chute para desprender o corpo moribundo do aço. Em golpes curtos e violentos, vai derrubando quem lhe surge no caminho. Um pobre coitado, marinheiro do *Joy Stick* que ia logo à sua frente, tem o crânio esmagado por um pirata loiro pálido, com um pé de cabra dos usados para mover os canhões. Gonçalo o vinga: gira o braço e faz a lâmina atingir o loiro

por baixo, entre as pernas – e o homem solta o mais horrível grito que já se escutou até então. O sangue flui aluvial. Trovões ribombam: são os canhoneiros de ambas as naus que, retomando o trabalho, rasgam os navios de um lado ao outro. Madeira, farpas, cordame, ondas: sendo mais baixo, o *Joy Stick* é quem sofre mais, e o *Game-Cock*, recobrando-se do susto inicial, parece recuperar seu fôlego. Vinte homens, liderados pelo capitão Whiffle, combatem no convés principal da nau inimiga: laceram, esfaqueiam, gritam. Um pedaço do convés do *Joy Stick* estoura com uma bala, homens voam com a explosão. Um grupo pequeno de piratas salta ao talabardão de boreste do *Joy Stick*, esperançosos de aproveitar o caos para invadir seu agressor: encontram ali a furiosa resistência do bom doutor Simper. Já quanto a Fribble... Fribble dança. Sua lâmina gira e corta e perfura e rasga e, antes mesmo que saibam o que lhes ocorre, a morte chega-lhes num borrão colorido e ágil, cada golpe pontuado pelo bater do tacão de seus saltos contra o convés de madeira – é um bailarino que executa a mais mortal das coreografias. Sua delicadeza, sua finesse, sua deliciosa afetação: nunca antes se viu tão elegante massacre!

[*Canta o Coro*: “QUANTUM TREMOR EST FUTURUS, QUANDO JUDEX EST VENTURUS, CUNCTA STRICTE DISCUSSURUS.”]

Roger Pheuquewell, tendo sobrevivido às canhonadas iniciais apenas pela insistência teimosa em se manter vivo, ergue-se no castelo de popa e contempla o caos que se instala no seu navio. “Sodomitas!”, berra ele, num tom agudo de constatação desesperada. “Sodomitas! Sodomitas! Sodomitas por todo lado! Tirem os malditos sodomitas do meu navio!” Todos o ignoram. Abaixo, Gonçalo abre seu caminho rumo aos aposentos do capitão, logo abaixo do castelo de popa: como um batedor penetrando em meio à mata fechada, golpeando a esmo com sua lâmina, despedaçando membros em meio às gentes. Num chute potente, coice equino, arrebeta as portas da câmara de jantar e pasma: não há nada ali. O chão desabou. Olha para baixo, vendo a sala inteira

afundada no nível inferior, num amontoado de retalhos de madeira. Ocorre-lhe, horrorizado, que Érico pode estar embaixo daquilo. Não vê que atrás de si se ergue uma espada traiçoeira, pronta a lhe rachar o crânio. Não nota o histérico Roger Pheuquewell, em sua fúria de perdigotos, exceto quando já é tarde demais para reagir, e o velho grita: “Morre, sodomita do diabo!”

Mas o golpe não vem: o velho faz uma careta surpresa e olha para baixo, para o próprio peito de onde uma fina e afiada lâmina se projeta, logo abaixo da caixa torácica, e em seguida some, como se voltasse para dentro de si. O sangue eflui aos pulmões e na garganta; de joelhos cai primeiro, e de rosto ao chão, em seguida. Atrás, Fribble ergue o sabre e elegantemente limpa o sangue da lâmina a passando nas botas. Sorri com um beicinho confiante: “Detesto homem que dá chilique.” Gonçalo lhe agradece com um aceno do rosto, e os dois contemplam o vazio dos aposentos afundados do capitão. Antes que Fribble o impeça, Gonçalo salta, caindo nas entranhas daquele titã agonizante.

[*Sai o CORO.*]

Sai da praça d’armas para o corredor dos camarotes de terceira classe, e daí para a coberta de canhões superiores. Há corpos por todo lado, sangue indo e vindo no chão de madeira conforme o balanço do navio. A parede estoura poucos passos à sua frente, arreventada por uma bala de canhão do *Joy Stick*. “Não atirem!”, grita Gonçalo. Não há quase nenhum marinheiro vivo ali, a maior parte subiu para o convés ou correu para a proa, abandonando os canhões que caíram de seus eixos e agora jazem inutilizados. Do convés, ecoa o tilintar constante de aço contra aço, e os gritos de guerra e dor.

O cabrestante da vela principal está rachado, com uma bala de canhão alojada em seu centro. Sente que o navio já está com uma inclinação acentuada, não há muito tempo. Onde ficam as celas de prisioneiros num navio desse tamanho? Numa imprudência, grita alto o nome de Érico. Uma

cabeça pálida e apavorada surge detrás do cabrestante rachado, metade dela coberta em sangue seco, o olhar incrédulo.

– Gon? – Há um instante feliz de reconhecimento, seguido por um desespero profundo: – O que você está fazendo aqui? Não devia...

Érico é tomado por pânico: a única coisa que o fizera suportar aquela madrugada de dor fora a certeza do bem-estar de Gonçalo, uma certeza que agora se esvai por sua própria presença naquele navio. Não devia estar ali. Ali só há morte e desespero: em poucos minutos, viu aquele convés ser rasgado por balas que arrebentaram homens e amassaram canhões, num carnaval de sangue e horrores que não via desde a Batalha de Caiboaté.

– Érico? Você está bem?

Mas a única resposta de Érico é gritar: – Atrás!

Gonçalo se vira a tempo de ver o conde de Bolsonaro, munido de um punhal de abrir cartas que encontrara no chão, rasgar-lhe a carne na altura das costelas direitas. O conde recebe em retorno um cotovelaço atordoante, que o derruba de costas contra um canhão tombado. Gonçalo deixa cair seu machado, só depois se dando conta da dor latejante do corte. Pega o punhal do chão e o arremessa por uma portinhola, enquanto Bolsonaro se ergue.

– Então é você o catamita dele? – esbraveja o conde, erguendo os punhos ao modo de um pugilista. Tenta acertar-lhe um soco, mas Gonçalo desvia com facilidade. – Seu sodomita de merda... vamos, diga, você suspira feito uma putinha quando ele te mete no rabo, hein? Hein?

Bolsonaro tenta outro soco, mas Gonçalo agarra-lhe o braço e o torce, de modo que puxa o conde num movimento pendular e o joga de rosto contra uma viga de madeira.

– Sim, e ninguém faz isso melhor – retruca Gonçalo, levantando o conde pelo colarinho. Acerta-lhe um soco de punho fechado no rosto. – Chego a ficar triste pelos outros.

Érico avança para ajudar, mas alguém o segura pela gola do gibão. É outra vez Kroptopp – essa desgraça não morre nunca? Sem o nariz de metal que lhe cobria a face, tem no lugar agora apenas o buraco deixado pelo cirurgião, o que dá ao ex-mordomo russo aparência ainda mais tétrica. Kroptopp, contudo, não se detém em Érico, pois ao ver a bela sova que seu patrão está levando, atira Érico longe como se fosse um boneco de trapos, e corre em auxílio de seu amo. Do chão toma o mesmo machado que Gonçalo deixara cair, e contra este desfere um golpe. Gonçalo larga o conde e recua a tempo de evitar ser atingido, mas escorrega numa poça de sangue e cai de costas no chão. Kroptopp golpeia. Por instinto, Gonçalo se vira de lado, e a lâmina racha o piso de madeira onde antes estava sua cabeça. Kroptopp puxa o machado com força e dá outra machadada; Gonçalo rola para a direita a tempo de se esquivar novamente. Desta vez, a lâmina se prende de vez ao piso. Kroptopp chuta sua coxa para afastá-lo, desprende o machado do chão e o brande mais uma vez.

– Gon, sai da frente! – grita Érico.

Para Gonçalo, basta olhar por cima do ombro de Kroptopp para ver o que Érico prepara e se atirar longe, saindo do caminho. Mas o mordomo se vira a tempo somente de ver que um canhão está apontado para si. Érico, entre dentes, detrás do pavio aceso: “Sorri agora, filho da puta.”

Explosão. O coice joga o canhão para trás com força, derrubando Érico. A bala atinge Kroptopp em cheio no estômago, seu corpo é arrebatado como uma marionete cujo titereiro, cansado do espetáculo, o puxa do palco de supetão. Gonçalo vê apenas o estouro carmim e o borrifo de sangue e pedaços de carne contra seu rosto. Fecha os olhos, limpa a face. Em meio a destroços de madeira e canhões tombados, encontra apenas a metade superior de Kroptopp que, tal qual um boneco partido ao meio, vísceras espalhando-se em massa indistinta, tenta erguer as mãos em garra, tremelicando em espasmos, enquanto lança-lhe um último olhar indignado e, finalmente, expira.

– Que sujeito teimoso – diz Érico, esticando o pescoço para observar-lhe os restos.

– Érico, eu...

– Sim, eu sei. – Érico limpa o sangue de seus lábios e o beija. – Onde está o conde?

Os dois olham à volta e veem Bolsonaro de pé, próximo à escotilha que leva ao tombadilho. Parece hesitar em subir, frente ao som constante do tilintar de aço e gritos que vêm de cima. Um tremor chacoalha todo o *Game-Cock*, o conde escorrega e cai pela escotilha que conduz à cobertura inferior. Érico faz menção de ir atrás dele, mas Gonçalo o impede.

– Se ele não morrer afogado, será preso na costa – insiste Gonçalo.

– Não é um risco que eu vou correr.

Gonçalo suspira. Eis que sua força irrefreável se confronta com uma que não pode ser demovida, o que conduz ao inevitável: um beijo. No meio do qual Érico toma de sua cinta a pistola que Gonçalo trazia carregada.

– Volte para o *Joy Stick* – pede Érico. – Não espere por mim. Por favor, Gon.

E antes que Gonçalo proteste, Érico o afasta com um empurrão e salta pela escotilha atrás do conde, descendo ainda mais dentro do navio. Gonçalo pensa em ir atrás dele, mas sabe que de nada adiantará – nunca conseguirá conter o impulso de Érico, o modo contundente e certo com que descarta tudo ao seu redor para conseguir o que quer ou precisa. Foi isso que o fez amá-lo desde o começo. Não há o que fazer, exceto esperar por ele. Gonçalo sobe ao tombadilho, onde a situação parece ter se modificado de modo dramático: os homens do *Joy Stick* recuam às pressas de volta ao seu navio, e os do *Game-Cock* baixam escaleres. Na proa, o forno da cozinha, atingido, espalhou suas brasas, que viraram chamas. “Vamos”, grita o capitão Whiffle, “quero meu navio longe daqui o quanto antes!” O fogo é o pesadelo de qualquer navio, e

quando as chamas atingirem as velas, irão se espalhar rápido e consumirão tudo no seu entorno.

Fribble e Snell o chamam, de pé, no talabardão do *Joy Stick*. Mas Gonçalo se recusa. As chamas crescem na proa e logo tomarão conta do navio. Vê os marinheiros usando os remos para empurrar o *Game-Cock* para longe, vê os piratas atirando-se ao mar e subindo nos escaleres. Mas não irá a lugar algum sem Érico, pois lugar algum lhe interessa sem Érico.



Seu corpo lateja numa pequena sinfonia de dores que, no calor da agitação, ao invés de tornarem-se impeditivo, pelo contrário, o enraivecem ainda mais. Logo à sua frente, vê o conde de Bolsonaro tomar do chão um sabre e caminhar, trôpego, para a ré, na direção do alojamento dos oficiais subalternos, abaixo da cana do leme. Érico vai atrás. Passa por uma passagem dividida pela base do mastro da mezena, por sobre destroços de camas e barris esvaçados, até chegar aos alojamentos em si, convertidos que foram na oficina tipográfica do navio. Por um milagre, a prensa em si permaneceu intacta a todas as canhonadas, embora as paredes ao seu redor estejam tão esburacadas que não raro o borribo das ondas passa por seus rombos esvaçados. A luz do dia preenche o compartimento com riscos entrecruzados, e folhas de papel úmidas se espalham pelo chão. O que busca o conde? Talvez uma abertura larga o bastante para que se atire ao mar, talvez seja um senso de destino que o atrai para olhar, pela última vez, para aquela máquina que fora o pilar insustentável de seu plano absurdo. Não: o que ele busca é uma cópia, a última ainda inteira, de seu *Os incitadores de terremotos*, que coloca dentro da casaca. Quando vê Érico entrar na câmara, contudo, corta o ar com um silvo do sabre, fazendo com que este recue.

– Agora, seu brasileiro de merda, fanchono do inferno – ruga o conde, com a espada em punho – eu posso estar ferido, mas o alerta: fui treinado na verdadeira destreza, estudei a esgrima da Escola Dardi de Bolonha, e conheço o estilo francês do florete!

– Que bom para você – diz Érico, e dispara.

À explosão da pólvora se segue um estampido seco como o desarrolhar de uma garrafa no ombro direito do conde. Uma rótula deslocada, com certeza. A mancha vermelha do sangue que se espalha pela camisa. Não é um disparo fatal, mas Bolsonaro deixa cair o sabre. Antes que o conde reaja, Érico avança e o acerta com um soco no estômago, outro no rosto, outro nas costelas. Um por Armando, outro por Strutwell, outro por seu reino, por sua colônia, por cada reino no mundo e mesmo assim o mundo não seria o bastante. O conde fica atordoado, tenta proteger o rosto com a mão débil, mas Érico o agarra pela gola da camisa e, com todas as forças concedidas pela raiva e pela dor, o ergue e o derruba sobre a prancha móvel da matriz tipográfica, fazendo com que ela deslize até que sua cabeça fique logo abaixo do prelo. “O que está fazendo?”, grita Bolsonaro, não porque não sabe, mas porque não quer acreditar. A perda de sangue o enfraquece, não consegue reunir forças para resistir, balbucia palavras desconexas, um pedido inútil por uma clemência que sabe que não lhe será concedida, pois tampouco ele próprio a concederia. Érico puxa a barra que movimenta a rosca, fazendo o pequeno prato de platina descer-lhe sobre a têmpera, contudo há a resistência forte do osso do crânio. Reinaldo Olavo de Gavíria y Acevedo, conde de Bolsonaro, grita. Apoiando o pé contra a prensa, Érico joga o peso de seu corpo para trás, o conde grita outra vez, mas a barra enfim cede – e com um craque úmido como o do esmagar de um ovo, a cabeça sucumbe ao prelo.

Silêncio.

Ao sair da sala de impressão, sente-se física e emocionalmente exausto. Há uma explosão violenta que o derruba. As chamas devem ter chegado ao depósito de pólvora. O navio inteiro parece se inclinar a bombordo, erguendo ainda mais a popa. O cheiro intenso de madeira queimada avança junto com dezenas de ratos que surgem sabe-se lá de onde. Érico sobe a escada para a cobertura superior, que já encontra deserta. O navio balança, quase o fazendo largar da escada. Quando por fim chega ao tombadilho, vê que as chamas já atingiram as velas, que oscilam ao vento como um lençol de fogo. Ao seu redor, o navio inteiro parece arder como o inferno, abandonado por todos exceto por um marinheiro que, indiferente ao caos, o aguarda de pé em meio aos corpos: Gonçalo, dourado e rubro, coberto de sangue e sujeira como um jovem leão que guarda os restos de sua caçada, e que, ao vê-lo, sorri furioso e aliviado, exceto por uma dúvida:

- E o conde?
- Ele nos deixou com uma boa impressão.



Meia hora depois, os dois estão no tombadilho do *Joy Stick*, encharcados até a alma, observando o que restara do *Game-Cock* se transformar numa grande fogueira. O embate atraiu a atenção de um brigue da marinha britânica que estava de passagem, e que agora se ocupava de capturar os escaleres dos sobreviventes – para frustração de Snell, ansiosa que estava para exercitar a mira de seus canhoneiros. A bordo do *Joy Stick* está o comandante Adam Duncan, que partia em direção ao cerco de Belle Île quando se viu detido por aquela pequena e inesperada batalha no meio do caminho. Cobra explicações sem muito entusiasmo, e recebe um relatório do capitão Whiffle. Fribble os observa e se abana com o chapéu, exausto de toda aquela agitação, tentando convencer alguém a lhe trazer uma bebida, enquanto produz mentalmente a série de

relatórios falsos que precisará redigir e as explicações que terá que inventar nos próximos dias, para que o governo explique como um de seus navios foi afundado tão próximo da capital. Ao final do dia, a verdade será escondida tão fundo numa pilha de burocracias que ninguém nunca saberá o que de fato ocorreu, haverá uma nota nos jornais e logo o caso todo será apenas mais um, numa longa série de eventos comuns à guerra, até que a história os perca em seus anais. Olha para a entrada do Tâmis, tira o relógio do bolso e vê a hora. Talvez consiga voltar a Londres a tempo de se trocar para o teatro. O que haverá de interessante em cartaz hoje?

## OS ACONTECIMENTOS E SUCESSOS DE HOMENS ELEGANTES

**A** vila de Broadstairs, no ponto mais sudeste da costa de Kent. Na estreita faixa de areia entre o mar calmo e a parede branca dos rochedos, ela olha para o sul, para onde crê estar Calais, tão próxima e ao mesmo tempo tão distante. Tudo o que quer no momento é afastar-se da Inglaterra o quanto antes. Não há ainda nenhum sinal do barco, e sabe que só desceu para dar conta da ansiedade. Volta-se para o paredão rochoso, subindo pelo túnel de trinta e nove degraus escavados na rocha, até os arredores do casarão que alugara dias antes, assim que soubera do completo fracasso do Consórcio Transnacional. Porém, sobre a tábua de madeira do último degrau, há um envelope fechado com lacre de cera. A sra. Bryant o pega do chão e olha em volta: ali em cima é um promontório gramado, o verde da vegetação avivado pela umidade contrastando com o branco das rochas. Há o casarão de um lado e um bosquete de árvores do outro, mas ninguém à vista. Tampouco o sinal do lacre lhe é reconhecível: uma esfera armilar. Rompe a cera e puxa a carta enquanto caminha rumo a casa, confusa pela falta de sentido: há uma única frase, escrita em inglês.

“Precisamos conversar.”

O estouro da pólvora a pega de surpresa e, antes que possa reagir, fugir ou atirar-se ao chão, a bala corta o ar e atravessa a saia de seu vestido, passando de raspão por sua coxa direita. Ela grita, deixa cair a carta e tomba ao chão. Entre

as árvores próximas à casa, vê surgir um jovem moreno, elegantemente vestido com uma sobrecasaca cinza de bordados em fio de prata, botões trespassados e um lenço negro no pescoço. Calça botas de montaria e não usa peruca, tendo em mãos um rifle inglês Brown Bess de cano longo, que escorva com habilidade militar enquanto caminha calmo em sua direção, socando a bala e a estopa com a vareta. A sra. Bryant, apavorada, arrasta-se pelo gramado na direção da escada.

“A não ser que consiga andar por cem jardas em menos de um minuto, querida”, diz Érico, “eu não tentaria isso se fosse você.”

“Como ousa?”, ela protesta. “Só um covarde atira numa mulher indefesa.”

“Você não se encaixa na minha definição de ‘indefesa’, madame”, diz Érico, que mete o cano do rifle no meio de suas pernas, levantando-lhe o vestido até ver-lhe a ferida na coxa. “Já quanto a ser mulher, cada um sabe de si. Mesmo uma traidora como você merece alguma cortesia. Quer que continue a tratando por madame? Ou devemos tirar nossas máscaras, *monsieur* Éon de Beaumont?”

Elæ empalidece.

“Quem... quem é você?”

“Querida, você sabe meu nome”, diz Érico. “A questão aqui é: faz dois anos que não erro um disparo, e este pegou de raspão. É um pouco difícil calcular onde fica a perna debaixo deste vestido, então vou considerar como um acerto. Ou se preferir, posso deixar o teu disfarce ainda mais realista.” Aponta o rifle para o meio das pernas dela e puxa o cão. “Vontade não me falta. Como pôde se aliar a essa gente? Você é uma de nós... como pôde compactuar com gente daquela laia?”

“O conde?” Beaumont suspira. “Nunca aprovei seus métodos, e não tive relação alguma com o que ele fez com seu amigo. Não foi nada pessoal, *mon cher*. Quando Reinaldo nos procurou, vocês dois já tinham feito suas jogadas no tabuleiro. Meu trabalho aqui era lidar com os jacobitas, não fazia ideia do

que o conde planejava. E, cá entre nós, era um plano absurdo do começo ao fim.”

“Mas você aceitou tomar parte nele.”

“*C’est la guerre*, querido. Os ventos não têm soprado a nosso favor, e um navio a menos para os ingleses, ainda mais um que já foi nosso, nos pareceu ótimo. Nosso investimento até que foi pequeno. Você é novo neste jogo, mas é assim que funciona: entre planos e conspirações, as peças se movem sobre o tabuleiro menos por estratégia, e mais por ações e reações levadas por acasos e coincidências. Quer saber a verdade por trás de toda conspiração, garoto? Ninguém sabe exatamente o que está fazendo até que as coisas começam a acontecer.”

Érico parece refletir sobre isso, olhando para o horizonte, para o mar. Estreita os olhos, avista algo. Beaumont vira-se para ver o que é, mas Érico fala:

“Você realmente acreditou que os terremotos foram provocados por ele?”

Beaumont gargalha.

“Para gente como Bolsonaro, a realidade é um detalhe irrelevante na opinião que tem sobre o mundo ou sobre si mesmo. A única vantagem real de seu plano era termos um navio de guerra franco-espanhol atormentando a costa brasileira. Teria sido útil quando a guerra viesse. E ela virá, querido. É inevitável.” Beaumont olha em volta. “Os ingleses... não estão com você?”

“Céus, não. Não trabalho para eles. Não, estou aqui em nome do *meu* rei.”

“Então... o que você vai fazer comigo?”

“Isso depende inteiramente de você, e do que pode me dar em troca. De um profissional para o outro, convenhamos... como disse, é tudo um jogo. Se eu a matar agora, ou se eu a entregar aos ingleses, o jogo se encerra para mim. Eles não compartilham quase nada. Mas como disseste, sou novo aqui, e não sei quanto a você, mas quero continuar sendo parte do jogo. Me dê algo substancial, algo que contente bastante o meu pessoal em Lisboa e no Brasil, e

você pode tomar aquele navio que vem lá e que tenho certeza que é para te buscar. Talvez esteja ainda a tempo de cuidar desta ferida na perna, querida. Se infeccionar, só amputando.”

Beaumont estica o pescoço para ver o navio no horizonte. Olha para Érico.

“Que garantia tenho?”

“Minha palavra de cavalheiro.”

“E isso vale alguma coisa?”

“Encare dessa forma: em relação a todos os quais jurei matar, cumpri minha palavra.”

Beaumont assente. Cita os nomes de diversos informantes que trabalham para os franceses: um criado de cozinha na embaixada portuguesa em Paris, um vinheiro em Lisboa, um comerciante do Porto, um cavaliço em South Audley Street... É tudo o que Érico precisa para agradar ao conde de Oeiras e garantir a generosa soma em dinheiro que, a título de tença, lhe fora prometida no cumprimento da missão. Embora, claro, conhecendo as burocracias do governo, é bem provável que o pagamento atrase. Beaumont lança um olhar para o navio que se aproxima, e para a abertura da escadaria de pedra que desce à praia e que acabara de subir. Antecipa o transtorno de descer cada um daqueles trinta e nove degraus, contagem que servirá como métrica para uma via-crúcis pessoal, e diz:

“Você poderia ser um cavalheiro e me ajudar a descer”, resmunga Beaumont.

“Só sou um cavalheiro quando há uma dama presente, querida”, retruca Érico. “E você não passa de uma cadela vulgar. Passar bem.”

E vai embora, dando-lhe as costas.



Londres, como se pôde supor, não sucumbiu ao apocalipse. Um mês depois, o pobre soldado Bell até tentou atualizar sua visão para outra data, mas a essas alturas ninguém mais lhe deu crédito, e acabou levado ao hospício de Bedlam. Quem lhe conta isso é o Milanês, que vê tudo como uma grande anedota. Após tantos anos vivendo naquela cidade, há muito pouca coisa que o surpreenda. Érico aproveita para lhe entregar o seu exemplar traduzido de *Fanny Hill*, o último de sua espécie.

– Tem certeza de que quer se desfazer dele? – insiste o Milanês. – Poderia guardá-lo como uma lembrança desta sua passagem por Londres.

– Tenho lembranças melhores e mais duradouras me esperando em casa – diz Érico. – E, para ser sincero, nem é uma tradução muito boa.

– A propósito, recebi algumas gravuras que talvez lhe interessem.

Pede que Érico o siga por entre pilhas de panfletos e livros desencadernados, amontoados pelas mesas da Shaken & Speared. Entre caricaturas de membros do Parlamento e charges da sociedade, o Milanês lhe aponta uma série de reproduções, suspensas por fios feito roupa a secar. O desenho mostra o interior de uma ópera onde, enquanto o castrato Farinelli canta, dois homens duelam com espadas. Dos camarotes, um casal observa a ação e pergaminhos se desenrolam de suas cabeças contendo falas. A mulher pergunta ao marido: “Isso está muito inverossímil! Será parte do espetáculo?”, ao que o marido lhe responde: “Claro que não! Hoje em dia só a ficção é realista.”

– Quanto é este? Acho que começarei uma coleção.

– Leve um como presente. Bem sabemos que você o fez por merecer.

– Obrigado. – Érico guarda a gravura na casaca e, observando uma pilha de livros próximos, passa a mão por sobre o couro das lombadas. – A propósito, que me recomenda de leitura nesta temporada? Já terminei as minhas, quero novidades. Gostei muito daquele *Cândido*.

– Ah, *Cândido* é tão “ano passado”... – O Milanês ergue os ombros com a displicência de quem, tendo a leitura por ofício, esquece que nem todos lhe acompanham o ritmo. – A sensação agora é este novo aqui, de Rousseau. A mocinha, Julia, é considerada a Nova Heloísa. – Mostra-lhe o exemplar de *Lettres de deux amants*. – Dizem-me que em França as leitoras choram, suspiram e se descabelam como se as personagens fossem reais, há mesmo quem se recuse a crer que não o sejam e maldizem o autor por quebrar-lhes este encanto. Está vendendo tão rápido que não é mais possível dar conta da demanda. Há livreiros o alugando por dia, até pela hora de leitura.

– Hum, não sou grande admirador de Rousseau. Não que eu seja um pessimista ao estilo de Hobbes, mas... enfim, não leio em francês. – Érico lhe devolve o livro. – Vou esperar que saia uma tradução em minha língua.

– Em português? – O Milanês ri. – Não espere em pé! Mas, se gostou tanto assim do *Cândido*, talvez goste deste aqui. – Retira duma pilha um calhamaço com o descarado título de *Cândido – Parte II*, e explica: – É continuação do primeiro, só não é escrito pelo mesmo autor.

– Ora! O que será que Voltaire pensa disso?

– Quem pode saber? Agora que ele pôs o personagem no mundo, não há o que fazer. – O Milanês ergue os ombros, indiferente. – Não se pode exigir muita originalidade dos autores de hoje, eu diria que não se pode exigí-la desde os romanos. Depois da *Eneida*, toda ficção é apócrifa. Claro que, entre quem reproduz por inércia mental e quem o faz com alma há uma diferença, e no segundo caso, uma forma de autenticidade também. Mas autenticidade e originalidade são apenas efeitos especiais e truques de palco. Ao final, é o leitor quem decide o lugar que dará para cada coisa. Ideias são como pessoas: não importa de onde vêm, mas para onde vão. Esta é a verdadeira autenticidade.

– Hum, sim, acho que concordo com isso. Mas este também está em francês. Não o teria em outra língua? Em inglês, talvez?

– Tenho sim, porém, há um problema...

– E qual seria?

– É uma edição pirata, claro.

Érico suspira. Devolve o livro com um sorriso: está cansado destes meandros editoriais obscuros e, entre apócrifos e plagiadores, é preciso ter cuidado com o que se deixa andar solto pela mente. Sabe-se lá se limpam os pés antes de entrar.



A casa de número 72 na rua South Audley. Na sala de Martinho de Melo e Castro, este lhe põe a par dos desdobramentos que suas ações tiveram no último mês. A própria postura e o humor do embaixador, no trato com Érico, mudaram substancialmente. Em especial porque, tendo Érico recebido do rei Jorge uma soma generosa a título de recompensa por seus préstimos, decidira emprestar parte do dinheiro para saldar as dívidas acumuladas da embaixada, sempre pendentes devido ao costumeiro atraso no repasse do governo em Lisboa. Além disso, suas ações impactaram positivamente na boa vontade diplomática dos ingleses.

– Eles me responderam afinal – revela Martinho de Melo. – Lorde Bute me deu garantias de que nossa aliança permanecerá. Teremos apoio inglês no caso de uma invasão.

– Tenho certeza de que o conde de Oeiras ficará aliviado, senhor.

– Aliviado, talvez, mas não satisfeito. Nem os ingleses nem os franceses aceitaram nossa mediação neste congresso de paz que estão a preparar. Ao menos, se servir de consolo, também não aceitaram a dos espanhóis.

– Talvez seja melhor assim, senhor. Não creio que haverá paz alguma entre eles.

– Eu tampouco, mas que opção nos resta, exceto tentar? Eles são os senhores dos mares agora, e temos que nos manter em suas boas graças. Ao menos enquanto houver um oceano nos separando do Brasil. A propósito, isto chegou de Lisboa para você. – E lhe entrega um envelope lacrado com o selo do conde de Oeiras.

Érico pede que lhe alcance o punhal de abrir cartas.

– Use sua língua – retruca Martinho de Melo. – Costuma ser afiada.

Sorri, rompe o lacre com os dedos e lê. É difícil precisar que impacto teve em Portugal aquele desenlace. Dizia-se que o conde de Oeiras, ao ser informado do real intento daquele consórcio maligno, caiu num raro e intenso surto de gargalhadas. Agora escreve para dizer-lhe que, por mais grato que esteja por seus serviços, certamente merecedores da recompensa prometida, por se tratarem de assuntos secretos cuja natureza não convém divulgar, não há por enquanto como recomendá-lo para fidalgo da Casa Real. A mercê prometida, contudo, virá tão logo se ultrapassem os encargos burocráticos, e no mais a mais, deve-se contentar em seu orgulho pátrio por ter servido tão bem aos interesses de Sua Majestade Fidelíssima. Também lhe pedem que pare de se designar barão de Lavos antes que isso cause algum inconveniente ao reino.

A tudo isso Érico ergue os ombros indiferente. Mostra a carta a Martinho de Melo, que lhe diz que certamente é uma injustiça, mas é assim que roda o mundo. Antes de sair da sala, Érico pede licença para olhar o globo terrestre do escritório. Toca com a ponta dos dedos o relevo do mapa do Brasil, percorrendo a costa com um langor supersticioso: um oceano de distância.

Sai para o corredor e passa pela porta aberta do gabinete contíguo. Há seis meses, a burocracia retarda o envio de um novo secretário que substitua Armando, de modo que Maria ofereceu-se para fazer o serviço enquanto isso. Ainda que seu tio não veja com bons olhos uma moça de família trabalhando, a solução se mostrou prática e eficiente – o que, em se tratando de serviços

públicos no reino, é sempre uma novidade. Maria está concentrada na revisão de papéis, sentada detrás de uma mesa, com um gabinete cheio de gavetas ao seu lado. A ausência de Armando havia deixado uma bagunça nas ordens da casa, a incluir a organização dos pagamentos. Ela não nota quando Érico se põe à porta, tampouco quando ele atira seu chapéu tricorne pela sala e o faz pousar, certo e preciso, sobre a cabeça dela.

– Érico! – ela protesta, indignada. – Onde esteve a manhã toda?

– Resolvendo as pontas soltas da minha vida – diz, sentando-se à beira da mesa.

– Poderias aproveitar o impulso e resolver as minhas também. – Ela tira o chapéu da cabeça e o gira nas mãos com olhar analítico, antes de devolvê-lo.

– O que a aflige, querida?

– Este dedo aqui. – Ela ergue a mão esquerda e aponta o anelar. – Está com frio. Penso que, se me der um belo anel, poderá aquecê-lo.

– Querida, já lho disse e repito: ao tipo de homem que você solicita, o único anel que tem para dar não serve em nada a você. – Ele toma a mão estendida e a beija educadamente, como fizeram no dia em que se conheceram. – Mas, cedo ou tarde, encontrará o fanchono perfeito para o seu casamento de aparências. Por que não propõe a Fribble?

– Céus! Não, jamais! – Ela recolhe a mão. – Não daria certo, querido. Ele roubaria todos os meus amantes. Vamos, já falou com titio? Ele estava à sua espera.

– Sim, sim, já me falou tudo o que eu precisava saber.

– E então? Acha que haverá guerra?

– Tão certo quanto o sol nascer. Agora é só uma questão de tempo.

– Oh, céus, que transtorno – ela responde com um fleumatismo resignado de quem já está tempo demais entre ingleses. – Mas, com ou sem guerra, sempre haverá trabalho para você, não?

– Sim, suponho que sim. – Ele põe o chapéu. – Nos veremos ao final da semana, no sarau de lorde Strutwell, não?

– Isto depende. Haverá boa música, boa comida, e bons drinques?

– Da melhor qualidade.

– Então é lá que estarei, querido.



Enquanto caminha de volta para casa, carrega debaixo do braço uma caixinha de madeira embrulhada em panos, arranjada na cozinha da embaixada. Assovia e pensa no quanto será bom rever Pendersley Park no verão. O conde Strutwell, recuperado mais no espírito do que no físico, ficou tão animado ao lhe narrarem o que chamou de “vitória da Banda Sagrada”, que propôs um banquete em homenagem ao capitão Whiffle e todos seus oficiais. Até mesmo a Companhia das Índias Ocidentais ignorou a ilegalidade daquela aventura. Em nome do rei, do reino e, principalmente, de quem manda de fato – os acionistas da City – o galardoaram, contanto que a honraria fosse mantida em segredo. Até mesmo lady Madonna já fala em reabrir sua casa, e, de tudo o que se publicou na imprensa, os relatos foram tão confusos que sequer concordou-se sobre o nome do navio afundado. Logo haveria outro escândalo político ou notícia de guerra para cativar a atenção do público, e o assunto se perderia. Como bem sabe todo historiador que se preze, nem sempre o registro nos anais está de acordo com o que se diz no oral, portanto é sempre de bom-tom que um seja complementado com o outro.

Érico chega em frente ao número vinte e um, e se dá conta de que saiu de casa sem as chaves. Bate à porta com seu bastão, e escuta os passos do andar, próprio de Gonçalo, seu ritmo pendular e pesado. Quando a porta se abre, Érico vê com o costumeiro choque de felicidade que Gonçalo continua ali,

sendo ele mesmo, diligente e vital. Põe em suas mãos a caixinha de madeira e diz:

– Isso me custou um negro e um cachimbo. Que não digam que não sei ser romântico.

Érico entra, e Gonçalo fecha a porta com o pé enquanto a desembulha e abre, curioso, até revelar em seu interior o brilho lustroso e rubro de um bloco de goiabada.

– Ai, meu Deus... eu te amo!

Os dois se encaram com um sorriso, Érico com os olhos marejados, evitando a muito custo o impulso constante de querer abraçá-lo como se estivessem sem se ver há meses, e não apenas há poucas horas. Gonçalo, por sua vez, ao mesmo tempo que percebe no outro a carência, descobre em si o prazer de se saber capaz de supri-la. É como se ambos, despertos para o horror cotidiano do mundo – cientes de que no instante em que respiram e pensam e viram as últimas páginas de mais um capítulo de suas vidas, os crimes mais horrendos são cometidos pelos motivos mais absurdos em algum lugar, qualquer lugar, todos os lugares –, reconhecessem com alívio que no amor de um pelo outro encontraram um eixo sobre o qual agora se equilibram.

– Nunca imaginei que ficaria tão emocionado com uma caixa de goiabada – diz Gonçalo, e o empurra corredor adentro, num gesto de pragmatismo displicente e afetuoso, como quem diz que é melhor não deixar a felicidade se tornar muito consciente de si mesma, e apenas desfrutá-la. Afinal, sua mãe os espera, há chá quente no bule e o cheiro indulgente de pão no forno espalhado pela casa. Há o pequeno paraíso de contento burguês que escavaram a ferro e fogo para si, fugaz e efêmero: deve-se aproveitar cada instante, pois só se vive uma vez.



Não é aqui, contudo, que a trama finaliza: *pour épater la bourgeoisie*, há o verão, há o campo, há os jardins de Pendersley, onde o ar é aguçado pelo cheiro exuberante e úmido de grama sob sol após a chuva. Como Érico lhe prometera, encontram um recanto não tão discreto quanto perfeitamente pastoril, com a sombra das árvores os protegendo do calor inclemente, ao som de cigarras e próximos do frescor de um lago. É ali que séculos e séculos de poéticas insinuações pastorais são enfim postas em prática. E embora seja legítimo considerar que, no calor da ação, as horas passam mais rápidas, também o é afirmar que o furor amoroso – que a tudo impregna com o vigor juvenil de seus aulidos e vaivéns – bem pode ser o verdadeiro responsável por fazer o céu, ainda há pouco azul, assumir aquele rubor maroto; e o sol descendente, a se ocultar condescendente, torna-se tal e qual a velha criada que suspirava, saudosa: “Ah, os jovens quando amam... como trepam!”

Aqui encerro o trabalho desta pena. Do tipo à prensa, da prensa à tinta, da tinta ao papel, do papel à leitura: imprima, não reprima. Conclui-se assim esta narrativa licenciosa que, impressa em material barato n’alguma gráfica clandestina da rua Fleet, é vendida à socapa na loja dos irmãos Abravanel ao número 8 em Paternoster Row; mas facilmente encontrável, à folha solta ou encadernada, por aqueles que frequentam os círculos clandestinos corretos, por um valor que, não sendo possível a modéstia considerá-lo módico, roga-se que seja digno do prazer que seu tamanho proporciona.

ET FINIS CORONAT OPUS

## EPÍLOGO

Foi durante o reinado de D. José I de Portugal que os personagens aqui mencionados viveram e lutaram; bons ou maus, bonitos ou feios, ricos ou pobres, são todos iguais agora.

## NOTA DO AUTOR

**A**os que opinaram e influenciaram decisivamente sobre o livro, meus mais sinceros agradecimentos a Antônio Xerxenesky, Marianna Teixeira Soares, Denise Schittine, Leonardo Stein, à minha mãe Tamara Ferrari Machado Pias, e a Rafael Lembert Kasper, cujos artigos e disponibilidade para longas conversas sobre judaísmo e hegelianismo alimentaram as discussões do Milanês.

Este livro também não seria possível sem a referência de diversas obras, às quais presto a devida reverência, bem como aos seus autores. Destas, sou particularmente grato a:

- *London in the Eighteenth Century: a Great and Monstrous Thing*, de Jerry White;
- *O marquês de Pombal e sua época*, de João Lúcio Azevedo;
- *Mother Clap's Molly House: Gay Subcultures in England 1700-1830*, de Rictor Norton.

Os seguintes títulos também foram extremamente úteis: *A History of Gay Literature: The Male Tradition*, de Gregory Woods; *O Rio de Janeiro Setecentista*, de Nireu Cavalcanti; *Banquete: uma história ilustrada da culinária*, de Roy C. Strong; *A ascensão do romance*, de Ian Watt; *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*, de Robert Darnton; *Arte de cozinha: alimentação e dietética em Portugal e no Brasil (Séculos XVII-XIX)*, de Cristiana Couto; *Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750*, de Adrian Forty; *Uma história da ópera*, de Carolyn Abbate e Roger Parker; e *The James Bond Dossier*, de Kingsley Amis. Dentre muitas fontes online consultadas, de particular

relevância me foram o artigo “Trajetória do homem e estadista Melo e Castro”, de Virgínia Maria Trindade Valadares; “Food Timeline”, de Lynne Olve e “Homosexuality in Eighteenth Century England: A Sourcebook”, de Rictor Norton.

As equivalências entre a libra esterlina e o real português setecentistas foram feitas através do site The Marteau Early 18th Century Currency Converter. A conversão dos valores da época para atuais seria um trabalho mais especulativo que científico, dadas as flutuações do câmbio. Mas a título de curiosidade, se tomadas como base as conversões do site Measuring Worth, as 10 mil libras que Érico ganha em 1760 equivaleriam (vagamente) a um milhão e trezentas mil libras em poder de compra atuais – ou mais de seis milhões e meio de reais. Apostas altas como essa não eram incomuns nas mesas de jogo da época. Da mesma forma, os livros citados pelo Milanês custariam atualmente entre 20 a 30 libras (100 a 150 reais) para um salário médio de 65 libras (ou 325 reais) por semana. Essas conversões baseiam-se no câmbio médio da libra no início de 2016.

Muitos personagens deste livro são figuras históricas, como os embaixadores Martinho de Melo e Castro e o conde de Fuentes, William Beckford (pai do autor homônimo), Éon de Beaumont, o *castratto* Farinelli, o abolicionista Ignácio Sancho e a soldado Hanna Snell; já outros são criaturas de ficção. Destes, contudo, nem todos são criações originais minhas, ainda que tratados com enorme liberdade em relação às suas origens, e aos seus autores deve ser dado o devido reconhecimento: Mr. Fribble foi criado originalmente por David Garrick para a peça *Miss in Her Teens*, em 1746; já o conde Strutwell, o capitão Whiffle e o sr. Simper são criações de Tobias Smolett para *Roderick Random*, de 1748; o Chevalier de Balibari foi criado por William Makepeace Thackeray em *The Luck of Barry Lyndon*, de 1844, enquanto que o fictício título nobiliárquico de Érico foi criado primeiro pelo escritor português Abel

Coelho em *O barão de Lavos*, de 1891, obra que, em tese, precede ao *Bom-Crioulo* no pioneirismo do tema homoerótico em língua portuguesa.

Do mesmo modo, diversas passagens se fundamentam em fatos históricos, e o leitor judicioso não terá dificuldades em distinguir uma coisa da outra. A disputa pela posse dos navios franceses que os ingleses capturaram na batalha de Lagos, por exemplo, movimentou a diplomacia lusitana às vésperas da entrada de Portugal na Guerra dos Sete Anos, complicando sua relação de completa dependência militar e econômica da Inglaterra. Contudo, vale citar que os pouco conhecidos tremores gêmeos de Londres (e a histeria pública provocada pelas visões do soldado Bell) de fato ocorreram, em fevereiro e março de 1761, sendo descritos por Charles Mackay em seu *Ilusões populares e a loucura das massas*. Vale citar também que John Cleland – autor de *Fanny Hill* – foi realmente quem propôs a Sebastião de Carvalho e Melo, futuro marquês de Pombal, a recriação da Companhia Portuguesa da Índia Oriental, quando este era ainda embaixador português em Londres. O projeto literalmente naufragou, como descrito, com o terremoto de Lisboa em 1755. De sua obra mais conhecida, porém, a primeira tradução ao português registrada foi feita somente em meados do século XIX, a partir de uma edição francesa, e publicada em Portugal sob o título de *O voo da inocência ao auge da prostituição*. Em edição ilustrada com litografias, hoje é considerada raríssima.

A canção do primeiro capítulo é uma tradução livre do poema “A description of London”, de John Bancks (1738); a do capítulo nove, um excerto de *Parthenophil and Parthenophe*, de Barnabé Barnes (1569); e a do capítulo catorze é adaptada da canção “Desprezo da Maledicência”, de Domingos Caldas Barbosa, extraída da sua coletânea *Viola de Lereno* (1798). Os demais poemas têm suas fontes citadas no próprio contexto da obra.

Por último, vale citar que, somente em 1791, o chamado “crime de sodomia” foi suprimido pela primeira vez do código penal de uma nação

ocidental, papel este que coube à França revolucionária. Mais quarenta anos se passaram até que, em 1830, um segundo país lhe seguisse o exemplo, tendo a primazia de fazê-lo tanto nas Américas quanto em todo o Hemisfério Sul.

Esse país foi o Brasil.

*Copyright* © 2016 by Samir Machado de Machado

Design de capa: Samir Machado de Machado

Mapa: *A plan of the cities of London and Westminster, and borough of Southwark*, de John Rocque e John Pine (1747).

Ilustração: *Le Bal Paré*, de Antoine Jean Duclos (1773).

Direitos desta edição reservados à

EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Preparação de originais

DENISE SCHITTINE

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

GUILHERME PERES

Revisão de arquivo ePub

---

Edição digital: Setembro, 2016.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

M134h

Machado, Samir Machado de

Homens elegantes [recurso eletrônico] / Samir Machado de Machado. - 1. ed. -

Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.

recurso digital

ISBN 978-85-8122-666-8 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

16-34915

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

## O AUTOR

Samir Machado de Machado nasceu em Porto Alegre, em 1981. Desde 2007, organiza as antologias de contos *Ficção de Polpa*, dedicada à literatura de gênero. É autor da novela *O professor de botânica* (2008), finalista do Prêmio Açorianos de Literatura, e do romance *Quatro soldados* (2013), que, junto de *Homens elegantes*, teve os direitos para o cinema adquiridos pela RT Features.